Marzo 1922
Settembre 1922

1 "Fon-Fon" - 25 de março de 1922

RIO DE JANEIRO, SABBADO, 25 DE MARÇO DE 1922.

POESIA JAPONEZA

Infelizmente, não conhecemos no Brasil a poesia japoneza. Até hoje os rytmos perfumados e subtis do Paiz do Sol Nascente não chegaram ás nossas plagas através das traducções francezas e inglezas. Nossas mãos febris já amaciaram os "tapetes de jasmins e de rosas" dos poetas persas, nosso espirito já se perdeu nos abysmos de Rabindranath e a nossa alma já meditou sobre a profundez serena do *Rubaiyat*. Mas das ridentes ilhas nipponicas nada nos veio ainda. Entretanto, a sua poesia, parece, é a mais oriental de todas as poesias orientaes, é uma das unicas que sabem crystalizar numa frase um mundo de aspirações, de sentimentos e de ideas.

O livro que o sr. Nico Horigutchi acaba de publicar vem mostrar aos intellectuaes uma curiosa e brilhante face da poesia japoneza. O seu prefacio escripto por Paul Fort vale por uma leve e formosa lição sobre o assumpto. O grande poeta das Balladas Francezas da-nos, com a sua magnifica descripção, uma idéa quasi completa do que seja a poesia suggestiva do longinquo Japão, toda ella fugitiva, delicada, subtil, rythmada como o andar duma musumé, tranquilla como os lagos de bláu heraldico em cujo espelho se reflectem as cerejeiras em flôr e o vulto ponteagudo dos montes laivados de neves eternas.

Como nós os occidentaes temos sonetos, lais, voltas, mottes, trovas, balladas ou cantos reaes, elles, os japões — como diria Fernão Mendes Pinto — possúem as suas formas poeticas seculares immutaveis: Utas, Hai-Kais ou Tankas.

Estas ultimas dão o curioso titulo do recente livro do poeta Nico Horigutchi, que traduzio em francez as *tankas* que elle proprio escrevéra em japonez, a maioria no Rio de Janeiro, onde seu illustre pae é o representante official de S. M. o Imperador do Japão.

Estamos de pleno accordo com Paul Fort: "la poésie n'est jamais complètement traduisible". A mudança de lingua tira-lhe o sabôr, a côr, o viço, a intimidade, a alma emfim. As *tankas* de Nico Horigutchi só poderiam ser bem comprehendidas na sua difficil, hieratica e solenne lingua original. A traducção, embora habilmente feita, tira-lhes o perfume verdadeiramente nipponico e nol-as dá a provar através

Nico Horigutchi, o delicado poeta do «Tankas».

dum idioma inteiramente diverso no feitio, na essencia, em tudo.

Comtudo por essa traducção se vê e se comprehende que Nico Horigutchi é um verdadeiro poeta, dotado duma excessiva sensibilidade, que semeia em seus versos a poeira de ouro do amor e a poeira acinzentada da tristeza. Esse poeta japonez é sobretudo um triste. Através da sua naturalidade, da sua ironia discreta, da sua elegancia, da sua cultura, da sua philosophia, da sua graça bizarra, da sua fina satyra mesmo, se palpa uma profunda tristeza, misturada ás vezes de nostalgia da patria e de saudades de amor. E' ella, essa tristeza, que o inspira no delicioso capitulo das "Feuilles Mortes". E' ella que o faz balbuciar estes versos:

Mon ame est une feuille morte
De cette comparaison
Je pleure.

Estes:

La jôie et les larmes vont de pair.
Seule, la tristesse donne le bonheur.

E ainda estes:

Si grande est ma tristesse
Qu'on la dirait faite
De toutes les tristesses du monde!

As horas violetas do crepusculo envolvem-n'o de tristeza maior:

Est-ce un amour qui meurt?
Est-ce un reve qui finit?
... Non, c'est le soir.

E mais:

Crépuscule.
J'ai peur,
Comme si le monde entier
Me poursuivait!

Nico Horigutchi canta o amor; porem o seu amor é tambem impregnado de immensa tristeza:

La tristesse en amour:
Est-ce quand on est loin?
Est-ce quand on est près?

Entre les plis de les longs doigts,
Aux ombres tiédes
Où une à une tombent mes larmes.
Nest-ce pas là que naissent les perles?

Essa tristeza se prolonga quasi como um continuado *leit motif* pelos outros capitulos do "Tankas". No "La femme et la mer" o riso feminino faz-lhe mal, porque o arranca á sua encantadora tristeza:

Alors que je contemple
La beauté de la nuit,
Ton rire trop bruyant
M'en enlève le charme.

O luar da tristeza envolve ainda as exoticas florações poeticas dos "Spectres de Roses", das "Feuilles Mortes", do "Jardin des Femmes", do "Voyageur", de "Nostalgie" e do "Sacrilège Amour".

Lendo-se esse formoso e suave livro oriental de Nico Horigutchi, tem-se a impressão de que se está á sombra dum jardim de fadas, á beira de aguas tranquillas e luminosas, emquanto sobre nossas cabeças cáem uma a uma flôres e fôlhas perfumadas de cerejeiras e de kamangas, que um vento subtil semeado de suspiros agita dôcemente.

J. N.

"Fon-Fon" - 25 - março - 1922

UM TENOR BRASILEIRO

Entre nós são raros os artistas da voz. E nem poderiam deixar de ser, porque ainda não attingimos a um grau de cultura musical sufficiente para os produzirmos com facilidade. De maneira que todo brasileiro deve sentir-se satisfeito em saber que possuimos este ou aquelle cantor de merito real.

Os poucos que temos sabem que o seu nome está consagrado em todo o paiz. Ao meio delles surge agora um verdadeiro tenor, Reis Silva, que acaba de fazer uma excursão bem succedida por quasi todos os Estados do Norte e que ainda ha pouco tempo se fez ouvir com o maior agrado no palacio Rio Negro, em Petropolis, deante da mais escolhida assistencia e do proprio chefe da Nação.

Reis Silva é muito jovem e ainda não fez estudos sufficientes da sua arte. Todos os seus dons são, portanto, absolutamente naturaes, o que dá maior realce á sua esplendida voz. Quando elle tiver estudado num meio proprio, desenvolvendo os dotes admiraveis que a Natureza lhe proporcionou, lntão poderá mostrar definitivamente o seu valor, sem temer criticas.

Reis Silva

Varios conhecedores da arte de Caruso que o têm ouvido são accordes em affirmar com o maior enthusiasmo que a extensão de sua voz é bastante grande nos agudos, sobretudo no *si*, tendo o maximo brilho. E' realmente notavel, segundo essas opiniões, a sua facilidade de emissão e a absoluta justeza da sua entonação. Além do brilho e do vigor, a sua voz é de grande sympathia, timbre agradavel e delicadeza nos *pianissimos*.

O artista demonstra capacidade tanto para o genero dramatico como para o genero lyrico, sendo, entretanto, por natureza, mais tenor lyrico do que dramatico. Sua voz suave e dôce tem bello e forte registo, com grande sonoridade nos baixos e profunda nitidez.

Não ha, póde-se dizer, tenores no Brasil, e este que agora apparece merece pelo seu valor artistico grande realce.

Reis Silva pretende dar algumas audições em S. Paulo, onde certamente obterá o mesmo triumpho que nas outras capitaes brasileiras. E' provavel que realize concertos em outros Estados do Sul, pretendendo depois ir aperfeiçoar-se definitivamente na Italia, patria da musica.

MEN 921 1

"Selecta" 8 Março Abril 1922

O PRESIDENTE PILSUDSKI

Passou no dia 19 deste mez o anniversario do marechal José Pilsudski, Presidente da Republica da Polonia, ou melhor a sua festa onomastica, a festa do santo de seu nome, que é a data de preferencia festejada nos paizes slavos á do dia do nascimento.

O Marechal Pilsudski, Presidente da Polonia, passando as tropas duma cidade em revista.

O marechal Pilsudski nasceu em Zelovo, na região de Vilna, duma familia nobre, em 1867. Fez seus estudos secundarios no gymnasio de Wilna e matriculou-se em 1885, com menos de vinte annos de idade, na Universidade de Karkow. Sempre se mostrou tão optimo estudante como ardente patriota. Foi membro proeminente das associações estudantaes de combate aos oppressores da patria retalhada e por isso foi pelo governo moscovita expulso daquelle grande estabelecimento de ensino. Esse castigo não diminuiu a sua fé nem estancou o seu enthusiasmo. Continuou a luta pela liberdade e o desterraram na Siberia. Assim, formou o seu caracter na escola da adversidade.

Voltou á Polonia somente em 1892, entrando para uma associação socialista e publicando um jornal operario clandestino. Foi preso em 1900 numa das fortalezas de Petrogrado, da qual fugiu um anno depois, passando a residir na Polonia austriaca, em Cracovia. E proseguiu sempre na sua propaganda revoluçionaria contra a Russia.

Quando o Imperio dos Czares declarou guerra ao do Mikado, emprehendeu uma viagem ao Extremo Oriente, indo propôr ao Governo de Tokio o levantamento da Polonia.

Seu espirito preoccupado com a idéa unica da libertação da patria, soube vêr logo no inicio da Grande Guerra européa que era chegada a occasião da Polonia poder resurgir das proprias cinzas. Organizou legiões na Gallicia, atravessou a fronteira e guerreou o exercito russo; mas a intransigencia do governo e do estado maior prussianos, convictos da victoria, quando ella era improvavel, não consentiu que essas legiões fossem consideradas exercito nacional polono, o que obrigou Pilsudski, como bom patriota, a abandonar o commando em chefe.

Em janeiro de 1917, estando em Varsovia, foi escolhido para dirigir a Commissão militar do Conselho Provisorio do Estado. Nesse posto foi o inquebrantavel baluarte da unidade polona, não admittindo outra Polonia que não a formada pelas tres partes ex-russa, ex-austriaca e ex-prussiana. E por isso foi preso na cidadella de Magdeburgo.

Posto em liberdade no fim de 1919 pela revolução allemã voltou á Polonia, cujos destinos até hoje dirige, tendo prestado como estadista e general grande serviço á humanidade, detendo á margem do Vistula, em 1920, o alude formidavel da invasão bolshevista.

Fon-Fon - 1 - Abril - 1922

Caxambusadas Ha idiotas que são idiotas e idiotas que o não são, do mesmo modo que ha muita gente que pensa não ser idiota e que o é o mais completamente possivel. Apresentaram-me uma noite em Caxambú, numa clara varanda de hotel, entre a fumarada branca dos charutos, a um individuo magro e feio, o Barão de Caxambú.

Não tive tempo nem de dizer o consagrado "prazer em conhecel-o", porque o homem logo me inundou de asneiras. Mais tres minutos e eu fugia, profundamente admirado de haver quem o chamasse para ouvir-lhe as banalidades, quando ha tanto idiota positivamente mais espirituoso do que elle e com o condimento de se julgar em pleno gozo da sua mentalidade. E com uma semana de Caxambú eu estava convencido que do ponto de vista da idiotice havia alli, acima daquelle pobre Barão local, grande quantidade de titulares maiores: viscondes, condes, marquezes, duques, condes-duques, principes seculares e da Egreja, mesmo reis e imperadores...

C. F.

Caxambusadas Observação ligeira, de accentuado synthetismo dadaista a proposito de Caxambú, ouvida dos labios dum litterato futurista de São Paulo, que alli passou uma semana e não pagou a conta ao Staffa do Palace Hotel:

— Caxambú tem tres ruas, vinte casas, quarenta hoteis e mil alfaiatarias.

Com effeito, em relação ao tamanho e população da cidade, não ha outra logar no mundo que tenha tantos alfaiates como Caxambú. Accentuando assim a observação do dadaista na presença de illustre jurisconsulto, este perversamente me disse que ha muito elegante carioca que se veste pelo *barato*, durante a estação de aguas, nos alfaiates de Caxambú e vae contar no Rio, durante o inverno, que a sua casaca é do Poole, os seus trajes de sport do John David de New-York e os seus ternos de rua do Nagib.

Ouvi isso calado, porque não tenho obrigação de defender os elegantes cariocas, quando accusados dessas coisas, mas pensei cá com os meus botões que nos alfaiates de Caxambú, se eu tivesse de mandar fazer alguma cousa, seriam tão somente camisas de onze varas...

C. F.

Caxambusadas Ella é admiravelmente elegante e quando passeia no parque de Caxambú attrahe para si todos os olhares dos homens, não deixando mais nenhum para as outras mulheres. Entretanto, estas todas estão certas de que ella tem o coração menor que o dum mosquito. E sabem por que?

Porque ella, tendo paes velhos que não medem sacrificios para favorecel-a, não os trata com o respeito e carinho que elles deveriam merecer. Imaginem que, uma tarde, alguem presenciou no parque das aguas a esta scena e ouviu a estas palavras:

Ella ia com um namorado que os paes não vêm com bons olhos. De repente, avistou os velhinhos ao longe e cruelmente disse para o rapaz que a acompanhava:

— Fulano, vae-te embora que lá vem a tempestade!

C. F.

Caxambusadas Era na clara, arejada sala do *lunch* dum dos melhores hoteis de Caxambú. Em torno duma mesa redonda cavalheiros e damas. Os cavalheiros falavam da politica: Nilo e Bernardes, Bernardes e Nilo, ainda Nilo e Bernardes e sempre Bernardes e Nilo. As damas conversavam sobre vestidos e ciciavam *potins*.

De subito, a voz grossa dum dos senhores se fez ouvir, impondo silencio pelo seu tom augural e solemne:

— Precisamos de um dictador, dum homem energico e honesto á altura da situação, que é gravissima. Precisamos emfim dum outro Floriano Peixoto!

Ahi a voz duma senhora, que se mantivera em silencio, interrompeu-o com energia:

— Ora essa! Dum Floriano, para que? Para mandar matar o seu pae como mandou fusilar o meu!

A roda toda silenciosamenre se dissolveu. A senhora levantou-se limpando os olhos humidos. E eu me fui pensando que de certas *gaffes* não ha quem se livre...

C. F.

Chapéus de mulher Ellas passam á nossa frente pelas ruas aos milheiros e cada uma leva uma armação anti-esthetica na cabeça. Raro um chapéu de mulher que e possa olhar. Ha modelos dignos mesmo da Hotentotia ou do Joazeiro do Padre Cicero... E cada chapéu desses arruina mezes um pae ou um marido. Quando é o pae, vá lá... mas quando é o marido é o diabo!...

Peladan acha que desde os pontudos *hermins* da Edade Média até hoje as mulheres só têm posto á cabeça cousas absurdas. E elle se admira disso. Qual! não é cousa de se admirar, pois como quereria elle que essa gente que é, por natureza, absurdamente absurda, usasse na sua absurda cabeça outras coberturas que não essas absurdamente absurdas?...

Chapéus de mulher, que horror pelo formato e pelo preço!...

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL BIBLIOTECA Patrimônio 63.807 Origem D Nº Registro 796/2005

GB AUTORIA RECORTES 11

"Correio Paulistano" - 28 - Março - 1922

A FRANÇA NEGRA

Racine escreveu estes versos oraculares:

"Quelle France nouvelle
Sort du fond du désert brillante de clartés,
Et poste sur le front une marque immortelle !"

Com effeito, a obra de civilização colonial que a grande nação latina tem effectuado na Africa temperada, tropical e equatorial, da costa senegalesca ao lago Tchad, de Argel a Tombuctú, é, apesar de mal conhecida geralmente, uma das mais bellas que até hoje se têm realisado. Sem oppressão e sem violencia, a administração colonial franceza está ali creando uma nova França, a França Negra.

Seus exploradores têm percorrido em todos os sentidos a vastidão sahariana e as florestas impenetraveis do grande sertão desconhecido a que os modernos, á falta de outra designação melhor, chamavam Nigricia Septentrional, e que os antigos appellidaram "mysterioso paiz de Agazymba".

Um martyr como Brazza desvenda o Congo. Um heróe como Marchand attinge para leste as zonas de influencia ingleza, irradiando da Nubia. Outros devotados bandeirantes sobem o Senegal até ás nascentes, remontam o Niger e o Alto Niger, accompanham o curso do Bani, vão mesmo ao sertão de Macina, á vetusta cidade negra de Diennê, Ninive africana, irrefutavelmente apparentada ás primeiras cidades do Egypto primitivo. E aqui, ali, os sertanistas gaulezes toparam esta ou aquella pequena reminiscencia deixada pela audacia lusitana no amago da Africa ainda hoje o negro chama á moeda duro...

Marcel Barriére, que profundamente tem estudado a Africa e a acção do seu povo sobre ella, diz textualmente, no seu bello e enthusiastico livro "Le Monde Noir": "Ainsi considérait-il l'Afrique comme une terre de régénération universelle oú les émigrants des autres parties du monde ne feraient que passer, sans que se découvre à leur cupidité l'énigme des grands lacs des hautes cimes et surtout de la forêt ténébreuse et divine..."

Não duvido que, quando a raça branca extravazante da Europa tiver enchido a America Meridional de gente e de civilização, a expansão do progresso formidavel estenda suas garras sobre o torrido interior lybico e o transforme tambem, acrancando os seus ultimos traços de originalidade e caiando-o com a uniformidade banal que dão as estações de estrada de ferro, os postes de telephone, as antennas telegraphicas, as chaminés de usinas, as estradas para automoveis, as calças e o chapéo côco... Mas, nesse tempo, os povoadores dessa rica e futurosa região não devem esquecer quanto custou á França tornar aquillo habitavel, mesmo accessivel, faina na qual empregou o melhor dos seus esforços e a maior energia dos seus filhos.

Marcel Barriére está mesmo convencido já de que o decimo nono seculo viu surgir na Africa uma França nova, refugio e reserva de forças da antiga, em caso de necessidade. E quem conhece os serviços prestados pelas tropas de Tunis, de Argel, de Marrocos, do Senegal, dos Haoussas durante a guerra, os subsidios de viveres, madeiras e outras materias primas fornecidos por essas regiões, sabe bem que o escriptor tem razão e que a França Negra ajudou quanto pôde, durante a lucta memoravel, a França Branca.

Accresce mais que, no interior da Africa, nem todos os povos negros são selvagens como o eram os indios americanos. Por elles, Brazza fez o sacrificio de sua vida. Algumas de suas raças merecem as maiores attenções. Segundo certos ethnologos, os Panions e os Gons do Alto Niger francez acreditam num Deus uno, exercem a telepathia, trabalham admiravelmente em moveis esculpidos e em ceramica esmaltada, desenham e cantam majestosos hymnos guerreiros, chegando mesmo a traçar rudimentares cartas geographicas das terras que habitam, para as suas operações de caça ou de guerra. Outras raças apresentam typos masculinos duma grande belleza plastica: Antinous e Hercules Farnesios de ebano, a cuja côr e a cujas linhas o olhar do branco ainda não se acostumou. E em todas as tribus, dás mais baixas ás mais superiores, sempre as grandes qualidades do coração, que aliás, as familias brasileiras sempre sentiram na escravaria dos seus sitios e fazendas.

A França é a nação européa que possue hoje em dia no continente lybico uma zona de influencia, de irradiação, e territorial mais importante, porque é mais homogenea e tem continuidade, pelo menos pelo interior, sinão pelo littoral. Essa vantagem nenhuma outra nação européa possue nos seus dominios africanos. Ademais sob o seu controle estão as maiores e mais fortes populações pretas. Ella, por essas e mil outras razões, está destinada a ser a creadora do verdadeiro progresso civilizador do negro, na Africa. E pelo que leio nos livros dos seus escriptores coloniaes vejo que só a animam para com a raça mais calumniada e martyrizada do mundo optimos sentimentos. Para se vêr que immensa região continua possue a França na Africa, basta pensar que ella domina quasi toda a Africa do Norte, a Africa temperada, a Africa romana, o littoral mediterraneo da Mauritania á Tunisia; que lhe pertence grande littoral no Atlantico, toda a costa senegalina e mais a Guiné franceza, o Dahomey e a costa do Marfim; que a sua bandeira cobre a Africa tropical e occidental, o Sudan, a Africa meridional e equatorial, o Congo, além da sua influencia por sobre os oasis do Sahara.

Um grande futuro sorri á Africa franceza, preparado pelos esforços da França. Marcel Barriére traça o seu plano nestas palavras. "... s'appuyant sur ce principe que le rail est le plus puissant instrument de colonisation, il démontrait la necessité strategique autant qu'économique d'un chemin de fer transsaharien qui, partant d'Alger, se diviserait dés Ouargla, Temassinin ou Amguid en trois lignes: l'orientale — la premiére á construire d'urgence — qui aboutirait au Tchad, en face des bouches du Chari; celle du milieu, qui conduirait á Zinder; la troisiéme enfin qui atteindrait Tombouctou, sans compter la ligne transsoudanienne qui, continuant le chemin de fer du Senegal, relierait, aprés avoir cotoyé le Niger, les trois sommets de ce trident..." E' com planos monumentaes desta ordem que a França Branca, por seus colonizadores e escriptores, fundará na Africa a França Negra, contribuindo assim para a salvação duma raça e para o beneficio geral da Humanidade.

João do NORTE

"Fon-Fon" 22 Abril 1922

Geographia de reporter

Não ha brasileiro que a todo o momento não metta á bulha a celebre ignorancia dos francezes em materia de geographia sul-americana. E a nossa imprensa é a primeira a ridiculizar os parisienses, quando confundem o Rio com Buenos Ayres e o Brasil com a Argentina. Entretanto, desde que se saia do ramram das nações occidentaes conhecidissimas da Europa, os nossos jornalistas são duma ignorancia lamentavel.

PARISIENSES

Ainda ha dias, em nota da primeira pagina, um dos nossos grandes diarios dava a Tcheco-Slovaquia como situada nos Balkans!...

Imagine-se se fos um francez que dissesse isto da afamada Bohemia, situada no coração europeu, entre Allemanha e Austria! A geographia dos nossos reporters não é superior á dos parisienses. Então, para que commentar-lhes sem piedade a ignorancia? Seria melhor indulgencia generosa, de accordo com o Padre Nosso: «perdoae-nos, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoamos as de nossos devedores».

"Correio Paulistano" 14 Abril 1922

Marialva sertanejo

Um touro grande, côr de tréva, de aguçadas pontas, ligeiramente curvas. Chamava-se Azulão, como o passaro do mesmo nome, que tambem é negro. Talvez o appellido lhe viesse dos reflexos espelhantes do seu pêlo á luz do sól, que ás vezes davam a impressão do azul, embora levemente. Animal bonito e, sobretudo, famoso. Conhecia-o de nome o sertão todo, como o mais terrivel e mocambeiro novilho dos que o coronel Paulo deixava viverem amontados pelas serrotas, afim de prometter premios aos vaqueiros que os trouxessem mortos ou vivos, quando o tempo, a perseguição e a liberdade os tinham tornado verdadeiramente ferozes.

Todos os annos após a ferra do gado, o grande fazendeiro escolhia um novilhote e dava ordem para abandona'-o, nas catingas, aos seus instinctos. O animal tornava-se uma féra e elle tentava a vaqueirama das ribeiras proximas para dar-lhe caça. O vaqueiro que lhe trazia a "bassoura" do barbatão ou do touro morto a tiro, pegado a laço ou derrubado a "mussica", recebia cinco patacões de velha prata portugueza e divertia-se numa grande festa na fazenda, na qual os melhores cantadores o louvavam. Havia quarenta annos que o coronel se dedicava a esse desporto, que começára logo que herdára a fazenda do pae, aos trinta e dois. Mas nunca espicaçára os sertanejos dos arredores atrás de bicho mais terrivel que o Azulão.

O touro bravo era o peor de que havia noticias nas tradições sertanejas. Rapido como o pensamento e valente como as armas, já matára cavallos de campo e estripára um vaqueiro. O coronel Paulo promettêra vinte patacões a quem o trouxesse vivo ao curral da sua fazenda, cuja cerca de pau a pique, no alto de um têso, se mirava nas aguas vagarosas do rio Assu'.

Dois vaqueiros irmãos, os melhores campeadores da região, Mathias e Theophilo Sussuarana, puzeram-se no piso do touro, deram-lhe quédas sobre quédas nas varzeas para onde o tangeram e, depois de o fatigarem, o laçaram, trazendo-o para o curral, de madrugada, difficultosamente, enleado em peias de "mascára" e chocalho, para cumulo da sua derrota.

Mal amanheceu o dia, preveniram o coronel de que o Azulão estava no curral. Sahiu de casa, radiante, os labios vermelhos sumidos entre as revoltas barbas brancas, e foi olhar a féra captiva no menor dos curraes de apartação, laivado o dorso negro de arranhões, olhos afuzilando por trás do couro cru' da "mascára", escarvando o chão enervado pela tinideira continua do chocalho aviltante. E deu ordem para se convidar gente para um festão á tardinha, que entraria pela noite a dentro.

Horas depois, á sombra das arvores do terreiro, não havia mais logar para amarrar cavallos. Celeremente se espalhára a noticia da captura do animal e toda a vizinhança corria a vêr o "fama" da ribeira.

O vento da tarde começara a rumorejar devagarinho na folhagem dos comaru's e dos frei-jorges robustos, que circulavam o pateo, e a ardencia do sol diminuira quando o captivo começou a dar signaes de terrivel furia. Passara o dia sempre escavando o sólo, mas meio acuado a um canto, olhos em braza. Agora, não. Arremettia contra os varaus da porteira, agitava o cupim, marrando na cêrca, mugia lentamente babava, estremecia todo, a complicada musculatura sacudida em estremeções fugazes e violentos como um choque electrico. E os olhares humilhantes de dezenas de vaqueiros arrepados nos moirões pareciam que mais excitavam, magneticamente, o animal prisioneiro.

O coronel veiu olhar os progressos daquella raiva e, de repente, obedecendo ao seu temperamento um tanto brincalhão, um tanto traquinas, gritou para toda aquella gente:

— Duzentos mil réis aos que pegarem o bicho á unha dentro do curral!

A somma era tentadora por demais. Todos aquelles homens nunca tinham visto falar em tanto dinheiro. E seus olhos faulharam de cobiça.

O vaqueiro da casa fez correr alguns paus da porteira do cercado, sorridente, a convidar:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

O Azulão pareceu adivinhar o que contra elle se tramava. Recuou, babando mais, até ao fundo do curral e lá ficou novamente immovel, pontas em riste, sacudido de estremeções nervosos imperceptiveis. E sentia-se de longe o fogo do seu olhar.

Os vaqueiros, silenciosos e tremulos de emoção, olharam o curral e não tiveram coragem de entrar. Então, o velho fazendeiro, sorridente, apregoou:

— Dou os mesmos duzentos mil réis a quem o atacar peito a peito e o matar a faca!

De novo o vaqueiro da casa fez o seu convite:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

Os sertanejos levaram a mão, machinalmente, ao cabo das parnahybas afiadas, mas logo as deixaram cahir e não tiveram animo de dar um passo. Mesmo o Mathias e o Theophilo, que o tinham perseguido e pegado no matto, não se atreveram mais que os outros. E' que no campo, na primeira lucta, o Azulão não tinha a colera fermentada de agora.

Vendo a indecisão de todos, o coronel deu de hombros e falou, com desprezo:

— Vocês todos são uns maricas!! Sucia de medrosos!

Foi como uma chicotada que os vergastasse todos, nas faces. Aquelles homens rudes, de rostos abaçanados á sombra dos grossos chapéos de couro, só não se lançaram ao insultador detidos pelo respeito ao ancião e ao senhor feudal do gado e da terra. Porém, um delles, mais joven e mais audaz, replicou-lhe:

— Si o senhor não entra tambem, coronel, é tão medroso quanto nós!

O velho caminhava para casa, em cuja alpendrada a mulher e a filha, de pé, o chamavam para o jantar. Deteve-se subitamente, voltou-se, fulminou o rapaz com um olhar formidavel, arrancou do cinto do homem que lhe ficava mais proximo a comprida faca de arrasto, e disse, serenamente, ao seu vaqueiro:

— Jeronymo, abra a porteira!

Fez-se um grande silencio. Ao fundo do curro, o touro negro arfava. E entre alas de vaqueiros descobertos, respeitosamente, aquelle homem de setenta e dois annos, de longas barbas brancas, penetrou, sem medo, no cercado temido.

A mulher e a filha deitaram a correr, gritando, da casa para os curraes; mas, quando chegaram, já elle estava no meio do curro, de faca núa na mão, olhando corajosamente o touro. Ninguem tinha coragem de dar um palavra. Pareciam suspensas todas as respirações e cantos de gallo distantes cortavam o silencio immenso, desusadamente.

O Azulão distendeu toda a sua poderosa musculatura num salto felino sobre o fazendeiro, que evitou o bote, pulando de lado e golpeando-o com a faca no pescoço de aço. Num repellão, voltou á carga. Já o velho se encostava á cerca, defendendo as costas. Veiu sobre elle, numa investida delirante. Houve um arrepio; depois, um grito de horror da assistencia inteira.

O animal cravára as suas pontas finas no ventre do coronel, comprimindo-o de encontro aos moirões a pique. Viu-se o seu braço nervudo erguer e abaixar a lamina espelhante da parnahyba, e, após, ficaram immoveis o homem e o touro.

Todos se precipitaram no cercado, e, quando se approximaram do grupo petrificado, verificaram que o coronel estava morto, trespassado de lado a lado pelos chifres do monstro, cujas pontas se tinham cravado fundamente na madeira dura da cerca. Por isso, mantinha-se quasi de pé o corpo immenso do Azulão, cujas pernas trazeiras pouco e pouco cediam, até que a vasta molle de carne e musculos abateu de vez.

A facada do velho fôra certeira e mortal, penetrou cheio no coração do bellouro.

João do NORTE

"A Folha" 9 de Abril de 1922

EM GRIPHO

GUSTAVO BARROSO

"CORAÇÃO DA EUROPA"

Dentre os escriptores da nova geração, pela finura do seu espirito, como pela selecção da sua cultura, Gustavo Barroso, ou antes, João do Norte, como literariamente se popularizou, é a mais bella organização de intellectual, que possuimos.

Prosador esmerado, tem um estylo reputadamente culto, a par dessa vivacidade de espirito, que dá ás letras a expressão interior da sua belleza.

Numa terra, onde ainda se lê pouco — como é sediço dizer-se — o escriptor de idéas, que é tambem um cinzelador de fórmas, soffre angustiadamente o desdem publico, como sacrificio, que lhe fôsse imposto pelo crime de saber escrever...

Talvez recorressemos com proveito áquellas praticas observadas por Paul-Louis Couchoud ("Sages et Poètes d'Asie), em Kiu-Fcou, cidade do antigo paiz de Lou, onde Confucio, como qualquer mortal, foi burocrata, viveu e morreu — praticas essas que consistem em dar á cidade o aspecto flagrante de uma cidade culta...

Narra a proposito aquelle escriptor que, como todas as localidades chinezas, a sub-Prefeitura de Kiu-Fcou é um ambiente literario suggestivo.

"Pas une maison, pas une porte qui n'ait quelque inscription littéraire. C'est d'ordinaire une formule de souhait, sous un tour métaphorique ou poétique. C'est quelquefois une fine sentence, une allusion classique d'un esprit subtil sait déguster."

Ha ainda por lá o "letrado publico", uma especie de "camelot" da intelligencia, que usa "pince-nez", como o nosso caricato homem de letras nacional e declama em plena rua os trechos mais eloquentes de um romance, "en mettant la mimique, l'intonation et le commentaire".

Ora, isso é uma coisa positivamente aconselhavel a nós do Brasil, nestes escorridos tempos de apathia intellectual.

Calculem os leitores que effeito admiravel não teriam, declamadas na Avenida, as maximas philosophicas do Sr. Austregesilo!...

Assim, dentro em pouco, com inscripções literarias copiosas em todas as portas, nos passeios, nos bondes, em cartaz, e ainda um sujeito, com um "pince-nez" trepado ao nariz, lendo em voz alta, gesticulando, commentando, as "deploraveis poesias, por exemplo, do não menos deploravel poeta Emilio de Menezes" (Vide Ribeiro Couto — "Penumbrismo...") — a gente começaria a gostar da literatura, a comprar livros e a esgotar as edições dos mesmos...

E só assim soffreriam menos os bons escriptores, como os mãos, coitados, se exporiam á irreverencia da critica das ruas, indiscutivelmente desatinada, uma vez que a das galinctes, mais apparentemente sisuda, já na opinião do mestre Camillo não tinha, nunca teve, cabeça!

Não, não ha duvida. Precisamos inaugurar as praticas chinezas de Kiu-Fcou, como meio mais directo de ensinar á nossa gente o fino, o delicioso habito de ler...

Gustavo Barroso, como uma das mais suggestivas figuras do nosso meio literario, deve vir sentindo essa indifferença nacional pelas coisas do espirito, por todos os assumptos da arte e da intelligencia.

Não é que seja o brilhante escriptor menos lido do que qualquer um dos outros da sua geração ou da velha.

Muito ao contrario, o bizarro autor d'"A Ronda dos Seculos" é dos nossos mais festejados, desde a sua estréa fulgurante com a "Terra de Sol", livro da mocidade, de nervos e de emoções.

Elle soffre necessariamente mais pelos outros do que por si proprio.

Não é um vaidoso, um empavonado, presumindo-se de super-homem de letras, como por ahi a influencia philosophica de Nietzche já começa e denominar certas figuras seleccionadas das igrejinhas ou da ordem do Elogio-Mutuo.

E' um escriptor de idéas, um cinzelador de fórmas, um nome literario nacional, uma expressão da intelligencia e da cultura brasileiras num dos seus estagios mais adiantados.

Trabalhador, fecundo, estudioso, Gustavo Barroso é na actualidade uma figura de prol das nossas letras.

Sua bagagem literaria avultada dá uma idéa da sua superioridade mental, das preoccupações de sua intelligencia, da sua orientação, já celebrando no seu livro de estréa a belleza regional do seu Estado, já em obras posteriores derivando o pensamento para assumptos nacionaes e universaes, preponderando nuns o seu espirito patriotico, noutros a sua lucida penetração literaria e artistica.

Agora, com o "Coração da Europa", livro de approximação do pensamento brasileiro á novel Republica Tchecoslovaca, Gustavo Barroso mostra-se um observador da evolução politica do mundo, que elle acompanha através [illegible] dos estudiosos, com as suggestões do mais sadio nacionalismo.

Encerrando a sua interessantissima brochura, define elle assim a sua propria obra: "Modesta contribuição, este livro aspira a dar um sincero impulso ao estudo das instituições da Tchecoslovaquia pelos brasileiros e á approximação intellectual dos dois paizes amigos. Primeiro do genero, não sómente na literatura brasileira, como ainda em lingua portugueza, deve-se conside-ral-o como um ligeiro ensaio, destinado a dar ao nosso publico a primeira e necessaria informação, ensaio saido da penna de alguem que, durante muitos annos, foi attraido por todas as raças slavas da Europa e tem uma grande admiração pelo heroismo admiravel e nunca desmentido, que ellas na historia mundial, desde as mais remotas éras, vêm cumprindo o seu glorioso destino."

Nos dias presentes, das prosas filigranadas, dos versinhos adocicados, das artes "preciosas", que Guillaume Apollinaire recommenda como surtos do pensamento novo, das idéas novas, a ponto de se festejarem as creações teratologicas de Van Dongen, um pincelador de motivos futuristas, que attentam até contra o bom senso, um livro como esse de Gustavo Barroso, talvez não interesse tanto como era mister interessasse.

Hão de murmurar os censôres da nossa literatura que o Sr. Gustavo Barroso não perpetrou uma só originalidade...

Ora isso é, em verdade, uma falta sensivel num livro — qualquer que seja o seu genero — que se publique actualmente no Brasil!...

Originalidades no pensamento, na fórma, em tudo. E' preciso que até na numeração das paginas, o autor manifeste a sua orientação "bizarra", como é da technica dos censores, com a impropriedade, aliás, que a caracteriza.

Outro dia, o critico Sr. Tristão d'Athayde notava num poeta da minha "provincia", que lhe mandara o livro, esta esplendida originalidade: o sonhador no indice começara a registrar os derradeiros capitulos, respeitando a sua ordem de collocação, de modo que o primeiro ficou sendo o ultimo... Começara... pelo fim!

Esse poeta, no Rio, seria inconcebivelmente um paredro das letras novas...

O caso do Sr. Gustavo Barroso, porém, é diverso. O festejado autor de "A Ronda dos Seculos" é uma reputação literaria acatada e o seu conceito já está firmado, não entre os noveis escriptores, que fazem praça de sua originalidades, com o Sr. Menotti del Picchia á frente, original até no nome, mas entre os legitimos proceres da intellectualidade brasileira.

"Coração da Europa", sendo um livro momentoso, e, visando um ideal de intercambio da intelligencia — a approximação mental do Brasil e da joven democracia da Tchecoslovaquia — é, sobretudo, um livro util, um livro precioso.

O brilhante escriptor que é o Sr. Gustavo Barroso, dando-o a lume, collimou dois auspiciosos objectivos: o de confirmar os seus merecimentos litterarios e o de prestar ao paiz uma proveitosa contribuição, revelando-lhe a alma slava, cheia de energia e de fé, explendente na sua victoria e magnifica na sua grandeza.

POVINA CAVALCANTI.

6

"Fon-Fon" 1 de Abril de 1922

2

Caxambusadas Toda a cidade pequena é fertil em appellidos. Caxambú, apezar da sua grande população carioca, não poderia escapar á regra geral.

Na estação de 1922 o appellido de mais sensação na elegante cidadesinha de aguas, que fazia o Mingóte do Hotel Avenida estourar riso, foi o que um illustre medico pôz em uma das mais cobiçadas moças que alli veraneavam. Para dizêl-o é necessario primeiro — embora pareça isso estapafardio — uma explicação ferroviaria...

Todos os aquaticos de Caxambú, Lambary, Cambuquira e São Lourenço conhecem a desgraçada situação do material rodante e sobretudo dos dormentes e trilhos da Rêde Sul Mineira. Devido ao pessimo estado da linha os trens daquellas paragens sacolejam e abalam tudo em todos os sentidos.

Ora, em Caxambú appareceu elegante moça que, ao andar pela rua Camillo Soares ou pelo parque sacolejava e abalava tudo para todos os lados. E logo o citado medico, cujo nome por prudencia calamos, a alcunhou: Rêde Sul Mineira!..

C. F.

Caxambusadas Ellas são muitas, casadas e solteiras, todas irmãs. São louras e quasi diaphanas. Quem as vir na rua julgal-as-á inoffensivas e ternas, delicadas, subtis, capazes de se ferirem na aspereza duma petala de rosa...

Entretanto, no hotel em que vivêram em Caxambú deixaram terrivel fama de brincalhonas e endemoniadas. Como as apparencias enganam! A principal victima dos seus trotes era uma hospede solteirona, em cujo quarto escondiam até — imaginem!—os sapatos ou o chapéu dum dos mais guapos rapazes do hotel.

E' por isso que o argentino chama á mulher de physionomia de vitral e tons alourados de santidade, mas de alma tumultuaria, *mosquita muerta*...

C. F.

"Fon-Fon" 8 - Abril - 1922

A casa dos artistas Não pensem que vou falar da conhecida instituição assim intitulada. Não, refiro-me a certa casa de gente que conheço, onde todos são artistas. O pae é poeta e a mãe poetiza. O filho mais velho toca violino, o mais moço, harpa; e a filha canta mais do que um gramophone de reclamo.

Quando dão uma festa artistica é impagavel. Constituem mais ou menos assim o programma:

1.ª parte

Versos pelo pae.
Versos pela mãe.
Violino pelo filho mais velho.
Dialogo em versos feitos pela mãe e o pae, executado pelo filho segundo e a filha.

2.ª parte

Harpa pelo filho mais moço.
Canto pela filha.

Comedia escripta pelo pae e representada pelos filhos, mais uma prima, o visinho e um cachorro.

Essa casa é como foi a de Gasparo Gozzi em Veneza, segundo a critica de Goldoni no seu "Poeta Fanatico":

"Casa que vae sem pés nem cabeça por causa da poesia. O amo poeta, o creado poeta, a filha poetiza, ninguem dirige e ningem trabalha... "

Notas litterarias Curioso, interessante e bem documentado livro o que o sr. Otto Prazeres acaba de publicar a respeito da Liga das Nações. E' o trabalho mais completo até hoje apparecido sobre o assumpto. Trata da genese da idéa da Sociedade das Nações e da questão da soberania dos Estados, da união internacional através a historia, do Brasil em face do arbitramento e da sancção internacional, da punição individual e da influencia dos estrangeiros nos paizes onde immigram, dos planos antigos da Sociedade das Nações e dos planos actuaes, dos seus grandes apoios presentes e dos novos elementos de união internacional, de varias observações e especialmente da questão da Liga na Conferencia da Paz, cujos trabalhos o autor acompanhou como jornalista brasileiro.

Este rapido summario do livro é sufficiente para dar idéa do seu alto valor e justificar os elogios que fazemos ao seu plano basico, á sua documentação e aos seus intelligentes commentarios.

"Fon-Fon" 8 - Abril - 1922

Fantasmas Passou por mim e eu continuei encostado ao humbral da porta, a meditar. Tão feio, tão velho, tão triste, tão remendado, tão antigo nas suas roupas manchadas, desageitadas, velhissimas.

E pensei que ha uma fatalidade cega, inexoravel, que arrasta certas pessoas pelos degráus da miseria abaixo, não havendo forças humanas capazes de deter essa quéda. E pensei mais que ha individuos que não são, por cousa alguma, do nosso tempo, pertencem a outra epoca, surgem entre nós como verdadeiros fantasmas.

Aquelle velho que ia adeante do logar onde estava, devagarinho, era um desses fantasmas.

Como receber a morte A esta pergunta lançada por vermelhos labios femininos na elegante mesa de jantar, fizeram-se ouvir estas vozes:

— Chorando.
— Rindo.
— Sorrindo.
— Silenciosamente.
— Gracejando.
— Serio.
— Compungido.
— Sem medo.
— Com horror!
— Fechando os olhos.
— Desafiando-a.
— Injuriando-a.
— Confessando-se.

Uma mulher linda e *coquette*, a mesma que fizera a pergunta foi a ultima a falar:

— Como Algarotti: *mô capperi, mi volete fare un gran bel morto!*

Tyrannos Emquanto as potencias européas não consentirem que os gregos repillam para as suas esteppas asiaticas as hordas de turcos que occupam terras christãs, esses scelerados continuarão a commetter as maiores crueldades contra as populações indefesas.

São inenarraveis os crimes que elles commettem continuamente. E de ha muito que dura essa insustentavel situação.

Bem razão tinha Chateaubriand, francez, mas inimigo dos ottomanos, quando affirmava no seu *Itinerario de Jerusalem* que elles não passavam de méros tyrannos ferozes domados pela sêde do ouro e que sem remorso derramavam sangue innocente só para satisfazel-a.

Creados... Perto de mim, na sala de espera do dentista, duas damas gordas e desconhecidas falam da sua lida com os creados, lamentando-se muito. E a mim me parece ouvir trechos da comedia celebre e antiga de Goldoni *Le donne gelose,* quando Dama Constanza e Dama Dorotéa se queixam da sua creadagem.

— A minha, dizia uma dellas recebia sempre homens em casa, o irmão, o primo, e o meu vinho se acabava...

— Uma das minhas, replicava a outra velha, escorropichava até o vinagre...

E perto de mim duas damas de hoje repetiam o que haviam dito as Dorotéas e Constanzas do seculo XVIII! Como, meu Deus de misericordia, de amor e de bondade! a vida é nas suas minucías insupportavelmente monotona!...

"Fon-Fon" - 22 - Abril 1922

E esta!!! Quem passa a noite pela nossa avenida Beira-Mar, especialmente defronte do arvoredo que circula o campo de *foot-ball* da Gloria, corre a vista curiosa pelos idyllios que se acoutam nos bancos sombrios. Casaes e mais casaes alli se enlaçam, ciciando confidencias amorosas. Mas agora, depois das dez horas da noite, esse espectaculo gratuito vae cessar. Resolveu o autocratico delegado do districto que nenhum homem, ao lado duma mulher, nem que seja a sua legitima, religiosa e civilmente, alli póde sentar-se. Está ahi por que os nossos lindos jardins são desertos!...

Que cara faria a supradita, cuja e mencionada *ótoridade* se, com a sua pudicicia sublime, se atrevesse a andar pelo Bois de Boulogne, pelo Hyde Park, pelo Central Park ou pela Unter den Linden, todas as noites?...

Prohibir os idyllios nocturnos nos jardins. E esta!!!

"Fon-Fon" 22 de Abril de 1922

A Central Passeavamos para lá e para cá, á noite, na plataforma da estação da Central do Brasil, esperando um trem do interior. E eu fazia considerações a proposito da quasi impropriedade, pequenez e pouco aceio daquella gare. Claudio França deixou-me fallar algum tempo, depois disse:

— Este edificio foi construido ha mais de trinta annos, quando o movimento de trens e passageiros era vinte vezes menor do que é hoje. Veio o progresso. Entram e saem daqui agora vinte vezes mais trens do que outr'ora. O systema das machinas, das cousas e a propria gente, tudo evoluio. Só a casa destinada a receber esse movimento e essa multidão continuou immutavel, absolutamente a mesma. Isso é absolutamente incomprehensivel. O paiz caminha assombrosamente e certas cousas ficam-lhe atravessadas no caminho. Esta casa é uma dellas. Entretanto, quando se falla em fazer uma de accordo com a nova cidade, os jornaes põem a bôcca no mundo, accusando o governo de perdulario e de fazedor de obras sumptuarias.

— Isto é um paiz engraçado, conclui eu...

Uma grande roda de chauffers numa esquina da Avenida e eu escutando o seu parolear, emquanto espero um amigo para jantar. Muita luz em torno e mulheres formosas passando. Dizia um, agitando os braços:

— A mulher (era senhora, quero crêr, que elle deveria dizer) entrou no meu carro e foi logo *berrando*: « Vamos, depressa, a Botafogo! » Respondi, dando de hombros: « Meu carro não corre e além disso não levo passageiros, porque vou jantar! » Ella sahio, vendendo azeite ás canadas. E' bôa, se tivesse falado de outro geito, se tivesse dito: « O senhor pode correr um pouco, por favor, porque estou com muita pressa », tel-a-ia conduzido, Mas, berrando, nunca que não sou escravo!

Todos applaudiram e eu sorri. Tinha apanhado, nestes tempos *leninicos* uma optima lição. E de hoje em deante, quando penetro no santuario dum taxi, com o melhor dos meus sorrisos digo ao nobre conductor: « V. Exa. faz-me o obsequio de apressar um pouco a marcha que vou chamar um medico para um operario meu amigo, que está na agonia! » ..

O Carnaval luminoso Quem á noite vem dos lados de Botafogo, pela avenida Beira Mar, fica maravilhado deante da multidão de luminarias que se miram nas aguas mansas da Bahia de Guanabara. Além das de sempre, nas plagas do Rio e de Nictheroy, ha mais todas as da Exposição em construcção. Cada andaime de palacio que se ergue é um chuveiro dellas. E ha no espaço escuro verdadeiras torres assombrosas de luz.

Parece aquillo tudo, visto á distancia, um grande prestito carnavalesco, cujos carros illuminados *a giorno* se immobilisaram á beira do mar calmo. E eu, ao olhar esse magnificencia luminosa nocturna, penso muitas vezes que cada uma daquellas luzes representa talvez um conto de réis. E avalio o quanto custa á pobre nação o carnaval luminoso do Sr. Carlos Sampaio.

E' a mania da época o futurismo. Tentaram lançal-o em S. Paulo e o bom senso do povo o engulio no primeiro dia, da primeira assentada. Agora, anda elle sussurrando por aqui, nos meios litterarios e artisticos. Cuidado com o bicho e páo nelle, mal appareça!

O futurismo, o cubismo, o synthetismo, o dadaismo e mais outras semelhantes porcarias em ismo, vegetações maninhas que querem invadir as pelucias verdes do parque das Artes, só podem ser admittidas como *blague*. Assim, são interessantissimas as suas manifestações, mesmo as pinturas de Van Dongen, mesmo os versos de René Kerdyk, mesmo a prosa de João Cocteau. Mas de outra maneira, não, não e não!

"Illustração Brasileira" — Março de 1922

O labyrintho diabolico das seitas

por João do Norte

FOI o espirito oriental o creador das primeiras seitas. As crenças das sociedades tumultuarias da Asia nunca tiveram dogmas, fóra dos quaes tudo fosse condemnação. E dessa falta de freios mentaes e moraes, a liberdade de pensar, de formas diversas, e a facilidade de cada pensador maior reunir em torno de si uma onda de adherentes, creando uma corrente nova, philosophica ou religiosa. Eis ahi porque as seitas pullulavam na India antiga, entre as quaes o sikhismo e o Arya-Samadj eram as principaes. Eis ahi porque mais tarde do Zoroastrismo persa sahiram o Babismo e o Guebrismo ou Parsismo. Eis ahi porque o Islamismo triumphante se subdividiu em Sumitas orthodoxos, Chiitas heterodoxos, Hanbalitas casuistas e zelotas, Djabanitas negadores do livre arbitrio e Mutazilitas, que gosaram a poderosa protecção dos Abbassidas. E eis ahi porque Fernão Mendes Pinto foi encontrar no budhismo sino-japonez aquelle "diabolico labyrintho" de 32 crendices diversas, a que allude no capitulo CVII da sua "Peregrinaçam", á frente do qual se enfileiravam as seitas principaes de Xaca, Amida, Gizom, Canon, Naustolins e Timechan. A affirmação do aventureiro portuguez é confirmada no livro modernissimo de Maspero sobre a China, que conta tambem as mesmas seis grandes seitas, apezar dos nomes differentes: Tendai, Shingon, Jodo, Zer Shin e Nichiren.

Aos primeiros contactos do espirito oriental eminentemente subtil, aguçado e rebelde aos estatutos e canones fixos, todo o edificio soberbo da philosophia grega se fendeu ao sopro das discussões e as seitas philosophicas se multiplicaram como cogumelos á face serena da Hellade antiga. Basta pensar que houve épocas em que os maiores espiritos gregos vinham das colonias da Asia e que por força estavam impregnados da feição metaphysica oriental: Zenon era de Eléa; Thales, de Mileto; Xenophonte, de Antiochia ou de Epheso; Heliodoro, de E'meso; Esopo, da Phrygia; Herodoto, da Caria; Aristoteles, de Stagira; Pythagoras, de Samos; Luciano, de Samosata.

Nas ruas, nas praças e nos jardins athenienses, á sombra dos porticos, junto aos estylobatos, ao pé dos acroterios, entre os gestos brancos das estatuas, sob o ramalhar dos loureiros e dos lentiscos discutiram subtilmente, durante seculos, Jonicos, Pythagoricos, Diogenistas, Cyrenaicos, que com Aristippo pregavam a voluptuosidade, Platonicos amaveis, Aristotelicos lembrando o Mestre e Theophrasto, Epicuristas, Estoicos, todos quantos deformavam já as idéas em paixão. Segundo Santo Agostinho, na "Cidade de Deus" (Liv. XIX), Varrão contava na Grecia 288 seitas philosophicas. Por isso Diodoro de Sicilia dizia que os hellenos lançavam a confusão nas almas com as suas seitas differentes e rivaes. E Luciano não se conteve, escreveu a deliciosa pagina sarcastica do "Leilão das Seitas", em que deante dos Immortaes sorridentes os sectarios expõem as vantagens das suas crenças.

Foi ella talvez que inspirou o capitulo da "Morte dos Deuses", de Dimitri de Merejkowsky, no qual o grande escriptor russo nos pinta os membros das innumeras seitas christãs dos primeiros seculos se degladiando na calma e sorridente presença de Juliano, o Apostata. Foi talvez ainda ella que deu a Flaubert a primeira idéa daquelle sumptuoso desfile dessas mesmas seitas, que elle eruditamente guia pela presença de Santo Antonio, num dos actos da sua monumental *Tentação*. Não só a esses, mas a muitos outros escolhidos espiritos preoccupou sempre o crescendo terrivel das seitas do christianismo, maiores em numero e peores em ferocidade do que quaesquer outras. Epiphanio, bispo de Salonica, registou no seu *Panarium* cem heresias diversas, das quaes vinte surgidas do judaismo, antes de Christo, e oitenta após a morte do Divino Salvador. Leoncio, o Escolastico, escreveu o seu celebre tratado "De Sectis". Baronius e Nicoláo Callisto as descreveram nos tempos idos. E mais modernamente, o padre Pluquet publicára, em França, o seu curioso "Dictionnaire des Héresies".

Nenhum credo philosophico ou religioso teve, porém, maior e mais tumultuosa divisão em seitas, ramos e sub-seitas do que o Christianismo das primeiras idades. Porque elle veiu do Oriente, já impregnado da subtileza kabbalistica dos rabbinos, deitou raizes no delta egypcio hellenisado, nessa Alexandria faustosa e famosa, Babel de povos e de linguas, de religiões e de systemas philosophicos, onde o judeu talmadista acotovelava o gymnosophista do Ganges, o sectario das doutrinas secretas de Isis e de Hermés Trismegisto passava ao lado do philosopho greco-oriental, subtilisador de pensamentos, e o latino sobrio olhava o byzantino metaphysico, amante dos raciocinios complicados. Chocaram-se, á chegada da religião nova dos Apostolos, umas nas outras, as philosophias da Grecia e as religiões do Oriente; o budhismo, o zoroastrismo e o judaismo entraram em luta, misturando-se como o novo Evangelho, e dahi nasceu a obra de mysticismo e discussão, de tumulto e de confusão, de combate e de sangue, que em tão fundas aperturas poz a vida da Igreja do Christo, durante os primeiros seculos da nossa era. De todos os lados brotavam seitas. Todas as bases da religião foram abaladas pela subtileza mystica dos raciocinios exaltados. Nessa luta terrivel, de que o desfile hieratico, palavroso e solemne da *Tentação*, de Flaubert, nos dá a melhor idéa, mais uma vez se mostrou o eterno duello do Oriente e do Occidente. A' metaphysica theologica horrivelmente subtil dos gregos e orientaes contrapoz-se o claro, sobrio e disciplinado genio latino. Emquanto os patriarchas de Constantinopla e de Alexandria, de Jerusalém e de Antiochia curvavam-se ductilmente ás ordens dos Cezares byzantinos, o Magno Pontifice de Roma não cedia uma linha naquillo que elle reputava materia de fé. E foi essa altiva intransigencia dogmatica que salvou a Igreja Catholica.

Ella teve arduos combates a sustentar mais tarde, contra outros schismas, outras divisões e outras seitas; porém nenhum foi mais terrivel. O grande Schisma do Occidente, a Pataria, os Giovannali corsos vencidos por alguns soldados papaes; os exaltados do mysticismo italiano medieval — Joachinistas, Saccarios, Boscariolis; os Catharos, os Albigenses, os Fraticellos, os Anabaptistas, os Carpidores, os Doritheus, os Eusthatios; os Quietistas, cuja contemplação do umbigo fôra inciada no monte Athos; os Valdenses, os Beggards e Lollarts, os Flagellantes, condemnados por Clemente VII, os Protestantes de Luthero, de Calvino, de Huss, de Wiclef, do rei da Inglaterra, todos os hereticos que têm apparecido no seio da Igreja, durante os seculos, não lhe fizeram tanto mal nem lhe deram tanto trabalho como os sectarios do seu inicio. Porque, ao surgirem os primeiros, ella já era crescida e forte, gosava da protecção de grandes soberanos, alicerçava os seus dogmas, unificára o seu pensamento religioso e taes heresias não vieram todas ao mesmo tempo, como as ultimas, numa época de construcção difficil do edificio religioso.

A floresta das seitas exaltadas brotou das terras helladicas e orientaes, regada pelo espirito metaphysico asiatico e pelo espirito de discussão e livre exame da Grecia, adubada pela confusão doutrinaria e ethnographica de certas dioceses, como Alexandria. Primeiro appareceram as controversias sobre o dogma da Santissima Trindade. Todos os espiritos cansados do polytheismo procuravam a salvação num monotheismo intransigente. Essa tendencia vinha-se manifestando na religião e na philosophia greco-romana dos ultimos tempos. Assim pareceu a muitos que a Trindade era uma volta ao polytheismo. E essa incompatibilidade com a idéa fundamental do Deus uno foi logo explorada pelas intelligencias mais exaltadas.

Surgiram, então, os Monarchios, subdivididos em Theodocianos, Ebionitas e Alogios, para os quaes Deus era um só e o Christo era simples homem. Seguiram-lhes o revoltoso exemplo os Artemonitas, que criam num só Deus, que era o Christo; os Macedonios ou Pneumatomacos, que não reconheciam a divindade de Jesus; os Merinthios, para os quaes Christo era homem; os Cerdonitas, que condemnavam o Padre Eterno; e os Andianos, para quem Deus era um immenso espirito sem fórma definida. Em compensação, os Tritheitas se approximavam do polytheismo morto, acreditando em tres hypostases e tres deuses distinctos, na Trindade Christã.

O Gnosticismo poz a cabeça de fóra, procurando pela sciencia a approximação do homem e de Deus, affirmando que o Christo era filho de Eón, pae do Demiurgio, e negando a sua divindade. Nessa doutrina complicada vem á tona o genio oriental com as suas contemplações, as suas intui-

ções curiosas, o seu profundo pantheismo natural, tudo mesclado ás velhas theogonias egypcias e ás especulações do Zoroastrismo e da Kabbala. Logo se subdividem em sub-seitas rivaes: Ebionitas, negadores da divindade de Jesus; Menandrios, para quem Christo sahiu da mão de Deus; Cerinthios, pregando que Jesus não era filho de Deus e que haveria nova resurreição; Nicolaitas, enthusiastas; Saturninos, que enumeravam sete grandes anjos symbolicos; Bardesanitas, que criam a materia creada pelos sete espiritos planetarios; Basilidios, confusos; Marcionitas, que se baseavam theologicamente num unico evangelho tirado de S. Lucas e duma Epistola de S. Paulo, que refutavam o Antigo Testamento *in totum* e que não achavam fosse Christo o Deus verdadeiro; Valentinianos, que julgavam existir 365 céos e que o mundo fosse obra dum Deus em delirio; emfim, os Carpocratius, com um unico céo e um unico Deus, que não era Jesus.

A falta de dogmas, que a Igreja ainda não pudera elaborar, deixava os espiritos em fluctuação. E grandes heresias sahiam das trevas do desconhecido para a luz viva das ágoras, onde as discussões terriveis e os raciocinios subtis indefinidamente se prolongavam. Um celebre doutor como Origenes deixava as antigas theorias esotericas penetrar no seu espirito e misturava-as ao seu christianismo pessoal, affirmando que os anios haviam peccado antes da Creação, que a pena imposta aos demonios não era eterna, que elles obteriam a sua graça, voltando ao seio de Deus e que as almas, quando separadas do corpo, migrariam pelas estrellas. Arius estendia sobre o mundo romano o immenso véo escuro da sua doutrina. Para elle, Christo era um espirito superior, mas não era propriamente Deus. O Padre creara-o primeiramente e depois o Espirito Santo. E o Arianismo se apoderou de Imperadores Romanos e de todos os vandalos e godos. Mavés lançou sobre o Universo a poeira cegadora das suas razões, que empolgaram até Santo Agostinho. Máo grado o seu remorso, o Grande Doutor fôra manicheu. O Manicheismo, impregnado de Zoroastrismo, composto de "homines superbe delirantes", segundo escreve o mesmo santo, assegurava ter Deus cabellos e unhas, por ter a forma humana, e ter o Diabo creado Adão e Eva!

Outras innumeraveis seitas creou o byzantinismo das discussões sobre a encarnação e a natureza de Christo. Os Apollinaristas achavam que elle era a carne do Verbo e não a de Maria. Para os Athanasios, elle não era mais que o Homem do Senhor. Os Ethesaitas o renegavam como homem e o adoravam como Deus, dizendo mais que o Espirito Santo era feminino. O Docetismo vinha jurar que o seu corpo era tão somente apparencia. Os Marcellinistas estavam convictos de que o Filho era o desenvolvimento logico do Padre, mas o confundiam com uma encarnação de Pythagoras. Para os Severianos, elle não estava EM duas naturezas, divina e humana; porém era DE duas naturezas. Essas mesmas duas naturezas, juntando-se em Jesus, tinham dado em resultado uma só, conforme a opinião dos Monophysitas. Havia mais os Sabellinos e os Theopaschitas, que affirmavam terem o Padre Eterno e o Espirito Santo soffrido as mesmas dores que o Filho, durante a Paixão. Juliano de Halicarnasso chefiava os Gaianitas ou Aphtartodocitas, que pensavam ter o Verbo tirado do Padre a natureza divina e da Virgem Mãe a natureza humana, sendo o seu corpo incorruptivel. Ao lado dellas vinham os Phantasistas, para quem a natividade do Senhor, segundo a carne, era simples apparencia. Os Nestorianos recusaram a Maria o nome de Mãe de Deus e affirmaram ter o Christo duas naturezas e duas pessoas. O Concilio de Epheso condemnou essa heresia e o Imperador perseguiu os seus sectarios, desterrando-os. Elles passaram para a Persia, dahi foram á India, de onde alcançaram a China. Lá gosaram de credito e favor, estabelecendo-se na capital, mais ou menos no seculo VIII. Monte Corisno, enviado ao Extremo Oriente pelo Papa Nicoláo III no seculo XV, ainda ali os encontrou com 12 igrejas.

Os discipulos do archimandista Eutyches, os Eutychios, anathematizados pelo Concilio de Calcedonia, combatidos pelo Papas Leão, o Grande, e Gelasio, que tinham á sua frente Theodureto, bispo de Antiochia, só davam a Jesus uma natureza — a humana — ligando-se assim á Gnose. Foi uma das muitas seitas de conciliação ou intermediarias que appareceram nesses tumultuosos tempos, augmentando cada vez mais a confusão dos espiritos da christandade.

Das questões sobre a natureza, a pessoa, as encarnações (pythagorianismo), as dôres e a finalidade do Salvador outras heresias se originaram. Por exemplo, os Uronitas juravam ter conhecido Jesus; os Hermogenistas, que elle habitava o sol; os Paulistas, que elle só foi Deus depois de baptisado pelo Precursor; os Methodios que a sua primeira encarnação fôra Adão; os Theodotistas, que Elle era Theodotus; os Ascitas, que das suas feridas na cruz tinha corrido vinho e não sangue.

Outras heresias vinham das comprehensões physicas do Universo, mais accordes com os philosophos antigos do que com os livros sagrados. Os Clementinos asseguravam que no movimento universal só havia uma cousa eterna — a Materia.

Os Rabdalistas criam numa circulação universal de forças. Os Colorbarios achavam que tudo dependia de sete estrellas, o que no fundo era a mesma crença dos sete anjos, dos sete espiritos planetarios ou dos sete planetas da antiga astrologia sagrada.

Outros sahiam das concepções moraes do mundo, como a dos Prescilianos, que o julgavam obra do Diabo; como a dos Pelagios, que negavam o peccado original; como a dos Setistas, que diziam ser o crime uma necessidade universal. Aliás estes ultimos se prendem ao grupo dos hereticos, que se preoccupavam em descobrir o por que do mal no mundo, quer affirmando, com os Patricianistas, que Deus fez o espirito e o Diabo o corpo; quer, com os Paternianos, que Deus fez a cabeça e o Diabo o resto do corpo; quer, com os Messalios, que o unico peccado era o trabalho; quer, com os Nicolaitas, que o homem, desprezando o bem e o mal, devia fartar-se de tudo na vida; quer, com os Antitactos, que acreditavam ser o mal o verdadeiro bem e o bem o verdadeiro mal. Mais radicaes ainda do que estes eram os Cainitas, crentes sinceros da bondade do mal, dignificadores de Caim, Coré, Abiran, dos Sodomitas e de Judas.

De muitos se apoderava esse grande espirito de mortificação do christianismo, que nascera nos martyrios do Circo e se elevara até ás Thebaidas povoadas de eremitas. Por isso, os Valesios desafiavam todas as dores e os Tacianos se flagellavam com juncos, os Astolipitas não comiam carne e os Artoritytas, que possuiam sacerdotisas, somente se alimentavam de pão e queijo; os Collyridios offereciam uns aos outros os bolos amargos chamados Collyridos e os Passolorynchitas, cujos remanescentes S. Jeronymo ainda encontrou na Galacia, guardavam rigoroso silencio, para obedecer ás palavras do psalmo: "os labios são a porta do inferno".

Se a seita dos Iconoclastas representou a reacção radical contra o paganismo moribundo, algumas houve que directamente vieram dos velhos pantheismos e apagados toternismos ancestraes. Assim, os Musonitas christãos adoravam os ratos, e os Ophitas criam que a verdadeira imagem de Deus era a da serpente, os Therapeutas curavam os doentes, cantando hymnos a Christo e ao Sol, e os Acquarios tinham a agua como symbolo do Verbo. Da exegese kabbalistica sahiam os Marusios, que adoravam Sabaoth, cabeça de burro, pae do Diabo. Das antigas prostituições sagradas vinham os Adamitas, que andavam nús e, reunidos nos seus templos, punham publicamente em pratica o biblico preceito de crescer e multiplicar-se. Esses excessos eram temperados pela exaggerada castidade dos Abelios da Africa, que queriam o casamento espiritual, e pelos Aruntinos, inimigos da mulher, cuja obra nefanda Christo tinha vindo destruir. O peccado da carne encontrava indulgencia da parte de Montanus e as Montanistas estavam certos de que, tendo os anjos peccado com ellas, velha lenda oriental, velha historia mythologica da Grecia, a falta dos homens não era muito forte.

Muitas seitas nasciam das explicações das nossas almas. Os Tertulianistas diziam-n'as feitas de ar e chamma, reminiscencia de opiniões philosophicas hellenicas; os Hernios, que eram anjos encarnados; os Antidicomaristas, que podiam morar no ventre materno; os Cataphrygios, que era necessario baptisar os mortos para salval-os; os Philosoponistas, que a sua resurreição se daria em novos corpos e não naquelles que tinham estado neste mundo; e os Agnoetas, que somente o Christo sabia a hora em que elles seriam chamados ao Juizo Final.

Raras as seitas provindas de simples questão de ritual ou de lithurgia, como a dos Quatordecimanus, que celebravam a Paschoa no decimo quarto dia da lua, igualmente aos Judeus. Raras as que traziam no seu bojo o terror do fim do mundo, como a dos Millenaristas, que o criam se realisaria no anno mil. E duas grandes heresias não foram mais do que movimentos de rebeldia popular, verdadeiras jacquerias contra oppressões do momento: os Apotacticos, bolschevistas christãos, que aboliam a propriedade, e os Circumcellions, vagabundos ferozes, que praticavam a circumcisão e pilhavam todos os ricos.

Desse cháos formidavel e ensanguentado pelas lutas a autoridade da Igreja Romana sahiu intacta e victoriosa, tendo construido habilmente o seu vigamento de dogmas de aço. E dahi a sua magestosa unidade em face da Igreja grega, dilacerada pelo espirito individual de cada pope, de cada archimandrita e de cada patriarcha fervente de vez em quando de Raskolniks, tremendo com medo do fim do mundo, de Skoptzys, que se mutilam para evitar o peccado; dahi a solemnidade monumental da sua fachada soberba e una, deante dos pequeninos e diversos frontões em que se divide o Lutheranismo e o Anglicanismo. Foi á luta sem treguas contra a multidão ululante das heresias dos primeiros seculos que a Igreja Romana deve a sua impavidez na defesa dos dogmas, a sua unidade admiravel, a linha recta dos seus papas, em materia de fé e a excelsa grandeza da sua obra.

9 "O Jornal" - 26 - Abril - 1922

A ASPIRAÇÃO

Nada mais curioso para aquelles que se preoccupam com as coisas do espirito do que ler os primeiros escriptos dos prosadores ou poetas que attingiram certa notoriedade.

Palpa-se, assim, o ponto de partida de sua evolução mental.

Infelizmente não se têm publicado de todos os homens de letras notaveis as primeiras paginas, a exemplo do que se fez com Gustavo Flaubert. Dahi a curiosidade que nos anima quando sob nossas vistas caem os jornaes em que escreveram, no inicio de sua carreira, pessoas que mais tarde se tornaram conhecidas pelos seus dotes de espirito ou pela sua alta posição.

Fazemos estas ligeiras considerações, tendo diante dos olhos uma collecção da "A Aspiração", encontrada por acaso. Foi um jornal através do qual muitos moços aspiraram a muita coisa. Quasi todos conseguiram elevar-se bastante. E não podem deixar de despertar interesse os seus primeiros esforços na vida.

Era "A Aspiração" uma pequena "folha literaria e scientifica", como ella propria se denominava, publicada vae para uns vinte e oito annos no Collegio Militar desta capital, por luzido grupo de estudantes. Não tive o prazer nem a gloria de conseguir o seu primeiro numero; porém folheei o numero seis, que veiu a lume na segunda quinzena do mez de agosto do anno da Graça de 1894.

Já se vê que o meu calculo de vinte e oito annos não é exaggerado e, infelizmente, eu já era nascido nesse tempo, embora sem o malfadado vicio de escrever.

Dizia-se mais a "A Aspiração" orgão representativo duma sociedade literaria, cujo presidente era o sr. Hermes da Fonseca. E' esse o nome que lá está impresso, mas creio tratar-se do illustre engenheiro Alincourt Fonseca, nesse tempo alumno do Collegio Militar.

O primeiro secretario dessa associação é hoje senador pelo Piauhy, redactor-chefe do "Jornal do Commercio", poeta afamado, escriptor de nomeada, membro da Academia Brasileira de Letras, José Felix Alves Pacheco ou melhor Felix Pacheco, cuja grande amisade guiou meus primeiros passos no Rio de Janeiro. A mesma acção teve na minha vida outro membro do conselho director do referido gremio literario, eleito seu vice-presidente nessa data, o dr. Eurico Cruz, notavel juiz nesta capital, que, com a sua modestia de sempre, recusou o cargo.

Nesse numero seis, ha um curioso programma da solemne sessão commemorativa que deveria ser realizada no dia 7 de setembro, no salão nobre do Collegio, sob a presidencia do illustre dr. Graça Couto, actualmente provecto engenheiro.

Lendo os exemplares da "A Aspiração" que o acaso me trouxe debaixo dos olhos, encontrei varias coisas dignas de nota. No numero sete, a descripção pomposa da tal sessão solemne annunciada na folha anterior. Nella o dr. Graça Couto pronunciou o discurso official sobre a data celebre, Felix Pacheco recitou "A Caridade e a Justiça" de Almeida Junqueira e o sr. Franco Vaz, escriptor e educador consagrado nos nossos dias, disse um monologo, sendo muito applaudido. Eu só tenho pena de não ter assistido á sessão...

Pulando para o numero dez, vamos ahi encontrar um succulento artigo scientifico a respeito do Homem Primitivo, assignado pelo sr. Bias Pimentel, que é agora official superior, tanto em posto como em cultura, do nosso Exercito.

Elle define a sciencia desta sorte pasmosa: "é a alavanca poderosa que sulca o universo". Bravos! Felix Pacheco tambem deita erudição num longo trabalho do mesmo genero, citando Mortillet, Le Bon, Flammarion, Zimmermann e Darwin.

No numero onze, o sr. Egydio de Castro e Silva, tambem agora official, superior em tudo, do Exercito, inicia um estudo sobre numeração, que nunca mais acaba. Com effeito, a serie dos numeros é infinita...

O numero quatorze traz "ás pressas" um officio de Eurico Cruz acerca das suas inabalaveis resoluções de deixar a directoria e um delicioso artigo de Felix Pacheco. Imaginem sobre que! O illustre jornalista, cujas luminosas "varias" tratam hoje das mais sérias questões politicas e economicas do paiz, intitulou ha quasi trinta annos esse trabalho — "As moças de hoje!" E desancou as melindrosas da época, sem piedade!

Saiu o numero quinze já no mez de julho de 1895, estampando um artigo do sr. Laudelino Freire, já nesse tempo professor do Collegio Militar. O autor dos "Gallicismos" trata nelle da Tomada da Bastilha. Inicia-o com estas admiraveis palavras: "Na ordem dos sentimentos moraes, nenhum mais dignamente louvavel do que a commemoração de datas, que, como esta, traduzem um dos acontecimentos mais notaveis na historia politica das nações". Muito bem! Ainda sobre o quatorze de julho, ha nesse numero um discurso do Felix Pacheco, uma chronica de Urbano Duarte e um artigo do professor Hemeterio dos Santos, affirmando que esse dia foi o treze de maio dos brancos.

Percorro ligeiramente a pequena collecção do jornalzinho e annoto aqui e ali coisas que me chamam a attenção. Ha uma secção pilherica intitulada "Girando", a qual nomeia o meu amigo Miguel Mello, romancista e jornalista de grande merito, que foi tambem do Collegio Militar, entregador da "A Aspiração" pelo ordenado mensal de 540 réis. Falta de espirito!...

Numa lauda amarellada, vejo uma nota de Felix Pacheco, em francez, no francez — é preciso que se note — de alumno do Collegio Militar ha vinte e tantos annos. Vae aqui um pedacinho da amostra: "Un jour, c'était un jour d'eté, chaud, très chaud, j'ai passé chez toi, et attiré par la beauté virginale de ton visage, j'ai resté longtemps immobile commo une statue..."

Mais adiante, topo um discurso de Milton Cruz, presentemente professor do Collegio onde se educou, engenheiro distincto, elogiando Floriano Peixoto. Sob o pseudonymo de Marius, o infatigavel pesquizador grammatical professor Mario Barreto já se occupava, ha perto de tres decadas, dos mesmos assumptos que ainda o apaixonam. Estava a seu cargo a secção "Notas Biologicas".

O mais fecundo dos rapazolas que escreviam na "A Aspiração" parece que era mesmo Felix Pacheco. Dava arrhas do infatigavel trabalhador que conheci de perto, de 1910 a 1913, no "Jornal do Commercio", sempre em acção a qualquer hora do dia ou da noite. Leio delle um artigo, defendendo Cuba, bello demais para a sua edade naquella occasião; uma carta forte em que começa assim, republicanamente, dirigindo-se ao collega que superintendia a folha: "Cidadão redactor"; e uma longa poesia epica, preito de admiração profunda a Bonaparte, com o titulo "O Raio da Guerra", da qual extraio esta estrophe:

"Então, com voz retumbante,
Imperiosa e possante,
Fez marchar a expedição.
As pyramides famosas
Ouviram silenciosas
Repercutir em Gizéh
O ronco atroz do canhão!"

O parnasiano forte da "aurea trireme real de nossas esperanças" vivia nesse tempo ainda envolto nas nevoas do seculo de Castro Alves.

Da rapaziada da "A Aspiração", toda ella altiva, generosa e cheia de talento, que soube realizar na vida as suas aspirações com nobreza, um companheiro tombou assassinado no meio do caminho, em agosto de 1899. Foi Saddock de Freitas.

O ultimo numero do jornal do Collegio Militar que consegui ver foi o vinte e nove, do mez de outubro de 1896, com um artigo de Collatino Barroso e um de Felix Pacheco a respeito dos nossos criticos, chamando-os "bananeiras improductivas". Parece que essa casta continua a ser a mesma coisa. Quanto a "A Aspiração", ignoro se esse numero vinte nove foi o derradeiro.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 29 Abril 1922

Fez-se na França ha pouco tempo a celebração do centenario de Molière. Governo e povo se associaram nas homenagens prestadas ao creador insigne das Preciosas e do Misantropo. Foi uma solemnidade regia.

Vendo e commentando o respeito com que na mais nobre e intelligente nação latina se guarda a memoria das grandes individualidades da raça, não podemos deixar de pensar com tristeza no descaso que as nossas merecem dos poderes publicos, preoccupados tão sómente com os negocios e a politicagem.

Quando será que o nosso povo terá educação bastante para promover celebrações dessa natureza, impregnadas de tanto carinho pelos grandes vultos do passado? Quando será?

10 "Correio Paulistano" 30 Abril 1922

Cobra não é gente...

O acampamento ficava perto, além duma serrota pedrenta e núa de arvores, que apontava por trás dos sarrascões verdes e pujantes naquelle anno de inverno farto. Como o sol descia e rapidamente seria noite, eu e o Luiz Fusco, um cafuz alto, azeitonado, nada feio, de physionomia expressiva, voltando duma caçada de marrecas na lagôa do Lemos, apressavamos o passo. Havia já na mattaria sombras espessas, sob as copas, e, nos ramos altos, laivos de purpura do occaso. Começavam os pios agourentos dos saborés e desusadamente ecoava no silencio profundo que ás vezes cahia, o rumor crepitante das nossas alpercatas rudes, esmagando o saibro grosso da vereda.

Espingardas ao hombro, á maneira sertaneja, seguras pelo cano, as coronhas no ar, ás costas as rodas de marrecas e preca-páras mortas, humidas da agua e gottejando sangue, caminhavamos silenciosos. Lá uma ou outra vez, o Fusco fazia em voz alta uma reflexão de caçador experimentado, quasi sempre em meu desfavor:

— Ih! Virgem Maria! Seu moço foi quem Deus deixou neste mundo móde gastar polvora... Atirou na lagôa que foi um desperdicio! Vinte e cinco tiros contei eu, e só matou oito patinhos...

— E você?

— Ah! eu é outra cousa. Polvora custa muito dinheiro e os pobres não podem gastar á tôa. Olhe, seu moço, dei quinze disparos e trago seis marrecas, quatro preca-páras, um putrião, um socó boi e um carão, ao todo quatorze bichos!

— Alto lá! Que conta é essa? Quatorze, não. Quinze sómente.

— Ora, seu moço, eu conto o carão por dois e elle vale bem que é difficil de matar. Bicho espantado damnado, peor que barbatão mocambeiro! Só chegar perto delle é um "poema"!...

O cabra era prosa como quê e tinha dessas sahidas e desses termos estapafurdios. Eu ria e continuava a marchar apressado. Subimos uma lombada de comoro semeada de jatahys pequenos, rachiticos, no meio dos quaes sobresahiam as folhas branquicentas dos toréus. Uma coruja rasga-mortalha gargalhou na solidão. O Fusco gritou:

— Te esconjuro, agouro!

Depois, o silencio pareceu maior. Desciamos o outro lado do cerro, que dava sobre um valle estreito e longo, despido de arvores, verdadeira varjóta alcatifada de junco, orlada de sabiás, gamelleiras altas, mororós e jerematalas frondosas. Avistavamos a fogueira do acampamento e vultos de homens andando á sua luz intensa e crua. Quasi noite, calma completa e a fumaça subindo no ar, perfilada como uma diaphana columna branca. Mas um silvo vibrou intensa e sinistramente adeante, no caminho. O sertanejo parou de subito, narinas dilatadas, olhos vivos percorrendo o chão, e, apontando-me a uns oito metros uma mancha mais escura, que parecia mexer um pouco sobre o solo e que eu mal distinguia, disse:

— Cobra não é gente, seu moço!

Levou a lazarina ao rosto, deixou-a cahir na melhor posição de pontaria e o tiro partiu. A mancha escura distendeu-se e immobilizou-se logo após. Fomos vêr o que era e eu levantei com o cano duplo da Flaubert uma cascavel de mais ou menos sete palmos, que estava de tocaia na vereda.

O cafuz tomou-lhe a cauda visguenta nas mãos e contou os aneis do chocalho do monstro.

— Dez annos de edade tem esta diaba, seu moço! exclamou, mostrando-me num riso os dentes brancos como marfim.

E levamol-a para o acampamento.

Mais tarde, a lua sahiu. Seu rosto, surgindo por trás dos ingremes contrafortes da serra do Gigante, curiosamente espiou o sertão envolto em trévas, e o prateado perfume de sua luz espalhou-se á face de todas as cousas. Como que um mysterio novo cobrira a natureza inteira. Na ancia de sentil-o, deixára a barraca e fôra sentar-me na relva, debaixo de um vigoroso pé de mulungú, de cuja folhagem a minha presença espantára um pesado corujão da matta. Fiquei ali profundamente distrahido. Da lua sobre o tapete de juncos da varjota e sobre as cópas avelludadas das arvores desciam, ás vezes, véos intensos, tecidos de luz esverdeada, que davam uma suavidade de tons a tudo e encantavam os olhos infatigavelmente. Tudo parecia delicioso na noite magica e até o uivo esganiçado das raposas subia no ar luminoso como uma vibração extranha e ao mesmo tempo harmonica com a paizagem adormecida.

Todos os caçadores dormiam, resonando alto. Um uivo longinquo de onça veiu das quebradas da serra, cujo vulto immenso o luar diluia no horizonte, acordando-me daquella meditação. Relanceei o olhar em torno e dei com o Luiz Fusco accocorado, fumando, a dois passos de mim.

— Você não vai dormir, Luiz?

— Inhor não. Seu moço está acordado e eu tambem vou ficando por aqui, móde vigiar. Isto é logar de muita cobra! E cobra não é gente, seu moço!

— Quem lhe metteu na cabeça que aqui tem tanta cobra assim?

— Ora, eu que sei. Tem mesmo. Tem que é uma cousa por demais. Todo este matto está cheio de jararacas, coraes, cascaveis, caninanas e cobras de veado. Só têm poucas papa-ovos, infelizmente, porque são ellas que comem as outras. Escute uma cousa, seu moço, eu já morei aqui perto, no Ipueiro do Gonçalo, detrás daquelle cerrado de balsamos e de trapiás. Ainda lá devem estar os restos da minha tapera. Eu tinha no copiar uma cangalha velha a um canto, que era a minha ratoeira de apanhar cobra. Todo o dia, de manhã, a gente levantava a cangalha e achava uma, quando não achava duas e tres dormindo enroscadas lá debaixo. Marrava-se o pau na cabeça dellas, depois de se ter prendido á ordem de S. Bento, móde não andarem.

Eu sorri. O cabra mudou de posição, sentou-se numa raiz do mulungú, bateu o cachimbo, tornou a enchel-o e accendel-o. Continuou:

— Eu creio que tenho o destino de morrer de cobra, mas tambem tenho matado tantas! Ainda isturdia me aconteceu uma! Olhe, foi ali nos mocosães da serra Negra. Eu tinha ido caçar mocó e me escondi em riba daquella fenda estreita que divide a ponta da serra como si tivessem cortado a pedra com uma machadada. Espiei primeiro o logar. Fervilhava de mocós como um cortiço de inxuhy, quando a gente accende o fogo móde chamuscar as abelhas de ferrão. Escondi-me, como ia dizendo, roce dois pausinhos um no outro, afim de chamar os bichos. Elles começaram a botar a cabeça de fóra. Escolhi o maior, fiz pontaria, dei fogo, elle pulou ferido lá em baixo da gróta.

Devia estar morto, porque lhe mandei a carga de chumbo na cabeça. Tornei a me esconder e a fazer a chamada. Os mocós vieram ver o que era. Fiz fogo noutro: cahiu lá em baixo. Cheguei á beirada do córte e espiei. Lá estava o bicho morto, no meio da descida, preso a uma ponta de pedra. Larguei a espingarda e comecei a descer entre as duas paredes, as pernas e as mãos me sustentando dum lado e do outro, todo arreganhado como um Judas na forca, até chegar onde estava o mocó morto. Ah! esse eu não perdia como o primeiro. Pois, seu moço, perdi e perdi mesmo, sem poder fazer a menor acção. Eu sempre lhe digo que cobra não é gente!... Mal eu me preparava para largar a pedra, extender a mão e apanhar a minha caça, uma caninana de mais duma vara de comprimento sahiu da sua tóca e ás minhas vistas carregou o mocó. E eu entanguido entre as duas paredes de pedra, sem poder fazer nada e dando graças a S. Bento e a Deus Nosso Senhor que a descarada levasse o bicho e me deixasse em paz. Credo! Nunca passei minutos mais agoniados, seu moço! Tornei a subir como tinha descido, furioso com aquelle desaforo e decidido a dar cabo daquella ladrona no mesmo dia. E me vinguei della! Matei outro mocó e fui

4

mais que depressa, já com a arma carregada, espiar onde cahira. Estava preso numa ponta de pedra mais em riba do que a outra. A bicha sahiu da tôca e começou a subir o paredão, com a lingua de fóra. Fiz pontaria e estalgainei-lhe a "caixa do pensamento"!

Larguei a rir como rirs do "pecema". O Luiz Fusco olhou para mim muito sério e prosseguiu, agora sob o peso duma tristeza immensa:

— Mas o meu destino é morrer de cobra! Meu coração anda adivinhando isso e, quando a coruja rasga-mortalha me agourou ali na vereda e vi aquella cascavel de tocaia, senti de verdade um "batecum" no coração!... Cobra não é gente!...

Uma vasta manada de nuvens negras, tangidas devagarinho pelos campos do céo, cobria o rosto da lua e enchia de tréva o sertão como o rosto do cafuz se enchera de prestiga tristeza. Levantei-me e disse:

— Bote fóra os pensamentos ruins, Luiz, e vamos dormir.

O homem ergueu-se, deu alguns passos atrás de mim, os pés dentro das tiriricas rasteiras e, ao responder-me o boa-noite, soltou um grito:

— Ai! Diabo!

Levantava o pé, segurando-o com as mãos. Estava escuro e não se via nada. Risquei um phosphoro: havia junto do artelho uma picada diminuta, muito vermelha. Elle poz nos meus olhos espantados os seus olhos calmos e disse, com desalento:

— Está ahi, seu moço, eu não lhe dizia, cobra não é gente!..

E quem passa hoje ainda pela varjóta do Acampamento, como é chamada, vê, á sombra dum mulungú frondoso e ás vezes toucado de fructos rubros, uma cruz de madeira tôsca, rodeada de pedras.

E' o tumulo humilde daquelle que foi o maior matador de cobras do sertão, Luiz d'Assumpção Carneiro, o Luiz Fusco.

João do NORTE

"Fon-Fon" 29-Abril-1922

Sahida de cinema Muita gente as portas largas do cinema despejavam na rua clara. Parecia que todo o bairro tinha vindo assistir áquella linda fita americana. Todas as melindrosas e todos os almofadinhas haviam comparecido.

Ao descer o ultimo degrau da sahida, achei-me de subito envolvido num grupo de moças alegres e formosas. Parei, para dar-lhes passagem, e logo me vi no meio de tres ou quatro solteironas carrancudas. Uma dellas dizia, torcendo o beiço, indignada, para as outras:

— A gente vê cousas nestes cinemas! Que horror!

E eu recolhi á casa, pensando que já não vejo nada que me espante na escuridão propicia dessas admiraveis salas de diversão e de amor...

"Fon Fon" 30 Abril 1922

No Bonde Ella ia sentada, sósinha, no banco da frente do bonde, naquelle cabuloso banco em que se tem de ficar de frente para todos os passageiros. Era moça, loura e bonita. E todos os homens, cupidamente, pregavam os olhos no seu rosto corado de vergonha, sem a menor piedade em constrangêl-a daquella fórma insistente e pouco educada.

Mas, para sua felicidade, no primeiro poste subio no bonde uma morena de cabellos negrissimos, olhos escuros, pelle macia e ancas possantes. Não havia logar nos outros bancos e ella teve de sentar-se no da frente, no cabuloso, ao lado da rapariga loura e delicada, fazendo um interessante contraste. E logo todos os olhares famintos dos homens, brasileiros e estrangeiros, procuraram a morena, abandonando a loura, como se ella fosse mais bella e mais capitosa. Ella sorria ironicamente, sentindo aquelles olhares magneticos lhe aflorarem a epiderme. Eu, indifferente a ambas, simples observador despreoccupado, pensava cá commigo que talvez a loura fosse mais ardente. Nessas cousas as apparencias são mais enganosas do que em quasquer outras...

Os Ali-Beys Chateaubriand confessa no seu *Itinéraire* que, tendo encontrado em Alexandria um turco, Ali Bey, que conhecia as suas obras litterarias, achou logo que elle era descendente directo do grande Saladdino. A isso conduz o amor proprio do escriptor, mesmo que elle tenha sua alma fria do commum, como era, innegavelmente, a do autor da *Atala*.

Quem de nós escriptores não tem tido já nas suas viagens a mesma fraqueza de Chateaubriand ao topar um Ali Bey qualquer que nos fala do que escrevemos?

Se não existissem os Ali Beys que seria dos pobres escriptores!

Oradores As velhas lendas gaulezas, para exprimir o poder da palavra dos oradores nacionaes, diziam que das suas bôccas para os ouvidos dos seus auditores os deuses estendiam correntes. E foi ainda uma reminiscencia dessa expressão o que fez appellidar S. João, patriarcha de Constantinopla e grande pregador, Chrysostomo, o Bôcca de Ouro.

Ora, outro dia, por acaso, assisti a um meeting politico. Os oradores que se succederam nos degráus dum edificio publico cobriram de insultos horriveis os politicos do partido contrario ao seu. E eu pensei que, se das suas bôccas partem correntes para as orelhas dos seus ouvintes, essas são, forçosamente, de trapos velhos ou de arame farpado, estendidos pelas mãos escuras dos demonios e nunca pela dextra luminosa dos deuses...

Paris e Roma A Cidade Eterna, dizem os seus mais provectos historiadores, acolhia no seu hospitaleiro seio todas as religiões do mundo. No recinto de suas muralhas havia templos de deuses lybicos, syriacos e egypcios. Milhares de divindades se acolhêram á sombra da loba heraldica. E só ao christianismo o Imperio fez guerra de morte, porque elle se aprezentava sob o aspecto de uma seita politica.

No mundo moderno, ha uma capital que segue o exemplo da Roma antiga. E' a Cidade Luz, a Cidade das Cidades, o Paris glorioso. Não lhe faltam pagodes, egrejas de toda a casta, synagogas, basilicas orthodoxas, e agora o seu prefeito, acompanhando um representante official do Islam, acaba de lançar a pedra fundamental duma grande mesquita.

O Boi Apis! Eu vi claramente, com estes olhos que a terra ha de comer, um boi de automovel!! Todo o mundo vae dizer que é minha mentira, mas juro, por Deus que está no céu, que é pura verdade! Eu vi um boi de automovel! Vi, sim!

Estava á porta duma garage, onde fóra a negocios, na rua de S. Christovam, perto do largo do Estacio, quando por mim passou um automovel particular, bem luxuoso, marca Packard, com o chauffeur de uniforme branco, impeccavel, conduzindo dentro, sósinho, um novilho preto, que parecia de raça e não dava a menor mostra de espanto, como se estivesse habituado áquelle confortavel meio de locomoção! Fiquei assombrado. Já tinha visto em autos de praça ou particulares cães, simios, gatos angorás, papagaios e até passaros em gaiolas, mas bois nunca. Era a primeira vez. Commentei o caso muito admirado, mais tarde, á hora do almoço, encontrando o meu amigo Claudio França. E elle, sorrindo, me disse:

— Quem sabe não será o Boi Apis?...

"Jornal do Commercio" - 22-Abril 1922

Foi assignado hontem pelo Sr. Presidente da Republica, na pasta da Justiça o decreto nomeando Director do Museu Historico Nacional o Sr. Dr. Gustavo Dodt Barroso.

12 "Em Ru" 30 Abril 1922

O COME-GENTE

Alli á entrada da matta do Custodio, entre apertados barrancos, havia uns restos de casa de taipa, cheios de lagartixas que se aqueciam ao sol. Olhando-os, o João Bicudo contou-me pavorosa historia da secca dos dois zeros. Mil e novecentos fôra, com effeito, um dos annos mais calamitosos que tem desabado sobre o sertão cearense e o que me narrou o velho comboeiro era de arripiar couro e cabello. Credo!

O sol dava de cheio na mattaria orvalhada e as rôlas cabôclinhas tatalavam nas moitas crespas. Havia cabeças vermelhas de gallos de campina, como pequenas flores rubras inquietas, num galho baixo de comarú. E numa fazenda proxima cantava um gallo. Imagine-se se tal historia fosse dita em tempo de secca, no silencio, na solidão, sob a canicula atroz, entre os esqueletos das arvores e a poeira fina das fôlhas mortas servindo de leito ás ossadas das vaccas! Se com aquella vida e com aquella abundancia a coisa foi tetrica!

O Bicudo passara a perna, como mulher, no cabeçote da sella de campo, curvara o corpo magro para deante, enchera o cachimbo de mapinguim e, cuspindo a cada momento, por entre os dentes, para um lado, emquanto o seu pedrez automaticamente espantava com a cauda comprida as mutucas e meruanhas, falou lentamente. Eu ouvia-o de pé, encostado ao cavallo castanho, divertindo-me em matar, na taboa do seu pescoço lustroso de suor, com o peia-boi largo, as moscas bravas que o mordiam.

— Olhe, *seu* cadete, nesse tempo, eu nem era mais comboieiro. Minhas quatro burras e mais tres eguaes que eu alugava ao compadre Deodoro da Saracura, tudo tinha morrido. Não havia gado nem animal que escapasse! Isorde desgraçado! Podia-se botar rama de joá para elles, mas era trabalho perdido, perd dinho da silva! Os pobres bichos não tinham agua mode beber! Virgem Nossa Senhora! Virgem Nossa Senhora!

Aqui, esta casa velha era uma venda do filho do Papavento. *Seu* cadete conheceu o filho do Papavento, o Sarará, o Christovam, que morreu das febres nos Amazonas? Conheceu?

— Não. Não me lembro.

— Era um bom camarada e homem até alli. Parecia empambado, por causa da côr delle mesmo, porem era valente como as armas e sem gabolice. Não falava nada e nas occasiões brigava como gente grande.

Elle tinha, como eu ia dizendo, uma vendinha aqui, móde vender cachaça e rapadura. Eu não tinha mais nenhum animal de carga, não senhor, e resolvi ir de muda para o Iguatú. Bati a porteira do curral, espiei com os olhos cheios d'agua p' a minha choupana, onde a mulher morrera no principio da secca, de bexigas, acertei nos pés as alpragatas, puz a tiracollo o patuá com uns restos de farinha, sacudi a lazarima no hombro e desandei de rota batida p'r'estas bandas.

Seu cadetinho de minha alma, cheguei aqui na venda do Christovam com dois dias de caminho e fome velha, sem ter encontrado um bicho do matto, de penna ou de cabello, mode matar e comer. Cheguei aqui e o Christovam estava preparando os urús para ir se embora tambem, porem fez negocio com a minha lazarina. Troquei ella por meia terça de farinha e tres rapaduras.

Quando tomei o caminho alli da matta, que era uma garrancheira preta, medonha, o filho do Papavento botou a mão no meu hombro, bem aqui assim, e me perguntou. *Seu* cadete, eu não estou mentindo, não! Eu estou repetindo palavra por palavra o que o desgraçado me disse:

« Bicudo velho, se eu fôsse você rodeava pela estrada do Fundão e ganhava o caminho da Forquilha. Por aqui é mais perto, mas porem é mais perigoso... »

Perigoso, porque? homem de Deus! Tem cascavel de vereda? Tem onça faminta?

« Tem peor! disse elle, os olhos nos meus olhos, falando serio. Tem o Luiz Zambèta, que ficou maluco de fome, quando os filhos morreram de doença e de não comer. Dizem que elle se metteu, núsinho em pelo pela matta adentro com uma faca na mão e deu para comer gente! Já tres retirantes do Pindoba que fôram atravessar a matta não chegaram do outro lado!... E o Gonçalo da Florinda desappareceu!... »

Fiquei com meio medo, *seu* cadètinho, e eu não sou morredor, não senhor! O sol descambrava para detraz da serra Verde e a noite ia me pegar no meio da matta. Mas, se eu repugnasse, o diabo do Christovam ia badalar pelo Iguatú que o Bicudo tinha medo de fantasma, e o Bicudo velho nunca teve mêdo!

P'ra dizer nunca, *seu* moço, estou mentindo, porque nesse dia eu tive medo mesmo de verdade. Credo! E eu so queria ver quem é que não tinha!

Não dei resposta aos conselhos do Christovam e fui tocando matta adentro. Já estava escurecendo no entrançado das garrancheiras e, quando eu cheguei bem no meio, principiei a ouvir uns assobios me chamando. Eu a apressar o passo e o assobio — fio! fio! me chamando. Voutes! Espiei para todos os lados. Nada. Ia escurecendo, escurecendo, e eu depressa, depressa! E os assobios chamando, chamando! De repente, mexeram nos galhos seccos, quebraram gravetos como rez caminhando. Olhei para a direita. Nadinha. Para a esquerda. Valei-me Nossa Senhora! O Zambeta, nú como macaco, magro como esqueleto, os dentes brancos aluminando, a faca na mão e me chamando com a mão e com o assobio: fio! fio! fio!

Ai! meu patrãosinho, o Bicudo velho damnou-se p'ra correr. Correu como um desgraçado e atraz delle ouvia o bater dos pés do Come-Gente na terra sêcca e o assobio do desgraçado: fio! fio! fio!

Passando a perna no sellin, para não me mostrar assombrado, falei!

— Isso tudo foi sonho, e sonho de fome, *seu* Bicudo!

O arrieiro franzio as sobrancelhas e replicou:

— Vosmincê diz que foi sonho, porque não vio a desgraça dos dois zeros e porque não ficou, como eu fiquei até hoje, co esta affrontação da corrida que não me deixa mais nem ao menos dansar e que até parece puxado. Puxado, sim senhor, que os dotores hoje tem a mania de chamar asma...

JOÃO DO NORTE

Boatos... Mais numerosos do que as nuvens de cupins que adejam em torno dos fócos electricos da Avenida, nas quentissimas tardes de Janeiro, são os boatos que andam por ahi nas azas das brizas, voando de orelha em orelha...

Milhões delles ouço eu por dia e em mim morrem, porque não os transmitto. Entram por um ouvido e sáem pelo outro, mumificados. Deveria o povo ser educado contra os boatos, como contra a tuberculose e a siphylis. Se todos fossem como eu, por exemplo, os boatos não viveriam mais do que momentos, pois cada um se encarregaria de matal-os immediatamente após têl-os recebido.

Vamos, brasileiros, um esforço educativo individual contra os boatos!

Anubis Gosto ás vezes de ir á noite passeiar e gozar amena temperatura na semi destrúida Aveinda Atlantica. E sempre alli encontro um senhor de caximbo, typo de estrangeiro, conduzindo á ponta de elegante cadeia prateada um macaco feio como todos os diabos.

Até ahi nada ha de admirar. Muita gente anda pelas ruas com seus cães de estimação. Nos Estados-Unidos, as senhoras da alta roda jà seguiram a moda de andar com kangurús e alligators acorrentados em prata, e no Norte do Brasil as meninas dengosas creavam saguis. Mas o que é admiravel no caso a que alludo é o carinho extraordinario do tal cavalheiro pelo horrendo simio, tão grande que me faz pensar ser elle um devoto da antiga religião egypcia e andar com uma nova encarnação de Anubis, o deus cyno-cephalo, o deus macaco. Quem sabe? Ha dias vi com espanto um boi de automovel, o Boi Apis; agora, não é demasiado bispar á noite, nos seus passeios, o simio sagrado que acompanhou Isis quando procurava os frangalhos do corpo amado de Osiris...

— Ah! esses chauffeurs!

Essa exclamação sáe da bocca de todos que atravessam as nossas ruas a pé e padecem sobresaltos, por causa de velocidade dos automoveis. Muitas vezes o individuo que solta essas palavras accusadoras é um desses typos nascidos para viver em Baependy ou Quixadá, onde se póde andar pelo meio da rua, lendo jornaes ou coxilando. Querem fazer o mesmo aqui no Rio e dahi os sustos que experimentam.

— Ah! esses chauffeurs! — dizem elles com odio. Entretanto, justiça se lhes faça, elles poderiam matar muito mais gente do que matam, tal é a pouca pratica de andar na rua que tem a maioria da nossa população.

Outro dia, passava pela Avenida, pensando em cousas e lousas, quando a buzina dum taxi me chamou á realidade. Dei um salto e berrei, furioso:

— Ah! esses chauffeurs!...

Os seus dêdos Ella encostára ao meu hombro a sua cabeça loura, emquanto o nosso automovel deslizava pela estrada longa, batida de sol. Disse-lhe ao ouvido, lentamente, versos de Bilac e comecei a beijar-lhe os dedos finos, de unhas pontudas transparentes e roseas.

Um a um fui passando os seus dèdos entre os meus. Tão finos, tão macios, tão electricos, tão delicados que punham na minha carne uma leve crispação constante. Dèdos da aurora, dèdos que como os das patricias de Veneza, não deveriam servir, embora quizessem trabalhar, senão para fazer caricias...

E o automovel deslizava e os nossos dèdos cada vez mais se confundiam...

Um symbolo Recebo pela manha uma carta da Europa e, por curiosidade, procuro nos jornaes o vapor que m'a trouxe. Não encontro noticia alguma de chegada de vapores de Marselha, Genova, Bordeaux, Havre ou Southampton. A curiosidade augmenta. Procuro em jornaes atrazados. A carta era de Paris, via Cherburgo, e o ultimo paquete chegado daquellas bandas ancorára aqui havia nove dias. Fiz as contas e verifiquei que a carta levára da Directoria dos Correios á minha residencia, aliás proxima do centro da cidade, a bagatella de duzentas e dezesseis horas!!

PARISIENSES

Decididamente, o governo deve mandar fundir uma grande e artistica tartaruga de bronze, inaugurando-a sobre um pedestal de granito, á porta da nossa Posta, com esta soberba dedicatoria, em lettras aureas:

"Gloria á velocidade!"

Quem anda a pé detesta quem anda de bonde. Quem anda de bonde detesta quem anda de taxi. E quem anda de taxi cordealmente detesta quem anda de carro particular, com placa amarella e outras vaidades. Tudo isso é natural, não ha duvida, e o que é mais natural ainda é o odio terrivel que tem quem guia viaturas aos que andam no calcante.

Por que? Não sei, porém o que sei é que esse odio existe. E eu fallo delle, porque já o experimentei. Nunca odiei ninguem. Outro dia, fui guiar um automovel pela primeira vez. Sahi mal seguro da minha habilidade por uma rua pouco movimentada e nunca odiei tanto o meu proximo como odiei todos os sujeitos que passavam deante do meu carro, de vagar.

Só assim comprehendi porque os chauffeurs ou cinesiphoros gostam tanto de matar gente...

"Gazeta de Noticias" - Binoculo Maio - 1922

Hontem, nas archibancadas do Botafogo,!!!emquanto na homerica luta sportiva Kuntz creava allucinações de enthusiasmo e Alfredinho era um Anatole France do "rush" e do "dribbling", ella confessou sinceramente a sua amiguinha, a fascinante senhorita Iracema Nelson Machado: — Veja V. que "bluff"! Sempre pensei que Saccadura e Gago fossem dois guapos rapagões assim a Wallace Reid, Carpentier, Edú Chaves, Mauricio Gudin, João do Norte! [redacted] .....Pensei e "torcia" pelo exito do "raid" como agora estou torcendo pelo "glorioso"! Mas com aquellas caras, com aquelles bigodes! Bem feito o que aconteceu. Foi castigo. Quem manda velhos e feios metterem-se em empresas de gente moça e bonita! E' o mesmo que se o Justiniano Serpa viesse jogar no logar do Haroldo ou o Augusto de Lima no de Galvão Bueno! Matavam o "foot-ball"!!

"Fon-Fon" - 30 - Abril - 1922

13

O RIO DESAPPARECIDO

DIA a dia, o Rio de Janeiro, no seu progresso rapido e colossal, vae perdendo um a um seus aspectos tradicionaes. Hoje, é o morro do Senado que desapparece. Amanhã, é a Avenida que corta e mata ruas velhas. Depois, é a collina do Castello que se destróe. E os restos dum passado curioso, interessante e notavel vão se perdendo ao passar dos annos.

Infelizmente, não resta mais nem um erudito das coisas da cidade, como Vieira Fazenda, para nos dizer do que foi outróra um logradouro publico ou que tradições representa este ou aquelle local, este ou aquelle edificio. Dizem os entendidos que entre as tribus da Nova Zelandia existem individuos encarregados de guardar de memoria, em verso, as tradições da raça. São os chamados Arepos.

O querido escriptor Vieira Fazenda era, em verdade, o Arepo, o homem-archivo do Rio de Janeiro. E o seu desapparecimento abrio no jornalismo carioca uma vaga insubstituivel.

Apezar de se não poder tratar do Rio desapparecido com a profundez e a graça do fallecido chronista da rosea *Noticia*, não se deve deixar de recordar feições da velha cidade toda a vez que se obtenham documentos authenticos e cheios de interesse da mesma. E' o que, com photographias da urbs carioca ao tempo da monarchia, nós procuramos fazer nestas paginas.

Nellas, os nossos queridos leitores terão, julgamos nós sem a menor pretenção, o prazer de olhar a rua Primeiro de Março, ex-rua Direita, em *priscas eras*, isto é o antigo e celebre Carceller, sem a torre actual da cathedral, que apparece com gradis á frente; com bancos á sombra das arvores dos passeios, rentes a elles cinco ou seis diligencias, hoje substituidas por velozes bondes electricos, e tendo, ao fundo, os arcos da antiga ponte entre os Telegraphos, ou Paço Real e Imperial, e a moderna Sociedade de Geographia.

Tudo isso desappareceu.

Pouca gente se recorda desse aspecto urbano. E raros sobrados velhos, contemporaneos dessa photographia ainda alli existem.

Não menos digna de attenção é a vista que damos do largo de São Francisco, então ponto

A rua Direita (1º de Março), Boulevard Carceller

"Rio Jornal" - 11 - Maio - 1922

"Coração da Europa"

Sob o titulo supra o sr. Gustavo Barroso acaba de publicar um novo livro de assumpto interessantissimo, como aliás todos os que escolhe. E' um trabalho novo entre nós e versa sobre a nova Republica Tcheco-Slovaca. O autor estuda successivamente a Geographia, a População, a Historia, a Vida politica, a Defesa Nacional, a Vida Economica, a Vida Financeira e a Vida Intellectual da joven e sympathica Republica do sr. Masaryck.

Com esse novo trabalho o grande belletrista patricio ajunta mais um motivo de gloria a tantos outros já conquistados em sua brilhante carreira literaria.

"Jornal do Commercio" 17 maio 1922

O Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso collega de imprensa, recebeu do Dr. Diego Carbonell, Ministro Plenipotenciario de Venezuela no nosso paiz, a seguinte communicação:

"Señor. Con esta nota envio a usted el diploma de la Orden del Libertador con que el Gobierno de Venezuela ha querido premiar su brillante actividad de escritor cuya pluma siempre ha estado al servicio de aquellas causas que, como la epopeya sur americana, cuya personalidad culminante fué Simon Bolivar, simbolizan el culto au grandioso ideal de la emancipacion. Aprovecho esta occasion para felicitar a usted por tan merecida distincion. — *Diego de Carbonell*".

O Largo de S. Francisco e a Escola Polythechnica

de parada e partida das sacolejantes diligencias de São Christovam, no qual a Escola Polythechnica se mostra rebaixada dum andar, sem o frontão magestoso actual, e casas velhas e baixas se alinham onde agora se erguem edificações bem melhores. Ainda nessa occasião ocupava alli o logar da estatua de José Bonifacio um lampeão em que se amarravam burros de carga. E' o caso de dizer: *vieilles legendes, vieilles lunes...*

Depois, os olhos verão com agrado o velho largo da Gloria. Nada dos jardins maravilhosos de hoje dominados pela sumptuosa fonte Ramos Pinto e pelo monumento do Visconde do Rio Branco. Um só edificio nos dias que correm alli está como nesse tempo: é o Asylo de S. Cornelio. Onde está actualmente o paço do Cardeal, o Arcebispado, havia velho casarão, que era o Ministerio do Exterior, e um renque de casinhas grotescas com um fundo de terrenos vazios e jardins onde se abre a rua Benjamin Constant. Mas um attento golpe de vista descobrirá a Beneficencia Portugueza e varias casas antigas, ainda existentes, na redondeza, especialmente na rua Santo Amaro ou de D. Carlos.

PARISIENSES

A praia de Botafogo era tambem digna de nota ha quarenta annos ou mais. Um cáes restricto, com amuradas mambembes, sobradões velhos que já desappareceram e, entre elles, o antigo palacete do Marquez de Abrantes e dos Viscondes de Silva, onde Elhu Root esteve hospedado e que a gente de hoje, vae para isto annos, ainda vio. Nada do ajardinamento feerico de agora. Nada dos palacios magestosos que bordam a curva esplendida. E as falúas pinturescas ainda ancoradas naquellas aguas mansas.

O outro aspecto carioca que publicamos ainda é mais desconhecido: a rua da Ajuda, que a Avenida matou; o convento que os nossos olhos viram as picaretas demolidoras botar abaixo; um dos kiosques do terraço do Passeio Publico tambem demolido ultimamente; os minguados cáes da Lapa e da Gloria; e no fundo as mattas das encostas de Santa Thereza que já estão cheias de casas.

Deliciosa a vista da antiga Ilha das Cobras, tomada do Arsenal de Marinha. Nem se parece com o que é hoje, com os seus excellentes quarteis e a magnifica ponte Alexandrino de Alencar. Uma serie de esparsas e bizarras

---

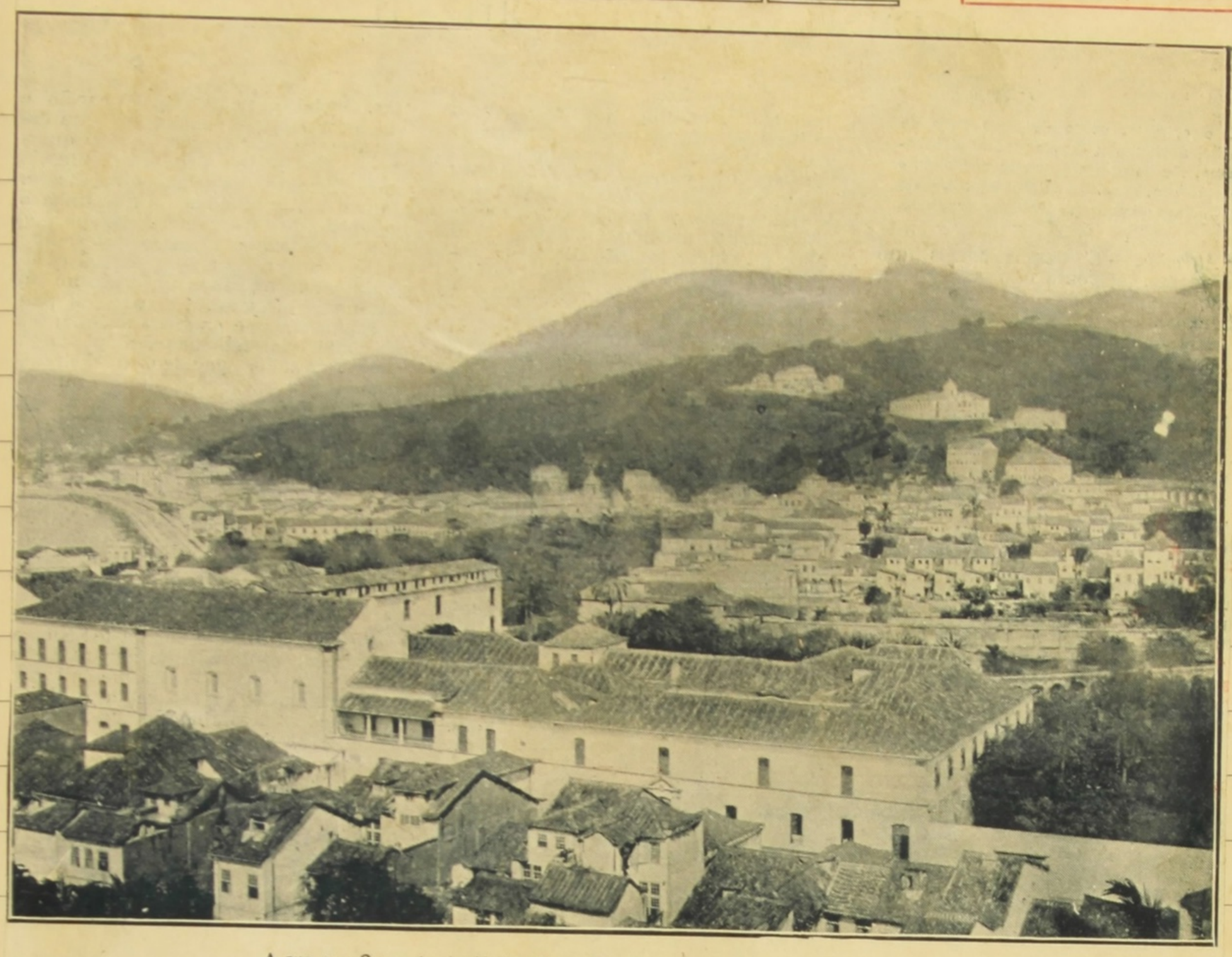
Acompanhava a este officio a seguinte carta do Sr. Ministro das Relações Exteriores de Venezuela:

"Tengo la honra de participar a usted que por disposicion del Ciudadano Presidente Provisional de la Republica, prévio el voto favorable del Consejo de la Orden de Libertador, y por resolucion de este Ministerio fechada el 13 Febrero ultimo, se ha conferido a usted la condecoracion de la misma orden; y espero que usted apreciará en todo su valor esta distincion con que Venezuela premia los servicios y meritos sobresalientes. Me es grato valer-me de esta oportunidad para ofrecer a usted las seguridads de mi distinguida consideracion. — *P. Santiago C.*"

O diploma assignado pelo Presidente da Republica e referendado pelo citado Ministro, está concebido nestes termos:

"El Presidente de Los Estados Unidos de Venezuela, previo el voto favorable del Consejo de la Orden, confiere la condecoracion de la Orden del Libertador al Señor Gustavo Barroso. Esta Orden, instituida en memoria del Heróe fundador de cinco Republicas de la America del Sur, és el honor mas preciado que la Patria acuerda a sus servidores distinguidos, asi como a aquellos que siendo o no venezuelanos se hacen dignos de ese honor por su merito sobresaliente o por los servicios que han prestado o presten a la humanidad."

(Varias)



A rua e o Convento da Ajuda, Santa Thereza e as praias da Lapa e da Gloria

edificações vetustas, culminadas por um velhissimo forte. E tudo isso morreu!

Vejamos agora o Sacco do Alferes, logar celebre pelo seu nome bizarro. Os seus progressos não têm sido muito grandes como os de outras partes da cidade; porém são de molde a ser preciso dizer que ahi é mesmo o Sacco do Alferes, pois o de hoje é sobremodo differente em tudo e por tudo.

Completamos o nosso passeio retrospectivo com uma vista de Petropolis, da Petropolis onde ia veranear a gente desse Rio de Janeiro que acabamos de evocar, com a elegancia das suas anquinhas, das suas crinolinas, das suas calças brancas e das suas immensas cartolas. Ella representa o Hotel Inglez, do qual ninguem mais se lembra e o velho paço imperial, hoje collegio, escondido entre arvores.

Se alguem da Petropolis antiga passeiasse pela Petropolis de hoje pensaria estar noutra cidade. O mesmo se daria em certas partes do Rio.

Approxima-se o nosso centenario da Independencia e nada mais apropriado do que recordar, com essas paysagens urbanas mortas e esquecidas, o Rio desapparecido, do qual sahio pelo nosso esforço constante o Rio maravilhoso dos tangos, da Avenida e das melindrosas.

PARISIENSES

PARISIENSES

J. N.

"Fon-Fon" - 6 - Maio - 1922

O presidente preto Hora de almoço. A' sombra de arvores, os trabalhadores da Prefeitura, largado o serviço de calçamento que faziam naquella rua deserta dum suburbio afastado, comiam nas suas pequenas marmitas, parolando. Eu esperava o bonde e divertia-me em ouvil-os a fallar.

Eram homens simples e rudes, abaçanados pelo sol os de pelle branca, typos portuguezes, luzentes de suor os de côr de ebano, nacionaes legitimos. De repente, um negro retinto, largando a colher de estanho sobre o arroz com feijão, perguntou:

— Quando será que haverá um presidente de Republica preto assim *que nem* eu?

Um dos lusitanos gargalhou ruidosamente; depois, exclamou:

— Nunca, ó rapaz! Nunca! Presidente preto só no Ameno Resedá!

E todos os demais riram como perdidos...

Alameda Nocturna Passeei num destes ultimos dias de chuva, espiritualmente, pela nocturna alamêda de admiraveis poesias que Rodrigo Octavio Filho plantou com o seu coração, para delicia dos que amam as obras de arte. Passeei pela nocturna alameda, por cima da qual paira

" a saudade mortal de um abandono
e a tristeza dolente
dos luares do outomno... "

alameda que tem a emoção duma prece

"mystica e dolorosa a consolar as almas."

E della sahi com uma grande saudade dos seus lindos, floridos versos que me embalsamaram de dôces pensamentos e me perfumaram a alma, de tal modo que era como se eu nella trouxesse as aromatas propiciatorias da rainha de Sabá.

Andei por ella em fóra em iniciações e aspirações de sonhos, can-

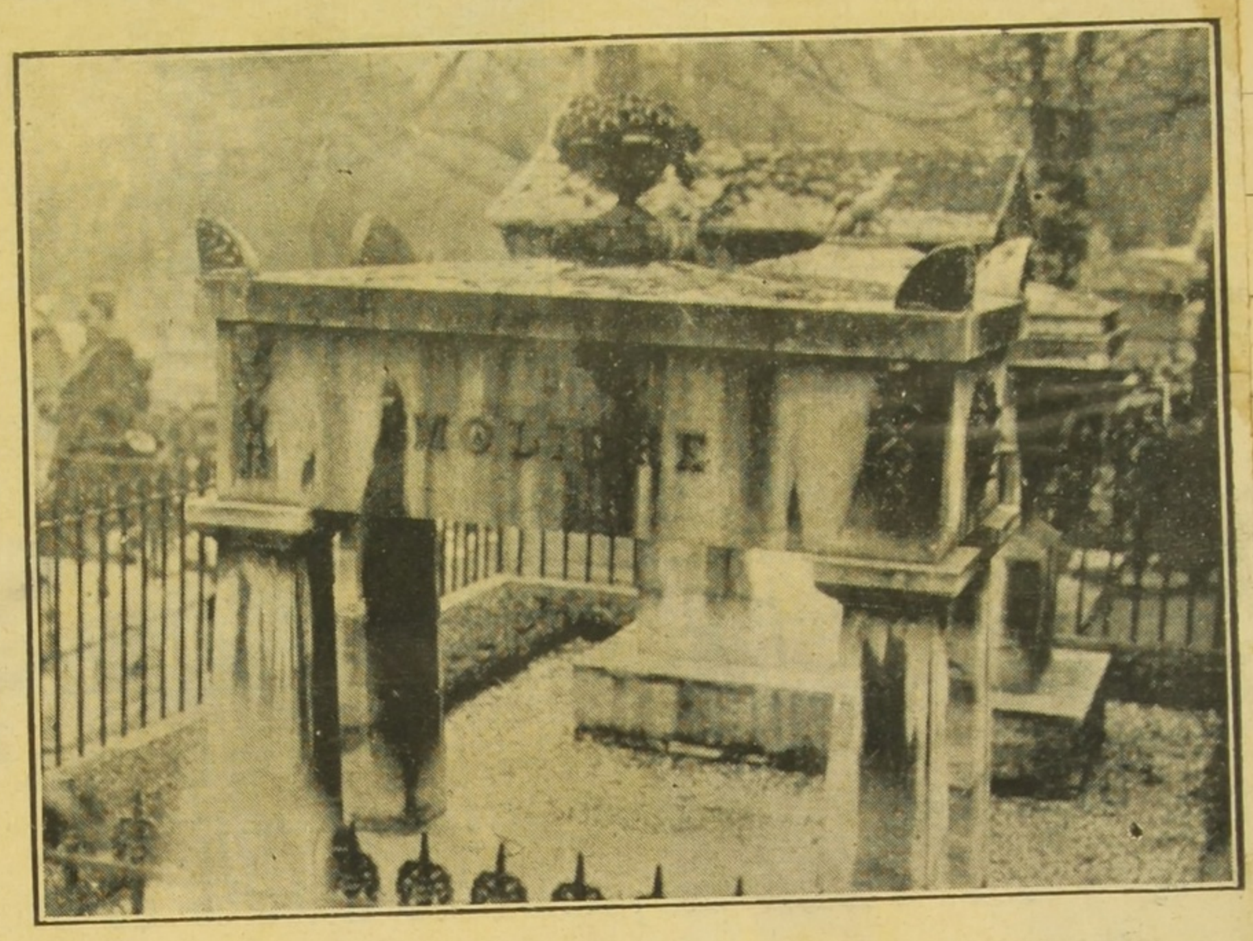
16 "Selecta" 30 Abril 1922 7

O Tri-centenario de Molière

Molière viveu no Grande Seculo e foi incontestavelmente grande como seu tempo. Seu riso domina a scena franceza, á qual legou uma serie admiravel de obras primas: *Le Misanthrope, Le Medecin malgré lui, L'amour medecin, Les Fourberies de Scapin.* E' elle o assombroso creador dessa figura verdadeira que encontramos a cada passo na vida: Tartufo. Bastaria tal creação para sua eterna gloria. No emtanto, elle creou dez outros typos dignos de estudo e que provam de sobejo a vastidão esplendida do seu genio.

O theatro de Molière, sendo comico, satyrico, é como o theatro tragico de Shakespeare; é eterno. As modas e os centenarios não o destróem. Antes o tempo lhe dá cada vez realce maior e mais duradouro. Contam-se já por centenas as obras que o commentam, illustram e criticam. Dentre a phalange dos classicos francezes o vulto de Molière cada vez mais ressalta envolvido no brilho da Gloria. Elle é sempre novo e sempre formidavel, porque foi profundamente humano. E do theatro francez passou a uma posição das mais dominantes no theatro universal.

A França não esquece, como nós, os seus grandes artistas. Jean Baptiste Poquelin, o Molière, é por ella amado entre os mais amados. Passou este anno o seu terceiro centenario e a França condignamente o commemorou. Juntaram-se para isso os esforços dos particulares ás decisões opportunas dos poderes publicos. E a commemoração teve repercussão mundial.



O tumulo de Molière.

O busto de Molière pelo esculptor Houdon.

Os grandes artistas da Comédie Française, Albert Lamber et Mademoiselle Pierat, interpretando papeis creados pelo autor do «Misanthropo», numa sala do Louvre, ao pé da estatua de Diana Caçadora.

"Fon-Fon" - 6 - Maio - 1922

Joanna Angelica Foi este o nome da primeira heroina da Independencia do Brasil e em commemoração do seu centenario o illustre e erudito historiador bahiano dr. Bernardino de Souza publicou um livro interessante. Joanna Angelica era abadessa do convento da Lapa na capital da Bahia, ao tempo dos disturbios alli acontecidos entre portuguezes e brasileiros em fevereiro de 1822. Os soldados luzitanos, penetrando no referido mosteiro, onde se haviam acoutado soldados brasileiros, mataram barbaramente a virtuosa Freira que impavida e serena lhe impedia a passagem, com a sua autoridade moral, atravez a porta violada de mansão do Senhor.

A obra patriotica do professor Bernardino de Souza revive em documentos ineditos e excellentes gravuras esse episodio de nossa historia e é um preito de admiração e respeito á memoria da religiosa humilde que foi morta sem arredar pé, no cumprimento do seu dever. O notavel historiographo bahiano vem com este ultimo trabalho dar mais uma prova do seu acendrado amor ás tradições da sua terra natal, que elle sabe contar com verdade em linguagem sã e elegante.

Nada se poupou para seu maior realce. O elenco da Comédie Française apresentou-se com os seus melhores membros encarnando os personagens principaes das melhores obras do grande comico. E o local escolhido para essa ressurreição molièresca foi o de maior respeitabilidade possivel.

A festa realizou-se nos principaes salões desse Louvre hieratico e faustoso que, no coração de Paris, encerra os maiores thesouros de arte do mundo e os mais nobres vestigios do passado da humanidade. Na sala famosa das Cariotides reuniram se Alceste e as Preciosas Ridiculas, Tartufo e os velhos medicos ridicularizados de béca preta e chapéo canudo. E os que assistiram a essa grande festa de arte viram um dos mais interessantes espectaculos que é dado aos homens presenciar e que uma mesma geração não tem a dita de vêr duas vezes.

— A «troupe» da Comèdie Française que representou os principaes papeis de suas peças, na Sala das Cariatides, no Museu do Louvre.

"Fon-Fon" 20 Maio 1922

Fon-Fon no Rio Grande do Norte

Nosso confrade de «Imprensa» de Natal, o escriptor Luiz da Camara Cascudo em conversa com um dos mais celebres cantadores sertanejos do Nordeste. E' este o afamado Fabião das Queimadas, que tem 72 annos de idade, 15 filhos, 16 netos e ainda possue doze dentes dos trinta e dois com que a natureza o brindou em 1850... Esse troveiro matuto foi escravo, alforriou-se, casou-se, comprou uma fazendola e nella reside com a familia, patriarchalmente, acatado e obedecido por todos. — Fabião das Queimadas é um cantador satyrico, repentista terrivel e commentador em verso das vaqueijadas e «pégas» de gado bravo. Alegre, motejador, dum sadio e espantoso optimismo, é analphabeto e frúe as vantagens de assombrosa memoria. Quando esse menestrel, um dos ultimos representantes do Brasil antigo de Nordeste, vae á capital do Rio Grande do Norte hospeda-se em casa das melhores pessôas do logar, tão querido é. Recebem-n'o com o maior carinho o Director Geral de Instrucção Dr. Manoel Dantas, o escriptor Henrique Castriciano, o nosso collega Luiz Cascudo. O Dr. Ferreira Chaves, actual Ministro da Justiça, quando era Governador do Rio Grande do Norte, festejava o velho Fabião, reunindo amigos para ouvil-o cantar, na sua residencia official.

Fabião das Queimadas já caminha para o tumulo, mas deixará um successor no «folk-lore» repentista do sertão: seu filho do mesmo nome, um Fabião mais jovem, que já vae, como dizem os sertanejos, «puxando a sustança do velho»...

Nos salões do Rio

O véto

Faz hoje uma semana que fui jantar em casa de Madame Saracura, viuva do Saracura que todos nós conhecemos, enriquecido pela guerra, que tinha um brilhante deste tamanho! no dêdo minimo e um automovel doirado com tres riscas azües e o monogramma delle, cada lettra com um palmo de tamanho, na portinhola.

Como ia dizendo e a lembrança do Saracura morto me impedio, fui jantar em casa da sua viuva, que os politicos e os almofadinhas frequentam, os politicos porque lá vae diariamente o Octavio Jagódes, o maior chefe eleitoral do districto, os almofadinhas porque ella lhes dá umas recepções intimas, em que, segundo dizem, a cocaina produz visões maravilhosas...

E eu, que sou um homem serio, porque vou lá? perguntará o leitor. Para ouvir de almofadinhas e politicos, mesmo de Madame Sacadura, coisas interessantes como a que vou contar. Veja o publico, pois, a quantos sacrificios se obriga o jornalista que deseja bem servil-o...

No jantar a que me refiro, estava presente o illustre representante da nação Pantaleão de Paula, que ultimamente se tem tornado tão notavel pelos seus enormes bigodes e pela voz tonitroante com que pronuncia as palavras sacramentaes—Sr. Presidente! —nos dias de *lá vem besteira*...

Sentaram-me junto delle e perguntei-lhe, para iniciar uma conversa:

—Que pensa o doutor do véto presidencial ao orçamento?

O deputado franzio a catadura e replicou aborrecido:

—Não penso nada, nem quero pensar. Nem o li todo, meu caro, nem entendi bem a parte que li. Mas votei a favor delle e não quero mais ouvir falar em tal coisa...

Fantasmas...

Não ha mais fantasmas. E' pena! Por mais esforços que a imaginação faça para evocal-os, elles morreram de vez. Só nas paginas retardadas de alguns litteratos ainda se topam essas pobres creaturas, mas tão mumificadas que fazem dó. A dura verdade é que não ha mais fantasmas, coitadinhos! Elles davam tanto encanto, á noite.

PARISIENSES

Matou-os sem piedade a luz electrica. Elles viviam das sombras. Os archotes antigos, as lareiras, as lampadas de azeite, mesmo os bicos de gaz respeitaram-n'os; porém a electricidade veio, infiltrou-se por todos os cantos escuros, diffundio-se por todos os escaninhos, clareou completamente a noite e os pobres fantasmas fallecêram...

Parce sepultis...

Nos salões do Rio

O papagaio...

—Sabes que a viuva Bibiana, tão em voga nos nossos salões, tida e havida por uma pessôa de fina educação, é em casa uma malcreada de truz, que trata os seus creados como cães, dizendo-lhes os peores nomes?

—Não é possivel!

—Juro que é!

—Juras por que? Em que te fundas para affirmar isto?

—No papagaio...

—No papagaio?

—Sim, carissimo, ella aborreceu-se com um papagaio que tinha ha muitos annos e deu-o de presente ao Jóca, meu irmão, que o levou para a sua *garçonière*. Fui a semana passada almoçar com elle e durante a refeição o bicho deu para gritar, imitando a voz de dona Bibiana: — "Cosinheira maluca, venha cá, desgraçada! O' seu chauffeur de todos os diabos, você não está ouvindo chamal-o ha meia hora, caxorro, bandido, miseravel. Ponha-se fóra daqui, sujo, ladrão!„ E ouvi mais algumas coisas, muitas bem peores!

—Nunca se devem dar papagaios de presente...

Nos salões do Rio

O osso do presunto

Este caso veridico que vamos relatar e no qual, estamos certos, ninguem acreditará passou-se ha dias no salão nobre de rico palacete onde havia elegante recepção.

O Dr. Paredes, que é um *gaffeur* de marca, conversava a uma porta com a illustre poetisa Carmen Flôres, muito decotada, apresentando ao publico os seus braços núS, magros e empoeirados pelos annos como os de um esqueleto. Falavam de modas. Lembravam coisas bonitas que se tinham usado e criticavam a falta de gosto dos cariocas. De repente, a litterata insigne diz, estirando o beiço humido, num geito de desdem:

— Que moda feia era a das mangas de presunto!

E o dr. Paredes, impensadamente, olhando-lhe os braços magros, attrahido pela *gaffe* como pela vertigem dos abysmos:

— V. Exa tem razão. Mas Infelizmente dos presuntos das mangas só restam os ossos...

18 "O Jornal" - 3 - Maio - 1922

"O Jornal" — 5 — Maio - 1922

NOTAS ESTRANGEIRAS

A CONSTITUIÇÃO DA POLONIA

A data de hoje, 3 de maio, cara a todos os brasileiros, porque nesse dia se plantou na nossa terra virgem o glorioso pavilhão dos descobridores, não é menos cara aos filhos da Polonia heroica. Nella a grande nação slava, tão justamente appellidada "A França do Norte", que Victor Hugo dizia ter no mundo sido a espada batalhadora no Oriente em prol das ideas occidentaes, commemora a sua constituição — ponto inicial do seu renascimento e do vigor da sua força politica que a oppressão estrangeira não poude esmagar.

A Polonia teve varios estatutos constitucionaes no decorrer de sua gloriosa existencia como nação livre, Entre elles o pacto de Koszyce, as leis de Harodlo, Nieszawa e Lublin e os "pacto convenita", de 1571.

Mas a constituição cujo anniversario hoje se festeja, posterior a esses acontecimentos, marca o ponto de que saiu toda a força nacional que permittiu á Polonia resurgir, após tanto tempo de dominio estrangeiro, coheza e forte.

Após a primeira mutilação do paiz de Kosciusko, as potencias vizinhas, apezar da sua illicita e desbragada ambição, deram algum descanso á Polonia. Fortalecida pelo soffrimento, ella comprehendeu a vantajosa lição que poderia tirar de sua dor. Ardentemente começou a corrigir seus erros passados, agindo para firmar a unidade nacional. Emquanto na França as idéas democraticas produziam o desencadeamento das paixões revolucionarias, nella contribuiam para restabelecer a ordem e a paz internas. Toda a nação se enthusiasmou pelas reformas sociaes e politicas. Discutiram-se as idéas prégadas por Jean Jacques Rousseau, publicando-se, após sua morte, a traducção dos seus conselhos á Polonia. Installou-se em Varsovia o primeiro Ministerio da Instrucção Publica da Europa. Não se fez mais uso do "liberum veto", desacreditado pelas intrigas estrangeiras, que intervinham perversamente nas deliberações das dietas "pro domo sua", bastando para esse effeito um imbecil ou um traidor. Pensou-se em tomar a realeza hereditaria, afim de assegurar a continuidade do poder executivo, supprimindo o perigo das eleições pela nobreza, nas quaes um unico voto contrario derrotava um candidato. Buscou-se na casa de Saxe um soberano, apostando as competições dos magnatas.

A dieta reunida em 1788, trabalhou dois annos, redigindo nova Carta liberal, na qual se realizaram todas essas reformas. Em 1791, a Assembléa Nacional aceitou a famosa Constituição de 3 de maio, cuja largueza de vistas e alto sentimento democratico causaram admiração no mundo inteiro. Ella inaugurava na Europa um regimen parlamentar estavel com um gabinete ministerial responsavel perante o Parlamento estendia o direito de voto aos burguezes e camponezes proprietarios facilitando por disposições especiaes a libertação dos servos da gléba. O maiores estadistas inglezes — Fox Payne, Burke — elogiaram essa grande obra politica na Camara dos Communs.

A esse nobre esforço para defender seu patrimonio moral, mental e territorial, respondeu a rapina austro-russo-prussiana com a segunda invasão da Polonia e sua segunda partilha. Foi a victoria infame da força de tres potencias contra os direitos dum povo glorioso!

Mas a nação não morreu sob as patas dos cavallos dos cossacos e sob as bayonetas dos austriacos e prussianos. As idéas do dia 3 de maio salvaram, dando-lhe forças para lutar pela liberdade sua e dos outros povos em todos os campos de batalha do mundo, até que sobreveiu a Grande Guerra e a "Polonia Restituta" surgiu esplendidamente para a sua liberdade.

Dahi o valor que tem para a nação de Pilsudsky a commemoração da grande data de hoje.

O Drama do Guriú

Meu passeio predilecto naquelle ardente verão passado numa casinha de taipa e têlha, na alva e desabrigada costa cearense, era sobre os morros ensombrados de coqueiraes que orlavam a praia recurva do Guriú. Mal nascia o sol, já eu tinha subido o dorso ondulado das dunas e lá de cima olhava as ondas verdes desfazendo-se numa renda de espumas. O céo, sempre alto e immensamente limpo, alaranjava-se á luz matutina e na planicie deserta do mar não se avistava um pennacho de fumo nem uma vela de jangada. Nunca tive sensação de solidão maior do que aquella. Parecia que naquelle recanto pouco conhecido do littoral caerense jámais houvera habitantes. Os graúçás e os maçaricos enxameavam nas areias humidas da baixa-mar, sem o menor receio da minha approximação, quando descia das dunas, como animaes de paragens onde nunca o homem tivesse pisado e desconhecida por completo fosse a sua innata crueldade. Entretanto, uma vez, encontrei por trás dumas altas moitas de pinhão bravo, sussurrantes de maribondos de chapéo, restos de forquilhas de antiga palhoça, ao mesmo tempo montões de conchas e de espinhas de peixe. De outra, da lombada do morro mais alto avistei uma corôa de terra que a maré vasante deixava a descoberto e onde me pareceu haver pequeninas estacas negras. E fiquei ansiando por quem me explicasse esses dois achados.

Passaram-se dias. Ao alvorecer dum dia santo, fui ao Guriú pescar bagres nas pedras dum pequeno arrecife, em companhia do velho João Cairara, o mais antigo pescador daquella redondeza, que morava dali a cinco bôas leguas de areia solta.

Indaguei delle se as forquilhas eram effectivamente de alguma casa de jangadeiro desconhecido e se as estacas da corôa eram restos dum curral de peixe. Respondeu-me a piscar os seus olhinhos vivos, orlados de palpebras debruadas de vermelho que o vento rijo do oceano limpara de pestanas, deixando-as como as daquelles que soffrem de sapiranga:

— As forquilhas são da tapera dos Nicacios e as estacas são as cruzes do logar onde elles morreram.

Com o braço nú, escuro e rude como uma raiz de mangue apontou o banco distante que a baixa-mar descobria:

— Vosmincê conte. São seis, nem uma de mais, nem uma de menos. O mar carregou as travessas das cruzes e só ficaram os esteios de pé. Conheço aquelles páos um por um. Fui eu mais o compadre Néco do Socó-Boi que os enterramos lá, mode aquelles christãos terem ao menos um arremêdo de sepultura. Credo! Deus lhes fale ás almas!

Pedi ao velho pormenores do drama que adivinhara e elle n'os deu, sentado numa pedra, o caximbo apagado e esquecido entre os dedos, emquanto o sol punha um sulco de sombra em cada ruga do seu rosto côr de algodãosinho de jangadeiro tinto com muricy e engilhado como uma vela de jangada que a calmaria deixa cair tristemente sobre o páo da retranca.

Foi nessa occasião que eu soube a historia dos Nicacios. Eram uma familia de oito individuos — pae, mãe, um tio velho e quatro filhos dos quaes tres rapazes e uma menina nota. Tinham vindo do sertão ardente de Maria Pereira a pé, famintos, escorraçados pela secca impiedosa dos dois setes (1877). Aboletaram-se naquelle recanto do Guriú, construindo uma palhoça com forquilhas de sabiá, varas de canassú e palhas de carnahuba. Nada sabiam da vida audaz e livre dos jangadeiros. Quando chegaram, não distinguiam sequer os páos da jangada, confundiam os bordos e os meios, eram até capazes de pensar que a Guimanga servia para ancorar a embarcação, o tauassú para levar comida e a tapinanbaba, para jogar agua na vela destendida pelo terral matutino... Mas com algum tempo, ajudados pela necessidade em primeiro logar e pelos pescadores das proximidades em segundo, já tinham arranjado boas raizes de timbauba e com ellas construido um "bóte" e um "paquete". Já se não alimentavam somente de mariscos, aratús, carangueijos e bagres do arrecife. Já se lançavam ao mar, quebravam as tres primeiras ondas perigosas, deslizavam sobre os "jazigos" e iam a força de remo até á corôa fronteira pescar melhores peixes. Estavam até engordando...

Mas, como não ha mal que se não acabe, não ha bem que sempre dure. Uma feita, a familia toda foi pescar na corôa e demorou-se demais. A maré encheu, quando estavam descuidados, levando as duas pequenas jangadas encalhadas na areia humida do banco. Ficaram sem meios de voltar e a agua crescendo de todos os lados, rodeando-os ameaçadoramente! De todos elles só o velho Nicacio sabia nadar. Deitou-se ás ondas, afim de alcançar a praia e apanhar o "bóte" e o "paquete" que as vagas certamente lá iriam levar. Antes de ir, recommendou que todos de mãos dadas ficassem sobre a corôa. A agua cobril-a-ia, chegando-lhes até os hombros; depois, baixaria de novo. Que tivessem paciencia e esperassem. Mesmo que não conseguisse rehaver as jangadinhas, o caso não era de morte certa.

Porém o sertanejo inexperiente da vida naquellas praias ermas não se lembrava do maior inimigo do pescador, dos tubarões famintos e ferozes que pullulam naquellas traiçoeiras aguas verdes. Emquanto as ondas davam pela cintura da mulher, do irmão e dos filhos, emquanto elle procurava ás pressas, tendo alcançado a costa, as embarcações perdidas, um cardume de esqualos vorazes surgiu em volta do bando assombrado. O pobre do Nicacio ouviu o grito dos seus, olhou e viu as barbatanas escuras dos monstros á flor das aguas move-

19

diças. A maré subia. Os infelizes debatiam-se no mar e os tubarões, virando-se de dorso para baixo, vinham furiosamente, os papos amarellos para cima, contra os prisioneiros do oceano!

Desesperado, elle achou o minusculo "bóte", saltou nelle, empunhou o remo curto, subiu na crista branca das vagas e veiu, gritando, em soccorro dos seus. Chegou tarde. Sómente encontrou boiando sobre a face luzente do mar pedaços de membros que os cações disputavam, grandes manchas vermelhas diluindo-se aos poucos. E como doido ficou desamparado sobre o "bóte", gritando, gritando, emquanto os tubarões rabanavam em redor ainda insatisfeitos! . . .

A' tarde, o Cairaia e o Néco, passando por acaso pelo Guriú, viram aquelle vulto de homem que o mar embalava sobre quatro raizes de timbauba. Deitaram-se a nado e rebocaram o "bóte" com o Nicacio desfallecido para terra. O desgraçado voltou a si para contar a tragedia em que desapparecera a sua familia. Depois, foi amalucando, dizendo umas coisas pelas outras, fazendo asneiras sobre asneiras, até que morreu doido varrido, tornando-se furioso ao ver qualqur peixe e passando horas inteiras a atirar pedradas ao mar, para matar os tubarões . . .

João do NORTE.

(Do livro "Tamboeiras").

"Fon-Fon"
6 Maio
1922

Quem vê cara... E' um pequeno livro, optimamente impresso, pertencente á linda bibliotheca da Rainha Mab, que os editores paulistas Monteiro Lobato & Cia. acabam de pôr á venda. O miolo do volume é tão bello quanto a casca. Basta dizer que contem uma serie de pequenos contos do nosso querido collaborador Mario Sette, o consagrado autor da "Senhora do Engenho". São trechos de prosa viva, brilhante e formosa, cheios de observação fina, de sentimento e de emoção esthetica. Com elle, o escriptor do "Ao clarão dos Obuzes" dá mais uma prova do seu talento e da sua operosidade. Entre os novos nomes da actual geração litteraria, o de Mario Sette é um dos mais dignos de attenção e de elogio.

"Quem vê cara ..." é dedicado a Monteiro Lobato e Gustavo Barroso.

tando o mar e o navegante, caminhantes e cavalleiros medievos, ouvindo nocturnos smorzados e ardentes sonetos de amor, vendo paysagens e jardins, olhando aguas-fortes, sabendo de lendas espiritualizadas, deixando os olhos descançar emotivamente nas sombras suaves da saudade e do amor.

Que o delicado gravador de tanta poesia plante novas alamedas para o meu prazer.

Jota

"O Jornal" = 13 Maio 1922.

OCARA-POTY

A lingua guarani não morreu. Falada pela grande maioria das tribus que os conquistadores peninsulares encontraram, vagueando entre a Amazonia e os pampas sulinos, tão difficil de entender na subtileza de seus sons, que o padre Veira affirmava não conseguir comprehender-lhe vogaes e consoantes mesmo chegando o ouvido "á bocca dos barbaros", não desappareceu completamente da face da terra, embora tivesse sido destruida pelo caldeamento com os elementos brancos e negros ou a ferro e fogo a raça glutona, preguiçosa, incapaz de progresso que a falava. Da humanidade tupiguarani tudo naufragou e só se salvou a lingua. Não somente ella continuou a viver entre tabas esquecidas dos sertões brasileiro e na nomenclatura geographica de tres quartas partes da nossa area, porém uma nação a apertou sobre o coração e com ella tem vivido até hoje, vasando nas suas formas rudes quasi todas as expressões da sua vida intima, da sua historia, dos seus usos e das suas manifestações sociaes e politicas.

O guarani, que Montoya e Couto de Magalhães carinhosamente queriam, é uma lingua ás vezes aspera, selvagem, rescendendo ao perfume das selvas floridas de orchidéas. Lingua duma raça decadente, que a conquista estrangeira varreu á espada, a chuço, a arcabuz e a dente de cão do solo nativo, legou unicamente aos seus pósteros as formas a que attingira com o limitado gráo de civilização dos indigenas sul-americanos. Entretanto, ha nella bellezas rudes, encantadoras ingenuidades e um véo cinzento de profunda melancolia cobrindo tudo.

Morta a humanidade que lhe deu vida, ella subsistiu falada por um povo inteiro, que é justamente o mais heroico, o mais insulado, o de maior energia vital do continente, aquelle que nunca mediu o tamanho dos inimigos contra quem teve de combater e, ficando vencido, sentiu-se coberto de tanta gloria quanto os vencedores.

Com effeito, a grande base da resistencia nacional do Paraguay, esteio inquebrantavel da sua vitalidade e muralha instransponivel da sua independencia, é, certamente, essa velha e selvatica lingua guarani ou tupi, que todos os seus filhos falam, em que todas as suas mulheres pronunciam palavras de amor, em que os seu poetas cantam e os seus homens politicos discursam, com que os seus guerreiros se incitam uns aos outros no campo de batalha e com que os velhos contam aos novos as glorias do passado.

Deve o Paraguay á educação jesuitica da sua formação, que isolou os indigenas nas "reducções", para reduzil-os á civilisação, o grande serviço da conservação da lingua dos seus avós da raça aborigene. E' a instrucção militar dos mesmos, que o padre tyrolez Antonio Sepp presenciou em 1691, seu alto valor guerreiro. Foi essa organização dos missionarios da Companhia, tão gabada por Montesquieu e Voltaire, cujos vicios basicos Bœhmer escalpella e cujos defeitos profundos a vista percuciente de Alexandre de Humboldt descobriu, o motivo principal da conservação do idioma abanheé. Se em dioceses brasileiras, onde havia menos intensa catechese de indios pelos padres de Jesus do que nas missões do sul, se crearam cadeiras, nos seminarios, para o ensino do falar do selvagem, imagine-se a que desenvolvido estagio de progresso não chegou a divulgação e estudo dessa fala geral no Paraguay inteiramente entregue á Companhia.

Fariña Nuñez exaggera por certo ser proprio modo de pensar e de sentir, quando escreve que o guarani tem qualquer coisa do Verbo, do Logos primitivo. Não está na sua força intrinseca a razão de sua duração no Paraguay, queremos crer; antes, no concurso das circumstancias historicas e sociaes, desde o inicio de sua colonização até hoje. Entretanto, estamos de pleno accordo com o publicista paraguayo Benitoni quanto ao direito desse idioma americano formar ao lado de outras linguas cultas, desde que lhe dêm organização definitiva, dotando-o de regras orthographicas e grammaticaes logicas e uniformes. E tambem achamos que a nação paraguaya tem motivos de sobra para se orgulhar da posse, em pleno vigor inteira e indiscutivel, da unica lingua aborigene escapa á conquista européa.

Mas antigos talvez, mais nobres, mais completos, sossobraram para todo o sempre o maya culto, o nahoã que Fray Geronimo Mendieta elogia, falado pelos aztecas, o tolteca vetusto, e o quichua e o aymará do Peru'. Na vastidão do nosso Noroeste, tribus errantes ainda falam o guarani; mas até das nossas manifestações folkiloricas elle começa a desapparecer.

Eruditos como von Den Steinen e Capistrano de Abreu podem salvar do esquecimento, com infatigavel labor, dialectos "panos" dos Sibos e dos Caxinavás; porém nenhum povo falará mais esses **rã-txa hu-ni-ku-i**, nos dias aziagos aquelle em que a onça tiver comido ou as doenças tiverem matado derradeiro filho da tribu. Com o abanheé ou "lingoa geral" dos chronistas dos descobrimentos não se dará o mesmo caso. Uma nação o fala; não somente o fala: ama-o, o que vale muito mais. Ha jornaes que nelle se publicam: o "Kavure-i" de Assumpção, por exemplo. Ha livros e mais livros impressos em tupi.

As melhores mentalidades do Paraguay contemporaneo exalçam a lingua-geral. Vimos um Fariña Nuñez comparal-a ao Logos genesiaco. Veremos, agora, o escriptor Justo Benitez falar delle com este bello enthusiasmo:

"Son verderamente asombrosos el numero como el donaire de sus modismos; giros que hablan de una honda penetracion; equineos que se prestam a una sutil ironia; palabras que resumen todo un estado de alma; suaves y delicadas nas voces para el amor; empresiones de energia y afirmación como un grito de guerra, y toda la gama del alma de una raza que vivia en contacto intimo con la naturaleza... Idioma chispeante, el guarani se caracteriza por la precision y propriedad de sus nombres; y si bien sus adjectivos no son muy ricos en matices, son expresivos e llenos de gracia; copia e imita la rica naturaleza tropical como puede observarse en el nombre de los animales y de las plantas; la onomatopéa es predominante y no falta la musica que hace armoniosa a las lenguas. Fuerza es conservalo como vinculo social; cultivarlo como exponente de nacionalismo inquebrantavel, frente a las immigraciones y a las veleidades del tiempo; estudiarlo como fuente fecunda de ensenañzas".

20

O guarani fálado no Paraguay moderno, ligeiramente influenciado pelo castelhano, affirma-se sobretudo como uma lingua patriotica, desfralda-se como um estandarte de nacionalismo. Podemos dizer isto, com segurança, folheando as paginas dos dois volumes do poeta paraguayo Narciso R. Colmán, intitulados "Ocara Poty", em segunda edição da casa Ariel de Assumpção, contendo as Flores Sylvestres (traducção do titulo) do autor, poesias em guarani, e uma pequena anthologia de trovadores da mesma lingua. Tanto na primeira como na segunda parte da obra quasi dominam as producções patrioticas, quer epicas, quer narrativas, quer tristes, quer enthusiasticas e quer satyricas. Mas, no fundo, sempre a mesma nota ardente de amor pelo paiz e pelas tradições.

Com a metrica castelhana, na escola romantica de Compoamor, applicada ao idioma tupi, Narciso Colmán canta, no poemeto "Lope-Cué", os invalidos da guerra da Triplice-Alliança contra o seu paiz, victimas da ingratidão da gente nova. Nas quadras do "Combate-Paraguari", desenha a ultima etapa da revolução de Albino Jara. No episodio de Pancha Garmendia, lenceado por ordem de Solano Lopez, em Ygatimi, condemna o crime feroz de Madame Lynch. Na ode ao "Yvága Rapé", descreve o Paraguay paradisiaco, uberrimo coração da America meridional.

Entre seus collegas da anthologia ha mais fortes, talvez, nesse enthusiasmo. Natalicio Veras infundia coragem aos que resistiam á invasão brasileira, ao tempo de Lopez com o seu "Cai, yaguá jha mbopi" em que os chefes do Estado da Triplice entram nesta quadra:

"Pedro Segundo el cai
Bartholo Mitre el yagua,
Venaicio Flores mbopi,
La Triple Alianza guá".

Esse vate patriota cantou mais pela typographia do "Cabichui", no Passo-Pocu', o "cielito" de Curupaity, e o "Yataity-Corá", em que diz.

"Eye jheyá Pedro Segundo
Nde reipyjhyhi chéve Asuncion,
I pituvá co ne cambá
Ilha ndipu' acai co ne cañon".

Depois dessas referencias ao Imperador, aos negros (cambá) e aos canhões reporta-se á Imperatriz, aos generaes "cuéras" e ao Marques, simplesmente o Marquez e, após, Duque de Caxias. Nas coplas do "Pandorga-Vevé" appellida-o "Cachiai" e mesmo lhe dedica a poesia "Marqués Càchiâi", que termina por uma saudação á liberdade: "Nande libertá!" E' curioso que, na lingua da raça mais livre do mundo o indio americano, cujos descendentes mestiçados dizem communmente nos nossos sertoes nordestinos: "Deus é grande, mas o mato é maior!" não exista uma palavra para significar aquillo que elles mais possuiam: — a liberdade! E ainda nessa anthologia o cantor Guarán faz um elogio á morte de Solano Lopez, sob a epigraphe "Cerro-Corá", pregando a idéa de erigir-lhe um monumento.

Foi essa lingua curiosa e barbara em que Lindsay verteu a Biblia, cujos vocabularios e diccionarios foram feitos por Obelar e Florencio Veras, a grande mantenedora desse fogo sagrado de nacionalismo, que extravasa da poesia guarani do paiz, mesmo de dentro da bella alma profundamente romantica de Narciso Colmán, o cantor da "Carujhá", a nossa saudade, o autor do canto elegiaco da "Novia Angué"; o delicioso evocador do "Corochiré", que modula engaiolado as suas penas, das "taperas" que nos ficam n'alma quando fogem os amores que ali moravam; o revoltado contra a hypocrisia do "Tova Mocoi"; o satyrizador do "Pirá-piré", escama de peixe dourado, o Dinheiro-dono do mundo; o ironista do "Teco Rei", condemnando os Accacios sociaes; o contador fantastico das apparições das "Poras", duendes indigenas das brenhas, e o delicado consagrador das tradições avoengas do "Nño Ara", dos presepios das festas patriarchaes do Natal.

"Ocara-Poty": — Narciso Colmán tem razão em dar este titulo a seus versos. Elles são, effectivamente, sylvestres. A sua maior belleza é justamente essa espontaneidade singela numa lingua bizarra e primitiva, que é tambem uma bem entretecida rabéi de flores do mato.

João do NORTE.

"A União" Rio - 11 - Mai - 1922

Necrologio do diabo

O sr. João do Norte, festejado auctor de uns contos em que nem sempre sahe illesa a Moral, escreveu, ha dias, no *O Jornal*, dous artigos, em continuação, sobre demonologia ou tratado dos demonios.

Permitta-me o illustre escriptor extranhar-lhe o modo pouco reverente como sóe referir-se ás cousas da Religião.

Exhibindo uma erudição na verdade invejavel, João do Norte mistura alhos com bugalhos, confundindo o *genio máo* (*cácon daimon* ou simplesmente *daimon*) das Paginas Santas com as entidades sobrenaturaes conhecidas de todos os povos da terra, e dirige o fio de seu discurso até á conclusão de que os filhos de S. Francisco de Assis concorreram beneficamente para o desapparecimento da crença no diabo que,—portanto, não existe mais nos tempos actuaes.

Da crença no fim do mundo, diz elle, crença para a qual contribuira poderosamente o Apocalypse de S. João, foi que nasceu o *grande terror do demonio*.

Convém notar que desde as primeiras paginas da Escriptura o demonio é descripto como um espirito maligno e malfeitor, e que, portanto, o temor ao demonio sempre existiu; antes do Apocalypse já S. Pedro proclamava que o demonio, qual leão furioso, se esforça por devorar os homens: *adversarius vester diabolus tamquam leo rugiens circuit, quaerens quem devoret* (I P tr., 5, 8). Já no livro da Sabedoria (2, 24) encontramos o epitheto *diabolus* e *diabolos*, quer dizer *calumniador*. Ao proprio Christo procurou o demonio arrastar ao mal e quando, confuso, se retirou, só o fez á espera de um momento favoravel. (*Cairos*, Luc., IV, 13).

Antes de S. João escrever o Apocalypse, já os christãos estavam apprehensivos a respeito da *parousia*, isto é, o advento proximo de Christo ou o fim do mundo; nas suas epistolas aos Thessalonicenses, S. Paulo censura o desanimo dos christãos que, medrosos da eschatologia, nem queriam mais trabalhar. Como é, pois, que João do Norte attribúe só ao Apocalypse a apprehensão dos fiéis acerca do fim do mundo?

«Moysés desconhecera o dogma da quéda, mas elle foi trazido pelos rabbinos de Babylonia».

Eis ahi duas affirmações gratuitas numa pequenina phrase.

E' verdade que o auctor do Pentateucho guarda silencio sobre a historia da quéda dos demonios; mas, concluir dahi que Moysés ignorava esse facto, é o mesmo que concluir que João do Norte desconhece a queda dos Hohenzollerns ou a das Habsburgos, dos Orléans... uma vez que nos seus livros não achamos siquer uma allusão a esses factos da historia contemporanea. Logicamente, só poderiamos concluir que Moysés não descreveu a quéda dos anjos por se tratar dum *hors-d'œuvre*, assumpto que lhe não servia ao intento.

«Mas, foi trazido pelos rabbinos...» *Quod gratis asseritur*...

Os rabbinos, antes do captiveiro de Babyloma, pouco ou nenhum contacto tinham com os Chaldeus; antes dessa época, não consta de intercambio intellectual ou commercial entre Judeus e Babylonios, mesmo porque a importancia de Babylonia só começa com a destruição de Ninive, muito depois de Salomão, no tempo de Habopolassar. Mas, antes disso, já o propheta Isaias tinha feito allusão á queda de Satanáz na figura de um futuro rei babylonio: *Quomodo cecidisti, Lucifer, qui mane oriebaris? Qui dicebas: Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo. Verumtamen ad infernum detraheris* (XIV, 12—15).

Mais. Alguns seculos atraz, quando Babylonia era obscura ou, talvez, nem existia, já o santo Job se referia á queda dos demonios: *In angelis suis "reperit" pravitatem* (Cap. IV). Bem sei que auctores não pêcos, entre os quaes Bossuet, attribuiram o livro de Job ao proprio Moysés, o qual, nesta hypothese, se teria referido á queda dos anjos. (Bossuet, *Discours sur l'Hist. Univ.*, 2· parte, cap. III; Fleury, *Hist. da Relig.*; Vigouroux, *Manuel Bibl.*)

Como quer que seja, o poema de Job foi escripto, no mais tardar, no tempo de Salomão (Hoël Alexandre, ap. Vigouroux), e nesse tempo Babylonia era sem importancia.

Concluamos estas notas com os proprios dados que o erudito João do Norte nos fornece.

Não só a existencia do demonio é admittida por todos os povos sinão que até o dogma da queda tem vestigios entre muitas nações; mas, como disse Guilherme Pariziense, aquillo que é universalmente crido é verdade, porque a natureza ou a voz da consciencia universal não se engana: *quod natura universaliter confitetur, necesse est verum esse; naturam enim universaliter mentiri impossibile est.* Portanto, ainda resta do diabo mais que *uma pallida lembrança*: resta a sua existencia, em que pese aos que postergam o testimunho da Biblia.

Faz ao caso o que succedeu a um cura de aldeia quando viajava de estrada de ferro em companhia de uns estudantes. Estes, para o ridicularizarem, lhe perguntaram:

—O sr. vigario não sabe da ultima noticia dos jornaes?

—Não, qual é ella?

—A morte do diabo.

—?!

—Sim, o diabo morreu, confórme noticiam as folhas.

—Pois então, srs. estudantes—accrescentou o padre, entre froixos de riso—acceitem *estes tostões*: eu sempre gostei de proteger os *orphãos* e vejo que vocês estão no caso.

* * *

Não se illuda o eminente articulista. Ha, ainda hoje, quem tema o diabo; tanto é verdade isto, que até ha quem lhe queira a morte e chegue mesmo a noticial-a nas folhas.

Quanto a mim (confesso-o ingenuamente), eu desejava que tal noticia fosse verdadeira e até quizera, a esses necrologios, poder accrescentar um epitaphio qualquer, por ex., este:

«Aqui jaz d. Belzebut,
Cavalleiro, cuja morte
Lhe foi dada em campo raso
Pelo sr. João do Norte.

R. I. P.»

Pe. F. Maria de Sequeira.

27

"Selecta" 13 Maio 1922

FIGUEIRA DA FOZ

Estatua de Fernandes Thomaz, na praça 8 de Maio, em Figueira da Foz.

O conselho da Figueira da Foz tem no seu maior comprimento de N. a S. 31,5 kilometros e a sua maior largura é de 17 kilometros de E. a O.

A montanha mais importante neste conselho é a serra de Buarcos ou de Boa-Viagem. E' séde de comarca, pertence ao bispado de Coimbra, á 5.ª Divisão militar e ao districto judicial da relação de Coimbra. Dista de Coimbra 50 kilometros. E' testa de duas linhas ferreas: a de O. e a da Beira Alta. E' situada em terreno quasi plano, na margem direita do Mondego.

Costumes de mulheres do povo em Figueira da Foz.

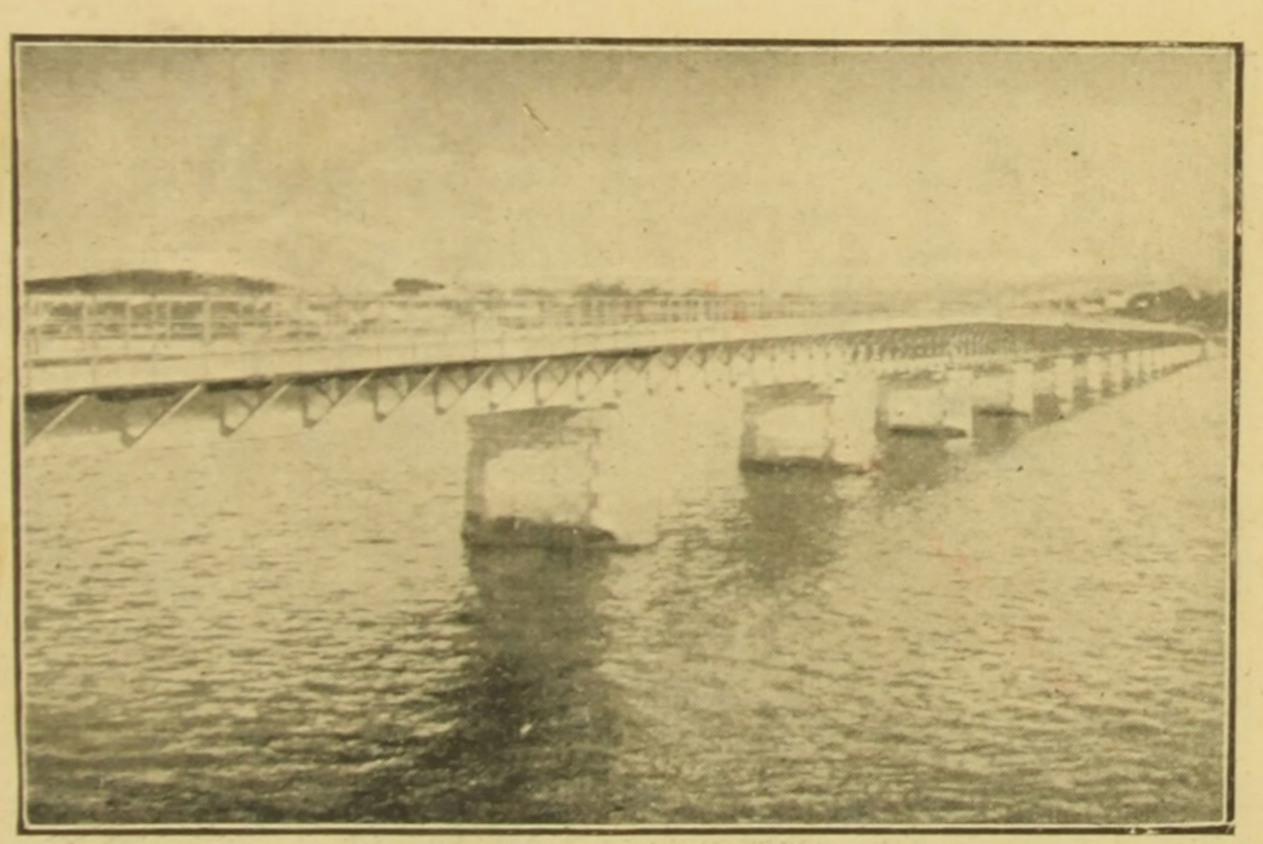
Pode dizer-se que é, no centro do paiz, um dos poucos portos de mar, sendo magnifica a sua praia que na epoca balnear é concorridissima, não só de portuguezes como tambem de espanhóes.

Nossas photographias mostram varios e mui curiosos aspectos da interessante região de Figueira da Foz. Em primeiro logar, mulheres do povo com os seus costumes tradicionaes, conduzindo objectos á cabeça ou lavando roupas na agua clara dos ribeiros. Depois, a bella enseada de Buarcos, com a sua deliciosa praia de banhos, onde se perfilam ao sol as barraquinhas dos banhistas, coisa que ainda não temos, convenientemente, por aqui. Neste ponto, Copacabana está mais atrazada que a pequena cidade portugueza...

As lavadeiras do rio da Varzea em Figueira da Foz.

A ponte sobre o dôce e poetico Mondego, moderna e util, estende o seu aranhol de ferro á face espelhante do rio que recorda a meditação de Ignez de Castro.

A estatua de Fernandes Thomaz se ergue entre arvores, ao meio da praça de 8 de Maio, na cidade da Figueira, praça que é sem tirar nem pôr as das nossas cidades do interior, as quaes ainda mostram hoje a physionomia architectural das casas avoengas de além mar.



Ponte de Figueira da Foz sobre o rio Mondego.

"Fon Fon" 13 Maio 1922

Nos salões do Rio

"Sans façon moderne..."

— Chegaste de viagem?

— Cheguei hontem e cásado.

— Casado! Commeteste essa asneira?

— Todos nós a commetemos.

— Contra quem te casaste?

— Contra, é bôa! Contra a Mariasinha Véles, que encontrei no mesmo hotel em Paris. Nosso casamento foi realizado na egreja de Saint Philippe du Roule, *très chic!*

— Quem é a Mariasinha Véles? Gente daqui ou de S. Paulo?

— Optima! Não te lembras da Mariasinha, que appellidavas a Menina de Ouro, tua namorada ha tres annos, com quem tu fôste encontrado aos beijos na gruta do jardim do coronel Crysantho, em Santa Thereza, no *reveillon* de 1919? Pois é ella, a mesma, a minha mulher.

— Ah?!?

— Estamos residindo em Ipanema, á rua Furtado 419. Apparece. Vem jantar segunda-feira. A Mariasinha gostará de te vêr! Vens?

— Irei.

22

"Fon-Fon" - 13 - Maio - 1922

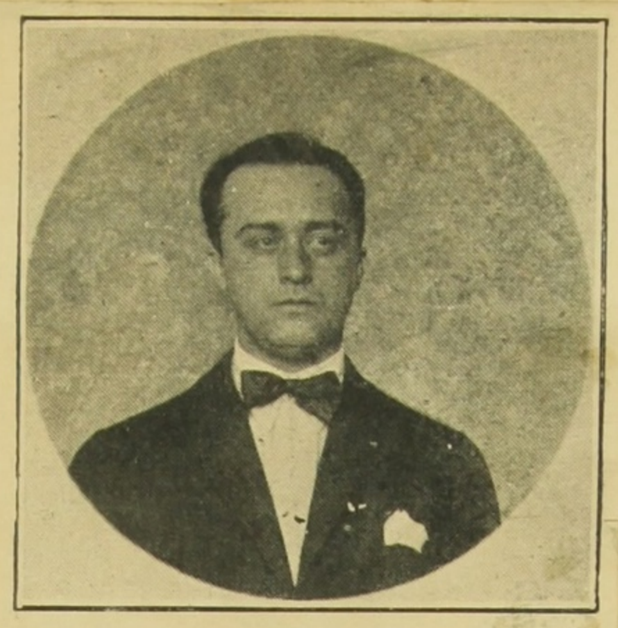
10

NOTAS INTELLECTUAES

Homenagem a um escriptor

Gustavo Barroso (João do Norte) nosso companheiro de trabalho, é um conhecedor arguto de assumptos internacionaes. A sua collaboração para a imprensa diaria revela essa faceta curiosa do seu bello espirito. Ainda agora vem de publicar um livro — « Coração da Europa » — em que uma nova nação, a Tcheco-Slovaquia, é divulgada no seu passado, nas suas artes, no seu governo, e na sua situação economica e social.

Não ha muito, como em premio a esse antigo e nobre esforço, pela cordealidade e conhecimento reciproco entre as nações, elle recebeu a seguinte communicação :



« Señor. Con esta nota envio a usted el diploma de la Orden del Libertador con que el Gobierno de Venezuela ha querido premiar su brillante actividad de escritor cuya pluma siempre ha estado al servicio de aquellas causas que, como la epopeya sur americana, cuya personalidad culminante fué Simon Bolivar, simbolizam el culto al grandioso ideal de la emancipacion. Aprovecho esta ocasion para felicitar a usted por tan merecida distincion. *Diego de Carbonell* Ministro plenipotenciario e Enviado extraordinario de Venezuela. »

Acompanhava este officio a seguinte carta do Ministro das Relações Exteriores de Venezuela :

« Tengo la honra de participar a usted que por disposicion del Ciudadano Presidente Provisional de la Republica, prévio el voto favorable del Consejo de la Orden del Libertador, y por resolucion de este ministerio fechada el 13 de febrero ultimo, se ha conferido a usted la condecoracion de la misma orden ; y espero que usted apreciará en todo su valor esta distincion con que Venezuela premia los serviços y meritos sobresalientes. Me es grato valerme de esta oportunidad para ofrecer a usted las seguridads de mi distinguida consideracion. *P. Santiago C.* »

O diploma recebido pelo nosso companheiro está concebido nestes termos :

« El Presidente de los Estados Unidos de Venezuela, prévio el voto favorable del consejo de la Orden, confiere la condecoracion de la Orden del Libertador al Señor Don Gustavo Barroso. Esta orden' instituida en memoria del Heroe fundador de cinco Republicas de la America del Sur, és el honor mas preciado que la Patria acuerda a sus servidores distinguidos, asi como a aquellos que siendo o no venezolanos se hacen dignos de ese honor por su mérito sobresaliente ó por los servicios que han prestado o presten a la humanidad. Dado, firmado e sellado con el Sello del Ejecutivo Federal y refrendado por el Ministro de Relaciones Exteriores en el Palacio Federal em Caracas, a trece de Febrero de 1922. Año 112º de la Independencia y 63º de la Federacion. *Marques Bustillos*, Presidente de la Republica. *P. Santiago C.*, Ministro das Relações Exteriores. »

"Fon-Fon" 13 Maio 1922

"Fon-Fon" 6 - Maio - 1922

Nos salões do Rio

O tri-centenario de Molière

Extranhei o outro dia, em casa do doutor Protógenes Limão, que dava uma recepção elegante, que, tendo sido no Brasil commemorado um dos centenarios de Dante, não fôsse tambem celebrado o terceiro seculo de Molière. A Italia não devia nos merecer mais homenagens do que a França. Então, o meu amigo Alcibiades Luz, que é uma lingua viperina, assegurou-me ao ouvido que o dono da casa onde estavamos era a celebração viva, com sua familia, do grande comediographo francez.

— Como ? indaguei avido.

— Elle é *misantropo*, a mulher e as filhas são *preciosas* e *ridiculas*, o filho é um perfeito *Sganarello* e corvejando em torno dos hombros nús da senhora Limão os *Don Juans* enxamêam...

Fiz o signal da cruz :

— Que lingua !

Li algures num jornal francez, de modas, que uma das mais afamadas e elegantes actrizes parisienses chamará a attenção publica no campo de corridas de Auteil, apresentando-se com um riquissimo pente, de marfim e gemmas, espetado não no cabello, mas directamente no seu bello chapéu. Essa extravagancia degenerará em triumpho, tal a graça innata e a elegancia completa da celebre actriz.

Creio que a noticia desse acontecimento da estação chic de Paris já chegou ao conhecimento da população de Nictheroy, porque outro dia, num bonde do Fonseca em que viajava, topei com uma senhora obesa, refestelada num banco, com um pente de celluloide vermelha enfiado no chapéu de seda preta !

Ora, já se vio !...

1551 1922 9

"Selecta" - 13 - Maio - 1922

O Paiz dos Deuses

Osorio Dutra, que além de ser um bello poeta é um prosador admiravel, dar-nos-á brevemente o seu esplendido livro sobre o Japão, onde foi durante algum tempo representante consular do Brasil e cuja vida intima estudou com carinho. Seu livro traz o sonoro titulo — *O Paiz dos Deuses* e está sendo editado pela casa Leite Ribeiro, com uma linda capa a duas côres de M. Capllonch. Será prefaciado pelo nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte). Dessa obra curiosa sobre o Imperio do Sol Nascente, temos o prazer de publicar nestas paginas um trecho do prefacio, que se intitula — *Vestibulo*, e um do capitulo : *A Floração das cerejeiras*.

O rosario de ilhas que se arqueia em pleno oceano ao oriente da China, o Cipango mysterioso de Marco Polo, cuja gente amavel já o velho Fernão Mendes Pinto achava na sua maravilhosa «Peregrinação» dotada dum notavel «bem natural», parece especialmente feito para tentar a nossa curiosidade, com as suas paysagens estylizadas de maneira original, os seus samurais, «lagostas de ferro» que mereceram um soneto de Heredia, com as suas geishas aligeras, com as suas cerejeiras em flôr, os seus deuses vetustos, a sua intelligencia formidavel e o seu progresso espantoso. No fundo, nós, descendentes de portuguezes, netos daquelles que fôram os primeiros a peregrinar até ás ilhas nipponicas, em cuja lingua ainda achamos de quando a quando reminiscencias da lingua japoneza que os nossos avós fôram dos primeiros a aprender, como catana, espada, na corriqueira frase de «metter a catana», que vem de **katana**, sabre de guerreiro nipponico, talvez experimentemos ainda por esse paiz onde nasce o sol a velha attracção dos nossos maiores. E' a ella, quem sabe ? que se devem as paginas luminosas de Wenceslau de Moraes ou os capitulos da parte dos samurais, no livro de Luiz Guimarães.

Raro o homem de intelligencia arguta e de polymorpho saber que se não tenha deixado influenciar indo ao Japão, pelos aspectos e pela alma japoneza, embora muito mais pelos primeiros do que pela segunda, porquanto aquelles estão á disposição dos nossos olhos e a segunda não se desvenda facilmente á nossa penetração. E esse profundo mysterio torna o povo japonez ainda mais attrahente, porque estaria já banalisado, se qualquer um podesse fazer-lhe, á vontade, a psychologia. Que o japonez guarde por muito tempo o segredo da sua alma !

O americano Lafcadio Hearn, amante de litteraturas estranhas, rebuscador de lendas exoticas, desvendador de mysterios e um dos maiores escriptores de que tenho noticia, escreveu cousas estupendas sobre o Nippon, a sua vida, os seus costumes, as suas tradições. Rudyard Kipling, cuja alma se apaixonára pela India, indo ao Japão, não se poude furtar á attracção desse paiz, e escreveu as suas **cartas** encantadoras. A alma franceza de Loti adora de joelhos o Japão.

Um optimo escriptor tcheque, alma slava que por aquella civilisação bizarra se exilou durante algum tempo, Jan Havlasa, tambem nos deu agradaveis obras sobre o archipelago extraordinario, entre as quaes os lindos contos do *Four Japaneses Tales*. Essa attracção da terra japoneza tambem exerceu a sua acção forte sobre o nosso patricio Osorio Dutra, que a vio e nos diz o que vio e o que pensa das cousas vistas com a sua psyché de jornalista e, quero crêr, sobretudo de poeta.

Elle nos dirá da floração esplendida das cerejeiras, dos templos

23

admiraveis, das multidões curiosas, dos Daibutsos, colossaes, das lacas mysteriosamente roubadas a primeira vez á resina da arvore Tsi, no valle de Tse-Schuen, das lacas pardas, vermelhas, negras e palhetadas de ouro como o céo das noites sem lua. Falar-nos-á dos daimios e dos samurais do antigo feudalismo, da luta secular entre mikados e xoguns, do encanto gentil das geishas e das musumés. Descrever-nos-á as cidades historicas e lendarias, como Nara e Kioto, ou aquellas que a industria moderna acordou do seu somno secular, como Osaka; descrever-nos-á as paysagens classicas em que ao fundo se perfila a ponta florida de neve do Fugi-Yama ou em que rebrilham, entre a folhagem recortada dos platanos, as aguas azues e luminosas do lago de Biwa. Vereis, leitores, as tartarugas de Ikuta e o cavallo de Nagaoka. Sabereis, por intermedio de Osorio Dutra, da origem e da evolução do chá, da feitura dos jardins feericos e do deslumbramento dos bazares, onde se enfileiram cofres cinzelados, bronzes estupendos, vasos, estatuetas, **magots**, lanternas e **toris** das mais finas e bellas porcelanas do mundo: Arita, Satsuma e Nagoya. Sabereis da contemplação muda do japonez deante das flôres e do valor que elle dá ás pedras brutas. Sabereis mais do que dizem os seus velhissimos livros sagrados, do que fizeram os grandes imperadores religiosos ou militares como Yoritomo que repellio os mongóes; Fingo que foi á Coréa, Kwammu que mudou a capital de Nara, Shyotku-Taishi, «o Constantino do buddhismo». Sabereis mais do que sejam, no Japão de Mutuhito e de Hiroshito, cujos principes herdeiros já viajam pelo estrangeiro, rompendo os dogmas conservadores da dynastia, o theatro e a poesia, a politica interna e externa, e sobretudo a morte e o amor, porque é necessario não esquecer que este prosador é um poeta. Todo este thesouro está á vossa disposição, leitores: bastavos abrir o bello livro que com prazer vos offereço.

JOÃO DO NORTE

A FLORAÇÃO DAS CEREJEIRAS

Neste paiz de lendas e de allegorias que é o Japão, a floração das cerejeiras representa, sem duvida alguma, uma das épocas mais festivas e mais brilhantes do anno. São trinta dias de festas incomparaveis, trintas dias de effervescencia e vibração constantes. Não se pensa noutra cousa, não se cogita de outro assumpto, não se fala sinão desse espectaculo maravilhoso.

A floração das cerejeiras preoccupa, de facto, todos os habitantes do Paiz do Sol Nascente, e tem mesmo o dom de attrahir a attenção dos proprios estrangeiros que, de ordinario, vivem apenas para os seus negocios. Mal entra o inverno, e principia a espera... Acocorado em torno de um grande brazeiro de metal polido, o japonez aguarda que o frio cesse, aquecendo as mãos geladas sobre o fogo, saboreando prosaicamente um gole de chá verde, acompanhando as espiraes da fumaça do seu cigarro. E nessa posição, paciente e resignado, passa os mezes de janeiro, fevereiro e março, falando de raro em raro, mas pensando sempre nos dias felizes que hão de vir.

A neve, que era o desconsolo e o entorpecimento, desapparece de todo. O céo troca o seu roupão côr de cinza por uma tunica azul bordada a ouro. E' abril que se aproxima, trazendo com elle a Primavera e — mais que essa estação de estranhos fluidos e capitosos vinhos — a floração das cerejeiras! Opera-se, então, como um milagre, a metamorphose do espirito. O japonez abandona a companhia do brazeiro de metal polido e corre á festa que annuncia o reapparecimento do sol. A ebulição dura um mez. Os trens passam repletos dia e noite, em todas as linhas e em todas as direcções. São as romarias aos grandes centros, a Kioto, a Nagoya, a Osaka, a Tokio, a Yokohama!!! E' a correria aos theatros onde o acontecimento se commemora, e na qual se precipitam milhares e milhares de individuos, os estrangeiros por curiosidade e exotismo, os nacionaes por uma especie de devotamento buddhico.

A solemnidade em si é, entretanto, de uma singeleza edificante. Nem atordôa, nem commove; e si não faz rir, tambem não faz chorar. Os espectadores pagam pelos melhores logares cerca de oito yens. E com essa quantia, que corresponde, em época normal, a dezeseis mil réis em moeda brasileira, fazem jus á famosa ceremonia do chá e á dansa não menos decantada das buliçosas geishas... São duas horas de sonho, duas horas de extase mudo, duas horas de prazer intenso!

.....

O espectaculo é, realmente, digno de ser visto. Em qualquer outro paiz, o que se quer da cerejeira é o fructo. Neste paiz de lendas e de allegorias, o que se quer é a flôr. Pelo outomno, uma a uma, as folhas caem, cobrindo o solo de um tapete rubro. A arvore é tratada, durante o inverno, com todos os carinhos. Em abril, realiza-se então a apotheose final, a glorificação suprema. Os galhos vergam pesadamente sobre o chão, e de todos os ramos tombam flôres, verdes como esmeraldas, amarellas como topazios, roxas como amethystas, encarnadas como rubis. As folhas surgem depois, contrariando, por um capricho curioso, as leis elementares da botanica...

Entre todas as flôres, crysanthemos soberbos, glicinias adoraveis, azaléas magnificas, lyrios e margaridas, cravos e camelias, a flôr da cerejeira occupa o primeiro logar. A *sakura* (tal é o seu nome) monopolisa a preferencia dos artistas e dos poetas, que a celebram de todas as maneiras, dando-lhe um numero incalculavel de significações symbolicas. Isa, que pela sua formosura, assombrou os homens do seculo IX, vê nella a alegria do amor. Narihira, emulo e rival de Don Juan e Lovelace, affirma que ella representa a propria belleza. Motoori, o maior philosopho do seculo XVIII, compara-a á virtude instinctiva, e escreve: «Quereis saber a que se assemelha o coração de Yamato? A' flôr da cerejeira, enviando o seu perfume ao sol que se levanta.»

Não é, por consequencia, admissivel, separar a entrada da Primavera da floração das cerejeiras. São duas cousas que se integram e se completam ao mesmo tempô, harmonizando-se, confundindo-se numa festa unica. Contam-se por milhares os homens e as mulheres que se agitam nesses dias. Os que moram em Nara e Kobe seguem para Kioto; os que habitam Yokohama e Kamakura correm a Tokio, onde ha dansarinas que ostentam em torno do corpo flexivel pequenos laços de seda de tres mil yens...

Que importa a fadiga da viagem? Que importa o sacrificio de uma longa excursão? Que importa a exhorbitancia dos preços nos hoteis? Os peregrinos, deixando o socego dos campos, formigam pelas estradas, pelas ruas, pelos templos... E vão de sitio em sitio, de paysagem em paysagem, de cidade em cidade. E' a vertigem do enthusiasmo e da loucura. Os corações despertam como de um longo somno, e de todos elles, rompe um hymno de gloria á floração das cerejeiras!

OSORIO DUTRA

"Fon-Fon" - 6 - Maio - 1922

Os tribunaes puzeram ha dias em liberdade alguns individuos presos pela policia por passarem dinheiro estrangeiro falso a cambistas e particulares, no Rio de Janeiro. Sabendo-se disso, arregalam-se os olhos de espanto! Então, não ha mais punição para os crimes dessa natureza? Responderá um advogado que não se dá propriamente este caso, mas que a nossa lei é omissa, que nella não ha sancção para os que fabricam moeda falsa de outras nações. E foi sob esse fundamento juridico que os juizes largaram na rua os falsificadores agarrados pelos agentes do Sr. Carlos Reis.

Essa é optima! E a gente fica, mesmo sem querer, a pensar que qualquer destes dias encontrará numa das mais frequentadas ruas da capital do Brasil uma casa commercial com o seguinte lettreiro:

«Fabrica especial de dollars, libras, liras, francos francezes, belgas e suissos em papel e ouro. Garante-se a perfeição do trabalho. Vende-se qualquer moeda estrangeira, perfeitamente imitada, por dez por cento do valor real a retalho e por cinco por cento em grosso. Acceitam-se encommendas para o interior. Casa fornecedora de bancos e cambistas, garantida pela policia e pelo Supremo Tribunal.»

"O Imparcial" - 20 - Maio - 1922

"Coração da Europa"

Acaba de apparecer, finalmente editado pelo "Annuario do Brasil", esse curioso livro de divulgação, sobre um dos paizes mais interessantes da Europa central.

E' um trabalho detalhado, em que se estuda a historia, a geographia, as bellas-artes, a vida commercial, financeira e politica da joven republica tcheco slovava.

Assigna-o a penna de Gustavo Barroso (João do Norte) o conhecido escriptor patricio que, pela dedicação e interesse com que se dedica ultimamente, a assumptos internacionaes se tem constituido em nossas letras, um verdadeiro divulgador e commentador dessa especialidade.

Os povos e as nações só têm a lucrar com essas iniciativas intelligentes de propaganda, pelas quaes adquirem, em outros paizes e em outras raças, reaes sympathias que lhes servem posteriormente para a facilidade dos negocios e a amizade das relações.

O novo trabalho de Gustavo Barroso é assim uma contribuição para a harmonia internacional, pelo conhecimento que offerece ao Brasil de costumes e civilizações diversas da nossa, mas dignos de serem apreciados, como são os da nova nação que surgiu no "coração da Europa".

"Fon-Fon" 20 - Maio - 1922

As ruas e casas dos gatos Ha em Paris a rua do "Gato que pesca", á qual o sr. João do Norte dedicou uma pequena nota, de *Fon-Fon*, quando esteve na Conferencia da Paz, e á qual o sr. Alberto Rangel dedicou um capitulo do seu ultimo livro. Ha, na nossa litteratura futurista, a "Casa do Gato Cinzento". Todas essas tres coisas me têm causado profunda sensação. Por isso, no meu caminho diario, á noite, para a casa de pensão onde habito, um suburbio distante, vou olhando o que fazem os gatos nas ruas e moradias pelas quaes passo.

Appellido-os tambem, para meu uso, conforme a côr e os costumes dos gatos vadios que nellas encontro. Assim, perto da minha residencia já conheço o bêcco do gato preto, o muro do gato sem rabo, a casa da gata amarella e, junto ao meu quarto, infelizmente, o telhado do gato que mia....

XYZ

24 "Correio Paulistano" 14 maio 1922

A ALMA DO TURCO

Uma candeia fumosa de kerozene sobre um môcho de tres pernas alumiava o pequeno copiar da casa do João Carrapixo, onde eu me hospedára com o Macario, meu pagem, já ali encontrando o Israel do Joá, vendedor de gado conhecido, acompanhado de dois negros

A casa era muito pequena e velha, com a taipa toda esburacada e o telhado em mau estado, porém, naquella erma barranca do rio Quixeramobim, entre o Egypto e o Cruxatú, não havia outra. Na alcova, dormiam o Carrapixo e a mulher, a Theodosia; a salinha era sempre cedida da melhor vontade áquelles que, como nós, uma cheia subita do rio impedia de seguir viagem.

Tinhamos armados as rêdes e fiangos nas estacas que sustentavam as paredes, umas por cima das outras; e, para fazer somno, contavamos historias de almas. Fóra, a chuva açoitava o mattagal gemente.

Os cabritos e cabras do Carrapixo, acossados pelas bategas de agua, tinham vindo abrigar-se na exigua alpendrada da habitação. Coçavam-se no barro da parede ou na porta de embura a de espinho, que estremecia toda, chocalhando as dobradiças centenarias de ferro batido e a immensa fechadura de bróca. De quando a quando, o fulêjo velho, pae de chiqueiro, bufava fortemente. E, á luz fumosa da candeia, eu via o riso branco dum dos negros do Israel, que achava graça em phantasiar os actos communs que o bode lá fóra, apesar da noite e da chuva, commettia.

Quem contou mais historias de assombrações foi o Israel. Sabia um ól dellas, a maioria acontecida com elle mesmo, no sertão distante do Inhamuns, onde nascera, ou nas suas longas e continuas travessias entre as ribeiras cearenses e as feiras celebres de gado da Paranyba e de Pernambuco. O vendedor de bois, pelo que dizia, já tivera relações com o corrupira, já virara umas duas ou tres burras-de-padre, já desencantára um lobis-homem terrivel e já esconjurára, rente ao muro do cemiterio velho de Campina Grande, uma avantesma branca de tres varas de altura e cabeça de gallinha!

Ao terminar a narração deste ultimo caso, o preto, que ria alvarmente ao bufar do fulêjo, disse:

— Peor foi o que se deu commigo! Vosmincês todos podem dizer que é mentira, mas porêm tão certo é eu me chamar Balbino da Purificação e ter nascido nas Alagôas, como ter se dado o que eu vou contar. Foi numa noite de lua, na fazenda do meu patrão Miranda, na Barra do Valentim. Os mattos estavam todos cinzentos e a noite estava cheia de caborés piando. Era mesmo agouro! Eu fui ao bebedouro do açude levar o cavallo do filho do patrão, que chegara de viagem, mó de bebe...

O negro calou-se e, lentamente, picou na mão acerta a ponta duma tóra de fumo, afim de encher o cachimbo. Um fio gottejante de agua, que o augmento da chuva fazia maior, cahia por uma fenda do telhado velho e batia monotonamente no barro socado do chão, onde começava já a fazer pequena poça. O Carrapixo, que estivera sentado silenciosamente a um canto, durante toda a conversa, levantou-se, foi á cozinha e trouxe um alguidar de barro, que collocou debaixo da gotteira. Então, o fio de agua, descontinuo e hesitante, ás vezes, começou a bater soturnamente, com força, na louça vidrada. A Theodosia, encostada ao humbral da alcova escura, ouvia tudo sem um gesto, uma palavra, um pestanejar de olhos, impassivel.

O negro accendeu o pito, baforou para o tecto o fumo acre e proseguiu:

— Fui ao bebedouro, noite de luar, como ia dizendo. Levava na cintura uma faca enterçada das do Fernandes do Crato, e uma garrucha de dois canos, carregada com balanquêtas. E foi a minha felicidade! Quando desci da parede do açude para a cerca do bebedouro coberta de meião de S. Caetano, avistei a marmota e fiquei logo tremendo, de cabellos arrepiados! Era uma visagem a modos dum vulto branco, baixa e grossa, sem tirar nem pôr o corpo da Dorothéa do Ludovico, quando anda para ter criança. O' bicho feio de todos os diabos! O cavallo do filho do patrão accendeu logo as ventas e as orelhas, bufou tres vezes, pôz-se todinho de pé e arrancando o cabresto das minhas mãos, desembestou pelo caminho e o fóra, como maluco! Com esse barulho, a assombração, que estava de costas, virou-se para meu lado e credo! Virgem Maria Santissima! Era uma carranca medonha com os olhos de fogo! Risquei o pelo signal, puxei a garrucha da cintura e fiz pontaria na cousa. Ella, então, foi estirando para riba, estirando, estirando, ficando fina e alta como um mastro de bandeira de rovena! Papoquei-lhe fogo.

Quando a fumaceira passou, não vi mais nada e estava com o braço dormente de todo. Credo! Credo em cruz! Nunca mais houve forças que me obrigassem a ir áquelle bebedouro de noite.

Antes que alguem désse uma palavra, a Theodosia deu dois passos para o meio da sala e, com a luz da candeia a sombrear-lhe cada ruga e cada linha energica do rosto envelhecido, exclamou, olhando-me de frente:

— Tudo isso que essa gente conta, seu doutor, é mentira! E' mentida pura! Vosmincê não acredite. Eu tenho cincoenta e quatros annos, nasci na éra de sessenta e vi meu pae, todo amarrado, recrutado como voluntario, para a guerra do Lopes, no Paraguay; mas porém nunca na minha vida vi rosto de alma nem couro de lobis-homem! E só Deus Nosso Senhor sabe por onde tenho andado e por que cousas tenho passado! Que um raio me parta neste mesmo instante, si eu acredito em alma!

— Então, Vosmincê crê que só ha o corpo da gente, dona Theodosia? indagou com espanto o Israel.

— Inhôr não, moço, continuou ella, dirigindo-se a mim e cravando nos meus os seus olhinhos de guajiru'. Inhôr não! Eu acredito em Deus, em Jesus Christo e em Maria Santissima, nos anjos do céo e nas almas do purgatorio: mas que ellas venham vadiar na terra, fazendo medo a gente, em corpo de cachorro ou de mula sem cabeça, ah! isso eu não acredito não!

Passou os olhos com desprezo pelos circumstantes e accrescentou:

— Dizem que lobis-homem é gente amarella que tomou a figura dum cachorro grande e vai bater as estradas. Lembranças! Isso é até fazer pouco dos cachorros e eu já conheci um cachorro que tinha mais alma do que muito homem barbado que anda por ahi. Foi o Turco. Si eu contasse a historia delle, vosmincês chorariam de pena!

Pedi:

— Conte, dona Theodosia!

Os outros me acompanharam no pedido:

— Conte, dona Theodosia.

O meu arriero pôz a candeia fumosa no chão e approximou o tamborete á velha. Ella se sentou e falou:

— Quando eu tinha dez annos, morava na villa de Jaguaribe Mirim e lá em casa havia um cachorro bom, que havia pertencido a papae, chamado Turco. Era um cachorro mourisco, de rabo cortado, com uma orelha baixa e outra em pé. Eu e meus irmãos tinhamos loucura por elle. Brincava a manga comnosco. A gente se escondia e elle procurava cada um de nós até achar.

Mas minha mãe se aborreceu com elle, porque deu para morder de furto as pessoas que iam lá em casa, e deu-o a um sujeito que tinha um sitio perto da villa. Nós choramos muito, mas o homem levou o Turco. Dahi a tres dias, o cachorro appareceu lá em casa, com um pedaço de corda no pescoço. Nós lhe fizemos um festão e mamãe ficou furiosa. Então, deu o bicho de presente ao Abrahão da venda, que o carregou para a fazenda de S. Gonçalo, dahi a umas trinta leguas. Choramos mais do que da primeira vez. Passou-se mais duma semana, e uma tarde, quando brincavamos á porta da

25

rua, o Turco veiu correndo do lado do rio, magro como esqueleto, a lingua de fóra, morrendo de fome e de sêde. A gente agradou-o, deu-lhe comida e agua, andou com elle em charola até á hora de dormir. E minha mãe ficou ainda mais aperreada com o bicho. A gente pediu muito para elle ficar e ella deixou, com a condição de que elle não mordesse mais de furto.

Mas, qual! Elle era damnado mesmo e vinha de mansinho por detrás das pessoas ferrar-lhes os dentes nas canellas. A gente achava uma graça! Mamãe soube e fez presente do Turco a um marchante que ia para o Joazeiro da Bahia, de onde não poderia mais voltar. Quando se procurou o cachorro, elle desapparecera. Escondeu-se de tal maneira que não se pôde encontral-o. O marchante foi embora e minha mãe jurou que o bicho lhe pagaria. Dahi a tempos, um paroara que voltava para o Amazonas prometteu carregar o Turco para o seringal delle, no rio Xingu'. Na vespera, minha mãe mandou amarral-o no quintal. O pobre animal olhava para ella com os olhos cheios de agua e ella dizia:

— Agora, quero vêr você voltar, desgraçado! Só quero vêr você atravessar o mar a nado!

A meninada veiu abraçar o Turco, chorando, e eu acredito que elle comprehendeu que essa vez era mesmo a ultima. E, de manhã, quando o paroara veiu buscal-o, elle estava morto, deitado de lado e coberto de moscas!

A Theodosia limpou os olhos na manga da blusa de chita e perguntou-me:

— Seu doutor, vosmincê não acha que a alma do Turco era maior do que a de muito homem que não tem amizade por ninguem?

Fiz que sim com a cabeça e todos os da sala acompanharam o meu movimento, menos o negro da visagem, que continuava a rir, alvarmente, do bufar [illegible] fulêjo.

João do NORTE

(Do livro "Tamboeiras").

"Fon-Fon" 27 maio 1922

Nos salões do Rio

Sempre os creados...

A um canto do jardim de inverno de elegante palacete num sofá de vime coberto de cretones vivos, entre pequenas palmeiras.

A dama de negro:

— Sabes que me disseram ha dias de ti?

A dama de branco:

— Não, querida. Que foi?

A de negro:

— Que não pára um creado em tua casa mais duma semana. Alias, isto não me causa admiração, porque na minha se dá a mesma coisa.

A de branco:

— Pois na minha, não. O que te disseram é uma refalsada calumnia! A minha ultima casinheira esteve em casa um mez e uma semana, coitada!

— Coitada, porque?

— Porque esteve um mez e dois dias de cama, com uma perna quebrada naquella escada de ferro do terraço...

"Fon-Fon" 20.5-922

Os cobertores... Ha dias, um amigo convidou-me a ir ao Municipal assistir *Le Scandale* de Henry Bataille. Fui. No camarote ao lado havia um homem calvo e outras pessoas. O homem calvo estragou-me todo o espectaculo. De cinco em cinco minutos assoava-se com estrondo ou mexia bulhentamente a cadeira. E, quando dizia qualquer coisa, essa era absolutamente inaproveitavel.

No intervallo entre o segundo e o ultimo acto, conforme vêso antigo, as senhoras da platéa foram buscar nos vestuarios os seus mantos, agazalhos, bôas, capas e pelliças, collocando essas peças nos dorsos nas suas poltronas.

O homem calvo disse para os seus companheiros de camarote, com a mais rara distincção:

— Já as mulheres estão trazendo para fóra os cobertores...

"O Jornal" 19 Maio 1922

O APOSTOLO S. THOMÉ NO BRASIL

I

O apostolo S. Thome ou S. Thomaz foi, dos doze, aquelle que duvidou do apparecimento do Christo entre os discipulos e quiz vêr para crêr. Mão grado sua incredulidade, o Senhor o escolheu para difficeis e longinquas missões. O bemaventurado Jacques de Voragine conta na sua "Lenda Aurea", traduzida do latim e annotada por Theodoro de Wyzewa, que estando Thomé em Cesaréa de Cappadocia, Deus lhe appareceu e lhe disse:

— "Gondofer, rei da India, mandou o seu preboste Abbanes em busca de um architecto habil. Vem e mostrar-te-ei a elle".

Thomaz respondeu:

—"Senhor, irei onde me enviares!"

E Deus accrescentou:

—"Vae em paz que te protegerei! E, apóos teres convertido a India, virás a mim com a palma do martyrio!"

O apostolo encontrou-se com o tal Abbanes e em sua companhia partiu para a peninsula indostanica, na qualidade de architecto do rei Gondofer. Depois de varias aventuras muito curiosas, algumas das quaes Santo Agostinho condemna e julga apocryphas, chegou á côrte indu', onde apresentou ao soberano a traça de admiravel palacio em estylo romano. Contentissimo, Gondofer entregou-lhe um grande thesouro, para executar a obra, e partiu para uma provincia longinqua. Durante os dois annos de sua ausencia, narra Jacques de Voragine (edição de Perrin-Paris-1913-pag. 32), Thomé, em logar de construir o edificio, distribuiu todo o dinheiro com os pobres da cidade e pregou o Evangelho aos gentios.

Voltando, o rei teve a decepção de não encontrar nem uma parede do bello paço. Ficou, naturalmente, furioso e resolveu queimar vivo o santo. Mas um seu irmão fallecido lhe appareceu em sonho, dizendo-lhe que via, no céo, o palacio construido por Thomé para elle. O rei perdoou ao santo e converteu-se ao christianismo.

Dahí o apostolo foi á India Superior, onde continuou sua pregação e assignalou sua passagem com admiraveis milagres. Diante de suas obras, Migdonia, cunhada do rajah local, e a propria "begun", esposa do potentado, converteram-se á região christã e abandonaram seus maridos, os quaes, profundamente irritados, tanto fizeram que acabaram por martyrizal-o com laminas de ferro aquecidas ao fogo. E o grão sacerdote idolatra o transpassou com a sua espada.

No anno de 230, obedecendo a uma supplica collectiva dos habitantes da provincia da Syria, o Imperador romano Alexandre mandou buscar na India o corpo de S. Thomé ou S. Thomaz, sepultando-o na cidade de Edessa.

A respeito dessa cidade, Jacques de Voragine dá notas curiosas, que não me é possivel deixar de transcrever, embora não tenham ligação com a these que nós propomos desenvolver neste artigo. Affirma elle que Edessa se chamava outr'ora Ragés dos Medas e que no seu ambito não podiam morar pagãos, hereticos, judeus ou tyrannos, porque em tempos afastados o seu rei Abgar recebera uma carta autographa de Nosso Senhor Jesus Christo!...

Eis tudo quanto o bemaventurado autor da "Lenda Aurea" conta do apostolo das Indias. Mas, na sua "Vida e morte dos Santos", Isidoro diz textualmente: "Thomaz, discipulo do Christo e que parecia com o Salvador, incredulo ouvindo, acreditou vendo. Elle pregou o Evangelho aos Parthas, Medas, Persas, Hyrcanios e Bactrianios. Abordando ás plagas orientaes, penetrou nas regiões do interior e ahi proseguiu sua predica até o dia de seu martyrio. Morreu atravessado por um golpe de lança". S. João Chrysostomo fel-o ir mais longe ainda, ás regiões mysteriosas dos tres reis Magos, dos quaes fez sustentaculos da fé christã.

Como S. Thomé foi, assim, o apostolo que por mais distantes e fantasticas plagas andou pregando o credo de Jesus, os descobridores e exploradores christãos da época febril das conquistas e navegações julgaram vêr as suas pegadas por toda a parte. Os pontos de contacto entre praticas e theorias da doutrina christã e da dos povos encontrados, avultados pela imaginação dos missionarios e chronistas, o mysterio de symbolos religiosos por toda a parte identicos, as lendas que corriam entre os indios americanos da pregação duma religião por homens brancos e barbados, tudo isso fez com que se pensasse que um dos apostolos havia chegado até ás terras dos continentes descobertos. Re-

26

"Fon-Fon" 20-5-922 12

zando as agiographias que S. Thomé fôra destinado ás Indias orientaes e percorrêra varias regiões daquelles lados, nada mais natural do que ser elle escolhido para representar o papel da mysteriosa personagem que nas brenhas das Indias Occidentaes deixára o signal da cruz e a tradição duma antiga evangelização.

Vejamos o que a respeito dizem varios dos mais interessantes chronistas, historiadores e archéologos a proposito dessas similitudes religiosas entre as crenças dos indios occidentaes e as da christandade, assim como da vinda do apostolo S. Thomé ás terras americanas. Segundo o grande historiador mexicano Licenciado D. Manuel Orozco y Berra, na sua monumental obra "Historia antigua y de la Conquista de Mexico" (edição official na typ. do G. Esteva, Mexico, 1880, 4 volumes), o padre Leclerc diz isto, na "Relativa de la Gaspésie":

"Os indios da parte oriental do Canadá conheciam a cruz christã, que appareceu no seu paiz como o arco-iris após o diluvio, como promessa de esperança." Laphaw, nas "Antiquities of Wisconsin", mostra-nos os pelles vermelhas construindo os terraplenos dos seus idolos em forma de cruz. Garciloro de la Vega narra que os Incas "teniam una cruz de um marmol muy hermoso ó dei jaspe el más puro", que os hespanhóes enfeitaram com ouro e puzeram na cathedral de Cuzco. Orozco y Berra diz: "Repetidas veces se encuentra la figura de la cruz en las pinturas mexicanas". Além dos antigos contadores dos successos da Conquista do Novo Mundo, os scientistas modernos acharam a cruz nos ornatos, nas inscripções e nos templos de quasi todos os povos das duas Americas: Humboldt, Warden, Dupaix, Waldeck e outros. Esse signo theocratico, religioso, cruz grega ou latina, cruz osiriana, swastika indu', marteilo de Thor runico, bastão de Astartéa, "tanticus character", abundante em todas as inscripções do mundo, das pedras escandinavas aos mabadéos de Chandeswar, nada tem a ver com o madeiro sagrado do supplicio de Christo. Um sacerdote de pasmosa erudição, o padre Dhonue, cujo magnifico livro sobre a "Religion des Assyro Babylonicus" traz o competente NIHIL OBSTAT, verifica-a nos documentos chaldaicos. E a existencia assignalada da cruz nos monumentos, nos couros das tendas na ceramica e nos adornos dos habitantes das Americas, apoiando as lendas das pregações de homens brancos e barbudos, deram origem a essa interessante historia da vinda de S. Thomé ao Novo Mundo.

O padre Antonio Ruiz, citado por Orozco y Berra (op. cit. tomo I, pag. 77), narra que, no Paraguay, no logar denominado posteriormente San Eseriz se achou uma cruz, que, segundo a tradição corrente entre os naturaes do paiz, fôra trazida por um homem branco, de além mar (V. §§ 23 e 26 da "Conquista Espiritual do Paraguay).

O padre Affonso de Ovalle, no capitulo I do livro VIII da sua "Historia del reino de Chile" assegura que, no valle de Quito, um indio velho, cantador tradicionalista, que ensinava aos moços as canções e lendas dos antepassados, affirmava-lhes que, após o diluvio, apparecêra no Peru' um homem branco e barbado, chamado Thomé, que pregava uma doutrina desconhecida. Torquemada, citado por Orozco y Berra, lembra que em 1538, quatro annos antes da chegada dos missionarios ao Rio da Prata, conforme carta escripta por Frei Bernardo de Armentia, um indio chamado Etiguiara fez um discurso aos outros, affirmando-lhes que dentro em pouco chegariam a evangelizal-os os "irmãos de S. Thomé". Após dizer que o nome de Thomé foi conservado na Nova Hespanha, no Peru e no Chile, conforme o depoimento de Calandra; de recordar o celebre livro de D. Carlos de Siguenza y Góngora, que entendeu provar ter sido o apostolo, no Mexico, o afamado civilizador dos toltecas e mayas Quetzacoatl ou Cuculcan; de referir-se ás opiniões favoraveis nesse sentido de Boturini, Veytia e D. Manuel Herrera y Perez, escreve estas judiciosas palavras: "Aunque sirven de fundamento a este sistema copiosas razones y llenas de ingenio, muchas de ellas solo consistem en nombres mal interpretados, en congruencias de poco bulto y peso. Todas juntas no puedon responder á esta objecion: Santo Tomás existio en el primer siglo de la iglesia, Quetzacoatl en el X; hay impossibilitad absoluta para admitir en uno solo entrambos personajes".

João do NORTE.

(Continúa).

Nos salões do Rio

Entre diplomatas

Estive ha dias numa bella festa da Embaixada da Ruritania. Fui apresentado pelo director dum jornal ao novo Ministro da Laponia, que me convidou para um jantar com outros collegas da *carrière*, no Jockey Club. Fui, jantei, bebi "champagne" e kummel, depois segui todos os convidados ao terraço, debaixo da pergola, para fumar.

PARISIENSES

Fumámos e conversámos. Eu, aliás, conversei pouco e ouvi muito. Esgotado os *potins* sociaes, tratou-se um instantinho da vida internacional. O Embaixador da Ruritania commentou os ultimos acontecimentos desenrolados na Irlanda, a effervescencia da politica ingleza e as agitações tanto internas como externas da Grã Bretanha. Foi quando o addido militar da Siberia disse com infinito espirito:

— E chamam aquillo o Reino-Unido!...

Fantoches A's vezes, alta noite, por espirito de observação me perco pelas ruas e praças da cidade, entro nos clubs e cabarets ou páro a uma esquina a vêr o guarda nocturno que cochila á sombra dum portal, o soldado de policia que namora a creada mais feia do quarteirão, os gatos que passam na carreira, os cães que remexem o lixo. E sempre nessas minhas rondas nocturnas ha o mesmo desfile de personagens acabrunhados: velhos rebequistas ou pianistas, dançarinas réles, decahidas bem decahidas mesmo, garotos somnolentos, mendicos, lixeiros miseraveis. Cortejo horrivel de tristezas, cada qual mais descompassada e maior.

E' quando me lembro dos desenhos de Di Cavalcanti, porque vejo os seus fantoches animados pela Vida...

"Fon-Fon" 27 maio 1922

Andam de ha muito scientistas e mesmo industriaes á cata do meios de tornar o cachimbo, o cigarro e o charuto absolutamente inoffensivos, filtrando a nicotina, fazendo-a ser absorvida por tampos de algodão e até arranjando combinações chimicas no preparo do tabaco, de maneira a impedir envenene os viciados.

Tudo isso é bello e para o bem da humanidade, rezam os jornaes ou revistas. Mas eu, fumante inveterado, que prefiro um gosto a sete vintens ou a mais alguns mezes de vida, acho que todos os freguezes do fumo devem protestar contra essas invenções, porque todas ellas diminuem o sabor especial do tabaco, dado unicamente pela abençoada nicotina.

Viva, portanto, o veneno! *Per omnia secula seculorum...*

"Fon-Fon" 27 maio 1922

Cyrano e D. Quixote Todo o mundo sabe que D. Quixote esbandalhou a golpes de espada um theatro ambulante de titeres, decepando as cabeças dos bonecos que representavam os mouros, afim de defender os que representavam os christãos. Não foi, porém, o unico heroe que tamanha façanha praticou.

Ha tempos, um erudito italiano narrou feito identico praticado por Cyrano de Bergerac, num *guignol* da rua Guenegaud, em Paris. O narigudo viajante da Lua assistia a uma reprezentação alli, quando appareceu um calunga de nariz proeminente que amedrontava todos. Alguns espectadores, tendo notado o talhe descommunal do nariz de Cyrano, começaram a dizer-lhe chufas, fingindo que se dirigiam ao boneco. Cyrano, furioso, arrancou a rapieira da bainha, espaldeirou os assistentes, fez evacuar o theatro e, depois, subindo ao palco, decepou de um só golpe o appendice nasal da *marionette!..*

Os Lusiadas Para os bibliographos de hoje, as edições principaes e primeiras do grande poema de Camões offerecem o maior interesse de qualquer ponto de vista que se deseje encaral-as. Se deste modo, na generalidade, os apaixonados do livro apreciam os velhos volumes dos *Lusiadas*, maior interesse devem elles despertar entre os colleccionadores luso-brasileiros, porque a obra de Camões é a pedra angular da lingua que fala uma grande raça estabelecida dum e de outro lado do Atlantico. Dahi não haver exaggero de nossa parte, aconselhando a todos os bibliographos que leiam o livro de Alexandre de Albuquerque a respeito das duas edições dos *Lusiadas* de 1572, editado sob os auspicios do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. E' uma obra de real merito e de alto valor, na qual o autor dá arrhas de sua cultura e onde se pode aprender muito sobre a bibliographia de Camões.

"Fon-Fon" 3 junho 1922

Nos salões do Rio

Conversas femininas

— Quantos annos tem tua filhinha?

— Nove e meio.

— Deve estar muito crescida e bonita... Ha tanto tempo não a vejo.

— Bonita verdadeiramente não creio que seja, mas é espirituosa e sobretudo de uma viveza extraordinaria.

— Então, minha cara, é tratar desde cêdo de desenvolver-lhe as faculdades artisticas.

— Ah! essas não nella fóra do commum!

— Já notaste qual a sua inclinação.

— Já, eu e o Juca já vimos bem o que é. Infelizmente não ficamos muito satisfeitos.

— Qual é? Pintura, esculptura, musica, canto, declamação?

— Nada disso. Ella tem um geito unico para representar no cinema.

— Por que dizes isto?

— Por que? Porque ella vive a fazer carêtas deante de todos os espelhos que encontra...

No telephone publico... Elle—Bom dia, querida.

Ella: — Ah! é você, meu amor!

E continuou:

— Como passaste de hontem?

— Bem, e você?

— Com saudades, muitas saudades!

— Ah! é verdade, por falar em saudades lembra-me perguntar-te uma coisa.

— Que é?

— Qual a flôr que murcha mais depressa? A saudade ou a rosa?

— Entendo. Referes-te ás flôres que te enviei hontem. Creio que murcham mais depressa as rosas.

— Enganas-te, querido. Apezar de ter posto ambas, afim de dar-lhes forças, num vaso de bronze, as saudades murcharam antes das rosas...

— E' que a dôr das rosas passou para ás saudades, matando-as, e a saudade destas passou para as rosas, afim de continuar a viver...

A linha trançada:

— Acabem com esse namoro, *seus* pelintras!...

— Elle: — Tem gente na linha, até logo, querida.

Ella: — Até logo, querido.

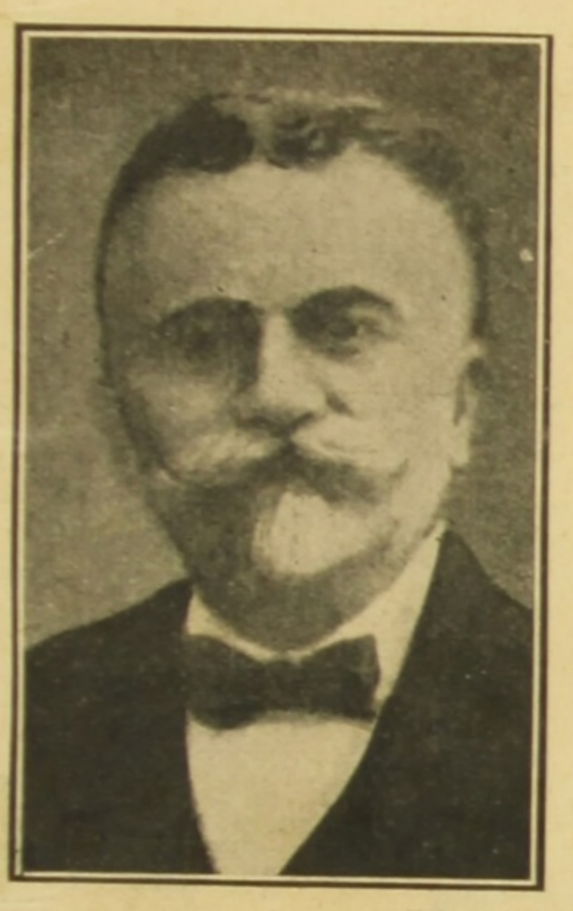
27.

"Selecta" 20 maio 1922

UM JOVEN E GRANDE REI

E' o principe Alexandre Karageorgevitch, da Servia. Principe, não: Rei dos Yugo-Slavos ou dos Serbo-Croatas-Slovenos. Mas, para aquelles que se acostumaram a vêr o seu vulto corajoso na celebre retirada e a admiral-o na regencia do throno, elle será sempre o principe Alexandre tão somente.

Nasceu no dia 4 de Dezembro de 1889 em Cettinhe, capital do Montenegro, e tem trinta e tres annos incompletos. Por duas vezes, antes de reinar, dirigio superiormente os destinos do seu povo: em 1912, quando da heroica campanha balkanica; em 1914,



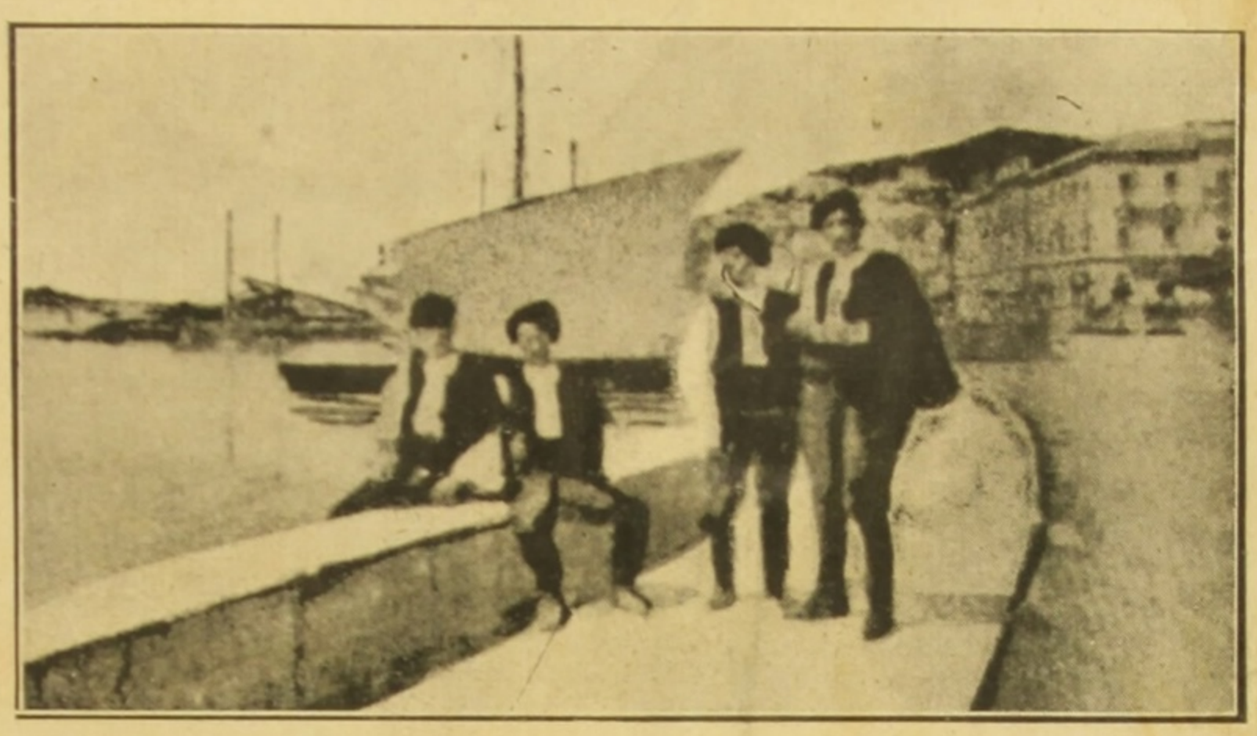
Ljuba M. Davidovic, eminente estadista yugo-slavo.

quando se afundou no abysmo a monarchia oppressora austro hungara.

Um jornal francez uma feita publicou sobre elle expressiva allegoria. A' margem do Danubio o filho de Pedro o Grande, em pleno triumpho, como Alexandre Magno vestido, esmagava aos pés a hydra germanica. E Gundulic, o maior poeta yugo-slavo, prophetizou a sua grandeza nuns versos celebres.

A sua maior gloria é ter sabido, na desventura, salvar a honra das armas indomaveis da Servia valente e coroal-as ao mesmo tempo com os louros esplendidos da victoria.

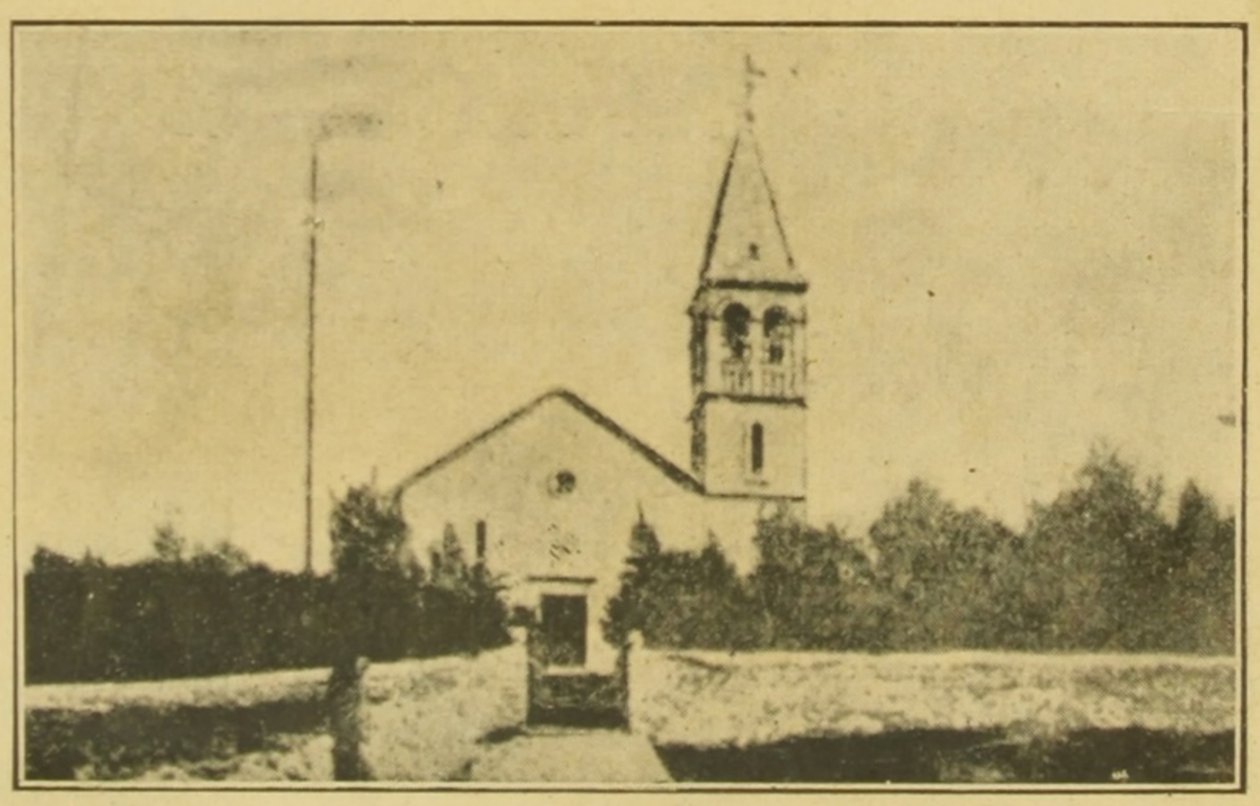
Sob o seu governo se inicia a verdadeira integração de todas as partes esparsas da Grande Servia dos heróes de Kossovo. Elle reinará de Triglav ao Malés, do Danubio ao Adriatico, graças não somente á equidade das nações como tambem aos seus talentos de estadista e á sua invicta coragem de guerreiro.



YUGO-SLAVIA PINTURESCA (Dalmacia) — Split - Spalato. Typos nacionaes slavos.

Seu sceptro aponta o futuro ás vontades reunidas numa só vontade das tres Yugo-Slavias; a orthodoxa, a catholica e a musulmana, de Vardar ao Adriatico e dos montes da Albania ás pusztas magyares.

O joven e grande rei Alexandre Karageorgevitch é mais do que um soberano do seu paiz, porque elle é hoje em dia um verdadeiro symbolo dos ideaes de mais de dez milhões de almas unidas por soffrimentos e esperanças communs. Ouvindo a sua palavra eloquente, quando se dirige aos seus subditos ou aos seus soldados, lendo as suas proclamações enthusiasticas, sente-se forçosamente a attração das terras martyres, onde se forja a alma nacional entre lagrimas e sangue, onde os opprimidos por seculos de tyrannia e de perseguição abrem amorosamente os braços á civilização occidental, estendendo sua mão fraternal á Italia e outra á Romenia, afim de oppôr uma barreira ao já renascente e eternamente perigoso imperialismo germanico.



YUGO-SLAVIA PINTURESCA (Dalmacia) — Boka Katorska - Boccas de Cattaro. Egreja que data de 1525.

"Fon-Fon" 20 Maio 1922

Nos salões do Rio

A grippe

O outro dia, no chá das cinco concorridissimo da legação da Koréa. Emquanto a orchestra atacava um tango estonteante á maneira dos *jazz band*, alguns senhores de idade fumavam os seus havanas, feitos no Rio por aquelle homemzinho que os offerece, ciciando, com rotulos de Henri Clay, Corona ou Partagas na Avenida, num recanto do terraço, a olhar as ondas espumantes do oceano.

Passou pelo grupo uma senhora elegante. O professor Matheus Lobo, illustre clinico afreguezado, levantou-se da espreguiçadeira, onde, de pernas trançadas, deliciava os ouvintes com pilherias, e foi cumprimental-a. Trocadas as primeiras frases communs, ella perguntou-lhe apprehensiva:

— Diga-me uma cousa, professor. E' verdadeiro o boato que corre por ahi da irrupção duma nova epidemia de grippe espanhola?

E elle, tranquillizando-a, com o melhor dos seus sorrisos:

— E' verdade, mas infelizmente muito benigna, pois os doentes, minha senhora, ficam acamados no maximo um ou dois dias. E' pena!

"Selecta" 20 Maio 1922

TCHECOSLOVAQUIA - BRASIL

Entre os diplomatas que residem no nosso paiz, um dos que mais se têm distinguido pelos seus dotes de espirito pelo interesse que dedica ao nosso paiz e pelas suas grandes qualidades de coração, é, certamente o Sr. Jan Havlasa, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario da Tchecoslovaquia.

Sua nação é jovem e rica, bem organizada economica e financeiramente, possuindo os mais vastos recursos industriaes da Europa central. Dahi o desejo que ella tem de se tornar conhecida e de fazer, mesmo com os mais distantes paizes amplo intercambio de productos e de idéas, intellectual, artistico e commercial.

Seu representante politico entre nós é um homem viajadissimo e profundamente culto, que conhece a Europa e a Africa, o Extremo Oriente e a Oceania, as duas Americas e as Antilhas. E' tambem um intellectual, um prosador de nomeada no seu paiz, autor de muitas obras sobre viajens, de muitos livros de contos e de varios romances. Tem naturalmente grande desejo de approximar o Brasil de sua nobre patria e não se descuida de empregar esforços nesse sentido. Dahi a acção que desenvolve no nosso meio, com o qual está plenamente scientificado e no qual goza de alto prestigio social e intellectual, frequentando os nossos grupos de artistas, jornalistas e litteratos, convivendo com os nossos scientistas, acompanhando nossa vida mental, estudando nossa flora, observando a nossa fauna e procurando conhecer a fundo o Brasil, que estima e profundamente admira.

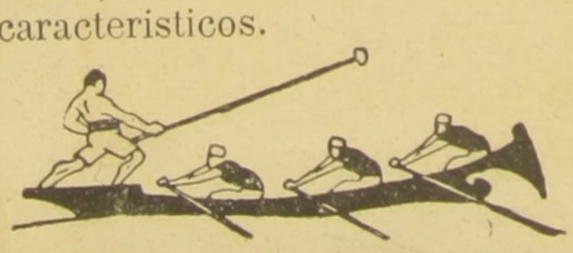
O Ministro da Tchecoslovaquia e a Sra. Havlasa entre os officiaes da Missão Franceza de S. Paulo e da Policia do mesmo Estado.

De quando a quando, o ministro Havlasa, acompanhado de sua talentosa e culta esposa, a Sra. Havlasa, emprehende uma excursão ao nosso interior, escalando hoje o Itatiaya, colhendo orchideas raras amanhã nas percumbeiras da Serra do Mar, visitando depois as zonas cafeeiras, percorrendo grandes extensões nos nossos caminhos de ferro ou viajando a cavallo pelos logares invios.

No Palacio dos Campos Elyseos, em S. Paulo. Aspecto da recepção do Ministro Havlasa e senhora pelo Presidente Washington Luiz e senhora.

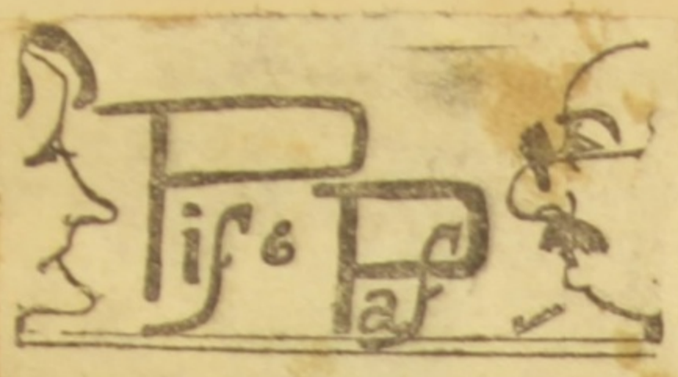
O Ministro Havlasa e o prefeito da cidade de Barretos no Estado de S. Paulo, em caminho da celebre cachoeira dos Maribondos.

Ainda recentemente o digno representante da patria de Ziska e de Huss fez uma demorada visita ao progressista Estado de S. Paulo, que, segundo sua propria confissão, sob todos os aspectos o maravilhou. Dessa viajem, com o fito de mostrar que interesse o illustre diplomata consagra ao Brasil, damos alguns instantaneos caracteristicos.



O ministro Havlasa e senhora, em companhia do botanico Hochne e dos Drs. Fernando de Azevedo e José Launes na reserva da secção biologica do Instituto de Butantan.

29 "A Vanguarda" 20-5-922.



PIF — Sabes, Paf, estive hoje com o Gustavo Barroso, o victorioso João do Norte, que tanto admiramos. Teve a gentileza de me offerecer o seu ultimo livro: — "Coração da Europa".

PAF — Gustavo Barroso, jornalista esforçado, inspector escolar, homem de sociedade, é, apezar disso, um dos mais fecundos dos nossos escriptores. Publica, em média, dois livros por anno, coisa que representa um lindo esforço.

PIF — E nem se diga que taes trabalhos são desses que se fazem com facilidade. Repara que os livros de Gustavo são todos resultado de estudos aprofundados, de assumptos os mais diversos e complexos.

PAF — Elle tem, realmente, uma formidavel capacidade de trabalho. Talento omnimodo, sabe tirar de todos os themas que escolhe o maximo de brilho e de interesse para o publico ledor.

PIF — E' um escriptor elegantissimo. Sobrio sem dogmatismo, risonho sem esgar, erudito sem pretenção, sempre interessante e sempre novo. João do Norte, desde a publicação de "Terra do Sol", tem em cada livro um remarcado successo, uma victoria retumbante que vem alicerçando, vantajosamente, o seu prestigio e o seu nome de escriptor.

PAF — Eu já li "Coração da Europa", ha pouco sahido numa bem cuidada edição da Livraria Castilho. E' um estudo minucioso e interessantissimo da novel Republica Tchecoslovaquia "que pela sua energia de viver, pelo desenvolvimento de sua cultura, pelo grande papel que representou no passado e a parte que tomou nos ultimos acontecimentos, bem se poderia dizer o Coração da Europa". Com taes palavras apresenta o fino escriptor de "Ronda dos Seculos", — um dos livros mais lindos, no genero, da literatura brasileira — o seu novo livro.

PIF — E' um trabalho brilhante de um estudioso que é tambem um notavel subsidio para os estudiosos. A Tcheco Slovaquia é, certamente, a mais interessante das novas nações que se integralisaram depois da guerra. Bizarra nos seus habitos e costumes, esforçada nos seus intuitos de grandeza e de progresso, nobre nos seus ideaes, firme nas suas crenças e tradições, ella bem merece ser conhecida e admirada.

PAF — "Coração da Europa" vem facilitar grandemente e de uma maneira calma e precisa tal objectivo. Quem ler tal livro terá uma noção exacta e brilhante do que é a linda patria de Masaryk.

PIF — E isto através uma linguagem escorreita e elegante, num estylo de sinceridade que faz redobrar o interesse, que faz partilhar do mesmo enthusiasmo e da mesma admiração do autor pela terra admiravel dos "Sokols".

PAF — Gustavo Barroso com este livro confirma as suas victorias anteriores em outros generos de litteratura e agora aos successos de sertanista, de "conteur", de chronista, de humorista, de novelista e de jornalista vem juntar-se mais este de historiador!

PAULO DE MAGALHÃES.

"O Jornal" — 24 - Maio - 1922

O APOSTOLO S. THOMÉ' NO BRASIL

II

Querendo demonstrar, por jacobinismo, como o que ora grassa entre nós em relação aos portuguezes, que nada devia seu paiz á colonização hespanhola, o dr. Frei Servando de Mier, sob o pseudonymo de D. José Guerra, publicou em 1813, em Londres, a sua "Historia de la revolucion de Nueva España", no fim da qual disserta sobre a vinda de S. Thomé ás terras americanas, de maneira a affirmar que o Mexico, ou melhor a America Hespanhola, não devia á metropole nem mesmo o culto christão. Exaggero semelhante ao que levou muitos dos nossos homens publicos, na época da Independencia e outras, a tomar appellidos indigenas: Araripes, Carapinimas, Ibiapinas, Mororos, etc. Diz esse escriptor que, suspeitando não ser o São Thomaz das lendas indigenas ou antes do tempo das bandeiras e conquistas, o apostolo, procurou outro santo do mesmo nome e o encontrou no Vou VI seculo da era christã, celebre por suas predicas e milagres incluido no "Santoral" da egreja syriaca, que palmilhou remotas regiões do globo, inclusive a China, obrando prodigios. Accrescenta: "Este sin duda debe ser nuestro Quetzalcoatl, Chilamcambal en chinez, que sin duda trouxe discipulos chinezes. Los grandes edificios de Mictlan, Campéche, etc., attribuidos a los discipulos de Quetzalcoatl parecen mucho con los de la China".

Nas suas "Origenes de los Indios", Garcia confunde esse santo syriaco com aquelle São Thomé de Meliapor. Deste fala João de Barros nas "Decadas da Asia" (edição da Regia Officina Typographica - Lisboa-1778). Chama-o Apostolo, diz terem-se encontrado em Cranganor christãos deixados pelo seu apostolado, lembra as tradições de seus milagres em Ceylão e o encontro da sua sepultura, e fala de sua ida á China e de sua volta a Meliapor (Vide Tomo I, parte I, pag. 446; Tomo III, parte I, pag. 106; Tomo III, parte II, pag. 223 a 233). Diogo do Couto, nas suas "Decadas" (mesma edição), dá-lhe identica qualidade de Apostolo, "o primeiro que annunciou o Evangelho aos Mogores" (mongóes), e conta, tanto seus milagres, como as festas que ainda lhe faziam os malabares (Vide Tomo VII, pag. 390; Tomo II, parte II, pag. 18; Tomo IV, parte II, pag. 290 e 467).

Nenhum desses historiadores da India diz, nem ao menos de leve, que o Apostolo de Meliapor tenha passado alem da China, tenha evangelizado povos mais distantes que os mongóes. Entretanto, por todas as chronicas da Conquista do Novo Mundo, especialmente nas de origem ecclesiastica, S. Thomé apparece entre os indios occidentaes.

Diz, no emtanto, Orozco y Berra (op. cit. pag. 345 do tomo II) que "en el informe que D. Manuel Gutierres rindió al intendente de Guadalajára, á 19 de abril de 1805, habla de vestigios encontrados á cada paso en los montes, con figuras de piedra ó barro que parecen idolos, hachas de piedra, dardos de pedernal, morterillos para moler el maiz y algunos utensilios:..... que los indios del valle de Banderas decian que, en tiempos antiguos habia llegado por la mar un varon llanado Matias ó Matéo, que habia predicado la religion christiana: como comprobacion del hecho, se veian algunas cruces en la sierra de Chacola, y cerca de este lugar una cruz bien labrada, teniendo esculpidas en la peaña ciertas letras desconocidas con puntillos, que parecian hebréas ó ciriacas".

O mais interessante é que São Thomé, de accordo com as lendas, não se limitou só a pregar o Evangelho no Paraguay, no Mexico e no Peru' antigo. Contam escriptores de nomeada que tambem esteve no Brasil.

Torquemada, no livro XV, capitulo XLIX da "Monarquia Indiana", relata que os indios do Yucatan diziam que "en los tiempos antiguos llegaron á sus tierras veinte hombres con su chefe Cocolcan, blancos y barbados, los cuales mandaban que se confesasen las gentes y ayunasen". Frei Geronimo Mendieta guarda silencio, inexplicavelmente, sobre esses factos, na "Historia Ecclesiastica Indiana". Frei Bartolomé de las Casas, no capitulo CXXIII da "Historia Apologetica" adianta: "Si estas cosas son verdad, parece haber sido en aquella tierra nuestra Santa Fé sabida; pero como en ninguna parte de las Indias habemos tal nueva hallado, puesto que "en la tierra del Brasil", que poseen los portuguezes, "se imaginan hallarse rastros de Santo Tomas apostol" (gryphos nossos)..." O padre Simão de Vasconcellos, autor da "Chronica de la Provincia del Brasil" (edição de 1663, em espanhol) escreve isto: "Cuanto á la religion convenian todos los indios, asi de una como de otra parte de la America, que habia tradicion entre ellos antiquisima de padres á hijos, que, muchos siglos despuées del diluvio, anduvieron en sus tierras unos hombres blancos, vestidos, barbados, que hablaban cosas de un Dios y de otra vida; uno de ellos se llamaba Sumé, que quiere decir Tomé, y que estos no fueron admittidos de sus antepasados y se acogieron á otras partes del mundo, enseñandoles primero con todo á plantar y coger el fruto (sic) del principal mantenimiento de que usan, llamado Mandioca". Frei Gregorio Garcia, na "Origenes de los indios del Nuevo Mundo (libro IV, § XII, pag. 299, fala da pregação evangelica de S. Tomás no Brasil, garantindo que os guaranis o chamam Paicumá. Esse curioso freire explica de modo verdadeiramente fantastico a etymologia dessa palavra: Paycumá vem de Mayr-omás; mayr-peregrino barbado e vestido; omás-Tomás, sem o T! Melhor etymologia do que esta só a que lhe arranjou Becerra Tanco, no livro "Felidade de Mexico", citado por Orozco y Berra, que mistura o grego Didymus com as palavras "coatl" e "cocon", mexicanas, aztecas ou nahôas, acabando por provar que Quetzalcoatl e Tomás significam a mesma coisa: mel!!!

Conhecia no nosso folk-lore o habito sertanejo de appellidar as depressões em forma de pegada, achadas á face de certas rochas, rastos de São Thomé. Na serra da Ibiapaba, no Ceará, ha uma dessas marcas celebres, attribuida ao missionario pa-

30

dre Pinto, quando fugia dos indios que o queriam sacrificar. O citado Las Casas, no livro I da "Historia de las Indias", relata que São Thomé passou por meio das tribus indigenas do Brasil "y que sus pisadas están señaladas cabe un rio, las cuales yo fui á ver por más certeza de la verdad, y vi, con los proprios ojos cuatro pisadas muy señaladas, con sus dedos, las cuales algunas veces cubre el rio cuando hinche; dicen tambien que cuando dejó estas pisadas iba huyendo de los indios que le querian fiechar, y llegando alli se le abrió el rio y pasara por medio dél sin se mojar, á otra parte y de alli fué para la India..."

Esses mysteriosos signaes estampados nas lages são semelhantes ao que dizem ser de Budha uns, de Adão outros, no pico de Adão, na ilha de Ceylão, a pegada santa que Clavé confirma ser chamada "sripada". São como as que se encontram nos pedregões de Cempoaltepec e constam como sendo da do "homem barbado que trouxe a cruz á America (São Thomé), como está na "Discripcio. Geografica" de Burgôa.

Houve, é certo, e disso estão capacitados os eruditos que têm escripto a historia de Anahuac, que têm folheado as paginas das civilizações azteca, tarasca e maya, ou quichua e aymará, mesmo sabios norte-americanos, mesmo Humboldt e Dupaix, que houve missionarios christãos "brancos" e "barbados", vindos do norte, entre os indios. Eram, por certo, padres desgarrados dos aventureiros normandos que povoaram, mais de tres seculos antes de Colombo, o Labrador e a Nova Escocia. Mas a vinda do apostolo que quiz vêr para crêr ás Americas e especialmente ao Brasil é de todo improvavel. As "Decadas" asseguram que da China voltou a Meliapor, onde morreu.

Nunca tambem, nas minhas viagens pelo nosso interior, encontrei os taes pegadas tão faladas. E, como São Tomé, quizera vêr para crêr...

(Continúa).

João do NORTE.

"Fon-Fon" 3 junho 1922

Nos salões do Rio

Ao ouvido de Madame X...

A's vezes, sou um tanto indiscreto, Ainda ha tres dias o fui. Fumava num dos nossos mais elegantes hoteis, afundado numa poltrona do *hall*, por traz de columnas. Perto vieram sentar-se duas damas elegantes. Conversaram em voz baixa, sem pensar, no emtanto, que mesmo assim, poderia ouvir o que dissessem. E ouvi tudo.

Elegancia carioca

Cypriano Lage
(Caricat. de Renato)

Uma contou á outra este esplendido caso, quasi ao ouvido (como a não conheço, chamo o seu ouvido o de Madame X):

— Minha querida, as creadas de hoje são impagaveis. Ellas cuidam ser mesmo superiores a nós. Imagine que ha dias, ao calçar umas meias de seda cinzentas, unicas dessa côr que tinha, para ir ao Municipal, verifiquei com summo desprazer que estavam furadas. Pedi á criada, á Julia, uma agulha com linha, afim de serzil-as. Ella a trouxe; mas, quando vio o que eu ia fazer, perguntou-me amavelmente:

— Quer a senhora que lhe empreste um par de meias de sêda dessa côr? Ainda tenho uma meia duzia nevinhos em folha...

"Correio Paulistano", 28 - Maio - 1922

14

O amor e o mundo

Quanto mais um poeta sabe concentrar num verso unico multidão de pensamentos, maior elle é, porque a verdadeira grandeza da poesia está na synthese que ella representa. Um simples verso póde conter um mundo de idéas e de emoções. E só os versos nessas condições são eternos.

Da obra de Heredia, perfeita como um marmore attico que os seculos poliram, talvez os maiores versos sejam os da chave do soneto "Les conquérants": "ils voyaient monter dans un ciel ignoré — du fond de l'océan des étoiles nouvelles." Estas palavras synthetizam a epopéa das aventuras e dos descobrimentos. Aquelles que só tinham navegado no hemispherio septentrional, aquelles que só conheciam as estrellas do Norte, que sómente viajavam acima do Equador, demandando, então, as plagas meridionaes do continente de Colombo, na gana do ouro, só podiam vêr da alta prôa das caravelas um horizonte desconhecido, semeado de constellações até ali ignoradas pela humanidade occidental, entre as quaes fulgia o Cruzeiro do Sul. A profundez de pensamento desses versos não foi, infelizmente, respeitada na traducção do grande Raymundo Corrêa: "todo o infinito céo sobre o infinito mar" vê qualquer pessoa que embarca e perde a costa de vista. Num céo ignorado estrellas desconhecidas sómente viram os conquistadores do Novo Mundo.

Foi essa faculdade de condensar idéas e de transfundil-as em poucos versos a maior virtude poetica de Dante e de Goethe. De Dante sobretudo. Do grande florentino bem se póde dizer o que Taine dizia de Stendhal: "escrevia com mais idéas do que palavras".

A's vezes, nos dias em que não sei que livros escolher para matar o tempo, recorro ao meu Dante de cabeceira, em edição commum e orthophonica de Ulrico Hoepell, de Milão. E cada uma dessas vezes alguns de seus versos me fazem mergulhar num infinito mar de pensamentos.

As palavras de exordio deste artigo tão sómente servirão para mostrar as suggestões que a ultima leitura dos "tercettos titanicos" provocou no meu espirito.

Eu lêra á noite o ultimo canto do Paraiso e, após ter dito a meia voz o derradeiro verso, fiquei longamente immovel, a scismar:

"L'Amor qui muove il sole e
[l'altre stelle".

Senti quão longe, no mundo das idéas, o poeta nos conduzia com essas poucas palavras. O amor que move o sol e as estrellas, o amor que move o universo, tudo é um pensamento tão grande e tão antigo como o proprio mundo. Nós o podemos encontrar nas mais antigas e obscuros theogonias primitivas.

Da ganga bruta, do cascalho vetusto das religiões asiaticas, depurado pela intelligencia, elle já se manifesta como ouro puro na Theogonia de Hesiodo. O velho poeta argivo conta que, entre a grandeza immensa do Urano e a extensão formidavel e humida de Geá, após o Cháos, surgiu o Amor, fecundando tudo. E o Amor, assim, deu origem a todas as fórmas do Universo.

O derradeiro verso do poema divino suggere mil cogitações. Lembra que o culto do **lingam**, da fecundidade, foi o culto inicial, a religião basica, e delle decorreu tudo, tudo, até mesmo toda a poesia da vida! Escrevia o sabio Creuzer que o mundo receberá da união de ambos os sexos, céo e terra, o primeiro principio fecundante, o segundo fecundado e fonte da humanidade, todas as cousas animadas e inanimadas. O **lingam** ou **phallus** foi o symbolo desse mysterioso pensamento de todas as religiões sem excepção. Os doze lingams da India, divididos em masculinos e femininos, são nada mais e nada ménos do que os doze deuses e as doze casas zodiacaes do sol e as doze casas zodiacáes do sol e as doze phases da lua. Da opinião de Creuzer podemos passar sem transição muito brusca para a de Clavel, na "Histoire pittoresque des réligions". Affirma esse notavel archeologo, historiagrapho e analysta que, nos baixos relevos do grande templo de Thebas, no Egypto, existia uma figura de Osiris nu', tendo na mão um dos citados symbolos da fecundidade, do qual sahiam o sol, os planetas, as constellações, todos os luzeiros do céo, todos os astros, dispostos na ordem que occupam no espaço infinito, o que mostrava bem claro o pensamento religioso que déra origem a essa obra do amor: o amor movendo o sol e as outras estrellas!

Assim, o alto pensamento de Dante é tão velho quanto a humanidade. Antes delle lhe dar a sua forma italiana pura, já o haviam cantado nos metros antigos os poetas hellenicos, já o haviam condensado em versinhos dogmaticos os brahmines indu's e já o tinham esculpido no granito de Silsileh os esculptores egypcios. No fundo das mais vetustas theogonias lá está elle. Por essa profundez humana, por esse cunho de generalidade genial, é que os tercettos do Alighieri serão tão eternos quanto a memoria das religiões orientaes e os entalhados monumentos theocraticos do Egypto.

João do NORTE

Doc 29

"O Jornal" - 3 Junho 1922

O apostolo São Thomé no Brasil

III

A documentação da estadia do pregador christão entre nossos indigenas, que, tambem, segundo certos autores, acreditavam na velha lenda americana dos homens brancos e barbados, vindos do Oriente, não é nada despresivel.

Se Paul Gaffarel, que foi com Ferdinand Denis, em França, dos maiores eruditos sobre a America Meridional e preparou a ediçao Lemerre da obra curiosissima de Jean de Léry a respeito do Brasil, não deu palavra sobre a vinda de São Thomé ás nossas plagas no seu admiravel volume "Etude sur les rapports de l'Amerique et de l'ancien continent avant Christophe Colomb" (Paris-Thorin, 1869, in 8°), no qual ha um bello capitulo a respeito das lendas christãs relativas á America, encontraremos o rasto do apostolo no livro hoje em dia rarissimo do segundo dos escriptores citados "Une féte brésilienne celebrée á Rouen en 1550", Tchener, Paris, 1850, in 8° grande.

Nessa obra interessantissima, o conservador da Bibliotheca de Santa Genoveva estuda sob varios aspectos o precioso volume assim intitulado: "Cest la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dressés, et exhibés par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, a la sacre Maisté du Très-christian Roy de France, Henry secôd lers soeurain Seigneur, et á Trésillustre dame, ma Dame Katharine de Medicis, La Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeulx et nouvel aduenement en icelle ville, qui fut es iours de Mercredy et ieudy premier et secôd d'octobre, mil cinq cens cinquante, et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, les figures et pourtraicts des principaulx aornements d'iceluy y sont apposez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discours, de l'histoire. Avec privilegé du Roy. On les vend á Rouen chez Robert le Hoy Robert et Jehan dictz du Gord tenantz leur boutique, au portail des libraires".

Ferdinand Denis faz acompanhar a noticia critica desse singular volume duma theogonia brasileira, extrahida dos manuscriptos do celebre André Thevet conservados na Bibliotheca Nacional de Paris. Essa theogonia é sobremaneira curiosa, mesmo porque nada do que della consta se encontrará na obra mais conhecida do mesmo Thevet: "Singularitez de la France Antarctique", e que faz parte unicamente da sua formidavel "Cosmographie Universelle". Nessa parte, intitulada "De la legire croyance des sauvages austraux" (pagina 85 — "Une fête brésilienne" de Ferd. Denis), lê-se isto: "Or disent ils que pour l'esgard de se second Monan qui estoit admirable entre les hommes, desja fort multipliés sur terre, ceux qui faisoient quelque chose de plus grand et merveilleux que les autres estoient appelés différemment Maires, comme heritiers et sucesseurs de Maire-Monan". A proposito deste trecho, Ferdinand Denis dá esta erudita nota: "Nous l'avouerons, nous avons cherché vainement, et dans les meilleurs lexiques guaranis ou brésiliens, une définition précise du mot "maire" ou "maire", qu'on rencontre si frequemment dans nos vieux voyageurs françois, et qui désigne un "être d'une nature supérieure". On trouve dans Vasconcellos, á propos de la légende de Sumé, ou si on l'aime mieux de Saint Thomas, une explication de ce terme. Nous la reproduisons, sans affirmer qu'on puisse l'admettre. La trace des pieds de l'apôtre marquée sur une pierre étoit désignée encore vers le milieu du XVII eme., sons le nom de "Mairapé", le chemin de "l'homme blanc". Ruiz de Montoya explique ainsi ce mot: "maô", qu'est-ce? qu'y a-t-il?

Il indiquerait sons cette forme un être mystérieux qu'on ne saureit bien définir".

Aqui já nos surge o Apostolo confundido com um individuo mysterioso e branco (semelhante ao Quetzalcoatl dos mexicanos, ao Zamma da America Central e ao Cuculcan dos Mayas), que o espirito christão do descobridor, do bandeirante ou do chronista vae logo, sem tardança e sem maior exame, identificando com São Thomé.

A' pagina 87 (op. cit.), Thevet fala do grande pagé divino Sommay, progenitor de Tamendonare. Ferdinand Denis propõe adiante, numa nota:

"Dans ce mot, sans donte alteré, peute'tre faut-il reconnoitre Tamoi, le grand-pére, le génerateur des peuples, on le Sumé de Vasconcellos". Chama-se a isto vulgarmente "Conta de chegar", e com muito bôa vontade. Como poderia Sumé ser o apostolo São Thomé, quando elle é, segundo ahi está escripto, o pae de Tamendonare, o Timandonar de Figueira, o Temenduaré de Simão de Vasconcellos e de Villegaignon, o Tamandaré lendario, Noé barbaro do diluvio brasilico. Denis affirma que esse personagem lendario "branco e barbado", parece com o Quetzalcoatl mexicano, o Viracocha do Peru', o Bochica da Nova Granada, o Manco Copac peruano, todos mythos solares, e que Thevet o considera como offerecendo perfeita identidade com o apostolo, accrescentando que as suas pegadas frequentemente se encontram gravadas em rochas no litoral brasileiro (op. cit. pag. 88).

Na "Voyage dans les deux Amériques", de Alcide d'Orbigny, tomo III, pagina 13, encontram-se referencias a proposito da celebração dos ritos de Tamoi entre os indios guarayos, que o conjuravam para novamente descer a terra, afim de ajudal-os, como outróra fizera. Talvez esse nome de Tamoi, prestando-se a uma confusão phonica e designando uma personagem divina, ás vezes identificada com Sumé ou Sommay, o legislador branco e barbado, outras assemelhada ao Tamandaré do diluvio, fosse "magna pars" na curiosa origem dessa velha lenda da chegada do apostolo São Thomé ás terras americanas e especialmente ás regiões do Brasil.

O padre Yves d'Evreux escreveu um livro em dois tratados: "Histoire des choses plus memorables advennues en Maragnan es années 1631 et 1614", que foi publicado em 1615, em privilegio real, como era de habito, por François Huby, "rue Saint Jacques a la bible d'Or et en sa boutique au palais en la galerie des prisonniers". Ha um exemplar dessa obra rara na Bibliotheca Nacional de Paris e por elle se fez, sob a direcção de Ferdinand Denis, uma edição moderna, in-12, em 1864, na livraria A. Franck de Albert L. Herold, Leipzig e Paris.

Conta Yves d'Evreux (op. cit. pag. 227), que, após ouvirem as predicas religiosas dos missionarios, os indigenas maranhenses diziam que, segundo uma das suas velhas tradições transmittidas de paes a filhos, outróra vira entre elles um grande "Marata" de Tupan, isto é, um Apostolo de Deus, que lhes ensinou muita coisa, inclusive o aproveitamento da mandioca. Como as gentes não escutassem com fervor suas predicas resolveu ir embora, mas deixou gravadas nas pedras por onde passou as suas pegadas, fugindo para as terras do além mar.

Eis ahi mais um testemunho da lenda identica á de Quetzalcoatl entre os nossos selvicolas. Ferdinand Denis acha que a palavra Marata é alteração do vocabulo Mair empregado por Léry e Thevet.

Yves d'Evreux narra mais (op. cit. pag. 338) que uma feita deu estas explicações acerca das imagens dos doze apostolos aos indigenas: elles eram os "Maratas de Tupan", que, após a ascenção ao céo do filho e mensageiro de Deus, se espalharam por toda a terra, pregando a doutrina da Verdade e combatendo, por todos os meios, o poder de Jurupary (elle escreve Giropari — o diabo). "Et choisissant Sainct Barthelemy, ie le luy montray disant: Tien, voilá ce grand "Marata" qui est venu en ton pays, duquel vous racontez tant de merveilles que vus péres vous ont laissé par tradition. C'est luy qui fit inciser la Roche... C'est luy qui vous a laissé le "Manioch..."

Vê-se por aqui como estavam os missionarios dispostos a encontrar similitudes entre suas crenças e as tradições americanas. O "marata" Sumé, que outros identificaram a São Thomé, o padre d'Evreux achou melhor approximar de São Bartholomeu..

Varnhagen fala, no tomo I, pagina 136 da "Historia Geral do Brasil", dessa curiosa lenda que veiu até nós, e em Madrid, em 18, no anno de 1855, segundo F. Denis, se publicou o seguinte folheto: "Sumé. Lenda mytho-religiosa americana, etc., agora traduzida por um paulista de Sorocaba".

Terminando nosso desvalioso estudo, não podemos deixar de transcrever trechos da excellente nota de Ferdinand Denis contida nas paginas 449 e 450 do volume da nova edição de Yves d'Evreux. Ella aclara quasi definitivamente a questão: "La legende brésilienne a transmis d'âge en âge le récit des peregrinations de deux prophétes fort distincts... q'uelle nomme tour á tour Tamandaré et Sumé. Comme Boudha, le dernier a laissé l'empreintre d'un de ses pieds sur la roche vive lorsqu'il a quité la terre... En préférant la tradition qui accorde l'honneur d'avoir évangélisé les peuples lonitains á Saint Barthelemy, le P. Yves d'Evreux fait preuve de la consaissance des sources. Au rapport d'Eusébe, en effet, cet apôtre voyageur avait penetré jusqu'a l'extremité des Indes... La légende contraire a prevalu au Brésil, comme elle a prevalu surtant aux Indes... Les traces du pied de St. Thomas étaient visibles... au nord du port de St. Vicent non loin de la ville. Ces traces de deux pieds nus merveilleusement empreints sur la pierre étaient parfois cachées par l'au. Le réligieux franciscain Jaboatan retrouve an récif devant

32

Pernambuco les saintes empreintes; cependant dans cette second version de la légende ou ne soit apparaitre qu'un tout petit pied, comme celui d'un enfant de cinq ans, et le pieux narateur suppose que c'est celui d'un jeune compagnon de l'apôtre. (Voy le "novo Orbe seraphico"...) Ou ne se contente pas de reconnaitre ces traces fameuses sur pleusieur points du littoral... on fait pénétrer résolument le saint voyageur dans l'intérieur du Brésil, et lá, il inscrit sur la roche en caractéres gigantesques l'histoire de sa mission. Il ya á Minas Geraes un village auquil on a donné son nom, c'est "São Thomé das Lettras..."

Dessa lenda curiosissima fala tambem, documentada e longamente, Simão de Vasconcellos nas suas "Noticias do Brasil".

Do estudo que acabamos de alinhavar resultou as seguintes conclusões, de natureza absolutamente folk-lorica: primeira, existiu entre os povos que habitavam a America uma vetusta lenda da vinda de civilizadores mysteriosos, brancos e barbados: Quetzalcoatl, Cuculcan, Zamma, Bochica, Viracocha, Manco Capac, Sommay ou Sumé, Mair ou Mairata, Tamoi e Tamandaré; segunda, os descobridores, povoadores e missionarios applicaram essa lenda as suas crenças, identificando essas personagens com seus santos e apostolos.

João do NORTE.

"Fon-Fon" - 3 junho 1922

Nos salões do Rio

Os sete peccados

Em casa do commendador Mazzarello, que foi dono dum restaurante em que não havia preços márcados na lista e fatalmente se tornou um dos maiores capitalistas do Rio, as meninas da visinhança junto com as suas filhas brincam de prendas todas as quintas-feiras, á noite.

PARISIENSES

Em casa do commendador Mazzarello, disse eu. Desculpem-me, deveria ter dito: em casa do commendador conde de Mazzarello. Feita a rectificação, passemos adeante.

Nessas amaveis reuniões das quintas-feiras, vae muita gente da nossa melhor roda. Um dos mais assiduos frequentadores das mesmas é o Dr. Juliano Marcos, solteirão preguicento, que usa cabelleira postiça, faz a côrte a todas as moças bonitas que vê e dorme na sua cadeira de vime do terraço, quando os brinquedos de prendas duram mais um pouquinho.

Uma feita, a filha mais velha do barão perguntou á roda, ligeiramente, o que era que ainda não tinha augmentado de numero depois da invenção do automovel. Cada almofadinha respondia um asneirão e pagava prenda. O Juliano resomnava. Chegou a sua vez. A gentil Annunziata despertou-o, brincalhona, e fez-lhe a pergunta intempestiva:

— Que é? que é? que ainda não augmentou de numero depois da invenção do automovel?

E elle, repentinamente:

— Os sete peccados mortaes.

"Selecto" - 27 maio 1922

15

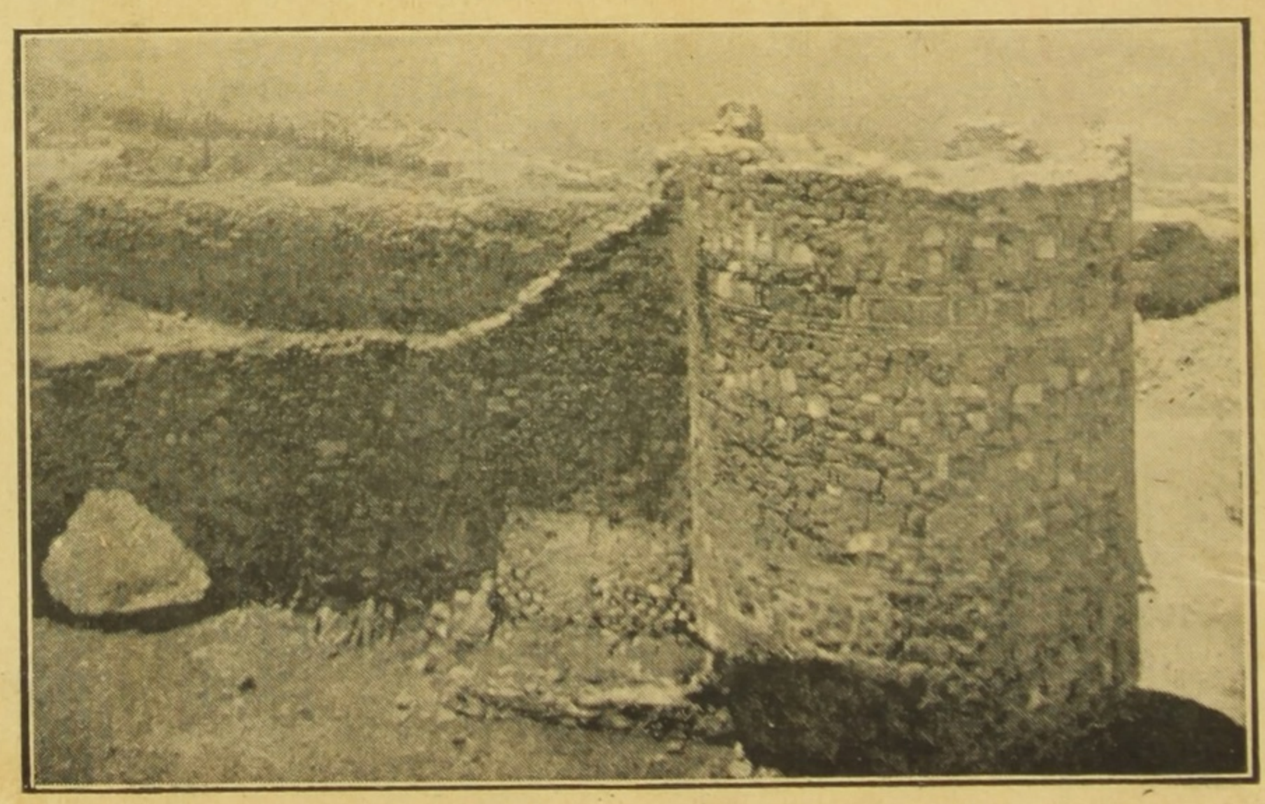
A ACÇÃO HELLENICA NA ASIA MENOR

Patrulha grega passando n'um cáes, em Smyrna.

Nada melhor para se comprehender a recente situação politica-militar dos gregos na Asia Menor do que passar a vista pelos factos concretos, porque em tempo de guerra ha paixões excitadas, sympathias e antipathias, e só a realidade tem valor verdadeiro.

Muitos dizem que os gregos fôram vencidos pois se retiraram de Sangarios, após terem apregoado que só se deteriam em Angora. Outros affirmam que boatos e noticias de jornaes são cousas bem diversas de planos, conveniencias e ordens estrategicas, que jamais o governo e os generaes hellenos pensaram em installar seu exercito em Angora, onde ficaria muito afastado das suas bases de operações. Apoderar-se da rêde ferroviaria Smyrna-Afium-kara-hissar, Eskicheir foi grande vantagem militar. Continuar o avanço sobre Angora, procurando as forças do adversario, destruindo-as, se possivel, ou enfraquecêl-as, afim de se livrar dum retorno offensivo sobre Eskicheir, tambem. Mas apoderar-se de Agora não. O unico alcance dessa conquista seria politico e psychologico, o que só mereceria uma occupação por poucas tropas, sem objecto absoluto, definitivo.

Só acreditará o contrario quem sómente der credito aos communicados kemalistas. Quando esses escasseiam e os gregos tambem, as imaginações dos jornalistas trabalham e elles começam a *vêr* o exercito grego, destroçado, fugindo perseguido pelos ottomanos através o plató de Sivri-hissar. Tudo isso foi sonho. Algum tempo antes, disseram varios jornaes do mundo que os gregos haviam sido inteiramente destroçados. No emtanto, esses destroços, após uma batalha cruenta de sete dias, tomavam aos turcos victoriosamente as fortes posições de Ghesuk.



As ruinas da antiquissima fortaleza do monte Pagus, na Asia Menor.

"Fon-Fon" 3 junho 1922

O Levante Nesta época em que fervilham boatos, enxameiam pilherias que ridiculisam esses mesmos boatos. Felizmente. Dentre todas as que correm por ahi, a mais bem feita é, por certo, esta:

Um individuo encontra no bonde, antes do almoço, um camarada que está com a cabeça cheia das noticias alarmantes dos jornaes opposicionistas matutinos, e diz-lhe com seriedade:

— Esta manhã levantaram-se todos os batalhões da Villa Militar...

O outro, angustiado, indaga

— Para que?!

— Para tomar café, responde com naturalidade, sorrindo de prazer...

33

"A Noite" - 8 de Junho de 1922

O argentino e os paraguayos

Deante das nossas tropas, reza a historia as forças do dictador Lopez que tinham invadido a provincia argentina de Corrientes retiraram apressadamente, de maneira que o nosso exercito foi avançando sem tropeços por aquellas coxilhas sem fim, onde alumiavam os banhados ao sol e gritavam de instante a instante os quero-queros.

Acompanhado do seu estado maior e do seu piquete de lanceiros, o bravo general Osorio hospedára-se numa estancia pequena, á beira do caminho. Após o jantar frugal, viera chupar o seu chimarrão costumeiro na alpendrada da casa, deante da noite frêsca e enluarada.

Sentado silenciosamente numa vasta poltrona, olhava o luar, o canudo da bomba do matte esquecido ao canto dos labios. Os officiaes circulavam-n'o de pé ou escanchados nos parapeitos do alpendre. O estancieiro gringo, encostado ao humbral da porta, cerrava os olhos, como se profundamente meditasse. A um canto, occupava uma poltrona mais larga que a do general a esposa do fazendeiro, immensamente gôrda e já grisalha. Por traz della se alinhavam as suas tres filhas, mocinhas entre dezesseis e vinte annos, coradas e nada feias.

Terminando o seu matte saboroso, Osorio rompeu o silencio, dirigindo-se ao argentino:

— Então, meu caro hospedeiro, os paraguayos passaram por aqui tambem ?

— Tambien, señor general.

— Com toda a certeza,—continuou o general—pintaram o sete! Gente barbara! Avalio o que fizeram pelos rastos que já encontrei de sua passagem em outros logares. São bandidos e não soldados! Não respeitam nada.

O argentino escancarára os olhos, desperto de todo da sua meditação, e avançara mais para o meio da varanda. O luar batia-lhe em cheio da cabeça aos pés. Tinha a face corada e cheia de resignação. Deixou pender a cabeça desalentado e exclamou :

— Usted tiene razon, señor general brasileño. Los paraguayos estuvieron acá y no hon respectado nada !

— Que lhe fizeram esses selvagens ? — indagou curioso, o chefe brasileiro.

O homem guardou silencio alguns momentos. Todo o estado-maior devorou-o curiosamente com os olhos. Por fim, disse, abruptamente:

— Que me hicieron? los miserables paraguayos estragaron todas las tres niñas!

O general e a officialidade entreolharam-se com espanto. As mocinhas baixaram a cabeça, envergonhadas. Houve um silencio afflictivo. De repente, a mais moça dellas encara friamente os officiaes e, com os olhos cheios de agua, diz ao general, como a desculpar sua desgraça com a de outrem:

—Y maman tambien! y maman tambien, señor general !

A velha gorda mal se remexeu na vasta poltrona e nada disse. Continuou a olhar as unhas tarjadas de negro. Uma nuven diminuio a luz esverdinhada da lua. E o argentino, avançando mais,

"Fon-Fon" 3 Junho 1922

As caravellas do ar Os mythos vetustos dos povos do Mediterraneo contam das viagens aventnrosas da Atlantida á Tyrrhenia e das columnas de Hercules á Meropida e ao continente Kroniano. As tradições phenicias falam de excursões difficeis ao mar dos Sargaços e ás ilhas dos Satyros. As lendas christãs e medievaes tratam das idas ás ilhas de São Brandão, de Man Sat naxio,do Berzil e da Antilia. A historia prova a vinda dos normandos á America Septentrional e conta as descobertas dos povos peninsulares. Todo esse conjuncto de relatos se refere ás Americas.

Entre as gentes da Peninsula Iberica, os mais ousados fôram, nesses *raids* maritimos. os portuguezes. Como todos os que os antecederam nas rudes fainas do oceano, navegavam em barcos de vela. As suas caravellas heroicas pertencem á lenda e pertencem á historia. Mas de todos os povos que se lançaram ás aventuras, avassalando terras e mares, quiz seu brilhante destino que fôssem os unicos a vencer, além das terras ignotas e dos mares "nunca d'antes„ e "nunca d'outrem navegados„, com as suas caravellas aereas de Gago e Saccadura, os "ares nunca dantes percorridos„!...

Klaxon Sempre houve no mundo a mania das renovações artisticas. De tempos em tempos, os homens resolvem mudar as linhas, as formas e os cánones das obras de arte, dizendo-se fatigados de volharias, condemnando todo o passado e esforçando-se por crear coisas novas. Dahi certos estylos litterarios, pinturaes ou architectonicos, que vivem alguns mezes, de quando a quando, á face do planeta.

Apezar dessas innovações, a arte continua a ser sempre o "esplendor do verdadeiro„, na mais lata significação desta frase. Ella continua grandiosa e intangivel. Ella é profundamente idealista e profundamente mystica. Sem ideal e sem mysterio não ha arte. Quando essas duas forças se encontram a nova forma de Arte surge, como a architectura gothica após o romano-byzantino, este após o classicismo grego, e a magestade do Renascimento depois das cathedraes. Quando não ha nada disso, as pseudas artes creadas não vingarão. Isto acontecerá com os futurismos, dadaismos e penumbrismos actuaes, cujas grandes innovações — *pour épater* — estão nas misturas de typos grandes e pequenos, e nas asneiras em verso e prosa.

Agora, surgio entre nós a revista paulistana *Klaxon*, orgão dessa phase doentia do pensamento moderno.

Não viverá um anno...

A saudade de um bem que ainda não veiu.

Alberto de Oliveira

Aquella viuvinha loura, de olhos claros, apaixonada pelas mangas curtas, que toma o seu chá, frequentemente, em uma das ultimas mesas, ao fundo, no Alvear, está desesperando, ao que parece, de encontrar um substituto para o defunto.

Sexta-feira da semana passada, appareceu ella por lá, com as suas grandes olheiras. Foi mais cedo que de costume, e sentou-se, sosinha. Tomou um sorvete, e esperou. A's cinco tomou um chá. E eram, já, cinco e meia, quando uma das suas amigas se approximou da mesa, beijando-a, e estranhando:

— Tu, sosinha ?

— E' verdade.

— Estás esperando alguem ?

— Estou, — confirmou a triste.

— Quem ? — indagou a indiscreta.

— Não sei, menina... Sei, apenas, que está tardando...

E pousou os olhos na chicara, para esconder uma lagrima...

Job Hell

quasi gritou entre chôros:

— Es verdad, señor general! Es verdad! Es verdad! Hastá la pobrecita! Hastá la pobre de mi mujer! Hastá la pobre vieja! No respectaron nada, los malditos!

Osorio levantou-se, emocionado. Um capitão bateu amigavelmente no hombro do estancieiro, procurando consolal-o. E elle, contendo com esforço as lagrimas:

— Gracias a Dios me han dejado en paz! Graçias a Dios no me estragaron tambien. El teniente paraguayo me examinó y me dijo que yo era mucho viejo y no servia más...

O argentino, lembrando-se dos momentos angustiosos da invasão, cahio de joelhos perante o estado maior de Osorio e soluçou, batendo no peito:

— Gracias a Dios! Gracias a Dios no me estragaron tambien!

Maribondo de Chapéo

O telephone

Quando ella partiu para Petropolis, a passar o verão, o esposo promettera-lhe que, na volta, encontraria o telephone collocado. Era uma necessidade. Ella precisava conversar com as amigas, e elle providenciaria para que o dezejo fosse cumprido.

Antes de descerem, o marido perguntou-lhe onde se devia pregar o apparelho. E ella opinou:

— No logar em que achares melhor. Para maior facilidade, conviria, entretanto, que eu estivesse perto, toda a vez que chamassem. Não achas ?

Elle concordou. E quando ella desceu, e procurou o telephone, teve uma crise de raiva. O marido havia mandado collocal-o no banheiro, perto de um movel em que, na sua opinião, ella passa a maior parte do dia...

34 "Fon-Fon" 3 junho 1922

16

O Paiz dos Deuses

E' este o titulo suggestivo do admiravel livro sobre o Japão, que vae publicar, o illustre escriptor Osorio Dutra. O joven consul do Brasil, quando viveu nas terras do Imperio do Sol Nascente, carinhosamente lhe estudou usos e tradições. vasando suas impressões em capitulos de prosa castiça. Elle já era entre nós conhecido como excellente poeta e trouxe com esse livro do Extremo Oriente suas credenciaes de prosador.

A capa do "O Paiz dos Deuses", em côres, tem a assignatura do Capllonch e o volume foi prefaciado por Gustavo Barroso (João do Norte).

Entre os seus principaes assumptos notamos os seguintes: "A floração das cerejeiras", "O Daibutso de Nara", "Os Templos de Kioto", "Divindades e Legendas". "Pedras que falam", "Budhistas e Xintoistas", "A evolução do chá", "Rma visão do Fuji-Yama", "A dansa dos mortos". "Patriotismo e tradição". "A lenda de Amatarasú", "O Theatro moderno", "A festa macabra", "A politica exterior", "Guerras improvaveis",

Nestes dois ultimos capitulos, Osorio Dutra prevê com segurança a orientação futura da politica nipponica, tendo já sido alguns dos seus conceitos plenamente confirmados pelos acontecimentos.

Nos salões do Rio

Após uma representação

Num grupo alegre, no *fumoir* do palacete do commendador Christovam Lopo, nas Laranjeiras, conversavam alguns senhores com uma joven senhora de cabellos castanhos, face rosea e olhos claros como o céo matutino. Uma creatura encantadora. leve, alegre como um passaro. A' porta do aposento, apparece de repente a esposa dum dos cavalheiros presentes, que vem chamal-o. Entrou e elle apresenta-a naturalmente á linda moça. Depois, saem e elle murmura qualquer coisa ao ouvido da mulher.

Mais tarde, na grande sala de baile a joven e formosa dama passa com a sua esbelteza de palmeira e o seu perfume estonteante por uma roda de senhoras, entre as quaes á da apresentação no *fumoir*.

Uma exclama:

— Que linda!

Outra responde:

— Que maravilha!

Uma terceira, com enthusiasmo:

— Encantadora?

Todas ao mesmo tempo:

— Quem é?

E a esposa murmurou, cruelmente:

—Meu marido apresentou-m'a como Mme. Coelho Freire, mas disse-me, depois, em segredo, que ella foi artista de circo de cavallinhos...

O cordél

Sabem o que se chama o cordel? E' aquelle barbante em que os engraxates penduram folhetos para vender. Na opinião dum editor moderno e *aguia* de S. Paulo, o cordél é uma instituição seria.

PARISIENSES

Quando engraxo as botas, sempre examino os livrecos expostos nos barbantes dos engraxadores. Ha vinte e tantos annos que faço isto e encontro sempre o mesmo genero de obras: *A historia do José do Telhado, As proezas de Raffles, A arte de ser feliz, A alcova secreta..., A vida de Antonio Silvino*. Entre essas coisas, sempre a linda e banalizada *Ceia dos Cardeaes*. E, todas as vezes que olho essas *etalages*, faço intimamente a seguinte supplica

— Meu Deus, não permitti nunca, se algum dia eu escrever um livro, que a obra da minha penna vá parar no cordél!

Entretanto, ha por ahi tanto escriptor para quem o cordél seria uma gloria e tanto!..,

"Seara Nova" - LISBÔA - 12 de maio de 1922

AO SOM DA VIOLA
(FOLKLORE)
por
Gustavo Barroso

E' êste o último livro que o ilustre escritor brasileiro acaba de publicar, e que tanto interesse tem para os que quiserem desvendar a alma dos sertões do nordeste brasileiro.

A obra de Gustavo Barroso conta já um grande número de volumes — a *Ronda dos Séculos*, *Praias e Várzeas*, *Ideias e Palavras*, etc., e, principalmente dois ou três lívros sôbre o sertão, e um que me encanta profundamente, *Terras de Sol*, costumes do Norte, como em geral todas as obras em que entra a esplêndida natureza do continênte sul-americano. Pendurado no meu quarto andar sonhei sempre com as grandes florestas que nunca vi, com as prodigiosas regiões que desconheço e onde a vida é ainda quási selvática.

Este livro, *Terras do Sol* é uma tragédia — a tragédia da séca. E como Gustavo Barroso a anota nas suas minúcias! Sente-se o desespêro, que aumenta página a página, das plantas e das árvores queimadas pelo sol de fogo que devora o sertão. Os animais não teem já onde beber. E a angústia cresce e a angústia redobra e vai até ao exaspero, nos vegetais sequiosos, nos homens esqueléticos e na terra gretada sob o sol implacável, luminoso e impiedoso. Nem uma nuvem aparece no horizonte que prometa as primeiras gotas de água... Por fim chove, chove depois às enchurradas, e o leitor dêste livro maravilhoso solta como a terra martir do sertão um ah! consolador. A terra bebe à farta, bebem as árvores transformadas em torresmos, as fôlhas bebem, e os animais sorvem a água deliciosamente. Dum dia para o outro tudo se enche de verdura, e o amplo panorama reveste-se de encantos — até nova séca, até novo inferno.

São páginas admiráveis estas, e tantas outras, dêsse livro do grande escritor brasileiro.

Eu nunca verei esta tragédia por meus próprios olhos, mas tenho aqui na minha frente um drama parecido e no qual nunca ninguém reparou. Em Março vejo do meu quarto andar todos os telhados cobertos de flôres amarelas. Não sei o nome das ervas humildes, que se agarram aos sêcos telhados mouriscos, e que aí conseguem viver, florescer, morrer. Mas sei que vivem!... Mal dispõem dum punhado de terra que o vento poude juntar, e teem diante de si dois meses para cumprir um destino. Não tarda o sol que as devora. Durante o verão desaparecem. Como consegue a raiz ressequida manter-se dez meses em cada ano? Como aquelas plantas de que fala Euclides da Cunha no *Sertão* «fugindo à seca, atenuadas todas as funções em vida latente, alimentam-se de reservas que armazenam nas quadras remansadas». Há árvores no sertão americano que se enterram durante a séca! Estas plantas humildes dos telhados lisboetas oude a chuva corre sem se deter, tal qual como as grandes torrentes que se despenham nas ravinas das extraordinárias terras do Brasil, estas ervas ignoradas cuja vida é um desespero e que teem os dias contados para florir, estão exactamente no caso das grandes árvores das regiões calcinadas que «fazem a festa da primavera, depois a da maturação e a do inverno no espaço dum só dia!» Pelo menos deante de Deus o drama é o mesmo. Para a dôr o tamanho não importa.

Todas as obras que me falam das grandes selvas, e em que os personagens são a montanha, a floresta, a natureza americana, me enchem dum sonho nostálgico, como se o meu passado estivesse ligado por qualquer forma a êsse esplêndido scenário. E tal é o poder em mim do admirável *Terra de Sol*, que já o li mais que uma vez com uma impressão sempre viva. As mesmas sensações, redrobadas de saudade despertam agora na minha alma as canções do folk-lore *Ao som da viola* — Tão profundas porque julgo recordá-las por as ter ouvido noutra vida, talvez atravez dalgum dos meus mortos...

R. B.

"Mundo Litterario" - Nº 11 Rio - Junho - 1922

JOÃO DO NORTE

João do Norte é um dos nossos mais fecundos escriptores. As suas obras sahem umas atraz das outras — e o que é admiravel — sempre com exito e successo de livraria. Agora mesmo elle acaba de publicar *Coração da Europa*, com as impressões, colhidas durante a conferencia de Versalhes, e tem promptos a sahir do prélo: *A intelligencia das coisas*, trabalhos de erudição literaria, sociologica, philosophica, e historica, *Relicario Bisantino*, conferenrencia, *Quasi...*, chronicas sobre politica, critica e historia, *Capacete de Minerva*, artigos e estudos, *Livro dos milagres*, contos religiosos, *Vida e alma de Cladio França*, *Tamboeiros*, contos, *Rei do Sertão*, estudos sobre fanatismo sertanejo e *Alma de lama e de aço*, historias de bandidos.

(artigo de Raul Brandão)

"Jornal do Commercio"
7 - Junho - 1922

LIVROS NOVOS

GUSTAVO BARROSO — (João do Norte) — *Coração da Europa* — Rio de Janeiro — Livraria Castilho — 1922.

O Sr. Gustavo Barroso (João do Norte) não é só o estudador das causas e homens do Nordeste, o folklorista sapiente e descortinador o "conteur" exquisito e multiplo; é tambem um publicista e um critico como já tinha aliás demonstrado a sua serie de varias especie. Agora o Sr. João do Norte apparece como publicista de um novo genero publicando um livro interessante sobre a Republica Tchecoslava. Assim é um poligrapho admiravel e sempre em evolução.

Os homens cultos do Occidente, sem que tenham algum interesse particular para especialisar sua attenção, pouco sabem da Tchecolovaquia; a não ser atravez, no mundo latino, das excellentes obras de Lolus Leger, de Ernest Deniz, dos estudos de R. Caix, Taillandier, dos trabalhos dos economistas e constitucionalistas e, ha pouco por um livrinho de 128 paginas do Sr. Louis Eixmann sobre *La Tchecoslovaquie*. Assim a não ser no campo especialisado da economia politica, de finanças e do direito, só esses livros de ordem geral poderiam informar, além das noções adquiridas na analyse historica, onde os S'avos entram nos nossos livros de um modo indirecto.

Da litteratura tcheque só Nemda é lida em pequenas traducções e a obra do actual Presidente Masaryk é vulgarisada.

No Brasil, entretanto, só ha utilidade e pressa de conhecer os povos do centro e do Oriente da Europa, os Slavos, com os quaes podemos manter relações ainda maiores do que as actuaes e receber immigrantes. Ao demais o estudo da vida dos outros povos é um ensinamento constante.

Assim é para louvar a iniciativa do Sr. Gustavo Barroso (João do Norte), publicando um livro de vulgarisação sobre a Republica Tchecoslovaca. Lemos d eum folego tão interessante e intelligente resumo dos mais seguros e modernos dados sobre o sympathico povo slavo.

A Tchecolovaca é bem o *Coração da Europa*, e pela sua actividade, sua energia, pela selecção de competencia intellectual para os cargos de commando, reconquistou depois de seculos de oppressão e de humilhação o lugar que lhe compete no velho continente. Foi dos primeiros paizes a atacar o problema da deflação monetaria, foi dos primeiros a abrir caminho para a normalisação dos negocios, a tratar da propaganda commercial no extrangeiro, a vencer difficuldades tremendas, e das potencias resurgidas das que mais prestigio grangearam. Ainda agora, se entre as conferencias de Cannes e de Genova, não houve um deslocamento perigoso e irremediavel, deve a Europa e o mundo inteiro á habilidade da recente visita a Londres e Pariz do Sr. Benés.

O Sr. João do Norte tem razão em mostrar a influencia benefica de um governo de intellectuaes sobre a Tcheco-Slovaquia.

Nas pastas de commando, estão homens preparados pelos seus grandes estudos sociologicos e politicos.

O livro do Sr. Gustavo Barroso, feito por um escriptor de raça, é encantador e de suave e fluente leitura, apezar de suas paginas de condensação e resumo.

O autor estuda a *Geographia*, a *População*, a *Historia*, a *Vida politica*, a *Defesa Nacional*, a *Vida Economica*, a *Vida Financeira* e a *Vida Intellectual* da Tchecoslovaquia. E' uma excellente obra de alta vulgarisação.

Só podemos ter vantagens reciprocas na approximação tcheco-brasileira.

O Sr. João do Norte, com o seu talento de escriptor, a sua autoridade, prestou um bom serviço a essa approximação, publicando esse trabalho e que o grande publico terá muito que aprender. E' um resumo interessante, agradavel, instructivo, constituindo um appello para uma approximação economica, que será de mutuo interesse.

"Noticia" - 10 - Junho - 1922

Uma homenagem á memoria de Paulo Barreto

A' memoria de João do Rio vender-se-ão hoje as mais significativas homenagens. O Gabinete Portuguez de Leitura, commemorando a data do passamento de Camões, o grande poeta luso, inaugurará a bibliotheca Paulo Barreto e o busto do saudoso e eximio manejador da penna, artisticamente talhado em bronze pelo esculptor brasileiro Florindo Ramos.

Essa valiosa collecção de livros, que serviu de manancial onde o bello espirito de João do Rio alargava a vasta cultura que o orpava foi offerecida áquella associação pela

Paulo Barreto

veneranda progenitora do illustre extincto. Desnecessario será encarecer o valor moral do gesto da excellentissima progenitora de João do Rio, porquanto resalta á vista de todos.

E' altamente significativa a homenagem que á memoria de João do Rio hoje presta a mais valorosa associação de portuguezes no Brasil. Ella representa um largo passo para a cristallização do alevantado idéal que sempre alimentou o notavel escriptor patricio, isto é, a mais cordial approximação de brasileiros e portuguezes, destruidas, assim, as injustificaveis prevenções creadas pelos patriotas exaggerados em suas convicções, e tornando-se, pois, como em um só povo, qual nos primeiros tempos da nossa existencia politica, esses dois povos irmanados pela tradição e pelos costumes.

A obra admiravel empreendida por João do Rio ninguem a olvidará. Mesmo porque os fructos que produziu farão com que ella permaneça indelevel através os tempos e consagrada a memoria do seu insigne autor. E essa obra é tanto mais valorosa quando no momento em que João do Rio a empreendia, com a energia e o talento que lhe eram proprios, era iniciada ingrata campanha em sentido opposto áquella. Venceu o idéal de João do Rio e a doutrina antagonica não teve, felizmente, éco no coração da maioria dos brasileiros.

O Brasil inteiro espera, neste momento, com enthusiasmo extraordinario, a consummação da admiravel proeza dos dois grandes aviadores lusitanos, o que é, sem duvida, um corollario da acção brilhante de Paulo Barreto.

E', pois, a sessão de hoje no Gabinete Portuguez de Leitura de elevada significação moral.

Na solemne sessão, que terá logar ás 21 horas, usarão da palavra o escriptor portuguez Antonio Ferro e o Dr. Gustavo Barroso, que falará sobre a personalidade de João do Rio, evidenciando o valor de sua obra e a veneração em que brasileiros e portuguezes devem ter á sua insigne memoria.

"Fon-Fon" - 10 Junho 1922

Nos salões do Rio

Contra a verborrhagia

Contra os inacabaveis discursos opposicionistas e governistas, que ultimamente fôram pronunciados no Congresso, se insurgiam todos os que tomavam parte no almoço que o professor João Rabixo offereceu aos seus amigos, no Palace Hotel, por ter sido eleito membro da Academia de Sciencias de Madagascár. De todos os convidados eu era o unico que se não formára em medicina. Infelizmente! porque, depois que se descobrio que o Brasil é um "grande hospital„, essa nobre profissão tem vantagens verdadeiramente apreciaveis...

Após longa catilinaria contra taes discursos ôcos e compridissimos, um professor da Faculdade de Medicina aventou contra elles o seguinte meio:

— O presidente da Camara deveria ser sempre um medico, afim de poder addicionar no copo de agua que se dá a cada orador uma certa dóse laxativa, calculada para obrigal-o a sahir ás carreiras da tribuna em quinze minutos...

36 "Rio Jornal" - 10 - junho - 1922

Homenagem á memoria de Luiz de Camões

A solemnidade de hoje, no G. P. de Leitura

Realiza-se hoje, no Real Gabinete Portuguez de Leitura, ás 9 horas da noite, a solemnidade em commemoração á morte do grande poeta portuguez Luiz de Camões.

Aproveitando a solemnidade, será inaugurada a bibliotheca que foi offerecida por D. Florencia dos Santos aBrreto e que pertenceu ao pranteado e querido escriptor patricio Paulo Barreto.

Tambem será inaugurado o busto em bronze, desse inolvidavel homem de lettras.

Paulo Barreto

A solemnidade revestir-se-á do maior brilhantismo. Por essa occasião, deverão falar o dr. Gustavo Barroso, ao fazer a inauguração da bibliotheca "Paulo Barreto", e o dr. Antonio Ferro sobre a individualidade de Luiz de Camões.

"A Patria" - 10 junho 1922

O programma da solennidade.

Com a solennidade desta noite, o Gabinete Portuguez de Leitura não commemora apenas o anniversario da morte do maior poeta da nossa lingua — Luiz de Camões — occorrida aos 10 de junho de 1580. Elle recorda tambem o 42º anniversario do lançamento da pedra fundamental do seu edificio, em 1880, no tricentenario de Camões.

E é, aproveitando essas duas opportunidades, que o Gabinete inaugura tambem a bibliotheca de Paulo Barreto, o inolvidavel fundador de "A Patria", bibliotheca doada áquelle instituto por sua genitora, d. Florencia dos Santos Barreto e tambem o busto em bronze do grande escriptor, feito pelo esculptor brasileiro Laurindo Ramos.

O programma da solennidade é este: primeira parte — inauguração da bi-

discurso do dr. Gustavo Barroso (João do Norte); segunda parte — "Nocturno", de Nepomuceno e "Les vagues", de Morkawsky, numeros de piano executados por mlle. Irene Nogueira da Gama; terceira parte — commemoração de Camões, orador dr. Antonio Ferro.

17

"O Paiz" - 10 - junho - 1922

Paulo Barreto.

A memoria insigne de João do Rio será festejada hoje, porque, commemorando a data do passamento de Camões, o grande poeta da raça, o Gabinete Portuguez de Leitura vai inaugurar a bibliotheca Paulo Barreto e o busto do fino artista das letras, magnificamente trabalhado em bronze pelo esculptor brasileiro Florindo Ramos.

E' bella e commovente essa homenagem prestada pela mais illustre das instituições portuguezas, no Brasil. Ella representa a cristalização do grande idéal

que encheu toda a vida incomparavel do grande espirito de João do Rio, o encanto e o enthusiasmo desse estylista pela gloria dos nossos antepassados, destruindo com o poder de seu amor á raça as prevenções creadas pelos falsos patriotas e constituindo com a affeição filial das nobres inspirações os novos laços que vieram tornar mais forte a solidariedade entre os dois povos, tornando-os, como nos primeiros tempos da nossa existencia, um só povo.

Foi cyclopico, formidavel, corajoso esse trabalho de aproximação, quando, exactamente, os espiritos maldosos se comprazíam em iniciar uma campanha ingrata, que, felizmente, não teve écho no coração da maioria do brasileiros.

Esse mesmo *raid* Lisboa-Rio, que ora se realiza sob o olhar ancioso do Brasil inteiro, que palpita pela victoria dos heroes, isso mesmo é um corollario da acção de Paulo Barreto.

A festa que o Gabinete Portuguez de Leitura realiza hoje é, pois, uma festa de alta significação fraternal. A commemoração de Camões, confiada ao verbo eloquente do Dr. Antonio Ferro, é um pretexto. A commemoração é de Paulo Barreto, e, para portuguezes e brasileiros, nada é mais tocante que essa homenagem, inaugurando-se no Gabinete Portuguez de Leitura a bibliotheca que pertenceu ao mais calumniado, porém, o mais sensivel dos patriotas, o maior creador de bellezas que já possuimos.

Uma sessão solemne será realizada ás 21 horas, falando á memoria illustre do eminente homem de letras o Dr. Gustavo Barroso.

37 "O Dia" - 1o Julho. 1922

Mais uma festa de arte teremos esta noite, ás 20 horas, no Gabinete Portuguez de Leitura, á rua Luiz de Camões, que commemora, com a realização de uma sessão solemne, o anniversario da morte de Camões, o maior poeta portuguez.

Na mesma occasião serão inaugurados a bibliotheca de Paulo Barreto, doada ao Gabinete por sua progenitora, e o busto em bronze do saudoso escriptor, trabalho do esculptor Laurindo Ramos.

A sessão obedecerá ao seguinte programma:

I — Inauguração da Bibliotheca "Paulo Barreto". Orador: dr. Gustavo Barroso (João do Norte). II — *Nocturno* — de Nepomuceno, *Les Vagues* — de Moskowski. Para piano, pela senhorinha Irene Nogueira da Gama. (Piano *Bosendorfer* que pertenceu a Fanny Guimarães). III — Commemoração de Camões, orador: dr. Antonio Ferro.

"Gazeta de Noticias" - 1o. Julho - 1922

UMA SOLENNIDADE NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

As festas camonéanas e a homenagem á Paulo Barreto

Com grande imponencia, realisa-se hoje no Real Gabinete Portuguez de Leitura, ás 9 horas da noite, a solennidade commemorativa da morte do inolvidavel poeta lusitano Luiz de Camões.

Aproveitando-a, a directoria desse agremiação inaugurará a bibliotheca que lhe foi doada pela digna

O lacrymejavel escriptor brasileiro Paulo Barreto

progenitora do pranteado escriptor patricio Paulo Barreto, dona Florencia dos Santos Barreto, bem como o busto em bronze desse inolvidavel homem de letras, feito pelo competente esculptor brasileiro Laurindo Ramos.

Dados os fins patrioticos e geniaes dessa grandiosa homenagem em que ao mesmo tempo se glorificam dois dos mais expressivos expoentes da literatura portugueza, é de crer que ella corresponda em toda a linha a esses elevados intuitos, assistindo-a o elemento de escól da nossa sociedade onde Paulo Barreto soube conquistar as mais sinceras admirações pelo muito que possuia de talento e de affabilidade no trato.

Nessa solennidade deverão falar o Dr. Gustavo Barroso, ao fazer a inauguração da bibliotheca "Paulo Barreto" e o Dr. Antonio Ferro, sobre a individualidade de Camões.

A senhorita Irene Nogueira da Gama executará ao piano o "Nocturno", de Nepomuceno, e "Les vogues", de Moskowski.

"O Paiz" - 11 - Junho - 1922

Paulo Barreto.

O salão da bibliotheca do Real Gabinete Portuguez de Leitura, engalanou-se hontem, á noite, para em conjunto prestar duas homenagens—a Luiz de Camões e a Paulo Barreto.

A' hora aprazada, o Dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, occupou a cadeira da presidencia, e declarou aberta a sessão.

Convidou para tomarem assento na mesa, as seguintes pessoas: Dr. Sampaio Garrido, consul de Portugal, visconde de Moraes, Felinto de Almeida, Dr. Laudelino Freire, Dr. Diniz Junior e Humberto Taborda.

Em seguida S. Ex. explicou os fins que determinaram a realização daquella sessão. Referiu-se ao grande épico lusitano e á sua formidavel obra, analyzando a personalidade de Paula Barreto, encarando-o como jornalista, escriptor, patriota e amigo de Portugal.

Deu após, o embaixador portuguez, a palavra ao Sr. Humberto Taborda, que leu o relatorio dos assumptos a serem tratados na sessão, dando conhecimento á assemblea das cartas trocadas entre a Exma. senhora D. Florencia Christovam dos Santos Barreto e o presidente do Real Gabinete Portuguez de Leitura. Versam essas cartas sobre a doação que aquella senhora faz ao Gabinete, da bibliotheca do seu inolvidavel filho.

Falou,em seguida,o Dr. Gustavo Barroso, que produziu um lindo discurso de saudade, lembrando a cada instante a figura de João do Rio, o eminente homem de letras tão cedo roubado á vida e á Patria. Gustavo Barroso traçou o perfil de Paulo Barreto com muita felicidade, conseguindo por vezes geraes applausos do auditorio, e assim terminou o seu discurso:

"A 23 de janeiro de 1919, sob um céo de anil e abundancia de ouro do sol, desembarquei em Lisboa. Não pude ir muito além do Terreiro do Paço, porque cordões de tropas cortavam as ruas, e fôra suspenso o trafego de vehiculos. Tudo porque o Monsanto resolvera enviar algumas balas de canhão para a Rotunda, e d'ahi lhe respondiam na mesma moeda. No dia glorioso, aquelles tiros mais pareciam de salva festiva do que de rebeldia militar. Retrocedi em companhia de João do Rio que encontrará no começo da rua Aurea. Chegamos á beira do Tejo e ficámos olhando a tremulina dourada da agua e o verde-relva da outra margem. Conversámos. Elle gabou-me a paysagem que viamos, o incomparavel esplendor da duz, a maciez sem igual do céo azul, a poesia das velas que fugiam para Cacilhas, e disse-me que só esses encantos bastavam para fazel-o demorar-se ali apesar das agitações politicas e sociaes. Nisto, um turbilhão de gaivotas—tantas como nunca vi!—redemoinhou sobre o rio num continuo e tumultuario agitar de azas brancas. Paulo Barreto accrescentou:

—Estas azas brancas voam céo em fóra, e vão de Portugal ao Brasil e do Brasil a Partugal, incessantemente talvez, sem que saibamos como. Sabem melhor que os homens o caminho das patrias irmãs, e não discutem os meritos de ambas...

Sorri nesse momento de sua delicada ironia. Hoje, penso que ella foi antes um symbolo. Porque uma das gaivotas de Portugal alçou o voo, como na era do infante de Sagres as náus desfraldavam o velame, e vai chegar ás aguas da Guanabara. Tocou a terra brasileira, após a travessia heroica do espaço que se estende sobre o velho mar tenebroso que a raça bravamente devassou. Superando perigos, vencendo obstaculos, vem ahi, tripulada por dois grandes heroes, a grande gaivota de Portugal, trazendo nas suas azas espalmadas a rubra cruz de Christo, que ornava as velas das caravellas de antanho, quando a raça, antes de avassalar os ares, tinha avassalado as terras e os mares!"

O Dr. Alexandre de Albuquerque leu, então, uma indicação sobre o parnaso de Luiz de Camões e a sua reconstituição esthetica. E' desejo do Dr. Alexandre de Albuquerque que os homens intellectuaes dos dois paizes irmãos collaborem nessa obra.

A senhorita Irene Nogueira da Gama subiu, logo após, ao estrado onde estava o piano "Bosendorfer" que pertenceu á saudosa musicista brasileira Fanny Guimarães e executou o "Noturno" de Nepomuceno e "Les vagues", de Moskowski, sendo muito applaudida.

Por fim, falou o Dr. Antonio Ferro, que pronunciou eloquente discurso sobre Luiz de Camões, arrebatando por vezes a assembléa.

Pelo Dr. Humberto Taborda foi lido o auto do lançamento da pedra fundamental do edificio que serve de séde ao Gabinete, facto esse occorrido em 1880 e presidido por S. M. D. Pedro II.

38

"Fon-Fon" - 10-junho-1922

18

A bibliotheca que a progenitora de Paulo Barreto offereceu ao Gabinete ficou collocada ao lado esquerdo de quem entra e occupa mais de 90 estantes, compondo-se de: 4.042 volumes, dos quaes 913 em portuguez, 2.589 em francez, 224 em italiano, 143 em inglez, 166 em hespanhol, 17 em latim e dois de musica.

E' quasi toda formada de obras modernas, tendo todavia bastantes classicos latinos e portuguezes. Todos os volumes estão já catalogados, tendo sido este serviço confiado ao Dr. Alexandre de Albuquerque, que o fez sob as normas adoptadas pelo Gabinete para a sua catalogação geral, isto é, dividido em tres catalogos distinctos, o onomastico(por nomes de autores), o systematico (por classificação de assumpto) e o topographico, (segundo a localização de cada volume na respectiva estante). A' frente dos seus livros, está o busto do grande escriptor, trabalho do joven escultor Laurindo Ramos.

Em uma vitrine, á entrada do Gabinete, estava exposto o fardão de academia e as medalhas e condecorações que pertenceram a Paulo Barreto.

A bibliotheca, constituida de 4.042 volumes, devidamente catalogada, occupa toda a fachada do segundo andar de uma das faces do edificio.

Foi dada, depois, a palavra ao Sr. Gustavo Barroso, que leu um formoso discurso, em torno da obra literaria de Paulo Barreto, estudando as varias modalidades do seu espirito, e narrando episodios da sua vida intima, para lhe realçar as qualidades de artista e de esthéta admiravel, terminando com uma brilhante peroração aos bravos viajores do espaço, que nas azas de uma gaivota ahi vêm ligando as duas patrias nos sentimentos fraternos de suas gloriosas tradições.

Fallou em seguida o Sr. Alexandre de Albuquerque, que se occupou da obra de Camões — o cantor das duas epopéas da raça — a epopéa da terra e a epopéa do mar, podia, com o seu genio e o clangor da sua tuba épica, dignamente cantar á terceira epopéa, esta maravilhosa epopéa do ar, que nos deslumbra e enche de orgulho patriotico.

"A actual geração, na sua maioria, não collaborou na grandiosa commemoração do tricentenario da sua morte em 1880, pelo que todos nós correremos em 1924, a glorifical-o ainda com mais enthusiasmo.

O movimento scientifico e literario á volta da sua obra e da sua vida, será mais intenso do que nunca.

Não pode ficar alheio a esse movimento o Real Gabinete Portuguez de Leitura, que já em 1880 fez publicar a sua bella edição critica de "Os Lusiadas", sob a direcção literaria do grande escriptor Ramalho Ortigão, e a direcção philologica do grande scientista Adolpho Coelho.

Desenvolvendo a sua idéa, o orador lança o alvitre de se organizar uma tentativa esthetica de reconstituição do "Parnaso de Luiz de Camões", assim concluindo:

Nao é possivel fazer uma reconstituiçao historica integral, mas é possivel fazer uma reconstituição esthetica, isto é, uma reconstituição approximada, ou seja, uma consciente selecçao das suas lyricas, que publicadas sob o titulo que elle escolheu — "O Parnaso de Luiz de Camões" — será uma homenagem da mais alta significação — a de realizar, tantos seculos depois, o pensamento do poeta.

Além da homenagem, me parece que é tambem alto serviço ao publico, porque assim num volume manusavel dar-lhe-iamos a selecçao, dadas as suas formas lyricas que tão variadas são.

O programma dessa reconstituição é simples:

1º — Parte-se do principio que julgo verdadeiro, que o "Parnaso" era uma selecção das lyricas do poeta.

2º — Essa selecção tomará por base reproduzir todos os especimens poeticos de Camões (menos o epico).

3º — O livro terá o titulo "Parnaso de Luiz de Camões".

4º — O seu volume será de tantas paginas quantas tem a edição princeps dos "Lusiadas". Neste ponto teriamos sempre de recorrer ao arbitrio, mas este tem a vantagem de ser mais um preito ao poeta.

5º — O papel e o typo serão identicos ao dessa edição "princeps".

6º — Farão parte da collecção todas as poesias mais conhecidas pelas gerações como obras primas.

7º — Para as poesias menos conhecidas serão consultados todos os escriptores portuguezes e brasileiros, de certa nomeada, não só os consagrados, mas ainda os da nova geração.

8º — Serão tambem consultados sobre o programma para serem attendidas quaesquer observações que pareçam de razão.

Cumprido este programma com a collaboração dos intellectuaes de Portugal e Brasil, julgo eu, que o Real Gabinete Portuguez de Leitura terá realizado uma obra digna da sua illustre directoria, das altas tradições desta casa, e sobre tudo, digna do culto que nós votamos ao cantor excelso das nossas glorias.

Seguiu-se a segunda parte do programma, que constou de uma audição de piano pela senhorita Irene Nogueira da Gama, que executou "Nocturno", de Nepomuceno, e "Les Vagues", de Moskowski.

Terminada essa parte, subiu á á tribuna o jornalista portuguez, Sr. Antonio Ferro, que fez uma conferencia tão interessante quanto brilhante, em torno da epopéa de Camões e da epopéa de Saccadura Cabral e Gago Coutinho, sendo vivamente applaudido ao terminar a sua eloquente peroração.

"Jornal do Brasil"
11-junho-1922

O DIA DE CAMÕES

Como foi commemorado o anniversario da sua morte nas associações lusitanas

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

A data de hontem, que assignala o 442º anniversario da morte do grande epico portuguez autor dos "Luziadas", foi condignamente commemorada nas associações portuguezas.

A exemplo dos annos anteriores, o Real Gabinete Portuguez de Leitura realizou brilhante solemnidade, inaugurando tambem a bibliotheca de Paulo Barreto, doada ao Gabinete por sua progenitora D. Florencia dos Santos Barreto, e o busto em bronze desse saudoso patricio.

A solemnidade, que se revestiu de significativa imponencia, foi presidida pelo Sr. Embaixador Duarte Leite, que ficou ladeado dos Srs. Sanpaio Garrido, Consul de Portugal; Visconde de Moraes, Felinto de Almeida, Laudelino Freire e Diniz Junior, estando tambem presente, sentada na primeira fila, a progenitora de Paulo Barreto.

Abrindo a sessão, o Dr. Duarte Leite proferiu uma ligeira allocução sobre a data que se commemorava, dando em seguida a palavra ao Sr. Humberto Taborda.

O secretario do Gabinete justificou os motivos daquella solemnidade, detendo-se no encarecer o valor da doação da bibliotheca de João do Rio ao instituto.

Assim como hoje, disse, toda a colonia portugueza vibra de alegria pelo heroico feito dos nossos illustres aviadores Saccadura Cabral e Gago Coutinho, tambem ha quasi um anno a colonia vibrava de luto e dor. Fora a cidade, numa triste manhã, despertada com a dolorosa noticia da morte de Paulo Barreto, o grande amigo de Portugal, o grande escriptor brasileiro.

Está ainda na memoria de todos nos a homenagem que a colonia portugueza prestou nessa hora ao illustre morto, transformando o seu funeral numa verdadeira apotheose. Elle foi um grande escriptor, é certo, mas foi ainda maior patriota, porque ninguem amou mais e melhor do que elle a sua terra e a sua raça.

Não passou ainda um anno sobre a sua morte e já os acontecimentos lhe dão plena e incontestavel razão. Elle que tantas vezes se elevou nas azas do seu formoso espirito para proclamar a gloria da raça, se lá onde se encontra "memoria desta vida se consente", deve ter um immenso contentamento ao ver proclamada essa gloria nas Azas que de Portugal acabam de chegar para saudar o Brasil.

Refere em seguida o gesto de D. Florencia Barreto, a mãe do escriptor, escolhendo o Gabinete para recolher perpetuamente os livros que o seu filho tanto amára, e diz que ella tivera razão, porque naquella casa portugueza, fundada em terra brasileira, o espirito de Paulo Barreto está em sua casa.

Nos salões do Rio

Discursos parlamentares

Disse-me ao jantar do General Estacio, no Derby, onde nos sentámos juntos, o ministro da Patagonia que assistira a uma sessão da Camara, no Monroe.

— Qual a sua impressão, sr. Ministro? perguntei.

O vasto cavalheiro curvou para mim o seu busto enorme, com uma roseta da grã cruz da Abelha Mansa do Cambodge á lapella, e falou:

— Quando lá estive um deputado, que me disseram ser do Acre, falava infindavelmente para os bancos vazios. Não havia ninguem no recinto. O presidente coxilava na sua alta cadeira de espaldar. A sala estava deserta. Ainda agora pergunto a mim mesmo: para quem falava aquelle pobre homem a quem ninguem prestava attenção?

— Falava para os eleitores do Acre, conclui eu...

"Fon-Fon" 17 junho 1922

Envolto num pardusco e remendado sobretudo, com velhas sapatorras rasgadas e na cabeça um chapéu já sem feitio e sem côr, elle, um velho que conheço de vista, diariamente pára á esquina onde tomo o meu bonde. Nunca o vi pedir esmola. Nunca lhe ouvi uma palavra. Guarda na sua mudez espectral de quem espera sempre qualquer coisa, numa attitude orgulhosa de fidalgo espanhol.

Vejo-o diariamente, e diariamente vendo-o, parece-me que leio uma pagina castelhana de Francisco Quevedo, aquelle Grande Tacaño que Paulo de Segovia descreveu para fornecer a Daniel Vierge maravilhosas illustrações. Porque aquelle velho miseravel parece ter sahido da penna desse illustrador.

Não ha cidade com as ruas mais cheias de crianças vadias, que os paes não fiscalisam, do que o Rio de Janeiro. E' uma lastima!

Quem anda de automovel e tem coração, acaba doente, porque só por um milagre os vehiculos não esmagam a cada passo meninos e meninas de cinco a dez annos, que atravessam correndo as ruas movimentadas, como loucos, que jogam o gude ás esquinas ou trepam nos bondes e reboques em movimento.

Entretanto, em logar de clamar contra esse grande abuso, os jornaes não se cançam de chamar os automoveis o "mal irremediavel" e de accusar os seus conductores.

Talvez a culpa dos desastres diariamente registrados seja menos dos *chauffeurs* do que parece.

Já se vio que mania!

Por qualquer coisa, no Rio de Janeiro, se puxa um revolver e se dão tiros a torto e a direito. Parece esta capital, assim, um rincão aspero da zona dos cangaceiros ou do selvatico Far West americano.

Sol a pino, em suburbios proximos, bandidos assaltam a tiros casas commerciaes. A' luz meridiana, matam a tiros, publicamente. Nos jardins e quintaes, os filhos familias divertem-se á fazer pontaria em garrafas e latas, preparando-se para dar tiros nos outros...

Tiros a cada canto! Tiros por toda a parte! Verdadeiro horror!

A que attribuir isso? A' má educação? Em grande parte. Ao genio irascivel dos mestiços? Um pouco. A' impunidade creada pelo jury? Na maioria dos casos. E sobretudo ao pernicioso exemplo das fitas cinematographicas norte-americanas, cheias de *cow-boys* atiradores...

Dia a dia, assombrosamente, cresce o movimento de pedestres e vehiculos nas ruas do Rio de Janeiro. Quando abriram avenidas e alargaram algumas vias publicas da nossa capital, vae para uns quinze annos, a edilidade não calculou que houvesse época em que ellas de novo fôssem exiguas para o transito. Falta de prevenção. Hoje acontece isso e a causa maior é, não ha duvida, os famigerados bondes da Light, verdadeiros comboios de dois e tres reboques, enormes como elephantes, que nas ruas de linha dupla tomam todo o espaço. Não haverá remedio para esse mal urbano?

"A Patria" – 11 Junho 1922

39

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Commemorando o anniversario da morte de Camões — A inauguração da bibliotheca "Pa ulo Barreto"

Um aspecto da assistencia

ASPECTO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Para a magestosa solennidade da noite de hontem, o salão do "Gabinete Portuguez de Leitura" apresentava um aspecto, ao mesmo tempo, respeitoso e commovente.

Inumeras senhoras e senhorinhas, cavalheiros da nossa sociedade, intellectuaes e jornalistas achavam-se presentes.

O ambiente manuelinico, cheio de flores, em profusão, dava uma nota de austera alegria ao salão.

A "BIBLIOTHECA PAULO BARRETO"

No segundo plano das estantes á esquerda, dispunham-se os 4.042 volumes da Bibliotheca de "Paulo Barreto" doada ao "Gabinete Portuguez de Leitura" pela Exma. Sra. D. Florencia Christovão dos Santos Barreto, mãe do pranteado fundador deste jornal.

Ao centro da Bibliotheca, o busto em bronze, de Paulo, tambem offerta de D. Florencia.

Um tufo de flores, rosas e cravos brancos fazia desapparecel-o... e, pelos livros, em que Paulo bebeu avidamente, todo o seu vertiginoso talento e a sua apurada cultura, as rosas, em cordões, se derramavam profusamente...

A' direita do salão, o busto de Camões, perdido tambem, numa braçada de rosas encarnadas.

Ao seu pé, o piano inaugurado pela senhorinha Irene Nogueira e pertencente á saudosa e festejada artista brasileira Fanny Guimarães.

A SESSÃO SOLENNE

Iniciada a sesão solenne da inauguração da Bibliotheca "Paulo Barreto", falou o Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Duarte Leite.

S. Ex., o representante de Portugal em rapidas mas significativas palavras communicou ao auditorio a razão daquella festa.

Discorreu sobre a personalidade do fundador de **A Patria**, e, em seguida, deu a palavra ao Dr. Humberto Taborda que, passou a ler uma memoria sobre a doação da Bibliotheca de "Paulo Barreto", alludindo ás cartas que foram trocadas entre a Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura e a Exma. Sra. D. Florencia Barreto.

Passada esta phase da solennidade, falou o festejado escriptor Gustavo Barroso (João do Norte) cuja apreciação sobre a personalidade de Paulo Barreto, publicamos na nosa 5ª pagina.

Coberto de palmas o seu discurso, falou a seguir, o Sr. Dr. Alexandre d'Albuquerque que suggeriu uma féliz idéa, muito applaudida para que no anno de 1924, por occasião do 4º centenario do nascimento do genial cantor dos "Lusiadas" o Gabinete Portuguez de Leitura faça editar o "Parnaso", de colaboração com os literatos de Portugal e do Brasil.

A AUDIÇÃO DA PIANISTA

Em seguida, após D. Irene Nogueira ter executado "Nocturno", de Nepomuceno, e "Les Vagnes" de Moskonwski, com geraes applausos, falou o Sr. Antonio Ferro director da "Illustração Portugueza".

A ORAÇÃO DO DR. ANTONIO FERRO

A oração cantada pelo artista arrebatado de "Gabriel D'Annunzio e eu" empolgou o auditorio, tal o arrojo das suas imagens, o impeto das suas phrases, o calor das suas palavras o rythmo largo e heroico das suas idéas.

Aqui, o orador exalta, com a flamma do patriotismo, a eterna juventude de Portugal, esse Portugal immenso que é hoje o maior reservatorio de força, de saude, de alegria e de belleza, do Velho Mundo; ali, ergue um hymno sonoro e luminoso em louvor da aventura dos intrepidos aeronautas Sacadura Cabral e Gago Coutinho; mais adeante, elle nos mostra a fórma nova, soberana e dominadora, que se serviria Camões, para gravar, neste instante da vida universal, a epopéa das Azas Lusitanas. A estrophe solenne e austera seria substituida pelo metro livre, magestoso, imponderavel.

De Paulo Barreto, disse Antonio Ferro a sua admiração pelo estheta da lingua, o seu enthusiasmo pelo chronista vigoroso e elegante e subtil.

Como João do Rio, o orador ama o paradoxo, a ironia, a graça, as attitudes generosas do pensamento e do coração.

E' com a mais intima e sincera satisfação que pudemos annunciar aos nossos leitores a publicação terça-feira proxima) na integra, esse discurso cheio de mocidade, de ardor e de exaltação.

"Jornal" – 17 Junho 1922

Machado de Assis A gloria do autor de *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, do creador de *Yayá Garcia*, cada dia vai ficando maior. Para o grande monumento que o maravilhoso Anatole brasileiro terá nas nossas lettras, erigido pela posteridade admirada, cada escriptor nacional traz a sua pedra lavrada e esculpida. Assim fizeram Pujol e Alcides Maya. Assim acabam de fazer o grande poeta Alberto de Oliveira e o joven homem de lettras Jorge Jobim, cujo livro admiravel e serio sobre o poeta da *Môsca Azul*, editado pela livraria Garnier, está fadado ao melhor e maior triumpho.

40 "A Patria" - 11 de Junho de 1922 19

Na inauguração da Bibliotheca "PAULO BARRETO"

A ORAÇÃO DO BRILHANTE ESCRIPTOR GUSTAVO BARROSO

Exmo. sr. embaixador de Portugal

Minhas senhoras
Meus senhores

Escolhendo a data de hoje para prestar significativa homenagem á memoria de um dos mais queridos escriptores brasileiros, o Gabinete Portuguez de Leitura mostra que o mesmo lhe merece, por todos os titulos, uma admiração especial, porque este dia é duplamente caro á nobre associação. E' um dos dias magnos da Raça: o dia de Camões. E o do anniversario da pedra fundamental desta casa, cuja fachada manuelista riscada pelo cordame das naus, petrificado, com rosaceas que lembram rodas de leme, saliencias que recordam prôas de caravelas e, nas ediculas, vultos que empunham espadas ou descansam a mão sobre a face das espheras, guarda neste recanto da urbs carioca um pouco da saudade da maior epopéa que até hoje se escreveu sobre os mares!

A Exm.ª Viuva Coelho Barreto, mãe de Paulo Barreto, esse pranteado João do Rio, cuja perda todo o Brasil e todo o Portugal tanto sentem, offereceu ao Gabinete Portuguez de Leitura a esplendida bibliotheca de seu querido filho. Elle fôra, entre os brasileiros, o grande amigo dos portuguezes, e sua idolatrada mãe, doando a uma instituição fundada pelos ultimos os livros do filho que desceu ao tumulo, praticou um acto que a memoria de João do Rio applaudirá no intimo de sua consciencia materna, onde está fielmente guardada. Porque, mau grado seu desapparecimento da vida material, os mortos não morrem e continuam a governar-nos — como dizem, e com razão, os positivistas — pela perpetuidade dos seus sentimentos e desejos, que a sua saudade nos evoca, inspirando-nos a idéa de obedecer-lhes.

Para maior realce desta inauguração e, ao mesmo tempo, afim de demonstrar sua gratidão e amizade pelo escriptor morto, o Gabinete Portuguez de Leitura erige hoje na sua séde o busto de João do Rio, offerta tambem da mãe do saudoso jornalista. Deve-se esta obra de arte ao joven esculptor Laurindo Ramos. Mezes antes de morrer, Paulo Barreto posava algumas horas, no salão da bibliotheca do "O Paiz", onde o artista modelava o barro. Quando falleceu, Laurindo Ramos ainda não concluira o trabalho; porem, tendo guardado de memoria os traços caracteristicos de Paulo Barreto, poude terminar com rara felicidade a sua obra, gravando na expressão do prosador aquelle sorriso subtil, que mais se advinhava do que sentia e que era o estandarte da sua grande ironia lyrica. Como elle proprio o dissera nas primeiras phrases de Godofredo de Alencar, "a ironia é o lyrismo da desillusão". E ninguem deveria, certamente, ter tido na vida maiores desillusões do que elle.

A vida de todos os homens é tramada com ellas. São ellas que nos encouraçam, que fazem crescer sobre nossa alma uma crôsta defensiva. Tres vezes bemditas, porque, se não existissem, talvez todos nós devessemos pronunciar estas palavras de Juvenal: "Et propter vitam vivendi perdere causas". São as desillusões que nos forram de ironia — a maior das defezas, de piedade — a mais amavel das virtudes, e de indulgencia — a melhor das qualidades.

Se ninguem teve na vida maiores desillusões do que João do Rio, ninguem teve mais energia moral contra qualquer desanimo, o que prova seu lemma admiravel — Crêr — Trabalhar — Crear, e tambem ninguem teve mais vasta indulgencia para os defeitos dos outros e mais vasta tolerancia para os mesmos que o offendiam.

Não fui daquelles que mais perto privaram com elle. Não fui daquelles que mais apregoavam admiral-o. Não fui ainda daquelles que elle mais distinguia. Falo sinceramente. Não fui daquelles que, durante annos, milagrosamente passando entre o perigoso enredo de intrigas, picuinhas, competições pessoaes e invejas do meio literario e jornalistico carioca, aliás communs a todos os meios literarios e jornalisticos, mantiveram com elle amizade mutuamente respeitosa, serena, continua e verdadeira. Fui daquelles que mais discretamente o estimaram e que mais sinceramente o applaudiram. E fui um dos raros que souberam comprehender e respeitar o seu formidavel trabalho.

Gustavo Barroso

Conheci João do Rio ha uns doze annos, quando iniciei minha carreira no Rio de Janeiro. Trabalhava no "Jornal do Commercio" e alli escrevi uma nota a respeito duma de suas obras que acabava de ser editada. Nunca o tinha visto, aliás. Passava uma tarde pelas immediações da porta da "Gazeta de Noticias" quando um moço já com bastante tendencia a engordar, muito bem vestido, de charuto ao canto da bocca, displicentemente, me chamou com um aceno de mão e da bengala. Approximei-me. E elle disse-me:

— Creio que voce é o João do Norte.

— Pois não, retorqui, sorridente, intimamente intrigado com o curioso typo, mas envolvido na minha timidez de provinciano recem-chegado. Elle mirou-me a roupa, a gravata, o castão da bengala e sobretudo a minha cabeça. Depois, murmurou:

— Ah! é mentira!

Fitei-o curiosamente e indaguei:

— E' mentira o que, meu caro senhor?

—Disseram-me que você, menino, era cearense; mas, com essa cabeça, com essas roupas, estou vendo que é absoulta metnira. Se você nasceu lá, foi por engano . . .

Nesse tempo, ainda profundament barrista, aquillo era para ficar formalizado. Meio agastado, perguntei:

— Mas emfim, quem é o senhor?

E, com o sorriso subtil que Laurindo Ramos tão bem apanhou, elle me disse, fraternalmente, a mão no meu hombro:

— Queria ir agradecer-lhe a nota no "Jornal do Commercio", porém não tive tempo. Mostraram-me você na rua e tomei a liberdade de chamal-o. Voce sabe, todo o mundo sabe: eu sou o João do Rio. Muito obrigado e aqui sempre ás suas ordens.

Nunca mais esqueci esse ligeiro encontro alli á rua do Ouvidor, á porta da "Gazeta de Noticias", em cuja vida já longa e admiravel ha, sem duvidas, duas epocas de intenso fulgor, embora diversas na essencia: a de Ferreira de Araujo e a de João do Rio.

João do Rio! Eis aqui um pseudonymo que de todo matou o verdadeiro nome do artista. Porque elle é, em verdade, uma synthese da alma do homem que o adoptou. Elle encarna a psychologia do jornalista e do publicista. Elle exprime todo o seu pensamento e todo o seu sentimento. Ninguem jámais foi tão fundamentalmente carioca como o João do Rio. Elle nascera nesta cidade e vivia para ver e para cantar os esplendores desta cidade. Tinha o pantheismo da urbs maravilhosa. Sorria com ella, chorava com ella, vibrava com todas as suas mil vibrações. E, quando ouvia alguem accusal-o de imitar os estrangeiros, sorria-se varias vezes, pensando que os estrangeirismos lhe vinham como um reflexo do cosmopolitismo da sua cidade. Elle a pesquizou como reporter; elle ardentemente a amou na sua alta vida social como jornalista mundano; elle commentou-a elegantemente, todas as semanas, como chronista; elle teceu paradoxos sobre os seus vicios e suas virtudes; elle viveu intensamente a sua vida febril diurna de recepções, chás, corsos, sporte, footings, nocturna de redacções e clubs, theatros e cafés concertos, bailes e bohemias, automoveis em disparada e êrmas ruas silenciosas, por onde ás vezes passeiava sósinho, meditando, entre as fileiras de lampadas electricas. "Nunca tive tantas joias em redor de mim" disse-me uma feita, contando-me do seu grande amor pela cidade. E ainda quando a sua penna descrevia acontecimentos do Velho Mundo, na Italia, na França, na Bélgica, nesse tão amado Portugal, em difficeis periodos como entre o armisticio e a paz de Foch, palpava-se no estylo e no commentario que era um carioca exilado e saudoso quem via e sentia tudo aquillo.

Após um banquete em que Deschanel e Viviani falaram, saudando o Presidente Epitacio Pessoa, no Cercle de "La Presse", em Paris, sahi pela avenida dos Campos Elyseos com João do Rio. Era uma noite serena, clara e suave de Maio. Todos os cabarets e restaurants fechados. Um verdadeiro deserto do asphalto, ladeado de fileiras de negros canhões tomados aos allemães. Estavamos em 1919 e o estado de guerra ainda não cessára. Morava para os lados de Montmartre, na rua Richer. Como a noite era convidativa, iria para casa a pé. Disse-o a João do Rio, no Rond-Point. Elle promptificou-se a acompanhar-me até o Boulevard Haussmann. Para encurtar caminho tomámos pela estreita e torcicollosa rua La Boetie, em silencio, apressados, fumando. Em certo ponto, entre velhos muros lôdentos, a rua se transforma em verdadeira congosta de burgo medieval. Elle parou de repente e exclamou:

— O', que bom!

Quiz saber o motivo da exclamação. Explicou-me:

—E' que me pareceu de subito estar lá no nosso Rio, tão longe! Achei este recanto assim tão parecido com qualquer rua velha da nossa cidade, talvez do lado de Paula Mattos, de Catumby, não sei bem de onde . . .

Quem me falava — senti-o bem— era o artista paradoxal, bizarro e delicioso da "Alma encantadora das ruas", da "Psychologia urbana", das "As religiões no Rio", da "Vida vertiginosa", do "Cinematographo", de "Os dias que passam", das "Chronicas e phrases de Godofredo de Alencar", do "Pall-Hall Rio", do "Dentro da Noite", do "No tempo do Wesceslau". Em toda essa serie, o Rio está, vibra com intensidade a vida do Rio, alta ou baixa, limpa ou suja, palpita com emoção o movimento das multidões anciosas e se doiram de sol as maravilhas da natureza.

Esta lista de obras dá bem uma medida da grande actividade literaria de Paulo Barreto. Só nesse sentido tantas! Juntemos-lhes mais os romances, os contos, os inqueritos, as viagens, as conferencias, as traducções. Teremos um escriptor que morre em plena mocidade, deixando dezenas de volumes. Disseram alguns que faltou á sua vida de homem de letras uma obra seria. A isto se responde, affirmando que toda a sua obra é profundamente seria pelo inconfundivel cunho pessoal, porque é profundamente honesta, e profundamente honesta por exprimir com inteira verdade a sua psychologia. João do Rio não foi nem nunca pretendeu ser um scientista, um sociologo, um historiador, um esmiuçador de folk-lores, um analysta profundo da sua epoca ou um marmorista da lingua. Elle era um espirito moderno, cheio duma insaciavel curiosidade, cambiante e ligeiro, com qualquer coisa de leve voejar da borboleta no tocar os mais variados assumptos. A sua maior elegancia ao escrever era a subtileza dos tons, filetada por uma airosa e fugitiva philosophia em que, segundo seu proprio depoimento, a ironia e o lyrismo se davam as mãos. Elle era, como Renan escrevera, e tanto sentiu a justa applicação dessas palavras á sua personalidade que as transcreveu na entrada dum de seus livros mais pessoaes: "Un de ces homens qui, par leur nature, d'esprit, sont disposés a passer d'un ordre d'idées á un autre, bien que leur style et leur maniére de sentir offrent les traits les plus arretés".

No fundo da sua intelligencia aguda, colorida, um deposito admiravel de erudição. Laivos luminosos della brilham aqui e alli, nas suas paginas. Na descripção dum jantar no Jockey Club, ha lembranças de Luciano de Samosata. No meio duma chronica sobre a vida carioca, fluctua um pensamento de Marco Aurelio. A pintura dum céo estrellado, pallio de joias estendido sobre esta immensa cidade, reluz de versiculos de Baghavata Purana. E as mulheres desfilam deante dos espelhos e das citações perfumadas do poeta oriental Farid Uddiu' Attar.

A par disso, estupenda capacidade de trabalho. Vida vertiginosa! Este titulo dum dos seus livros é a taboleta da sua vida. João do Rio enchia os diarios de artigos e de chronicas, as revistas semanaes de chroniquetas e de notas, publicava livros sobre livros por anno, fundava jornaes, fazia toda a "A Patria", discutia todas as theses politicas, sociaes ou internacionaes do momento, lançava dezenas de idéas novas e guiava campanhas! Descanso não o conhecia. Fui uma vez visital-o na sua casa da avenida Gomes Freire, afim de pedir-lhe o voto para a eleição da Academia Brasileira á vaga de Souza Bandeira. Era pela manhã. Recebeu-me entre moveis de oleo vermelho com bronzes Imperio aos cantos, num pequeno gabinete onde escrevia. Passámos, após, para outra sala, rodeada de altas estantes, onde estavam estes livros que o Gabinete Portuguez de Leitura recebeu de sua progenitora. Sobre uma mesa, alguns volumes de Ruskin. Lembro-me bem que peguei nelles e que João do Rio me disse:

— Tenho muita inveja desse inglez velho!

— Por que?

— Porque dá aos seus livros titulos admiraveis. Eu tenho a paixão dos titulos sonoros e expressivos! Como sôam bem os nomes das obras de Ruskin: "A coroa de oliveira brava", "A Biblia de Amiens", "As sete lampadas da architectura", "As pedras de Veneza", "O Val d'Arno", "Sesamo e os lyrios", "Pensa bem, João do Norte, que é uma coisa admiravel e maravilhosa um titulo admiravel e maravilhoso!

E continuou:

— "Sesamo e os lyrios"! Um dia ainda escrevo um livro com este mesmo titulo, embora me apedrejem . . .

Observei nesse dia a sua paixão pelas bellas epigraphes e como a sua displicencia se convertia em enthusiasmo deante da belleza. Não escreveu "Sesamo e os lyrios", mas publicou o "Sesamo". Na mesma occasião, folheei as brochuras que cobriam uma cadeira. Umas tinham tres, quatro folhas abertas. Outras estavam estripadas pelo meio, como se alguem tivesse querido unicamente se inteirar com rapidez do assumpto. Em outras a leitura começára pelo fim. Guardei silencio, mas elle comprehendeu a indagação curiosa da minha mudez e adeantou:

— Sou eu quem faz isto . . . Pensas que tenho tempo como tens, para ler as coisas com regularidade e medida? . . . E a vida? . . .

A vida? A sua foi vertiginosa e o colheu em plena mocidade gloriosa. Sim, porque Paulo Barreto não foi ceifado pela morte, mas derrubado, numa corrida de automovel, em plena rua, vertiginosamente, pela sua propria vida. E sobre o seu tumulo eu gravaria a simplicidade profundamente significativa dum velho epitaphio romano "Paulo, vivis!"

Porque, para os que o estimaram e admiraram, elle continua necessariamente a viver. Vive nos jornaes que fundou, cuja direcção foi obra sua, e nos que tomám para distico os seus pensamentos. Vive na sua grande obra literaria. Vive na maioria dos brasileiros como uma das mais fulgurantes intelligencias que este paiz tem produzido. Vive, porque trabalhou, creou e teve fé. Vive na memoria dos portuguezes como um daquelles que mais souberam admirar a Raça e querer á Lingua. Esta a maior das patrias, porque abraça maternalmente, mesmo que alguns o neguem, os homens que o mar separa. Aquella a

42

Paulo Barreto

expressão formidavel de energia ethnica que trouxe a estas plagas o valor individual e a cohesão collectiva, que realizaram o milagre da fundação, no meio do continente sul-americano, duma America Portugueza, mais tarde pela evolução natural transformada nesta nossa immensa e futurosa America Brasileira. Emquanto as rivalidades de Castella e Leão, Asturias, Galliza, Navarra e Aragão ataviçamente se transportavam ao continente de Colombo, a elle vinha ter, do mesmo modo, a força vital que creára o reino de Affonso Henriques e a lingua de Gil Vicente e de Camões. Em derredor das fronteiras dos nossos oito milhões de kilometros quadrados, os vice-reinados hespanhoes se fragmentaram nas guerras de Independencia. O de Nova Granada tri-

partiu-se em Equadro, Colombia, Venezuela, escapando-se das mãos patrioticas de Bolivar a união Grã-Colombiana. O do Perú scindiu-se em Peru', Bolivia e Chile. O do Prata, em Argentina, Uruguay e Paraguay. Nós atravessamos unidos o periodo colonial. Nem a França Antarctica, nem o Brasil Hollandez conseguiram attingir no cerne o potencial ethnico dessa união e a continuidade do idioma. A divisão dos dois governos nenhuma influencia exerceu nesse sentido. As lutas separatistas da Monarchia fôram dominadas e a federação da Republica resolveu mais ou menos o problema das aspirações locaes, mantendo a cohesão nacional, senão para sempre, pelo menos para muito tempo ainda. E foi esse valor extraordinario da Raça, que seria crime negar, o que João do Rio mais admirou. Bateu-se para o que lhe não esquecessem aquelles que lhe deviam o melhor de sua existencia nacional.

A 23 de Janeiro de 1919, sob um céo de anil e abundancia de oiro do sol, desembarquei em Lisboa. Não pude ir muito além do Terreiro do Paço, porque cordões de tropas cortavam as ruas, e fôra suspenso o trafego de vehiculos. Tudo, porque o Monsanto resolvera enviar algumas balas de canhão para a Rotunda e dahi lhe respondiam na mesma moeda. No dia glorioso, aquelles tiros mais pareciam de salva festiva do que de rebeldia militar. Retrocedi em companhia de João do Rio, que encontrara no começo da rua Aurea. Chegámos á beira do Tejo e ficámos olhando a tremelina doirada da agua e o verde-malva da outra margem. Conversámos. Elle gabou-me a paysagem que viamos, o incomparavel esplendor da luz, a anciez sem igual do céo azul, a poesia das velas que fugiam para Cacilhas e disse-me que só esses encantos bastavam para demorar-se ali, apezar das agitações politicas e sociaes.

Nisto, um turbilhão de gaivotas — tantas como nunca vi, — redomoinhou sobre o rio num continuo e tumultuario agitar de azas brancas. Paulo Barreto accrescentou:

— Estas azas brancas vôam céo em fóra e vão de Portugal ao Brasil e do Brasil a Portugal, incessantemente talvez, sem que saibamos como. Sabem melhor que os homens o caminho das patrias irmãs e não discutem os meritos de ambas. . . .

Sorri nesse momento de sua delicada ironia. Hoje penso que ella foi antes um symbolo. Porque uma das gaivotas de Portugal alçou o vôo, como na era do Infante de Sagres as naus desfraldavam o velame, e vae chegar ás aguas da Guanabara. Tocou a terra brasileira, após a travessia heroica do espaço que se estende sobre o velho Mar Tenebroso que a Raça bravamente devassou. Superando perigos, vencendo obstaculos, vem ahi, tripulada por dois grandes heroes, a grande gaivota de Portugal, trazendo nas suas azas espalmadas a rubra cruz de Christo que ornava as velas das caravelas de antanho, quando a Raça, antes de avassallar os ares, tinha avassallado as terras e os mares!

JOÃO DO NORTE

"Jornal do Commercio" - 11-Junho-1922

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

O ANNIVERSARIO DA MORTE DE CAMÕES — HOMENAGEM A PAULO BARRETO

No Real Gabinete Portuguez de Leitura realizou-se hontem uma sessão solemne commemorativa do anniversario da morte de Camões, sendo ainda inaugurados a bibliotheca de Paulo Barreto, doada ao Gabinete por sua progenitora, Exa. D. Florencia Christovão dos Santos Barreto, e o busto em bronze daquelle saudoso escriptor, trabalho do esculptor brasileiro Sr. Lauradó Ramos.

Eram precisamente 9 horas da noite quando o Sr. Dr. Duarte Leite, Embaixador de Portugal, assumio a presidencia da sessão, convidando para fazer parte da mesa os Srs. Coronel Sampaio Garrido, Filinto de Almeida, Laudelino Freire, Humberto Taborda e Diniz Junior.

O Sr. Dr. Duarte Leite depois de proferir ligeiras palavras sobre as solemnidades que se iam realizar salientando o papel de destaque que Paulo Barreto representou na approximação do Brasil e de Portugal, deu a palavra ao Sr. Humberto Taborda, que léu o seguinte relatorio:

"Assim como hoje toda a Colonia portugueza vibra de alegria pelo heroico feito dos nossos illustres aviadores Saccadura Cabral e Gago Coutinho, tambem ha quasi um anno a Colonia vibrava de luto e dôr. Fôra a cidade, numa triste manhã, despertada com dolorosa noticia da morte de Paulo Barreto, o grande amigo de Portugal, o grande escriptor brasileiro.

Está ainda na memoria de todos nós a homenagem que a colonia portugueza prestou nessa hora ao illustre morto, transformando o seu funeral numa verdadeira apotheose. Elle foi um grande escriptor é certo, mas foi ainda maior patriota, porque ninguem amou mais e melhor do que elle a sua terra e a sua raça.

Não passou ainda um anno sobre a sua morte e já os acontecimentos lhe dão plena e incontestavel razão. Elle que tantas vezes se elevou nas azas de seu formoso espirito para proclamar a gloria da raça, se lá onde se encontra "memoria desta vida se consente" deve ter um immenso contentamento ao ver proclamada essa gloria nas azas que de Portugal acabam de chegar para saudar o Brasil.

O Real Gabinete Portuguez de Leitura carinhosamente se associou, como instituição fundamentalmente portugueza, ás homenagens prestadas a Paulo Barreto, o grande amigo da nossa patria, e como instituição literaria, ás homenagens prestadas a João do Rio, o grande escriptor da nossa lingua. Dias depois recebia a directoria desta instituição a seguinte honrosa e desvanecedora carta da Exma. Sra. D. Florencia Christovam dos Santos Barreto, mãi extremosa e dolorida do morto muito illustre:

"Rio, 21 de Agosto de 1921 — Exmo. Sr. Albino Souza Cruz, digno presidente do Gabinete Portuguez de Leitura — Communico a V. Ex. que deliberei offerecer a instituição benemerita, que V. Ex. preside, a grande e valiosa bibliotheca de meu querido e saudoso filho Paulo Barreto (João do Rio) cujo nome recorda uma tão funda e justificada amizade pelos portuguezes, e a sua nobre terra. Estou bem certa de que a elle nenhum destino mais grato lhe seria, para os seus livros de tanto amor, que elle tanto adorava, e dos quaes tão cioso se mostrava, do que este que ora lhes dou. Peço entretanto a V. Ex. se digne mandar collocal-os saparadamente com a seguinte explicação: — "Bibliotheca Paulo Barreto (João do Rio) doação feita por sua mãe D. Florencia Christovam dos Santos Barreto ao Gabinete Portuguez de Leitura, logo após o seu fallecimento a 23 de Junho de 1921". — Queira pois dizer-me V. Ex. o dia e hora em que se combinarem a entrega e transporte para o Gabinete, dessa dadiva das minhas, das sympathias de meu querido filho, pelas cousas e gentes de Portugal. Na minha casa estarei para receber as ordens de V. Ex. Com a mais alta estima e consideração sou, Sr. Presidente, de V. Ex. — Attª veneradora muito grata — *Florencia Christovam dos Santos Barreto*".

Mostrava-se a distincta senhora, nesse gesto de tanta nobreza o desprendimento, bem digna mãi de tão digno filho. Ella comprehendeu, com o seu profundo amor materno, que este templo, erguido pelo sentimento patriotico em honra do pensamento universal, seria sem duvida o lugar escolhido por seu filho para recolher perpetuamente os livros que elle tanto amou. Teve razão a illustre senhora, porque nesta casa portugueza, fundada em terra brasileira, o espirito de Paulo Barreto está em sua casa.

Apressou-se a directoria a responder á illustre senhira com a seguinte carta:

— "Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1921 — Exma. Sra. D. Florencia Christovam dos Santos Barreto — Temos a honra de accusar o recebimento da carta que V. Ex. dirigio ao Sr. Albino Souza Cruz, Presidente da Directoria deste Gabinete, e em a qual se digna Vossa Excellencia lhe communicar a deliberação que tomou, de offerecer á nossa instituição a grande e valiosa bibliotheca do seu querido e inolvidavel filho Paulo Barreto (João do Rio), cujo nome recorda uma tão funda e justificada amizade pelos portuguezes e por sua terra.

Não se achando, presentemente, neste paiz, o Presidente effectivo do Real Gabinete Portuguez de Leitura, é aos seus companheiros de Directoria signatarios do presente officio que compete receber tão valiosa dadiva, recolhendo ás estantes da bibliotheca desta casa os livros preciosissimos de João do Rio, que elle tanto adorava e de que tão cioso era. Assim o fazendo, pensamos não ser necessario dizer a Vossa Excellencia com quanto carinho e com que profunda e sincera veneração nos desempenhamos de tão honroso encargo.

Receber, examinar e folhear os livros por onde tantas vezes passaram as mãos e o espirito do saudoso amigo do Gabinete, colleccionar e catalogar esses livros, dispôl-os convenientemente nas nossas estantes, em lugar distincto e apropriado, e entreial-os depois á leitura e ao estudo dos leitores que frequentam as salas do Gabinete, é missão suave e grata que vamos desempenhar com aquelle que se deve ás reliquias que nos evocam a lembrança dos homens notaveis. Em cumprimento da vontade de Vossa Excellencia a collocação de livros do seu saudoso filho será collocada em lugar separado, assignalado por uma placa que mandaremos fazer, com a seguinte inscripção: BIBLIOTHECA DE PAULO BARRETO (João do Rio) — Doação feita por sua mãi D. Florencia Christovam dos Santos Barreto ao Gabinete Portuguez de Leitura, logo após o seu fallecimento a 23 de Junho de 1921. — Assim que ficarem concluidos os trabalhos de colleccionação, cataloçação e arrumação nas estantes, a Directoria do Gabinete realizará uma sessão extraordinaria para commemorar o acontecimento e dará publico conhecimento de tudo á imprensa, ás sociedades congeneres e aos amigos e admiradores do saudoso filho de V. Ex. Hoje mesmo confiamos ao Dr. Alexandre de Albuquerque, Chefe dos Serviços de Catalogação da nossa Bibliotheca, o honroso encargo de receber das mãos de V. Ex. os livros doados, afim de os inventariar previamente, para depois os catalogar na devida forma, e aguardando agora a terminação desses serviços só nos resta testemunhar a V. Ex. o sentir da nossa maior gratidão e do nosso eterno reconhecimento a tão sublime gesto de V. Ex. de quem nos subscrevemos mui respeitosamente, — veneradores attentos e agradecidos. — *Visconde de Moraes.*

— Vice-Presidente — o *Humberto Taborda*. — Primeiro Secretario."

Como vimos a Directoria resolveu encarregar o Dr. Alexandre de Albuquerque, como Chefe da Catalogação do Gabinete, de receber a bibliotheca tão generosamente offerecida pela Exma. Sra. D. Florencia Christovam dos Santos Barreto e proceder a sua catalogação, incumbencia do que elle se desempenhou cabalmente. Com effeito, dias depois, a bibliotheca do grande escriptor era recebida a este Gabinete, começando-se os trabalhos preparatorios da catalogação como sejam numerar, carimbar e etiquetar todos os exemplares um a um. Grande foi o trabalho dispendido para a realização completa da catalogação que consta de tres catalogos, como sempre deve haver em todas as bibliothecas, falha que existia nesta e a presente Directoria resolveu remediar, encarregando dessa missão o Dr. Alexandre de Albuquerque. A Bibliotheca de Paulo Barreto ficou já com a sua catalogação prompta, pois que, estão terminados, neste particular, os tres catalogos:

— O catalogo onomastico, isto é, por nomes de autores;

— o catalogo systemathico, ou seja pela classificação de assumptos;

— o catalogo topographico, ou seja o da localisação de cada volume na bibliotheca.

Foram em numero de 4.042 os volumes recebidos entre livros, folhetos e revistas. A maior parte desses volumes tinham sido adquiridos por Paulo Barreto, havendo alguns offerecidos por escriptores portuguezes, brasileiros, francezes, italianos e hespanhoes, e outros que pertenciam á bibliotheca de seu illustre pai, o Dr. Alfredo Coelho Barreto e, entre estes, uma bellissima edição illustrada da "Divina Comedia". Desses 4.042 volumes são: em portuguez, 913; em francez, 2.509; em italiano, 224; em inglez, 143; em hespanhol, 166; em latim, 17 e em musica, 2. Total — 4.042.

Paulo Barreto foi bem um escriptor do seu tempo. E' certo que tem os classicos latinos e portuguezes, mas uma grande maioria dos livros da sua bibliotheca são livros modernos, livros de chronica, de critica, commentarios, romances e theatro. Tão interessante achou sempre a vida contemporanea, que mal deu ao Passado rapidas vistas de intellectual. Não se demorou em longas viagens, atravez da historia. Foi um chronista de sua época. Póde apreciar-se um escriptor pelo que elle leu ou pelo que elle escreveu, mas a nós não nos cabe fazer essa apreciação, que hoje pertence a um dos oradores officiaes — o Sr. Dr. Gustavo Barroso, talento dos mais formosos da moderna geração litteraria brasileira, como o Dr. Antonio Ferro, o outro orador official, é um dos mais formosos talentos da moderna geração litteraria de Portugal.

Estamos aqui a fazer um singelo relatorio sobre a bibliotheca de Paulo Barreto. Desses livros podiamos concluir, mesmo que não tivessemos lido a sua obra, que elle era sobretudo um artista. Realmente, a sua bibliotheca é bem a bibliotheca de um artista, reunindo tudo o que em arte apresenta a litteratura contemporanea. São raras as suas annotações. Apparecem apenas nos livros de Victor Hugo, que leu na mocidade. Mais do que annotações, são exclamações plenas de enthusiasmo, e, cousa curiosa, escriptas em francez. Depois dos ingenuos tempos da mocidade, não fez mais annotações, limitou-se uma que outra vez a sublinhar, durante a leitura, com lapis, as passagens que mais o interessavam.

Póde tambem, pela sua bibliotheca, constatar-se a rapidez vertiginosa com que trabalhava. Na verdade, alguns dos livros que lhe foram offerecidos estão mutilados á tesoura, numa ou noutra pagina. Comprehende-se. Quando Paulo Barreto tinha de incluir em qualquer das suas criticas uma transcripção do autor criticado, não se dava ao trabalho de copiar, recorria á thesoura e assim destacava a parte a transcrever, que depois collava entre a sua prosa. Era rapido, mas inutilizava o livro, quasi sempre dum amigo. Estes de bom grado lhe perdoariam a mutilação, porque a ella deviam os elogios dum tão alto espirito como era João do Rio.

A sua bibliotheca é muito valiosa pelo numero e pelas obras que reune, sendo para o Real Gabinete Portuguez de Leitura duplamente preciosa, não só por estarem seus volumes em esplendido estado de conservação, mas ainda porque veio pôr em dia a bibliotheca do Gabinete que assim fica ao par de todo o movimento litterario contemporaneo.

A Directoria comprehendeu bem o seu valor, pelo que, não só em homenagem ao grande escriptor, mas tambem a seus illustres progenitores — o notavel e já fallecido Professor Dr. Alfredo Coelho Barreto e sua Exma. Viuva D. Florencia Christovam dos Santos Barreto, resolveu destinar para esses livros um dos melhores logares da bibliotheca, e ao mesmo tempo escolher um dia de alta significação nesta casa para a inauguração da bibliotheca.

Com effeito, a Directoria tinha pensado em realisar esta inauguração no dia 14 de Maio, que é o dia da fundação do Gabinete ha 85 annos. A catalogação, porém, completa como nós a desejavamos, não podia estar prompta nesse dia, pois que a Bibliotheca de Paulo Barreto occupa toda a fachada do segundo andar duma das faces do edificio, pelo que se fez o addiamento para hoje, dia de alta significação para esta instituição — por ser o dia de Camões, synthese intellectual da raça, e por ser o anniversario do lançamento da primeira pedra deste formoso edificio, lançamento que foi realisado por S. Majestade o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil, em 10 de Junho de 1880, como o attesta este pergaminho que vou lêr".

S. S. passou, então, a lêr o auto do lançamento da pedra fundamental do edificio actual do Gabinete Portuguez de Leitura.

A CONFERENCIA DO DR. GUSTAVO BARROSO — Dada a palavra ao Sr. Dr. Gustavo Barroso, este proferio a seguinte conferencia:

"Exmo. Sr. Embaixador de Portugal. Minhas senhoras. Meus senhores:

Escolhendo a data de hoje para prestar significativa homenagem á memoria de um dos mais queridos escriptores brasileiros, o Gabinete Portuguez de Leitura, mostra que o mesmo lhe merece, por todos os titulos, uma admiração especial, porque este dia é duplamente caro á nobre associação. E' um dos dias magnos da Raça: o dia de Camões. E o do anniversario do lançamento da pedra fundamental desta casa, cuja fachada manuelina riscada pelo cordame das naus, petrificado, com rosaceas que lembram rodas de leme, salliencias que recordam pôas de caravellas e, nas ediculas, vultos que empunham espadas ou descançam a mão sobre a face das esphoras, guarda neste recanto do urbs carioca um pouco da saudade da maior epopéa que até hoje se escreveu sobre os mares!

A Exma. Viuva Santos Barreto, mãi de Paulo Barreto, esse pranteado João do Rio, cuja perda todo o Brasil e todo o Portugal tanto sentem, offereceu ao Gabinete Portuguez de Leitura a esplendida bibliotheca de seu querido filho. Elle fora, entre os brasileiros, o grande amigo dos portuguezes, e sua idolatrada mãi, doando a uma instituição fundada pelos ultimos os livros do filho que desceu ao tumulo praticou um acto que a memoria de João do Rio applaudirá no intimo de sua consciencia materna, onde está fielmente guardada. Porque, máo grado seu desapparecimento da vida material, os mortos não morrem e continuam a governar-nos — como dizem, e com razão, os positivistas — pela perpetuidade dos seus sentimentos e desejos, que a sua saudade nos evoca, inspirando-nos a idéa de obedecer-lhes.

Para maior realce desta inauguração e, ao mesmo tempo, afim de demonstrar sua gratidão e amizade pelo escriptor morto, o Gabinete Portuguez de Leitura erige hoje na sua sédo o busto de João do Rio, offerta tambem da mãi do saudoso jornalista. Deve-se esta obra de arte ao joven esculptor Laurindo Ramos. Mezes antes de morrer, Paulo Barreto posava algumas horas, no salão da bibliotheca do "O Paiz" onde o artista modelava o barro. Quando falleceu, Laurindo Ramos ainda não concluira o trabalho; porém, tendo guardado de memoria os traços caracteristicos de Paulo Barreto, poude terminar com rara felicidade a sua obra, gravando na expressão do prosador aquelle seu sorriso subtil, que mais se adivinhava do que sentia e que era o estandarte da sua grande ironia lyrica. Como elle proprio o dissera nas primeiras phrases de Godofredo de Alencar, "a ironia é o lyrismo da desillusão". E ninguem deveria, certamente, ter tido na vida maiores desillusões do que elle.

A vida de todos os homens é tramada com ellas. São ellas que nos encouraçam, que fazem crescer sobre nossa alma uma crôsta defensiva. Tres vezes bemditas, porque, se não existissem, talvez todos nós devessemos pronunciar estas palavras de Juvenal: "Et propter vitam vivendi perdere causas". São as desillusões que nos forram de ironia — a maior das defesas, de piedade — a mais amavel das virtudes, e de indulgencia — a melhor das qualidades.

Se ninguem teve na vida maiores desillusões do que João do Rio, ninguem teve mais energia moral contra qualquer desanimo, o que prova seu lemma admiravel — Crêr — Trabalhar — Crear, e tambem ninguem teve mais vasta indulgencia para os defeitos dos outros e mais vasta tolerancia para os mesmos que o offendiam.

Não fui daquelles que mais de perto privaram com elle. Não fui daquelles que mais apregoavam admiral-o. Não fui ainda daquelles que elle mais distinguia. Fallo sinceramente. Mas fui daquelles que, durante annos, milagrosamente passando entre o perigoso enredo de intrigas, pecuinhas, competições pessoaes e invejas do meio litterario e jornalistico carioca, aliás communs a todos, os meios litterarios e jornalisticos, mantiveram com elle amizade mutuamente respeitosa, serena, continua e verdadeira. Fui daquelles que mais discretamente o estimaram e que mais sinceramente o applaudiram. E fui um dos raros que souberam comprehender e respeitar o seu formidavel trabalho.

Conheci João do Rio ha uns doze annos, quando iniciei minha carreira no Rio de Janei-

ro. Trabalhava no "Jornal do Commercio" e alli escrevi uma nota a respeito duma de suas obras que acabava de ser editada. Nunca o tinha visto, aliás. Passava uma tarde pelas immediações da porta da "Gazeta de Noticias", quando um moço, já com bastante tendencia a engordar, muito bem vestido, de charuto ao canto da bocca, displicentemente, me chamou com um aceno da mão e da bengala. Approximei-me. E elle diz:

— Creio que você é o João do Norte.

— Poi não, retorquio, sorridente, intimamente intrigado com o curioso typo, mas envolvido na minha timidez de provinciano recem-chegado. Elle mirou-me a roupa, a gravata, o castão da bengala e sobretudo a minha cabeça. Depois, murmurou:

— Ah! é mentira!

Fitei-o curiosamente e indaguei:

— E' mentira o que, meu caro senhor?

— Disseram-me que você, menino, era cearense; mas, com essa cabeça, com essas roupas, estou vendo que é absoluta mentira. Se você nasceu lá, foi por engano...

Nesse tempo, ainda profundamente bairrista, aquillo era para ficar formalizado. Meio agastado, perguntei:

— Mas, emfim, quem é o senhor?

E, com o sorriso subtil que Laurindo Ramos tão bem apanhou, elle me disse, fraternalmente, a mão no meu hombro:

— Queria ir agradecer-lhe a nota no "Jornal do Commercio", porém, não tive tempo. Mostraram-me você na rua e tomei a liberdade de chamal-o. Você sabe, todo o mundo sabe; eu sou o João do Rio. Muito obrigado e aqui sempre ás suas ordens.

Nunca mais esqueci esse ligeiro encontro alli á rua do Ouvidor, á porta da "Gazeta de Noticias", em cuja vida longa e admiravel ha, sem duvidas, duas épocas de intenso fulgor, embora diversas na essencia: a de Ferreira de Araujo e a de João do Rio.

João do Rio! Eis aqui um pseudonymo que de todo matou o verdadeiro nome do artista. Porque elle é em verdade, uma synthese da alma do homem que o adaptou. Elle encarna a psychologia do jornalista e do publicista. Elle exprime todo o seu pensamento e todo o seu sentimento. Ninguem jámais foi tão fundamentalmente carioca como o João do Rio. Elle nascera nesta cidade e vivia para ver e para cantar os esplendores desta cidade. Tinha o pantheismo da urbs maravilhosa. Sorria com ella, chorava com ella, vibrava com todas as suas mil vibrações. E, quando ouvia alguem accusal-o de immittar os extrangeiros, sorri-me varias vezes, pensando que os extrangeirismos lhe vinham como um reflexo dos cosmopolitismos da sua cidade. Elle a pesquizou como reporter; elle ardentemente a amou na sua alta vida social como jornalista mundano; elle commentou-a elegantemente, todas as semanas, como chronista; elle teceu paradoxos sobre seus vicios e suas virtudes; elle viveu intensamente a sua vida febril diurna de recepções, chás, corsos, sports, footings, nocturna de redacção e clubs, theatros e cafés concertos, bailes e bohemias, automoveis em disparada e êrmas ruas silenciosas, por onde ás vezes passeava sosinho, meditando, entre as fileiras de lampadas electricas. "Nunca tive tantas joias em redor de mim", disse-me uma feita, contando-me do seu grande amor pela cidade. E ainda quando a sua penna descrevia acontecimentos do Velho Mundo, na Italia na França, na Belgica, nesse tão amado Portugal, em difficeis periodos como entre o armisticio e a paz de Foch, palpava-se no estylo e no commentario que era um carioca exilado e saudoso quem via e sentia aquillo tudo.

Após um banquete em que Deschanel e Viviani fallaram, saudando o Presidente Epitacio Pessoa, no Cercle de la Presse, em Paríz, sahi pela avenida dos Campos Elyseus com João do Rio. Era uma noite serena, clara e suave de Maio. Todos os cabarets e restaurantes fechados. Um verdadeiro deserto de asphalto, ladeado de fileiras de negros canhões tomados aos allemães. Estavamos em 1919 e o estado de guerra ainda não cessara. Morava para os lados de Montmartre, na rua Richer. Como a noite era convidativa, iria para casa a pé. Disse-o a João do Rio, no Rond-Point. Elle promptificou-se a acompanhar-me até o Boulevard Haussmann. Para encurtar caminho, tomámos pela estreita e torcicollosa rua La Boetie, em silencio, apressados, fumando. Em certo ponto, entre velhos muros lodentos, a rua se transforma em verdadeira congosta de burgo medieval. Elle parou de repente e exclamou:

— O', que bom!

Quiz saber o motivo da exclamação. Explicou-me:

— E' que me pareceu de subito estar lá no nosso Rio, tão longe! Achei este recanto assim, tão parecido com qualquer rua velha da nossa cidade, talvez do lado de Paula Mattos, de Catumby, não sei bem de onde...

Quem fallava — senti-o bem — era o artista paradoxal, bizarro e delicioso da "Alma encantadora das ruas", da "Psychologia urbana", das "As religiões no Rio", da "Vida vertiginosa", do "Cinematographo", do "Os dias passam", das "Chronicas e phrases de Godofredo de Alencar", do "Pall Mall Rio", do "Dentro da Noite", do "No tempo do Wenceslau". Em toda essa série o Rio está; vibra com intensidade a vida do Rio, alta ou baixa, limpa ou suja; palpita com emoção o movimento das multidões anciosas, e se doiram de sol as maravilhas da natureza.

Esta lista de obras dá bem uma medida da grande actividade litteraria de Paulo Barreto. Só nesse sentido tantas! Juntemos-lhes a mais os romances, os romances, os contos, os inqueritos, as viagens, as conferencias, as traducções. Teremos um escriptor que morre em plena mocidade, deixando dezenas de volumes. Disseram alguns que faltou á sua vida de homem de lettras uma obra séria. A isto se responde, affirmando que toda a sua obra é profundamente séria pelo seu inconfundivel cunho pessoal, porque é profundamente honesta, e profundamente honesta por exprimir com inteira verdade a sua psychologia.

João do Rio não foi nem nunca pretendeu ser um scientista, um sociologo, um historiador, um esmiuçador de folk-lores, um analysta profundo da sua época ou um marmorista da lingua. Elle era um espirito moderno, cheio duma insaciavel curiosidade, cambiante e ligeiro, com qualquer cousa do leve voejar da borboleta no tocar os mais variados assumptos. A sua maior elegancia no escrever era a subtileza dos tons, filetada por uma airosa e fugitiva philosophia em que, segundo seu proprio depoimento, a ironia e o lyrismo se davam as mãos. Elle era, como Renan escrevera, e tanto sentio a justa applicação dessas palavras á sua personalidade que as transcreveu na entrada dum de seus livros mais pessoaes: "Un de ces hommes qui, par leur nature d'esprit, sont disposés a passer d'un ordre d'idées á un autre, bien que leur style et leur maniére de sentir offrent les traits les plus arretés".

No fundo de sua intelligencia aguda, colorida, um deposito admiravel de erudição. Laivos luminosos della brilham aqui e alli, nas suas paginas. Na descripção dum jantar no Jockey Club, ha lembranças de Luciano de Samosata. No meio duma chronica sobre a vida carioca, fluctua um pensamento de Marco Aurélio. A pintura dum céo estrellado, pallio de joias estendido sobre esta immensa cidade, reluz de versiculos do Baghavata Purana. E as mulheres desfilam deante dos espelhos e das citações reformadas do poeta oriental Fariad Uddin Attar.

A par disso, estupenda capacidade de trabalho. Vida vertiginosa. Este titulo dum de seus livros é a tabuleta da sua vida. João do Rio enchia os diarios de artigos e de chronicas, as revistas semanaes de chroniquetas e de notas, publicava livros sobre livros por anno, fundava jornaes, fazia toda a "Patria", discutia todas as theses politicas, sociaes ou internacionaes do momento, lançava dezenas de idéas novas e gulava campannas. Descanso não o conhecia. Fui uma vez visital-o na sua casa da avenida Gomes Freire, afim de pedir-lhe o voto para a eleição da Academia Brasileira á vaga de Souza Bandeira. Era pela manhã. Recebeu-me entre moveis de oleo vermelho com bronzes Imperio aos cantos, num pequeno gabinete, onde escrevia. Passamos após, para outra sala, rodeada de altas estantes, onde estavam estes livros que o Gabinete Portuguez de Leitura recebeu de sua progenitora. Sobre uma mesa, alguns volumes de Ruskin. Lembro-me bem que peguei nelles e que João do Rio me disse:

— Tenho muita inveja desse inglez velho!

— Por que?

— Porque dá aos seus livros titulos admiraveis. Eu tenho a paixão dos titulos sonoros e expressivos! Como soam bem os nomes das obras do Ruskin: "A corôa de oliveira brava", "A Bíblia de Amiens", "As sete lampadas da architectura", "As pedras de Veneza", "O vau d'Arno", "Sesámo e os lyrios"! Pensa bem, João do Norte, que é uma cousa admiravel e maravilhosa um titulo admiravel e maravilhoso.

E continuou:

— "Sásamo e os lyrios"! Um dia ainda escrevo um livro com este mesmo titulo, embora me apredejem...

Observei nesse dia a sua paixão pelas bellas epigraphes e como a sua displicencia se convertia em enthusiasmo deanto da belleza. Não escreveu "Sásamo e os lyrios", mas publicou o "Sésamo". Na mesma occasião, folheei as brocuhuras que cobriam uma cadeira. Umas tinham tres, quatro folhas abertas. Outras estavam estripadas pelo meio, como se alguem tivesse querido unicamente se inteirar com rapidez do assumpto. Em outras, a leitura começara pelo fim. Guardei silencio, mas elle comprehendeu a indagação curiosa da minha mudez e adeantou:

— Sou eu quem faz isto... Pensas que tenho tempo como tens, para lêr as cousas com regularidade e medida?... E a vida?...

A vida? A sua foi vertiginosa e o colheu em plena mocidade gloriosa. Sim, é que Paulo Barreto não foi ceifado pela morte, mas derrubado, numa corrida de automovel em plena rua, vertiginosamente pela sua propria vida, e sobre o seu tumulo eu gravaria a simplicidade profundamente significativa de um velho epitaphio romano: "Paulus, Vivis!"

"Correio Paulistano" - 12 - Junho - 1922

Porque, para os que o estimaram e admiram elle continúa necessariamente a viver. Vive nos jornaes que fundou, cuja direcção foi obra sua, e nos que tomam para distico os seus pensamentos. Vive na sua grande obra literaria. Vive na memoria dos brasileiros como uma das mais fulgurantes intelligencias que este paiz tem produzido. Vive porque trabalhou, creou e teve fé. Vive na memoria dos portuguezes como um daquelles que mais souberam admirar a Raça e querer á Lingua. Esta maior das patrias, porque abraça maternalmente, mesmo que alguns o neguem, os homens que o mar separa. Aquella a expressão formidavel de energia ethnica que trouxe a estas plagas o valor individual e a coheão collectiva, que realizaram o milagre da fundação, no meio do continente sul-americano, duma America portugueza, mais tarde pela evolução natural transformada nesta nossa immensa e futurosa America Brasileira. Emquanto as rivalidades de Castello e Leão, Asturias, Gallisa, Navarra e Aragão atavicamente se transportavam ao continente de Colombo, a elle vinha ter, do mesmo modo, a força vital que creara o reino de Affonso Henriques e a lingua de Gil Vicente e de Camões. Em derredor das fronteiras dos nossos oito milhões de kilometros quadrados, os vice-reinados hespanhóes se fragmentaram nas guerras de independencia. O de Nova Granada tripartio-se em Equador, Colombia e Venezuela, escapando-se das mãos patrioticas de Bolivar, a união Gran-Colombiana. O do Perú scindio-se em Perú, Bolivia e Chile. O do Prata, em Argentina, Uruguay e Paraguay. Nós atravessámos unidos o periodo colonial. Nem a França Antartica, nem o Brasil Hollandez conseguiram atingir no cerne o potencial ethnico dessa união e a continuidade do idioma. A divisão dos dous governos nenhuma influencia exerceu nesse sentido. As lutas separatistas da Monarchia foram dominadas e a federação da Republica resolveu mais ou menos o problema das aspirações locaes, mantendo a coheão nacional, senão para sempre pelo menos para muito tempo ainda. E foi esse valor extraordinario da Raça que seria crime negar, o que João do Rio mais admirou. Bateu-se para que o não esquecessem aquelles que lhe deviam o melhor de sua existencia nacional.

A 23 de Janeiro de 1919, sob um céo de anil e abundança de oiro do sol, desembarquei em Lisboa. Não pude ir muito além do Terreiro do Paço, porque cordões de tropas cortavam as ruas, e fôra suspenso o trafego de vehiculos. Tudo porque o Affonsanto resolvêra enviar algumas balas de canhão para a Rotunda e dahi lhe respondiam na mesma moeda. No dia glorioso, aquelles tiros mais pareciam de salva festiva do que de rebeldia militar. Retrocedi em companhia de João do Rio, que encontrára no começo da rua Aurea. Chegámos á beira do Tejo e ficámos olhando a tremulina dourada da agua e o verde-malva da outra margem. Conversámos. Elle gabou-me a paizagem que vimos, o incomparavel esplendor da luz, a maciez sem igual do céo azul a cossia das velas que fugiam para Caolhas e disse-me que só esses encantos bastavam para fazel-o demorar-se alli apezar das agitações politicas e sociaes. Nisto, um turbilhão de gaivotas — tantas como nunca vi! — redemoinhou obre o rio num continuo e tumultuario agitar de azas brancas. Paulo Barreto accrescentou:

— Estas azas brancas vôam céo em fóra e vão de Portugal ao Brasil e do Brasil a Portugal, incessantemente talvez, sem que saibamos como. Sabem melhor que os homens o caminho das patrias irmãs e não discutem os meritos ambas...

Sorri nesse momento de sua delicada ironia. Hoje penso que ella foi antes um symbolo. Porque uma das gaivotas de Portugal alçou o vôo, como na éra do Infante de Sagres as náus desfraldavam o velame e vai chegar ás aguas da Guanabara. Tocou á terra brasileira após a travessia heroica do espaço que se estende sobre o velho Mar Tenebroso que a Raça bravamente devassou. Superando perigos, vencendo obstaculos vem ahi, tripulada por dous grandes heróes a grande gaivota de Portugal, trazendo nas suas azas espalmadas a rubra cruz de Christo que ornava as velas das caravellas de antanho quando a Raça, antes de avassalar os ares tinha avassalado as terras e os mares!

A distincta assistencia que enchia o salão do Gabinete Portuguez de Leitura interrompeu por vezes, com applausos, o discurso do Sr. Dr. Gustavo Barroso, abafando as suas ultimas palavras com uma vibrante salva de palmas.

Seguio-se a parte artistica a cargo da Senhorinha Irene Nogueira da Gama que executou, com particular agrado da assistencia, ao piano "Nocturno", de Nepomuceno, e "Les vagues", de Moskowski".

A MOÇA DA SAPIRANGA

Era tão agradavel aquelle sombrio socavão ao pé da serra da Tucunduba, que me deixei ficar sentado numa pedra por muito tempo. Um riacho claro cantava aos meus pés e as nodoas do sól, cujos raios atravessavam a ramaria do arvoredo, brilhavam sobre a alcatifa de folhas secas que cobria a terra, ou se perdiam na azulada transparencia da agua. Uma ou outra dessas nodoas como que bolava na correnteza. No fio de luz que descia pelo meio da folhagem densa duma janaguba, numa abertura entre os maiores galhos, zumbiam, esvoaçando, abelhas mandaçaias. E na cópa das umaryseiras cantavam, de quando a quando, os bemtevis gamellas.

Ali estava tão fresco, tão bom, após a travessia que fizeramos desde a fazenda da Jandragoeira, cortando em diagonal o valle do rio Ceará, que não tinhamos mais coragem de continuar a viagem interrompida. O Manéco Alves, com quem eu ia subir a serra até á casa do Xico Veado, perdida entre as galhadas dos altos gitós, para negociar um comboio de bananas, accendêra o cachimbo de raiz e estendera-se ao pé dum péga-roupa esgalhado, espreguiçando-se. Nossos cavallos, dessedentados, coxilavam á sombra. Eu cheguei a falar mesmo de arranjar um laço para pescar camarões no riacho. Devia haver muitos, entre as pedras. O Manéco deu um muxôxo e disse:

— Deixe-se de historias, homem de Deus! Nós vamos demorar dois dias lá em cima, no Veado, e teremos tempo de sobra para pegar camarões no riacho do sitio, que é uma belleza! Olha, creatura: não tem camarão canella, como esta levada que já desce para o sertão; mas a gente se farta de camarões grandes da serra: cada aratanha! cada pitu'ássu' deste tamanho!

Eu sorri e continuei immovel, a gosar aquella frescura tão bôa. Tinhamos que subir a serra e sentiamos, além das arvores, a refulgente luminosidade da vasta planicie sertaneja que atravessaramos, eternamente queimada pela soalheira. Era no mez de outubro e, apesar de ter sido bom o inverno, já não se viam, pelo sertão todo, folhas verdes sinão nas cannafistulas e nas jerematais, nas oiticicas e nos joazeiros.

Fazendo um esforço, eu ia dizer ao Manéco que era tempo de seguir viagem, porque o sól descambava muito já, quando elle se pôz de pé com rapidez, limpando as calças de brim listado e as perneiras com pancadas bruscas do chapéo de couro.

— Que foi? hein, que foi?

— Nada não. Assentei-me aqui, sem pensar, juntinho duma casa de mombuca e os diabos das abêlhas já estavam me subindo pela roupa.

— Bicho medroso!

— Que medroso que nada! Eu não quero é negocio com Tatáhyra nem com abelha de ferrão! Olha, criatura, eu gosto muito de mel, mas não vou tirar um cortiço de inxu', inxuhy, capuxu' sanharão, bocca torta, cobatão, maribondo de chapéo ou de parede nem á mão de Deus Padre! Credo! Vou lá o que!

Montamos a cavallo e saudosamente deixamos aquelle delicioso recanto. Os animaes caminhavam a passo, muito unidos, pela torcicollosa e estreita subida da Tucunduba. Dum lado e de outro, cercas altas de arame farpado em cinco fios, limitando os bananeiraes viçosos, um ou outro cafezal velho, quasi abandonado. A tarde cahia. A gente, voltando-se nas sellas, avistava o sertão immenso ainda dourado pelo sol e todo emmoldurado de serranias azues.

Numa curva brusca do caminho, surgiu á nossa frente uma cabocla clara de olhos rasgados e pestanudos. Trazia á cabeça um pote de agua e segurava-o com as mãos, arqueando os braços, o que lhe dava, á distancia, um aspecto de grande amphora classica. Era moça, sadia e fresca como a serra immensa. A pelle, levemente tostada, tinha uns tons de ouro. O cabeção da camisa, pobre de rendas, mal lhe tapava o seio virgem, pequenino, redondo e duro como um limão doce. Ergueu para nós a face pura e singella, com uma grande graça natural, e murmurou:

— Boa tarde, "seus" moços!

O Manéco respondeu-lhe á saudação, com respeito. Eu quiz dizer-lhe uma brincadeira qualquer sobre a tentação que eram aquelles seios e aquella carne moça e rija entrevista pelos rasgões da saia de chita; mas o meu companheiro, antes que eu falasse, me puzera a mão callosa sobre os labios.

Adeante, sósinhos já, extranhei-lhe o gesto. Que mal fariam duas amabilidades na estrada deserta? Toda mulher gosta que nella se encontrem encantos e ainda mais que os mesmos se apregôem. O Manéco ouviu as minhas considerações e abalou a cabeça, sorrindo.

— Olha, criatura, na cidade, póde ser; no sertão, não é não!

Ahi quem abalou com a cabeça e sorriu fui eu.

— Tanto faz no sertão como na cidade. A mulher é a mesma em toda a parte.

46

"Jornal do Brasil"
23-5-922

22

— Lá isso não é, não. Olha, creatura, eu vou te contar uma historia de verdade, e por causa della foi que te tapei a bocca. Eu não gosto de vêr succeder desgraça pelo companheiro meu.

O sol escondera-se por traz da serra longinqua do Camará. Havia um tom violeta maguado em todas as cousas. O Manéco afrouxou mais as rêdeas no pescoço do cavallo, porque agora a subida era mais forte, e narrou este caso. Eu fiz o mesmo e escutei-o sem o interromper uma só vez.

— Olha, creatura, foi no sertão dos Inhamuns que a historia aconteceu. Eu andava por esse fim do mundo em negocios de gado mais o meu compadre João Balbino, que foi o primeiro dono da grande fazenda do Trapiá. Era um homem alegre e folgazão, que entrava na casa dos quarenta, doidinho por um rabo de saia, capaz de fazer tudo por uma mulher e viciado em dizer cousas a todas as cunhãs que encontrava.

Uma tarde, indo commigo de viagem, topámos numa volta do caminho a filha dum capador de gado que morava ali perto e que a gente já conhecia de vista. Era lá uma cabocla bonita como essa serrana que passou por nós! Era lá o que! Era feia de verdade e tinha supiranga nos olhos. Mas nessa tarde voltava do bebedouro com um póte de agua no hombro e um vestido velho, todo molhado e todo rasgado. Os peitos empinados alevantavam a fazenda fina da blusa e a gente sentia as pontinhas delles tremendo, quando ella andava. Era a unica cousa que a diaba tinha de bonito e os dois diabinhos eram bonitos mesmo!

Meu compadre João Balbino ficou todo lamécha. Voutes! O' homem damnado por um rabo de saia! Que Deus Nosso Senhor lhe fale na alma! Ficou todo assanhado o desgraçado, como as cupiras, quando a gente mette a enxada nas casas de cupim onde ellas fizeram ninho. E foi, espiou, babando-se, para o seio da cunhã. Ella puxou as roupas, concertou o cabeção e, olhando fito com a cara zangada para elle, perguntou:

— Que é que você quer, "seu" malcriado

O João Balbino, em logar de ficar calado, respondeu:

— Quero me espetar no bico dos teus peitos, belleza!

Olha, creatura, a moça do Supiranga ficou branca como o oitão lá de casa, parou no meio da estrada e repetiu tres vezes:

— Si eu fosse homem, você se espetaria mas era na ponta de uma faca!

João Balbino deu uma risada e nós seguimos nossa viagem até aos Inhamuns. Passaram-se muitos dias, fizemos nosso negocio e de volta nos arranchamos á tardinha perto da casa do tal capador, debaixo de um joazeiro grande. Quando o sol se pôz, accendemos uma fogueira e armamos as rêdes. Estivemos fumando e conversando um bom pedaço. A noite era de luar e, lembro-me bem como si fosse hoje, as raposas andavam numa vadiação damnada! Pegamos no somno com o setestrello bem alto. De manhãzinha, quando o sol foi botando a cabeça de fóra, eu me alevantei e chamei logo o compadre. Não respondeu e pensei que estivesse ferrado no somno, embora sem estar roncando. Fiz fogo e coei café. Fui levar para elle na rêde e a panella me cahiu das mãos. O pobre do João Balbino estava morto, todo ensanguentado, com uma faca enterrada bem no coração. E eu me lembrei, todo o tempo que levei carregando elle, atravessado no cavallo, para o primeiro povoado, da moça de olhos de sopiranga e peito empinado que gritara damnada de raiva, no meio da estrada:

— Si eu fosse homem, você se espetaria mas era na ponta de uma faca!

Para mim foi essa diaba quem o matou e por isso é que eu não gosto que companheiro meu mexa com mulher que não conhece, pelas estradas...

O Maneco calou-se e esporeou o cavallo que preguiçava. Eu não disse mais uma palavra. Fiquei em silencio até apear no pateo da casa do Xico Veado, que nos esperava, no escuro, deante do alpendre, balançando na mão impaciente um grande lampeão de kerozene.

João do NORTE

artigo de Orris Duque Estrada

"Jornal do Brasil" 17 Junho 1922

"Coração da Europa", por Gustavo Baroso.

E' este o titulo de uma interessante resenha geographica, historica, politica, financeira, economica e intellectual da nova *Republica Tcheco-Slovaca*, formada, depois da guerra, com elementos tirados da Austria e da Hungria, e constituidos pelas provincias tcheques (Bohemia, Moravia e Silesia) e as slovacas (Slovaquia propriamente dita e Russia Sub-Karpathica.)

Essa resenha é firmada pelo já muito conhecido e applaudido nome de Gustavo Barroso — o melhor escriptor *folk-lorista* da nova geração e que com tanto labor e proficiencia se tem entregado ultimamente a estudos de natureza internacional. Começa o Autor chamando (com razão) toda a attenção dos leitores para o phenomeno historiço extraordinario, e verdadeiramente singular, da reunião politica de dous ramos da mesma nacionalidade separados durante o longo periodo de um millenio, atravez do qual souberam manter intactos o espirito nacional e o amor da liberdade, pugnando dentro e fóra das fronteiras, durante a guerra, para obterem a sua soberania. O 1º capitulo é todo consagrado á geographia do novo Estado, a que attribue o Autor 140.000 k.² de superficie e uma população de mais de trese milhões e meio de habitantes — dados um pouco em desaccôrdo com os de F. Maurette, que estabelece respectivamente 120.000 k.² e 9 milhões de habitantes (recenseamento de 1919.)

Evidentemente por equivoco, ou por lapso de revisão, collocou o Autor a Moravia a *sudoeste* da Bohemia, e os Karpathos Brancos a *sudoeste* da Moravia. Parece que em ambos os casos a verdadeira denominação é *sudeste* (talvez apenas *sul* no segundo.)

Todos os outros capitulos offerecem grande abundancia de dados novos, praticos e interessantissimos acerca da joven republica.

E' excusado encarecer a utilidade do novo trabalho de Gustavo Barroso.

Nos salões do Rio

A crise de casas

A crise da falta de casas para alugar continúa e parece mesmo que se aggrava com a approximação do centenario. No dia do anniversario do meu amigo Praxedes, Director do Thesouro e poeta, autor do livro "Emoções Sensitivas", ouvi no seu elegante salão um advogado de nomeada no nosso fôro dizer o seguinte:

— Os jornaes bateram diariamente contra a degradação a que chegou o jury e clamam pela sua suppressão. Embora ache que essa instituição juridica, que tantos grandes serviços tem prestado á humanidade, está decadente, nella só encontro uma coisa que profundamente me irrita: é o juiz perguntar ao réo, logo de cara, quando elle se senta no banco vil, o seu nome e a sua residencia. E' forte! Eu, que sou advogado e mais ou menos installado na vida, ha dez mezes que procuro uma casa no Rio para minha residencia e não a encontro, como é que ha de ter uma aquelle desgraçado!...

O guignol da vida...

Eu não vou ao Grand Guignol nem que me paguem, porque de coisas tristes e abracabradantes bastam-me as que a vida me aprezenta. Prefiro de tudo o que é arte o lado comico ou tragico. Este negocio de chorar não é commigo. Entretanto, ha gente que, além das lagrimas a que a existencia nos obriga, ainda procura as que a fantasia crêa.

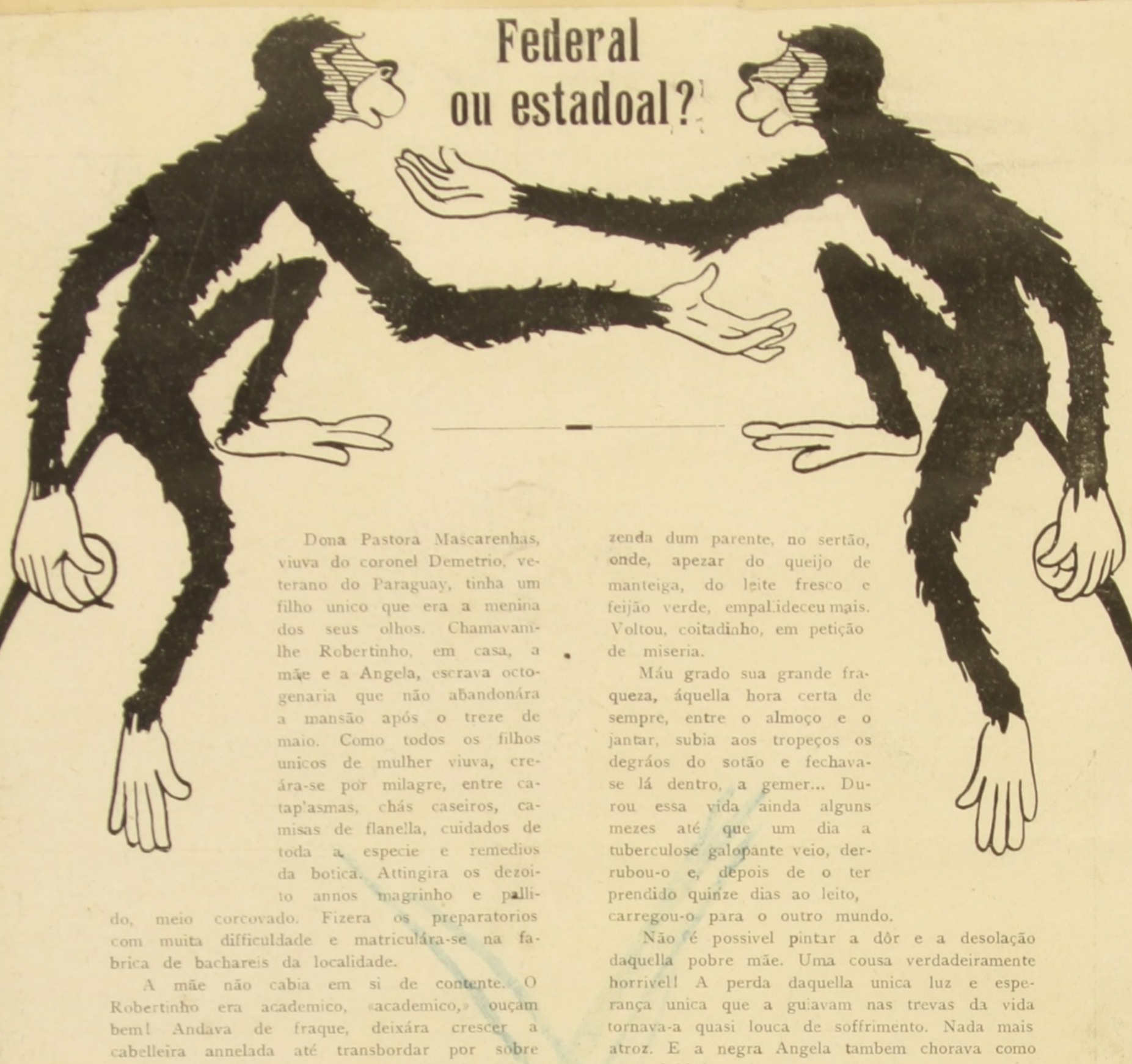
E' por causa desse meu modo de pensar que não me canso de lêr os *Contos Drolaticos* de Honoré de Balzac, *colligez ez Abbayes de Touraine et mis en lumière pour l'esbattement des pantagruelles et non aultres...*

Ah! sem duvida, ao *Guignol* prefiro os *esbattements*. E' uma questão de maior ou menor *pantagruellisme...*

Manhã lavada e fresca. O céo esbranquicento parece um véo de noiva estendido sobre as coisas. O mar translucido beija o sopé dos morros verdes e humidos. Uma luz diffusa espalha-se levemente pela face limpida da Guanabara. E eu de pé, no alto de Santa Thereza, olho a faina dos homens, das carroças e dos trens que despejam nas aguas socegadas, aqui e alli laivadas de estrias barrentas, a terra arrancada aos flancos seculares do Castello.

Minha imaginação mostra-me, num futuro não muito longe, a paysagem carioca enfeiada pelo modernismo. Os morros que se erguem como grandes cabeças verde-escuras ao meio do casario desapparecerão e as linhas maravilhosas das collinas á beira-mar serão cortadas pelas fachadas dos arranhas-céos como o Hotel que mata o recorte da Gloria. Mas nessa data, diminuida embora na sua belleza natural, a capital do Brasil será a Babylonia da America do Sul!...

"A Manhã" — 10 - Junho - 1922



Federal ou estadoal?

Dona Pastora Mascarenhas, viuva do coronel Demetrio, veterano do Paraguay, tinha um filho unico que era a menina dos seus olhos. Chamavam-lhe Robertinho, em casa, a mãe e a Angela, escrava octogenaria que não abandonára a mansão após o treze de maio. Como todos os filhos unicos de mulher viuva, creára-se por milagre, entre cataplasmas, chás caseiros, camisas de flanella, cuidados de toda a especie e remedios da botica. Attingira os dezoito annos magrinho e pallido, meio corcovado. Fizera os preparatorios com muita difficuldade e matriculára-se na fabrica de bachareis da localidade.

A mãe não cabia em si de contente. O Robertinho era academico, «academico,» ouçam bem! Andava de fraque, deixára crescer a cabelleira annelada até transbordar por sobre o alto collarinho, ao qual a Angela dava brilho sem par. E começou a fazer versos.

Seus primeiros sonetos foram publicados pela "A Republica", orgão official, na primeira pagina. Dona Pastora andava radiante. Quando se referia ao filho, o que fazia a todo o momento, era desta maneira:

— Meu querido filho Robertinho, academico de direito e poeta...

E a Angela assoprava ás negras da visinhança:

— «Seu» doutor Robertinho escreveu nos «jorná...» E' mesmo um moço de fama!...

O rapaz luzia, assim, no seio da familia, como uma grande esperança. Mas de repente deu para se trancar no sotão do predio, horas esquecidas, depois que passava pela porta da casa onde morava a eleita dos seus sonhos. Era a filha dum padeiro portuguez, viçosa e bella, que lhe não ligava a minima importancia. Elle soffria muito e a mãe que uma vez subira a escada ingreme do sotão, quando elle lá se aferrolhára, ouvia-o gemer muito baixinho pronunciando o nome da amada...

A paixão e o encerramento diario, em cima ainda mais o encurvaram e amarelleceram. A mãe, receiosa por sua saúde, mandou-o para a fazenda dum parente, no sertão, onde, apezar do queijo de manteiga, do leite fresco e feijão verde, empallideceu mais. Voltou, coitadinho, em petição de miseria.

Máu grado sua grande fraqueza, áquella hora certa de sempre, entre o almoço e o jantar, subia aos tropeços os degráos do sotão e fechava-se lá dentro, a gemer... Durou essa vida ainda alguns mezes até que um dia a tuberculose galopante veio, derrubou-o e, depois de o ter prendido quinze dias ao leito, carregou-o para o outro mundo.

Não é possivel pintar a dôr e a desolação daquella pobre mãe. Uma cousa verdadeiramente horrivel! A perda daquella unica luz e esperança unica que a guiavam nas trevas da vida tornava-a quasi louca de soffrimento. Nada mais atroz. E a negra Angela tambem chorava como uma doida!

Fez-se o enterro, houve a missa de "visita de cóva" e o tempo foi passando; porem a dôr e a saudade da mãe cada dia cresciam mais. Bastava uma visita de pezames para ella ter ataques nervosos medonhos. De outras vezes dava para falar do filho morto, infindavelmente. Contava gracinhas delle, quando era pequenino de cueiros ou de gatinhas. Narrava peripecias de sua passagem pelo collegio, dos seus exames no Lyceu, da sua matricula na Academia, dos seus trabalhos litterarios, exaggerando suas possibilidades de futuro, e terminava por amaldiçoar a maldita «padeira» por quem elle se apaixonára e que era a causa delle se trancar no sotão, para soffrer...

Uns dez ou doze dias depois da morte do Robertinho fóram, solemnemente, de fraques pretos, levar-lhe condolencias em nome da União Caixeiral, onde o fallecido fizera uma conferencia sobre a mulher e os leques, dois membros proeminentes do conselho director da mesma associação, o Malheiros e o Peixoto.

Recebidos na pequena sala de visitas, sentaram-se ladeando a chorosa viuva, e murmuraram algumas palavras de consôlo. Ella estava num dos dias de excitação falatoria. Ouviram-n'a em silencio, compungidos. Contou-lhes a curta vida do Robertinho, desde o berço até ao leito mortuario não esquecendo pormenores algum. No fim disse:

— Elle tinha muito talento, «seu» Peixoto, muito talento mesmo! Escreva na "A Republica"! Fazia conferencias e sonetos! Até mesmo o governador do Estado já lhe tinha dito que para o anno o faria deputado!

— Como, dona Pastora? indagou espantado o Pei-

— Como dona Pastora? indagou espantado o Peixoto.

— E' verdade, meu amigo, o governador promettêra fazêl-o para o anno deputado!

E, no silencio lacrimoso que se seguio, o Malheiros perguntou com a sua voz grossa, seriamente, como quem não tem outra cousa que dizer:

— Federal ou estadoal?

Maribondo de Chapéo

LIVROS NOVOS

MULA SEM CABEÇA, DE GUSTAVO BARROSO

A empresa editora dos srs. Monteiro Lobato e Comp. acaba de publicar mais um livro que vem juntar-se á serie avultada de sua preciosa vitrina. Trata-se do volume de contos do sr. Gustavo Barroso, nosso prezado collaborador, que o publica com o titulo geral de "Mula sem cabeça". Opportunamente diremos a nossa impressão sobre o novo trabalho de Gustavo Barroso.

"Gazeta Esportiva" 14 Junho 1922

48

"O Jornal" - 14 Junho 1922

23

Pela Cruz, contra o Crescente!

A Universidade de Athenas é a mais alta expressão official do moderno intellectualismo grego. Ella representa, no seio do hellenismo de hoje, o mesmo glorioso papel da velha Universidade da melhor Academia bysantina, que o arremesso brutal dos osmanlis sobre o Imperio do Oriente destruiu como destruiu a nação. Fundada no quinto seculo da era christã pelo imperador Theodosio, reconstituida pelo grande Bardas, no nono, e reformada por Constantino Monómaco, no decimo primeiro, ella viveu, quasi sempre intensamente, dez centenarios. Deixou na fáulhante historia byzantina, que o occidente cuidava feita de baixezas e o genio dos Fischers e dos Schlumberger demonstrou ser tecida de epopéas, um luminoso rastilho.

Ella acompanhou todas as oscillações da vida nacional tumultuaria e ardente de Byzancio. Viu o apogeu do sexto seculo com Justiniano, o grande Upravda esclavão hellenizado, e o perigo arabe do setimo, detido pela espada de Heraclio. Oscillou, entre o oitavo e o nono, no meio das lutas religiosas desencadeadas pela dynastia dos Isaurios. Acompanhou a ascensão do Imperio para as epopéas formidaveis do nono ao decimo seculos, sob o governo poderoso da raça real da Macedonia. Decahiu, depois, com os Comnénes até o seculo doze. Os cruzados latinos derrubam, invejosamente, no começo do seculo treze, a monarchia dos Basileis e o seu corpo doutoral vê, com amarga tristeza, o hellenismo perseguido refugiar-se em Nicéa. No meiado do mesmo seculo, os Paleologos restauram o Imperio e ella segue os seus destinos até a sua quéda final, em 1453.

Mas foi muito grande no decorrer desses mil annos de vida palpitante. Emquanto no Occidente a barbaria do feudalismo campeava, ella mantinha no Oriente o fogo sagrado do amor ao saber, commentando as lettras juridicas, custodiando as lettras classicas, que, por isso, na sua maioria chegaram até nós. Ella prestou, assim, os mais inestimaveis serviços de ordem moral e mental á humanidade inteira. Continuou sempre, emquanto o Imperio viveu, a illuminar consciencias e almas, embora para alem das fronteiras dos themas da Thracia ou da Asia ferozmente grulhassem os perigos persa, arabe, slavo, bulgaro, seldjukida e ottomano.

E ainda a critica que impensadamente se faz das discussões byzantinas, quando se approximava os dias das resoluções praticas e salvadoras, é talvez um symbolo do alheiamento em que viviam das réles coisas politicas os homens eminentes cujo espirito pairava somente em espheras mais altas, de elevado intellectualismo puro.

Essa formidavel Universidade de Byzancio teve epocas de magnifico flcrescimento.

Quando Theodosio a fundou, professavam as materias do Trivium e do Quadrivium, que formavam os sete estudos liberaes antigos, nas suas cathedras, homens como Leão de Thersalonica. Diehl, um dos maiores e mais eruditos cultôres das coisas byzantinas, escreve: "Du IX.e au XIV.e siécle, les écoles de Constantinople furent célebres dans le monde entier et leur influence s'exerçait sur l'Orient arabe comme sur l'Occident latin."

A epoca da reforma realizada pelo Monómaco, tão minuciosamente estudada por Fischer nos seus "Studien zu byzantinen Geschichte", foi na verdade rutilante. Um historiador francez resumiu nesta phrase o valor da protecção governamental ás lettras e ao ensino: ""L'enseignement fut alors tout le gouvernement". E tem razão. Os professores eram ministros e os ministros eram professores. Ensinava a rhetorica esse famoso João Mauropos, erudito, poeta, orador, que morreu afastado de Byzancio, feito Metropolitano de Euchaita, na Asia, onde lançava ás suas ovelhas maravilhosas homelias, elogiadas no "Enkomiastikon" feito por Psellos. Era ministro e professor o grande Likhudés. Niketas Byzantios professava a grammatica. Da escola de leis, talvez a mais importante após a de philosophia, a "Didaskalion ton nómon", fôra nomeado monophylax ou reitor o notabilissimo Xiphilino. As cadeiras de ensino da mesma estavam occupadas por celebres juristas: Garidas, Kalocyros, Patzos e o grande historiador Miguel Attaleiates. Tomara o titulo invejado de Hypatos ou Consul dos Philosophos o extraordinario Miguel Psellos, cujo immenso espirito Zervos nos deu a conhecer num livro moderno. A sua palavra e o seu saber enchêram o seu seculo. Elle foi o super-homem intellectual do momento. Apezar de se considerarem grandes mestres em tudo e do Occidente inteiro aprender com elles, os arabes vieram sentar-se nos bancos da Universidade Byzantina. E Psellos escrevia com a maior naturalidade ao seu adversario, o patriarcha Miguel Kerularios: "Os celtas e os arabes são nossos escravos pelo espirito. Do Oriente e do Occidente accorrem todos ao som de minha voz. O Nilo rega as terras dos egypcios, mas é a minha eloquencia que lhes refresca as almas. Interroga os persas e os ethiopios: elles te dirão que me conhecem, me admiram e me procuram!"

Psellos é o maior representante das tendencias moraes e mentaes byzantinas da sua epoca. Elle resume o espirito da sua sociedade. E a vida do pensamento hellenico certamente lhe deve muito. Philosopho néo-platonico, homem de sciencias, de lettras e de leis, ministro, presidente do Senado, viu crear-se em torno de si e em torno da Academia, que o seu prestigio de secretario imperial conseguira fazer restaurar, uma theoria de sabios e de lettrados: João Skylitzés, o historiador; os philologos Duxopater e Isaac Comnéne; Simeão o Moço e Niketos Stéthathos, philosophos; Kekaumenos, o moralista; os poetas Kyriotis e Christovam de Mitylena; os scientistas Constantino de Rhegio, Nicolau o Perfumista e Simeão Seth.

A influencia de Psellos e da Academia de Byzancio, moral, scientifica, litteraria, philosophica e juridica se estende pela Italia meridional, domina o Mediterraneo, sobe pelo Egypto, entra pela Asia, alcança a Arabia e vae até os recuados paizes occidentaes.

Ella perdura dentro e fóra de Byzancio. Miguel de Epheso e João Italos imitam o seu estylo e as suas doutrinas. Nikephoro Blemmydés, Jorge Akropolités, José o Philosopho, Theodoro Metochita, Gregorio Palamas e Nikephoro Gregoras proseguem pela trilha que elle indicou. Leva aos italianos a sua obra o sabio Genista Pléthon. Bessarion a propaga na peninsula. Sua influencia attinge Marsilio Ficino e chega mesmo a Pico da Mirandola (V. cap. VII do "Michel Psellos" de Chr. Zervos, ed. E. Leroux, Paris, 920, in 8°).

A herdeira de toda essa velha, inapagavel, esplendorosa tradição é, sem duvida, a Universidade de Athenas, e, em nome do Passado e do Presente, da Cruz e da Sciencia, do Amor e da Justiça, ella acaba de dirigir ás Universidades, Academias e Escolas do mundo inteiro, especialmente da jóven America, um grande brado de solemne protesto, que não póde deixar de ser ouvido. Todo o mundo sabe que á custa de mil trabalhos e de muito sangue, os gregos estão expulsando dos seus ultimos vilayets, na Micro-Asia, os restos degenerados dos militares ferozes que um dia lhes tomaram o Imperio, raça barbara de conquistadores que não deu ao mundo um philosopho, um poeta, um escriptor, um sabio. As grandes potencias européas, movidas por interesses particulares, não consentem de ha muito que esse lixo ethnico, varrido da Thracia, seja definitivamente posto fóra das terras hellenicas da Asia, que infelicitam. E agora querem, segundo parece, restaurar mesmo a monarchia abjecta dos sultões.

Contra isso a alma hellenica se revolta e a Universidade de Athenas, representante da cultura greco-byzantina no mundo, maximo expoente do hellenismo moderno, por meio do seu decano espalha pelas nações este protesto:

"A Universidade Hellenica, factor de civilização e porta-voz da idéa nacional grega, soube, com profunda estupefacção, da existencia duma nota collectiva das potencias, que propõe a restauração da soberania turca desde as costas do Mediterraneo ás do Mar Negro e dos Estreitos, tendo como capital Constantinopla "illustre e historica capital dos Turcos" (sic!!!). Essa resolução entregaria á tyrannia e á matança as populações christãs que pegaram em armas a favor dos Alliados contra a Turquia, quando esta lhes declarou guerra, e, graças a tres annos de heroicos esforços e sacrificios, gozam hoje de segurança e de liberdade. Vê-se, portanto, a Universidade Hellenica na contingencia de vivamente protestar contra essa decisão, que, violando os tratados recentes e ferindo a civilisação, vae de encontro aos principios pelos quaes se fez a guerra mundial, cujo fim principal foi libertar os povos opprimidos. Alem disso, ella destruiria a doutrina consagrada por todas as potencias de que os povos christãos uma vez libertos do dominio ottomano a elle não deveriam mais voltar.

A Universidade Hellenica appella para as Universidades da Europa e da America, pedindo-lhes que elevem suas vozes autorisadas e exerçam sua influencia, afim de impedir seja commettido tão grande crime contra a civilisação e contra a humanidade!"

Esse protesto, pubilcado nos nossos jornaes, não encontrou echo até agora no seio das nossas escolas superiores. O parlamento brasileiro teve a gloria de ser o primeiro do mundo a protestar contra a violação da neutralidade belga. A Universidade do Rio de Janeiro ou pelo menos a sua Faculdade de Direito deveriam querer a gloria de sêrem das primeiras a se manifestar contra esse esbulho projectado

"Fon-Fon" 17 Junho 1922

contra a Cruz e em favor do Crescente, maximé quando o appello para esse protesto parte duma Universidade cujas raizes mergulham no passado, dentro de mil annos de esplendor incomparavel!

João do NORTE

Do Municipal Varios cavalheiros da alta sociedade estão resolvidos a não assistir mais no Municipal as peças de Henri Bataille, porque ellas disparam nas suas casas crises conjugaes. As suas esposas, segundo consta excitadas pela dramaticidade que se desenrola no palco, costumam encarnar nos homens que tráem alli as mulheres ou as desprezam os seus proprios maridos. Ao se deitarem accusam-n'os de crimes que não commetteram, confundindo-os com os personagens theatraes.

São verdadeiras encrencas. Haverá no mundo alguma coisa de mais complicado que a psychologia feminina? Ha, responderão todas ellas: sorrindo: a psychologia masculina...

O bonde de Paula Mattos parou na esquina de uma ladeira, esperando um passageiro que corria para apanhal-o. Defronte, estava em pé no passeio, embrulhada num chale, tiritando de frio naquella manhã lavada e humida, uma mulher magra, enrugada e feia. Muito feia e triste.

Ria alvarmente para o motorneiro, um latagão de bigodes negros retorcidos. E elle lhe lançou este cumprimento:

— Como vaes, *sol de inverno*?

Sol de inverno! E' muito bôa. Eu sorri com um pouco de piedade da pobre mulher do povo e pensei que na alta roda tambem ha muitas megeras semelhantes, embora os arrebiques e as sêdas, que frequentam, com assiduidade e fervor, recepções, chás, bailes, conferencias, concertos e espectaculos.

Quantos sóes de inverno desses a gente conhece e, beijando-lhes a mão gelada, por delicadeza, chama, ironicamente *luas de verão*?!...

NOTAS INTELLECTUAES

O brilhante escriptor e jornalista portuguez Antonio Ferro e Gustavo Barroso (João do Norte), nosso companheiro de redacção, que discursaram na festa do Gabinete Portuguez de Leitura, o primeiro fallando sobre o grande poeta dos «Luziadas» e o segundo sobre a figura litteraria de João do Rio.

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

A numerosa assistencia presente á solemnidade commemorativa da morte de Camões e á inauguração da bibliotheca Paulo Barreto, doação de sua progenitora áquelle instituto.

"Selecta" - 17 Junho 1922 - (Crucis p.ª os Estados de O. Torres)

Com o titulo *Coração da Europa* Gustavo Barroso acaba de reunir em elegante volume editado pela Livraria Castilho os seus diversos estudos á respeito do novo estado Tchecoslovaco, que apresentam grande interesse para aquelles que se dedicam aos estudos geographicos, ethnologicos, etc.

Com informações muito seguras elle descreve naquella linguagem attrahente em puro vernaculo, nada mais nada menos do que tudo quanto de interessante ha á respeito daquella nova nação formada de velhas provincias que faziam parte dos ex-imperios austriaco e russo e que eram a Bohemia, a Moravia, a Silesia, a Slovaquia e a Russia Sub-Karpathica.

O tão censurado Tratado de Versailles (pelos inimigos da Entente) procurou seguir um criterio muito seguro na formação das novas nações originadas do desmembramento dos imperios austro-hungara e russo, chegando mesmo a consultar as differentes provincias a que ramo ou nacionalidade queriam ficar pertencendo.

O ex Imperio da Austria-Hungria era uma verdadeira manta de retalhos, ainda assim admiravel pela homogeneidade que conseguiu manter, formado de innumeras raças fallando linguas completamente differentes a ponto do velho Imperador não fallar a maior parte dellas, de religiões differentes apezar de serem em sua grande maioria catholicos. Era claro que no dia em que o edificio ruisse por terra, cada um desses antigos elementos haveria de procurar reunir-se formando nações separadas. E os estadistas do Tratado de Versailles não fizeram mais do que facilitar essas uniões de caracter homogeneo.

O estudo apresentado por Gustavo Barroso põe em relevo todas essas interessantes questões, mas attrahindo sempre a attenção do leitor pela sua exposição simples e agradavel, de sorte que a leitura do seu livro não cansa. Ao ainda bem joven escriptor que tão grande merito possue pela variedade dos seus conhecimentos e pelos valiosos trabalhos que tem produzido em generos os mais diversos e que fazem delle um dos litteratos mais em fóco da actual geração, caberá ainda a primazia de ter feito em lingua portugueza o primeiro estudo ethnologico, de costumes, etc., e cheio das mais interessantes informações á respeito da Nova Republica Tchecoslovaca.

Faz tempos, eu a vi pelo braço dum amigo provinciano. Como era bonita, perguntei-lhe um dia de quem se tratava.

— E' uma portugueza, corista da companhia tal respondeu-me elle.

Passaram-se mezes e uma feita a encontrei num bar, tomando apperitivo em companhia de um senhor de idade. Sentado numa mesa proxima, ouvia, incidentemente, a conversa dos dois. Ella falava francez e contava-lhe historias de sua meninice em Lyon. Dias depois, fui receber dinheiro num banco. Ella sahia e um empregado dizia para outro:

— E' um succo a inglezinha do Caixa!

Hontem, almoçava num restaurante do centro da cidade, em companhia dum amigo. Ella entrou e elle a cumprimentou. Indaguei:

— Conheces? Quem é?

— Vive com um ricaço e é do Caucaso, georgiana legitima!

Nada disse, mas pensei cá com os meus botões que dessas georgianas deve haver por ahi ás centenas...

"Fon-Fon" 24 Junho 1922

Um protesto A Universidade de Athenas, que, officialmente, é hoje a mais alta expressão da moderna cultura hellenica e a fiel, digna e directa representante da celebre Academia de Byzancio, lançou aos quatro ventos da publicidade um vehemente protesto, dirigido a toda as universidades do mundo, especialmente ás da America Latina, contra os desejos das potencias européas de novamente entregar aos turcos as terras da Micro Asia habitadas por populações christãs, de origem hellenica.

Esse protesto é o mais justo pôssivel e deve encontrar o maior éco no seio da mocidade universitaria do nosso paiz. Não é possivel que os corpos docentes e discentes das nossas grandes escolas não vibrem deante desse projectado attentado e contra elle ergam a voz potente e desassombrada. Não é possivel que o mundo christão veja mais uma vez o Crescente dominar nas regiões orientaes a cruz do Salvador dos Homens!

50

"Selecta" — 10 Junho 1922

24

UM GRANDE REI

Pedro I, da heroica, nobre e gloriosa familia servia dos Karageorgewitch, soube pelas suas altas qualidades encarnar verdadeiramente o espirito nacional do seu grande povo. Elle representou, num momento difficil da historia das nações, papel saliente, dando provas do maior patriotismo e de maior abnegação, quer como estadista, quer como soldado. Tendo vivido longos annos exilado do seu paiz natal, educou-se militarmente na escola franceza de Saint Cyr e quando subio ao throno da Servia demonstrou a maior aptidão para governar. Fez durante lustros a felicidade do seu povo varonil, organizando-o financeira, economica e militarmente.

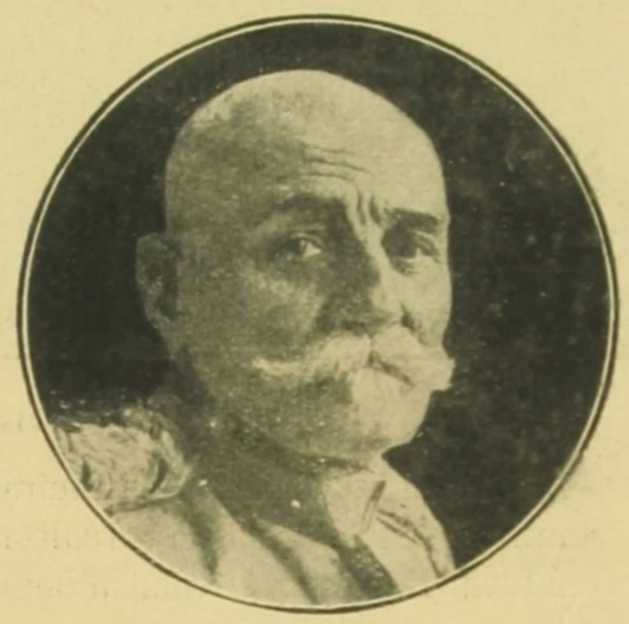
Os esplendores do throno não o deslumbraram. Foi nelle sempre para a sua terra mais pae do que rei. E de admiração e de respeito os seus subditos continuamente o cercaram.

Quando a Austria, impellida pela politica sem entranhas do Kaiser, ameaçou o seu pequeno reino, elle desembainhou a sua espada e bateu as tropas crueis da monarchia dual. Fol preciso que contra as divisões dos seus voivodes os inimigos atirassem, além dos austro-hungaros, os germanos sem coração e os bulgaros ferozes. Então, assaltada por todos os lados, a Servia soffreu as peiores agonias. Vio-se invadida, saqueada, ensanguentada, apezar do seu heroismo. Essa época foi uma epopéa de horrores. Os invasores barbaros queimaram-lhe as cidades, talaram-lhe os campos, devastaram-lhe as riquezas, mataram encarniçadamente, como féras, os homens validos, os enfermos, as mulheres e as creanças!

Mas a alma do velho soberano não se amolgou. Suas energias multiplicaram-se. Elle seguiu o doloroso exodo das suas tropas pelos caminhos invios num carro puxado por quatro bois pacientes; elle atravessou a pé os desfiladeiros gelados da Albania; elle aquentou-se ao mesmo fogo que os seus mais infimos soldados; elle comeu com os veteranos e bebeu a agua que lhe davam na sua marmita, á beira dos corregos, os heróes esfarrapados. Foi tão heroico e abnegado como aquelle Marko Kraliewitch das *plesmas* populares. E, quando uma onda de desencorajamento passava sobre os batalhões dizimados pelo inimigo e pela peste, as suas cans alvejando entre as padiolas e as bayonetas davam a todos os corações um alento novo. Aquella figura respeitavel e gloriosa de ancião heroico enchi... ...orgulho e de coragem novame... os corações agoniados da soldadesca.

Elle foi, assim, o symbolo da desgraça da patria. Erecto, nobre, popular, generoso, valente, apontando com a sua vontade de aço a esperança na victoria, nos dias em que mais negra era a face dos acontecimentos.

Foi maior no seu carro de bois estradas em fóra, na hora amarga



O Rei Pedro I da Servia.

da retirada, do que fôra nos dias de paz sobre o throno. Rei e soldado, soube cumprir como um verdadeiro *preux* os seus arduos deveres de soberano e de general. Dahi o grande luto que cobrio o coração de todos os servios quando a noticia de sua morte se espalhou no mundo. Porque Pedro o Grande já não era mais sómente da Servia: o seu valor dera-o á humanidade inteira. E todos os homens de todas as patrias, mesmo os inimigos, têm o dever de respeitosamente descobrir-se á passagem dessa figura historica, cuja sombra se projecta fortemente nas paginas vermelhas da Grande Guerra.

Edmond Rostand canta um hymno augusto a esse grande rei solitario sobre o seu archaico carro de bois:

" Quatre bœufs dont le joug est d'un sombre archaisme
L'arrachent à son sol comme un soc d'héroisme.
C'est un vieillard; mais lorsqu'il faut,
Lorsqu'il faut arracher, malgré sa haute taille,
Un Karageorgewitch à des camps de bataille
Quatre bœufs ne sont pas de trop!

Le serbe, ce poète agreste et militaire,
Qui fit parler la poudre et fit chanter la terre,
A pour Pierre premier du nom
Fait ce char, où son âme entière est apparue,
En attachant ce qui restait de la charrue
A ce qui restait du canon!

La poésie abonde autour de cet exode.
Triste comme un berger, fier comme un voivode,
Il est si grand, cet Emigrant,
..... on sent
Que des beautés si solennelles sont des signes,
La splendeur spéciale où baignent les plus dignes
Quand l'Eternité va sur eux
Fondre. — et qu'il n'y a pas de hasards si superbes,
Et qu'Homère lui-même, exilé chez les Serbes,
Vient d'attacher ces quatre bœufs "

Foi ainda o glorioso poeta do *Vol de la Marseillaise*, o grande anathematisador da *L'ile des Chiens* quem exclamou deante da magestosa figura dessa Magestade:

" Le roi Pierre s'en va, puisqu'il faut qu'il s'en aille,
Par les vallons, par les forêts, par la broussaille
Par de mystérieux chemins,
Vers la mer, vers l'exile, vers Dieu, vers la Legende,
N'ayant plus qu'un bâton et qu'une houppelande
Croisant sur ce bâton ses mains!"

Pedro o Grande foi um dos raros reis verdadeiros que têm havido na Terra, porque comprehendeu que a Magestade do Soberano consiste no cumprimento do Dever, em estar nos mais criticos momentos da catastrophe da sua nação no seu logar de guia, de bandeira e de fanal, dando o supremo exemplo de firmeza, de perseverança e de resistencia. Por isso, Pedro Karageorgewitch foi Pedro o Grande. E seu augusto filho, o actual rei Alexandre I, deve tanto se orgulhar de ser soberano dos Servios como de ser filho de tão Grande pae.

J. N.

A MODA

"Jornal do Commercio" 17 Junho 1922

Condecorações

S. A. o Principe Alliata de Montereale, Encarregado de Negocios da Italia, communicou officialmente ao nosso collega da imprensa Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), ex-Deputado Federal pelo Ceará, que S. M. o Rei Victor Emmanuel III o nomeou Commendador da Ordem da Corôa de Italia.

"A Alvorada" — Collegio Militar Maio - 1922

Gustavo Barrozo, o gigante do conto brasileiro, que se tem ultimamente imposto pela erudicção da "Ronda dos Seculos" e pela perfeição inatingivel do "Terra de Sol" — prometteu ao nosso Redactor-chefe algo de sua lavra. E o seu trabalho é de tanto maior valor, quanto, além de incomparavel contista, João do Norte é um dos brasileiros mais profundos e versados nos segredos da Historia.

A ele, os nossos sincerissimos agradecimentos, pelo que nos prometteu.

"Selecta" 17 Junho 1922

A CAPITAL DA POLONIA

Varsovia não é a cidade mais antiga e tradicional da Polonia, porém é a mais bella, mais alegre, mais elegante e mais buliçosa da Europa slava. E' um Paris á margem das aguas claras do Vistula. Industriosa, monumental e animada, ella tem sido a verdadeira cabeça pensante, guiadora do povo polono nos ultimos seculos. Embora só tendo começado a ser capital do paiz no seculo XVI, Varsovia encabeçou as lutas pela independencia, tanto no tempo de Napoleão, quando este creou o Grão Ducado do seu nome, como na rebeldia em que

POLONIA — O Castello do Belvedére, em Varsovia: a sala das audiencias.

POLONIA — Armas da Polonia, a Aguia Branca, num velho muro de casa antiga.

Pas Kenitch a respingou de sangue. Sebastiani disse nesse tempo que reinava a ordem, que havia paz em Varsovia. E essa phrase cruel entrou na Historia, perpetuando o heroismo e o sacrificio da nobre cidade.

A alta torre gothica da sua cathedral de São João domina as ruas em que passa uma multidão sympathica e elegante, e na rugosa face dos velhos muros, esverdeados pelos limos e roidos pelo tempo, abrem garras e azas as aguias coroadas da heraldica nacional.

Então, os seus jardins e os seus palacios, estes trazem até nossos dias as miragens luminosas dos contos de fadas. Entre a folhagem verde clara dos seus parques admiraveis fulgem as singelas fachadas dos templos gregos, a cuja porta dormem leões de pedra. Aguas limpidas alumiam por entre as ramagens sussurrantes, reflectindo as grandes escadarias de marmore e as claras fachadas estylisadas.

Na tranquillidade dos lagos miram-se as columnatas barrocas e as estatuas alvas como neve. Nos vestibulos severos perfilam-se as sentinellas immoveis de rutilantes sabres desembainhados. Sobre os frontões triangulares palpitam ao vento as côres nacionaes. E nas salas ricamente ornadas e mobiliadas, a luz solar penetra coada pelos estores transparentes.

As ruas mostram o mesmo aspecto artistico e monumental dos castellos e paços. Columnatas gigantes, estupendas, encerram praças enormes, e por cima dellas ascendem para o céu azul as cupolas byzantinas das basilicas. E os zimborios nobres das egrejas erguem na claridade do espaço a sua silhueta imponente.

POLONIA — Fachada do Castello do Belvedére, residencia do Presidente da Republica, em Varsovia, capital da Polonia.

"Fon-Fon" — 24 - Junho - 1922

NOTAS ARTISTICAS

Rubens Larenas é um joven artista chileno de 17 annos de idade, que se acha presentemente entre nós e que vem no Rio de Janeiro aperfeiçoar a sua excellente voz de barytono. Educado no Collegio dos Padres Francezes de Valparaiso, de onde recentemente sahio veio para a nossa capital em companhia de seu parente proximo o Commandante Caballero, addido naval do Chile.

Tendo-se realizado no dia 21, no Theatro Lyrico, a commemoração solemne do 1º anniversario da morte do saudoso escriptor João do Rio, o jovem barytono aproveitou a opportunidade para dar uma prova publica de sua grande sympathia pelos homens e cousas do Brasil, offerecendo-se para fazer parte desse festival. Seu concurso expontaneo e louvavel foi acceito e elle tomou parte no programma dessa consagração, cantando pela primeira vez no Rio trechos de romanzas e de operas. Os applausos que o publico não lhe regateou provaram quão profundamente agradaram as suas raras qualidades naturaes de cantor.

Nos salões do Rio

Coisa sinistra...

Em pleno Municipal, um dia de vazante, em que a bella sala despovoada parece um luxo inutil e incomprehendido para esta cidade. No palco, uma scena forte de Grand Guignol: o principe Attalonga que levára a duqueza de Martigny, coberta de joias, a um *bouge* de apaches parisienses, nta-lhe casos de arrepiar, afim de apavoral-a e gozar o seu amor no meio do seu medo. De repente, a janella do quarto de albergue em que estão se abre. Vê-se fóra a noite negra; a humidade do Sena, que sóbe, géla os ossos dentro das carnes geladas; e a ventania desesperada sibila, silva, rodopiando na escuridão! O principe murmura:

— C'est sin stre!

A duqueza repete, como um écho:

— C'est sinistre!

Atraz de mim, na platéa, havia um casal joven e silencioso. Nesse instante, a mulher diz para o marido:

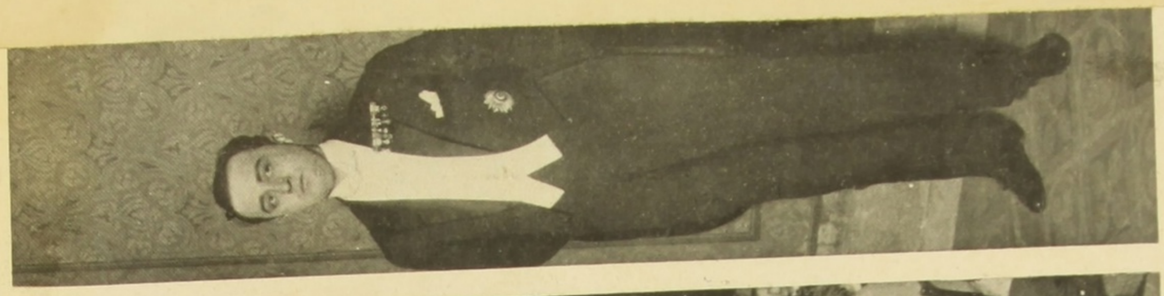
— E' siaistro!... Foi aié agora a unica palav a que entendi...

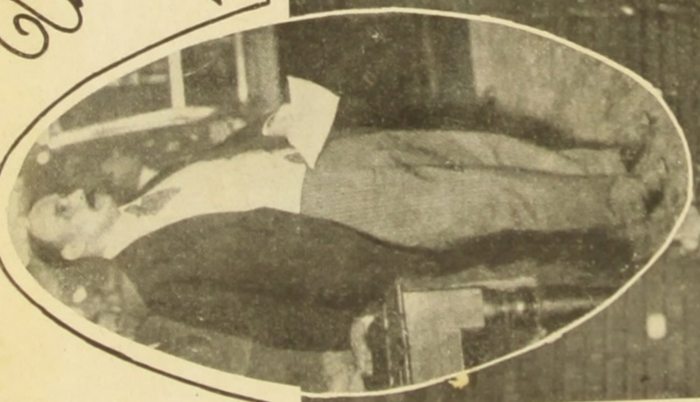
E eu pensei com os meus discretos e inseparaveis bo ões:

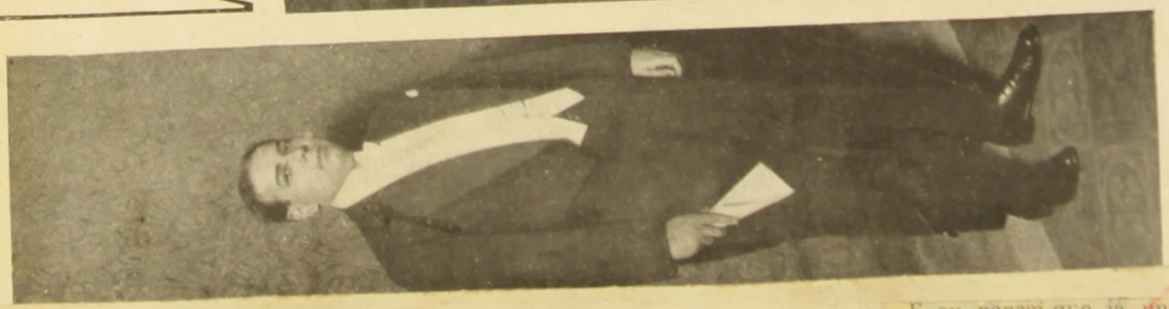
— O que é sinistro é ir ao theatro francez sem saber patavina de francez!...

52 "Revista da Semana" 1º 7 Junho 1922

Uma grande solemnidade no Gabinete Portuguez de Leitura







A directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, aproveitando a commemoração da morte de Camões, inaugurou sabbado ultimo, numa brilhante solemnidade, a bibliotheca de Paulo Barreto, doada áquella instituição pela progenitora do illustre e saudoso escriptor. As nossas gravuras fixam um aspecto da imponente ceremonia, vendo-se aos lados os oradores srs. Antonio Ferro, Alexandre de Albuquerque e Gustavo Barroso.

"Fra Fon" 1 Julho 1922

Nos salões do Rio

Uma alcunha

Approximou-se do nosso grupo, em um canto do *bar* do Fluminense, um volumoso Senador da Republica. Eramos cinco jornalistas que alli conversavamos sobre tudo. Dois logo partiram. Um afastou-se respeitosamente até á porta proxima, de onde fingio ficar vendo o movimento do vestibulo. Ficámos dois sómente, que não pudemos fugir. O homemzarrão sentou-se entre nós, enchendo o amplo sofá de couro verde, bocejou cinco vezes, arrotou outras cinco e d sse mais de çinco banalidades.

Levantamos-nos, balbuciamos umas desculpas e fomos embora, deixando-o sósinho. No corredor, pegando-me do braço, o meu collega, maliciosamente, sorridentemente, me segredou:

— Conheces a sua alcunha?

— Não. Qual é?

— E' estupenda! E' estupenda! *Cratera extincta!...*

Eu andei pelo meio da multidão immensa que enchia as praias á espera de Saccadura Cabral e de Gago Coutinho, ouvindo com accentuações differentes a mesma lingua. Gente das ilhas açorianas, das provincias septentrionaes de Portugal, do Algarve, de Lisbôa; gente da Amazonia e do Nordeste, do Centro Norte e do Centro Sul, dos Geraes e dos Pampas, das Montanhas e das Selvas, do Littoral e do Sertão; todas essas gentes apezar das intonações caracteristicas, fallando-a; e entendi-a. E nesses momentos em que se affirmou a gloria da Raça essa lingua sonora unia num mesmo abraço maternal as gentes que o mar, que as cordilheiras e que os rios separam. Parecia esse idioma uma patria unica de tão variados homens.

E eu pensei que já uns quarenta milhões de individuos fallam a Lingua da Raça na face da terra e que ella não é mais aquelle "tumulo do pensamento" de que fallava Herculano, porque, depois de ter dominado os mares, acaba de atravessar os ares!...

A COROA DE ITALIA

Segundo communicação official, recentemente feita pelo Encarregado de Negocios da Italia no Brasil, Sua Alteza o Principe Alliata de Montereale e de Villafranca, soubemos com verdadeiro prazer que sua Magestade o Rei Victor Emmanuel III, attendendo á proposta do saudoso Embaixador Luigi Mercatelli, resolveu agraciar, por decreto de 26 de Abril deste anno, o nosso companheiro de redacção Dr. Gustavo Barroso (João do Norte) com uma alta distincção honorifica, nomeando-o Commendador da Ordem da Corôa da Italia.

53

"A Noite" 17 Junho 1522

O pae dos filhos...

O Lucas Pinhão, como todo cearense pobre que não acha meios de ganhar a vida no torrão natal, fôra para o Amazonas, no tempo em que a borracha alli enriquecia quem chegava.

Elle era empregado da Recebedoria do Estado e tinha sido demittido por ter votado nos candidatos a deputado do partido opposicionista. Sem meios de subsistencia, embarcára com passagem de terceira classe para Manáus, deixando em Fortaleza, sem um vintem, para se arranjar como pudesse, a mulher, pobre moça com quem casára havia poucos mezes, promettendo mandar buscal-a logo que se empregasse naquella terra rica para onde ia cheio de esperanças.

Passaram-se seis mezes sem elle dar a menor noticia á esposa. Ella vivêra durante esse tempo todo, vendendo os poucos moveis que possuia ou lavando e engommando para a visinhança, com a maior difficuldade possivel. E, no fim desse semestre de afflicção, perdendo a esperanças de novas do marido, cedeu á corte assidua que lhe fazia o Quincas Vianna, director da Secretaria de Fazenda, celibatario quasi rico, indo morar em sua companhia na rua São Luiz, no bairro de Outeiro, numa casinha de porta e janella muito aceiada e bem arranjadinha.

O Lucas Pinhão não morrêra de febres palustres, de beri-beri ou no dente do jacaré, lá no Amazonas, conforme a mulher pensava. Arranjára optimo emprego na Intendencia de Manáus, e esquecêra a esposa no meio das pandegas com que vivia com os seringueiros ricos e as francezas de vida airada.

Passaram-se cinco annos. Elle sempre nessa vida e a Maria Pinhão amasiada com o Vianna, do qual já tinha tres filhos espertos: uma menina e dois meninos.

Um dia, emfim, o Lucas vem ao Ceará em commissão do governo amazonense. Indaga no Hotel de França, onde se hospedára, pela mulher que a vista da cidade natal recordou e da qual lhe veio uma saudade apagada.

Contam-lhe que o seu logar fôra occupado. Não pensou um momento que a culpa era toda sua, inteiramente sua. Nunca escrevêra, nunca mandára a menor noticia, jamais enviára um vintem. Como queria que aquella mulher moça soffresse necessidade e abandono, esperando-o fielmente ?!

Entretanto, em nada disso pensou. O seu profundo egoismo esqueceu tudo para sentir-se unicamente ultrajado e muito ultrajado. Pôz o Smith & Wesson no bolso da calça de flanella, enterrou o chapéo do Chile na cabeça e tomou afogueado o bonde do Outeiro. Saltou na esquina da rua de São Luiz e perguntou onde morava o Quincas Vianna. Ensinaram-lhe a casa. Dirigio-se ás pressas para lá, encontrou a porta da rua aberta e entrou. Na sala brincavam os tres petizes, gordinhos, nús, chupando os dêdos. Olharam-n'o sorrindo. Elle franzio a catadura num esgar de tanta raiva que as crianças desataram num berreiro medonho.

A'quelle barulho acorrêram do interior da casinha o Vianna, de chambre de ramagens, e a Maria, de roupão claro. Esta deteu-se á porta do corredor, pallida como um cadaver. O amante, que não conhecia o Lucas, adianta-se para o intruso, a perguntar-lhe o que fazia alli, intimidando-lhe os filhos e violando-lhe o lar. Antes que abrisse a bôcca, já o Pinhão empunhara o revolver e avançava furioso para elle.

Nessa angustiosa occasião, como verdadeira louca, a Maria segurou o braço do marido, abaixou-o, cahio de joelhos a seus pés, balbuciando supplicas e exclamando:

— Lucas! Lucas! Meu marido! pelo amor de Deus, pelo amor de Deus não mates o pae de teus filhos!...

Maribondo de Chapéo

"Fon Fon" - 1 - Julho - 1922

Os sinos Foi certamente uma das mais bellas homenagens prestadas aos heroicos aviadores lusos Saccadura e Gago a de todos os sinos da cidade, que as altas autoridades ecclesiasticas fizeram repicar, quando o Fairey 17 appareceu com a sua rubra cruz de Christo no céo do Rio de Janeiro.

Por cima de toda a cidade immensa áquella hora de enthusiasmo delirante demorou a sua vibrante voz de bronze, velha voz que durante seculos tem annunciado alegrias e tristezas ou chamando a rebate. O som magestoso dos sinos encheu o azul e ecoou nas almas emocionadas como se a voz de Deus descesse das alturas, afim de abençoar os destemidos portuguezes.

Canhões, sereias, bôccas humanas, clarins militares, tambores e trompas acclamaram os aviadores gloriosos.

Mas a toada clangorosa dos sinos lançou no espaço sobre elles a approvação sagrada da Egreja!

Nos salões do Rio

A mulher-tank

Profusão de luzes e de collos admiraveis. Todo o salão refulgia de joias e de olhos mais bellos do que joias, engastados nos rostos claros das mulheres. Encostado a uma janella, Claudio França olhava o fulgor das luminarias nas aguas quietas dos pequenos canaes do jardim. Bati-lhe no hombro. Voltou-se para a sala festiva e rumorosa. Nisto, passava á nossa frente uma mulher grande e forte, coberta de sêdas berrantes, com um andar esmagador.

O meu amigo murmurou sorrindo:

— O Tank!

— Que quer isto dizer? — indaguei.

— Um appellido espirituoso que traduz a alma perversa dos salões do Rio. Como essa monumental senhora foi casada com varios allemães e todos morrêram, em lembrança das terriveis machinas de guerra inglezas que os esmagavam nas Flandres, puzeram-lhe a alcunha de tank... E' admiravel!...

54

26

O BAPTISMO DOS NOMES DE SACADURA CABRAL E GAGO COUTINHO

S. PAULO COM OS ROCHEDOS

Respondem-nos o Sr. Pires do Rio, ministro da viação, o Carneiro da Fontoura, commandante da I· Região Militar e o general Rocha Pombo, de Gustavo Barroso e do jurisconsulto dr. Garcia de Avila Pires

A opinião de Gustavo Barroso

— "Nada mais justo do que homenagear os dois gloriosos aviadores portuguezas Gago e Sacadura, baptisando os penedos S. Pedro e S. Paulo com os seus illustres nomes. Isto representará a offerta moral desses pontos do territorio nacional, perdidos no seio do Atlantico, áquelles que os acharam, navegando pelo espaço, sem materialmente os alienar do patrimonio que a Raça lusitana creou e defendeu no meio da America, legando-nos intacto e que nós mais tarde delimitámos pacificamente com os nossos visinhos.

Parece que nenhum brasileiro, neste momento de jubilo e de enthusiasmo, em que as azas de Portugal vieram saudar o primeiro centenario de liberdade e soberania da terra que suas velas descobriram, se opporá a esse acto de inteira justiça."

A impressão de um escriptor

Responde-nos o autor da "Terra de Sol", a maior victoria, sem favor, da arte regional brasileira, livro que causou o maior successo desde o seu apparecimento.

Gustavo Barroso é, pois, uma opinião insuspeita, por isso que é, não entrando em julgado Euclydes da Cunha, o iniciador de uma literatura profundamente nacional, que, daquella epoca até hoje, sempre trouxe o mesmo cunho de sua originalidade especifica, que o sagrou, para logo, um mestre no genero.

E' a seguinte a sua impressão, dada ás corridas, entre um abraço e a impaciencia do "chauffeur" que o esperava:

A opinião de Gustavo Barroso

— "Nada mais justo do que homenagear os dois gloriosos aviadores portuguezas Gago e Sacadura, baptisando os penedos S. Pedro e S. Paulo com os seus illustres nomes. Isto representará a offerta moral desses pontos do territorio nacional, perdidos no seio do Atlantico, áquelles que os acharam, navegando pelo espaço, sem materialmente os alienar do patrimonio que a Raça lusitana creou e defendeu no meio da America, legando-nos intacto e que nós mais tarde delimitámos pacificamente com os nossos visinhos.

Parece que nenhum brasileiro, neste momento de jubilo e de enthusiasmo, em que as azas de Portugal vieram saudar o primeiro centenario de liberdade e soberania da terra que suas velas descobriram, se opporá a esse acto de inteira justiça."

"Diario Popular" - S. Paulo - 17 Junho 1922

— De Gustavo Barroso, o fluente prosador João do Norte, estão publicados os contos ou narrativas que formam a pequena brochura "Mula sem cabeça". Este nome, que nos pareceu exquisito, é exactamente o de um desses contos sertanejos que recordam lendas populares.

Começa a narrativa pela Fazenda de Santa Monica. Depois apparecem estes: A Morte de João dos Anzóes; Os Retirantes, Mapirunga, etc.

Gustavo Barroso revela nestas paginas o vigor das suas qualidades de impressionista, como fez nos bellos livros "Terra de Sol" e "Heróes e Bandidos".

A sua intelligencia bem se apercebeu da indole dos camponezes; dos aspectos das paysagens das aldeias e campinas, da linguagem e dos sentimentos da gente rustica.

Descripção emocionante elle soube esbocar no conto "Os Retirantes".

"America Brasileira". Junho 1922

CORAÇÃO DA EUROPA, por Gustavo Barroso, editor A. J. Castilho, Rio de Janeiro, 1922. Trata-se de um estudo sobre a republica Tchecoslavaca. Além do prefacio, de uma pequena bibliographia e um appendice, onde se encontram varios escriptos, contém o livro 8 capitulos versando sobre a geographia, a historia, a politica, a economia, a defesa nacional, vida financeira e a litteratura da forte e sympathica nacionalidade, que se formou pela união dos tchéques e slovacos, ramos de uma mesma raça, habitantes das antigas provincias austro-hungaras Bohemia, Mosario, Silesia, Slovaquia e Russia sul-Karpathica, e que, através dos seculos e mão grado todas as oppressões conservaram sempre intactos o sentimento ethnico e o espirito da liberdade. O livro de Gustavo Barroso, escriptor sempre interessante e suggestivo, merece por muitos titulos ser conhecido.

"Fon Fon" - 24 - Junho - 1922

VENEZUELA-BRASIL

O representante de Venezuela no Brasil, doutor don Diego Carbonell, além de diplomata é um medico insigne e um escriptor fecundo. Temos varias vezes nos referido ás suas obras e agora daremos noticia aos leitores das ultimas que elle acaba de publicar no Rio de Janeiro, onde se acha ha pouco mais de um anno. Isto prova como o seu espirito, alheiado de futilidades sociaes, emprega em trabalhos serios os ocios do seu posto. Bem empregado labor que nos dá as magnificas sensações de lêr em primeira mão os seus livros e enriquece a literatura de seu paiz com obras impressas no Brasil, o que equivale a uma reciproca propaganda intellectual entre as duas republicas amigas. Deste ponto de vista, como de outros, aliás, merecem os mais vivos applausos os seus esforços.

O primeiro livro publicado pelo Ministro Carbonell no Rio de Janeiro intitula-se "Juicios historicos„ e delle já falámos ha tempos, o segundo é "A mi hermano el obrero„ e traz um bello prefacio do doutor Oscar de Souza, professor da nossa Faculdade de Medicina. Nelle trata o escriptor venezuelano de variados assumptos com rara penetração e solida cultura geral, aconselhando o operario, fazendo a apologia do lar dos antepassados, apontando os inimigos exteriores, poderosos e terriveis como o alcool e as doenças, elogiando as aves e os passaros, mostrando os enganos dos vicios, mergulhando nos abysmos da loucura, guiando a educação sexual, escalpellando o amor, defendendo a infancia, pregando a hygiene, verificando as hereditariedades, defendendo os calumniados, banindo os pessimismos, estudando as paixões e os criminosos, descrevendo a morte, pintando a dignidade do operario e desenhando a moral pratica. Por esta longa e, no emtanto, incompleta enumeração, bem se vê que thesouro de fé, de sciencia, de propaganda util é esse volume de Carbonell, todo elle baseado numa grande erudição scientifica e numa formosa cultura litteraria, vasado em linguagem sadia e forte, em estylo alevantado e bello.

Em menos de anno e meio de estadia aqui e com tres a quatro mezes de intervallo, o laborioso escriptor e diplomata publica um terceiro volume — "¡Reflexiones ' historicas y conceptos de critica„, com uma curiosa capa symbolica. Nelle se contêm excellentes e bem documentados estudos em que novamente se palpa a forte cultura e a profunda erudição do autor, polygrapho incansavel nas suas buscas através os meandros das documentações esparsas e artista que sabe revestir de brilhos de esmalte as suas frases.

Prendem pelo interesse de suas suggestões e imprevistos o espirito do leitor das "Reflexiones y Conceptos„ os admiraveis capitulos dedicados ás bases da historia venezuelana nas ultimas decadas, á genealogia e aos medicos de Bolivar o Libertador, ao Dios de la Guerra, a Bolivar y Olmeda, a Ezequiel Zamora e a Pedro Labatut. Todo um dos seus mais bellos capitulos entretece na nossa propria historia a do seu nobre paiz: "un heróe brasileño en la guerra gran-colombiana de emancipacion„.

Só temos uma reflexão a fazer e um conceito a emittir, após essa ligeira noticia das Reflexões e Conceitos do Ministro Carbonell: que o seu paiz o mantenha sempre no nosso, para que enriqueça continuamente a sua litteratura patria, fazendo ao mesmo tempo o intercambio intellectual que sua acção produz entre a Venezuela e o Brasil.

J. N.

"Fon-Fon" 1 - Julho 1922

O Paiz Phenix Uma revista espanhola chamou assim a Portugal. E tem toda a razão, porque nenhum povo, desde sua origem até hoje, provou maior força nacional, maior energia de viver.

Apertado entre a Espanha e o Oceano, elle fundou a sua monarchia e a sua lingua. Manteve-a intacta seculos e seculos. A' face de todos os mares e de todas as terras espalhou-a misturada com o seu sangue. Resurgio do seio da voracidade castelhana pelos braços potentes do Mestre de Aviz e de Nun'Alvares. Resurgio do imperialismo dos Philippes pelo patriotismo dos conjurados que puzeram sobre o throno o Duque de Bragança. Resurgio mais uma vez da anarchia revolucionaria nas azas crucigiadas do glorioso avião de Saccadura e Coutinho. O paiz-Phenix!

"Fon-Fon" 8 - Julho 1922

Quando ando de bonde, ás vezes presto attenção ao que se diz na minha vizinhanca. Ainda no domingo, passando o electrico pela praia da Lapa, dois cavalheiros gordos e solemnes mettiam a thesoura no Prefeito por causa dos aterros que mandou fazer da praia de Santa Luzia ao sacco da Gloria. Diziam coisas terriveis, furiosas, espumando. O mais velho sentenciou, com o dedo espetado no ar:

— Isto é um crime!

— Um crime horrivel contra a esthetica carioca! ajuntou o outro.

E eu calado, ouvindo-os, ia pensando que identicos individuos, ha bastantes annos, murmuravam da mesma fórma contra o grande Passos, quando elle fez nas antigas praias immundas os aterros sobre que ora se estende a maravilhosa avenida Beira-Mar...

Bibliographia da guerra Nuno Beja, distincto official do Exercito portuguez e nosso antigo collaborador, acaba de publicar o Esbôço duma Bibliographia Portugueza da Grande Guerra, na qual enfileira todos os livros chegados ao seu conhecimento que deste e do outro lado do Atlantico se occuparam dessa tormentosa phase da vida da humanidade. E' um trabalho informativo de real valor para a historia da influencia dessa formidavel luta sobre os espiritos dos portuguezes e dos brasileiros.

No referido livro, Nuno Beja faz referencias á grande quantidade de artigos e notas que *Fon-Fon* e *Selecta* têm publicado acerca dessa grande epopéa de horrores. Tambem dedica um paragrapho aos trabalhos na mesma ordem de idéas, tanto em jornaes como em livros do nosso companheiro de trabalho Gustavo Barroso (João do Norte), que foi o primeiro e unico traductor do Tratado de Paz de Versalhes, em lingua portugueza.

Monsieur Louis Acabára de comer um *filet de sole* regado a Chateau Gardére, quando sob a faiscação das lampadas electricas, um homem horrivelmente feio atravessou o grande salão do Restaurante Assyrio. Meu companheiro ao jantar, o barão de Inkermann, perguntou-me com o seu sutaque germanico:

— Conheces?

— Absolutamente não.

— E' o homem mais feio do mundo, repugnante mesmo. Não sei como se chama, porém conheci-o nas noitadas elegantes dos *cabarets* de Paris, antes da guerra. Appellidavam n'o Monsieur Louis todas as mu'heres que os frequentavam.

— Por que?

— Parece que é muito rico. Nenhuma parisiense queria saber desse monstro, mas elle, sentado a uma mesa, tomando champagne, começava a fazer tilintar na mão um punhado de Luizes de ouro. Então, todas as *demi-mondaines* o requestavam. Dahi a sua alcunha: Monsieur Louis...

Os humildes... Um destes dias, numa sala elegante, entre perfumes, flôres e mulheres bonitas, ouvi distincto cavalheiro falar com enthusiasmo do arrazamento do morro do Castello, gabando os esplendores daquelle ponto da cidade, quando estiver livre do entulho de casas velhas da collina historica, aplainada de vez, e nessa esplanada se erguerem as fachadas dos palacios. E todos os presentes lhe deram razão.

Então, lembrei-me incidentemente do que pela manhã ouvira duma velha vendedora de peixes num circulo humilde de quitandeiros e varredores de rua. Ella contava que tinha oito pessôas de familia e que o filho, alfaiate, para ajudal-a, fazia serões. Pagava oitenta mil réis mensaes por uma casinha no morro do Castello. Agora tudo ia abaixo, já lhe tinham cortado o encanamento de agua e a luz. O filho já não podia trabalhar durante a noite. E onde encontrar uma casa por aquelle preço nesta época de falta de casas!

Pensei que o governo deveria ter um pouco de piedade de todos esses humildes, á custa de cuja fome, de cujas necessidades e de cujos atropellos se fazem todas as riquezas e todos os progressos da sociedade. Entretanto, elles, os humildes, nada, nada merecem!...

O outro dia fui assistir no "Trianon„ ao espectaculo em que um actor fazia de matuto cearense embasbacado no Rio de Janeiro. Logo ás primeiras frases vi que o homem nada conhecia do Ceará e lá nunca puzera os pés. Fallava com a intonação dos caipiras paulistas e dizia a todo o momento para, para e para. Eu tinha vontade de gritar do meu logar na platéa que o cearense não diz nunca para e sempre mode, . . Depois, falou de Nossa Senhora do Canindé! Nunca houve tal santo na Terra de Sol. O grande padroeiro do interior cearense, o afamado, o milagroso é S. Francisco das Chagas do Canindé. Em materia de *cearensice*, o homem disse uma serie de heresias. Entretanto, o publico ria, achava muita graça. Esta gente do Rio de Janeiro...

56

"America Brasileira" - Junho - 1922

27

OS NEGROS NA AMERICA ANTES DA ESCRAVIDÃO

POR JOÃO DO NORTE

Geralmente se pensa que á raça negra sómente tomou pé nas terras americanas importada da Africa, quando a necessidade de braços nos incipientes estabelecimentos coloniaes obrigou o homem branco a ir comprar ou capturar escravos nos sertões da Guiné, do Congo e de Moçambique. Entretanto, parece hoje em dia scientificamente admittido que, antes da chegada de Colombo a Guahanahi, já existiam relações, embora esporadicas e talvez mais devidas ao acaso do que a outras razões, entre a America e o continente lybico.

Sem precisar recorrer ao que relata o chronista arabe Edrisi a respeito de viagens dos arabes da Mauritania através o oceano Atlantico e das aventuras dos irmãos Almagrurinos, que estiveram nas terras colombianas, encontram-se em outras fontes authenticos documentos a respeito das relações entre a Africa e a America.

Façamos notar, entre parenthesis, que relações entre o Velho e o Novo Mundo, effectuadas por phenicios, bascos, judeus, gallezes, venezianos, dieppezes, escandinavos, devem ter certamente existido, porque nunca se apagaram nos mythos antigos, nas tradições medievaes e nas sagas runicas. Mas nós só nos occupamos das ligações lybico-americanas, no sentido de demonstrar a existencia da raça negra no nosso continente, antes da chegada dos espanhóes.

Jean Benoit Scherer, pensionista do Rei e empregado no Ministerio de Negocios Extrangeiros da França, que viveu na Russia como jurisconsulto do Collegio Imperial de Justiça, escreveu uma obra curiosa sob a epigraphe "Recherches historiques et geographiques sur le Nouveau Monde". Possuo o exemplar que pertenceu a Eduardo Prado, editado em Pariz, *chez* Brunet, no anno de 1777. Esse interessante escriptor dedica o capitulo V do seu volume a apontar as conformidades de costumes entre os indigenas americanos das margens do Atlantico e os da Africa occidental, entre cujas linguas estabelece tambem muitos pontos de contacto. Após um sem numero de confrontos verdadeiramente dignos de nota, affirma o seguinte:

"Il resulteroit de toutes ces observations que l'Amérique Septentrinale a eté peuplée par le Nord de l'Asie; et les isles de l'Amérique Méridionale, par l'Asie Méridionale, de même que le Pérou; tandis que le Brésil et le Chili, dont les langues ont un caractére absolument différent des langues de l'Amérique Septentrionale, auront pu se peupler par l'Afrique Occidentale."

Sem esposar *in totum* essa ousada affirmativa, podemos, no emtanto, assegurar estribados em bons autores que existiram traços de união entre a Africa e a America pré-colombiana, tanto assim que os exploradores do novo continente nelle encontraram populações absolutamente de origem lybica.

Esta é a opinião franca do grande historiador mexicano Orozco y Berra, na sua formidavel obra "Historia antigua y de la conquista de Mexico", quando trata do deus Ixtlilton e dos sóes cosmogonicos dos indios de Anahúac. A' pagina 444 do segundo volume da obra citada, elle repisa o assumpto e traz á baila a erudita palavra do Sr. Rafinesque, citado pelo autor dos "Antiguités Américaines", o celebre sabio Alexandre de Humboldt. Esse Sr. Rafinesque provou numa memoria apresentada á Sociedade de Geographia de Pariz o estabelecimento de nações negras na America, anteriormente ao descobrimento, especialmente com quadros comparativos das similitudes linguisticas entre tribus americanas e os pretos da Africa e da Polynesia. Segundo o autor dessa memoria, eram as seguintes as gentes de raça negra existentes outr'ora na quarta parte do mundo:

Os antiquissimos *Caracoles* da ilha de Haiti, que os naturaes do lugar celebravam nos seus cantos como animaes horriveis e dos quaes falam Roman e Martur. Os *califurnams* das ilhas Caribes, que Rochefort e Herrera denominam negros, ou *guaninis*, no dialecto local. Os *Arquabos* citados no livro de Cutara e que Garcia nas "Origenes de los indios del Nuevo Mundo" menciona como pretos. Os negros de Baleigh, *Aroras* ou *Yaruras*, habitantes das margens do Orenoco, appellidados *macacos* pelos povos vizinhos. Os hotentotes da Guyana ou *Chaymas*, que Humboldt profundamente estudou. As tribus escuras do Brasil, de cabellos encarapinhados, a que se referiram Vespucio e Pigaffeta, que o sabio Nierhoff rotúla como *Manjipas* e *Porcigis*, e o ethnographo Knivet, como *Motayas*. Os *Nigritas* do isthmo de Darien, tambem chamados *Chuanos*, *Guanos* ou *Chinos*, negros côr de cobre a que se refere o padre Martyr e que Mollien observou. Os pretos de Stevenson, os *Manabis* de Popayan. Os *Guabas*, *Jaras* ou *Zambos* de Honduras. Os *Enslen* ou *Esteros* da Nova California, cuja côr, diz Langsdorff, é profundamente desagradavel. Os *moon-eyed* (olhos de lua) e os *Olbinos* do Panamá, a que se reporta a obra de Bardon. Emfim, os pretos que Hernando de Soto encontrou na invasão da Luiziania.

Rafinesque accrescenta, textualmente:

"Entre essas nações, a lingua Yarura tem cincoenta por cento de affinidade com a Gauno, quarenta por cento com o Aschanti ou Fanty da Guiné, quasi trinta e tres por cento com as linguas de Fulah, Bornú e Congo, na Africa. Na Asia tem uma relação de trinta e nove por cento com os negros Samang e de quarenta por cento com os de Andanan, assim como com as dos negros da Australia e Nova Hollanda."

Orozco y Berra faz notar a proposito que essas tribus não são mescladas do negro e indio, formados após a conquista. Ellas existiam antes do Colombo. Elle cita estas palavras concludentes de Herrera, chronista da viagem de Colombo em 1498:

"...lo que decian los indios de la Española que habian ido á ella, de la parte del S. y del S. E., gente negra que traía los hierros de las azaguayas de un metal que llamaban *guanin*..."

Na sua "Historia de las Indias", Gomara escreve isto, no capitulo LXII:

"Entró Balboa en Quareco, no halló pan, ni oro, que lo habian alzado antes de pelear; empero halló algunos esclavos negros del señor. Preguntó de donde los habian, y no le supieron decir ó entender, más de que habia hombres de aquel color cerca de alli, con quienes tenian guerra muy ordinaria. Estos fueron los primeros negros que se vieron en Indias..."

Orozco y Berra fórma ao lado de Scherer, apoando a opinião de que houve, por mar, communicações entre os povos africanos e americanos. Em auxilio dessas affirmações, podemos citar ainda o erudito Paul Gaffarel, no seu maravilhoso livro "Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Colomb", edição de Thorin, Pariz, 1869. Elle acha possiveis essas communicações, embora não inteiramente provadas, e cita o encontro de Balboa, referido na obra de Gomara.

Documentando-se em Gumilla e Quatrefages, Gaffarel accrescenta á pagina 205 da obra citada:

"...constatait aussi leur presence sur les bords de l'Orénoque au commercement du XVIII siécle. C'étaient encore des Africains que ces négres de Saint-Vincent trouvés par les prémiers colons en lutte avec les Caraibes et ces Yamassés de la Floride, au teint presque noir, qui monsurait plutôt que de se commetter aux lois des Creeks: de même ces Charazanis du Pérou, qui se distinguent des autres tribus voisines avec lesquelles ils évitent de s'allier, et se sont aussi garantis de tout melange avec les races blanche ou rouge. Le type negre n'étair donc pas étranger á l'Amérique, avant l'arrivée des Espagnols. Seulement tout porte á croise que ces peuplades n'abordérent jamais ce continent dans l'intention de le conquérir on d'y faire du commerce."

A esse respeito a opinião eminente de De Quatrefoges, no seu "Rapport sur le progrés de l'Anthropologie", se condensa neste periodo:

"Le petit nombre des populations se rattachant á ce type d'une maniere plus on moins accusée, leur position constante non loin des points ou les courants marins d'Afrique ou d'Asie rencontrent les rivages américains et y apportent les corps flottants, tout concourt á prouver que la race négre n'est arrivée sur le continent américain que par hosard et par vie de dissémination voluntaire, avant l'époque ou les blancs l'y ont transportée comme esclave."

Uma das grandes provas das communicações entre os povos de raça africana e os indigenas do nosso continente se acha nos "folk-lores" de ambos. Como explicar similitudes desta ordem: Mboytatá ou Mbay-tatá, transformado mais tarde em Boitatá, Baitatá e Batatão era chamado o fogo-fatuo pelo indio; Mboya chama-lhe o negro. (V. pag. 19 de "Anthologie Négre", de B. Cendrars, edition "La Sirene", 1921). A simples leitura do que ha no nosso "folk-lore", provindo do elemento indigena, e, conjunctamente, a do que das lendas, cantos e tradições africanas dizem Cendrars, op. cit., René Basset nos "Contes populaires d'Afrique", Zeltner nos "Contes du Senegal et du Niger", R. G. Trilles nos "Contes et legendes Fan" e Moriteil nos "Contes Soudanais", demonstrará quasi absolutamente a nossa these.

Está sempre á porta do restaurante onde janto, de cigarro apagado desdenhosamente ao canto dos labios. Tem grandes barbas brancas que lhe dão ao rosto, de longe, um aspecto respeitavel, escondendo os vincos que os vicios cavaram. Não faz nada. Dia e noite perambula pela cidade, com aquellas mesmas barbas encanecidas, com aquelle mesmo cigarro apagado. A's vezes, senta-se á ponta dum banco de jardim e alli fica horas esquecidas.
Conheço-o ha muito tempo e nunca o vi pedir nada a ninguem, esse velho, esse antigo vagabundo. E como vive, por que vive, para que vive?
E' bem provavel que nem elle proprio me possa responder...

Fev. Fev. 22 Junho 1922

57 "Correio Paulistano" - 26 - Junho - 1922

ATRAVÉS DOS FOLK-LORES

O NAGUALISMO

Acreditam os nossos sertanejos que todo sujeito amarello e feio vira lobis-homem nas noites de quinta para sexta-feira e sai a correr pelo campo em fóra, commettendo desatinos, sob o aspecto dum grande cachorro cabelludo.

As crenças lycanthropicas são de todos os povos. Poderemos verifical-as na China, na India, na Assyria, no Egypto, na Grecia, entre os semitas e entre os latinos, nos povos occidentaes e mesmo nas antigas tribus que habitavam o continente americano.

Talvez porque tenham recebido, tanto da ascendencia européa como da indigena, essa profunda crendice, os homens do campo, na America Latina, acreditem mais fortemente do que quaesquer outros no poder que certos individuos têm de se metamorphosearem em bichos. A lycanthropia, no interior do Mexico, é, por exemplo, complicadissima. A' pagina 241, do segundo volume da sua maravilhosa "Historia Antigua y de la Conquista de Mexico", o erudito d. Manuel Orozco y Berra diz isto:

"En aquellos pueblos habia una creencia á la que los autores dan el nombre de nagualismo. En la inteligencia vulgar de las gentes de nuestros campos, el nagual és un indio viejo, desaliñado, feo, de ojos redondos y colorados, que sabe transformarse en perro lanudo y sucio, para correr los campos, haciendo daños y maleficios."

Até ahi, a lenda do lobis-homem mexicano é identica á do dos nossos sertões. Mas o nagualismo verdadeiro comprehende uma especie de sociedade secreta, composta de homens que pódem transformar-se em lobo, tigre, ou qualquer outra féra, á qual são apresentados aos sete annos de edade os meninos cujos paes querem que sejam tambem um dia naguaes.

Esses neophytos, desde que nascem, são dedicados a um dos signos do calendario dos primitivos povos de Anahuác, isto é, a um dos signos magicos do Tonalamatl ou almanach divinatorio azteca, do qual os antigos nahôas sabiam tirar os horoscopos individuaes.

Este pormenor é por si só bastante para mostrar que a lycanthropia do sertão mexicano actual veiu, em grande parte, do nagualismo existente entre os seus habitadores, antes da conquista hespanhola.

Entretanto, a opinião de Orozco y Berra é que, tirando a parte fabulosa das metamorphoses em animaes, constantes desses mysterios, não lhes fica mais do que a funcção de simples associações secretas em que se proseguia o culto dos antigos deuses do paiz, no começo do dominio do christianismo, afim de evitar a perseguição das autoridades hespanholas, leigas ou ecclesiasticas.

AS PEDRAS DE CORISCO

Na maioria, as cunhas e achas de pedra polida, que o nosso matuto encontra excavando o sólo e que foram armas e instrumentos dos antigos povoadores de nossas regiões, são tidas como pedras de corisco ou de raio, que se enterraram sete braças de chão a dentro e levarão sete annos para remontar á superficie, subindo mysteriosamente uma braça por anno.

Esta crendice pertence a todos os povos e é já tão conhecida que não merece mais commentarios. No emtanto, é curioso saber qual o primeiro homem de sciencia que demonstrou serem essas pedras armas e utensilios da humanidade primitiva e não dos coriscos do céo. Foi elle De Jussien, um erudito francez, que, em 1723, apresentou á Academia das Sciencias de Paris uma curiosa memoria intitulada "De l'origine et de l'usage des pierres de foudre". Nesse trabalho, elle estabeleceu tambem a identidade de vida prehistorica entre as populações dos Antigo e Novo Continentes. Eis as suas palavras:

"Nosso continente (a Europa) foi outróra habitado por selvagens, a quem as necessidades e a carencia de ferro impuzeram a mesma industria que aos de outras partes. Tornados depois inuteis, seus instrumentos ficaram enterrados em grande quantidade, conservando-se assim através os seculos, até serem mais tarde achados e considerados como pedras de corisco".

THEORIAS FOLK-LORICAS

Depois da escola de estudos de folk-lore que viu, em todos os contos populares, lendas e canções, sómente mythos solares ou concepções religiosas, appareceu a que entendia provirem todas essas manifestações da alma humana dum centro commum, irradiante, historico, que ficava no coração da Asia e de onde tinham partido as grandes immigrações aryanas, para colonizar o mundo. E, por fim, surgiram os estudiosos que affirmaram haver nas similitudes folk-loricas, ao lado dos mythos e das tradições, grande porcentagem de coincidencias accidentaes.

Desta sorte, após os irmãos Grimm, houve Gastão Paris e, posteriormente, Andrew Lang e Joséph Bédier. E não deixa de ser interessante transcrever o que, na mesma ordem de idéas dos folk-loristas modernos, já dizia em 1880, na sua obra citada (vol. II, pg. 486), o licenciado Orozco y Berra, criticando os que buscavam, na carencia de provas duma origem commum dos povos dos dois hemispherios, as semelhanças de manifestações mythologicas, religiosas, de estylos, de usos ou de poesias:

"... el hombre procede de una manera identica en casos analogos, sea cual fuera la época en que viva y el pais de residencia. Exacta és la regla, mas no absoluta. El hombre, sin recurrir á copiar, inventa cuanto le és indispensable para vivir, y dos pueblos concidiran en tener dioses, altares, sacrificios y preces, sin que por ello sus religiones tengan un origen comun... Tampoco debe buscar-se una identidad absoluta en todos y cada uno de los elementos componentes de una idéa; las semejanzas indican relaciones, no identidad de raza..."

Palavras publicadas ha mais de quarenta annos e dignas das mais modernas theorias folk-loricas.

UMA SYMPATHIA

Odon, abbade de Chuny, narrando a vida de S. Gregorio, bispo de Tours e historiador dos francos, regista o seguinte episodio:

"On lui faisait donc apprendre déjá les caractéres de l'écriture, quand la divine volunté l'initia aux signes miraculeux et ennoblit sa sainte enfance en lui montrant des prodiges. En effet, son pére, atteint d'une maladie violente, était couché dans son lit; le feu commençait á devorer la moelle de ses os, le vénin de la goute á tumefier son corps, une vapeur brulante á fatiguer son visage, lorsqu'un homme, se montrant en songe á l'enfant lui parla:

— As-tu lu, lui dit-il, le livre de Josué?

L'enfant repondit:

— Je ne connais rien d'autre que les caractéres de l'alphabet, et je m'attriste á leur étude ou' je suis attaché malgré moi. J'ignore entiérement l'existence de ce livre.

L'homme reprit:

— Va, dit-il, arrange une petite baquette de bois de façon a ce qu'on puisse y mettre ce nom, et quand il será écrit avec de l'encre, tu le mettras sur le lit de ton pére, du coté de sa tête. Si tu fais cela, il sera soulage..."

S. Gregorio contou o sonho á sua mãe. Ambos escreveram o nome de Jesus ou Josué, isto é, Joshuah em hebraico, e collocaram a vareta confórme o personagem mysterioso indicára. O pae de S. Gregorio ficou bom.

Quando um dos nossos rudes sertanejos quebra no matto um galhinho em segredo e o enfia na cintura, pronunciando certas e determinadas orações, afim de caminhar livre de dentadas de cobra ou de carrapatos, sabe que faz uma sympathia, porém, totalmente desco-

nhece a antiguidade da superstição em que acredita e que a sua ignorada ascendencia lhe transmittiu.

Mal pensa elle que aquelle ramo de arbusto é a ultima transformação, no seu meio, da vara de condão das fadas e feiticeiros, dos cajados magicos dos sacerdotes egypcios, bastões santos de Moysés e de Abrahão, das varetas com que os santos, na infancia, curavam seus paes gravemente enfermos...

O COPO DE AGUA

De onde vêm as superstições? E' impossivel saber-se.

Os povos mais afastados, mais differentes, aquelles mesmo que nunca tiveram a menor relação, possuem identicas. Como viajaram dum continente para outro? Como se transmittiram de uma raça á outra? Como appareceram, ás vezes, ao mesmo tempo, nos pontos mais oppostos? Mysterio quasi sempre.

Vejamos um exemplo interessante. No nordeste brasileiro, as moças costumam pôr ao sereno, na noite de São João, um copo de agua. De manhã despejam nelle uma clara de ovo e, olhando bem os reflexos da mesma através da luz do sol matutino, dizem que podem ver a physionomia do homem com quem terão de casar.

No admiravel livro de frei Jeronymo Mendreta, "Historia Ecclesiastica Indiana", (ed. limitada a 446 exemplares, Mexico, Antigua Libreria, 1870), á pagina 110, encontro a mesma bruxaria, embora feita em outro sentido:

"Si (os aztecas) perdian alguna cosa, hacian ciertas hechicherias con unos maices, y miraban en uno lebrillo de agua, y dicen que alli veian el que la tenia, y la cosa adonde estaba..."

O OGRE DO GATO DE BOTAS

O historiador Torquemada conta, na sua "Monarquia Indiana", a historia do senhor feudal mexicano Tzutzuma, que se revoltou contra o imperador dos aztecas. Elle era um grande magico e, quando os officiaes do soberano penetraram no seu palacio, afim de prendel-o, assustava-os, terrivelmente, transmudando-se em feras e monstros. Assim lhes appareceu varias vezes como aguia, leão e serpente que cuspia fogo!

Não lembra esse magico aquelle Ogre poderoso que, á vista do Gato de Botas, se mudou em varios animaes ferozes e, por fim, commetteu a asneira de se metamorphosear em rato, cahindo na emboscada que lhe armou o astuto bichano?

OS XARA'S

As pessoas que, por acaso, têm o mesmo nome de baptismo chamam-se, geralmente, entre nós, uma a outra, xarás. O termo parece de procedencia indigena e entre os nossos silvicolas significava, certamente, uma ligação de amizade entre dois individuos que trocavam de nome um com outro. Essa explicação é dada por analogia, porque esse habito de troca de nomes, creando um vinculo de amizade, existia entre outros povos selvagens do continente americano.

Os antigos chronistas hespanhoes da America chamam a esses individuos de appellidos trocados **guatiáos.** Figueirôa define tal expressão verbal e tal uso desta sorte:

"Es palabra de la lengua de las islas, aplicada á la costumbre que habia en la Española, cuando dos personas queriam ajustar amistad y alianza duraderas, y consistia en cambiar reciprocamente de nombre".

O historiador Las Casas affirma, a proposito do mesmo assumpto:

"Este trueque de nombres en la lengua comun desta isla, se llama ser yo y fulano, que trocamos los nombres, **guatiáos, y asi se llamaba** el uno al outro; teniase por gran parentesco, y como liga de perpetua amistad y confederacion..."

Na sympathia com que os nossos homens do povo acolhem os seus simples **xarás,** parece perdurar ainda uma forte reminiscencia da longinqua ligação dos indigenas, que, por amizade, trocavam de nome um com o outro.

O RITO DOS APACHECTAS

Todos os que conhecem o interior do Brasil sabem que, ao pé das cruzes com que se assignala, á margem dos caminhos, o logar onde foi morto um individuo qualquer, a devoção dos passantes começa a elevar monticulos de pedras. Cada uma vale por uma oração em tenção do morto. O sertanejo reza e lança uma pedra ao pé da cruz tosca.

Este é um dos ritos mais velhos do mundo. As tribus da Africa, segundo Blaise Cendrars, incluem-no nas ordenanças divinas das suas lendas cosmogonicas. Todos os povos europeus o praticaram. Os phenicios, assegura Goffarel, consagravam esses seixos a Melkarth. O padre Acosta diz que os antigos quichiras e aymarás do Peru' levantavam á beira das estradas esses montes de pedra, para terem prosperidade nas suas viagens. E, citado por Gaffarel no "E'tude sur les rapports entre l'Amerique et l'Ancien Continent avant Colomb", Paul Marcoy conta que os peruanos contemporaneos dos Incas os denominavam **apachectas** e que eram dedicados a Pachacamac, creador do universo, e augmentados pela devoção dos transeuntes.

João do NORTE

Os tanks dos hungaros No seu ensaio a respeito de côches e viaturas de toda a sorte, o velho Montaigne fala-nos dum carro que os hungaros usavam nas suas guerras contra os turcos, do seculo XV ao XVII e que é, sem tirar nem pôr, um verdadeiro tank. Todo o mundo sabe que a idéa dos carros de assalto não é nova e que vem dos carros de guerra de todos os povos antigos, especialmente daquelles que os tinham armado com foices. Mas os dos hungaros, a que se refere Montaigne, são ainda mais semelhantes, nas suas condições e no modo de serem usados aos modernos. Elles tinham numa fresta, uma fileira de arcabuzes preparáda para disparar duma só vez, verdadeira metralhadora. Era todo coberto de madeira e ferro, blindado para os projectis da epoca. Os hungaros possuiam tres mil desses côches de guerra, que avançavam contra as linhas turcas, fazendo fogo e depois as rompiam pelo choque, puxados em furioso galope das duas parelhas de cavallos de cada um.

Verdadeiros tanks!

Estar contente com a sua condição é bem difficil; no emtanto, não é impossivel. Ha muita gente que está. E é a gente mais feliz. Quanto são merecedores de inveja aquelles que não têm no fundo da alma ambições aninhadas! Elles não sabem o que é a ansia dos desejos insatisfeitos, a soffreguidão dos apetites recalcados. Effectivamente, a ambição é uma das maiores torturas que possam affligir um homem

Só o homem que quer pouco e que nada possue tem a melhor coisa da vida — a liberdade completa. Os outros, os que possuem e ambicionam mais, esses são verdadeiros escravos. Grandes desgraçados! E o peor é que se não convencem disso de forma alguma. Mas a sabedoria popular lhes responde com o conto do homem feliz que não tinha camisa...

A razão, afinal de contas, está com Seneca, quando diz: "Magna servitus est magna fortuna."

Os suicidas Apezar do que de mal se diga do suicidio, a historia dos homens está cheia de exemplos de muitos que se mataram e que nós não temos coragem de condemnar, antes os admiramos. Lucius Aruntius matou-se para fugir ao passado e ao futuro. Granius Silvanus e Statius Proximus por terem sido perdoados por Nero. Spargapizes, filho da rainha Tomyris, logo que Cyro mandou desamarrar-lhe as mãos, enterrou no coração o punhal, por não querer da sua liberdade senão o castigo de se ter deixado vencer. O satrapa persa Bogez preferiu queimar-se vivo a entregar-se a Cimon, que commandava os athenienses. O rajah indiano Ninachetuen atirou-se á fogueira afim de não passar pela vergonha de ser deposto pelos portuguezes. O jurisconsulto Coccius Nerva suicidou-se para não vêr a decadencia do Imperio Romano. Vibrius Virus fez o mesmo para não cahir nas mãos dos romanos e não precisar da sua misericordia.

Deante desses exemplos, a gente é obrigada a respeitar os suicidas.

A Sedição de Joazeiro Ninguem certamente ainda esqueceu aquelles dias terriveis que o Ceará viveu, quando a nossa pavorosa politicalha acordou nelle os instinctos ferozes dos cangaceiros assalariados para derrubar um governo debil e pouco sympathico como o de Franco Rabello. Entretanto, nada justifica o terem-se armado em revolucionarios os jagunços do Cariry, que avançaram a commetter tropelias do alto sertão para a capital. As scenas selvagens dessa epoca calamitosa estão hoje em dia narradas no ultimo livro do grande escriptor cearense Rodolfo Theophilo, com uma notavel simplicidade veridica. A obra do autor da "Maria Ritta, é digna da attenção de todos os que amam o Brasil, porque ella encerra numa dolorosa lição áquelles que lançam mão de recursos violentos e pouco dignos para chegar ao poder.

Bugrinha Afranio Peixoto é, actualmente, o mais fecundo e o maior dos nossos romancistas. O auctor dos lindos livros que são *A Esphynge* e *Maria Bonita* presenteia agora o publico carioca com um novo volume *Bugrinha*, uma historia deliciosa como todas as que o mestre sabe contar.

Espirito que dia a dia rejuvenesce, Afranio Peixoto tem um alto logar de honra entre os nossos litteratos. Elle não é daquelles que a gloria official das academias reséca e esteriliza. Ama o estudo, as indagações scientificas e as bellas lettras. A sua intelligencia iriza os assumptos que escolhe com os tons mais agradaveis e mais bellos. Seu estylo dia a dia mais se aperfeiçôa e se ornamenta de simplicidade attica. E dahi o triumpho real das suas admiraveis obras de ficção.

Bugrinha terá, estamos certos, o mesmo destino feliz de *Maria Bonita* e da *A Esphynge*: ser com o maior prazer intellectual folheado, lido e meditado pelo Brasil inteiro.

"O Jornal" 20 junho 1922

O PAPEL DA NORUEGA

Um dos commercios que mais terrivelmente soffreu com a guerra mundial foi, sem duvida, o do papel. O bloqueio da Allemanha fechou ao Brasil a praça de Hamburgo, onde muito nos suppriamos desse producto, embora mais da metade dos "stoks" que ali se vendiam fossem não allemães, mas de procedencia escandinava. A campanha submarina com que o Imperio revidou ás medidas coercitivas que os alliados lhe impuzeram, restringindo a navegação, encareceu de tal modo os fretes maritimos e difficultou tanto os transportes que na imprensa do mundo inteiro se declarou a crise do papel. Essa foi ainda maior nos paizes afastados dos centros productores como o Brasil. Dahi as medidas legaes tomadas para favorecer a importação do papel, afim de que não fechassem as portas, devido ao excessivo preço desse material, a industria jornalistica.

Nós importamos papel para jornal de varios paizes, porém aquelle que nol-o fornece, póde-se dizer, em maior quantidade, de melhor qualidade e em condições mais vantajosas é a Noruega. Antes da guerra, em 913, a nossa importação total de papel de jornal foi de 30.052 toneladas, das quaes 10.401 da Allemanha, 6.458 da Noruega, 4.939 da Suecia, 3.831 da Hollanda e 4.423 de outras procedencias.

Descontando das dez mil e tantas toneladas marcadas nos annuarios estatisticos como provenientes da Allemanha mais ou menos a metade, que era fornecida pela Noruega ao commercio hamburguez, verificaremos que o nosso mais importante suppridor de papel dessa especie é, com effeito, o reino de Haakon VII.

Durante a guerra, todas as cifras baixaram extraordinariamente e algumas desappareceram das estatisticas. Quasi fechando o commercio europeu de papel, procurámos a America do Norte e comprámos aos Estados Unidos o papel fabricado no Canadá, como adquiriamos em Hamburgo o que a Noruega fazia. Já o anno passado, 1921, as cifras accusam um novo impulso na importação do papel de impressão pelo Brasil, que já vae buscal-o de novo nos paizes europeus, especialmente na Noruega, pois parece que só dessa origem entraram no anno refrido, aqui, 18.000 tonladas!

A todos nós que vivemos do jornal e para o jornal este assumpto profundamente interessa e é curioso conhecer-se a vida da industria do papel de imprensa na Noruega, que é, em verdade, no mundo o grande paiz do papel. Foi em 1698, diz o "Norsk Papirkalender" de 1918, que o governo norueguez outorgou a primeira concessão para que se installasse uma fabrica de papel no seu paiz, a qual foi construida e dirigida por hollandezes. Para começar, limitou-se a fabricar papel de cartas, com trapos importados do estrangeiro. Desde esse fim do seculo XVIII até mais ou menos o meado do seculo XIX, em 1860, a industria da fabricação do papel manteve-se fraca, pobre, estacionaria, sem produzir os resultados que se podiam esperar. Tudo devido á falta absoluta de materia prima. Fazia-se o papel com trapos e estes a Noruega mandava buscar ao estrangeiro. Chegavam-lhe por preço exhorbitante, devido aos fretes. Tambem importava todas as machinas de que carecia, o que tornava ainda mais caro o producto. Entretanto, só em 1865 importou 30.000 kilos de trapos. Além disso, todo o papel era fabricado a mão e o preço do operario augmentava ainda mais o da producção.

Data de 1870 o verdadeiro inicio da fabricação do papel de jornal, em grande escala, na Noruega. Installou-se, então uma usina para fazer machinismos, e a industria papelifera passou logo de manual a mecanica. Ao lado desse progresso, veio o preparo da materia prima no proprio paiz. No anno acima citado, fundou-se perto de Christiania a primeira fabrica da chamada "pasta de madeira". Em 1880, dez annos após, montava-se a primeira fabrica de cellulose. Assim, em uma decada a Noruega preparava para essa sua tão importante industria a base imprescindivel da producção da materia prima.

Tinham-se verificado as magnificas possibilidades de obter o papel de impressão com as madeiras. O paiz, coberto de florestas, offerecia inapreciavel riqueza para esse effeito. Datam dahi os dois processos de obtenção da materia prima para jornal com o emprego da madeira. Esmagando essas com pesadas mós, processo inteiramente mecanico, obtem-se a pasta que serve para o papel commum de jornal. Agindo sobre a madeira com um processo mais longo e difficil, completamente chimico, faz-se a cellulose, que se emprega na producção dos papeis de melhor qualidade.

Nos annos immediatos á installação das duas fabricas de pasta e cellulose, rapidamente a industria se desenvolveu. Um pouco antes da guerra das Nações, as estatisticas officiaes accusavam na Noruega a existencia de 70 fabricas da pasta, produzindo um total de 800.000 toneladas, e 30 de cellulose, produzindo um total de 300.000 toneladas, annualmente. Nos dez annos anteriores á grande guerra, a producção do papel norueguez triplicára. Cincoenta fabricas davam por anno uma média de um milhão de toneladas de papel! E a Noruega sozinha, além de exportar papel para toda a terra, ainda fornecia á Grã-Bretanha, que é um dos paizes que mais consomem papel no mundo, um quarto do seu consumo!

O progresso da industria norueguezza de papel de imprensa foi continuo e sereno. Não fez saltos. Dahi a sua segurança e estabilidade. Um rapido exame da historia das suas fabricas de papel mostrará como o seu numero foi lentamente augmentando uma a uma, duas a duas, tres a tres, no maximo cinco por anno. Senão vejamos: em 1698, a fabrica dos hollandezes; em 1797, a fabrica Alvens. Dahi até 1873 o estacionamento. Então, começa o augmento gradual e constante: em 1873, tres fabricas; em 1876, uma; em 1878, uma; em 1883, uma; em 1888, uma. E assim por diante: uma em 189; uma, respectivamente. em 1891. 92, 93, 94, 96 e 98. No inicio do seculo XX, a proporção augmenta: ás duas fabricas creadas uma em 1904 e outra em 1905, succedeu cinco em 1906, tres em 1907, uma em 1908, uma em 1909, duas em 1910, cinco de novo em 1912, duas em 1913, duas em 1914 e uma em 1915, apesar da guerra. De 1905 a 1906, quando mais se accentuou o progresso dessa industria, a Noruega possuia 14 fabricas de papel que produziam por anno 90.000 toneladas. Hoje, ella tem já 40 fabricas, o triplo, produzindo 250.000 toneladas. E isto com as difficuldades vencidas de tantos annos de guerra!

Desde que transformou sua industria de manual em mecanica, conseguindo ter materia prima propria, a Noruega se tornou um dos primeiros paizes productores de papel. Para isso concorrem varias causas. Como para a fabricação em grande escala as materias actualmente empregadas são, quasi exclusivamente, a pasta e a cellulose, a situação da Noruega é, em verdade, excepcional. Ella possue as mais fortas e ricas florestas de ábetos e pinheiros da Europa septentrional, convenientemente cuidadas e replantadas. O grande numero de suas quédas de agua lhe permitte mover, electricamente, todas as fabricas que forem construidas, sem as despesas do carvão. Seus rios profundos e de rapida correnteza grandemente auxiliam a industria, porque nelles não ha tropeços para a "flottage" das madeiras cortadas nas florestas marginaes, que se encarregam de trazer até ás portas das fabricas, todas ellas já de proposito alevantados nas suas ribas. Além dessas vantagens industriaes, ha grandes vantagens commerciaes: os fretes ferroviarios não encarecem o papel exportado, visto como os rios que banham as grandes fabricas desembocam nos fjords profundos e torcicollosos que rendilham o pinturêsco littoral norueguez. Ahi entram os vapores de qualquer calado, que atracam aos cáes das proprias fabricas, recebendo os seus carregamentos de papel. A posição geographica da Noruega favorece muito tambem o commercio dessa mercadoria. Ella fica muito proxima, pelo mar, dos grandes paizes consumidores, como a Inglaterra e a França, e perto dos grandes mercados intermediarios dos paizes mais distantes, como Hamburgo.

Ademais, é preciso fazer notar que, se para o commercio geral do producto a Noruega conta com todos esses beneficios, para o mesmo commercio em relação ao Brasil ella ainda tem mais a immensa vantagem de suas linhas directas de vapores, desde muito tempo felizmente estabelecidas. Deste modo, nesse sentido, nenhum outro paiz productor poderá fazer-lhe aqui concurrencia seria e duravel, em tempos normaes.

Como a Noruega, que é um dos paizes com que melhores relações amigas temos, vae fazer um grande, bello e louvavel esforço de propaganda commercial na Exposição do nosso Centenario, não seria o caso de irmos ao encontro de seus desejos, nós brasileiros e especialmente a gente de jornal, a quem tanto interessa o caso do papel, procurando assentar bases dum tratado, accordo ou combinação mercantil que aos dois paizes reciprocamente favorecesse?

João do NORTE.

"Fon-Fon"
22 julho 1922

Não ha cidade em que certa classe de gente do povo ande mais mal vestida ou melhor menos vestida do que o nosso Rio de Janeiro. Ha trabalhadores de simples camisa pelas esquinas, moleques nús da cintura para cima pelas ruas e homens de simples camisa de meia, com o peito e braços absolutamente nús, quasi em roupa de banho. Dirão que isso é devido ao clima, pois na Europa as pessôas mais pobres se cobrem mais. Outros quererão que seja por causa da miseria. Entretanto, pensamos, que as mais das vezes é simples relaxamento e falta de policia...

60 "O Jornal" 29- Junho - 1922

29

A Escriptura Sagrada e as mythologias americanas

Quando os missionarios christãos abordaram ao continente americano e tiveram os primeiros contactos com os povos que o habitavam, curiosamente receberam destes o relato de suas crenças. E, como no fundo de todas as religiões ha sempre semelhanças, elles logo começaram a notar as similitudes de mythos ou crendices existentes entre as theogonias, concepções cosmogonicas ou lendas religiosas dos indigenas mais adiantados e aquellas que estão perpetuadas na Biblia.

Como dos povos americanos eram os povoadores do Mexico e do Perú aquelles que haviam attingido maior gráo de civilização em qualquer sentido, na selva intrincada de suas religiões foram os prégadores do culto christão achar essas semelhanças e approximações em maior escala.

Ao mesmo tempo que agia, nessa procura, a natural curiosidade despertada pelas parecenças assignaladas, tambem a influenciava o desejo de mostrar que aquellas varias crenças se prendiam ás origens do culto christão, tinham se originado das mesmas fontes, o que sobremodo facilitava a pregação do credo da cruz e a sua aceitação pelos aztecas ou mayos, quichuas ou aymarás. Desse manancial se desprende a lenda da estadia de São Thomé, o Apostolo das Indias Orientaes, nas terras virgens das Indias Occidentaes.

As civilizações do paiz de Anahuác, do Mexico actual, muito encheram de admiração os conquistadores hespanhóes e suas concepções religiosas, especialmente por causa da guerra sagrada e dos sacrificios humanos, horrorizaram os missionarios. Dahi a contingencia em que estes se viram de melhor estudar o culto dessas gentes, afim de melhor combatel-o, para impôr ao paiz a sua religião, infinitamente superior.

Por isso encontramos nas paginas da antiga historia mexicana maior numero de provas desse trabalho, pode-se dizer folk-lorico, de comparação dos credos americanos com o christianismo que bandeirantes e missionarios traziam.

Joaquim Garcia Icazbalceta publicou no Mexico, num grande volume in-8°, editado em 1870 pela Antigua Libreraria del Portal de Agustinos, a grande obra escripta no fim do seculo XVI pelo frade fraciscano Gerónimo de Mendieta, sob o titulo de "Historia Eclesiastica Indiana". Esta obra é rarissima: a citada edição foi tão sómente de 26 exemplares em papel fino e 420 em papel commum, o que dá um total de 446 livros. E é a unica que existe.

Esse interessantissimo autor, que narra toda a historia da cathechése nas terras mexicanas, é um daquelles que mais se entregaram á faina das explicações e comparações religiosas a que alludimos. No capitulo VI escreve, entre os informes que acerca de suas crenças deu um fidalgo azteca de Texcuco, isto: "Y tambien tenian por cierto que en el inferno habian de padecer diversas penas conforme á la calidad de los delitos". . . "conseguiente conforman com nosotros los cristianos, que tenemos por fe lo que en diversas partes de la Escritura Sagrada se dice: que según la medida del pecado, será la manera de las llagas..."

A' pagina 86, o freire chronista encontra em Anahuác a torre de Babel dos chaldeus: "Los indios de Cholula, dando en la locura de los de la Torre de Babel, quisieron hacer uno de estos teucales ó templos de los dioses, que excediese en altura á las mas altas sierras de esta tierra y para este efecto commenzaron á plantar la cepa que hoy dia tiene al parecer de planta un tiro de ballesta, con haberse desboronado y deshecho mucha parte de ella, porque era de más anchura y longitud, y mucho más alta. Y andando en esta obra (segundo los viejos contaban) los confundio Dios, aunque no multipicando las lenguas como á los outros, sino con una terrible tempestad y tormenta, cayendo entre otras cosas una gran piedra en figura de sapo que los atemorizó". No capitulo XXIX, elle estuda os varios castigos dados aos delinquentes; tratando dos incestos e casamentos, diz que muitos tinham por habito tomar por mulheres as esposas dos irmãos fallecidos, embora ellas tivessem filhos, o que era o mesmo costume judaico, biblico, **quasi ad suscitandum semen fratris.** Mais curioso, em verdade, é o capitulo XL, todo elle dedicado a "algunas autoridades de la sagrada Escritura que parecen hablar de la conversion de estos naturales".

O franciscano invoca as palavras propheticas do psalmo 17:

Populus quem non cognovi servivit mihi: in auditu auris obedivit mihi.

Em varias paginas apoiadas em autorizados documentos canónicos, elle pretende provar que essa gente desconhecida de Deus só podia ser a da America. Depois, lembra o psalmo 45, que fala do fim das guerras, e assegura que o mesmo se refere á terminação pelo christianismo das horriveis guerras sagradas entre as varias nações de Anahuác, nas quaes se colhiam os prisioneiros destinados ás grandes matanças rituaes. O capitulo immediato traz esta epigraphe: "De algunos rastros que se han hollado de que en algun tiempo en estas Indias hubo noticias de nuestra fé".

Começa por dizer que os indigenas mexicanos eram, em materia de praticas religiosas, tão alheios e contrarios ao culto da cruz, que sua perplexidade é immensa ao verificar que, no emtanto, elles tinham no fundo de sua religião pontos de contacto com a delle. Em abono do que affirma, narra o que achou registado na celebre 'Apologia" de frei Bartholomeu de Las Casas, bispo de Chiapa, manuscripto guardado no Convento de Santo Domingo.

Della consta que um velho clerigo do Yucatan ouviu dum poderoso senhor maya desse paiz as seguintes informações acerca das crenças religiosas daquelle povo: conheciam e acreditavam num Deus unico, que estava no céo, o qual era trino ao mesmo tempo, formado por tres pessoas — Tzona, o Padre Creador, Bacab, o Filho, nascido da virgem Chibirias, filha da mulher Ischel, e Echuah, o Espirito-Santo. Eopuco, um malvado, matou Bacab, o Filho, quando este veiu á Terra, após tel-o mandado açoitar e coroar de espinhos, amarrando-o pelos braços e pernas em dois páos encruzados e deixando-o ali morrer de fome. Mendieta assegura ainda lhe ter contado um companheiro de Frei Alonso de Escalona que, regressando duma missão na Guatemala, passou pelo convento dominicano de Guaxaca e ahi viu em mãos do Prior varias copias dos couros com antigas pinturas indigenas, nas quaes apparecia Bacab crucificado e Nossa Senhora rezando aos pés da cruz. Depois, Bacab saindo do tumulo, ressuscitando.

O grave fei Diego de Mercado disse a Gerónimo Mendieta que um indio otomi, septuagenario, lhe falára de antiquissimo livro que havia outrora entre os da sua tribu no qual existia a figura do Christo crucificado. O mesmo informante tratou do Diluvio e de sete pessoas que se salvaram numa arca.

Ainda assegurou que em tempos idos, recuadissimos, uma pluma branca caiu do firmamento, uma donzella a apanhou e guardou, nascendo-lhe por isso um filho, que era filho de Deus.

Os indios achies da Guatemala tinham pinturas do diluvio, accordes com o que disse o otomi ao frade Mercado. E Mendieta conclue seu curioso estudo, lembrando que o douto José de Acosta no seu "De natura Novi Orbis" procura, apontando essas similitudes, provar que os indios de Nova Hespanha descendiam de colonias hebréas fugidas de Jerusalém após a sua destruição por Tito e Vespasiano.

Na terceira Decada de Herrera, livro II, capitulo X, se encontra uma completa noticia acerca da religião dos indios tarascos, que resumimos. Seu Deus unico, creador de tudo, era Tucapacha, o dono dos trovões e meteoros, "que fez de barro um homem e uma mulher. Esse casal entendeu de tomar banho e desmanchou-se dentro da agua. Deus fez outro de cinza e metaes, mais solidos, do qual se originou o genero humano. Veiu, porém, o diluvio. Salvaram-se numa grande canôa o sacerdote Tezpi e sua familia, com sementes de plantas e varios pares de animaes. Quando as aguas começaram a baixar, esse Noé dos tarascos soltou um zopilote ou urubu', que se entreteve com a carniça abundante e não voltou. Então, soltou varios passaros que tambem não tornaram. Por fim, largou o tzintzon ou beija-flôr, que regressou ao barco, trazendo no bico um raminho verde. Commentando isso, Orozco y Berra (Historia Antiga do Mexico, ed. official, Mexico, 1880 4 vols., in-8° — vol. II, pag. 577) accrescenta que mescladas a essas idéas e as da immortalidade da alma, do julgamento final, do paraiso e do fim do mundo, havia os cultos da lua, do sol, do fogo e dos deuses das quatro partes do mundo.

A lenda da Torre de Babel que já vimos em Mendieta, está documentada pelos grandes historiadores das antigas coisas, mexicanos. Torquemada, Veitya, Duran, Boturini, Clavijero e Gondra.

Ella consta do celebre manuscripto de Ixthilxochitl. A ella se referem Prescolt e Humboldt, no 2° tomo das "Vues des Cordilléres". Orozco y Berra (op. cit. vol. III, pags. 16 e 17) escreve estes periodos: "El objecto era alzar una torre como la de Babel para librar-se de uno nuevo diluvio, intento que los dioses burlaron impediendo la condusion de la obra y **confundiendo las lenguas** de los trabajadores; rayos ó una gran piedra en figura de sapo mutilaron lo ya terminado". Mendieta não conhecia a parte referente á confusão das linguas. Para melhor completar a semelhança das duas relações, a biblica e a mexicana, sobre a torre de Babel, nem essa parte faltou. Ella consta de varios outros historiadores da conquista da Nova Hespanha.

Outros pontos de contacto entre as tradições religiosas conservadas pela Biblia ou pelos Evangelhos e as concepções cosmogonicas e mythologicas de antigos povos americanos têm sido analysadas ou simplesmente registadas por historiadores e chronistas, tanto no Mexico como no Peru', como no Brasil, tanto entre os hurões e assiniboros septentrionaes como entre os araucanios e patagons sulinos, como entre os tapuias e os guaranis.

Limitamos-nos a assignalar algumas das mais curiosas e melhor documentadas, e diante dellas, confessando nossa admiravel ignorancia, murmuramos como frei Gerónimo de Mendieta, humildemente: "Dejemos a Dios todo, que sabe lo cierto, que nosotros (como dicen) hablamos de gracia, y podemos dar una en el clavo y ciento en la herradura".

João do NORTE.

"Fon-Fon"
22-julho-1922

Em louvor A inconfundivel personalidade litteraria de Paulo Barreto dia a dia vae tendo maior consagração. Glorificam-n'o os maiores escriptores, poetas e oradores em sessões civicas commemorativas, com applausos geraes, e seus pensamentos vivem nos jornaes que elle fundou ou que seus discipulos crearam.

Uma das maiores consagrações que lhe foram prestadas ultimamente teve por autor o academico Felix Pacheco, que allia á sua alta e merecida posição politica a inspiração poetica e a cultura litteraria dum verdadeiro homem de lettras. Elle recitou na sessão de saudade da Academia Brasileira, em 27 de Outubro de 1921, versos sonoros e formosos em louvor do illustre morto, cuja vida foi o "resumo e synthese da fina flôr das lettras do paiz".

Num rythmo de encantos successivos contou a vida afanosa e bella de João do Rio, seus triumphos e desfallecimentos, sua gloria cercada pelo latir das invejas soezes, seu rutilante talento, os matizes imprevistos da sua luminosa penna, suas aspirações, sua ascensão e a saudade immorredoura que deixou.

Felix Pacheco publicou o seu canto "Em Louvor de Paulo Barreto" numa edição especial, maravilhosa, em excellente papel com molduras artisticas e o retrato do escriptor desapparecido, trabalho graphico lindo que faz honra ao bom gosto do poeta e ao das officinas do velho *Jornal do Commercio*, onde se fez a impressão de tão bella e sentimental obra.

NOTAS SOCIAES

A' direita, o Sr. Miroslav Schubert, Encarregado de Negocios da Republica Tchecoslovaca no Brasil e o nosso companheiro João do Norte, passeiando a cavallo nos arredores do Sylvestre.

"O Jornal" 8 Junho 1922

IMPERIALISMO INGLEZ

Um dos elementos mais fortes com que contava a Allemanha, para a victoria, na terrivel guerra que desencadeou, era a desagregação do grande imperio colonial inglez. Ella esperava que, aos primeiros revezes das tropas alliadas, aos primeiros recúos dos francezes e dos britannicos, a India, a Australia, a Nova Zelandia, a Africa do Sul e o Canadá se revoltassem e sacudissem o jugo, se é em verdade jugo a orientação dada pelo povo que, quando a Europa se debatia na escuridão medieval, pela espada de seus barões impunha a João Sem Terra a sancção da Magna Carta.

Deu-se justamente o contrario. Todas as colonias correram em soccorro da metropole, unidas e contentes no sacrificio pela causa commum. As tropas canadenses australianas, zelandezas, indús e africanas prestaram os melhores serviços possiveis. Os governos quasi independentes dessas regiões, agindo na ampla esphera de sua autonomia, provaram de sobejo, nas suas medidas seguras, coherentes e patrioticas, a união de vistas do immenso imperio inglez. Não foi sómente nas bandeiras que as listas gloriosas da ""Union Jack"" palpitaram: ellas palpitaram tambem na alma dos povos que á sombra das instituições da Grã-Bretanha alcançaram a felicidade nacional. A cruz de Santo André e a cruz de São Jorge juntas não unem sómente Inglaterra e Escossia, mas sim todo o mundo colonial que as suas navegações, as suas conquistas, a sua expansão formidavel e a sua tenacidade mais formidavel ainda conseguiram organizar.

E, por fim, accorreu ao campo de carnagem, brandindo a sua espada luminosa, a terra de Wilson, colonia tornada independente, maior, mas rica, mais populosa, mais forte que a antiga mãe patria. O mundo viu, novamente, Carthago equipando sua frota para soccorrer Tyro ameaçada. A unica differença foi que o soccorro de Carthago não poude chegar a tempo de salvar a metropole das mãos de Alexandre e o esforço americano salvou o mundo da hegemonia do "junkerismo" prussiano.

Mas, porque essa dedicação, essa união de vistas, essa cohesão de sentimento, esse bafejo duma mesma patria, fazendo ondular nos ares, sobre raças tão differentes, a mesma bandeira, alimentando a mesma crença e os mesmos ideaes? Porque o imperialismo inglez é uma coisa muito differente daquillo que se pinta e que muita gente imagina. Esta falsa opinião está consubstanciada nuns periodos ardentes de Victor Hugo. Elle diz, na conclusão dos tres volumes sobre o Rheno, que o espirito inglez é o renascimento do espirito punico. A alma da Inglaterra é a alma de Carthago. Esse espirito é o de navegação e aventura, mercancia e lucro, egoismo e avidez. Não, em que pese ao grande scismador de Jersey; o espirito punico mesmo não é sómente isso e o espirito do imperialismo inglez não é absolutamente o espirito do imperialismo carthaginez. Ha differenças essenciaes. Carthago, como a Hollanda aliás tem feito em Java e Sumatra, estabelecia feitorias e sacava do paiz dominado todos os proveitos possiveis, sem lhe dar uma gôtta do seu progresso estonteante. Apesar disso, quando fundava uma colonia verdadeira, elevara-a á categoria de sua rival. Assim o fez em Carthagena, em Cadiz e em Sagunto. A Inglaterra assemelha-se a Roma; não tem nada de Carthago. O imperialismo inglez lançou sobre o mundo o manto da Paz Ingleza, como o de Roma creara a grande Paz Romana.

O fino espirito de Lord Rosebery, politico "doublé" de litterato, define no seu maravilhoso livro "A ultima phase de Napoleão" o imperialismo inglez como o producto natural das circumstancias historicas, do caracter dum povo, da liberalidade de suas leis, que não causa males e até hoje só tem servido para o bem da humanidade. Com effeito, nunca a Inglaterra se empenhou numa guerra continental, depois da dos Cem Annos, senão para abater a violencia dum ambicioso que arrastasse uma nação para o dominio universal, como Napoleão, que era, não obstante, immenso como o Kaiser, que o militarismo erigiu em figura de prôa dos seus desmandos. Esse imperialismo, phenomeno natural produzido em sua hora propria sem o forceps militar ou mercantil, é que é o da Inglaterra, segundo o brilhante successor de Lord Gladstone.

Ruskin, numa das sumptuosas paginas da "The Bible of Amiens", fez umas tantas ironias contra a politica colonial ingleza, dizendo, entre outras coisas, o seguinte: "Elle (o sr. Edward Cressey) não se dá nem aos seus leitores, o trabalho de indagar quanto tempo as nações sujeitas pelo povo livre que somos e de cujo opprobrio é feita a nossa gloria poderão continuar satisfeitas sem esse arranjo do globo terrestre e de seus interesses". Não teve razão o velho artista em gravar este periodo contra seu paiz. Na ultima guerra se escreveu a resposta desses povos de cujo opprobio falou. Todos, sem excepção e sem protestos, sem um movimento de revolta ou de recusa, correram de amas em punho em defesa da velha metropole gloriosa, da thalassocracia britannica, que deu ao mundo uma longa paz como a de Athenas pretendera dar algum tempo paz á Grecia inteira, embora não o conseguindo, porque, depois, veiu a luta sem treguas do Peloponeso, como actualmente veiu a horrivel guerra mundial; mas isso é o destino dos homens que prepara.

O duro imperialismo da "Mittel Europe" nunca poude apregoar taes resultados. Pelo contrario. Os povos jungidos á Austria e á Prussia anceiaram sempre por sacudir o pesado jugo. Apesar da mão de ferro militar que os asphyxiava, estremeciam revoltados. E tanto tcheco slovacos, romenos da Transylvania, italiotas das Irredentas, como polo-

62

nezes do lado austriaco ou do lado prussiano se agitavam.

E' proprio do systema politico e social inglez desmentir aphorismas e opiniões antigas e acatadas, desmentil-as com exemplos praticos, com resultados palpaveis, com provas concretas, inilludiveis. Thucydide, que é um dos mais claros espiritos de historiador de todos os tempos, inicia o paragrapho XXXVII do seu livro III com este preceito: "Tenho muitas vezes e em muitas circumstancias reconhecido que a democracia não convem á uma nação que impere sobre outras". Falso o conceito. Nenhuma nação tem imperado mais tempo sobre as mais vastas e as mais ricas regiões do mundo do que a Grã-Bretanha. Entretanto, nenhuma no respeito aos direitos de cada um mais historicamente, mais socialmente, mais profundamente democratica, embora as formulas, terrivelmente protocollares, da nobreza e da côrte, duas bellas tradições, formulas que de nenhum modo actuam na direcção geral dos negocios publicos.

Um dos mais interessantes classicos latinos, Velleius Paterculus, historiando a grandeza de Roma, diz que a lei mais perniciosa das promulgadas por Caio Graccho foi a que consentiu no estabelecimento de colonias romanas fóra da Italia. Está visto que se referia a colonias no sentido tomado pelos gregos, para o povoamento e aproveitamento de territorios novos, não ás numerosas colonias militares espalhadas, serenas dentro dos seus castros, da foz do Tejo aos montes da Caledonia, dos pantanos da Batavia ás margens do Ponto, entre os scythas, lá onde Ovidio foi desterrado e morreu. Paterculus apontava os exemplos de Marselha, fundada pelos phocios; de Carthago, pelos tyrianos; de Syracusa, pelos corinthios; de Byzancio e de Cysico, pelos milesios, tornadas todas ellas mais importantes, ricas e poderosas que suas metropoles, velhas cidades cheias de tradição, de gloria e de grandeza; Phocéa, Tyro, Corintho e Mileto. Essa lição de historia atemorizava Roma, que não queria ser sobrepujada.

O Reino-Unido desmantelou esse conceito. Creou, produziu, estabeleceu meia duzia de colonias, que, ao influxo de sua lingua, de sua raça, de seu progresso, de sua arte e de sua sciencia, ahi estão formando uma vasta confederação industriosa e forte, apta a resistir ao embate de qualquer força que queira perturbar a marcha da civilização e á qual se uniu na guerra, por fim, a colonia mais velha, já livre de todos os compromissos, independente e maior que a metropole, solidaria na defesa da cultura commum. O medo romano não se acclimou na Grã-Bretanha. Por isso, Roma destruida pelos barbaros não deixou successor e a Inglaterra assistiu á derrota dos barbaros, como assistiu, encanecida, mas viril sempre, ao crescimento fabuloso de seus filhos.

O imperialismo inglez, phenomeno sociologico produzido no momento preciso por uma nação apta a todas as lutas da intelligencia e da força, tão bem explicado por Lord Rosebery, foi o nucleo em torno do qual se reuniram as nações, tremulas de espanto ante a sorpresa teutonica, para a resistencia que lhes havia de trazer, com o tempo, a victoria. E o esforço de todos foi tanto mais seguro quanto elles sabiam que o imperalismo inglez lhes conservaria sempre o immenso beneficio do mar livre.

Póde-se affirmar que houve na atribulada historia dos homens duas grandes épocas de trabalho sereno e fecundo, sob a egide dum imperialismo necessario: a Paz Romana e a Paz Britannica.

João do NORTE.

"O Jornal" 15 de Julho de 1922

30

A FORÇA DA INGLATERRA

Ha vinte e nove annos, em 1893, num seu livro sobre as Cavallarias Européas, offerecido ao duque d'Aumale, o capitão francez Lucien Vallet citava as seguintes palavras dum escriptor inglez: "Nosso exercito permanente é diminuto, mas facilmente será desenvolvido. Numa palavra: a força da Inglaterra sobre o papel não faz medo a ninguem; porém a força de sua riqueza, de seus arsenaes, de sua esquadra, de sua tenacidade e resolução indomaveis, de seus multiplos recursos é tal que nenhum de seus amigos deve ignorar e que seus inimigos errarão despresando".

Infelizmente, o sr. Lucien Vallet não nos diz o nome do escriptor britannico que tão claramente previu e tão sinceramente expoz o esforço futuro de sua grande patria na Guerra das Nações. Nella não se soube o que mais admirar: se o sacrificio consciente e abnegado da Belgica, se o renascimento heroico da França, se o esforço herculeo da Grã-Bretanha. Cada um desses altos feitos tem suas faces rebrilhantes de gloria. Entretanto, o preparo momentaneo e a teimosia valente de Albion levaram a vantagem de demonstrar que uma nação é verdadeiramente nação, apta a sustentar todas as lutas, quando tem qualidades intrinsecas para isso e não porque levou meio seculo em preparativos para determinado fim.

Ainda mais. Tudo quanto a Inglaterra fez provou quão pouco valem, em certas circumstancias, os grandes exercitos permanentes, que custam os olhos da cara a um paiz, e quanto lhes é superior a firme, inabalavel coragem de vencer, apoiada, alicerçada na propria consciencia nacional. Para as nações fronteiriças, cuja continuidade territorial permitte rapidas invasões, o exercito permanente é uma necessidade vital. Sem uma bôa tropa de cobertura, não é possivel resistir nessas condições a um inimigo forte. Para as nações que não estão em identica situação, o exercito permanente é despesa inutil, encargo estafante. E a Grã-Bretanha mostrou que um paiz convencido de seu papel e dotado de recursos póde improvisar exercitos maravilhosos.

Deu exemplos em demasia. Levantou-os do seu proprio sólo. Erguen-os em todas as suas colonias fieis: no Natal, na Africa do Sul, nas Indias, no Canadá, na Australia, na Nova-Zelandia. Gloriosamente combateu por toda a parte, colhendo louros, affirmando o alto valor de seus soldados. Sobre suas costas pesou a maior responsabilidade do policiamento dos mares e sobre elles a esquadra allemã não se atraveu a andar. Para fazer alguma coisa, recorreu ao mergulho... Na frente occidental, sustentou metade do peso teutonico e empurrou-o com as bayonetas de seus "tommies" unidas ás dos "poilus", dos "sammies" e dos gloriosos "pork-and-beans" de Armentiéres. Combateu na Italia e na Macedonia, na Mesopotamia e no interior da Africa, nos Dardanellos e nas regiões hyberboreas de Arkangelsk, na Palestina e no Belutchistan, na Syria e na Persia, no Caucaso e na Thracia. E um de seus generaes — o sympathico Allenby entrou em Jerusalem, como um novo Godofredo de Bouillon. Até não se sabe porque Sua Majestade o rei da Grã Bretanha e Irlanda, imperador das Indias, relembrando os tempos heroicos de João Sem Terra e de Ricardo Coração de Leão, não fez de Allenby o segundo barão do Santo Sepulchro.

Vendo as façanhas inglezas em todos os logares em que a guerra ferveu, não se podia deixar de pensar como o velho general Bugeaud, vencedor de Isly, que a infantaria ingleza é a primeira do mundo. A sua fama vem de longe. Antes de Waterloo, Napoelão, que nunca pessoalmente combatera os inglezas, perguntou a Ney, veterano das guerras peninsulares, que especie de soldados eram. E o marechal duque de Elchingen replicou: "Não sabem arredar pé!" Tal a fama vem ainda de muito mais longe: de Crecy, de Azincourt, da guerra dos cem annos, quando os seus archeiros e besteiros "de a pé", conforme se dizia, venceram a grande nobreza franceza "de a cavallo", segundo a linguagem dos foraes.

Quanto á sua cavallaria, que entrou gloriosamente em Saint-Ouen e cortou em tres pedaços o exercito bulgaro, escreveu o general de Brack que, se tivesse longa experiencia de guerra, seria a melhor da terra. Essa experiencia parece que lhe não faltará mais.

Sem grande exercito permanente e sem grandes inclinações militares, os Estados Unidos, filhos legitimos da Grã-Bretanha, mostraram que, para se ter efficiencia militar, não é necessario ou melhor imprescindivel passar quarenta annos sob o junkerismo prussiano e vir da educação guerreira de Frederico II, do Rei-Sargento e do Grande Eleitor de Brandeburgo.

Esses dois exemplos, tornados classicos, de improvisação militar vieram derruir todas as theorias prussianas do longo preparo e do atavismo da caserna. Uma nação não é forte por ser militarizada, sim pelas suas convicções, pela sua raça, pela sua expressão politica, pelos seus recursos economicos e pela sua consciencia nacional.

Como, dolorosamente para ella, se enganou a Allemanha de Bethmann-Hollweg com o valor da Inglaterra, "magna pars" em toda a grande luta! Todos os seus planos falharam miseravelmente e Albion saiu da refrega gloriosa e forte como para ella entrara. Razão de sobra tinha o escriptor inglez citado por Vallet: a força da Inglaterra não deve ser ignorada pelos seus amigos, muito menos despresada pelos seus inimigos.

No mar, então, essa força foi espantosa. Funcção decorrente do imperialismo sabio, que estudamos em artigo anterior, ella assombrou o mundo. E um dia, diante de seus formidaveis couraçados, vergonhosamente, os allemães arriaram a sua bandeira. A cruz negra da Prussia declarava-se vencida pelas cruzes rubras da Union-Jack. O esforço inglez á face do oceano é uma epopéa magnifica. A historia da armada ingleza, a verdadeira Invencivel Armada dos nossos dias, durante a guerra, só de todo conhecida recentemente, contém paginas refulgentes de valentia, de competencia e de glorias: as batalhas de Heligoland, do Coronel, das Falkland e da Jutlandia; as retribuições dos "raids" e ataques imprevistos; o desenvolvimento extraordinario da aviação naval; os ataques dos Dardanellos e o desembarque de Gallipoli; o entupimento de Zeebruge. Foi a força naval da Inglaterra quem

conservou no mundo aquella alegria dos guerreiros de Xenophonte por verem o mar livre. Apezar dos submarinos allemães, a Inglaterra manteve por toda a parte essa liberdade indispensavel, que assegurou a vida do commercio mental e material da humanidade. O esforço naval e militar britannico foi talvez o factor mais preponderante, em tudo na grande luta travada entre a cultura occidental e o arremeço germano-tartaro. Dessa campanha a marinha ingleza saiu com formidavel experiencia, contando com elementos novos, armada de invenções e melhoramentos, que ainda não conhecemos perfeitamente, mas que continuam a dar-lhe a primasia sobre qualquer outra. Para essas vantagens immensas devem voltar-se os olhos do Brasil, no sentido de melhorar sua marinha, abandonando as reducções que lhes mostram de outros lados miragens talvez profundamente desapontadoras.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 8 de julho de 1922

Essas crianças... Um pae que tem o habito de brincar continuamente com um filho de seis annos, chamando lhe nomes estramboticos, afim de provocar as suas respostas engraçadissimas, ha dias gritou para o petiz, que se escondia debaixo duma cama:

— Sáe dahi, Monstro-Humano!

O menino sahiu, veio até perto delle, pôz as mãos nos quadris, desafiadoramente, e replicou:

— Eu não sou Monstro-Humano, não! Aqui em casa só ha um Monstro-Humano!

— Sou eu? perguntou o pae.

— Não, é o papagaio...

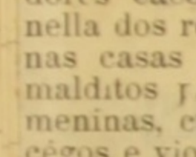
— O papagaio? Por que?

— Porque é um bicho que fala sem ser homem.

E deante daquella lição o pae embatucou...

"Fon-Fon" - 15 - julho - 1922

"El Liberal" - Asuncion - Paraguay - 3 julho - 1922



Nada ha que mais medo faça aos homens do que a idéa de morrer. E' uma idéa que a humanidade trouxe do seu berço; entretanto, apezar dos millenios já decorridos, ainda se não acostumou com ella. Parece que se não acostumará. Quem philosopha um pouco sabe muito bem que a morte é necessaria, que a ella se não pode fugir, que é o mal irremediavel, senão o bem irremediavel. Mas todos a temem.

Outr'ora, o paganismo a alegrára um pouco. O christianismo, entretanto, a tornou pavorosa. E o terror della enche todos os corações humanos, mesmo aquelles que são, pela força das suas qualidades atavicas, da sua experiencia, das suas crenças ou das suas circumstancias de vida os mais destemidos ou resignados.

Quero crêr que a humanidade, como se exercita para a saúde e para o vigor, para o saber e para a acção, deveria tambem exercitar-se ou educar-se para morrer, pois "mourir est la plus grande besogne que nous ayons à faire."

"Fon-Fon" - 22 - julho 1922

As loterias Haverá praga maior no Rio de Janeiro do que as loterias?!

Outróra havia unicamente a federal. Agora, ha uma para cada Estado do Brasil e todas, mesmo as do Acre e de Matto-Grosso, creio, vendem-se aqui. Um verdadeiro horror! Nos bondes, os garotos mettem-n'os os bilhetes á cara, insistentes e grosseiros. Nos cafés, enxameiam os vendedores cacetes. Nos pontos de parada dos bondes, á janella dos restaurantes, no saguão dos hoteis, ás esquinas, nas casas de fructas e de gelados, por toda a parte os malditos passadores de bilhetes. Vendem-n'os meninos e meninas, cuja miserabilidade faz pena, anões e aleijados, cégos e violeiros de rua. As casas cheias de balcões com centenas de bilhetes em leque, sob pesos, taboletas de reclames e listas de numeros premiados surgem por toda a parte. E o nosso engraxate pára de lustrar-nos as botas, abre uma gavetinha e pergunta-nos baixinho:

— Quer o doutor hoje de Santa Catharina, 200 contos?

O' que inferno!!!

A compra Chicos Faz seguramente dez annos que eu a conheço. Dez annos! Anda sempre pela Avenida, acima e abaixo, de oculos e cynica. Pede uma esmola a todo o mundo, sempre acompanhada por uma criança magra e esmulanbada, ás vezes uma menina, outras um menino. Nestes dez annos tenho observado que esses seus suppostos filhos são emprestados, alugados ou roubados, porque já lhe tenho conhecido umas duas duzias differentes.

O mais digno de nota é que a policia em uma decada não a tenha descoberto e trancafiado na cadeia ou custodiado num asylo. Isso é que é, como dizia um deputado cearense, "verdadeiramente incrivel de se acreditar!"

"Jornal do Commercio" 26 julho 1922.

Gabinete Portuguez de Leitura

Em sua ultima reunião, a Directoria do Real Gabinete Portuguez de Leitura conferio o titulo de socio honorario aos brilhantes escriptores Gustavo Barroso (João do Norte) e Antonio Ferro, que naquella importante e antiga associação portugueza se fizeram ouvir, em Junho ultimo, na commemoração da morte de Camões e na inauguração da bibliotheca de Paulo Barreto, e ao Revmo. padre Americo da Costa Nilo, que ha poucos dias alli fez importante conferencia sobre a vida e obras de Antonio Vieira.

"Fon-Fon" - 29 - julho - 1922

— A nossa vida é um mysterio. Nós nos amamos em surdina e, portanto, com uma força espantosa, cada vez mais, cada vez mais!!

— Entretanto, eu preferia que tu, meu querido, me amasses menos, mas aos olhos de todos, aos olhos de todos!

— Não. Acho que o véo que envolve o nosso amor o torna mais immaterial e maior, maior, muito maior!

— Talvez; no emtanto, como seria delicioso passar ao teu lado deante de todos, de tudo!

— Sim, acabo crendo que seria delicioso e lembro-te os versos de Gonzaga:

"Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão com o dedo os mais pastores..."

A propósito de Ocara-Poty

Con este título, el importante diario "O Jornal", de Rio de Janeiro, edición del 13 de Mayo último, primera página, trae un conceptuoso juicio crítico a propósito de la celebrada obra de vate nacional, en idioma guaraní, don Narciso R. Colman.

El estudio se debe a la autorizada pluma de **Joao do Norte**, pseudónimo que ya dejo de ser tal por su notoriedad, y que mal oculta el nombre del doctor Gustavo Barroso, joven aun pero ya fecundo autor de obras que han elevado su nombre con luz y colorido propios, en las letras brasileras.

La lengua guaraní no ha muerto. Hablada por la gran mayoría de las tribus que los conquistadores peninsulares encontraron, vagando entre la Amazonia y las pampas del sud,—tan difícil de entender en la sutileza de sus sonidos, que el padre Vieira afirmaba que no distinguía vocales y consonantes, aún acercando el oido "a la boca de los bárbaros",—no desaparecerá completamente de la faz de la tierra, no obstante haber sido destruída, por la mezcla con los elementos blancos y negros o a fierro y fuego, la raza glotona, perezosa, incapaz de progreso que la hablaba. De la humanidad tupiguaraní todo naufragó y sólo se salvó la lengua. No solamente ella continuó viviendo entre chozas olvidadas de los desiertos brasileros y en la nomenclatura geográfica de las tres cuartas partes de nuestra tierra, sino que una nación la apretó sobre el corazón y con ella ha vivido hasta hoy, vertiendo, en sus formas rudas, casi todas las expresiones de su vida íntima, de su historia, de sus usos y de sus manifestaciones sociales y políticas.

El guaraní, que Montoya y Couto de Magalhaes cariñosamente querían, es una lengua a las veces áspera, salvaje, exhalando el perfume de las selvas floridas de orquídeas. Lengua de una raza decadente, que la conquista extranjera barrió a espada, a lanza, a arcabuz y a diente de can del suelo nativo, legó únicamente a sus *pósteros* las formas a que alcanzara con el limitado grado de civilización de los indígenas sudamericanos. Entre tanto, hay en ella bellezas rudas, encantadoras ingenuidades y un velo ceniciento de profunda melancolía cubriendo todo.

Muerta la humanidad que le dió vida, ella subsistió hablada por un pueblo entero, que es, justamente, el más heróico, el más aislado, el de mayor energía vital del continente, aquel que nunca midió el número de los enemigos contra quienes tuvo que combatir y, quedando vencido, sintióse cubierto de tanta gloria como los vencedores.

Con efecto, la gran base de la resistencia nacional del Paraguay, amparo inquebrantable de su vitalidad y muralla intrasponible de su independencia, es, ciertamente, esa vieja y selvática lengua guaraní o tupí, que todos sus hijos hablan, en que todas sus mujeres pronuncian palabras de amor, en que sus poetas cantan y sus hombres políticos arengan, en que sus guerreros se incitan los unos a los otros en los campos de batalla y en que los viejos cuentan a los nuevos las glorias del pasado.

Debe el Paraguay a la educación jesuítica de su formación—que aisló a los indígenas en las "reducciones", para reducirlos a la civilización,—el gran servicio de la conservación de la lengua de sus abuelos de la raza aborígena. Y a la instrucción militar de los mismos, que el padre tyrolés Antonio Sepp, presenció en 1691, su alto valor guerrero. Fue esa organización de los misioneros de la Compañía,—tan alabada por Montesquieu y Voltaire, cuyos vicios básicos Bœhmer escalpela y cuyos defectos profundos la vista escudriñadora de Alejandro de Humboldt descubrió—, el motivo principal de la conservación del idioma *abañeé*. Si en algunas diocesis brasileras, donde había menos intensa catequización de indios por los padres de la Compañía de Jesús que en las misiones del sud, se crearon cátedras, en los seminarios, para la enseñanza del hablar del salvaje, imagínese a qué desenvuelto apredizaje de progreso no llegó la divulgación y estudio de esa habla general en el Paraguay, enteramente entregado a la Compañía.

Fariña Núñez exajera, por cierto, su propio modo de pensar y de sentir, cuando escribe que el guaraní tiene algo del Verbo, del Logos primitvo. No está en su fuerza intrínseca la razón de su duración en el Paraguay, queremos creer; antes, en el concurso de las circunstancias históricas y sociales, desde el comienzo de su colonización hasta hoy. Entre tanto, estamos de pleno acuerdo con el publicista Bertoni en cuanto al derecho de que ese idioma americano forme al lado de otras lenguas cultas, desde que le den organización defitnitiva, dotándolo de reglas ortográficas y gramaticales lógicas y uniformes. Y también hallamos que la nación paraguaya tiene motivos de sobra para enorgullecerse de la posesión, en pleno vigor, entera e indiscutible, de la única lengua aborígena escapada a la conquista europea.

Más antiguas tal vez, más nobles, más completas, cozobraron para todo y siempre el maya-cuyo, el nahoá que Fray Gerónimo Mondieta elogia, hablado por los aztecas, el tolteca vetusto, y el quichua y el aymará del Perú. En toda la extensión de nuestro Noroeste, tribus errantes todavía hablan el guaraní; pero hasta de nuestras manifestaciones folklóricas él comienza a desaparecer.

Eruditos como von Den Steinen y Capistrano de Abreu pueden salvar del olvido, con infatigable labor, dialectos "panos" de los Sipibos y de los Caxinavás; pero ningún pueblo hablará esos *rá-txa-hu-ni-ku-i*, en los días aquellos en que el tigre hubiese comido o las enfermedades hubiesen muerto al último hijo de la tribu. Con el abañeé, o "lengua general" de los cronistas de los descubrimientos, no se dará el mismo caso. Una nación lo habla; no solamente lo habla: ámalo, lo que vale

64

"El Liberal" 31
- Asuncion -
5 - Julio - 1922

mucho más. Hay revistas que en él se publican: el "Enano" y "Rojo y Azul" de Asunción, por ejemplo. Hay libros y más libros impresos en tupí.

Las mejores mentalidades del Paraguay contemporáneo ensalzan la "lengua-general". Vimos a un Fariña Núñez comparar la a' Logos genesiaco. Veremos ahora al escritor, doctor Justo P, Benítez, hablar de él con este bello entusiasmo:

"Son veraderamente asombrosos el número como el donaire de sus modismos; giros que hablan de una honda penetración; equívocos que se prestan a una sutil ironía; palabras que resumen todo un estado de alma; suaves y delicadas en las voces para el amor; expresiones de energía y afirmación como un grito de guerra, y toda la gama del alma de una raza que vivía en contacto íntimo con la naturaleza... Idioma chispeante, el guaraní se caracteriza por la precisión y propiedad de sus nombres; y si bien sus adjetivos no son muy ricos en matices, son expresivos y llenos de gracia; copia e imita la rica naturaleza tropical, como puede observarse en el nombre de los animales y de las plantas; la onomatopeya es predominante y no falta la música que hace armoniosa a las lenguas. Fuerza es conservarlo como vínculo social; cultivarlo como exponente de nacionalismo inquebrantable, frente a las inmigraciones y a las veleidades del tiempo; estudiarlo como fuente fecunda de enseñanzas".

El guaraní hablado en el Paraguay moderno, ligeramente influenciado por el castellano, afírmase, sobretodo, como una lengua patriótica, desplegada como un estandarte de nacionalismo. Podemos decir esto, con seguridad, hojeando las páginas de los dos volúmenes del poeta paraguayo Narciso R. Colmán, intitulados "Ocara-Poty", en segunda edición de la casa "Ariel", de Asunción, conteniendo las *Flores Silvestres* (traducción del título) del autor, poesías en guaraní, y una pequeña antología de trovadores de la misma lengua. Tanto en la primera como en la segunda parte de la obra casi dominan las producciones patrióticas, ya sean épicas, narrativas o tristes, ya sean entusiásticas o satíricas Pero, en el fondo, siempre la misma nota ardiente de amor por el país y por las tradiciones.

Con la métrica castellana, en la escuela romántica de Campoamor, aplicada al idioma tupí, Narciso Colmán canta, en el pequeño poema "Lope-cué", a los inválidos de la guerra de la Triple Alianza contra su país, víctimas de la ingratitud de la gente nueva. En los cuarteles del "Combate-Paraguarí", diseña la última etapa de la revolución de Albino Jara. En el episodio de Pancha Garmendia, lanceada por órden de Solano López, en Ygatymí, condena el crimen feroz de Madame Lynch. En la oda al "Yvaga-Rapé", describe el Paraguay paradisíaco.

Entre sus colegas de la antología hay más fuerte tal vez, en ese entusiasmo. Natalicio Talavera infundía coraje a los que resistían a la invasión brasilera, en tiempo de López, con su "Caí, yaguá jha mbopí", en que los jefes del Estado de la Triple entran en este cuarteto:

'Pedro Segundo el caí,
Bartolo Mitre el yaguá,
Venancio Flores mbopí
La Triple Alianza guá".

Ese vate patriota cantó más por la tipografía del "Cabichuí", en Paso Pucú, el "cielito" de Curupayty, y el "Yataity-Corá", en que dice:

"Eye jheyá Pedro Segundo,
Nde reipyjhyhi chene Asunción,
Y pituvá co ne cambá
Jha ndipú acái co ne cañón.

Después de esas referencias al Emperador, a los negros (cambá) y a los cañones, defiérese a la Emperatriz, a los generales "cueras" y al Marqués, simplemente el Marqués y, después, Duque de Caxias. En las coplas del "Pandorga-Vevé" apelídalo "Cachiái" y mismo le dedica la poesía "Marqués Cachiái", que termina por un saludo a la libertad: "Ñande libertá!" Es curioso que, en la lengua de la raza más libre del mundo, el indio americano, cuyos descendientes mestizados dicen comunmente en nuestros desiertos del nordeste: "Dios es grande, pero el bosque es mayor!", no exista una palabra para significar aquel o que ellos más poseían:—la libertad! Y todavía en esa antología el cantor Guarán hace un elogio a la muerte de Solano López, bajo el epígrafe de "Cerro Corá", predicando la idea de erigírcele un monumento.

Fue esa lengua curiosa y bárbara,—en que Lindcay virtió la Biblia, cuyos vocabularios y diccionarios fueron hechos por Obelar y Florencio Vera—, la gran mantenedora de ese fuego sagrado de nacionalismo, que fluye de la poesía guaraní del país, amor de dentro de la bella alma profundamente romántica de Narciso Colmán el cantor de "Carujhá", nuestra saudada; el autor del canto elegíaco de la "Nova Angüe"; el delicioso evocador del "Corochiré", que modula enjaulado sus penas, de "Taperé" (las taperas) que nos quedan en el alma cuando huyen los amores que allí moraban; el sublevado contra la hipocresía del "Tová Mocoi"; el sarcizador del "Pira-piré", escama de pez dorado, el Dinero—dueño del mundo; el ironista del "Teco Reí", condenando alos Accacios sociales; el contador fantástico de las apariciones de los "Poras", duendes indígenas de las breñas, y el delicado consagrador de las tradiciones abolengua del "Niño Ara", de los pesebres de las fiestas patriarcales de la Navidad.

"Ocara-Poty":—Narciso Colmán tiene razón en dar este título a sus versos. Ellos son, efectivamente, silvestres. Su mayor belleza es justamente esa espontaneidad sencilla en una lengua bizarra y primitva, que es también un bien entretejido manojo de flores del monte.

João do Norte

A propósito de "Ocara Poty"

Días pasados publicamos un interesante estudio sobre "Ocara-Poty", escrito por el distinguido publicista carioca doctor Gustavo Barroso, que con el seudónimo de Joao do Norte ha conquistado un lugar prominente en el periodismo de su país.

Las obras del doctor Barroso se recomiendan por su marcado nacionalismo, de un tinte regional, que le da sabor propio, y de ahí, tal vez, aparte de méritos literarios, la simpatía con que acogió "Ocara-Poty", que cae dentro de la especialidad de sus estudios de cosas locales, nacionales, americanas. Barroso estudia las cosas de su tierra con amor, y él es de los que opinan que en el estudio de nuestra América —su tierra, sus cosas, sus hombres, su historia, su lengua—tenemos ancho campo y material de primer orden para dar vuelo a nuestro pensamiento y alas a nuestra fantasía, antes que deprimirlos y desnaturalizarlos abordando temas exóticos de sociabilidades y países que nada tienen de común con los del Nuevo Mundo. Sus obras, con especialidad, son descripciones acabadas de la naturaleza y costumbres de las regiones del norte del Brasil; y son cuadros de vida, palpitantes de realismo y verdad, que parecen haber sido vividos en aquellos desiertos!

Entre las obras más celebradas de Barroso podemos citar *Tierra de Sol*, *A Balata*, *Praias e Vargas*, *Heroes e Bandidos*, *Tradiciones Militares*, *Ideas e Palabras*, *Tratado de Paz-Traducción*, *Lecciones de Moral*, *Vocabuario delos Niños*, *A Ronda dos Seculos*, *Traducción del Fausto*, de *Goethe*, *Casa de Maribondos*, y una docena más que no enumeramos, por su extensión.

El autor de "Ocara-Poty" puede sentirse altamente lisonjeado, porque el juicio de *João do Norte*—que es también director propietario de la revista carioca *Fon-Fon*—implica toda una consagración de su obra en el exterior.

Gustavo Barroso es, además, un verdadero *gentleman*, de la joven aristocracia brasilera—la aristocracia del talento—con sólido prestigio en la mentalidad y en los altos círculos sociales fluminenses.

O bonde malcriado... Um de nossos companheiros escreveu ha dias interessantissima chronica, na qual fez a exacta psychologia de cada bonde do Rio de Janeiro. Na sua opinião, cada um delles tem a sua virtude ou o seu vicio. Assim, classificou os bondes em nobres, plebeus, engraçados, populares, sympathicos, alegres, tristes, funebres, debochados, etc. Esqueceu, no emtanto, um—o bonde malcriado.

Esse é o de Santa Thereza, aquelle alli da estação da Carioca, que serve, por ironia do destino, um dos mais bellos e finos bairros cariocas, no qual os empregados de toda a especie apostam uns com os outros para vêr qual é o mais grosseiro com os passageiros...

"Fon-Fon" 5 Agosto 1922

Mexico-Brasil A Republica dos Estados Unidos do Mexico faz constantemente os maiores esforços para uma approximação fraternal com a do Brasil. Tendo seu governo elevado a legação no Rio de Janeiro á categoria de Embaixada e decidido abrilhantar nosso centenario com varias manifestações generosas, sua imprensa volveu os olhos para nosso paiz, desejando fazêl o conhecido na terra de Cuathemoc. Para isso, varios jornaes mexicanos estão tratando de enviar representantes ao nosso paiz ou de escolher entre os nossos jornalistas alguns que lhes possam mandar minuciosos artigos sobre as nossas coisas.

El Universal, por exemplo, já instituio seu correspondente, com esse fim, no Rio de Janeiro, o nosso collega de imprensa do *O Jornal* Sylvio Corrêa de Britto, que enviará para esse importante diario mexicano, regularmente, chronicas a respeito da nossa vida social, politica, artistica e economica.

"Fon-Fon". 15 - Julho - 1922

Ha dias, realizou a Academia Brasileira uma distincta festa de arte. Foi a sessão em que se lêram os ultimos sonetos do grande Alberto de Oliveira deante de numerosa e selecta assistencia.

Homenagens dessa natureza enchem a alma de todos aquelles que escrevem — artistas do verso ou da prosa, duma suave satisfação, dum dôce consolo. Ao escriptor e ao poeta era costume no Brasil tudo se negar. Agora, os costumes são outros, os pensamentos melhores, o interesse pela vida da intelligencia maior. Já não se fazem sessões de homenagem sómente aos politicos aridos e inescrupulosos Já os artistas têm o galardão de commemorações dessa ordem. E dia virá em que os homens da palavra e do pensamento poderão expulsar do Templo, de vez, toda a récua voraz de ignorantes que nos exploram o paiz.

63.807

"Fon-Fon" 15 Junho 1922

Odor di femina Não sei quantos escriptores e poetas têm composto odes e paginas celebres aos perfumes que usam no banho e nas roupas as mulheres que amam ou que imaginam amar. Tecem uns dythirambos e entôam hymnos aos odôres subtis e maravilhosos que ellas preferem, essencias caras ou raras, delicadas ou ardentes, mysteriosas ou estonteantes, vindos do Oriente longinquo ou tiradas das flôres mais bizarras. Tambem outros apregôam alto o cheiro voluptuoso da propria carnação palpitante e florida daquellas que adoram, o cheiro divino de suas espaduas, do seu dorso de velludo, dos seus cabellos admiraveis, de todo o seu corpo encantador. E esse *odor di femina* faz brotar sonetos e capitulos de romance.

Prefiro, em verdade, estes ultimos, os que cantam o perfume da propria mulher, porque sou como Plauto e penso com elle: "Mulier tum bene olet, ubi nihil olet." É com effeito o melhor perfume duma mulher é o cheiro della mesma.

Ella Quando ella passa com o seu grande chapéu, cinzento desabado de cow-boy, eu sinto que todo o meu corpo estremece, eu sinto que ella é aquella de que falava nos seus singelos versos o poeta medieval Gautier de Coincy:

"*Je suis Cele, ne doute mie*
Qui te doit faire avoir t'amie."

Fica no meu olhar a luz do seu olhar, a luz tambem dos seus cabellos de ouro. E eu me surprehendo a mim mesmo a murmurar este trecho da prosa poetica de Maurice Vloberg no *Miracle du Chevalier converti a l'amour de Notre Dame:* "Amour par deux yeux vairs, lui avait volé les deux moitiés du cœur, Amour eut de même affolé le votre, seigneurs qui m'entendez, si vous aviez vu la genti dame, toute blonde de boucles d'or très fin et au visage clair rosé comme la reine des jardins fraiche eclose."

E, quando ella passa, eu penso que é, para mim, a unica mulher a que me converteu como o cavalheiro do Milagre medievo, *a genti dame toute blonde*...

"O Jornal" - 21 de Julho de 1922

O ESFORÇO NAVAL BRITANNICO

O velho Ruskin affirmou no seu livro monumental "The stones of Venice" que até hoje a humanidade sómente construiu tres "thronos de ouro" sobre o mar: Tyro, Veneza e Albion. Com effeito, abstraindo da chronica maritima do mundo a fugaz thalassocracia de Athenas, os rapidos periodos de correrias de normandos ou hollandezes e as faúlhantes aventuras de iberos e lusos, devassando mares para, após devassarem terras, sómente tres poderes navaes tiveram, em verdade, longa duração e imponente força. E esses effectivamente foram o dos phenicios, o dos venezianos e o dos inglezes.

Os primeiros dilataram tanto quanto possivel as fronteiras do mundo antigo, estabelecendo por toda a parte colonias e entrepostos; afundando os navios de outras gentes que lhes pretendessem roubar o segredo das rótas, foram até ás lendarias regiões do oriente e dizem que chegaram até á America.

Ajudaram no mar os grandes imperialismos asiaticos; possuiram as maiores riquezas e os mais importantes monopolios do universo. Delles os outros povos aprenderam a arte da navegação. E, quando succumbiram, deixaram herdeiros como os carthaginezes para disputar o imperio do mundo aos proprios romanos.

Os segundos foram os donos do Mediterraneo e os senhores do commercio das especiarias. A sua Republica amphibia se alevantára orgulhosa em face das invasões e dos elementos.

Trouxera de longe, em barcos, os marmores mais ricos para construir, como diz Philippe Monnier, o cantor da sua decadencia, uma casa digna da sua alma romana. Ella guerreára os Cesares germanicos, os hungaros, os esclavões, os turcos, os byzantinos e os arabes. Ella batera-se contra todos os barbaros e contra todos os piratas: normandos, uscoques, levantinos, mauritanos, tunesinos e argelinos. Toda a Europa ligára-se contra ella em Cambrai. Ella, accrescenta Monnier, conquistára os litoraes do seu mar, as ilhas Cycladas, Creta e Chypre, toda a peninsula da Moréa, e fizera tremular o estandarte do leão de São Marcos sobre os muros sagrados de Byzancio e de Athenas. O protocollo diplomatico internacional dava aos seus embaixadores "preséance" sobre todos os outros. Seus representantes dominavam em Constantinopla o governo dos basileus enfraquecidos. Seus almirantes tinham transportado a christandade ás cruzadas. Sem sua amizade ou annuencia nada se tramava na Europa. E, após ter subido tão alto, apagou-se, como véla que não tem mais cêra para queimar, ao sopro de Bonaparte.

Os inglezes construiram em face do oceano de vagas e do oceano dos homens o seu throno que ainda refulge. Deu-lhes o destino posição excepcional, como a dera aos phenicios e aos venezianos.

Tyro era um rochedo isolado defronte da costa microasiatica. Veneza surgiu de lagunas e de ilhotas, no fundo dum golfo. A Grã Bretanha é, como disse Castro Alves, "um navio que Deus na Mancha encalhou". Pouco e pouco, ella se preparou para ter nas mãos o dominio do mar que a cercava de todos os lados e sobre o qual era obrigada a expandir-se. Quando após as primeiras lutas, os primeiros ensaios de construcção, as primeiras navegações, se sentiu apta para maior esforço, avançou contra a Hollanda e contra a Hespanha. Venceu os flamengos e a Invencivel Armada dos hespanhóes não a amedrontou. Ainda durante seculos seus esforços continuaram. A França de Luiz XIV quiz resistir-lhe no oceano, houve embates terriveis. Saiu victoriosa. Veiu o corisco napoleonico, e Trafalgar dá definitivamente á Inglaterra a thalassocracia universal.

A hegemonia naval ingleza não nasceu da noite para o dia, nem se originou de plano preconcebido e nem foi feita segundo regras estabelecidas, como a organização militar prussiana. Da mesma maneira que o seu Imperialismo e a sua Força, ella é resultante fatal, sociologica, das tendencias moraes e mentaes do povo, em funcção do meio e das condições de vida, produzida no momento opportuno, natural, como um fruto que amadurece na sua hora propicia sem intervenções estranhas. Se isso fez com que seu imperialismo durasse como o de Roma e sobre o mundo espalhasse uma nova ordem: a paz britannica, tambem fez com que sua hegemonia thalassocratica perdurasse tanto como nenhuma outra, que a influencia de sua esquadra no destino dos povos modernos fosse tão intensa quanto a da legião romana no dos povos antigos.

Dahi a grandeza do esforço naval britannico na guerra que findou — o maior e o mais bello de todos, aquelle a que, por dois terços, a humanidade occidental deve a salvação do seu patrimonio de cultura mediterranea. Esse esforço magnifico manietou a Germania, impediu que lhe acompanhassem os passos muitas nações vacillantes, policiou as costas, deu socego aos neutros e poz, emfim, cobro á insidia dos submarinos tedescos. A imponencia das suas grandes frotas de batalha, fumegantes e eriçadas de canhões, fazia fugir do mar do Norte as esquadras germanicas e encurralava nos portos dalmatas os couraçados e cruzadores austro-hungaros. No seu livro sobre a "Grã-Bretanha em armas", que Clemenceau prefaciou, Jules Destrées mostra, com cifras, a superioridade das armadas da Austria e da Allemanha em relação ás da França e Russia.

Ora, a da ultima não agiu por manifesta impossibilidade e, se não fôra a força da Inglaterra no mar, os austro-allemães teriam ficado senhores da circulação do mundo e venceriam a guerra. Foi a esquadra ingleza que lhes transtornou os planos.

O esforço naval britannico foi uma formidavel epopéa que se estendeu á face de todos os mares, bloqueando e policiando os europeus, fiscalizando os africanos e americanos, escoltando os comboios de tropas pelo Pacifico e pelo Atlantico, perseguindo por toda a parte os navios inimigos. A rapida mobilização da esquadra britannica paralysou desde os primeiros dias da luta a armada allemã e fez com que nenhum de seus navios mercantes, surtos em portos neutros, pudesse delles sair. A obra da marinha ingleza na guerra é portentosa. Ella destruiu inteiramente o commercio inimigo, ella conservou intactas as communicações amigas, contra as quaes não predominou a desesperada campanha dos submarinos. Seus estaleiros continuaram a construir navios de toda a sorte. E, quando á luta chegou a grande armada yankee, já a ingleza tinha annos de experiencia e de esforçado trabalho, tinha realizado totalmente seus planos, tinha encurralado nos seus portos o inimigo e passeava impavida á face de todos os mares que varrera.

Biparte-se o esforço naval britannico nessa pugna de nações. O da sua marinha mercante corre parelhas com o da militar. Assombrosa prova do valor duma reserva organizada pela navegação commercial. Na analyse desse esforço, não se póde nem se devem esquecer as paginas gloriosas do "War Book" da Mala Real. Seus cruzadores auxiliares, tripulados por audazes marujos, combateram heroicamente. O "Demerara" agiu contra submarinos.

O "Aragon" avançou sob as baterias dos Dardanellos. O "Alcantara" combateu o "Greif". O "Danube" trouxe os servios a Salonica por entre perigos. O "Paraná" atacou um submarino allemão.

Nenhum navio mercante ficou á sombra protectora dos portos. Uns continuaram seu trafico mercantil, defendendo-se da pirataria mergu-

"Fon-Fon" 29-7-922

Vicios mundanos O joven prosador Paulo de Magalhães dá-nos agora um bello volume, contendo a peça de theatro, que, com o titulo supra, apresentou a um concurso da Academia Brasileira, obtendo merecido premio. O romancista da "Resignação", apezar de seus poucos annos, é um escriptor fecundo e elegante, que agrada, que emociona e que faz vibrar.

PARISIENSES

Nesta sua peça, de titulo tão feliz, elle estuda, em linguagem formosa e entrecho excellente, o vicio horrivel da cocaina, que avassala tanta gente no Rio de Janeiro. Emquanto escriptores de nomeada procuram para as suas obras de theatro assumptos velhos e extranhos ao nosso meio, copiando servilmente autores estrangeiros, o moço jornalista estuda a nossa sociedade e a nossa gente, seus defeitos e suas virtudes, fazendo com uma admiravel these social e mesmo medica, pode-se dizer, scenas de palpitante interesse, verdadeiramente nacionaes.

Se lhe faltassem á obra outros caracteristicos dignos de applauso, o que não se dá, bastariam esses para aconselhar que se lhe fizessem em publico os maiores louvores. E este segundo livro de Paulo Magalhães merece-os do sobra.

Devido aos ultimos acontecimentos, houve grande movimento de tropas das guarnições dos Estados proximos para o Rio. Um fluxo de batalhões chegou até esta capital. Agora, tudo serenou, e ha o refluxo desses soldados. Elles começam a voltar ás suas guarnições. Ainda ha dias, numa estação suburbana passar um trem com o 10º regimento de infantaria. Os homens de kaki, equipados, debruçavam-se as janellas dos carros, cantando. E me pareceu que eu ainda viajava de Paris a Brest, vae para alguns annos, atravez da Bretanha, quando os comboios levavam para os transportes de guerra as alluviões de guerreiros yankees que tinham ido defender a civilisação occidental do vandalismo militar da kultur.

lhada ou sendo afundados por ella. Dos outros, os que não tomaram parte em combates isolados, como cruzadores auxiliares, serviram de transportes e de hospitaes. E as suas tripulações forneceram á marinha de guerra uma brilhante reserva de homens.

O esforço desta ultima não precisa mais de explanação ou commentario. A parte do livro de O'Neil sobre a historia geral da guerra, referente ao que fez a esquadra ingleza, que o coronel Buchan's reuniu no volume "A history of The British Navy during the War" dá uma idéa nitida do que foi, dividido por todos os mares do globo, desde as ilhas Samôa aos gelos hyperboreos e da costa do Chile aos Dardanellos. Em todos os lados cobriu-se de gloria.

Esses annos de luta intensa deram-lhe experiencia completa, pratica absoluta e aperfeiçoamento extraordinario das sciencias e artes navaes. Diz o livro citado, na ultima pagina: "In spite of the developments of moderne science the navy is still brilt upon most ancient of crafts, that of navigation, and in it is concentrated more of English spirit than in the army or, indeed, in any other manifestation of the nation's activities. The spirit of Drake and Nelson still dwells in the fleets, and the men who live under the white ensign preserve the same daring, endurance, and humanity as the seamen who defended the British shores in the days of Elisabeth".

Essa continuidade do espirito das gerações que elevaram sobre o mar o "throno" de Albion é que dá á sua armada uma formidavel energia e á sua Thalassocracia uma vitalidade immensa. Não ha improvisações que lhe possam trazer graves falhas. Cada progresso da arte naval ingleza está cavilhado pela pratica, pela experiencia, pelo passado. Tudo nella é um resultado de causas encadeadas, fatal e inilludivel.

Nós brasileiros temos oito milhões de leguas de costa a defender. Não ha communicações fluviaes ou ferroviarias directas entre o Norte e o Sul do paiz, de maneira que qualquer inimigo, dispondo de certa força naval, poderá bloquear o Brasil, dividindo-o em dois, impedindo os Estados, da Bahia para cima, de soccorrerem seus irmãos meridionaes.

Somos, na America do Sul, o unico povo que tem tradições de lutas navaes. Não podemos deixar de estar continuamente de olhos voltados para o oceano, procurando cada vez mais melhorar a nossa marinha de guerra. Para fazel-o bem, não devemos esquecer o esforço naval britannico — o maior dos ultimos tempos, — appellando para elle, afim de que nos guie e que, devido aos seus ensinamentos, no momento em que formos atacados por qualquer nação, o que queiram os numes jamais aconteça, estejamos aptos a realizar no nosso continente o esforço naval brasilico, que encha de admiração o mundo.

Em funcção dos ensinamentos praticos da guerra e dos ultimos progressos navaes, especialmente dos de construcção, tão palpitantes para a nossa vida, nenhum marinheiro melhor preparado para nos esclarecer do que o inglez.

João do NORTE.

Inveja A inveja matou Caim, diz o povo, singelamente. Ella tem feito muito peor do que isso, muito peor mesmo.

A inveja mais mesquinha é aquella que os homens de governo, nas autocracias ou nas democracias, votam aos homens de lettras, cujo brilho e cujo talento não os deixa socegar. Essa é soez e baixa.

O homem que escreve nada consegue. Fecham-lhe todas as portas. Cortam-lhe todos os recursos. Se elle vence, é porque foi inamolgavel e teve verdadeiros recursos de victoria; mas é muito difficil. Quasi sempre sossobra, emquanto militares, juristas e politicos fazem as mais faceis e deliciosas carreiras.

Que fazer? As coisas querem que assim seja. E somente os que pensam e escrevem se consolam, lembrando-se que, por pequenina ieveja, Dionysio, tyranno de Syracusa, não podendo igualar Rilaxeno na poesia nem Platão na oratoria e na philosophia, condemnou um aos trabalhos forçados das minas e o outro a ser vendido como escravo em Eginia!...

"Fon-Fon"
29 Julho
1922

Por causa d'Ella!... Um homem alto, emmagrecido, de cabellos brancos e faces fundas, com violetadas molduras de olheiras em redor das pupillas de lobo! Conheço-o de vista, porque todas as tardes, quando passo deante dum dos nossos jardins publicos o vejo passeando calmamente dum lado para o outro, a contar em voz alta os riscos que dividem, ornando-o, o cimento do chão.

Um louco talvez! Outrodia dirigi-me a elle com palavras amaveis, impel ido pela curiosidade de saber a sua vida. Perguntei-lhe geitosamente o que significava a sua attitude. Respondeu-me *ex abrupto*, assim:

— Quando tinha juizo, amei e amei muito! A criatura a quem dei vida e alma vinha encontrar-se commigo neste local. Se tardava, para matar o tempo, contava estes riscos. Entre os dois pontos, ha quarenta e cinco. Daqui até áquelle portão setenta e nove. Depois, ella deixou de vir... E eu venho sosinho contar os riscos, para me lembrar da felicidade que voou!... Acha que sou louco?...

Fiz com a cabeça que não, bati-lhe amigavelmente no hombro e afastei-me.

Passar o panno... Como os sertanejos do interior dos Estados de Nordeste costumavam andar de ceroulas sem calças e camisa sôlta, havia antigamente á entrada das villas e cidades daquella região policias ou guardas locaes e municipaes que faziam parar os mas-tutos, obrigando-os, para ficarem mais decentes e poderem penetrar nas ruas, a metter as fraldas por dentro das ceroulas ou das calças. Faziam isto com esta brusca frase sacramental:

— Vamos, passe o panno!

Ora, ha dias ia eu por uma rua torcicollosa de Santa Thereza, olhando embebecido as borboletas douradas do luar que brincavam nas aguas da bahia, quando encontrei, tomando fresco á calçada de sua casa, um estudante meu vizinho, de camisa e ceroula como os sertanejos nordestinos. E quasi lhe grito.

— Vamos, passe o panno.

Notas litterarias

Atravez dos Estados Unidos. E' este o suggestivo titulo do formoso livro que acaba de publicar o joven jornalista e já notavel prosador Gomes Leite. Nelle reuniu as melhores das suas chronicas escriptas do paiz yankee para um dos nossos vespertinos. Em tudo ha um brilho de phrases que seduz e uma identificação do autor com os assumptos tratados, que profundamente encanta o leitor. Gomes Leite é observador subtil e optimista, que a grandeza da Grande America deslumbrou, mas que soube bem interpretar suas emoções e sentimentos naquella nação prodigiosa. Seu livro merece, em verdade, os melhores encomios.

Lydia. Um pequeno volume do joven escriptor gaucho Ramiro Gonçalves, com um prefacio de Lima Barreto, cheio de sentimento regional e de emoção dadas pelos homens e pelas cousas. Ha nelle evocações plenas de bella tristeza e um esbatido de tons e rythmos que agrada e que prende.

Horas Amargas. Chama-se assim o livro de formosas e sentimentaes poesias de Pedro Correia Dias de Souza. Versos singelos e cheios de melancolia, obedecendo a rimas sonoras e impregnados de profunda emoção. Um bonito livro

67

"A Aspiração" (Collegio Militar) junho de 1922

Que poderemos dizer de Gustavo Barroso? Quem não conhece aqui **João do Norte**? Ha alguem? Ha acaso quem, detre nós, que não tenha lido ainda, ou ainda não tenha ouvido falar na **Ronda dos Seculos** e na **Terra de Sol**? — Gustavo Barroso — o autor desses livros, dessas duas joias da literatura brasileira, havia promettido algo da sua lavra á **A Aspiração.** Prometteu e cumpriu a promessa. E' um conto. Um conto inedito, que deve sair no livro "**Pergaminhos**".

O valor é immenso. **Pergaminhos** está sendo iditado na Europa. Virá em breve, enriquecer a literatura patria e trazer ao Brasil mais uma obra prima. O seu autor é dos maiores contistas brasileiros. Talvez o maior no conto historico, genero de difficilimo cultivo.

Santa Briolanja

"Seria muita costura
Para toda uma somana
Contar-vos da fremusura
Da senhora dona Joanna".

Joham Gomez de Abreu.

Mui fermosa de tudo, alva e loira, dona Briolanja, filha do senhor dom Mendo de Azurára, fronteiro-mór de Arronches, tinha o rosto assombrado de graça como o das imagens e a bôca pequena e vermelha como cereja madura. Ainda era menina, quando morrera sua mãe, e por isso fôra educada no convento de Alconchél, pela abadessa Mumadona de Monsaraz, que se finára em santidade, pallida e triste no seu mongíl escuro.

Moça feita e bem prendada, levou-a o pae para o asseteado solar, onde reunia em justas e montarias os melhores ricos-homens do reino. Mas a orfã não gostava de mostrar-se nesses e outros folguedos. Se nelles aparecia a rogo do velho castellão, era envolta em singéla alva de linho, o rosto circulado por uma oval de branqueta, raros cachos de oiro a brilhar fugidíos, e sem o menor reluzir de joia, muito mais bella assim do que as qué compareciam com ricos vestidos de escarlatim, acítaras de zarza, gorgueiras de cadenilha, corpetes com firmáes de oiro, véus prendidos com fibulas de esmeraldas, dêdos encaroçados com cabuchões e anneis de balaios.

Dona Briolanja preferia ás dansas dos marchatins e da fról granada, ficar na alcáçova, rezando no oratorio de páu preto ou lendo vidas de santos num fólio de rubras letras cabidulas, aberto sobre o facistól de castanho. Desejava voltar para o mosteiro, porque somente lá sabia viver. Maior gôso que nos folgares e chacoinas achava em desfiar o rosario pela crásta, á claridade da lua, em escutar, encostada á misula da janela, a tristura do toque de trindades. Corpo de jaspe e oiro, alma de claro sol!

Mas o fronteiro queria casal-a com um fidalgo de ao pé de Béja, dom Lopo de Montalvão, que por ella andava de amôres desde certo dia de torneio, afirmando em abscondudo e em publico a sua desmesurada paixão. Impelil-a ao mundo era fazer-lhe da existencia tormento de cada instante, porquanto seu espirito se dedicára ao serviço divino, arrastando o corpo para a vida mystica e delle espremendo toda a seiva sensual.

Que dedicasse a alma a Deus pouco importava ao braceiro dom Lopo, rudo homem de guerra, esvasiador de picheis, esposteja-

"Fon Fon" 29 junho 1922

Ao luar Numa destas ultimas encantadoras noites de luar, só eu a pé por uma deserta rua de afastado suburbio, quando ouvi ao longe um som dolente de violão. E, depois, me chegou aos ouvidos uma voz moça que enchia o ar luminoso, cantando estes antigos e batidos versos:

"Dorme, que eu velo seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi!"

A *Judia* de Thomaz Ribeiro! A velha poesia romantica, fóra da moda, que ja desapparecera até dos recitativos nos salões da provincia! A *Judia!* Entretanto, ao luar, aquellas rimas me agradaram, porque me lembraram os encantos mysteriosos das serenatas que eu ouvia do meu pequeno quarto de rapaz, quando acordava pelo meio das noites enluaradas, na pequena cidade onde nasci. E quantas vezes, não fiquei, embrulhado nos lençoes, olhando a prata da lua na vidraça da janella e escutando, ao longe, o planger do violão e os versos da *Judia*:

"Dorme, que eu velo, seductora imagem!"

Balkis Contam lendas orientaes, perfumadas de subtil sensualismo que o rei Salomão, para conhecer todos os encantos da formosa rainha de Sabá, mandou forrar de espelhos o chão da sala em que a recebeu. E por elle viu como, sob as roupagens bordadas a perolas, ella era extraordinariamente bella.

Cada um de nós tem tido na vida a sua rainha de Sabá. E eu, para vêr todos os encantos da Balkis que a sorte me deu, forrei de espelhos a minha alma e nelles vi por todas as faces a alma della.

E não posso dizer qual dellas mais profundamente tenho amado, tanto todas achei extranhamente bellas.

Por isso, sempre que a tenho perto de mim, murmuro commovido como o Salomão das paginas quentes de Mardrus:

— "La benediction! La benediction!"

Ventu salutis

A' hora pensativa do escurecer, uma profunda melancolia me invade. Arrasto os passos preguiçosos pelas ruas movimentadas, indifferente a tudo, como se estivesse sosinho no mais deserto de todos os desertos.

Sobe da minha alma uma saudade tão grande que mal posso definir. E no occaso do sol parece que vejo o occaso de minha vida.

Mas, com um esforço, domino-me de repente e murmuro aquelles dois versos de Lucilius que Nonius repetio:

"Sane... tu solu'mihi in magno moerare,
Tristitia in summa; crepera in ce ventu salutis."

Sim! Sim! porque, como disse esse poeta latino, tu, só tu, és para mim, nessas horas de immensa e indifinivel tristeza, de incerteza profunda, uma brisa, uma aura de salvação!

E a aura da tua lembrança divina me refresca toda a alma, dilúe nella os nevoeiros da melancolia e a perfuma toda de carinho. O' sê bemdita, *tu solu'mihi in magno moerare!*

12 agosto 1922

dor de algáras moiriscas e mangas sarracenas, alma dominada pelos furores da carne. Não se conformava, porém, que entregasse ás austeridades monacáes aquelle corpo de aurora e leite, tão perfeito, que, sem se poderem conter, delle as açafatas diziam maravilhas. Passeiava á noite pelo pateo, olhando os arcos das galarias azulados ao luar, as veias das temporas azoinando, agitado ao memento delicioso daquellas fórmas garridas que lhe descreviam. Parava de repente, imaginando ouvir o som da voz amada, vagaroso e dormente qual o canto duma fonte escondida.

Briolanja, mal dom Mendo lhe falava na necessidade de casar, baixava tristemente a cabeça, beijando com fervor a cruz que lhe pendia ao cólo. Se, para dar-lhe calor e desejos, elle descrevia as festas da maridada, começava a chorar. O fronteiro fez dom Lopo frequentar o castello amiúde. Ella recebia-o com frieza. Evitava conversar de amorios. Escondia-se. O moço querençoso emagrentava. Daquelle continuo desejar vinha-lhe um desgasto de forças que lhe emaciava a tez morena.

Um dia, o senhor de Azurára cedeu aos pedidos da filha e, como estivesse morrinhento, ordenou a dois armigeros fieis acompanhassem-na ao convento de Alconchél. Resolvêra isso, porque soubera que o vulgo a cercava de luminosa reputação de santidade e que bastára pôr as mãos sobre o peito dum besteiro faretrado pelos castelhanos, para de prompto sararem as feridas abosteladas.

O fidalgo de Montalvão tinha intelligencias na frontaria. Alta noite, um cavallo parou, resfolegante, junto ás muralhas do villar e um homem do conto de Azurára tocou tres vezes a busina de chifre. O senhor solarengo debruçou-se no passilho da barbacã e o cavalleiro tredor bradou-lhe que a partida de Briolanja, para o claustro, estava marcada para o outro dia, ao primeiro arreból.

Receiando perder aquella mulher fermosa, como se tentações do inferno lhe atenazassem as carnes, mandou que, na alva do dia, doze almogavres se emboscassem na quêlha do Soveral, a tres tiros de bésta de Alconchél. Quando ella repontasse com os dois acostados na curva do calhe, dessem sobre elles de espadas núas e a trouxessem té a cárçova da honra em violento galope.

Talvez o de Azurára, embora os primeiros desejos de maridança, quizesse vingar o ultrage daquelle rouso que o vilava. Que importava? Besteiros e fundibularios do préstamo apinhavam-se nas quadrellas, de zárdias e brigandinas imbricadas, e, no pateo, brilhariam sessenta lanças, afóra basta peonagem. Haveria rija luta com seus prós e percalços.

Rompeu afinal a manhã. Entre moitas, deitados sobre o pescoço dos ginetes, cobertos com as rodellas de coiro, os doze emboscados espreitavam o caminho. Divisavam-se ao longe, na aberta das frondes dos carvalhos, bicadas de serra, convalles nevoaçados, campos cheios de abesanas, barredos agrestes, cinzeiros de neblinas.

O sol desabrochou por traz dos montes. Raios de oiro varejaram o céu. Ourelas de luz brilharam nas nuvens. Espalhou-se pelo arvoredo grande claridade.

Levantando flava poeira, surgio a pequena cavalgada. A loira filha de dom Pedro montava nevada hacanéa de jarretes finos, que batia canêlos de prata. Ladeavam-na velha creada, oscillando sobre a egua zebruna, e, em palafrens argeis quadralvos, dois soldados fortes, de bracamartes açacalados, porpoens e gargalheiras luzentes.

De chôfre, caío sobre o grupo a gente de dom Lopo. Ecoaram brados de guerra e retinio no macio ar matutino o tape-zape das laminas de aço. A aia abateu desmaiada á borda dum balseiro, emquanto a egua sem governo varava o mato. Os dois guardas rolaram ensanguentados sobre a félga e um dos raptores afocinhou malferido, com a cota esmalhada, os hervaçáes. Briolanja empallidecêra surprehendida pelo ataque, mas não déra gritos nem proferira juras. Na emaciação do rosto debalde se procurariam traços de receio ou indignação, porém se lia alta confiança em mais alto soccorro. O coudél dos almogavres tomou a facanéa pela brida e, á dianteira da escala, galopou para o solar de Montalvão.

O moço apaixonado não dormira um momento, revolvendo-se sem cessar sobre a lisa cobricama de cabrum, que lhe lembrava a maciez daquelle desejado corpo, cuja ab-

"Fon-Fon" - 5 - Agosto - 1922

O menu... Fui ha dias jantar sósinho num hotel luxuoso, cujas janellas abriam para a noite perfumada pelo mar. Estava numa dessas occasiões indescriptiveis em que parece que a alma fica ás avessas e que se não sabe o que pensar e o que desejar.

Quando o *máitre d'hotel* me entregou a lista, fiquei desapontado — um *menu* barato, commum, identico ao de qualquer restaurante da cidade. Os mesmos peixes, os mesmos legumes, os mesmos assados e as mesmas sobremezas.

Pedi meia garrafa de Pontet Canet e meia duzia de ôstras. A espiral-as, senti me cheio de vontades estapafurdias, de appetites extranhos — como o Des Esseintes de Huysmans, e não sei como me contive, como não gritei ao creado que me trouxesse alguns pratos daquelle exotico *menu* do grande pontifice Metellus: ouriços do mar, spondylos, glycomaridas, murexs e outros mariscos raros, peitos de leitôas, tordos com aspargos, filet de javali, galinha com paté de ostras e os saborosos pães do Picenum...

Eu deveria ter nascido em Roma...

Liberdade!... Nunca houve no mundo palavra maior e mais vã. Os guaranys, que viviam sem leis, núa, no amago das brenhas sul americanas, a ignoravam. Os homens civilisados do occidente europeu, que nunca lhe experimentaram os beneficios, tantos são os truques que a desvirtuam e a mascaram, não pensam noutra coisa.

Liberdade! Todos falam nella, todos a elogiam, todos a proclamam e todos a desejam. No emtanto, ninguem a possúe e ninguem, pela força das proprias contingencias humanas, póde possuil-a. A parte material do homem não póde fruir a liberdade. Nenhum, desse lado, deixa de ter poderoso senhor: a avareza, a sensualidade, a ambição. E aquelles que não são dominados por esses e outros peccados e vicios não escapam á tyrannia incontestavel da esperança e do medo, da Morte!

Na humanidade, infelizmente, não póde haver individuos livres; sim almas livres e essas muito raras, rarissimas, porque só das muito grandes fugiu o medo e a esperança deixou o seu dominio.

Liberdade! palavra ôca e immensa como o proprio universo!

"Fon-Fon" 12 Agosto 1922

O Sitio... Dois sujeitos rubicundos, no banco da frente do bonde conversavam. Eu ouvia distrahidamente o que diziam. De repente, um exclamou:

— E o sitio!?!

Prestei-lhes mais attenção. O outro replicou:

— Ah! é optimo!

— E' uma das melhores coisas que tenho visto! continuou o primeiro.

— Sim, maravilhoso, digno de todos os applausos, magnifico!

— Homem, nunca vi melhor!

E, quando pensava que elles se referiam ao estado de sitio, veio a desillusão com estas palavras do segundo:

— E', no emtanto, caro, bem puxadinho mesmo no preço.

— E fica longe do trem, adiantou o primeiro. Mas é um sitio supimpa e tem cada mangueira esplendida! Não ha outro igual; alli em Jacarepaguá! Porém sessenta contos é muito dinheiro!

Eu fiquei furioso e o leitor com certeza está tambem...

69

sencia tanto o maltratava. Mal partiram os homens da cilada, tomou quatro lanças e foi esperal-os mais a valiosa carga, na encruzilhada das Avelleiras.

Apeiados á sombra, sem elmo, refrescando ao ar da manhã as testas bronzeadas, estavam os cinco cavalleiros, quando rompeu na vereda desabrido galopar. O fidalgo adiantou-se, avistando no meio de capellos e sagos de malha o alvor dum vestido. Abrio os braços, açodado, a rir com o rosto todo: a curta ala dos almogavres parou de repellão: e o coudél apresentou-lhe a donzella raptada.

O rebentino mancebo estendeu as mãos, para colher a dona da mais gabada formosura de Portugal. Doirada por uma réstea de luz que deslisava dentre as altas avelleiras, sorrindo, a filha do senhor de Azurára, deteve-o com um aceno e desta sorte falou:

— "Por que mandaste desviar-me do meu rumo! Fiz-te alguma promessa!"

O cavalleiro respondeu querente e estrovinhado:

—"A la fé que nada me prometeste, porém a minha vontade não conhece raias! Desejo-te! Has de ser minha e ninguem te salvará!

Arremeteu para a donzella. Esta o fez parar com um gesto sereno.

— "Hei de voltar para o caminho de Deus, disse com accento seguro. Vim até aqui, porque o Senhor consentio. Na sua infinita misericordia elle quiz salvar-te do peccado, atendendo aos meus rogos. Nunca poderás possuir-me!"

Lopo avançou em furia, arrancando-a brutalmente da andilha reluzente de argentaria e bradando com selvagem entono:

— "Serás minha! Serás minha, diante do altar ou em barregania!"

Apertou-a com violencia de encontro á dura loriga, cobrindo de beijos vorazes os labios carnosos. De repente, cabellos em pé, repellin-a com asco. Estava cingindo nos braços uma velha balôfa, enorme, que, sôlta, baixou a cabeça com empacho, concertando a saia remangada. Os olhos do infanção horrorisado como que saiam das orbitas e os braços penderam trementes. Os soldados, com surpreza e terror, persignavam-se. Os quatro cavalleiros do solar ajoelhavam como diante dum milagre.

A nojenta velha montou sósinha, com vagar, firmando-se na sella atauxiada de prata. Bateu-lhe de novo o raio de sol: faiscou a doirada cabelleira sob a beatilha de rendas; alisou-se a enrugada face como petala de rosa; desappareceram os trapos que a cobriam...

Dom Lopo curvou os joelhos e a santa exclamou em tom de suave reproche:

— "Creatura que só desejavas a carne e somente vias as aparencias vãs, desprezar-me-ias quando se fanassem meus atractivos. Por isso prefiro o meu fiel e divino esposo, que somente deseja a minha alma e nunca a abandonará. Anda remir os teus pecados nas penitencias do claustro! Segue-me pelo caminho de Deus!"

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

(Do livro "Pergaminhos")

"Fon-Fon" 29-7-922

"Fon-Fon" — 5 - Agosto - 1922

Arinos Affonso Arinos foi um dos maiores vultos da nossa mentalidade. Na planicie de nossa litteratura, elle se ergueu com a magestade daquelle burity que descreveu com tão carinhoso enthusiasmo.

Ergueu se e o vento forte do nosso sertão agreste lhe açoitou as frondes pujantes que sussurram para gaudio dos nossos ouvidos. Elle cantou, assim, a grandeza dos espectaculos da sua terra mãe; e, após sua morte, começou em torno do seu nome a grande consagração.

Seu ultimo monumento evocativo é o bello livro que a respeito de suas personalidades de homem e de litterato acaba de publicar o notavel critico e escriptor Tristão de Athayde, que lhe estuda com larga visão a vida, a alma e a obra, após uma conscienciosa explanação de como entende a critica moderna e dos processos que adopta, na analyse justa dos trabalhos alheios. Termina por historiar o seu sertanismo e o caracter e influencia da sua obra.

Tristão de Athayde mostra-se nesse livro o analysta subtil e justo de sempre, o mesmo prosador elegante e castiço dos rodapés domingueiros do *O Jornal*, o mais illustrado competente e equilibrado critico da nossa imprensa cuja erudição corre parallela com o seu bom gosto compassado.

O amor e a mesa Jantava com o meu amigo Claudio França num restaurante frequentado pela gente da moda e pelas cortezãs de alto bordo. Sorvendo uns goles de ouro do meu copo de Chateau Yquem, mostrei-lhe deante de nós, uuma mesa florida, dois gordos negociantes que se empaturravam de *patés* e de coelho *à la matelotte* regado a Chablis, mostrando uma voracidade pouco commum. Claudio sorriu e replicou-me:

— Socrates já dizia que uns viviam para comer e outros comiam para viver. Socrates e nós somos desta ultima classe. Aquelles são da primeira. Não vejo nisso nada de extraordtnario.

Na mesma mesa dos dois comilões, veio sentar-se uma mulher alta, de hombros explendidamente núa. E ambos, a dizer-lhe galanteios, deixaram de se encher de viandas para devorar lhe com os olhos a carnação bem tratada. Levei á bôcca o ouro liquido do meu copo e fiz novo signal ao meu amigo. Elle tornou a sorrir e falou, discretamente:

— Agora, sim, o caso é muito grave. Eu penso, como Hippocrates, que o amor é uma epilepsia passageira...

Os homens e os deuses Creio que ha no meu modo de ser uma serenidade que espanta. Muita genie diz-me que parece nada haver que me possa perturbar. E alguns querem que essa tranquillidade me tenha vindo do facto de ser feliz...

— Que engano! A felicidade só póde dar despreoccupação, mas despreoccupação que uma ameaça séria torna facilmente em pavor. A bôa tempera, a tranquillidade de espirito, mesmo quando mais apparente do que real, como a minha, essa só póde ser resultado da experiencia e, portanto, do soffrimento. E' o triste destino dos homens, desde o berço á morte, dos bancos da escola ao bordão da velhice, aprender soffrendo.

E alem disso, talvez me venha essa apparencia de serenidade e segurança do facto de ter eu seguido, sempre que tenho podido, a divina maxima dos philosophos gregos: "Falar com os homens, como se os deuses me ouvissem, e falar com os deuses, como se os homens me ouvissem..."

"Fon-Fon" - 19 - Agosto 1922

Num jantar elegante, entre flôres e champagne, uma linda senhora queixou-se do trabalho que tinha, havia dois mezes seguidos, de lêr todos os jornaes da manhã, procurando, infructiferamente, nos annuncios, o de uma casa para alugar.

Um addido militar estrangeiro fallou, depois della:

— Infelizmente ainda não temos telegrapho ou telephone sem fio para a Lua, Venus e Marte!

— Por que? — indagou ella, sem entender onde elle queria chegar.

— Para a senhora pedir a um amigo ou a uma agencia de qualquer desses planetas, afim de procurar-lhe alli uma casa, pois creio que na Terra não existe mais.

E ella, com espirito:

— Infelizmente! Talvez os senhorios de Marte fossem menos insolentes que os cá de baixo...

A TERRA DAS SECCAS

Chama-se hoje Redempção a antiga villa de Acarape, no Ceará, á margem da Estrada de Ferro de Baturité e perto desta ultima cidade. Deram-lhe esse novo nome, tão significativo, porque foi a primeira localidade da terra da Luz onde se libertaram os escravos, portanto, o primeiro logar do Brasil em que deixou de haver negros captivos. Isso é uma gloria formidavel que nenhum outro municipio do Brasil pode possuir.

AÇUDE "ACARAPE DO MEIO" - CEARA' — Vista da bacia hydraulica do Açude

Vista da Barragem e povoado.

Sangrando por cima da Barragem, 1/2 metros

Quasi encostado às serras ferteis de Aratanha e de Baturité, o Acarape olha o vasto sertão cearense que as sêccas calcinam e onde se ergue como obelisco natural a celebre Pedra Aguda. E' uma zona formosa e povoada, productora e assás rica, para a qual devem voltar-se com attenção as vistas dos poderes publicos. Na organização dos trabalhos geraes contra as sêccas que affligem o Nordeste brasileiro, patria da raça mais prolifica, audaz e resistente do Brasil antigo, tocou alguma cousa á região do Acarape.

A maior obra que ahi se acaba de construir é o açude do Acarape do meio, que repreza as aguas do rio Pacoty, que descem da serra de Baturité e outr'ora iam perder-se no oceano, abaixo da historica villa de Aquiraz, a algumas leguas de Fortaleza.

Agora, um paredão de alvenaria detem o liquido precioso, que formará um lago nas proximidades da cidade actual de Redempção e mitigará a sêde cruel da terra, das gentes e dos gados no sertão ribeirinho. E' um beneficio magnifico, de resultados incalculaveis para os que vivem ali em aspera e continuada luta contra o meio inclemente da tão querida e infeliz Terra de Sol.

Temos o prazer de offerecer aos nossos leitores alguns aspectos photographicos, tirados pelo sr. Luiz Indio Cordeiro, dessa obra de defesa contra as sêccas nesse longinquo e glorioso municipio do interior cearense, onde deixou de haver escravos no Brasil pela primeira vez!

Que semelhantes trabalhos dia a dia se multipliquem á face do sertão agreste, para que a Terra das Sêccas seja de todo transformada numa Chanaan da sub-raça mais forte do nosso paiz, que os hymnos em prosa de Euclydes da Cunha celebrisaram na sua resistencia titanica ás acções crueis do ambiente, ás armas dos governos criminosos, ás lutas da sua anarchia espontanea, á agrura inenarravel das crises climaticas, ás miserias torpes da politiquice, e, emigrado da terra natal, ás forças dissolventes, mentaes, moraes e materiaes, da Amazonia prodigiosa, onde sobre o alicerce das suas ossadas construiu o imperio e o emporio, hoje mortos, da borracha!

Rio "Pacoty" - Sereno - Repreza do Açude.

"Illustração Brasileira" — Julho - 1922

A ilha Brasil

por João do Norte

NA interessante introducção da sua "Pequena Historia da Literatura Brasileira", após ter resumido as crenças e tradições antigas e medievaes a respeito da existencia das terras americanas, Ronald de Carvalho reporta-se especialmente ao nosso paiz e escreve o seguinte:

"Dentre as diversas ilhas mencionadas pelos escriptores medievaes no oceano Atlantico, como as de Stocafixa, Royllo, Man Satanaxio e Antilia, merece especial referencia uma conhecida pelo nome de Braçir, Braxil, Brazylle ou O' Brasile. Registada pela primeira vez num mappa do Atlas Medicis, de 1351, encontramol-a, depois, em varias cartas, como as de Pzigani, de 1367, e Jefferys, de 1776, com a unica particularidade de variar constantemente de nome e posição, ora surgindo na altura dos Açores, ora nas costas occidentaes das Ilhas Britannicas."

Em apoio das suas asserções, o joven escriptor cita a autoridade de Cronau.

Ronald de Carvalho tem plena razão no que affirma. Uma ilha com o nome do nosso paiz existiu, effectivamente, em muitos mappas e globos antigos. A sua posição geographica variava constantemente e tambem variava sempre a orthographia do seu nome, o mesmo da madeira côr de braza, de que João de Barros fala já nas suas "Decadas", como provinda das ilhas malaias.

No seu admiravel livro "Étude sur les rapports de l'Amerique et de l'Ancien Continent avant Cristophe Colomb", edição de Ernest Thorni, Paris, 1869, Paul Goffarel diz que, nas cartas geographicas da idade media, surge no meio do Atlantico a ilha de Brasie, Berzil ou Brasil. Recorda os mesmos mappas a que se refere Ronald, *apud* Cronau: o de 1351, Portulano dos Medicis, e o de 1367, Picignano (ou Pzigani).

Affirma mais que os geographos Andréa Bianco e Fra Mauro cuidadosamente registaram os appellidos dessa ilha, que ainda figura no mappa-mundi de Ramasio, datado de 1556.

Gaffarel cita ainda outros documentos a proposito da questão. Por exemplo, um curiosissimo atlas manuscripto da Bibliotheca da Faculdade de Medicina de Montpellier, que consta de 22 cartas e pertenceu ao Conselheiro de Clugny, membro do Parlamento de Dijon, que emigrou durante a Revolução Franceza. Foi desenhado mais ou menos na época do descobrimento do estreito de Magalhães, porque esse nelle está assignalado. Na carta desse atlas relativa á America apparece a ilha Brasil.

Apezar de não haver grande importancia no facto da ilha com esse appellido figurar nos mappas posteriores a 1500, pois nessa época a existencia do nosso paiz tinha sido verificada inteiramente por Pinzon e por Pedr'Alvares Cabral, é notavel a conservação da palavra Brasil, já existente nas cartas anteriores a essa data. Tambem releva notar que, nas proximidades de 1500, a região americana que habitamos não era, parece, ainda Brasil e sim Santa Cruz ou Vera Cruz.

O autor que citamos escreve mais o seguinte:

"Un siécle et demi après la colonisation des Açores par le Portugal, on continuait á placer une ile de Brasil á l'ouest ou au nord-ouest de Corvo. L'atlas d'Ortelius et celui de Mercator en 1569 marquent encore ce nom. L'indetité de ce nom avec celui d'une des plus vastes contrées du Nouveau Monde indiquerait-elle donc quelque mystérieux pressentiment de la découverte du XVIme siécle? Il en est de Brasil comme d'Antilie, ces noms se sont appliqués á des terres inconnues avant d'être fixés definitivement: par le plus curieux des hasards, un bois rouge propre á la teinture des laines et des cotons commença par désigner le pays d'oú on le tira. Malabar ou Sumatra, puis il s'appliqua á une ile récemment découverte oú on crut le retrouver, á Terceira, dans les Açores, ensuite á l'ile inconnue qui nous occupe, et enfin á la contrée américaine qui l'a conservé. Le souvenir de cette ile erraste s'est conservé jusqu'á nos jours dans le Brasil Rock que marquent les cartes anglaises et allemandes á quelque degrés á l'ouest de l'extremité la plus australe de l'Irlande."

Com effeito, Humboldt, na sua "Geographie Américaine", fere o mesmo ponto e o "Hand-atlas" de Stieler, edição de 1867, dá esse Brasil Rock na carta n. 14. Evolução curiosa nas suas minucias, como uma verdadeira pagina de *folk-lore*: a grande ilha ou continente denominado Antilia, a que se referem Pedro de Medina, Picignano, Beccaria, Pareto e Toscanelli, fragmentou-se em numeroso archipelago; a ilha Bracie, Berzil, Braçir, Brazylle, O' Brasile, Brazil ou Brasil acabou, no meado do ultimo seculo, como um simples ilhéo a sudoeste das ilhas Britannicas, o Brasil-Rock, a sua aventurosa e errante existencia na aquecida imaginação dos cosmographos e cartographos dos derradeiros tempos medievaes e dos primeiros do Renascimento.

O nome de Brasil dado a uma ilha ou costa da America Meridional, anteriormente ao descobrimento de Colombo, é um dos documentos basicos daquelles que procuram negar a gloria do genovez, como se, quando uma descoberta é feita, não estivesse de ha muito preparada pelos esforços collectivos. Os grandes homens são sempre symbolos ou resultantes da acção geral continua e anonyma da humanidade inteira. E o desejo de alicerçar melhor qualquer theoria contra o almirante de Isabel, a Catholica, leva os historiadores até a exaggeros.

A existencia da ilha Berzil, Braçir ou O' Brasile, em resumo Brasil, cartographicamente, antes do descobrimento da America, só está definitivamente provada no Portulano dos Medicis e no atlas de Picignano (1351 e 1367). Todos os outros documentos são de datas posteriores. Alguns historiadores accrescentam aos dois documentos acima o globo de André Behain, no qual, dizem, figura o littoral brasileiro, com o seu appellido, e o estreito de Magalhães.

A proposito, na sua "Historia do Mexico", edição de Bonret, Paris e Mexico, 1911, o licenciado Luis Perez Verdia escreve estes periodos:

"En cuanto al globo de Andrés Behain que afirman los inimigos de Colón le servió de guia por estar ali marcadas ya las costas del Brasil y del estrecho de Magallanes, basta reflexionar que el verdadero globo de Behain se hizo en 1492 y en Alemania, cuando ya el descubridor de la America surcaba las aguas del Oceano, y que no es cierto que contenga las islas ó costa del Nuevo Mundo, siendo de advertir que la primeira esfera en que tales datos se encuentran es la de Juan Schoener, descubierta por M. Otte y construida en el año de 1520."

Eis ahi uma prova destruida. As outras duas, no emtanto, não o foram ainda. Se, em verdade, merecem toda a fé, essa ilha antiquissima appellidada Brasil é mais um dos mysterios historicos que encobrem o véo espesso do tempo.

O positivismo, que ainda seis ou oito pessôas apregôam no Brasil, é a estagnação. Eu nunca pude nem poderei comprehendel-o. E dos seus fructos, até hoje, só vi bem maduros os da ignorancia e da hypocrisia.

Não posso admittir que o homem se satisfaça unicamente na acceitação dos phenomenos sem procurar indagar as suas causas profundas, as suas razões mysteriosas, penetrando no intrincamento terrivel das metaphysicas. Eu penso como Lucilius Junior, o poeta do Etna, que elle deve procurar desvendar os mysterios sagrados, indagar das causas ignoradas, conhecer o numero e a natureza dos elementos componentes do universo, e se tudo obedece a uma eterna direcção: *et firma aterno religata est machina vinclo.*

No pelago immenso das incertezas e duvidas, sulcado pela infinita curiosidade humana está todo o encanto da vida. No dia em que della suprimirem a febre da indagação, nada mais valerá.

Assim, canta na manhã lavada fresca o Duque do *Rigoletto*, que se afasta dum encontro de amor. No fundo do scenario que aos poucos se illumina, emquanto a orchestra resôa mais baixo, a sua voz sobe, como a das cotovias, no macio ar matutino!

"La donna è mobile
Qual piuma al vento
Muta d'accento
E di pensier."

E' para a opera italiana veio esta canção daquelle distico celebre que o rei cavalleiro Francisco I escreveu num dos vidros do castello de Chambord:

"Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie".

Mas o domjuanesco inimigo de Carlos V não foi o creador desse dictado feliz, embora menos verdadeiro do que parece. Elle vem de longe, da velha sabedoria popular das gentes greco-latinas. Nós o vamos encontrar numa admiravel fabula de Avianus, mais ou menos com as mesmas palavras: *Feminam nitisquis credidit esse fidem...*

72

"O Jornal" - 29 - Junho - 1922

35

NO'S E A INGLATERRA

Fazendo partir de cada porto militar francez uma grande esquadra em demanda do alto mar, quasi ao mesmo tempo, Napoleão pensava lançar as divisões inglezas que cruzavam á vista das costas da França numa pista errada.

Emquanto a marinha britannica julgasse que taes forças pretendiam realizar uma demonstração naval nas colonias anglo-saxonicas da India ou da America e as buscasse pelo Atlantico em fóra, ficava a mãe patria sem defesa e sem vigilancia, podendo elle desembarcar nas suas plagas, com o armamento preparado em Boulogne-sur-mer, como um novo Guilherme o Conquistador.

Mas, nesse tempo, apezar das náos de alto bordo, das grandes fragatas eriçadas de caronadas, vento e mar governavam mais os navios do que elles se governavam a si proprios. E vento e mar foram contra o ousado plano do Grande Corso. Em primeiro logar, não permittiram que as armadas deixassem todas ao mesmo tempo os seus abrigos. Houve, assim, um atrazo e uma fragmentação na execução do plano geral. Os navios do almirante Missiessy, seguidos pelos cruzeiros inglezes, dispersados por uma tempestade antes dos Açores, não puderam voltar subitamente de sua carreira sobre os seus acompanhadores e esmagal-os. Difficilmente puderam retomar ás suas bases. A divisão retardataria de Villeneuve une-se á hespanhola de Gravina, afim de passar o estreito de Gilbraltar, porém encontra os navios formidaveis de Nelson, o melhor soldado de marinha do mundo.

Ecôa na historia o canhão de Trafalgar. Napoleão lhe responde com o sol de Austerlitz, que illumina a terra sómente para elle, mas illumina o mar sómente para Albion.

Desde esse dia, não se traçam limites á thalassocracia britannica. E' ella que permitte ao principe-regente portuguez fugir para o Brasil, quando lhe foram bater ás portas as coronhas dos soldados de Junot, exercendo de modo indirecto sobre a nossa historia uma acção absolutamente decisiva. Alguns mezes mais tarde é sob o seu poderoso influxo que se abrem os nossos portos ao commercio internacional. E, após os conciliabulos machiavelicos reunidos em Vienna sob a égide de Metternich, quando o despotismo austriaco dá a mão gelada a todas as tyrannias que resurgiam, ainda é a Inglaterra, dona dos mares, que salva as nascentes independencias americanas, negando por elles passagem aos navios e tropas que ousassem tentar as reconquistas.

Abrimos os olhos para a liberdade e verificamos de prompto a necessidade urgente de defender o mar do Brasil. Com velhos navios lusitanos ou com os que acabavam de preparar-se no nosso historico Arsenal de Marinha da praia de São Bento, arranjamos uma esquadra. Com officiaes nascidos no Brasil, que serviam na armada portugueza, e os desta, que adheriram á nossa causa, com marinhagem obtida desses modos e por engajamento de maritimos, os povoamos. Mas ainda não era bastante. Precisavamos de officialidade experimentada, de elementos capazes de nos impulsionar com força para as duras tarefas da guerra naval. Onde os fomos buscar? Na liberal Inglaterra. Vieram officiaes directamente de lá ou de outros paizes onde serviam. Nosso primeiro almirante é o ousado Lord Cochrane, conde de Dundonald, que, obedecendo ao seu espirito de aventura, um dia desapparece do Brasil para se bater na Grecia.

Os nomes dos outros figuram nos annaes da nossa marinha e muitos passaram para as nossas familias. De quando a quando os encontramos. Até perto da guerra do Paraguay, nas lutas platinas e nas revoluções internas, elles figuram continuamente no commando da officialidade dos nossos navios de guerra. E' só desapparecem, substituidos por nomes inteiramente nacionaes, de 1855 em deante. Assim, serviram desde 1822, 1823, 1824 ou 1825, um quarto de seculo, deixando após si uma tradição brilhante, enchendo mesmo quasi sempre com a sua grande bravura as pagins historicas de nossas guerras estrangeiras.

Não foram poucos os officiaes britannicos que se tornaram officiaes brasileiros. Lembremos o audaz John Taylor, commandante da fragata "Nictheroy", a gloriosa, que atravessa o Atlantico e vae apresar os navios portuguezes de commercio á vista dos Açores e das costas do Reino! Não esqueçamos Pascoe Greenfell, gran-cruz do Cruzeiro, commandante do "Caboclo", que combate contra os argentinos, na guerra pela Colonia do Sacramento, sob uma chuva de metralha até cair gravemente ferido; William Parker, o heroico atacante do forte de Itapoan, no inicio da rebeldia farroupilha do Rio Grande do Sul; James Thompson, o valente chefe da afamada escuna "Conceição".

Só estes? Não. Muitos mais, que combateram nas aguas do Prata, por Martin Garcia e a Praça da Colonia, nas do oceano pela libertação do Brasil, nas do Pará, do Maranhão, de Pernambuco e do Rio Grande, pela legalidade e pelo principio da autoridade constituida, como Norhton e David Jevett no Recife.

A lista é mais longa. Além desses citados: Sackville Crosbie, Duncan Macrieght, Samuel Gillet, George Clarense, Roger Gledon, James Inglis, Burnwell John, Ricard Murphi, William March, David Carter, Matheus Welch, George Menson, William January, Francis Clare, Samuel Chester, Ricard e Bartholomy Hayden.

Ainda alguns: C. Rosse, G. Jackson, G. Broon, A. Ryde e B. Kelmar. E, para terminar: Sheperd, Cleuley, Challes, Cowan, Wright, Mosselen, Littscottan, Jell, Wilson, Walles, Chrofton, Nicoll e Watson.

Dos prodromos da nossa vida naval resta uma tradição que ainda se não apagou: o uniforme vermelho, absolutamente de estylo inglez, do nosso batalhão de infantaria de marinha, que nasceu como artilharia de marinha e tem mudado de tiulo uma meia duzia de vezes — infantaria ou artilharia de marinha, fuzileiros navaes, batalhão naval — mantendo sempre, no emtanto, no seu fardamento o traço inconfundivel da primitiva influencia britannica.

Ao lado disso, uma longa, podemos mesmo dizer — tradicional, amizade nos liga, commercialmente, intellectualmente, financeiramente e maritimamente á Inglaterra. Lá sempre tivemos os nossos banqueiros; devemos-lhe o nosso credito. Norteamos a nossa politica externa muitas vezes de accordo com ella. Parece que não temos razões de queixa. Sempre nos correspondeu com a maxima lealdade. E, quando divergimos, duas vezes no maximo, resolvemos essas pendencias por arbitragem, cuja sentença ella brilhantemente respeitou.

Na nossa vida naval, ainda outro forte laço nos liga, tambem tradicionalmente. Continuamente construimos nos seus estaleiros os nossos navios.

O primeiro barco á vapor que teve o Brasil na sua esquadra chamava-se "Correio Brasileiro" e fôra adquirido na Grã-Bretanha, onde tinha o significativo nome de "Britannia". Dahi por diante, os fabricantes inglezes nos deram os nossos melhores vasos de guerra, aquelles que têm vindo para nossas mãos quando inauguramos um programma naval, servem dezenas de annos durante a estagnação subsequente e consequente ao esforço desse programma, e ainda estão em serviço na aurora de outro programma. Será necessario citar os nomes desses navios e os seus estaleiros de origem? Creio que não.

Creio que não, porque são demasiadamente conhecidos e, á excepção de dois ou tres barcos provindos da Italia e da Allemanha, todos os outros, na nossa marinha, nasceram na Inglaterra, desde os que sulcaram as aguas traiçoeiras dos rios do Paraguay até os grandes dreadnoughts que actualmente possuimos. E temos velhos navios construidos nos estaleiros britannicos com decadas e decadas de uso e dezenas de voltas ao mundo, ainda galhardamente em serviço.

Consultadas as nossas tradições navaes e de amizade internacional, no momento em que se pensa dotar a nossa marinha de elementos de instrucção que a tirem do criminoso marasmo em que a puzeram, não resta duvida que a Inglaterra é o paiz indicado para nos ajudar com a melhor e maior efficiencia.

Do lado technico, que por ora não nos compete estudar, é crivel que militem ainda mais poderosas razões. Máo grado os reclamos de outras marinhas modernas ella continúa a ser a primeira do mundo. Deante de sua força, vergonhosamente arriou bandeira, com a sua celebrada homogeneidade, sem combater, a frota allemã. A construcção naval, a artilharia e a tactica inglezas no mar realizaram nestes ultimos tempos progressos taes que se não podem enumerar e commentar num simples artigo. O "Rule Britannia on the waves" continúa a percorrer victorioso os mares do globo. E a experiencia da guerra dá á armada ingleza incontestavel e incontrastavel superioridade.

Que entreguemos, pois, a velhos amigos, a que nos ligam tantas coisas do passado, um pouco da direcção do nosso futuro no mar, de preferencia a amizades novas, ainda sem credenciaes talvez bastantes.

João do NORTE.

"O Jornal" - 22 - Agosto 1922

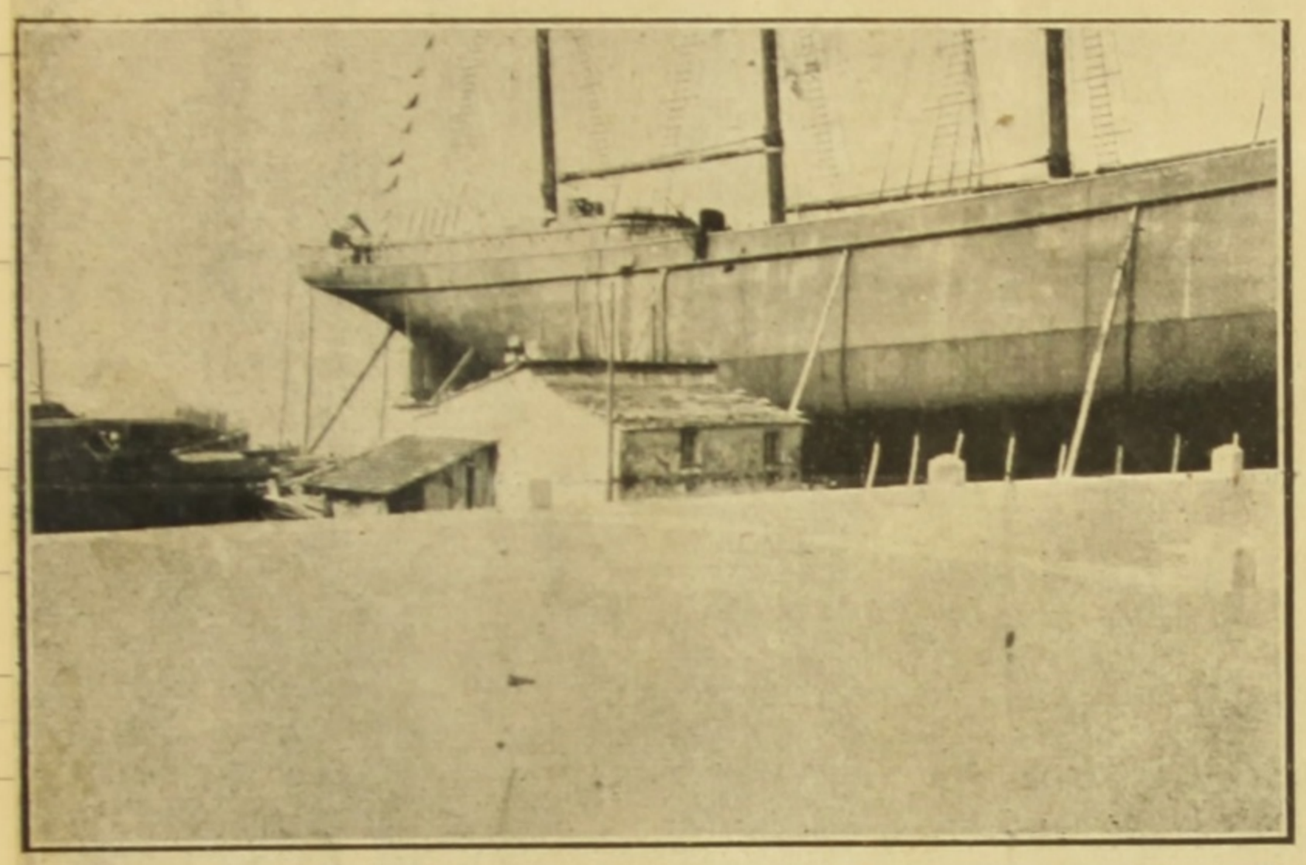
O director do Museu Historico Nacional

O presidente da Republica assignou, hontem, na pasta da Justiça, o decreto nomeando o bacharel Gustavo Dodt Barroso, director do Museu Historico Nacional.

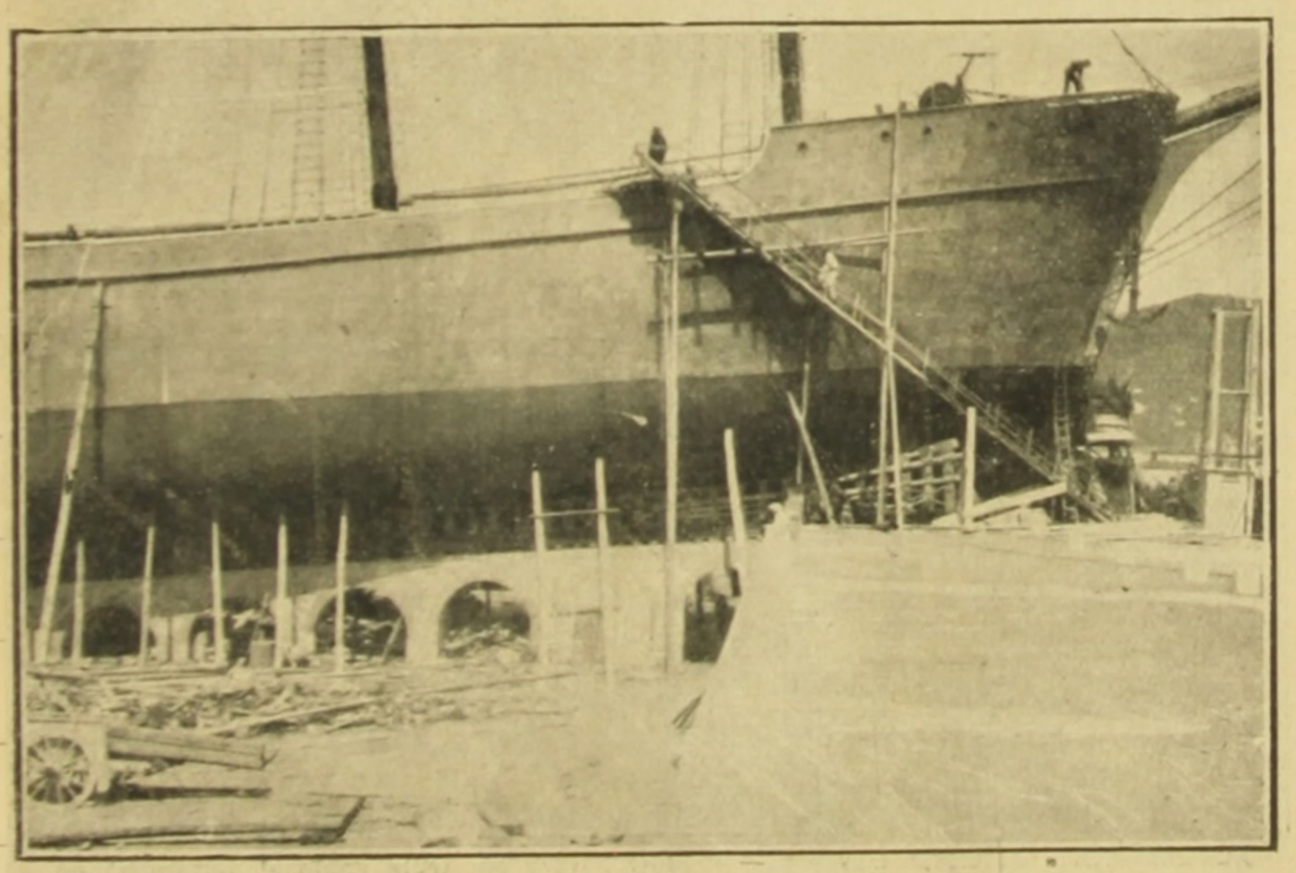
73

"Selecta" 29 Julho 1922

Vista geral do Porto de Lavagna, perto de Genova, Italia. No primeiro plano, uma parte dos estaleiros onde se construiu o « Perseverança ».



Vista da pôpa do barco de cimento armado « Perseverança », o primeiro do genero construido na Europa.



Vista da prôa do « Perseverança ».

(Serviço especial de *FON-FON* e *SELECTA*

A Marinha Italiana

Num domingo do florido mez de Maio do anno corrente, em presença de altas autoridades e deante duma grande multidão, fizeram-se no Porto di Lavagna, perto da historica cidade de Genova, na gloriosa Italia, as primeiras e optimas experiencias com um navio de cimento armado.

Todo o mundo sabe que a navegação italiana é uma das que maiores progressos ultimamente tem realisado e ninguem pode esquecer os estupendos serviços praticados, durante a Grande Guerra, pelos seus gloriosos navios, tanto da marinha de guerra, como da marinha mercante militarizada.

Assim, não é de admirar que cada dia mais se esforce a Italia pelo desenvolvimento desse magnifico instrumento de progresso, especialmente em materia de construcção naval, assumpto em que é, sem duvida e sem favor, uma das maiores potencias mundiaes.

A embarcação de cimento armado a que nos referimos e que fez experiencias admiraveis no Porto di Lavagna, tendo sido lançada ao mar com rara felicidade, chama-se «Perseverança», nome que é symbolico do esforço nautico italiano.

Essa *motonave* foi construida nos magnificos e afamados estaleiros da grande sociedade *Nica*, que tanto ultimamente se tem avantajado nesse difficil genero de trabalhos.

A construcção foi ideada, planejada, dirigida e acabada pelo notavel engenheiro Galhigani, actualmente Director Geral da referida sociedade.

O que torna esse curioso navio ainda mais digno de attenção é o facto de ser elle o primeiro barco a vapor de cimento armado lançado ao mar num paiz europeu, pois até agora somente os Estados Unidos tinham realizado construcções dessa ordem, sobretudo veleiros.

São os seguintes os caracteristicos do *Perseverança*: navio motor com velas auxiliares e cinco mastros singelos, com 75 metros de comprimento, 14 de largura e 8 de altura, 3.000 toneladas de calado, 7 nós de velocidade por hora e dois motores de 160 cavallos-vapor de força cada um.

Publicamos, para melhor elucidação do assumpto aos nossos leitores, algumas photographias do barco em questão, do seu lançamento e do bello logar da formosa Italia onde foi construido.

"Fon Fon" 12 Agosto 1922

Notas litterarias *O Inconfidente*. Com este titulo publicou o polygrapho pernambucano Zeferino Galvão um bello romance, já em terceira edição, com paginas de notavel erudição historica, a respeito da tragedia da Inconfidencia, epilogada na forca cruel do largo da Lampadosa. Nesse livro ha trechos de verdade e de vida que muito merecem da critica e muito honram o seu autor.

A presidencia da Republica. Chama-se assim uma das ultimas obras de Otto Prazeres, operoso secretario da Presidencia da Camara dos Deputados. Nella, baseado em constitucionalistas notaveis e documentos officiaes contemporaneos, o autor estuda minuciosamente a origem da nossa forma de eleição presidencial e todas as questões referentes á ultima eleição de presidente da Republica no nosso paiz, comparando-a com casos identicos occorridos no estrangeiro.

Maison de modes... Com a construcção de passagens subterraneas e aereas, assim como de novas estações, para a sua electrificação, ha um reboliço de demolições e andaimes por todas as *gares* suburbanas da Central do Brasil. O outro dia parei numa dellas, por acaso, creio que na do Engenho de Dentro, e me chamou a attenção um pardieiro derreado sobre a nova muralha de granito. Devia ter sido pintado antigamente de vermelho, mas agora tinha o reboco todo chagado, mostrando as armações apodrecidas das taipas. Era uma miseravel casinhola de porta e janella, deitando para a rua parallela ao leito da estrada ferrea. No alto da platibanda desmantelada, lê-se ainda isto:

Maison de modes.

Lá naquelle suburbio distante imagino de que *modes* essa *maison* seria...

74 "O Jornal" - 3 - Agosto - 1922

Haakon VII e a Politica Norueguеza

Entre os paizes que mais brilhantemente se farão representar na grande commemoração do Centenario da nossa independencia, figura em um dos primeiros logares a Noruega, com a qual desde mais de um seculo mantemos estreitas relações de ordem commercial e desde sua separação definitiva da Suecia as mais profundas relações de amizade. Sendo essa nobre, pacifica e industriosa nação escandinava uma daquellas cujo commercio e cuja affeição mais profundamente nos interessam, por multiplas razões, serão patrioticos todos os esforços feitos para tornal-a conhecida intimamente no nosso meio, onde cada vez mais se estende a sua sympathia.

Desta sorte, passando hoje o anniversario natalicio do seu soberano constitucional, Sua Majestade Haakon VII, nada mais opportuno do que fazer uma como recapitulação dos acontecimentos politicos desenrolados na Escandinavia, cujo primeiro resultado foi a elevação ao throno desse principe digno e instruido, sereno e forte, filho duma velha raça real que tem dado varios reis á Europa.

A Noruega, que teve outrora brilhantes periodos de independencia nacional, que foi a patria dos aventureiros maritimos que se derramaram á face do mundo, enxameando pela America Septentrional, pela França, pela Moscovia, pelo Mediterraneo e pelo Oriente, que viveu algum tempo unida á Dinamarca e por ultimo se ligára á Suecia, separou-se desta, pacificamente, em 1905. Continuou, no emtanto, a se reger pela constituição de 1814, que estabelecera uma "monarchia limitada e hereditaria". E o seu parlamento ou "Storthing" escolheu para soberano o principe Frederico Carlos Jorge Waldemar Axel, filho segundo do rei Frederico VIII da Dinamarca, neto de Christiano IX, o "Sogro da Europa", que nascera em Charlottenhund a 3 de agosto de 1872 e casára em 1896 com a princeza Mand, filha de Eduardo VII, rei da Inglaterra.

Quando o "Storthing" norueguez o elegeu, em 18 de novembro de 1905, elle era tenente da marinha dinamarqueza. E a sua coroação realizou-se em Trondhjem, a 22 de junho do anno seguinte, sendo, então, cunhada uma linda medalha commemorativa.

A obra separatista fôra effectuada na Noruega por um dos seus maiores estadistas, Michelsen, que soubera habilmente organizar o "Samlingsparti", o grande partido de concentração nacional, a cujos esforços se devia a instituição do novo throno. Subindo a elle, o principe dinamarquez conservou no poder o grande politico que tornára a patria independente, o qual se esforçou por manter a união dos partidos, como quando se lutára pela separação. Michelsen esteve no poder até 1907, sustentando uma terrivel luta politica contra a opposição chefiada por Bernar e um seu antigo ministro da Fazenda, Gunnar Knudsen. Nessa data, sua saúde precaria obrigou-o a pedir demissão e a retirar-se da vida activa, recebendo, ao deixar a pasta, manifestações e homenagens, tanto dos partidos que o apoiavam, quanto daquelles que o combatiam.

O filho do rei da Dinamarca que cingiu a corôa da Noruega creou logo uma real e profunda popularidade, tornando-se dia a dia um soberano illimitadamente norueguez, adaptando-se aos usos e gostos da sua patria adoptiva, encarnando o seu espirito de liberdade, de ordem e de progresso, identificando-se com suas aspirações e actuando, com moderação e intelligencia, na sua politica.

Para substituir Michelsen, como chefe do Ministerio chamou Lovland, continuador das tradições e dos planos daquelle, seu antigo ministro do Exterior, que esteve pouco tempo no poder.

Como estivesse realizada definitivamente a obra do grande estadista norueguez que conseguira a separação, isto é, a vida independente da Noruega, a sua rota nacional traçada, segura, sem receio de influencias estranhas, dissolveu-se naturalmente a liga dos partidos e elles começaram a lutar entre si em torno das varias questões e problemas a resolver dentro e fóra do paiz. Nestas condições, o rei entregou o governo a Gunnar Knudsen, chefe da opposição, apezar de suas tendencias republicanas que o tinham feito deixar o gabinete Michelsen, nos dias de separação, quando este resolvera que o governo do paiz seria monarchico e agira em favor da escolha do filho segundo do soberano dinamarquez. O ministerio organizado por Knudsen, apoiou-se ora no partido moderado, ora no socilista, continuando em certos pontos a acção de Michelsen, especialmente no prestigio dado ao grupo politico Temperante ou dos Abstinentes, esforçando-se pela prohibição das bebidas alcoolicas no territorio nacional.

A evolução politica, social, economica e financeira da Noruega sob o governo de Haakon VII é de todos os pontos de vista verdadeiramente notavel. Deu-se o direito de votar ás mulheres de mais de 25 annos de edade que paguem imposto sobre uma renda determinada ou sejam casadas com um homem que contribua com a mesma quantia para o erario publico. E logo no primeiro anno de execução da lei 300.000 mulheres puderam votar!

O patriotismo do soberano norueguez fez com que elle apoiasse tanto quanto possivel o governo Knudsen, sob cuja égide se votaram leis que republicanizaram o paiz, pezar da sua forma monarchica. Uma dellas é a que nega ao soberano o direito de dissolver o parlamento; a outra a que declara que, no futuro, os reis norueguezes não serão mais coroados. Tomarão posse como um chefe de Estado vitalicio e nada mais. A alta cultura, o maravilhoso progresso e as condições de vida dos paizes como a Noruega não permittem mais as realezas á antiga. E tambem a alta cultura e o nobre caracter dos principes educados severamente e aptos para a carreira governamental, como S. M. Haakon VII, fazem delles mais chefes de Estado profundamente democratas e esclarecidos do que soberanos pessoalmente poderosos como os de antanho.

Essa alta comprehensão dos seus deveres constitucionaes e patrioticos, que os principes dinamarquezes e o rei norueguez têm em alto grão, deu origem a uma curiosa anecdota de critica, ou melhor de satyra, sobre as pseudo democracias da America, que se contava em Paris ao tempo da Conferencia da Paz. Verdadeira ou não, ella é um symbolo completo da enorme differença que separa, na comprehensão dos seus deveres e na limitação dos seus poderes, um soberano escandinavo e um presidente americano.

Narravam que, quando o presidente Wilson fôra apresentado ao rei da Dinamarca, este lhe dissera:

— Tenho o prazer de vivamente felicitar v. ex.

— Por que? interrogou Wilson.

E o rei replicára com um sorriso de funda ironia:

— V. ex. tem a fortuna, neste seculo de liberdade, de ser o monarcha absoluto dos Estados Unidos durante quatro annos, emquanto que eu — pobre de mim! — sou presidente da republica da Dinamarca toda a minha vida!

No governo democratico e habil do rei Haakon VII, a Noruega foi reorganizada militarmente, por causa da curta duração do serviço militar, tanto dos soldados como dos officiaes, e desenvolveram-se fortemente todos os recursos economicos do paiz, explorando-se minas e florestas, aproveitando-se as quédas de agua, incentivando-se a construcção naval, augmentando-se as rêdes ferroviarias, favorecendo-se a industria do tourismo a que o paiz muito se presta. Tambem se effectuaram muitas reformas sociaes e operarias, como os seguros nacionaes contra a invalidez, as caixas de soccorros contra a falta de trabalho, a assistencia aos pescadores victimas de accidentes, a pesada tributação sobre as bebidas alcoolicas e o ensino obrigatorio do "landsmaal", isto é, da lingua norueguеza, formada pelos dialectos ds diversas provincias da monarchia e contraposta á antiga lingua official, o dinamarquez ou "rigsmaal". Na politica externa, Haakon VII soube manter excellentes relações de amizade com todos os outros povos da Europa, da Asia e da America.

Pouco tempo após sua coroação, o rei da Noruega visitou Londres e Paris. Visitaram-no varios chefes de Estado: o Kaiser, Frederico VIII, da Dinamarca, o rei de Sião, Eduardo VII e o presidente Falliéres. As relações com a Suecia, de quem se separára pelo tratado do divorcio de Karlstad, sempre foram correctas e amigaveis. E as grandes potencias européas tornaram-se garantidoras de sua neutralidade internacional.

Nenhum paiz e nenhum soberano a mantiveram com mais honra e correcção maior, durante a grande guerra, quando seu commercio e sua marinha soffreram horrores, do que a Noruega e o seu culto e sympathico rei, cujo nome, eminentemente significativo e nacional, recorda aquelle celebrado Haakon Haakonsson, o centralizador do poder real, o annexador da Islandia e de Groenlandia, Haakon V, o inimigo da nobreza feudal, Haakon Magnusson que punha tambem á cabeça a corôa da Suecia.

João do NORTE.

36

"Fon-Fon" - 5 - Agosto - 1922

A' sahida do posto telephonico, ella passou por mim, tão perto que senti todo o seu estonteante perfume. Ia toda de negro, com um grande chapéo desabado, onde uma ave exotica esquecêra a sua cauda ornamental. A luz do sol morreu no oiro dos seus cabellos. E a fulgurante radiação do dia desmaiou deante do seu esplendor!

Meus olhos acompanharam-na de longe, por entre a multidão marulhosa da Avenida. Subio ligeiramente num taxi e desappareceu como uma visão. Ficou na minha alma a claridade da sua rapida passagem, nas minhas narinas a suavidade do seu perfume e nos meus olhos o brilho dos seus cabellos. E eu murmurei:

— Neta retardataria das Walkyrias!

75 "Correio do Ceará" - 19 julho 1922
(Academia Cearense)

"Fon-Fon" 12-8-922

Alba Valdez	1
Alfredo de Miranda Castro	2
Alvaro Gurgel de Alencar	3
Alvaro Fernandes	4
Andrade Furtado	5
Antonino da Cunha Fontenelle	6
Antonio Drummond	7
Antonio Augusto de Vasconcellos	8
Antonio Ferreira dos Santos	9
Antonio Papi Junior	10
Antonio Salles	11
Antonio Tabosa Braga (Monsenhor)	12
Antonio Thomaz (Padre)	13
Antonio Theodorico da Costa	14
Barão de Studart	15
Beni Carvalho	16
Carlos Camara	17
Carvalho Lima	18
Cruz Filho	19
Cursino Belem	20
Fernandes Tavora	21
João Augusto da Frota (Padre Doutor)	22
João Octavio Lobo	23
Jorge de Souza	24
José Lino da Justa	25
José Sombra	26
Julio Cesar da Fonseca	27
Julio de Matos Ibiapina	28
Julio Maciel	29
Justiniano de Serpa	30
Leiria de Andrade	31
Leonardo Motta	32
Matos Peixoto	33
Mozart Pinto	34
Raimundo de Arruda	35
Raimundo Ribeiro	36
Rodolpho Theophilo	37
Salles Campos	38
Thomaz Pompeu Sobrinho	39
Thomaz Pompeu de S. Brasil	40

E' esta a relação dos socios honorarios:

Juvenal Galeno
Clovis Bevilaqua
Theodoro Sampaio
Capistrano de Abreu
Pereira da Costa
Moura Brasil
Cons. Alvaro de Oliveira

A lista seguinte é a de socios correspondentes:

Alvaro Mendes
Eduardo Salgado
Eduardo Studart
Cruz Abreu
Franco Rabello
Benedicto Sidou
Rodrigues de Carvalho
Drummond da Costa
Gustavo Barroso
Oscar Lopes
Bruno Barbosa
Austregesilo de Athayde
Mozart Monteiro
Joaquim Pimenta
Virgilio Barbosa
Bezerra Filho
Mario Linhares
José Albano Filho

Os bastiões da nacionalidade

Uma tarefa digna dos maiores louvores a que tomou sobre seus hombros o escriptor profundamente nacionalista que é Elysio de Carvalho: a de estudar nas suas melhores fontes nossas origens e de commentar com enthusiasmo e com verdade os feitos da nossa brava gente na nossa formosa terra. Nas suas ultimas obras se tem cada vez mais accentuado essa bella tendencia do seu luminoso espirito. E em cada livro de Elysio de Carvalho que sáe á luz da publicidade requinta-se o amor pelos homens e pelas coisas deste grande Brasil.

Depois do "Brava gente„ "Os Bastiões da nacionalidade„ contendo trabalhos admiraveis pela expressão patriotica, pela forma elegante e pela cultura profunda que revelam. Ninguem tem hoje maior somma de elementos basicos sobre o nosso passado do que o autor do "Brasil, potencia mundial„.

Neste seu ultimo volume, de quasi 500 paginas, se contêm estudos, cujos titulos são bastantes para demonstrar seu alto valor pelas theses que synthetizam e que o publico sabe que o talento e o saber do autor desenvolverão perfeitamente. Em primeiro logar, como verdadeiros bastiões da nacionalidade, a Origem do Sentimento Nacional Brasileiro, Nacionalismo e Patriotismo, S. Paulo e o sentimento da Universidade Nacional, e o Libello Nativista contra os Portuguezes. Depois, o Factor Geographico na Politica Brasileira, a Politica de Realizações Positivas e Graça Aranha, Mestre da Vida. Ainda, Leões do Norte, com André Vidal de Negreiros e a Epopéa da Reconquista; a França Eterna e a Historia Militar do Brasil. E por fim: o Brasil e o Rio da Prata, subdividido em Amigos Ursos, Intrigas Argentinas, O Caso de Martin Garcia, Responsabilidade da Guerra do Paraguay, a Batalha de Ituzaingo, a Guerra contra Rosas, o General Maitrot e as Republicas Sul Americanas.

Como se vê, um summario esplendido, florido de patriotismo, de erudição, de critica, de historia, de elegancia espiritual, attingindo themas variados e tocando os mais palpitantes assumptos do nosso passado, do nosso presente e do nosso futuro. Titulo, questões tratadas e intuitos são todos garantia do bello triumpho que terá esse magnifico livro.

Adversus invidiam

Não ha peso maior para uma alma do que a inveja. Invejar deve ser um tortura de toda a hora, um tormento sem treguas de todos os instantes. Talvez até, na sua eterna sabedoria, Deus tenha determinado que o castigo do invejoso seja tão simplesmente ter inveja...

Nesse ponto, penso como os antigos. Os gregos e os romanos tinham desse peccado mortal dos christãos um supersticioso temor. Receiavam-n'o como se receia o contagio duma enfermidade perigosá. Attribuiam-n'o, não ao demonio propriamente, como os catholicos, mas a uma especie de genio, de espirito malfazejo, contra o qual era necessario multiplicar por todos os meios os amuletos defensivos. E os inimigos da inveja tinham sempre á flôr dos labios esta esconjuração:

— *Absit invidia*.

Ah! se os habitantes desta heroica e leal cidade, especialmente os homens de lêttras e os jornalistas, seguissem esse virtuoso caminho, poder-se-ia exclamar como um conquistador persa ás portás rendilhadas do grande palacio de Delhi:

— Se existe uma parte do céo na terra, ella está aqui, aqui, aqui!

"Fon-Fon" - 19 agosto 1922

O Passeio Publico era como que um Parc Monceau do Rio de Janeiro. Impregnava-o o mesmo perfume de tradição e, apezar de ser mal frequentado ultimamente, ainda havia nas suas sombreadas alamedas uma emanação da nobreza dos seus dias de outr'ora. Elle datava de Luiz de Vasconcellos e nelle Mestre Valentim deixára a marca do seu gosto fidalgo. Rodeavam-n'o grades altas com portões estylisados como o aristocratico Monceau. E elle parecia, na quietude dos seus arvoredos, na luminosidade das suas aguas quietas em tanques barrôcos, na profusão das suas hermas commemorativas, o Bosque Sagrado da cidade.

Agora, não. Arrancaram-lhe as grades, entregaram suas aléas ao rodar brutesco dos automoveis, deram o seu recinto como pasto aos olhares indiscretos da rua. Elle é hoje, infelizmente, um jardim como qualquer outro...

76

"Fon-Fon" 5 Agosto 1922

37

CHILE-BRASIL — Uma embaixada de arte

Liga-nos ao Chile uma antiga e enthusiastica amizade, que tanto nós como os chilenos temos o maior interesse em tornar cada vez maior. Agora, no centenario da nossa independencia, se o forte pais amigo

O notavel tenor chileno Pedro Navia, que se fará ouvir no Theatro Municipal.

não deu á nossa Exposição a sombra esvoaçante da sua bandeira, manda-nos uma verdadeira embaixada de arte, composta por dois cantores de fama universal — o soprano lyrico, senhora Tina de Caballero, e o tenor lyrico, senhor Pedro Navia.

Esses dois grandes artistas far-se-ão ouvir no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, acompanhados de vozes brasileiras. Eis o elenco de artistas nacionaes que gahardamente os acompanhará: tenor Nascimento Filho, barytonos Asdrubal Lima e Chermont de Britto, soprano, senhorita Wanda Roum, mezzo-sopranos, senhoras Dolores Belchior e Antonieta de Souza, e senhorita Diva Penna Barros, baixo Ruben Loena. Haverá, para mais ainda abrilhantar as audições, uma concertista de piano, a senhorita Altair Gomes de Souza. A orchestra será composta de 50 professores brasileiros, sob a regencia do Maestro e Director de Scena Silvio Pergili.

Essa admiravel reunião de artistas chilenos e brasileiros realizará seus espectaculos do dia 10 de Agosto proximo, quando estreará, ao dia 20 do mesmo mez, sendo mais que certo o seu grande successo nos nossos meios musicista e social. Alem de varios concertos, representará e cantará as seguintes operas: «Traviata», «Rigoletto», «Bohemia» e «Fausto».

Para tornar conhecidos do nosso publico os dois notaveis cantores chilenos que nos dão a honra de sua visita, bastará dizer que a senhora Tina de Caballero veio directamente de Milão, onde cantou triumphalmente as operas citadas, obtendo os maiores louvores dos mais afamados criticos musicaes daquella capital da Arte Lyrica. Antes dessa sua viagem á Italia, ella cantára, sempre muito applaudida, no theatro de Santiago e no Colon de Buenos Aires. Em Milão, teve como mestre de scena a celebre actriz Thereza Boelli Balrasura e como maestros directores de orchestra o notave Vittorio Podestá e o grande Tullio Serafim.

O tenor Pedro Navia cantou victoriosamente nos maiores e mais celebres theatros

A celebre cantora chilena Sra. Tina Caballero, que estreará no dia 10 do corrente, no Rio de Janeiro.

do mundo: «Scala» de Milão, «Verdi» de Florença, «Regio» de Turim, «Maximo» de Palermo, «Polytheama» de Genova, «Real» de Madrid, «Lyceu» de Barcelona e «Colón» de Buenos Aires. Sua estréa teve logar quando contava apenas 23 annos de idade, tendo feito esplendida carreira artistica.

A encantadora serie de espectaculos chileno-brasileiros será effectuada sob a direcção geral do seu organizador o sr. Francisco Caballero, que encontrou o apoio necessario da parte do nosso governo municipal. Uma parte dos lucros dos mesmos será offerecida a varias sociedades de beneficencia, o que torna a iniciativa por demais sympathica. E, firmando os laços de amizade que prendem a patria do Cruzeiro á terra heroica da Estrella Solitaria, haverá uma festa artistica em honra do nosso Exercito e outra em homenagem á nossa Marinha.

"Fon-Fon" 19-8-922

O pae de Montaigne e os annuncios...

Montaigne conta nos seus *Ensaios* que seu pae, homem experiente e arguto, achava que nas cidades deveria haver um logar onde as pessôas pudessem affixar editaes nas paredes de accordo com um preposto do governo, annunciando: "Je cherche á vendre des perles; Je cherche des perles á vendre; Tel veult compaignie pour aller á Paris; Tel s'enquiert d'un serviteur de telle qualité; Tel d'un maistre; Tel demande un ouvrier: qui cecy, qui cela, chascun salon son besoin„. O illustre francez accrescenta singelamente: "Et semble que ce moyen apporteroit non legiere commodité au commerce public„.

Assim, o pae de Montaigne teve em pleno seculo XVI a exacta visão dos serviços melhores que hoje em dia nos presta a imprensa. E, se elle resuscitasse, com que prazer leria as paginas de annuncios dos grandes diarios matutinos, cuja utilidade seu acurado espirito entrevira nos tempos remotos em que viveu!

"Fon-Fon" 12-8-922

Grande Felicidade

Qual será?

Ninguem sabe ao certo. As opiniões variam. Para saber, por exemplo, a do joven romancista Theo Filho, basta lêr o seu ultimo, interessante volume "A grande felicidade„. E' um bem escripto romance de observação flagrante, absolutamente verdadeira, de typos e de habitos, contendo paginas deliciosas, destinadas ao mais brilhante successo.

"A Grande Felicidade„ é um kaleidoscopio da nossa vida commercial, social e sobretudo amorosa. Em todo elle vivem pessôas que temos o desprazer de conhecer, caricaturados terrivelmente. E cada um de seus episodios é uma faceta da existencia brasileira.

"Fon-Fon" 19-8-922

Do outro lado... Quando se quêr ridiculizar uma moça de vestidos de máu gosto, no Rio se costuma dizer que ella é dos suburbios ou da Praia Grande. Não sei por que esse modo de julgar a interessante cidade do outro lado da bahia, pois admiro bastante a sympathica Nictheroy. Se dos lados das Neves e do Cubango ha trechos feios e sujos, comparaveis aos dos arredores da Central e da Saude, aqui, existem logares verdadeiramente encantadores como Icarahy, Gragoatá e esse lindo parque ao fim da formosa alameda de S. Boaventura.

Injusto o carioca que faz ironia com a Praia Grande, cujos recantos bucolicos muitas e muitas vezes abrigam os amorosos cicios daquelles que, vivendo deste lado da bahia, procuram os passeios encantadores do outro lado... •

Nos salões do Rio

O baile...

Todo o mundo dansava no amplo salão do club, tão cheio que os pares mal se podiam mover. A orchestra atacava um tango americano amaxixado, de asperos sons emigrados da Africa. Eu e um amigo, encostados ao balcão que deitava para a rua, commentavamos a falta de gosto actual, quando de nós se approximou, impeccavelmente elegante com a sua basta cabelleira branca, o Dr. Flôres. Trocámos um aperto de mão e, como proseguissemos na critica aos dansarinos e dansarinas grudados um nos outros, elle disse com o melhor dos seus sorrisos na face escanhoada:

— Isto não é baile. E' colla-tudo...

Vimos o general Caviglia numa recepção official. Entre os fraques escuros dos homens e os vestidos claros das senhoras, resaltava o seu uniforme azul cinza, de campanha, cortada pela faixa colorida de grancruz da Ordem Militar de Saboya. E, alto, desempennado, forte, physionomia energica, poderosa, dava a exacta impressão dum homem de guerra á antiga, dum tribuno ou dum consul romano, chefe da Legião!

A sua figura fez-me pensar na grandeza mascula dos grandes homens que a Italia produz, cheios duma força verdadeiramente espantosa, pelo talento ou pela coragem, cerebros immensos como o mundo, constituições physicas de aço, imaginações ardentes como o fogo: Da Vinci, Miguel Angelo, Cesar, Garibaldi, Bartolomeo Colleoni, Savonarola, Christovam Colombo!

Ha na Europa, actualmente, um paiz que se póde chamar *indesejavel*.

E' a Ukrania, a terra de Mazeppa e dos cossacos zaporogos do arteiro, traidor e feroz Bogdan Chiminielki. Encravando entre a nobre Polonia e a anarchisada Russia dos *soviets*, proxima da Hungria e dos slavos meridionaes, ella faz hoje livre, o que fez nos seculos do fim da idade media, intriga os seus visinhos e, para viver, cria-lhes difficuldades de toda a ordem.

Tantas tem feito que o governo austriaco foi ultimamente obrigado a expulsar do seu territorio a delegação ukraniana. E' o caso de pôrmos as nossas barbas de môlho, pedindo um Deus que de taes *amigos* nos livre um dia, porque dos nossos inimigos melhor sempre nos saberemos opportunamente livrar...

Quando altas grades envolviam o Passeio Publico num mysterio dignificante, a uma certa hora da noite, pouco antes de se fecharem os seus grandes portões de estylo colonial um velho guarda dava pelas aléas tranquillas duas, tres voltas, agitando uma grande sineta, para avisar os frequentadores retardarios do jardim que era o momento de sahir.

Hoje em dia, criminosamente lhe tiraram o gradil defensor; mas á meia-noite em ponto, apezar delle estar aberto a tudo e a todos, o mesmo velho guarda faz soar a sineta, levado pelo habito antigo.

Ha dias, sahindo do Theatro e passando por allí, ouvi-o aquelle som metallico e dolente pareceu-me, em verdade, um symbolo. Julguei que estivesse ouvindo a voz longinqua do passado, que não quer morrer, protestando contra o presente cruel, que deseja matal-o...

Suave convivio E' suave convivio dos livros e é tambem o dos espiritos que se amam. Assim pensam todos os que lêm e escrevem. Assim pensa esse critico subtil e honesto que é o joven Andrade Muricy. Por isso poz esse titulo amavel ao seu volume de ensaios criticos ultimamente editado, no qual estuda com elegancia, sympathia e justiça muitos dos nossos melhores escriptores, mortos e vivos, moços e velhos, da capital ruidosa e da provincia socegada. Entre elles, Lobato e Lima Barreto, Carvalho Ramos e Alberto Faria, Mathias Aires e Pernetta, Pereira da Silva e Dario Velloso, Francisca Julia e Nestor Victor, Hermes Fontes e Graça Aranha, Castro Alves e Farias Britto.

Em summa um livro de bella concepção e melhor execução, absolutamente admiravel.

"Selecta" 5 Agosto 1922

77

Cracovia, antiga capital do Reino da Polonia: o celebre edificio do Mercado das Fazendas.

A CIDADE DE KRAKO

A velha cidade gothico-slava de Krakovia ou Cracovia, fundada pelo lendario Krako, é uma das mais interessantes da Europa inteira. Foi a antiga capital do reino illustre da Polonia e attingio

Castello Real de Wavel em Cracovia, na Polonia: crypta com um tumulo real, o de Ladisláu III.

Arte antiga em Cracovia, na Polonia: o grande e doloroso Crucificado da Cathedral.

a um immenso esplendor nos reinados gloriosos de Casimiro o Grande e de Sigismundo I.

A' sua universidade, uma das mais celebres do universo, que possuia trezentos mil livros e os seis mil manuscriptos celebres da Bibliotheca dos Jageltões, concorriam no seculo XIV mais de quinze mil estudantes de todas as procedencias. Nesse tempo de movimento, de vida e de saber a grande cidade polona era a metropole intellectual da Europa Central. A influencia dos seus estudos e das suas sciencias se fazia sentir do amago da Russia ao interior da Allemanha, dos paizes balticos aos principados do Danubio. E della irradiava o prestigio mental e moral da nação polona, que era nesse tempo a França do Septentrião.

Ainda hoje ella guarda no seu seio as velhas pedras dos monumentos que viram essas epocas de Gloria excelsa. Ainda no cimo da collina de Wavel se ergue o seu sumptuoso Castello Real que recorda o poder e a riqueza dos Casimiros e dos Sigismundos. A' sombra das nobres arcarias da sua vasta cathedral se alinham os tumulos gothicos dos reis da Polonia e dos heróes nacionaes do grande povo opprimido. Sob os doceis rendilhados, debaixo das lapides historiadas e esculpidas dormem o ultimo somno João Sobiesk, o vencedor dos turcos, o elegante e valente Poniatowski e o formidavel Kosciusko.

Outras muitas recordações povoam a cidade antiga e tradicional. Na egreja de Sant'Anna vê-se a sepultura do grande astronomo Kopernico. No celebre edificio do Mercado das Fazendas sente-se a riqueza architectural do XIV seculo.

Nas cryptas do palacio de Wavel estão os sepulcros com estatuas hieraticamente deitadas na tampa dos soberanos desapparecidos.

E á vista dos muros heroicos da velha capital se estende a planicie onde os soldados de Augusto de Saxe se batêram contra os soldados de Carlos XII da Suecia.

78

"Selecta" 5 Agosto 1922 —

38

A EXPOSIÇÃO COLONIAL DE MARSELHA

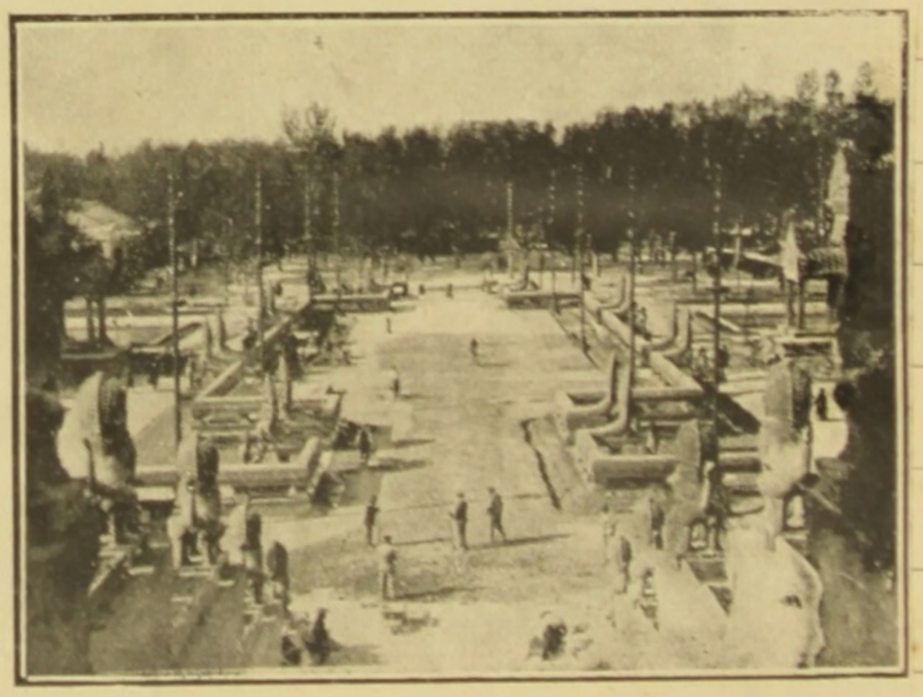
Vista geral da Exposição Colonial de Marselha vendo-se reproduzido o templo de Angkor.

A França possúe o segundo imperio colonial do mundo. O pavilhão tricolor tremula sobre climas e raças as mais diversas e á sua sombra, por todas as partes do mundo, se desenrola o progresso. Cada francez poderá dizer, como Carlos V, que o sol não se põe na sua terra, porque cada uma dessas colonias é qual uma França nova, olhando esperançosa para o futuro. Existe a França amarella que cobre mais de metade da peninsula da Indo-China, composta pela Cochinchina, o Laos, o Annam, o Tonkin e o Cambodge. Existe a França negra que enche a Africa da Argelia ao Senegal, do Dahomey ao Sahara, do Sudan ao Gabon, de Marrocos á Tunisia, á qual se agrega Madagascar. Existe a França oceanica das ilhas da Nova Caledonia ao Tahiti. Existe a França americana das Antilhas e da Guyana.

Todo esse mundo admiravel pelas suas gentes exoticas, pelas suas producções preciosas, pelos seus costumes bizarros, pelas suas riquezas naturaes compareceu este anno á grande Exposição Colonial de Marselha, onde a administração franceza mostrou ao mundo as maravilhas do seu imperio d'aquem e d'além dos mares e o surto de progresso que por todo elle movimenta os seus homens e as suas coisas.

Uma das mais ricas e curiosas exposições que tem havido na terra, desde que se inventaram essas exhibições de alta propaganda. E não se póde negar que a França não poderia ter feito melhor nem maior propaganda da sua vida colonial do que a que realizou nesse assombroso certamen. Todas as suas colonias nelle se fizeram representar com o luxo decorativo das suas architecturas estranhas, com a exotice dos seus aspectos, da sua ethnographia, da sua fauna e da sua flora, com o encanto das suas modalidades tão diversas, transportando no solo europeu um pouco dos seus usos, do seu ambiente e da sua vida.

Viram-se, assim, em plena Provença, nessa lendaria cidade fundada pelos phocenses erguèrem-se os torreões rendados, cinzelados, escarchados de ouro, lavrados como joias finissimas dessa mystica, mysteriosa e vetusta maravilha perdida nas pantanosas florestas da



Vista geral do pateo do Templo de Angkor Wat, na Exposição Colonial de Marselha.

O palacio da Tunisia na Exposição Colonial de Marselha

Aldeia lacustre africana do Cameroun, na Exposição Colonial de Marselha.

Indo China, onde Pierre Loti peregrinou, o templo de Angkor-Wat. O palacio da Argelia ergueu entre a folhagem elegante das arvores a sua fachada clara e o seu torreão ameiado com arcarias moiriscas, columnatas

Uma aldeia typica da provincia do Laos, no Indo-China, reproduzida na Exposição colonial de Marselha.

retorcidas e silhares de azulejo antigo. Nos seus porticos sombrios descançaram spahis de turbante branco e amplo albornoz vermelho. O palacio da Tunisia mostrava o mesmo aspecto quasi, tendo, em vez de arcos

Habitação da Africa Occidental Franceza reproduzida na Exposição Colonial de Marselha.

Por toda a parte, no vasto perimetro do certamen, aspectos tropicaes africanos e asiaticos que davam ao visitante a impressão exacta de estar viajando pelas colonias francezas. Aqui, o pavilhão da Africa Occidental, de taipa tôsca com tectos de palha, copiando em verdade as fazendas do seu aspero sertão, com sebes espinhentas, vegetações bizarras e dromedarios ruminando. Alli, uma aldeia lacustre do Cameroun, o antigo Kamerun allemão, a costa do Camarão dos antigos navegadores portuguezes, com aguas tranquillas em que boiam canôas e nenufares, cabanas conicas na margem ou sobre estacarias, moirões de troncos de palmeira mirando-se no espelho do lago e cardeiros gigantes. Acolá, uma povoação do Laos, lembrando a architectura chineza pelos seus telhados, pelos seus porticos, pela sua ceramica e pelos seus dragões.

Nas ruas e praças, uma multidão de typos raramente vistos na Europa: negros quasi nús, de azagaia; arabes de albornoz, vendedores de refrescos de Marrocos, atiradores annamitas em continencia com armas européas, indo-chinezes puxando carrinhos, os celebres *pousses-pousses* em redor do templo augusto de Angkor.

O vozerio da multidão, a sineta e o pregão dos vendedores, a lufa-lufa dos apressados, o rodar das carruagens, o grito dos muezzins do alto dos minaretes, toda uma vida grulhante e romanesca nessa curiosa exposição, onde se ouviam linguas as mais diversas, e viam-se côres as mais exoticas, costumes os mais disparatados, typos os mais bizarros. Uma revista de mostra do Oriente longinquo, da Oceania selvatica, da Africa ardente e da America portentosa.

Não ha duvida que seus resultados hão de ser os mais beneficos possiveis. Ella foi util de duas maneiras, mostrando ao universo o grande e meritorio trabalho colonial francez, ensinando aos francezes a historia, a geographia, a industria, a economia, o valor immenso do seu vasto e formoso imperio colonial. E, quando dentro de pouco tempo se estiverem colhendo os fructos materiaes de tão bella propaganda, ver-se-á que ella não foi só na historia franceza uma pagina de arte bizarra e original, porém que a sua feição artistica teve grande acção para que alcançasse os admiraveis fins que certamente alcançou.

J. N.

ogivaes moiriscos, arcadas romanas como que tiradas das ruinas celebres de Tingad. O restaurante annamita apresentava-se com as suas lacas transparentes, todo oitavado, e seus tings ou tectos recurvos de te-

O palacio da Argelia na Exposição Colonial de Marselha

lhas miudas. E no meio dessas maravilhosas edificações, batida de sol, a estatua equestre do marechal Gallieni deante dos pavilhões alegres de Madagascar.

O restaurante Anamita na Exposição Colonial de Marselha.

"Fon-Fon" - 12-8-922

O café A "preciosa rubiacea", como dizem ás vezes os jornaes e sempre os pareceres dos membros da commissão de finanças da Camara, é o maior inimigo que existe de quem tem de tratar dum negocio urgente numa repartição publica brasileira.

Na Prefeitura ou na Contabilidade da Guerra, no Arsenal de Marinha ou no Povoamento do Sólo, na Fiscalisação dos Portos ou no armazem de encommendas postaes, onde quer que a desgraçada duma parte procure, para qualquer coisa de seu interesse, o empregado encarregado de despachal-a, o chefe de secção, o director geral, dá de cara com um continuo somnolento e preguiçoso que logo lhe vae dizendo:

— Faça favor de esperar, *seu* doutor Fulano não tarda. Elle foi tomar café e já volta..

Foi tomar café e já volta... E o infeliz espera em vão duas, tres horas. O *tomar café* é, na borocracia, pretexto para tudo para comprar cigarros, buscar o remedio do filho doente em casa, jogar no bicho, *decidir* um chope com um collega, mesmo ir á sua sessão de cinema .. A parte que espere! *Seu* doutor foi tomar café e já volta...

Porque os ministros não baixam todos ao mesmo tempo um aviso, prohibindo os empregados de *ir tomar café*?...

Cuidado com os lobos! Grassa em todo o Rio de Janeiro a epidemia dos chapéos encarnados. Inventaram que essas rubras coberturas estavam na moda e zás! todas as melindrosas de Jacarépaguá á ilha do Governador e de Catumby á Ponta do Cajú nunca mais os tiraram da cabeça.

Num destes sabbados de sol e de multidão vagabunda na Avenida, vendo passar cardumes de mocinhas com toucas e chapeletes vermelhos, um amigo ironicamente me disse:

— Vejo nessa moda um verdadeiro symbolo.

— Como assim? indaguei curioso.

— Ora, conta Perrault que a menina do chapéosinho vermelho encontrou um lobo e foi devorada por elle...

— E?...

— E essas meninas todas dão-me a impressão de andar em busca dos lobos que as devorem... Tenho até vontade de gritar-lhes em plena rua: "Cuidado com os lobos! Cuidado!"

80

"O Jornal" — 11 de Agosto 1922

A CRUZ NA AMERICA

I

A cruz é o mais antigo symbolo de quasi todas as religiões. Nós a encontramos, variando de fórmas, nos mais velhos monumentos da humanidade. Ella apparece nas inscripções, nos estelos funerarios, nos altares, nas pedras dos muros de quasi todos os povos antigos, ora como swastika indú, representando os dois madeiros cruzados, de que se fazia resaltar Agni, o fogo, ora táu egypcio, significando a fecundidade, ora fylfot dos anglo-saxões, amuleto solsticial; ora bastão de Astartéa, em Sidon; ora dois rectangulos cruzados entre os celtas; ora martello runico do Thor escandinavo; cruz palmada de Artemisia, cruz gammada de Thebas, cruz de Malta dos cylindros babylonicos, dhung-fô tibetano, tetraskéle de Belenus — o Appollo da Gallia; ora, ainda, formada por quatro prótomos de cavallos ou de hippocampos, em honra do sol, nas moedas gallo-romanas e nas fibulas de ouro e bronze da Grecia classica. Na India, a cruz surge hieraticamente ornada de leões, elephantes, zebús, chammas e raios. Esse symbolo solar existe por toda a parte. Consultando-se a immensa e variada bibliographia que ha a seu respeito, desde o "La croix gammée on svastika, étude de symbolique comparée", do conde Goblet d'Alviella, até o artigo "Croix", do Dictionnaire das antiquités chrétiennes", do padre Martigny, procurando-se comparar religiões e buscando-se na ceramica e na icnographia dos museus os elementos necessarios, poder-se-iam escrever muitos volumes sobre o assumpto.

Nós, porém, não pretendemos tanta coisa. Após lembrar a universalidade desse signal eminentemente religioso, sómente desejamos mostrar, com o auxilio da documentação melhor possivel, que elle existiu entre os povos americanos, antes do christianismo chegar ás nossas plagas, como existira nos tumulos gaulezes, nos vasos gregos, nos templos indús, nos tijolos chaldeus, nos estélos phenicios, nos baixo-relevos egypcios e nas coifas dos tibetanos.

Paulo Gaffarel, um dos maiores eruditos em questões americanas, affirma, á pagina 219 da sua notavel obra "Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb", edição de E. Thorin, Paris, 1869, in 8°, que o culto da cruz "était repandu dans toute l'Amérique avant le christianisme". A' pagina 287, elle accrescenta que "en Amérique, elle était l'objet d'un culte spécial et á peu pris universellement reconnu. Ainsi Gomara rapporte que les premiers Espagnols qui débarquérent en Amérique, recontrérent des croix sur les tombeaux comme dans nos cimentiéres. Le pére Antonio Ruys fait mention d'une croix miraculeuse trouvée au Paraguay. Un missionaire français, le pére Leclerc, raconte qu'une peuplade des bords du Saint-Laurent allait mourir de faim lorsque apparut un beau jeune homme, porteur d'une croix, qui leur ordonna d'adoser cet instrument de salut: ils obreirent et furent Sauvés. Dés ce jour ils conservirent pour se signe sacré l'adoration la plus profunde. Garcilaso de la Vega assure que les Incas, á Cuzco, rendaint un culte secret á une croix de jaspe: son temoignage doit nous etre suspect, car, en sa, qualité de descendant des Incas, il avait interêt á menager l'amour propre et á flatter l'orgueil de ses vainqueurs; mais ce qui senble prouvé c'est qu'an Brésil, et surtout au Yucatan et an Mexique, la croix était adorée á l'epoque de la Conquête espagnole. Dans un de ces mysterieux bas reliefs de Palenqué, que la science cherche encore á dechiffrer, deux jeunes gens sont representés lui pendant hommage."

Vejamos os grandes historiadores do Novo Mundo como encaram e o que dizem a respeito do culto da cruz entre os povos americanos, antes da vinda dos europeus.

Frei Gerónimo de Mendieta, da Ordem de S. Francisco, escreve, na sua "Historia Eclesiastica Indiana", que data do fim do seculo XVI (edição feita na Argentina Libreria de Mexico, em 1870, por Joaquim Garcia Icazbalceta, limitada a 446 exemplares): "Cuando se descubrió el reino de Yucatan, dicen que hallaron nuestros españoles algunas cruces, y entre ellas una de cal y canto, de altura de diez palmos, en medio de un patio cercado, muy lucido y almenado, junto á un muy solemne templo, y muy visitado de mucha gente devota. Esto fué en la isla de Cozumel, que está junto á la tierra firme de Yucatan Preguntados los naturales, de donde y como habian tenido noticia de aquella señal, respondieron que un hombre muy hermoso habia posado por alli y les habia dejado aquella señal para que de él siempre se acordasen, diciendo que los que en tiempos futuros trajesen aquella señal habian de ser sus hermanos, y que los llamó "los barbados del oriente".

Esta lenda viveu grandemente espalhada entre os indigenas do Mexico, e todos os historiadores da conquista da Nova Espanha della tratam e miúde. Os habitantes daquellas paragens contavam que, havia muito tempo, viera do Norte, coberto de roupas estranhas, trazendo a cruz, um homem chamado Quetzacoatl, que lhes ensinára muita coisa e lhes prophetizára a vinda proxima de conquistadores da sua raça. Depois de morto, elle fôra divinizado pelos que evangelizára e aos quaes déra melhor vida.

Está absolutamente provado que tal lenda existiu entre os naturaes do paiz, que a narraram aos espanhóes. Muitos escriptores, que della se occuparam, deram-lhe como explicação a fabulosa vinda do apostolo S. Thomé ás terras americanas; alguns chegaram mesmo a lembrar que essa mysteriosa personagem fôsse o rei gôdo de Espanha Rodrigo, escapo com vida á batalha do Guadalete e fugido para tão longe da patria conquistada pelos mouros. Se ha uma base verdadeira na origem da lenda de Quetzacoatl, só se pódem admittir duas explicações possiveis: ou elle foi um missionario enviado ás plagas mexicanas pelos christãos nestorianos, que, perseguidos nas provincias asiaticas do Imperio Romano, se acolheram ás cidades maritimas da China, como ás mesmas tinham vindo outr'ora buscar guarida numerosas familias de judeus fugidos ao captiveiro de Babylonia; ou, então, um sacerdote desgarrado dos bandos de escandinavos que exploravam, do IX° ao XI° seculo, a America septentrional — Hellulandia, Marklandia e Vinhandia.

Mendieta lembra mais a existencia, nuns couros pintados, pertencentes aos antigos habitantes da America Central, que estiveram em mãos do vigario de Guaxaca, de verios signaes da cruz, um delles tendo mesmo o corpo dum homem suppliciado e aos seus pés duas mulheres de joelhos.

Orozco y Berra, que é um dos maiores historiadores das Americas, diz que os aztecas tinham mesmo no seu idioma uma palavra especial para designar a cruz. Na sua obra monumental, "Historia Antigua y de la Conquista de Mexico", edição de G. A. Esteva. Mexico, 1880, officializada, não faltam referencias ao culto ou ao encontro da cruz na America. Para provar a honestidade do nosso trabalho, indicamol-as: tomo I, paginas 69, 72 a 81 e todo o capitulo V; tomo II, paginas 195, 346, 403, 512 a 516 e 524; tomo IV, paginas 21, 60, 97, 141 e 230.

Na sua curiosa "Monarquia Indiana", livro IV, capitulo XIV, Torquemada diz que a essa cruz os indios denominavam Tonacacuahuitl, o que quer dizer, ao pé da letra — madeiro que dá o sustento da nossa vida, isto é, o que alimenta o nosso corpo. Veytia interpreta essa palavra de outra maneira: — páu da fertilidade. Este ultimo significado lembra o symbolismo do táu e do martello runico — a fecundidade.

Em todo o Mexico se acharam cruzes celebres: a de Mixteca, de que fala o abbade Javier Clavigéro na sua obra notavel; Boturini, no seu grande livro, e o dominicano Burgôa, na sua "Cronica"; a de Querétaro, a que se refere o douto jesuita Segismundo Tarabal nos seus manuscriptos, preciosamente guardados no collegio de Guadalajara; a de Tianquiztepec, descoberta pelo citado Boturini; a de Cuanhtochco, que o corsario Drake não conseguiu destruir; a de Tepic; a de Mtztitlan, acompanhada do crescente lunar, lavrada no granito, erecta no ponto inaccessivel duma serra; a de Cozumel, cuja existencia affirmam frei Bartholomeu de las Casas e Pedro Martyr na sua quarta Década. Da cruz dos antigos mexicanos disse d. Antonio de Saavedra Guzman, no seu "Peregrino Indiano", impresso em Madrid, em 1599, na folha 23:

"Tienen ali la cruz, y la adoraban
Con gran veneracion y revirencia,
Diós de lluvias continuo la llamaban
Y estaba en un gran templo de absti-
[nencia."

(A seguir).

João do NORTE.

39

"Fm. Gm" 12-8-922

O santissimo homem

Ha tempos, no Ceará, houve um deputado estadoal que, pronunciando um longo discurso laudatorio ao velho governador daquelle Estado, denominou-o pura e simplesmente — *esse santissimo homem que nos governa.*

Logo, os jornaes da opposição e a opinião publica cahiram em cima do pobre politico chaleira e o arrazaram. Ficou elle, desde então, appellidado, para todos os effeitos, "santissimo homem.,,

Sabedor desse caso, sempre me limitei a pensar que elle era um adulador original. Agora, acabo de ter uma terrivel decepção. Nem original o nosso homem foi. Leio nas admiraveis *Saturnaes* de Macrobio que os Cesares romanos eram chamados vulgarmente "Sanctissimi Augusti,,. E um dos glosadores do celebre classico latino accrescenta que na Cidade Eterna davam-se aos Imperadores, habitualmente, os titulos, não somente de *sanctissimi*, porém tambem os de *sacrossancti* e *sacratissimi*.

Ora, pipocas! A gente, de caminho para a sepultura, tem cada surpreza dolorosa!... Cada desillusão!...

62 "Correio Paulistano" 12 julho 1922

A aguia mexicana

Quasi todos os paizes livres nascidos no continente americano crearam para as suas bandeiras e brazões symbolos de accôrdo com a heraldica de sua ascendencia europêa. O Brasil assim os teve muito tempo até que a nefanda influencia positivoide dos primeiros annos da Republica os aboliu, roubando-nos a sphera armillar — signo da expansão da Raça sobre o mar — e dando-nos em logar della um globo constellado á maneira da gente da rua Benjamin Constant... Mas entre as nações do continente de Colombo uma unica foi fiel, no seu pendão nacional, ás tradições dos seus avôs de sangue vermelho, tendo guardado o escudo dos seus indigenas de preferencia ao dos seus colonizadores castelhanos.

Essa patria foi o Mexico. Seu brazão é uma aguia negra, que devora uma serpe, embora pousada nas palmas espinhentas dum cactus. Emblema de sua vida nacional prenhe de difficuldades, em que para vencel-as o seu heroico povo tem combatido com o bico os dragões, embora os pés estejam a sangrar dos nopaes da camanhada! Emblema que lhe foi legado pela gente civilizada que fundou nas aguas dum lago a Veneza Mexicana, que entre as rivalidades dos vizinhos ergueu aos poucos o soberbo throno do ouro do imperio de Anáhuac.

Elle nasceu duma prophecia antiquissima dos oraculos do povo azteca, quando esse descera do norte para as regiões do Mexico, migrando por monte e valle em busca de terras onde pudesse melhor viver.

Então, conta Perez Verdia no seu "Compendio de la Historia de Mexico", (ed. da Viva. de C. Bouret-Paris e Mexico — 1911 — in. 8o, pag. 33), o deus Huitzilopochtli, por meio dos sacerdotes oraculares, preveniu aos aztecas que só deviam fixar residencia definitiva no logar onde encontrassem "una aguila sobre un nopal devorando una serpiente". Após 165 annos de fatigante e perigosa peregrinação, aquella tribu errante viu, emfim! num ilhéo do lago de Tezcoco a ave annunciada e na posição prescripta. "Ese dia fué en opinion de Siguenza el 18 de julio, correspondiendo al año de 1325, segun el Codice Mendocino; y edificaron una capilla al dios, estableciendose en sus contornos, dandole á la nueva poblacion el nombre de Tenochtitlán, que significa **lugar del tunal sobre piedra** ó Mexico, **logar de Mexitli,** que era el nombre que daban tambien a su dios Huitzilopochtli", dividindo a nova povoação, toda de choças de taipa e telha, em quatro bairros, como Romulo e Remo dividiram á Roma primitiva.

Procuremos a respeito opiniões mais abalisadas do que as do autor citado. Orozco y Berra ("Historia antigua y de la Conquista de Mexico" — ed. official na typ. de Gonzalo A. Esteva — 4 vols. in 8 o — Mexico — 1880), depois de falar no grande legislador Aacatl, o Moysés mexicano, que imprimiu ao primeiro grupo azteca um novo nome e um "distinctivo peculiar", affirmando-lhe que Deus falava com elle pela sua bocca e legando-lhe tão profundo sentimento de nacionalismo que a conquista, a colonização e os seculos não puderam apagar, conta de modo diverso a origem da aguia heraldica do Mexico. Diz que esse hieroglypho se prende a uma lenda que talvez se refira ao primeiro conflicto entre os sacerdotes e as sacerdotizas, certamente quando os primeiros tentaram afastal-as do culto. Em abono do que affirma, cita a fabulosa historia da grande feiticeira Quilaztli, que tomava a fórma do animal que queria, e vinha com a primeira migração de aztecas do Septentrião. Uma feita, andavam caçando os capitães Mixcoatl e Xiuhnel, e avistaram uma aguia pousada sobre grande cardeiro (Orozco y Berra — op. cit., vol. III, pg. 72). Quizeram frechal-a e ella assim falou: "Para burlaros, capitanes, basta lo hecho, no me tireis que io soy Quilaztli vuestra hermana y de vuestro pueblo. Enojaron-se los capitanes de que les hubiese burlado, y dijéronla que era digna de muerte por la burla que les habia hecho. Ella les respondió que si querian mataria que hiciesen su poder, mas que algun dia se los pagariam; ellos no la respondieron y fueron-se, y ella se quedó en su arbol..." (vide Torquemada — "Monarquia Indiana", livro II — capitulo II).

Esse encontro, acontecido durante a epopéa da migração da tribu azteca, dá nova feição á origem do brazão mexicano, porêm augmenta as provas da sua antiguidade e da sua significação profundamente nacional. Essa aguia está pintada numa das laminas do famoso Codice Mendocino. Nelle, lord Kingsborough a interpretou como significando o facto dos mexicanos emigrantes, arrojados para o lago pelas tribus vizinhas inimigas, terem ali encontrado uma grande pedra num ilhote, onde uma aguia fizera seu ninho.

Garcia Izcabalceta tirou das palmas do "Conquistador Anonymo" uma descripção do brazão que o mesmo assegurava ter visto e bem notado sobre a porta de entrada do paço do imperador Montezuma. De accôrdo com esses dados, Orozco y Berra escreve textualmente isto (op. cit., vol. IV, pg. 282): "A la puerta principal estaba el escudo de armas y era el mismo de las banderas de Motecuhzoma; consistia en una águila haciendo presa con las uñas en un tigre".

Aqui a aguia mexicana subsiste sempre, mas sua presa em logar de uma cobra é um tigre. Talvez Montezuma tivesse modificado um pouco, no seu reinado, o brazão nacional; talvez o chronista anonymo se tivesse enganado ou tivesse querido dar nova interpretação ás figuras symbolicas que via. Nada tão possivel. O proprio anonymo quiz vêr nessa aguia uma bêsta mais fabulosa. Escreveu: "Algunos dicen que es grifo y no águila, afirmando que en las sierras de Teuacan hay grifos y que despoblaron el valle de Anacetlan, porque comian a los moradores. En confirmación de ello dicen que aquellas sierras se llaman Ciutlachtepec, de Ciutlochtli, que és grifo como leon".

"Que tanto é grifo como leão", esta phrase diz tudo áquelles a quem o manuseamento do vasto folk-lore da humanidade tem provado que, na maioria, as lendas nascem de factos verdadeiros mal interpretados e que grande parte dos bichos phantasticos da antiguidade classica surgiu do que relataram os viajantes ácerca de animaes cujas fórmas elles haviam visto mal nos longinquos paizes percorridos. Entretanto, Motolinia (tratado III — cap. VII — apud. Orozco y Berra — op. cit.) conta o seguinte, que ajuda a nossa these acima: "Estos grifos en figura de grandes águilas que á los hombres se llevaban en las garras, nos parece referir-se al condor, confinado hoy á ciertas comarcas montañosas de la America del Sur" Mas, nas suas "Decadas" (dec. II liv. VII, cap. IX), Herrera affirma a existencia dos grifos: "En esta tierra he tenido noticia de grifos los cuales dicen que hay en unas sierras grandes, que están quatro ó cinco leguas de un pueblo que se dice Tehuacan, que és hacia el Norte, y de alli bajaban á un valle llamado Ahuacatlan... y se llevaban en las uñas los hombres hasta las sierras adonde se los comian..."

A nós, no emtanto, pouco importa que a agua fosse grypho ou não, que em suas garras estorcegasse uma vibora ou um leão-puma, que suas unhas potentes se difacerassem nos espinhos dum nopal ou se apertassem sobre as asperas rochas dum ilhéo; que nella se tivesse transformado a feiticeira ou que tivesse sido o symbolo oracular da fundação da Roma veneziana do lago de Tezcoco. O que nos importa é que esse signo tremulou sobre as tropas de Ilhuicamina, levando-as á victoria, que esse brazão encheu o tympano das portas de entrada dos paços dos imperadores aztecas, que esse hieroglypho exprimiu sempre a alma inconfundivel da nação que os arcabuzeiros de Herman Cortez destruiram, sem poder acabar com o seu profundo nacionalismo, que faz que o Mexico de hoje seja sempre essa aguia valerosa: pés

82

dilacerados nos cactus das convulsões internas mas bico sempre prompto a luctar contra as serpes damninhas dos imperialismos que ousam atacal-o! Esse brazão mexicano é um symbolo tão completamente nacional pelo seu folk-lore, que é quasi uma historia, pela sua historia, que é quasi um folk-lore, que faz verdadeiramente inveja, ainda maior, áquelles cujo paiz, em vez de procurar na raça européa ou nas tradições dos aborigenes o signo inconfundivel do seu sangue e do seu destino, acceitou sem protesto e usa com indifferença a marca que lhe impôz, sem raizes na lenda e na historia, na alma do povo e na vida nacional uma seita notavel pela estreiteza de suas vistas que felizmente está moribunda.

João do NORTE

"Fon-Fon" - 26-8-922

Todas as manhãs, ao acordar, vou a uma das janellas da minha casa, que se dependura na encosta da montanha em frente do mar, e olho os progressos que fez durante as ultimas vinte e quatro horas a destruição do velho morro do Castello. Assim, dia a dia sigo o desapparecimento daquelle immenso barreiro que as baguncias incansaveis escavam e os poderosos jactos de agua corróem. Dia a dia, vejo morrer pedaço a pedaço a collina historica da cidade, outrora coroada pelas cruzes dos conventos tradicionaes e hoje ensanguentada de barro mexido, ferida de morte para sempre. E, ao mesmo tempo que me alegra o estonteante progresso da cidade entristece-me o desapparecimento dum aspecto conhecido e querido, um dos mais caracteristicos do Rio antigo, que nunca mais meus olhos verão. Nunca mais!

O pyjaina Já estou acostumado a vêr quasi todos os habitantes do sexo masculino do Rio de Janeiro, de pyjana, na rua durante o carnaval, á porta de casa ou á janella, diariamente, tomando fresco. Mas até hoje não pensava que tambem se pudesse andar de pyjana em plena via publica, nos dias communs, impunemente.

Pois póde-se.

Não faz uma semana, vinha eu num bonde do Largo dos Leões pela rua 13 de Maio, quando deparo, com espanto, encostado no poste illuminativo da esquina do Theatro Municipal, um cidadão carioca de chinellos e pyjama, olhando tranquillamente os trabalhos de escavação do morro do Castello, por entre a Escola de Bellas Artes e a Bibliotheca Nacional.

Olhei o relogio. Eram onze horas do dia. Decididamente, o pyjama é uma instituição nacional...

Não ha quem, passando pela praia da Gloria e vendo aquella complicação de andaimes, locomotivas, aterros, encanamentos, materiaes, guindastes, palacios em construcção e *tutti quanti*, não faça a si proprio esta eterna pergunta:

— A Exposição ficará prompta para o centenario?

E' verdade que não ha exemplo, no mundo inteiro, duma exposição prompta no dia marcado para a sua inauguração; no emtanto, a nossa parece que está mais atrazada do que qualquer outra. Contemplando o seu estado actual, a gente custa a crêr que a sete de Setembro possa a multidão penetrar no seu recinto e a melhor pergunta que se deve fazer a si mesmo, a respeito, póde ser muito bem esta:

— A Exposição ficará prompta para o outro centenario?

Os pessimitas responderiam logo:

— Talvez!

"Correio Paulistano" 31 Julho 1922

40

Os norueguezes do Sabiáguaba

O sitio Curió, do capitão Antonio Alexandrino, fica meia legua adeante da villa de Mecejana, perto da lagôa da Precabura, formada pelo espraiar do rio Coassu'. De longe, quem o buscar, vindo da estrada do Aquiraz pelos carnahubáes gementes das vargens ou indo da estrada da Fortaleza pelos taboleiros enxadrezados de veredas, avistará a mancha escura do seu coqueiral. Nenhum outro possue tantos coqueiros, tão altos, tão frondosos, tão bellos, tão antigos, plantados ainda ao tempo do capitão mór dos indios da Paupina João da Cunha Pereira.

Fôra esse que o fundára. Vindo de Goyano, em Pernambuco, comprára ali uma posse de terra e construira uma casa. Era no começo do seculo dezenove, ahi por 1801 a 1805. Tempos rudes, naquella afastada e aspera capitania do Ceará-Grande. Um chefe de familia, fazendeiro ou plantador, tinha que ser tudo, mesmo ferreiro, mesmo medico, quando fosse preciso. A casa do Curió ainda existe tal qual o antigo capitão-mór a construiu, singella e baixa, rodeada de alpendres por dois lados. As portas de ripas madeiras com dobradiças de ferro batido, grandes e grosseiras, com fechaduras de bróca de palmo e meio de largura e chaves colossaes. Quando a construiram, ainda não havia lojas de ferragens como hoje, não se tinha onde comprar um maço de pregos cabráes. Até os pregos, portanto foram forjados e batidos de proposito na forja e na bigorna do proprio capitão-mór, para ella. Tempos rudes! Mas a casa centenaria de João da Cunha Pereira lá está, emquanto muitas mais modernas desapparecêram sem deixar vestigios.

Não é muita a terra que rodêa essa antiga residencia senhorial com a sua casa de farinha, tendo bolandeira, e o seu grande engenho de assucar: mas é bastante, toda ella delimitada por vallados profundos em cujas bordas se debruçam as mangabeiras viçosas e as ameixieiras bravas. Casa e dependencias ficam dentro do coqueiral formoso. Para o nascente, alinham-se mangueiras e jaqueiras, debaixo das quaes se elevam montões de estrume tirados do curral dos bois de carro ou da estrebaria dos cavallos, que as gallinhas vão ciscar. Ao norte, um pomar de tangerineiras, de goiabeiras brancas, de araçázeiros grandes, de dois ou tres jambeiros e de uma esgalhada cajazeira. E a passarada naquella ramaria a cantar o dia todo.

O sitio tem uma levada, marginada de ambos os lados por uberrimo alagadiço, onde se planta canna, e que termina na orilha de pequena matta virgem, reserva florestal religiosamente conservada desde os tempos do velho capitão-mór. Um ambiente de tradição, de trabalho e de honestidade brasileira á antiga envolve essa mansão escondida modestamente á sombra dos seus coqueiros seculares, no seio dos taboleiros que se extendem entre as vargeas da Precabura e a estrada da capital.

Por isso, nos meus passeios para aquelles lados, sofrêgamente o busquei sempre, como si as horas que ali passava me enchessem de repouso a alma inquieta pela agitação do meu tempo. Um oasis de bonança, de paz, de tranquillidade profunda naquelle velho sitio. Tudo ali me era conforto. Sentado á mesa tôsca conversava com o seu velho proprietario, o capitão Antonio Alexandrino, que me falava sempre de cousas idas. Levantava os olhos para o tecto de "telhas vans", contando os caibros alinhados. Elle acompanhava os meus gestos. De repente, meu olhar pousava numa especie de moitão de navio, velho carretel de madeira, preso a uma das traves de aroeira que sustinham o telhado, por um torçal de fios brancos. E o capitão repetia sempre a mesma historia:

— Esse carretel está ahi ha mais de setenta annos! Eu devia ter uns seis annos e pouco, quando meu tio Vicente subiu numa escada e o amarrou lá com aquelles fios de algodão aqui do alto tiado por minha mãe. Era para fazer subir um lampeão que clareava a casa toda nos dias de festa. Depois todos os moços e moças irmãos, primos, amigos, se acabaram ou procuraram outras terras, melhores dizem elles, e nunca mais houve festas...

Como aquelles fios brancos e fortes era limpa e forte a alma do velho. Ella não mudára. Tudo se metamorphoseára em torno. Appareceram a locomotiva, a Republica, a electricidade e o automovel, mas no meio daquelles vallados, defendidos por elles, viviam immoveis naquelle homem o espirito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania. E era isso o que a minha curiosidade de escriptor ia procurar na casa centenaria do Curió!

Depois do jantar, eu me sentava ao lado do capitão, num grande banco tôsco, que havia na varanda da frente. Era formado pela reunião de duas taboas de madeira de lei, que tinham de espaço a espaço furos regulares, bem redondos, ficando metade da circumferencia numa das taboas e metade na outra. Os menores estavam approximados de dois em dois. Os maiores ficavam isolados. A' primeira vez em que ali me sentára, perguntei a razão daquelles buracos e, desde esse dia, todas as vezes em que nelle repousavamos após o jantar o capitão repetia invariavelmente a explicação que me dera:

— Isto aqui era o tronco, quando meu pae foi capitão-mór da Paupina. Estava na casa da camara da villa. As duas taboas ficavam uma sobre a outra em posição vertical, presas a mourões de pau d'arco. De um lado, havia uma dobradiça; do outro, duas argolas e um cadeado.

Suas mãos enrugadas alisavam aquellas rudes madeiras, devagarinho. E proseguia:

— Esses buracos pequenos serviam para prender pelas pernas ou pelas mãos certos criminosos, os indios mansos incorrigiveis, os bebedos, os ladrões de pequenas cousas. Esses maiores eram para o pescoço dos que matavam ,roubavam gado, salteavam nas estradas, ou dos escravos fugidos. A's vezes, quando eu era menino, ia olhar a sala do tronco, na casa da camara. Estava cheia de gente. sos me chamavam: Seu Toinho! seu soe mechamavam: Seu Toinho! seu Toinho! chegue aqui! Eu ia. um me pedia um tijolo para calçar o pescoço logo acima dos hombros, outro uma caneca de agua, ainda outro para lhe tirar do bolso o cachimbo, enchel-o de fumo, pol-o á sua bocca e accendel-o. Fazia tudo isso. O soldado de milicia, de guarda, sorria, encostado á parede, com a barretina sobre os olhos. E quando meu pae apparecia — parece que o estou vendo, de chapéo armado e soiças, com um bengalão retorcido — fugia para as salas de minha mãe, com medo da sua severidade.

O cearense velho ficava com o olhar parado no espaço, como a ver todas aquellas scenas que evocava, emquanto o alto canto dos corrupiões vinha do pomar, e eu, insensivelmente, levantava-me daquellas taboas em que tantos homens, justa ou injustamente, havia tantos annos, tinham padecido

Uma feita, além dessas mesmas ecusas, o capitão contou-me um triste caso, ao tocarem suas mãos o buraco grande do centro do banco, como si esse contacto lhe tivesse acordado na memoria o esquecido acontecimento:

— Neste buraco esteve preso, um dia inteiro, pelo pescoço, o Mathias do Sabiáguaba. Você conhece o Sabiáguaba, menino? Não, não conhece. E' um recanto de praia, e bem bonito, por signal, entre a barra do rio Cocó e a barra do rio Pacoty. Ali meu pae tinha uma posse de terra, onde criava bodes, com um morador de confiança, esse Mathias, viuvo, sem filhos, que, numa casa de palha, vivia sósinho com Deus. Uma manhã, andando por cima dos morros, elle avistou no mar um navio grande, todo desarvorado, que, por volta de meio dia, encalhava no areal. Delle desembarcaram seis homens, ninguem sabe de que terra, porque o Mathias não entendeu patavina do que elles contavam. Falando-lhes por signaes, levou-os para a sua choupana, onde elles beberam toda a agua que havia no póte. Estavam morrendo de sêde e deram-lhe a entender que tambem de fome. O Mathias plantára pequeno roçado num baixio. Havia macaxeira de um lado e mandioca do outro. O menino sabe que a macaxeira é o aipim e que a gente a come á vontade, mas que a mandioca mata como o peor dos venenos Pois o Mathias tirou uma braçada de macaxeiras da roça, cozinhou-as e deu-as aos marinheiros. Elles comeram até acabar o ultimo pedacinho, e, como pareciam muito cançados, o morador fez-lhes comprehender que vinha prevenir meu pae, para ir buscal-os num carro de bois, e que elles ficassem ali na sua choupana dormindo sem susto, emquanto elle vinha e voltava com os recursos. Veiu a pé, coitado! Chegou aqui de madrugada, esperou que o dia amanhecesse, falou com meu pae, que mandou preparar o carro e que seguiu na frente com dois homens, a cavallo. Quando chegaram lá, os seis homens estavam mortos, todos retorcidos, no copiá da casa do Mathias, e havia restos de mandioca cozida numa panella de barro. Os desgraçados tinham visto o morador arrancar, lavar e cozinhar as macaxeiras. Na sua ausencia, tiveram fome, foram ao roçado e fizeram o mesmo que tinham visto fazer; porém em logar do aipim, desconhecendo as suas differenças, porque são parecidos de enganar mesmo á gente da terra, prepararam a mandioca brava e se envenenaram. Meu pae preveniu a justiça da capital e mandou enterrar os pobres homens na lombada dum morro, bem defronte do logar onde o navio encalhou. Ha uns bons quarenta annos, quando estive no Sabiáguaba pela ultima vez, havia ainda nesse logar quatro cruzes, das seis que o carpinteiro do Curió fez para as sepulturas.

— O Mathias, então, foi preso neste tronco por suspeitas de ter morto os naufragos até se aclararem as cousas? perguntei.

— Qual o quê, menino! Meu pae mandou prendel-o, porque elle ajuntou um bando de cabocios, roubou uma caixa de bebidas de bordo do navio e apanhou uma carraspana damnada, tendo "desmanchado um samba", na Lagôa Redonda, ferindo a pau e faca tres pessoas.

Passaram-se mezes depois dessa conversa e um dia tive opportunidade de ir até ao Sabiáguaba, a cavallo, com um amigo da redondeza

Naquella praia arenosa e batida de sol, só encontrei duas das seis cruzes de outróra e, em frente, quasi sumida na areia, a pôpa redonda dum antigo veleiro norueguez, onde ainda se liam estas letras: SND... KRIST... NORGE...

João do NORTE

"A Imprensa" - Natal - R. G. N.
27 Agosto 1922

Dr. Gustavo Barroso

Acaba de ser distinguido pelo governo da Republica com a sua nomeação para o cargo honroso de Director do Museu Historico Nacional, o eminente escriptor brasileiro Gustavo Barroso.

Moço ainda o illustre polygrapho se fez um cultor especializado em assumptos historicos e de folclore, tornando-se uma auctoridade na materia.

A sua recente nomeação, pois, importa em reconhecimento ao valor do brilhante escriptor, tantas vezes comprovado em livros versando aquellas particularidades da nossa vida.

O dr. Gustavo Barroso que se tornou conhecido em todo o paiz pelo seu pseudonymo de João do Norte, é hoje um dos escriptores mais fecundos e brilhantes do Brasil.

O numero de seus livros é elevadissimo, todos escriptos com apurado vernaculismo, belleza de phrase e precisão de conceitos

Todo o Brasil applaudiu o livro precioso com que se estrêou — "Terra de Sol" que é o commovido tributo do seu amor ao Ceará.

O seu grande livro de erudição è a "Ronda dos Seculos", em que excellem as suas altas qualidades de escriptor.

Apresentamos ao dr. Gustavo Barroso os nossos sinceros parabens.

"Jornal do Commercio" - XX emprego de serviço militar
[illegible] - 31 - Agosto - 1922

Em 3º lugar fallou o Sr. Dr. Gustavo Barrozo sobre o trabalho de sua lavra denominado: "Inscripções primitivas no interior do Brasil", o qual foi unanimemente approvado, tendo sido o orador ovacionado ao terminar a leitura desse importante trabalho.

"Fon-Fon" - 2 - Set.º - 1922

Loura, de um louro quente e que provoca vertigens, a pelle setinosa e doce, queimada como a de um fructo raro, olhos escuros e profundos, intensos e ás vezes doirados de tristeza ella me encanta sempre a vista e a alma, quando passa por mim, quasi sempre toda de negro...

Tenho vontade de seguil-a sempre, sentindo-lhe o perfume da nuca rosada, onde se retorcem fios de ouro puro sob a cópa do grande chapéo preto, a murmurar-lhe suavemente, quasi ao ouvido, num cicio que a tentasse:

— Petite chose!
— Petite chose!
— Petite chose si bonne!

84 "Brazilian-American" - Rio - 20 agosto 1921

41

BRAZILIAN AMERICAN

THE DELEGADO'S CHICKENS

by

GUSTAVO BARROSO

TRANSLATED BY JOSEPH EUGENE AGAN

It was morning in the office of the Police Delegate of Fortaleza. Seated at his desk Major Ramalho wrote slowly in the big book that recorded all the terms of imprisonment. Outside a monotonous rain fell. From time to time a cold blast of air entered the room.

The clock of the Intendencia Municipal, on the other side of the street, beat ten noisy strokes. The Delegate raised his head, laid the pen upon his desk, extended his calloused hand and sounded the tympan.

A soldier appeared in the doorway.

"Prompto, 'seu' major!"

"Corporal, bring in the chicken thief".

The policeman 'bout-faced and tramped away. While he waited, the officer of the law beat on a document-filled portfolio with his pudgy fingers.

Two minutes later the prisoner arrived. Two soldiers held his arms. A third carried four or five chickens caught at the feet.

"Here he is", said one.

The Delegate surveyed him through a pair of blue spectacles with his keen, beady, little eyes. The prisoner was tall, thin, and very pale. His cheek bones seemed to be trying to break through his skin. The dull shamed eyes were fixed on the floor. His trousers and blouse of coarse cotton fabric were worn and ragged. His breast heaved in an oppressed manner as though he could scarcely breathe. Tears coursed down his sunburnt face. In his pale, bony, trembling hands he clutched an old hat made of carnahuba leaves.

The Major straightened, spread his chest, adjusted the spectacles on his purple nose, coughed importantly, and thundered:

"What is your name?"

The prisoner murmured timidly:

"'Seu' Delegado, hear me, for the love of God!"

"I am not here to listen to whimperings. I asked you what your name is. Come, answer!"

"Joao da Silva", sobbed the prisoner.

"Do you confess that you stole these chickens that you were caught with yesterday at the market?"

"I confess, but I beseech your excellency to judge me from your heart!"

"Speak!"

"I am a 'retirante', a refugee from the droughts. I came all the way from Uruburetema on foot. I live under a cajueiro, in Bemfica. My wife lies ill in a hammock; my two little children are dying of hunger! For three days I have been looking for work and begging for alms. They gave me nothing. In a fence corner, near the Praca dos Coelhos, I saw these chickens. They were scratching in the grass. I pretended that I had corn in my hands, and called them. I caught them. When I went to the Market to sell them, I was arrested. Now, 'seu delegado', what will happen to my family?"... He began to weep. The policemen lowered their heads sadly. Outside, the rain, the "cajú rain" that comes at the end of the year, whipped against the window panes. The Major's lips contracted in a sneer. He laughed:

"A thief's excuses! They are very well known and very old. We dont believe them any more!"

Turning to the guards, he ordered:

"Lock him up until to-morrow afternoon".

He lowered his head and recommenced his work. The soldiers dragged the wretch out. The one who held the chickens remained and after a short silence in which he perceived that the Delegate paid no attention to him, inquired:

"What will I do with these chickens, 'seu' Delegado?"

Ramalho stopped writing but with his head still lowered and his nose redder than ever, replied in a low voice:

"Take them to my house"...

"Selecta" 19 - agosto - 1922

ROMENIA E SERVIA

O casamento do rei Alexandre da Servia e da princeza Maria da Romenia tem uma importancia maior do que parece á primeira vista. Não é uma simples alliança dymnastica que interésse son ente esses dois paizes. Elle interessa a Europa toda e especialmente o mundo slavo.

Nos paizes da Europa occidental, o factor dymnastico é muitas vezes bastante decisivo. A união das duas casas reinantes nos dois paizes amigos, vizinhos e alliados, contribue notavelmente para a firmeza e consolidação do grupo politico da Europa central, conhecido como a Pequena Entente.

O representante do mundo slavo sul oriental esposa o representante do mundo romeno. A dymnastia romena adaptou-se perfeitamente ao paiz que governa. Nacionalizou-se por completo com a educação dada aos filhos dos seus reis, de maneira que hoje encarna os mais vivos elementos da vida romena.

Abre-se assim á missão natural dos povos balkanicos uma nova era historica. A politica inaugurada pela Romenia durante a guerra, prova que ella comprehendeu perfeitamente sua admiravel acção de intermediaria entre o Oriente e o Occidente, entre o mundo slavo e o mundo latino. Identicas condições naturaes, circumstancias historicas, relações seculares com os povos slavos crearam o actual typo romeno, alicerçado na latinidade, mas impregnado de certos caracteres slavos. Os estudos modernos mostram na sua lingua certa porcentagem de elementos slavos, como tambem o uso até pouco tempo do alphabeto de Cyrillo e varias manifestações folk-loricas demonstram a influencia da raça que povoou a Grande Moravia e a Grande Servia. E a communhão religiosa aponta a semelhança da civilisação dos dois povos.

Os actuaes dirigentes da vida politica romena comprehenderam esses phenomenos e buscaram a alliança natural dos seus visinhos e amigos.

Sem perder a sua profunda mentalidade latina, o paiz glorioso de Carmen Sylva poderá ser forte esteio de paz e alavanca da civilização, agindo como ponto de contacto entre latinos e slavos, no cruzamento das grandes rótas historicas onde o destino cego collocou a Romenia e a Servia.

85

"Brazilian-American" - Rio - 25 junho 1921

BRAZILIAN AMERICAN

THE CAMELS OF CEARÁ

by

Gustavo Barroso

(Translation of an article that appeared in "O Jornal")

Some time ago I published on the front page of the "Jornal" a long article on the curious journey of a French painter F. Biard, in our country from 1858 to 1860 which undoubtedly escaped the attention of most of the readers. I recall this fact merely for the purpose of discussing this interesting journey again without being obliged to give new and minute details of it.

Going from Rio de Janeiro to Amazonas the French traveler refers to the various ports at which his ship touched and on page 306 (Hachette Edition of 1862) says the following: "Vers midi on jettait l'ancre devant Ciarra, qui prétand aussi au titre de Fortaleza. Entourée de cocotiers, cette ville est d'un assez joli aspect, bien que pour y entrer il faille traverser une plage de sable. On ne s'y arrete que pour remettre et prendre les depeches. Je voyais passer des animaux qui m'intriguaient beaucoup; ils me paraissaient plus grands que des chevaux et resemblaient á des chameaux. Je ne me trompais pas, c'etaient des chameaux transportés d'Afrique, sans doute par une societé d'acclimatation indigéne. Le pays me parut excellent pour ces animaux, auxquels le sable est familier".

Whoever reads this and is not familiar with the past of Ceará at once comes to the conclusion that M. Biard told a whopper, in declaring that, from the deck of the vessel on which he traveled, he had seen camels on the white, sun-bleached sand of Fortaleza. Nevertheless what he declared he saw, he really saw. There is not a single lie in his whole book. Everything in it is quite reliable.

Upon reading this page by the painter of the portrait of Pedro II, I recalled immediately what I had often read at home during my youth regarding these exotic animals. I remembered that in the middle of the nineteenth century the Imperial Government had attempted to acclimate a number of Berber dromedaries and not real camels in my native State whose climate they supposed to be similar to that of Africa. These ugly beasts, after a short stay in the capital, were sent to the interior and their journey gave rise to a number of interesting episodes.

Along the roads the horses, frightened by the strange appearance of the newcomers, plunged and reared like mad throwing their riders; the mules of the trains fled in terror scattering their burdens about in all directions; children went into spasms; the women hid themselves.the men placed themselves on guard believing these creatures to be wild beasts; and the herds stampeded.

Each time that a new Governor of Ceará took office, he ordered the camels to be brought from the desert and pass in review so that he might see them with his own eyes. After these ceremonies the camels, or rather, the dromedaries, returned to the desert where they fed on the tender leaves of the carnahubeiras. They begot children and these were better looking and less angular than their parents. But in time both these who had come from Africa and those born in Brazil died. A person who was well informed told me once that the animals died because the attempt at acclimatization was not in charge of a competent breeder.

Not having, however, more than these boyhood reminiscences to confirm the declarations of Biard, I resolved to apply to the man who is most familiar with the history of Ceará, Baron de Studart, who resides in Fortaleza and who had devoted both his life and fortune to the study of Cearense history. In his reply he gave me all the necessary data regarding the camels of Ceará.

The Imperial Government ordered them brought from Argel· Fourteen of them, both male and female,left the capital of Argelia on June 21, 1859, aboard the French bark "Splendide", which, after a fair crossing, arrived at Fortaleza on the 24th of July, the same year. The government of Brazil had contracted the services of four Arabs, or rather, Argelians, to take care of them and the purchase was made by Richard du Cantal, President of the Sociéte Française d'Acclimatation, acting under a power of attorney.

After being unloaded they were kept in the Depot of the Camara Municipal for some time and the populace was permitted to view them. Their coming to Ceará was an event that threw into commotion the placid little city and a trip to see the camels was considered a "passeio elegante". One of the animals that had become ill aboard, died shortly after the disembarcation. Of the remaining thirteen, six were sent to Canindé and seven to Quixeramobim.

During the seven year period extending from 1859 to 1866 the dromedaries went through the monotonous process of having children and dying and their children followed suit with the result that at the end of 1866 there were only four left. On October of that year, the Minister of Agriculture ordered them sold at public auction in view of the failure of the government agents to acclimate the African beasts in the Cearense sertao. The sale only took place on February 4th, the following year. Then the four exiles were under the charge of my relative, Colonel Francisco Fide'is Barroso. He knocked them down to Senhor Joao do Carmo for a conto of reis. A ministerial despatch of March 27 approved this sale and the camels of Ceará severed their connections with the government.

Nothing is known regarding their private life from that date on. Perhaps their careers ended in a circus, one of those small shows that do the interior circuit, and take in all fairs and religious festivals. Poor dromedaries!

This was not the only attempt made to acclimate camels in America. I have information regarding a similar attempt in Peru during the Spanish occupation. Abbot Xavier Clavijero treats of it in his Historia Antigua de Mexico, on page 321, volume 2nd, Mexican Department of Fine Arts edition (1917) in the following words:

American Foreign Banking Corporation

Head Office, 53 Broadway, New York.

STOCKHOLDING BANKS

New York.....	CHASE NATIONAL BANK
Chicago.....	CORN EXCHANGE NATIONAL BANK
Philadelphia.....	PHILADELPHIA NATIONAL BANK
Boston.....	MERCHANTS NATIONAL BANK
Newark.....	NATIONAL NEWARK AND ESSEX BANKING COMPANY
New Orleans.....	CANAL COMMERCIAL TRUST & SAVINGS BANK
Pittsburgh.....	BANK OF PITTSBURGH
Portland.....	UNITED STATES NATIONAL BANK
Providence.....	INDUSTRIAL TRUST COMPANY
Richmond.....	MERCHANTS NATIONAL BANK
St. Louis.....	NATIONAL BANK OFCOMMERCE
St. Paul.....	MERCHANTS NATIONAL BANK
Seattle.....	SEATTLE NATIONAL BANK
Springfield (Mass.)	SPRINGFIELD NATIONAL BANK
Tacoma.....	NATIONAL BANK OF TACOMA
Toledo.....	COMMERCIAL GUARDIAN TRUST AND SAVINGS BANK
Baltimore.....	MERCHANTS NATIONAL BANK
Cincinnati.....	FIFTH THIRD NATIONAL BANK
Cleveland.....	UNION TRUST COMPANY
Dallas.....	SECURITY NATIONAL BANK
Denver.....	DENVER NATIONAL BANK
Detroit.....	PEOPLES STATE BANK
Grand Rapids.....	GRAND RAPIDS NATIONAL CITY BANK
Indianopolis.....	FLETCHER AMERICAN NATIONAL BANK
Indianopolis.....	INDIANA NATIONAL BANK
Los Angeles.....	MERCHANTS NATIONAL BANK
Milwaukee.....	FIRST WISCONSIN NATIONAL BANK
Minneapolis.....	FIRST NATIONAL BANK
Minneapolis.....	NORTHWESTERN NATIONAL BANK
Mobile.....	PEOPLES BANK
Toronto.....	STANDARD BANK OF CANADA
Utica.....	FIRST NATIONAL BANK
Washington.....	COMMERCIAL NATIONAL BANK
Worcester.....	MERCHANTS NATIONAL BANK

RIO DE JANEIRO BRANCH

Rua da Quitanda, 129

J. G. Carriker, Manager

"Of all the quadrupeds brought to America, says Mr. de Paw, those that did best were the camels. In the beginning of the Sixteenth Century some were sent to Peru from Africa where the cold weather injured their reproductive organs and they left no posterity. But, passing by the chronological error which he made, it is not proved that the cold weather was the cause of the destruction of the camels in America. The same thing ought to happen in Europe, especially in the countries to the North in which the cold is much more intense than in any part of Peru. Mr. Paw declares that those who attempted to acclimate these animals did not take into consideration the fact that the new regions were unsuited to their constitutions. He does not admit that there are extensive areas of desert land in America like those in which the camel needs for existence. The same experiment was made in Spain and failed. No one will deny that the climate of the peninsula is the most temperate and benign of Europe. The Count of Buffon is of the opinion that these useful quadrupeds could easily propagate themselves in America and in Spain if the necessary precautions were taken and I have no doubt but that they would do well in Nuova Gallicia. Besides this statement that the animals had no issue in Peru is false. Padre Acosta, who was there a few years later, said that he saw numerous offsprings but not as many as might be desired."

From this dissertation of Abbot Clavijero regarding the attempt at acclimating camels in America before the experiment in Ceará, it is inferred that there are doubts regarding the reproduction of these animals in Peru while there is not the slightest doubt that they would breed in Ceará. In spite of such an auspicious result, quite above those obtained in Spain and Peru, this measure taken by the Imperial Government in the interests of the dry belt where it attempted to create a new habitat for an animal of astonishing power of resistance, was a farce like many others.

Of the unfortunate camels of Ceará, there remains but a vague historic recollection.

THE STORY OF AN ILL-FATED EXPEDITION TO THE HEADWATERS O THE MADEIRA RIVER

(Concluded from June 18)

This fact is abundantly proved by the action of the municip council of Cochabamba, which passed resolutions heartily endo sing the Church enterprise and calling upon the Government t "facilitate Colonel Church, a friend of Bolivia, in his action agains the Public Works Construction Company," by the course the people of Santa Cruz, in sending Colonel Church a vote confidence, and by the proceedings of the National Assembly.

The upshot of the whole thing was Colonel Church's enteri into a legal contest with Bolivia, the bondholders and the defau ing contractors; then the companies represented by Colon Church brought a counter suit for damages, resulting from t breach of contract, against the construction company; then th filed a friendly bill in the Chancery against the trustees of t fund in the Bank of England and made the bondholders parti to the suit, the purpose being to free the trust fund and ma possible the continuation of work on the railway. Then t bondholders filed a bill against the railway and navigation co panies, the custodians of the trust fund, the Republic of Boliv and Colonel Church, seeking to restrain the trustees from maki further payments out of the trust fund and to have that fund, wi accumulated interest, declared by the court to be the proper of the bondholders, in case the construction of the railway w pronounced impracticable. Finally the Republic of Boli filed a bill against the railway, navigation company, the trust of Colonel Church, praying that the trust fund be declared property of the Bolivian Government.

After the repudiation of its contract the Public Works Co truction Company gave the only evidence of energy it had at time manifested in connection with the enterprise by having engineers run a crooked line between the terminal points of railway. Their object was to obtain legal evidence that the tance was greater than that had been supposed and in this, parently, they were successful.

86 "Brazilian-American" - Rio - 3 setembro 1921

42

COLONY RIO DO PEIXE

The Barracão constructed by the Brazil Railway Company in the village Rio do Peixe, and at the Railway station for the reception of incoming colonists. The building is subdivided into apartments with tables and benches so that colonial farmers may live there until they have prepared adequate living accomodations on their lands.

AUNT FELISMINA'S WILL

by

GUSTAVO BARROSO

Translated by CORA BROWN.

It was midday. The big clock on the mother-church had struck twelve.

The air in the little country village was suffocating; the rays of a blazing sun added the intensity of their heat to the brick walls, the walls of mud and the barren earth. Faint tinkling sounds came from browsing animals in the pastures. The streets were almost deserted.

In the Recorder's office, near an ancient claw-footed table of jacarandá, sprawled Peixoto, the notary public, on the back of a huge leather chair, hands clasped over his enormous paunch, fast asleep.

It was his daily custom at this hour of tropical drowsiness, in the ill-ventilated room, when there were no deeds to certify, no official papers to make out, and before the judge might come to engage him in a political chat or a chance for his money on a game of back-gammon.

Suddenly a young lad, who apparently had run from some distance, rushed into the room, stammering excitedly:

" 'Seu' Peixoto! Papa says you must come to our house at once for Aunt Felismina is dying, and she wants to make her will".

"I'm coming, I'm coming," Peixoto grumbled quickly, expectantly, pulling himself from the chair and buttoning his alpaca coat. In deference to the solemnity of the occasion he donned a high hat, with nap worn smooth from service, and tucking a parasol and book under his arm, departed.

When he entered the house, the nephews of the wealthy woman, who was very old and unmarried, surrounded the bed where she lay, stretched at full length, stiff, pallid, with glassy eyes, her head propped high on pillows.

The notary grasped the situation at once and approaching the woman, he murmured:

"You are already with God and long ago, old lady!" Then raising his voice, he cried:

"Ah! Fortunately our good friend is not as ill as I thought!"

Opening the book he had brought with him, and placing it on the table, convenient to a leaden inkstand, slowly, with a knowing wink to the presumptive heirs:

"We can begin," he said.

The master of the house seating himself at the head of the bed close to the head of death gave a deep sigh of grief.

"Poor auntie! She can no longer speak, but her mind is clear and she can answer yes or no to our questions by moving her head," he suggested, mournfully.

"Yes, we can draw up a will with questions," Peixoto replied, ironically.

The assembled heirs, only too pleased to leave their affairs in the hands of the astute notary, circled the bed as though to take a last look of their aged relative

87 "Brazilian-American" - 24-12-921

GUIMARAES' WATCH

by Gustavo Barroso

(TRANSLATION)

Joaquim Guimarães used to make his living by plant ing mandioca and grinding flour on his farm at Lagoa Redonda, in the old municipality of Mecejana, the Paup ina of the old missionaries. Tired of working withou profit and of struggling against the droughts, he decide to go to Amazonas in search of a better means of living Besides being impelled to seek better profits beyond hi native land, he was a Cearense and therefore obeyed th predestination of the race which makes of each and ever son of the Land of the Sun an emigrant sooner or later.

To the objections of his old and ailing mother wh asked him to wait until she died before leaving, he repl ed in a decided, resigned, calm and fatalistic tone:

"The drought has already killed all the things tha would keep me here. As to dying, one dies here just a one dies there and it is preferable to die with a full stomac than live with an empty one."

And he went.

He returned many years later. He was lucky. H made money. He escaped the beri-beri and malari He was as robust and strong as when he had left.

He bought old Tymbira's riding horse and the far of Zé Facão in Muritiapuá. He brought back more brag ging than contos of reis, bragging that ignorance increa ed, he being illiterate.

Every Sunday he went to mass at the village churc and made the mouths of envious farmers water. H wore a suit of blue cheviot. An imitation Chile ha covered his flat head. He always carried his umbrel with the silver handle. On his vest blazed a large gol watch chain with a charm made of a Bolivian sol in th center of which was fastened a large stone. His thic fingers showed off several rings of silver and gold s with false stones. From Precabura to Eusebio or fro Lagoa dos Cachorros to Tusculano there had never bee seen a fellow so well dressed nor so apparently rich.

The whole countryside had for its single topic of co versation Joaquim's wealth and his example sent the be young men to Amazonas also. Everyone liked to hea him talk, especially when he described the terrible li of the seringaes and made them shudder with his sham less lies.

Each passing day, conscious of his triumph in th small town, Guimarães became more and more insupo table. He spoke to almost no one. He scarcely incline his head in reply to those who greeted him. Old Tri tão became so irritated that he resolved to teach him lesson.

On Sundays, at the ten o'clock mass, Joaquim kneeling in the center of the nave, always among th girls, prayed with uplifted hands. But every few minutes he would reach into his pocket and take out his "Locom otive" fourteen carat watch. It was a veritable turnip covered with multi-colored metal and carried in a silken, tasseled pocket. He would hold it for three or four min utes in the palm of his hand, return it to his pocket, and a few moments later take it out again.

He would look at it carefully every day but as he couldn't read he could not tell the hour. Knowing this, old Tristão took a place behind him one Sunday during the mass. When he took the watch out and held it before the admiring eyes of the country girls the other asked him maliciously

"Joaquim, what time is it?"

Guimarães shot the watch back into his pocket as though he were afraid someone would steal it and growled angrily:

'What do you want to know for?"

"Because I have to lunch with Pedro Gato at half past ten."

"Ah! I am Pedro's enemy, as you well know..... It is the same time now as it was yesterday at this time..."

The girls began to giggle. Tristão insisted:

"Come on, Joaquim, be a good fellow, tell me, your old friend, what time it is."

"I will not tell you and if you are envious drink water and sleep less or then buy a watch like mine and don't go about borrowing the time of day from others."

"Fon-Fon" 7 Setembro 1922

AMERICA LIVRE!

Vagando pelos valles e cordilheiras do Norte, sacrificando aos seus deuses nos altos teocallis do Mexico, tendo erguido sobre o solo os templos de Palenque e os palacios de Cuzco e Pachacamac, ou percorrendo as florestas amazonicas, os platós batidos de ventanias, os pampas immensos, os sertões escaldantes e as praias sem fim, as raças americanas viram um dia abordar ás suas plagas os descobridores, os aventureiros e os bandeirantes europeus. Então, começou para todas ellas uma longa era de dôr. Caçaram-nas a tiro e a dente de cão, escravizaram-nas, quasi totalmente as destruiram. Mas os brancos que vinham, passada a febre do ouro, iam se fixando no sólo e amando-o a pouco e pouco. Depois, serenadas mais as lutas, houve um amplexo forçado entre vencedores e vencidos. E um dia, no meio dos povos mestiços de sangue e de aspirações, de idéaes e de tradições, começou a apparecer de novo, com um primeiro sentimento nacional, o desejo da liberdade.

Em meio seculo de lutas, gloriosamente, quasi toda a America se tornava livre. Os Estados Unidos abriram o caminho da liberdade. As outras nações o seguiram uma a uma. Hidalgo e Iturbide fizeram o Mexico. Bolivar ergueu do nada a Gran Colombia, da qual nascêram Nova Granada, Venezuela e Equador. Sucre fez surgir a Bolivia. O'Higgins deu vida ao Chile. Artigas acordou o Uruguay. San Martin despertou a Argentina. O Perú cobrio-se com o barrete phrygio. O Paraguay libertou-se da sujeição. Lêdo e os Andradas construiram o Brasil. Uma constellação de nomes re brilhou no céo da histori americana, perpetuand decisões e heroismos: Dolores, Boyacá, Junin, Maypú, Ayacucho, e Ypiranga!

A liberdade conquistada, assim, do fi do seculo dezoito para as primeiras de cadas do dezenove, tem sido fielmen guardada. Nenhum dos povos que a obt veram até agora a perdeu. Antes a for talleceu cada vez mais. Nesses cento poucos annos, contando com as Antilhas já libertadas, entre as quaes Cuba, e con tando com as pequenas republicas da America Central, entre as quaes o Panamá, mais de vinte nações se alevantaram do nada e vivêram e lutaram e soffrêram!

A America é um continente de liberdade immensa, como nunca a conhecêram os povos europeus, liberdade qu ás vezes degenera em licença e de outra mergulha nas ondas das tyrannias sanguinarias e dos caudilhismos anarchicos embora; mas liberdade nunca vista nunca imaginada.

A' sua face, ainda nêsgas de territorios são colonias européas, umas autonomas ricas e felizes como o Canadá, outras ainda sem o menor sentimento nacional como as Guyanas e muitas Antilhas.

Nesta data, o Brasil, commemorando o centenario de sua emancipação politica rende homenagem a todas as nações livres do seu continente e deseja, com vehemencia, que muito antes do seu segundo centenario o numero das suas irmãs e seja completo, não existindo mais nas duas Americas um unico territorio sobre qual não fluctúe uma bandeira nacional.

GUSTAVO BARROSO

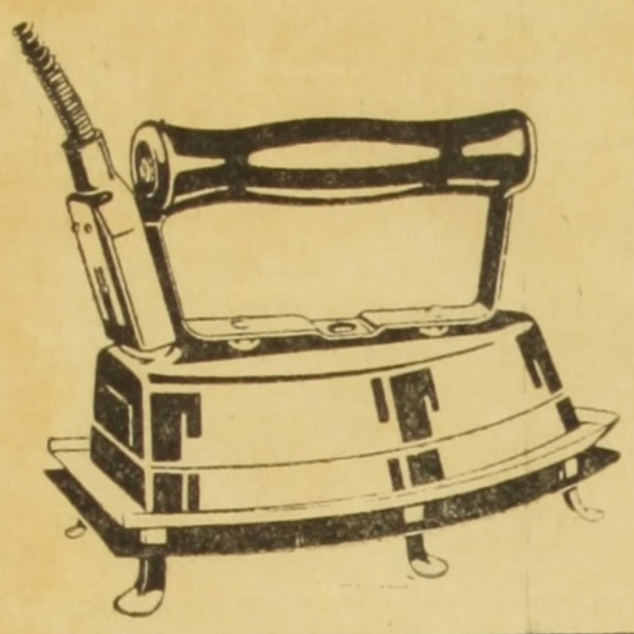
OS BARRIGAS-VERDES

Muito tempo foi assim que no Brasil inteiro se appellidaram os filhos de Santa Catharina. A quem não souber a origem dessa alcunha ella poderá parecer ridicula; mas para aquelles que sabem de onde ella vem representa uma gloriosa tradição militar.

Dos tempos coloniaes ao Brasil Reino e aos primeiros tempos do Imperio, Santa Catharina foi, reunida ao Rio Grande do Sul, um dos pontos mais importantes de parada de tropas. Ficou celebre na historia da organisação do nosso Exercito o Regimento da Ilha de Santa Catharina.

As forças da sua guarnição heroicamente se bateram na Colonia de Sacramento, nas campanhas de Montevidéo, Buenos Ayres e Paraguay. Como aquelle corpo a que alludimos usasse durante muito tempo véstias ou collettes verdes, côr que passou tradicionalmente para outras unidades locaes, desse facto nasceu o appellido que por mais de um seculo designou os filhos desse nobre Estado: os Barriga-Verdes.

Já se vê que a alcunha historica só pode enchêl-os de prazer. Ella no fundo recorda os seus soldados gloriosos.



We have in stock all kinds of heating devices for household use

GENERAL ELECTRIC S. A.

RIO DE JANEIRO S. PAULO

FOUR TRANSLATIONS FROM "CASA DE MARIBONDOS".

by GUSTAVO BARROSO.

TRAJANINHO'S COCOANUTS.

A veritable plague, an urucubaca of all the devils persecuted Captain Trajaninho de Arronches: he had more than three hundred cocoanut trees on his farm, at the edge of the lake, and for a whole month he had not been able to gather a single cocoanut! In the morning, during the day, at night, at all hours, he would take a walk through the grove. He found none. He searched the whole neighborhood. He discovered nothing.

He placed his men on sentinel duty for a whole week. Not a single cocoanut disappeared. One night, however, the men, who were tired out after a day of hard labor, fell asleep. The mysterious thief "cleaned" the grove. Trajano went half mad.

One day, about four o'clock in the afternoon, when the men were working in the cane marsh, Trajano was whitling a switch in the yard. Suddenly he heard the sound of a machette cutting something and the thud of a cocoanut striking the ground. He exulted. It was surely the thief. He would catch him and whip him to death! He ran to the grove with the switch in his hand.

Concealing himself behind the bushes, he approached the grove and looked up. In one of the finest and most heavily laden cocoanut trees was a negro boy calmly cutting with a machette the bunches of cocoanuts which fell almost at Trajaninho's feet who waited in silence but fuming with rage, until the thief would descend.

Finally the "moleque" slid down, picked up the fruit, placed it in an old bag and took the first step to leave when the owner of the grove, mad with fury, seized him by the nape of the neck, raised the long switch in the air, and, before bringing it down on the boy's back, let loose a volley of epithets:

"Robber! Pig! Thief! Wretch! Sneak!....."

The little negro listed to him smiling and with the greatest calm. When Trajano stopped, half suffocated by the outburst of insults, the boy laughed:

"That's the reason I like you, Captain Trajaninho! You are a real man. You do not speak of others behind their backs. When you want to tell the truth, you say it thus, as now, in their face!..."

The uplifted arm, holding the menacing switch dropped and Trajano's mouth opened in astonishment. The "moleque" put the sack of cocoanuts on his shoulder, took a few steps and leaped over the picket fence, with graceful ease.....

THE DEACONESS

Hairy John, a squint-eyed mulatto, was sacristan of the Church of Our Lady of Perpetual Succor. The patron saint, with the Infant Jesus clinging to her neck, wrapped in a black mantle, surrounded by candles and flowers, enjoyed a wide reputation for miraculous power, especially in arranging or preventing marriages. For this reason, the temple was always, during the late afternoon, after benediction, full of deaconesses kneeling before the main altar telling their rosaries with skinny fingers, pale, shrunken faces, and murmuring fervent prayers.

Hairy John knew them one by one and at the cost of the tips which he extorted from them on one pretense or another had bought his last Sunday suit. The mean pay of a sacristan scarcely provided sustenance for his wife and the eight children that God had generously bestowed upon him. If it were not for his inherent clever-

Lee & Villela

MANUFACTURERS' AGENTS & COMMISSION MERCHANTS

Telegra "BASANTA"

SAO PAULO
CAIXA POSTAL 420
RUA FLORENCIO DE ABREU 8

SANTOS
CAIXA POSTAL 48
RUA MARTIM AFFONSO 22

RIO DE JANEIRO
CAIXA POSTAL 183
RUA VISCONDE DE INHAUMA 84

O primeiro "Soviet" do Ceará

Devia contar uns dezesete annos, quando li a primeira vez Novel e Kropotkine. Logo me senti no dever de dar combate á burguezia esmagadora, em favor do operariado martyr. Passeei pelas ruas ermas e longas de Fortaleza, onde nascêra e vivia, a minha impaciencia febril de joven reformador.

Num dos bancos da avenida Caio Prado, no Passeio Publico da minha terra natal, reunia-se um grupo de moços do meu topete, que discutiam todos os assumptos, desde a olygarchia acciolyna, nesse tempo triumphante, até a escolha dos ministros da Republica, desde as questões sociaes européas até as aulas da Faculdade de Direito, alli recentemente creada. O local era aprazivel. De um lado, por sobre a velha fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, o olhar mergulhava por entre coqueiraes pela rua do Chafariz afóra até os morros brancos da praia immensa e recurva, que avançava com a ponta aguda do Mucuripe, oceano adentro. Do outro, a vista se estendia sobre as ondas verdes e bravias ou pelo areal branco do Arpoador em fóra, além do presepio do morro do Moinho.

Compareciam a essa reunião, de cinco ás sete da tarde, um alfaiate francez chamado Eugéne Froideval e alguns amigos meus, cearenses todos, collegas de anno na Academia como Thomaz Carvalho e Edgard Ribeiro, ou simples camaradas antigos como Moacyr Caminha. A's vezes, se detinha no grupo e o inflammava com as suas idéas esse notavel professor do Recife Joaquim Pimenta, tão fallado agora lá e aqui.

Moacyr Caminha envenenára-se com as mesmas leituras que eu. E ambos pregámos ao pequeno bando as nossas idéas reaccionarias. Pimenta fundava o seu *O Demolidor*, no qual zurzia quatro ou cinco frades franciscanos da egreja do Coração de Jesus. Eu e Moacyr, seguindo lhe o exemplo, puzemos na rua *O Regenerador*, no qual diziamos: "O edificio da velha sociedade estala nos seus fundamentos seculares, e os reis tremem, e os satrapas vacillam, e o papa empallidece..." Felizmente para nós e para o Ceará, nem o edificio social ruio, nem o papa empallideceu e a influencia de taes pamphletos foi nulla. Elles só tiveram uma utilidade: augmentar a collecção de jornaes cearenses pacientemente organisada pelo meu querido e respeitavel amigo Sr. Barão de Studart.

Moacyr Caminha, Edgard Ribeiro, Thomaz Carvalho, Froideval e eu sonhavamos, no emtanto, implantar no Ceará o socialismo. E só não nos arvorámos no primeiro *soviet* cearense, porque nesse tempo não se fallava de tal cousa. Porém vontade não nos faltava. Tanto assim que, vendo a improficuidade da nossa campanha pela penna no *O Regenerador*, resolvemos tentar a acção. Fundámos, com mais alguns camaradas, um club socialista secreto, talvez o primeiro do Ceará. Alugámos por vinte mil réis mensaes um pequeno armazem de uma unica porta na rua Floriano Peixoto, junto á Pensão Rendall, e o mobiliamos com tres cadeiras, uma mesa, tinteiro, pennas e um grande banco. Realizámos algumas sessões sem importancia e resolvemos numa dellas convidar para nosso gremio o chefe dos operarios da cidade, o Sr. João Ramalho, que, creio, ainda hoje desfructa os gozos dessa alta posição. Escrevemos-lhe uma longa carta, dando-lhe conta da nossa attitude e dos nossos desejos, e dizendo-lhe que, se quizesse ser dos nossos, estivesse em tal data ás nove horas da noite junto ao gradil do Passeio Publico, do lado do quartel de Infantaria. Era a dois passos da nossa séde.

Preparámos um scenario admiravel, para receber o homem. A mesa de pinho branco fôra coberta de panno preto sobre o qual se pintaram caveiras e tibias encruzadas, com alvaiade. Entre duas velas enfiadas nos gargalos de duas garrafas, brilhava sinistramente um grande punhal nú. Eu occupava a presidencia, ladeado por Froideval e Moacyr. Cinco ou seis associados enchiam o grande banco. E a assembléa era verdadeiramente tragica, porque todos nós tinhamos o rosto encoberto por um capuz preto, no qual, em dois buracos, os olhos luziam.

Thomaz Carvalho e Edgard Ribeiro encontraram o convidado no logar que se indicára, vendaram-lhe os olhos, deram algumas voltas com elle pelas ruas desertas e depois lhe tiraram a venda em pleno cabido socialista. Quando João Ramalho se vio naquelle meio — lembro-me bem e já lá se vão mais de tres lustros! — começou a tremer... Não disse uma palavra e não desviou os olhos do punhal nú, senão para fixar os botões de metal do meu collete, que appareciam por baixo do capuz afunilado. Pronunciou a gaguejar o seu juramento de noviço e foi-se. Nunca mais appareceu no club, por mais insistentes convites que lhe dirigissemos...

Menos de dois mezes após essa interessante scena, Froideval partia para a Europa e, pouco e pouco o enthusiasmo baixando, a sociedade secreta se dissolvia sem nada ter feito. Quasi um anno mais tarde, passava eu apressado pela praça José Alencar, em plena feira, quando vi o Sr. João Ramalho de pé á porta duma venda, olhando-me insistentemente da cabeça aos pés. De subito seus olhos pousam sobre o meu collete e elle se desbarreta num cumprimento rasgado. Dei uma bôa risada. O chefe operario lobrigára a mesma abotoadura de metal do embuçado que solemnemente presidia aquella sessão mysteriosa do punhal nú entre duas velas, em que elle pronunciára a tremer o seu juramento terrivel...

E foi essa a historia do primeiro *soviet* do Ceará.

Primeiro e ultimo!...

JOÃO DO NORTE

CHARLES AYRE

Foreign Exchange Broker

Stock And Share Broker
Agents in London,
New York and Buenos Aires

Before closing your Exchange transactions consult the above who will give you the cheapest rates in the market.

Telephone N. 2271 or N. 6939

RUA CANDELARIA, 42

J. GARCIA

PHOTO - GRAVADOR

Rua Buenos Aires, 225

(e Becco do Thesouro, 12 - A)

FERNANDO BAERLEIN

Established in 1860 under the title

RELOJOARIA DA BOLSA

and for over 30 years in the RUA DO OUVIDOR, 54
owing to unavoidable reconstruction of the old building had to remove to

Praça Tiradentes, 73

ANTIQUES, CURIOS,
ANTIQUE SILVER & PLATE
BRAZILIAN CURIOSITIES

ALL KINDS OF PRECIOUS AND SEMI-PRECIOUS STONES SOLD FOR REASONABLE PRICES AT

Lapidação Americana

(SCIENTIFIC AMERICAN DIAMOND CUTTERS AND POLISHERS)

Full guarantee given.

44, Rua da Alfandega
2nd Floor
Cable Address "Precious" — Rio
Teleph. Norte 2832
RIO DE JANEIRO

ness, he would have been plunged in the most abject misery.

One of the deaconesses never gave him a "vintem" no matter how he tried to squeeze something out of her and she was always the one who remained longest, leaving after all the others and only when the sacristan would approach her and growl:

"It is time to close the door."

She was Dona Benedicta Góes, an old maid of forty-five, who had not yet lost hope of marrying and serenely declared her age tc be twenty-nine years and nine months. Always affecting the utmost veneration for everything religious, she was especially devoted to Our Lady of Perpetual Succour.

Once Hairy heard this prayer fall from her lips:

"Minha Nossa Senhora, do not let me die without marrying! Make Joaquim Lemon, who lives across the street from me, get rid of that mulatto woman with whom he lives in mortal sin and marry me, thus saving his soul from the clutches of Satan.!"

Every afternoon after that the church rat, hidden behind a pillar, listened to the same supplication, and grumbled:

"This creature is dead set on marrying, but I will teach her a lesson: one so good that she will fly out of here firmly intent upon being present at the election. A devil that never gave me ten reis !"

The sacristan once while cleaning the statues discovered that the Infant Jesus which the Virgin held in her arms, had its head fastened to its body by a plain screw which was quite rusted with time and moved at the slightest impulse. He resolved to teach Dona Benedicta her lesson with that movable head.

The next day he attached a piece of cord to the neck of the Infant Jesus and with the other end in his hand, hid behind the altar as soon as the deaconess was left alone in the half-dark church.

As was her custom, the old maid, kneeling before the statue, made her supplication. Hairy pulled the cord and the head of the Infant swung from one side to another as if in negation. Dona Benedicta leaped to her feet, her eyes popping from their sockets and struck mute with terror. It was a miracle! But little by little she regained her self-possession. The Infant Jesus continued to shake its head. And the deaconess, trembling, but indignant and unable to control herself, exploded:

"I dont want anything from voce, "seu" butter-in! I was praying to your mother, who, being a woman like myself, knows the necessities felt by persons who do not marry!....."

THE MOTHER OF THE BORISES.

In the three serious lawsuits between José Ignacio da Purificação and the firm of Boris Fréres, of Fortaleza, the Courts decided in favor of the latter. For this reason José Ignacio felt a mortal hate for the Borises and the judges.

The decisions made him lose everything he had, pastures, farm land, cattle, maniçoba plantations in the Serra do Machado, and even the roof over his head.

In the afternoon he would seat himself on a rough bench in front of the straw cabin which he had built for shelter, on a friend's land near his old fazenda. Surrounded by his sons and nephews and staring sorrowfully at the land on which he and his forefathers had struggled for years against the impious droughts, he would repeat:

"I know the Borises very well. Oh, but don't know them! I have known them from the time they came to the sertão to sell French gold, a thin coat of gold over tar, or to exchange it for the old jewels from Portugal real gold. Plenty of stupid fools fell into their trap I, fortunately, never allowed them to deceive me. some day, God, Our Lord, permits me to catch a Judg or one of those worms, I'll chop their heads off!"

89

He would extend a menacing hand toward the horizon and a tear would glide down his weather-beaten face like a drop of water on a dead coassú leaf.

His affairs having improved somewhat, thanks to a good winter, José Ignacio took a trip down to the State capital. There, while wandering down the Rua Major Facundo, he passed the door of the Court House. Impelled by curiosity, to see what went on inside that den of thieves, he mounted the steps and entered the sessions hall where a case was being decided. He seated himself quietly on one of the benches reserved for the public and carefully studied the whole scene.

About a long table, wrapped in black togas and with hypocritical physiognomies affecting studied gravity and profound reflection the Judges engaged in a low conversation and passed large documents back and forth.

With his chin resting on the handle of his umbrella, the mulatto remained for a long time a sarcastic observer of the whole farce. From time to time his eyes would revert to the figure of Justice, painted in oil on the wall above the high backed chair of the President, with a sword in one hand and the scales in the other, and a smile, a mixture of irony and contempt, would form on his lips.

When the decision had been handed down, the public and Judges began to file out. Then, José Ignacio, advancing toward them and pointing to the painting of Justice, asked the President:

"Doctor, tell me something, is that painting there the picture of the mother of the Borises?"

THE PAROARA

Ladislau Botelho, guard at the Customs House of Ceará, used to say that the most stupid paroara he had ever heard of was Alexandre de Oliveira Lima, known by the pompous appelation of Baron da Bocca do Amónea. Emigrating from his native land to escape the impious droughts Alexandre had penetrated the most dangerous parts of Amazonas and courageously faced all perils to gain a fortune. Finally he explored the unhealthy and wild River Amónea, up to that time entirely unknown, and there founded the seringal, or rubber-gathering establishment, which in time would make him the richest man in the region. A man of decision, daring, and audacious, he had a big heart and a fine character, but was illiterate and despised each and every intellectual manifestation.

Ladislau Botelho often told comical anecdotes about him among which were the two that follow and lose much by the absence of the narrator's voice and gesture.

Once, while traveling on the steamer "Planeta" to Belem, he carried, as his only baggage, a hide bound trunk with an ancient look, brass buckles, strong, heavy, and ugly like those of his forefathers. At one end was a large piece of smooth, white paper with three large and prominent Ls. Ladislau asked him what those three proud initials meant. Rollnig a cigarette, he replied calmly:

"They are the first letters of my three full names."

"'Como'?" Of your name?" the other exclaimed in astonishment.

"Yes. What a doubt! Of my name: Lixandre Liveira Lima. They are three l l l, are they not?"

From his seringal he once decided to write his friend. He asked for his address. Botelho wrote it carefully on a half sheet of paper for the rubber king had lately learned to read and write a little although he had still a long way to go. The address was the following: Colonel Ladislau Botelho, Rua Major Facundo 42A.

Four months later, upon the receipt of the first letter, he almost died laughing. Before opening it he shook in convulsions of laughter in the swivel chair where he usually reposed to permit his luncheon to digest. The letter was addressed as follows: Colonel Ladislau Botelho, Rua Major Facundo a a a a a a a a... He turned the envelope over. The a a a a a a a had not found lodging on the front but reached all over the back in line, black, firm, grave, rigid and mute like soldiers on parade.

Ladislau counted them one by one. There were forty-two!

NOTE: A "Paroára" is a Cearense who emigrates to escape the droughts.

"Brazilian-American" 6 Mar. 1922

A FEDERAL CRIME.

Gustavo Barroso.

(Translated from "A Casa de Moribondos")

On a monlight night in the moonth of August, Colonel José Mathias ran across Joanna in front of the Santa Casa of Fortaleza, the prettiest wench and the most charmingly perfumed girl that has been mentioned in recent history. So he asked her to go walking in the moonlight. They went. They walked down Gazometro and across town in the direction of Paço da Draga.

The silvered dunes of sand, in the calm blue of the night, stretched into the distance. The moon broke bits of silver on the crest of incoming waves, which rolled against the profile of Mucuripe point listening forever at the noise of the complaining ocean.

They walked close together on the beach. Yes, they kissed each other! And finally went over and sat down on the sidewalk back of a portable canvas bathhouse.

That is where the new policeman found them when the moon showed between two passing clouds. The colonel took his arm from about the girl's waist and said in a very severe voice:

"What the devil do you want, anyway?"

Although a bit disconcerted by the apparent calmness of the colonel and his tone of superiority, the policeman was courageous enough to speak.

"You're arrested!"

"Arrested! Why?"

"Are you trying to kid me? Don't you think I can see what you are doing. It's scandalous!"

The colonel, a state senator, famous merchant, married to a woman of distinction who was capable of extremely violent outbursts of jealousy, was frightened at the situation. Any course would be preferable to going to the police station on Ferreira square, the most popular part of town, where everybody went on Saturday night.

"Look here," he said, "you can't arrest me. I am a member of the National Guard".

"I ain't got nothing to do with the National Guard. I know a tree by the kind of bark there is on it".

José Mathias was nonplussed. He reflected a moment and tried a new way:

"Brother, you know very well you can't arrest me. This kissing business is a Federal Crime and you're hired by the State. See?"

"Naw, I don't see!"

"Well, look here. Pay attention! This beach is policied by the captain of the port, due to the fact that all of the bays and harbors are in federal hands. Naturally if a crime is committed by me, you, therefore, with only authority from the state, can have no authority to arrest me. Do you understand?"

The policeman did not understand very well. But he admired the sang-froid and legal distinction of the Colonel and the way he talked about crimes and jurisdictions. So he saluted, and murmured as he walkeP away:

"Good night, Sir! If that's a Federal Crime, you can keep on committin' it".

"Fon-Fon" 26-8-922

Gallos de Campina Num destas ruidosas e detestaveis tardes de sabbado, entrei num cinema de nossa Avenida e fui sentar-me atraz dum grande chapéo negro desabado, que cobria a mais bella cabeça loura de mulher que tenho visto. E, passando um ligeiro olhar pela platéa, pois estava nas cadeiras de alto, contei trinta e seis chapéos vermelhos,.. Dizem que estão na moda, mas eu, como velho sertanejo, pensei nos bandos de gallos de campina da minha terra, cujas cabecitas rubras enxameiam assim na pelucia dos hervanços, e, emquanto Tom Mix matava no *ecran* vinte ou trinta *cow-boys*, murmurei, perversamente, de mim para commigo:

— Ah! uma espingarda de passarinhos!...

90 "Brazilian-American" 24 Janeiro 1922

44

THE RIVER NECKTIE.

by Gustavo Barroso.

(TRANSLATION.)

In one of the vast, bare halls of the Lyceu of Ceará, on a bright November morning, the final examination on the geography and chorography of Brazil was taking place presided over by the good natured Professor Theodorico. The other two examiners were Drs. Martins and Aboim. The first was an old invalid, almost blind, who was always satisfied with the result of the examinations and never interrogated anyone. The other, short and fat, deaf as a post, liked, in spite of his crass ignorance, to cut a figure at the cost of the students.

Seated in front of the three, pale and fearful as a criminal at the bar, a small brown boy of about fourteen was being examined. He was very embarrassed, very nervous, and replied with great difficulty to the questions of the professor of the course on the first part of the grill which had fallen to him by lot-the Amazon basin.

With a great effort the student succeeded in saying where the sea-river rises and described its course. Dr. Theodorico told him to enumerate the affluents of the Amazon from the right side.

"The Javary, the Madeira.....,the Xingú....the Tapajós..."

"Very well. Now please tell me the names of some of those that flow in from the left side."

The boy dropped his head and a cold sweat began to spread over his skin. The association of ideas was interrupted by the superexcitation of the nervous system and he could not remember the name of a single river. Professer Theodorico in an affable tone tried to help him,

"My boy," he asked kindly, "what is the name of the river that flows past the city of Manaos, and altho it is not the most important, is nevertheless the best known of all the affluents of the Amazon?"

And with his finger, pretending to be distracted, he pointed significantly to his tie of black, very black, silk. The student, hopelessly lost, saw the gesture but understood nothing from it.

"Remember a color," the examiner insisted continuing to show his black necktie.

The boy, more lost than ever, could make no reply. Then, after some moments of silence, Aboim entered upon the scene by saying in his doctoral manner:

"It is not possible that you do not know what river flows past Manaos, a river so well known, and therefore say it immediately so that we will lose no more time."

All about the room other students were whispering: "The Negro! The Negro!" The half blind professor nodded his head, half asleep; Aboim, quite deaf, heard nothing; and Theodorico smiled tolerantly with the forgotten finger pointing to his necktie.

"Come on, boy, tell us what the name of the river is," Aboim repeated and his eyes did not lose for a moment the gesture of his colleague indicating the necktie. The boy repplied:

"I dont remember."

He placed his hand at his ear and said:

"Louder, I didn't hear you."

"I dont remember."

He looked again at his colleague's gesture, smiled and asked again:

"So then, you dont know what river flows past Manaos?"

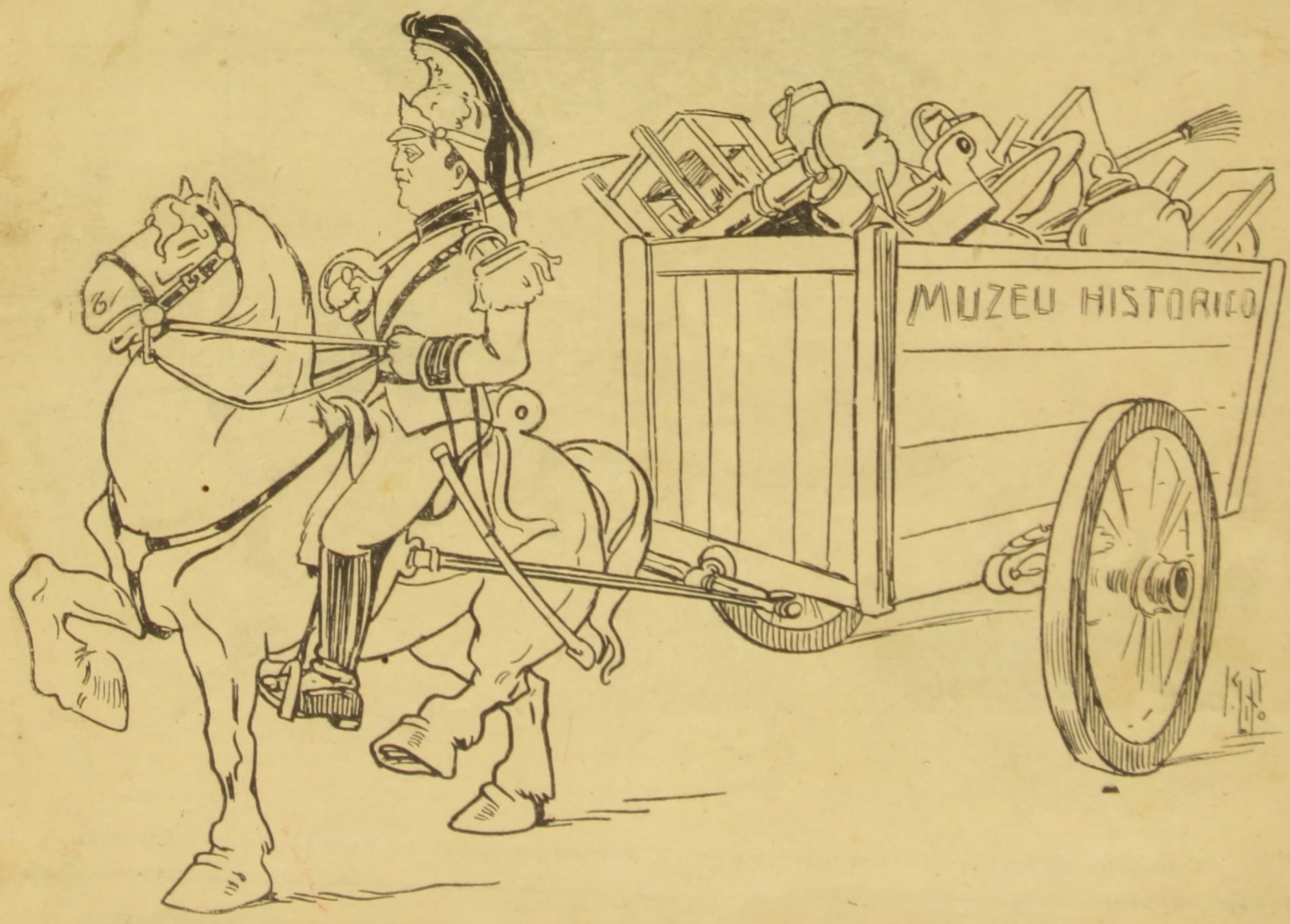
He paused, as if waiting for an answer, and assuming an air of importance, concluded:

"My God! What ignorance! The river that flows past the capital of Amazonas is the River Necktie."

"D. Quixote" 30 Agosto 1922

O MUZEU HISTORICO

Foi fundado o Muzeu Historico, sendo nomeado para dirigil-o o sr. Gustavo Barroso



Gustavo Barroso — *O que se pode arranjar por ahi não é rigorosamente historico : mas, não ha duvida, eu escrevo lendas a proposito e elles ficam sendo...*

93 "Brazilian American" 18-2-1922

WHITE SAILS.

by Gustavo Barroso.

TRANSLATION FROM "PRAIAS E VARZEAS"

The old fisherman of Meirelles, Mathias Jurema, was entering upon the seventy-fourth year of life. Many days had gone by since he had gone to sea in the adventerous "jangada" in an August fishing season, during days when the sun shone clear from a wind-swept and lustrous sky, or at night when moonshine silvered the mysterious surface of water. Age, however, was not guilty of introducing rheumatic pains in his joints or weakening a pulse weary with the tasks of younger years. There were others, older than he who were still supporting sons and nephews with the proceeds of a cocoa-nut grove or a hook and line. But a cataract had covered his eyes with a milky veil in order to punish him for his sins, and it was only with straining and effort that he could see the white sails of the "jangadas" blowing over the horizon, beneath a sky of bright blue slowly fading into darkness.

Contrary to the wishes of his daughter and son-in-law he always wore a suit of cotton dyed with purple "muricy". He was no longer going to sea. Why should he wear a heavy fisherman's suit? Only to display to everyone the mark of a profession which he had followed all his life. Although his sight was failing, his hand was still steady and he spent much time threading new twigs into worn fish baskets, weaving casting nets for the fishermen who went out for "tainhas do Cocó", examining the construction while they lay quietly at anchor in the "tavassús" of the "jangadas" to see that there was nothing unsafe about them.

When daylight came he would take his walking stick and go down the coast to sit on the sand as the pale dawn lightened the grey dunes. He could hear the noisy wrangling of the men as they left for the day's fishing. It seemed that those familiar sounds were necessary to keep him alive; his fading vision could no longer do so. He could only visualize the scene in memory, the coast he knew so well, while a forgotten pipe slipped down into the corner of his mouth. He amused himself with these dreams which bound him to his native land, impelled by the "saudades" of the old days which were as perpetual as the incoming of the ocean waves. High tide was coming in, the sea over-flowing. It was pounding on the distant rocks like the booming of cannon and streaming up the sandy beaches, making the raft of the "jangada" creak and the masts twist and crack with loud reports as they hit each other.

The loud brusque vigorous commands of the fishermen formed a mingling of orders cursing and laughter.

"Let go the cable. Easy there!"

"Watch out for the jangada, 'diabo'!"

"Manoel, Manoel, Let's go 'Homen de Deus'!"

"Oh, Capixába, bring the 'quimanga' here!"

"Chico da Demitilde: 'zambeta. . . sarará' . . . ."

The noice gradually diminished. One by one the "jangadas" left. Yet there was still to be heard the remarks of the last to leave.

"Look at the main bow of the Sereia. Beautiful."

"And see the way the Tubarão catches the wind."

At times the old man was compelled to tighten his lips in desperation, especially when he listened to the words and orders which accompanied an accident, or the cries of women as a "jangada" was unable to surmount a big wave and commenced to turn over. Other "jangadeiros" began coming past him, calling "good morning," asking for a coal for their pipes, or telling him the latest gossip of the village. The children ran round him dirty and happy, asking for a blessing.

When there were no more words to be heard and only the ocean resounded with its groanings, he went back home, placid and satisfied. He occasionally turned and looked backwards, in the hopes that through the veil that covered his eyes, he could once more see the white sails floating towards the horizon.

In the afternoon he returned again to the beach, to await the noises of the returning wives shouting with pleasure when they recognized the distant "jangadas" of their husbands, fathers, and brothers.

"There comes Faceira".

"Raymundo, look at the way your father sails his "jangada". You can see the mermaid Luiz painted on the sail."

The "jangadas" were beached. And then there were embracings, smiles, and jokes. Afterwards the counting of the fish which were thrown one by one upon the fine sand under the scrutiny of the revenue agent. At times there were disputes and threats of arrest. A woman goes off alone and begins to cry. Her husband has not returned and his companions had not even seen his "jangada" when they left the fishing grounds. He was not to be seen. Dogs fought over neglected remains of fish. Night came. Lights began to appear in the town and Old Mathias went back home again, leaning on the arm of his son-in-law, breathing the salty air of the ocean which permeated his clothing and long, grey hair.

These two daily walks were the only consolation he had in the world. The sea called to him; the land treated him without gratitude. It was a miserable place to live. The eternal sameness was like a form of vengeance. Yet its inert force never displayed anger. That was not like the ocean. The latter was a mighty beast whose furiousness would smash great ships to pieces upon the rocks and break the "jangadas" in the curving cradle of a wave. It's madness and fury was visible whether lighted by sunshine or moonlight. The "jangada" fisherman always accepted the challenge to battle, a struggle of intelligence against force. But the earth was flattened over an endless plain, silent, dumb. One was compelled to wait years to grow fruit, months to produce a vegetable. People were compelled to dig and scrape to gain food. It seemed like asking for alms.

Mathias had been forced to abandon the sea. He spent his time fighting the love and longing he felt for the old life on the water, his fingers combing through the white beard which flowed over his breast, and rubbing his bronzed cheeks, which still had traces of the heroic ancestors who for centuries had been crossing the oceans of the world.

When someone wanted to know if he desired to have less years he would respond that he only desired a moment's gaze at the green sea, the blue sky and the white sails dotting the horizon.

Time passed by. On a calm Sunday, while the church bells were ringing, he said that he was indisposed and remained at home while his family went to mass in the city. The village was melancholy and silent. Almost everyone had disappeared. On the beach the sails of the "jangadas" dried in the sun and ruffling in the wind were calling.

The old man left the house and turned towards the coast. In a tottering and trembling manner he prepared the fishing material. Pushing a jangada free, he sat down in the stern, and governing the rudder, sailed out towards the distant sea on the green waves glistening with the flashing gold of the sun. And the white sail of the voyager disappeared on the line of the sky . . . .

"Brazilian American"
18 - March - 1922

CHOLERA

By Gustavo Barroso.

(Translation).

"The revolt continues, the horrors keep on!" exclaimed Partridge, Customs "despachante" as he emptied a glass of paraty in old Schooner's botequim.

Cicero, from the Esmeralda Shop, and Soares, from the Casa Colombo, his old time comrades, raised their eyes in silent, anxious and terrified interrogation.

At that time the bay of Rio de Janeiro thundered with the artillery of the rebel navy and their echo was repeated in the gulleys between the hills by the legalist canons. The insurgent south recalled the times of the "Farrapos". Gomes Carneiro, at Lapa, resisting with a handful of heroes, evoked the memory of the heroism of Boccanegra at Huminga. The Iron Marshal (Floriano Peixoto) was the only figure that really dominated the scene and the men with his steely coldness.

Partridge rapped the glass on the table to call the waiter, and continued:

"I don't know what the finish of this will be! Floriano is in a tight pinch, a very tight pinch!"

92

Cicero, swarthy and fat, triple-chinned and sluggish, opened his eyes dully. Soares, tall and pale, called to the waiter:

"Bring two more bottles of Guiness!"

Partridge continued his discourse, pounding the table while he described the terrifying situation in which Brazil found herself:

"The foreign fleets threaten to blockade Rio de Janeiro and our coast. Our credit has been shot to pieces and perhaps our ferocious creditors may yet drag the sacred name of our country in the mud!"

He was filled with alcoholic and patriotic indignation. Terrified by the prospect of such a calamity, and such dark prophecies, Cicero, his eyes bloodshot by fury, and also desiring to show that he had terrifying news to tell, leaned forward and whispered mysteriously:

"My friends, the worst of all is the arrival of cholera in Rio de Janeiro. Some say that it came from Portugal, and others that it came from the Orient, but 'o certo é que o bicho chegou'!".

Then Soares, shaking with terror leaped from his chair and asked:

" 'Homem de Deus,' tell me, is this fellow, this Cholera, for or against Floriano?. . . . . ."

ZE' GUEDES FINES.

By Gustavo Barroso.

(Translation)

Zé Guedes has been cashier for a long time for Oliveira a bald-headed, spectacled old Portuguese who had a bookshop on the Praça do Ferreira, in Fortaleza. Oliveira was a good man and like all good men trusted everyone. Besides being a bookseller, he represented a number of people who had business with the government departments, and for this reason spent little time in the shop. Thus Zé Guedes was boss; he decided everything and ran everything.

Since he didn't like to rob his employer in a low fashion, he invented a witty manner to better his own condition. When for any reason, the merchant, his glasses shoved up on his fine old marble forehead and running his thin fingers through his vanishing hair, called his cashier down, Zé guarded a cynical kind of silence and pretended humility. Then when Oliveira stamped out, Zé would open the cash drawer and chuckle:

"You old rascal, you are fined five milréis!"

And the note disappeared into his pocket. If the reproval had been unusually sharp or insulting, the fine was doubled on the boss.

One day the bookseller, who suspected nothing of his cashier, decided to help a widow friend by employing her her thirteen year old son as janitor. The boy came, and Zé Guedes took so little notice of him that he continued to fine his employer in the same jocose fashion. Every time that he went to the cash drawer to collect the fines, the boy watched him in growing wonder.

During the first week that the janitor was on duty, the cashier loafed considerably, and the Portuguese quarrelled with him almost daily and was fined doubly almost all day long.

From the other's procedure, it seemed to the boy that it must be perfectly right for employees to fine their bosses when they were unnecessarily cranky. And why not?

One afternoon, when Guedes was absent collecting an account, the boy, while ridding up a desk, spilled a bottle of ink. Oliveira was furious and gave him a tongue-lashing such as he never delivered to his other employee.

The janitor drew up in a dignified manner, marched resolutely to the cash drawer, opened it, took out a note and said:

" 'Seu' Oliveira, you are fined!"

The bookseller seized the little rascal by the nape of the neck and after giving him a thorough shaking, demanded the reason for such audacity. Between sobs and hiccoughs the boy confessed everything tha the had seen and finished with these words:

"José fines you every Saint's Day. . . . . ."

When Guedes came back from his errand, the old man met him at the door and in a calm, firm manner told him to seek another position. Surprised, Zé, asked why, and the boss replied smilingly:

"Because I cannot stand so many fines. . . . ."

8 - Abril - 1922

THE BUBONIC PLAGUE.

Gustavo Barroso.

(Translation)

On this particular morning in July, clear and hot, the fat-stomached Silveira of "Casa Bogary", famous "armarinho" of the capital of Ceará, situated on Rua Formosa, at the corner of Municipal Alley, was on the verge of apoplexy. He had more than one hundred letters from the interior to answer, and was unable to find time to read his beloved newspaper, which was of greater interest to him than anything else in the world.

At last he managed to plunge into the work, squashed over the varnished table, while the office began to fill with customers. Preoccupied with the correspondence, his thoughts kept returning to the news which he would soon be reading in the paper. It finally overcame him. So he called an office boy, tossed him the two morning papers, "A Republica" and the "Estado", and said:—

"Sit down there in that chair and begin to read carefully those two papers. And do it so you won't bother me. As soon as you find something interesting, any important news item from Rio or some foreign country you stop my work and tell me what happened in four words. D'ye understand?"

"Yes sir. Yes sir".

Silveira went on writing. The boy sat down in the chair, crossed his legs and began to read the newspapers, looking wickedly at the clients who were waiting to be attended.

Suddenly he burst out astonished:

"Boss! Boss!"

"What is it boy?"

"Somethin' terrible. Bubonic Plague's spreading all over Pará. Hully Gee! Why there's fifty dyin' a day in Belem. And sometimes more 'n that!"

"Has the government done anything to stop it?"

"Yeh! Yes sir!"

"What?"

The youngster read: " 'Close and rigorous inspection of all ships coming from Belem, passengers quarantined, and disinfection of all correspondence coming from the infected port'."

At this point the book-keeper came in with a telegram and read: "Urgent. A wholesale house can't fill one of big clothing orders".

"Who?"

"Pacheco & Sons, from Pará".

"From Pará? Say, before you do anything else, get that telegram disinfected, and hurry up about it. Ye Gods they have Bubonic Plague up there!"

"Fon-Fon" 26-8-922

Na Avenida A Avenida é o mais interessante mostruario de typos nunca vistos nestes dias visinhos do Centenario, em que já se enche a cidade de todos os que, na provincia, têm um tostão para gastar. Basta parar-se á noite ou á tarde perto duma vitrine para se verificar quanto *bicho carêta* nos vêm desse immenso Brasil.

O outro dia dei com um, que, de braço com a cara metade, toda enluvada e de sêdas claras, apreciava as joias duma montra. Estava todo de flanella branca, o casaco aberto, mostrando o peito riscado de amarello e rôxo da camisa, onde luziam tres botões de ouro com brilhantes. A fivela do cinturão de camurça tambem era de ouro e tinha um monogramma de pedras preciosas. E na fita negra do chapéo de palha — *horresco referens* — havia um broche, tambem de ouro, com um nome qualquer.

Pensei que fosse a insignia duma sociedade sportiva qualquer lá dos logares de onde vinha o homem. Approximei-me e li: *Lauriana*.

A IMPRENSA CARIOCA

O "Fon-Fon" mudou de direcção

O "Fon-Fon" a popular revista fundada por G. Vogliani e A. Gasparoni acaba de ser adquirida pelo sr. Sergio Silva, antigo jornalista carioca.

A sua direcção mental está entregue a figura brilhantissima do notavel escriptor Gustavo Barroso (João do Norte), secretariado pelo joven e distincto jornalista cearense Martins Capistrano.

Auguramos a brilhante collega todos os successos na sua nova phase e sob a nova direcção.

"A Patria"
8
Setembro
1922

93 "Correio Paulistano" 16 Agosto 1922

Chifre de cabra

João Gamelleira foi meu pagem numa triste viagem que fiz entre a serra Azul e a do Estevam, durante a secca brava de 1915. Era um caboclo alto e claro, musculoso e calmo, cheio de rude ironia. Nunca o sertão cearense produzira typo mais intelligente nem mais interessante. Paradoxal no seu modo de talar, tinha respostas e sahidas para tudo. Entendia de todos os mistéres daquella região ardente e aspera: castrava e ferrava o gado, sabia mezinhas para os cavallos doentes, benzia espinhélas cahidas, tirava novenas, cantava o desafio na toada naturá ou na ligeira, conhecia todos os caminhos e todo o mundo que por elles trafegava e, apesar de analphabeto, costumava dizer que, sendo preciso, até dizia missa. Ás vezes, porém, no meio da sua constante alacridade, um desanimo passageiro o tolhia, seus olhos escuros pousavam longamente no ar luminoso e elle, abalando a cabeça, exclamava:

— Eu sou chave que abre muitas portas e só não abro a que devia me servir móde passar... Mas, porém, si não abrir a do céo, hei de abrir ao menos a do inferno...

Depois, encolhia os hombros e sacudia fóra os maus pensamentos. De novo nos seus labios carnosos, sob o bigode ralo, floriam sorrisos. E era um gosto ter a gente o João Gamelleira em sua companhia, viajando. Nessa travessia das ribeiras salcinadas, que fizemos naquelle anno, passamos dias horriveis, sem agua para beber, muitas vezes topando cadaveres esqueleticos, que os urubu's bicavam, e vendo os nossos animaes deperecer por falta de alimento. Uma feita, no meio de certa varzea estorricada, onde não havia no sólo nu' uma folha secca e as arvores despidas e negras como que se retorciam de dôr, elle, relanceando o olhar pela desolação que nos rodeava, largou esta phrase profundamente significativa da miseria que presenciavamos:

— Ih! seu doutô, aqui não tem mais nada com que se entupa um chocalho!...

Mais adeante, a cópa verde cinza dum joazeiro heroico alegrou a catinga morta e junto delle uma carnaubeira linheira e alta, a unica que por ali havia, dava ao vento subtil da tarde a harpa colia das suas palmas. E florescia naquelle deserto, como que desafiando os horrores da sécca!

O Gamelleira olhou demoradamente a palmeira florida e disse:

— Ih, seu doutô, cada vez a sécca vai ser peor!

— Por que, homem de Deus? indaguei logo.

— Porque carnaubeira quando flora é signal de sécca demorada.

— E quando não flora?

— Ih, seu doutô, quando não flora, é muito mais peor!

Baixei a cabeça pensativo. Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemencia da natureza com que elle lucta. Naquelle agreste sertão, muitas e muitas vezes, quando não ha secca, desabam sobre os gados e as gentes flagellos mais peores: pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciaes, que se chamam "seccas de agua"!...

Quando me acolhi á serra do Estevam, dispensei o meu pagem. Elle voltou para a sua fazendola, á margem do rio Banabuiu'. Passei mais de anno sem vel-o e, de repente, o encontrei um dia na feira do Quixadá, vendendo um cavallo fouveiro, "bom de carga e de sella como ninguem".

Extendeu-me, todo satisfeito, a mão callosa. Apertei-a com prazer e perguntei-lhe como ia. Respondeu-me como verdadeiro philosopho da desgraça:

— Ih, seu doutô, vou ruim como capim!

Obedecendo a uma curiosidade natural, quiz saber o que significava essa maneira de exprimir-se. Elle sorriu e disse:

— Ih, seu doutô, o destino do capim é o peor do mundo. Si não chove, morre secco, estorricado. Si chove e cresce, vem o boi e come. Eu, para todos os lados que me vire, só vejo desgraça. Por isso sou ruim como capim.

Sorri. Elle não sorria mais. Conservava no rosto mais tempo aquella fugaz impressão de desanimo deante dos mysterios da vida, que na nossa viagem já observára. Sómente sorriu de novo, quando delle me despedi.

No anno seguinte, contaram-me na cidade de Quixeramobin, na venda do Luiz Miranda, um crime horrivel acontecido para os lados do Banabuiu'. Um pequeno criador dali, desconfiando do procedimento da mulher durante as suas frequentes e prolongadas ausencias como pagem, arrieiro, comboieiro, vendedor de cavallos ou comprador de garrotes, fingiu que ia para um desses trabalhos e occultou-se num pedregal, perto da casa. A' noite, quando a lua nasceu, viu chegar ao terreiro, no seu cavallo cardão rodado, o filho de um fazendeiro importante da vizinhança. O rapaz apeou e entrou na sua morada. Mais tarde, elle se approximou. Os cães não latiram, porque o conheceram logo. Encostou-se á parede de taipa e por uma fresta viu que a esposa se entregava ao outro, amorosamente!

Como uma féra, penetrou pela porta da cozinha, que ficára aberta, segurou o machado de rachar lenha, entrou na camarinha e desferiu centenas de golpes sobre os dois amantes reunidos na mesma rêde.

Quem me narrou o caso não me disse os nomes das victimas nem o do assassino, mas accrescentou que elle viera humildemente entregar-se á prisão e que o subdelegado local encontrára dentro da rêde um verdadeiro angú de carnes e ossos, não se podendo reconhecer feições nem mesmo membros dos dois cadaveres, tão horrorosamente confundidos. E concluiu:

— Veja só o senhor! Andam ahi pela rua, soltinhos da Silva, os peores cangaceiros e ladrões, apadrinhados pelos chefes politicos. Entretanto, esse pobre homem, que nada mais fez, num momento de aguda raiva, do que castigar a mulher infiel e aquelle que lhe deshonrára o lar, foi condemnado pelo Jury a trinta annos de prisão!

— Justiça do Ceará te persiga! diziam os nossos avós, rematei, accendendo o cachimbo de raiz atufado de bom fumo da terra.

A' primeira vez que fui á cadeia de Quixeramobin encommendar aos presos um par de botas de couro crú, dei de cara com o pobre do João Gamelleira, mettido num cubiculo infecto.

Falou commigo através das grades. As suas mãos tremiam nas minhas e vi que tinha os pés muito inchados. Como lhe perguntasse por que ali se achava, contou-me calmamente o crime que eu ouvira relatar na venda do Miranda. Na sua face pesava uma tristeza calma e todo elle, olhar, voz, gesto, era uma resignação feita de fatalismo. Dir-se-ia um arabe. Sorriu ligeiramente ao dizer-me:

— Ih, seu doutô, fui chave para muita porta, mas só pude abrir para mim a grade da cadeia!...

Meus olhos pousaram nelle com piedade e quiz dizer-lhe qualquer cousa consoladora. Não mo consentiu.

— Ih, seu doutô, não diga nada! Eu sou como chifre de cabra...

Antes que o interrogasse, continuou:

— Inhor, sim! Com chifre de boi se faz tudo; com chifre de carneiro se faz cornimboque móde guardar rapé ou tabaco de caco. Chifre de cabra não tem serventia nenhuma, nem para cornimboque serve... Ih, seu doutô, eu sou tal qual chifre de cabra...

João do NORTE

"Gazeta de Noticias" 22-8-922

MUSEU HISTORICO NACIONAL

Foi feita hontem a nomeação do seu director

O Sr. presidente da Republica, cogitando de dar rapida execução ao decreto que creou e regulamentou o Museu Historico Nacional, fez hontem lavrar decreto, que recebeu a assignatura de S. Ex., nomeando director da nova instituição o escriptor Gustavo Barroso.

94 "Fon-Fon" 19-8-922

46

Notas litterarias *Enervadas.* Chrysanthème, a deliciosa chronista do *O Paiz* e do *Correio Paulistano* deu esse titulo attrahente e inconfundivel á sua ultima novella. O estylo é o seu já tão conhecido e tão apreciado. O enredo, sem torturas inuteis, desdobra-se pelos capitulos, suggestivamente, obrigando o leitor a ir até o fim. Um pequeno romance original e forte, que se destaca na volumosa litteratura destes ultimos tempos com rutilancias novas e claridades esplendidas. Ha nelle mesmo traços em verdade empolgantes.

Despertar! Hermes Fontes, um dos nossos grandes poetas, deu este nome admiravel ao seu ultimo volume de poesias, todas ellas marcadas com a sua magnifica inspiração e trabalhadas pelo seu esplendido cinzel. Tal livro é bem um grande canto brasileiro á terra, á gente, ao céo, á luz da nossa terra bemdita. E bemdito o poeta patriota que os canta com esse enthusiasmo moço e ardente!

Torturado. Um poemeto inspirado do joven poeta cearense B. Pontes, que nelle demonstra suas bôas qualidades poeticas e tráe a influencia de Guerra Junqueiro sobre seu espirito. Nesse trabalho, B. Pontes tem versos muito bem feitos e partes em que foi, em tudo, verdadeiramente feliz, agradando bastante ao leitor.

"O Jornal" - 18 - Agosto - 1922

A CRUZ NA AMERICA

II

Segundo documentos de propriedade do erudito mexicano D. Joaquim Icazbalceta, o capellão de armada de Grijalva escreveu ao rei de Espanha, dizendo-lhe que, na ilha Ulúa, "adoran una cruz de mármol, blanca y grande, que encima tiene una corona de oro; y dicon que en ella murió uno que es más lucido y resplandeciente que el sol". Bernol Diaz del Castillo, companheiro e historiador de Fernão Cortez assegura tambem, na sua "Historia Verdadera" (cap. III), que os indigenas "tenian unas señales como á manera de cruces". Conforme o já citado Pedro Martyr, os naturaes da região de Cumaná tinham a cruz como signo que os livrava do diabo, usavam-na em forma de X, tal qual a chamada cruz de Santo André dos christãos e denominavam-na Pumúteri.

Orozco y Berra fala nestes termos da existencia da cruz entre os mexicanos: "Distinguen-se (refere-se a varias pinturas aztecas) la cruz griega y latina; ya se presenta como distinctivo en la capa y en el tocado de Quetzalcoatl y de Ebecatl; marca la talega en que los sacerdotes conducian el incienso; se la encuentra marcando ciertos asientos ó Tronos de los dioses". Depois, o notavel historiador lembra a cruz de Palenque, á qual Gaffarel se reportou, conforme vimos, baseado nas "Antiquités Mexicaines" de Dupaix, que a descreven como uma cruz grega, muito desfigurada pelo exaggero dos adornos. Mas o archeologo accrescenta que todo o luxo ornamental do baixo-relevo em marmore amarello, no meio do qual está, parece destinado a fazel-a resaltar. Na sua parte superior, ha uma ave pousada, semelhando um gallo; na sua base, duas figuras estão em adoração, levantando uma nos braços um menino.

Palenque fica na Guatemala. Alexandre de Humboldt obteve cópia das suas esculpturas e a proposito de sua cruz, tão celebre, bem como das do Yucatan e outros logares, acha que lhes falta um pouco da haste superior, que se assemelham mais ao táu. Nas suas "Vues des Cordilléres" e nos seus "Monuments des peuples americains", o grande sabio publica varias dessas cruzes. Algumas são formadas por quatro plantas de pé, que se encontram pelos calcanhares. Os aztecas chamavam esse symbolo "xocpalli" e elle indicava os quatro movimentos solares. Na "Revue Américaine", o erudito F. de Waldeck opinou que a cruz das ruinas de Palenque significasse os quatro pontos cardeaes. Humboldt cita mesma a opinião de Lenoir, para quem a referida cruz indicava simplesmente a intersecção da elliptica com o equador. Para Brinton ("The miths of New World, New York, 1868, pags. 95 a 188), é o emblema dos quatro ventos, e o passaro pousado na cruz, o deus do ar. Charencey, impregnado pela mania de encontrar o budhismo no nosso continente, acha que ella é a arvore da Ceiba. Porém o mais interessante nisso tudo é que a civilisação guatemaliana de Palenque, a maya do Yucatan e a nahôa de Anahuac ou dos Aztecas são, pela lingua, escripta, architectura, indumentaria, theogonia, mythos, tradições, usos e costumes, inteiramente diversos entre si. Entretanto, todas ellas possuem o signal da cruz em varios monumentos e documentos, sendo nos de uma, segundo os que lhe procuram o nascedouro, talvez de origem budhica, nos de outra talvez de origem christã pelos nestorianos ou pelos homens do norte, chefiados por Cuculcan ou Quetzalcoatl.

Por intermedio de Orozco y Berra, sobemos mais que na serra de Chocola tambem se encontram, entre letras desconhecidas, varias cruzes entalhadas nas pedras brutas; que em Palenque, "ciudad de los bajo relieves y de les inscripciones", as janellas dos templos são em forma de cruz; e que Gomara, famoso autor da "Historia de las Indias", falou de cruzes de "palo y de laton" nos santuarios de Acuzamil e Xicalanco.

Sobre a cruz entre os antigos peruanos, temos que recorrer a Garcilaso de la Vega, que nos diz, textualmente: "Los Incas tenian una cruz de um mármol muy hermoso ó de jaspe el más puro, perfectamente pulida y hecha de una sola pieza; tenia tres cuartas de ano de largo y tres dedos de ancho, y estaba colocada en un logar sagrado de palacio, como objecto de gran veneracion. Los epañoles la enriquecieron de oro y de piedras y la colocaron en la cathedral de Cuzco." Gaffarel não acredita nesse depoimento; entretanto, os archeologos americanos Rauking e Warden acham possivel que tal symbolo tivesse sido levado ao Perú pelos christãos nestorianos da China, que Marco Polo encontrou, na sua viagem, vivendo tranquillamente entre os mongóes. Os nabitantes das costas mexicanas do Pacifico, como os mixtecas, por exemplo, esses affirmavam que a cruz, que existia na sua região, em Huatulco, lhes fôra trazida por um ancião barbado e branco, de longas vestes e vastas barbas, que viera por sobre o mar, prodigiosamente, dos lados do Perú.

Por todo o interior do Brasil se topam rochedos cheios de inscripções primitivas, profundamente mysteriosas, identicas pelo symbolismo e pela execução, como pelos possiveis intuitos religiosos, aos mahadéos do Indestão, ás "pierres á cupules, á écuelles" ou "á bassins" que se vêem em todo o mundo — na Escandinavia, na Grã-Bretanha, na França, nos Balkans, na Suissa, na Italia, no centro da Asia, em varios logares da Africa e pelas Americas em fóra. Para exemplificar os logares onde existem esses caracteres indecifraveis, póde-se dizer, entalhados nos syenitos e granitos brutos, basta citar S. Thomé das Lettras, em Minas Geraes, Gigny e o riacho Fonseca, no municipio de Quixeramobim, no Ceará. Em todos, a cruz apparece, já se approximando da sevastika da India, já do táu egypcio, ora isolada, regular ou irregular, ora tendo caridades nas suas pontas e ora encerrada num circulo, como as dos vetustos monumentos da Gallia e das ornamentações architecturaes do Oriente.

Na sua "Historia Natural y General", impressa em Madrid em 1851, no livro XVII, capitulo III, Oviedo, contemporaneo dos primeiros exploradores da Nova Espanha, conta que o piloto Alaminos lhe dissera que, entre os indigenas, se viam cruzes e ajunta: " pero yo tengolo por fábula, é si las ana, no pienso que las harian, por pensar lo que hacian, en hacerlas, pues que en la verdad son ydolatras, y como ha parecido por la experiencia, ninguna memoria tenian ó habria entre aquella generacion de la cruz ó pasion de Christo, é aunque cruces ouviese entre ellos, no sabrian porque los hacian; é si lo supieren en algunos tiempo (como se debe creer), ya lo habian olvidado".

Os escrupulos de Oviedo, diz Orozco y Berra, não destróem o que asseverou ter visto o piloto Antonio de Alaminos. Com effeito, antes de aportarem os europeus occidentaes ao nosso continente, já nas civilizações deste existia o symbolo cruciforme, indicando os ventos, os pontos cardeaes, as chuvas ou o reformador Cuculcan, isto é, Quetzalcoatl. Existia nas plagas americanas, como em todas as antigas religiões; existia entre as gentes da America como existira entre os aryas, os troyanos, os gregos, os scythas, ou os chins e japões, muito e muito antes que o christianismo nascesse na facciosa Judéa, para adoçar melhor as almas dos homens.

Nenhuma duvida historica resta de que a cruz, em variadas formas, foi encontrada no symbolismo religioso da America pelos que vieram conquistal-a e adoravam a cruz. Mas o que se não póde pretender demonstrar é que, para o Novo Mundo, ella tivesse vindo daqui ou dali, trazida por budhistas, irlandezes ou nestorianos, muito menos pelas revelações lendarias ou pelos mythos, como o de São Thomé. O symbolo da cruz, em seus primitivos attributos de indicar a humildade, a fecundidade ou as estações, o fogo e a representação do sol, saiu, para todos os povos, desse recuado e profundo nevoeiro que envolve aos nossos olhos mortaes o mysterio divino de onde tudo proveiu.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 2 Set° 1922

"Illustração Brasileira" Apr15 1922

Notas litterarias

Pernambuco no seculo XIX. — A moderna geração brasileira distingue-se de qualquer outra no nosso paiz pela generalização de seriedade da sua esplendida cultura e pelo entranhado amor ás coisas da terra-mãe e da sua tradicção. Os moços de hoje deixam de fazer versos languorosos para tratar de questões sociologicas e philosophicas, ou estudar o nosso passado, resuscitando os typos desapparecidos e as idades mortas. Ha uma preoccupação patriotica pela nossa historia em todas as suas minudencias. Nessa ordem de assumptos se pode classificar o formoso e interessante livro publicado no Recife, com illustrações de H. Moser e Balthazar da Cunha, pelo illustre escriptor Estevam Pinto, no qual não se sabe mais o que louvar se o brilho da phrase do auctor ou se o notavel senso critico.

Traz esse volume o titulo suggestivo de *Pernambuco no seculo XIX*. Por elle desfilam aos nossos olhos contentes de vêr a antiga vida nacional, os typos curiosos do Gamenho, da Gamenha, do Negro Fujão, do Frei Madraço, da Beata, dos Negros e Caboclos, das Sinhazinhas ou Sinhás Moças e dos Mulatos. Nas suas descripções avistamos os palanquins coloridos e assistimos ás danças dos nossos bisavós. Atravez delle, conhecemos Frei Caneca, Frei Vital e Maciel Monteiro, visitamos as ruas da capital pernambucana em 1840, sabemos de antigas aventuras extraordidarias e presenciamos a revolução de 1817.

7 Setembro 1922

O caso que os leitores vão lêr aqui é verdadeiro. Juro que se passou. Não assisti a elle, mas contou-m'o um amigo intimo, cuja palavra nunca puz em duvida.

Uma senhora de nossa melhor roda topou o bilontra que Deus lhe deu por marido aos abraços e beijos com a sua creada de quarto, uma espanhola fornida e lampeira. Ficou furiosa, porém conteve-se. Nada disse. Chamou a empregada á sala de jantar, fez-lhe as contas e mandou-a embora, sem bulha nem matinada.

A domestica recebeu o dinheiro, foi ao seu quarto, arrumou os cacaréos e sahio pela varanda, tristemente. Ao chegar ao portão do jardim, a dama chamou-a e disse-lhe, sorridente:

— Eu mando-a embora, porque o serviço que você gosta mais de fazer é justamente aquelle que eu prefiro e para o qual até hoje nunca precisei de ajudante...

"Jornal do Commercio" Lisboa 20 Set° - 1922

Pergaminhos

A Livraria Editora F. Briguiet & C. acaba de receber da Europa, para solemnizar o Centenario da Independencia, a primeira Edição de Arte, limitada e numerada, que se faz, em lingua portugueza, de ambos os lados do Atlantico.

E' a obra de Gustavo Barroso (João do Norte) intitulada "Pergaminhos", illustrada maravilhosamente por esse admiravel artista que é Corrêa Dias. São contos medievaes com cercaduras e molduras douradas, com grandes lettras capitulares ornadas e coloridas, com vinhetas assombrosamente bellas e com gravuras fóra do texto, verdadeiramente deliciosas.

A edição consta sómente de 220 exemplares, assim descriminados: 1 exemplar unico, em papel imperial do Japão, contendo além das coloridas, todas as gravuras em negro e todos os originaes do illustrador; 6 em papel imperial do Japão, contendo as gravuras em negro e coloridas 8 em papel imperial do Japão contendo sómente as gravuras coloridas, e 205 em papel puro linho Lafuma, nas mesmas condições.

A Louca

por João do Norte

O VELHO Domingos Lopes partira, ao cahir da noite, da quasi abandonada villa de Pentecostes. Cansado de lutar contra a secca daquelle anno fatal, que vorazmente devastára as humildes ribeiras sertanejas; tendo visto tombar sobre o solo negro, estorricado, de inanição, a derradeira vacca da fazendola onde trabalhava, resolvera fugir do povoado sequioso e faminto, rumando para o littoral. Dahi o destino conduzil-o-ia aos igarapés doentios do Norte ou ás fazendas de terra roxa do Sul. Encarava a alternativa com indifferença. A sua bronzea alma de sertanejo de nada se arreceava. Seria o que tivesse de ser. Gastára cincoenta e muitos annos de vida naquelles cafundós, a mourejar na lavoura e na criação, de enxada em punho, ao sol quente das baixadas, encourado e a cavallo no recesso espinhento dos carrascaes, e de viola na mão, ao luar maravilhoso, nos terreiros poentos, onde fervilhavam os sambas. Bastava para lhe dar coragem pensar que nascera na terra em que "desgraça pouca é bobagem" ou é "tiquinho", e onde só se pesa a infelicidade "de arroba para cima"!

Afastando-se de Pentecostes, caminhára a noite inteira, com a velha lazarina carregada de balas de chumbo ao hombro, o chapéo de couro deitado para a nuca e o barbicaixo a vincar-lhe o pescoço. Seu passo igual e seguro resoou pelo caminho ermo, entre as catingas desfolhadas, num silencio immenso, que nem o grito dos animaes bravios cortava mais. Um silencio de cemiterio! O luar esverdinhado escorria pelos troncos dos arvoredos esqueleticos, prateava o pateo limpo das fazendas abandonadas, onde se não ouviam mais ladros de cães. Nas proximidades dos curraes desertos e dos bebedouros chupados, alumiavam ossadas de rezes e talvez de gente. E sobre a vasta desolação e o vasto silencio a cupola alta do céo indifferente, que o luar fazia translucida, e de cuja diaphaneidade a lua pallida deixava correr sobre o sertão as lagrimas da sua luz.

Caminhando sem parar, o velho sertanejo pensava em como seriam as terras para onde ia sózinho e miseravel, terras que nunca vira — porque nunca sahira da sua ribeira agreste, cuja descripção nunca lera — porque não sabia ler. Como seriam e o que seriam, em verdade, a capital do Forte, o mar, o vapor, os Almazonas ou os cafezaes sulinos? Baixava a cabeça, suspirava, passava a mão callosa pelos duros cabellos grisalhos empoeirados, *maginando* nos horrores que acabavam com tudo — plantas, gados e gentes — no seu sertão! Seus olhos se humedeciam á saudade dos tempos felizes, quando andava coberto de couro de capoeiro, atraz dos barbatões ou dos novilhos fugidos, e quando cantava a desafio nas vendas das encruzilhadas.

Ao amanhecer, ao longe, a serra do Gigante banhava-se no oiro pulverisado do sol. Pedregulhos micantes reluziam, como embutidos de gemmas, entre a garrancheira da catinga, á beira do leito secco dum corrego. Um vento leve erguia rente ao solo torturado ligeiras espiraes de pó. De onde em onde, por cima do bracejar dos galhos negros dos mattagaes sem uma folha, surgia, qual um casis no deserto, a cópa resistente dum joazeiro heróico, mas quasi murcha, verde-cinza. E as palmas das carnaubeiras, esparsas em pequenos grupos pelas varjotas, gemiam baixinho, dolentemente.

O velho caboclo parou num ponto mais alto da estrada e relanceou o triste olhar por aquella paizagem morta. Depois, fixou a vista aguda, meio kilometro adiante, numa fachada migéla de casa que branquejava á luz. Sobre as telhas rubras do tecto pousavam urubús tingas e camirangas. Ondeava no ar um revôo de aves negras. O Domingos Lopes, cheio de curiosidade, apressou o passo naquella direcção. Perto da casinhola, um aflato de podridão fez-lhe tapar as narinas. Avançou, apezar disso, e gritou junto á porta, que estava fechada:

— O' de casa!

Ninguem respondeu. Os urubús [illegible] lhado, espantados, bateram as azas, rumorosamente. O éco repetiu ao longe a ultima syllaba do seu grito. Empurrou a porta com a mão. As taboas de umburana de espinho resistiram, guinchando. Então, metteu-lhes o hombro, retezou a musculatura de aço, num esforço, e arrombou os batentes, que se abriram com estrondo e ficaram estremecendo nas dobradiças desconjuntadas. Um bafo horrivel veiu do escuro copiar. O retirante recuou, aperrou a espingarda, num instinctivo receio de qualquer surpresa, e penetrou na casa.

96

Formigas e moscas cobriam o cadaver de um cachorro magro, atravessado deante da porta. Seus olhos já se acostumavam á escuridão e descobriram, estirados ao pé das paredes de taipa, os corpos apodrecidos, cobertos de trapos immundos, de tres pequenas creanças, que deviam ter morrido de fome.

Nada havia que fazer ali e o sertanejo ia retirar-se, quando esbugalhou os olhos de horror. Da porta da camarinha sahiu uma mulher de pupillas afuzilantes, melenas cahidas, ossos furando a pelle terrosa, inteiramente nua, brandindo na mão tremula uma comprida e afiada faca de vaqueiro! Dava pequenos saltos, rangendo os dentes como fera, o corpo sacudido de violentos estremeções, durante os quaes se diria que os ossos chocalhavam. Um verdadeiro monstro de fome, de desespero e de loucura! Fitou no homem estatico os olhos de febre e de fogo, rugindo entre gemidos roucos, a sacudir a cabeça e a grenha, a revolver o ar com a lamina reluzente:

— Assassino! Assassino! Abandonaste-me com os meus filhinhos, dizendo que ias buscar recursos na povoação. Elles morreram de fome e de sêde! Coitadinhos! Coitadinhos!...

Desatou a soluçar. O velho ia dizer-lhe qualquer cousa: explicar quem era, consolal-a, quando ella, novamente enfuriada, bradou:

— Elles morreram! Elles morreram, pae desnaturado! Eu vou morrer tambem de fome e sêde, como elles! Mas, antes de morrer, vou matar-te, para comer tua carne, para beber o teu sangue!...

E soltou um uivo formidavel:

— Quero beber o teu sangue!

O Domingos, encostado na parede, a arma engatilhada na mão, suava frio, tremendo de horror. Ella deu um pulo maior para elle, fitando nos seus olhos assombrados as suas pupillas febris, de onça acuada. O caboclo vacillou, como se a casa andasse á roda delle. A lamina luziu a dois palmos do seu pescoço. Suas mãos aprestaram a fecharia da lazarina. Insensivelmente, encostou o cano ao peito da sinistra mulher. Um tiro quebrou o silencio immenso do sertão! A louca abateu sobre o chão, escabujou um momento e logo se inteiriçou. E elle, largando a espingarda, fugiu pela porta aberta, na carreira...

"A Patria" - 17-8-922

VAMOS TER FINALMENTE O MUSEU HISTORICO

O actual Convento Santo Antonio é mais apropriado para esse fim

Está publicado no "Diario Official" o decreto creando o Museu Historico.

O acto do governo é desses que merecem todos os elogios. Mas duas perguntas accodem ao espirito ao lermos a grata noticia: Onde será installado definitivamente o Museu? Quem será o seu director?

Si o governo quizesse collocar o Museu numa casa que nos deve merecer toda a nossa veneração, essa casa só poderia ser o convento de Santo Antonio — onde Frei Sampaio, recebia quasi diariamente D. Pedro I e todos aquelles que foram as figuras maiores, que procuraram nos dar o Brasil — independente.

Com o local não pode haver outro.

E o director.

Poucos nomes podem concorrer ao honroso e difficil logar.

Entre os poucos podemos citar Escragnolle Doria, Noronha Santos e João do Norte. Os dois primeiros temos que os pôr de parte porque tanto o director do Archivo Publico, como o director do Archivo Municipal estão onde devem estar e a elles ninguem pode fazer concorrencia dada a intelligencia, e dedicação com que occupam aquelles logares.

Resta João do Norte, cultor dos nossos costumes, investigador de vasta cultura, sertanista dos profundos. E' ainda João do Norte o autor de um trabalho que o colloca em destaque, pela proficiencia com que fez a pesquiza historica que illustra o trabalho a que nos referimos.

O ministro Pandiá Calogeras sabendo do cuidado e da honestidade com que João do Norte, estudou o historico dos Dragões da Independencia, encarregou esse illustre escriptor de organizar um album para o Ministerio da Guerra onde fossem reconstituidos todos os uniformes que tem servido ao Exercito.

Basta esse trabalho para se avalia o criterio com que João do Norte encara as reconstituições historicas.

E' possivel que tenhamos outras competencias mas ainda assim, difficil será concorrer com o illustre e brilhante escriptor.

Resta agora, examinar, com um pouco mais de dtalhes, a casa que lembramos.

Ainda ha pouco tempo, numa reportagem aqui publicada nas nossas columnas, recordamos o estado em que se encontra o convento de Santo Antonio.

O abandono é o mais completo e do antigo patrimonio, pouco resta e a sua notavel bibliotheca, da maior importancia para a documentação da nossa historia, essa mesma está seriamente desfalcada. Ora, si o governo quer installar o Museu Historico em uma casa de sagradas tradições, essa, não pode ser outra, que o convento de Santo Antonio.

E queiram os deuses que o governo nos ouça e attenda ao nosso patriotico appello.

"Patria" 23-8-1922

O director do Museu Historico

Dr. Gustavo Barroso

E' com o maior contentamento que registramos a nomeação de Gustavo Barroso, para o cargo de director do Museu Historico, ha poucos dias creado.

Duplo é o nosso contentamento, porque vemos que o governo collocou "The right man, in the right place" e tambem porque foi a "A Patria" o unico jornal que applaudio a patriotica creação do Museu Historico, lembrando até, para seu director o sr. Gustavo Barroso, mais conhecido sob o pseudonymo de João do Norte.

Felizmente a escolha do governo recahiu sobre uma verdadeira competencia sobre o assumpto, de modo que cousa alguma ha a temer sobre a orientação que terá o Museu Historico.

Quanto a João do Norte nada mais temos a juntar ao seu nome do illustre escriptor a não ser enviarmos daqui as nossas saudações pela opportunidade que vae ter de mostrar, á testa do Museu Historico, não só a sua competencia, como um campo vasto para o seu talento creador e sua brilhante cultura.

"Fon-Fon" 19-8-922

Dizia-me outro dia um amigo e com o maior espirito:

— Eu queria ser tudo, menos chinez...

Achei-lhe graça e quiz saber por que motivo não desejava ser filho do ex-Celeste Imperio e actual Sublime Republica.

— Porque não tenho memoria e nunca aprenderia a lêr em chinez, tornou-me elle.

— Como assim?

— Ora, como! Imagine você que o alphabeto dos chinezes tem no minimo tres mil lettras syllabicas, que os homens instruidos da China sabem bem mil, são capazes de entender, mas não de pronunciar outras mil, ignorando por completo as mil restantes, que só os grandes sabios conhecem! Imagine você que eu ás vezes esqueço algumas das nossas vinte e cinco, como é que poderia algum dia decorar mil. Deus me livre de ser chinez!

"Fon-Fon" 26-8-922

O palito Um costume eminentemente brasileiro é o dos palitos após a refeição. Mas ha gente que os usa antes, durante e depois. Alguns chegam mesmo a guardar um atraz da orelha...

Ainda hontem, ao entrar num restaurante, esbarrei com um typo barrigudo, de correntão du ouro e brilhantes encaroçando os dedos, que respirava ter fartamente jantado e que trazia ao canto direito da bocca um charuto colossal e ao esquerdo um palito espetado.

Fitei-o com verdadeiro pasmo e fui-me pensando que, se a bôcca de tão espectaculoso sujeito, tivesse mais do que dois cantos, elle nelles dependuraria ainda outros objectos...

Que cabide!...

"Fon-Fon" - 26-8-922

97

Mario Barreto Os grammaticos são geralmente pessimos escriptores. Parece que a preoccupação das minucias lhes tira de todo o gosto esthetico. Mas ha grammaticos que são bons escriptores, raros, é certo, o que lhes da dobrado valor. Entre essas excepções figura de maneira notavel o professor Mario Barreto, que é, incontestavelmente um dos mais completos conhecedores da velha lingua portugueza, cuja erudição a Academia de Sciencias de Lisbôa reconheceu, elegendo-o seu membro.

Mario Barreto acaba de publicar os dois volumes da sua bella obra *De Grammatica e de Linguagem*, que nenhum escriptor poderá deixar de ter actualmente na sua estante. Cada uma de suas paginas vale por uma excellente lição de linguagem, baseada nos melhores autores de Portugal e do Brasil.

O autor do *De Grammatica e de Linguagem* não é um grammatico vulgar, sim um erudito critico de palavras de suas origens, de suas fórmas, de sua evolução e de seu valor, que escreve em estylo agradavel, prendendo o leitor aos assumptos tratados, com os quaes se identifica dando-lhes um admiravel realce.

2
Sup.
M22

Mulher, menino e cachorro... Na noite escura, atravez das aguas mansas da Bahia, a barca de Paquetá, caminhava lentamente para as luminarias do Rio. A um canto do salão, sósinho, encorujado na ponta dum banco, eu devorava silenciosamente um resto de charuto. E defronte de mim, um negro de roupa branca, acarinhava devagarinho o cangote de uma preta, com o braço passado por cima dos seus hombros. Ella deixava pender a cabeça a cada solavanco da barca e por fim, pousando-a no peito delle, adormeceu. Então, sorri, pensando num velho sertanejo que me dizia, quando na minha adolescencia varava o interior do Ceará escaldante, esta curiosa frase:

— Seu cadete, hai tres nações de gente que é doidinha por agrado: muiê, menino e cachorro...

"Selecta" 19-8-922

A FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO EM FLORENÇA

As antigas coudelarias do Palacio Pitti, séde da Feira Internacional do Livro.

Poucas noticias têm sido publicadas sobre a organização e os fins da interessante Feira Internacional do livro, realizada em Florença, a qual tanta admiração tem provocado no mundo inteiro e tantos visitantes tem attrahido. Por isso, achamos conveniente e opportuno dar uma resumida idéa da mesma, que lembra o certamen que se fazia exclusivamente em Leipzig, antes da guerra. Tal feira vale por uma synthese demonstrativa dos progressos feitos na arte da livraria.

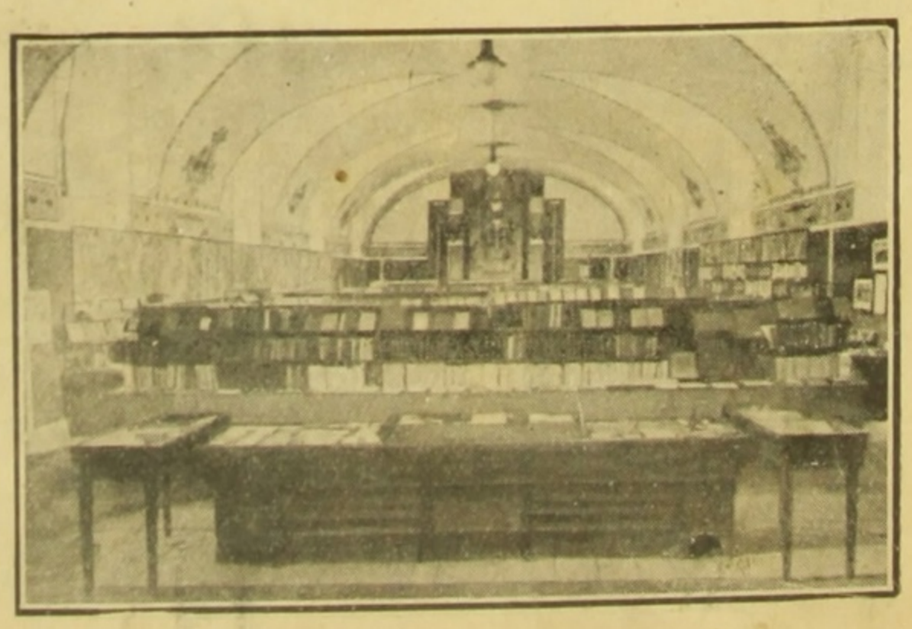
Nella se expuzeram as melhores publicações que existem sobre musica, poesia, litteratura, pintura, gravura e industria, formando tudo um conjuncto de maravilhosa belleza.

Compareceram á mesma, por especial convite do governo italiano, a operosa Hollanda, o activo Japão, a Espanha, a China, a França, os paizes americanos, a Allemanha, a Inglaterra, a Russia sovietica, as nações dos Balkans, os povos slavos, e todas as cidades da Italia. Cada uma expoz o que tem de melhor no assumpto, demonstrando a habilidade, o talento e o saber, tanto dos seus poetas, escriptores, scientistas e artistas, como dos seus impressores, gravadores, encadernadores, editores, fabricantes de papel, dou-

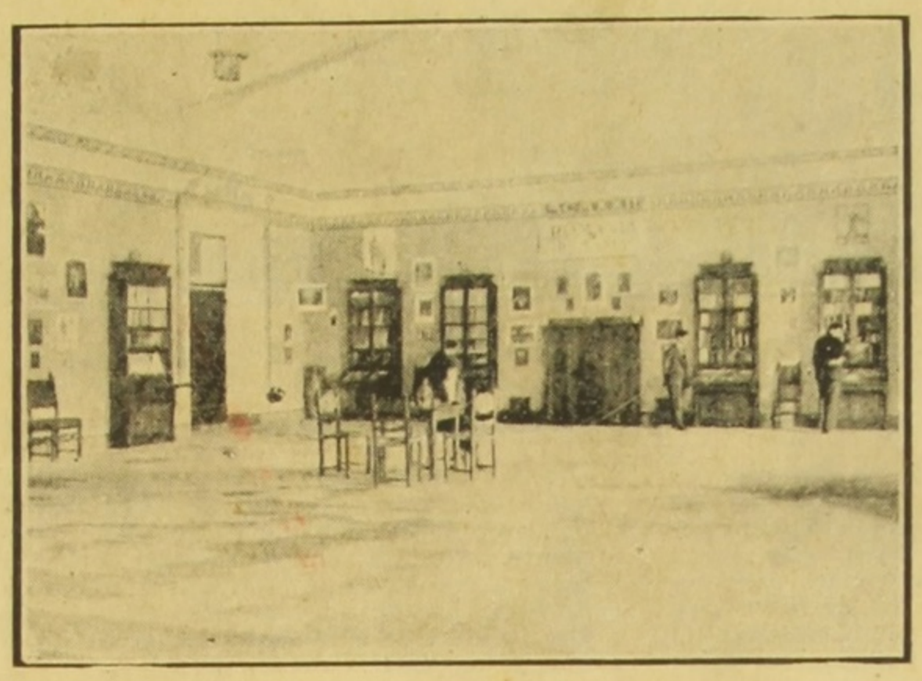
Italia

Inglaterra

França



Allemanha



Rumenia

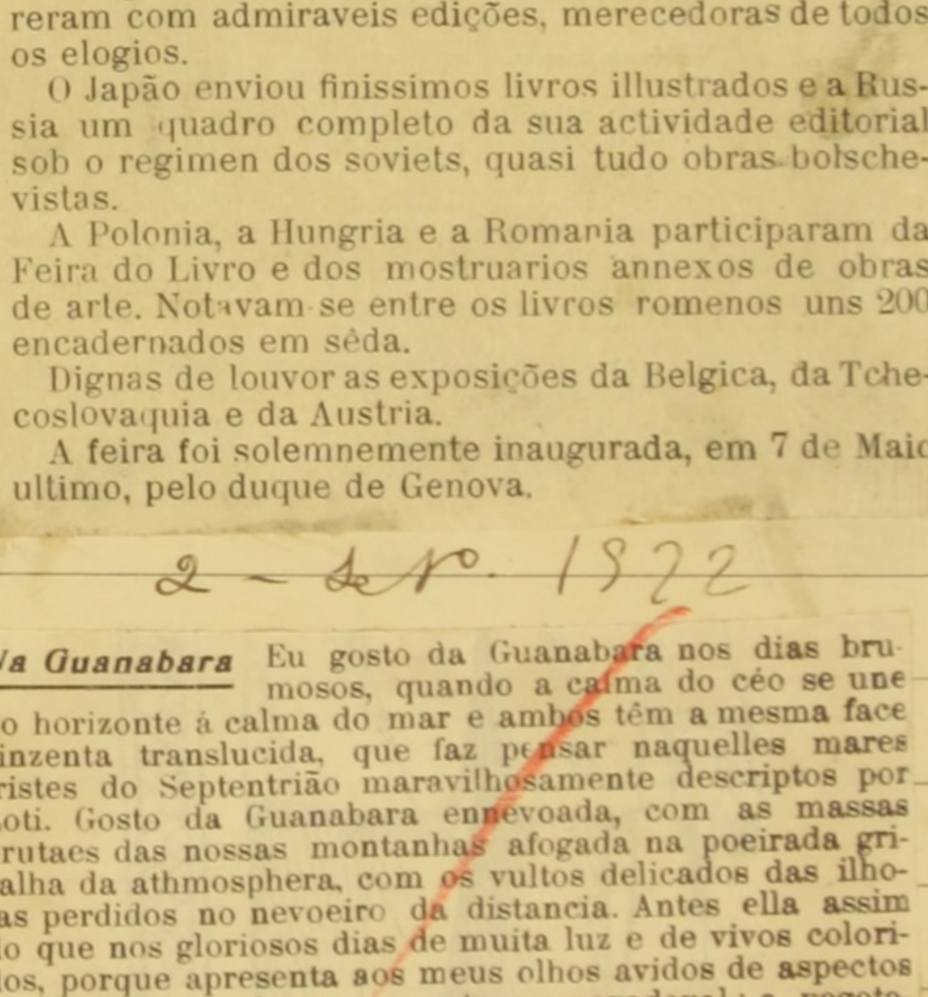
radores, desenhistas, agua-fortistas e aguarellistas. Uma demonstração dos esforços collectivos de cada qual pela arte e pela vida.

Todas as nações souberam comprehender o valor do convite da Italia, a sua alta expressão moral, não lhe recusando o seu franco apoio.

A sala allemã, uma das mais notaveis comprehende uma collecção completa das publicações feitas no territorio do antigo imperio de 1914 para cá, tendo sido decorada pelo architecto de Leipzig, Raymundo Brachmann.

A sala da França demonstrou a riqueza das suas edições de arte e a belleza dos seus trabalhos graphicos. Forrada de cinzento-perola, de bellissimo effeito, foi ornamentada pelo famoso pintor Rumeram. Da sua commissão organisadora fez parte o conhecido editor Hachette.

A Espanha fez-se representar por editores notaveis, especialmente de Barcelona, e seu ministro do Trabalho veio pessoalmente assistir á inauguração da notavel feira.



Polonia

Russia

A Inglaterra, os Estados Unidos e o Brasil concorreram com admiraveis edições, merecedoras de todos os elogios.

O Japão enviou finissimos livros illustrados e a Russia um quadro completo da sua actividade editorial sob o regimen dos soviets, quasi tudo obras bolschevistas.

A Polonia, a Hungria e a Romania participaram da Feira do Livro e dos mostruarios annexos de obras de arte. Notavam-se entre os livros romenos uns 200 encadernados em sêda.

Dignas de louvor as exposições da Belgica, da Tchecoslovaquia e da Austria.

A feira foi solemnemente inaugurada, em 7 de Maio ultimo, pelo duque de Genova.

"Fon-Fon" 2-Set°-1922

Jettatura Fui um destes dias vêr as obras formidaveis do desmonte do Castello e as não menos formidaveis da futura Exposição. Era a hora de almoço e os operarios, tendo deixado o trabalho, descansavam á sombra das paredes, preparando-se para começar a sua refeição.

Nisto, vem em sentido contrario ao meu, um sujeito esgrouviado, de sutambaque preto, olhos impressionantes pelo seu negror e pela sua expressão voluntariosa, e longos bigodes grisalhos. Um typo de impressionar. E todos aquelles obreiros em repouso, homens rudes e sadios foram voltando-lhe as costas lentamente, a murmurar quaesquer coisas e a fazer gestos exquisitos com as mãos. Descobri que alguns eram figas e que muitos daquelles homens procuravam tocar em traves de madeira ou em pedaços de ferro o mais depressa possivel, afim de isolar a urucubaca que aquelle extranho visitante devia espalhar em volta de si.

Vim, lembrando-me de scenas identicas apreciadas no mercado de Napoles ou nos cáes de Palermo. E pensei profundamente na antiguidade das superstições, na theoria das emanações malevolas e benevolas, que cada um de nós emitte, segundo a antiga sabedoria sagrada.

A' tarde, lendo os jornaes, soube que desabára o viga mento de ferro do futuro pavilhão portuguez...

"O Jornal" - 17-Set°. 1922

2-Set°. 1922

Na Guanabara Eu gosto da Guanabara nos dias brumosos, quando a calma do céo se une no horizonte á calma do mar e ambos têm a mesma face cinzenta translucida, que faz pensar naquelles mares tristes do Septentrião maravilhosamente descriptos por Loti. Gosto da Guanabara ennevoada, com as massas brutaes das nossas montanhas afogada na poeirada grisalha da athmosphera, com os vultos delicados das ilhotas perdidos no nevoeiro da distancia. Antes ella assim do que nos gloriosos dias de muita luz e de vivos coloridos, porque apresenta aos meus olhos avidos de aspectos novos ou imprevistos uma natureza paradoxal: a vegetação exhuberante dos tropicos, a elegancia altiva das palmeiras envoltas num ambiente triste, glauco, quasi inexpressivo, que só se encontra nos fjords do Norte da Europa.

Theodora! Sonhei que ella, deante de meus olhos maravilhados, num grande atrio de marmore branco, que se refiectia em vasta piscina semeada de petalas de rosa, tirava uma a uma as peças do seu vestuario. E inteiramente núa, tendo somente nos pés pequenas alpercatas de esparto e á cabeça uma tiara constellada de joias, caminhava para a agua perfumada.

Acompanhei todos os seus movimentos, que, como os da Gioconda de d'Annunzio, só desmanchavam uma harmonia para crear uma harmonia nova, arfando de emoções varias nas suas formas, ainas na sua pujança. E como a tiara faustosa lhe cobrisse os cabellos da côr da luz do sol e mais bellos do que ella, seu corpo maravilhoso lembrou-me uma aquarella de Manoel Orazi, no frontispicio dum livro celebre de Charles Diehl,

Eu murmurei, então:

— O' minha Theodora, Imperatriz do meu coração!

A Ordem do Sol

O sr. dr. Juan de Dios Salazar Oyarzabal, embaixador extraordinario do Peru' ás festas do nosso Centenario, entregou hoje a alguns brasileiros as insignias da Ordem do Sol, com que o governo de seu paiz os agraciou: ao sr. dr. Rodrigo Octavio, a placa de grande official; ao sr. dr. Gustavo Barroso, o collar de commendador e ao sr. Carvalho Lima, roseta de official.

Toda a vez que eu a avisto, de perto ou de longe, sob a corôa de ouro dos seus cabellos divinos, os olhos com uma expressão de dolorida tristeza e os labios semi abertos num sorriso, procuro imaginal-a de perfil, tão doce e tão sereno como o de uma figura, de vitral gothico. E, não sei por que motivo, a sua imagem que ardentemente amo, traz me á memoria uma serie de figuras louras e puras, que a imaginação profunda dos litteratos e dos poetas creou na sombra augusta das rendas de pedra das cathedraes antigas: a Esmeralda de *Notre Dame*, de Victor Hugo, a filha dos bordadores do *Rêve* de Zola, aquella delicada Maria Anna das *Trois Roses* desse bizarro Pierre Louys. E é quando desejo ser poeta ou romancista. E é quando desejo ser poeta ou romancista para immaterialisal-a esplendidamente numa figura immortal e imaginaria...

99

"A Rua" - 22 Agosto 1922

Pela Historia e pela tradição

O governo da Republica vem de crear o Museu Historico Nacional

Sobre os seus fins, a sua importancia e o seu valor historico, fala-nos o seu illustre director, o sr. Gustavo Barrozo

O applaudido escriptor João do Norte

O governo da Republica vem de approvar o decreto creando o Museu Historico Nacional, approvando, egualmente, o respectivo regulamento.

Para dirigir este importante departamento da União, o governo, com um gesto acertadissimo, escolheu o Sr. Gustavo Barrozo, nome dos mais prestigiosos na intellectualidade brasileira, e figura de inconfundivel destaque no mundo carioca das letras.

Mais acertadamente não podia ter agido o governo, na escolha do nome chamado a assumir a responsabilidade de guardar e collecionar todos os dados, documentos e objectos que se relacionam, directamente, com a nossa historia politica.

O Dr. Gustavo Barrozo, estudioso e erudito investigador das emaranhadas galerias em que se abysma a constituição de nossa nacionalidade e de nosso povo; joven mas já fulgurante e definitivo escriptor; viajante culto e curioso, com uma larga estadia na velha Europa, cujos museus de toda a natureza perquiriu e visitou, com uma curiosidade avida de estudioso e dilletante; alliando a esses predicados uma variada e profunda cultura, o Dr. Gustavo Barrozo era quem melhor se adaptava ao importante e delicadissimo posto de chefiar e dirigir a repartição a cujo cuidado iam ser entregues as mais preciosas reliquias da nossa historia politica.

Essas reliquias historicas, até agora sob a custodia do Museu Nacional, muito bem acondicionadas, innegavelmente, mas em logar de difficil accesso por visitantes, vão passar agora para o logar que lhes é mais apropriado, facilitando, assim, a visita e o estudo dos curiosos ou dos estudantes.

Por outro lado, é sabido que ainda existem, em innumeros locaes ignorados, ou perdidos por ahi a fóra, muitos documentos preciosos, que os ignorantes abandonam e esquecem, ou deitam fóra, por uma lamentavel desidia.

Foi para reparar essas duas lacunas bem sensiveis que o governo resolveu crear o Museu Historico Nacional, precisamente no momento em que celebramos a passagem do primeiro seculo de nossa vida livre, de cuja celebração guardará o Museu documentos e reliquias suggestivas e significativas, de um alto valor.

Comprehendendo a importancia e significação do novo estabelecimento official creado com tão patriotico e digno e elevantado fim, decidimos procurar o Dr. Gustavo Barrozo, afim de colhermos mais interessantes e detalhados informações acerca da novel creação.

Acerca dos seus fins, suas varias dependencias e secções, os documentos e objectos que, propriamente, irá guardar o Museu, forneceu-nos o Dr. Gustavo Barrozo as mais interessantes informações, que nos apressamos em transmittir aos nossos leitores.

Uma vez em presença do Sr. Gustavo Barroso, por quem fomos recebidos amavelmente, com a simplicidade de velhos conhecidos, expuzemos-lhe, sem rodeios, os fins de nossa visita.

A tarefa de que estou incumbido, começou o Sr. Gustavo Barroso, respondendo a nossa primeira interpellação, não é das mais difficeis, portanto já me entregam a guarida de objectos e documentos quasi todos catalogados e em perfeita ordem, restando-me, apenas, destribuir, ultimar a confecção das varias secções e dependencias em que vão esses objectos ser guardados e expostos. Entretanto, não deixo de reconhecer que ainda muita coisa há por fazer, desde que existe esquecidos e abandonados preciosos dados e objectos que têm a mais intima ligação com os varios factos, epocas e costumes que precederam a formação de nossa nacionalidade, ainda em vago esboço, e para cuja definição positiva, que se opera lenta, mas progressivamente, esses dados preciosos que o museu vae guardar, hão-de ser factor importante.

— Além do mais, proseguiu o Dr. Gustavo Barroso, é preciso adeantar que o Museu não se limitará ás dimensões estreitas na nossa historia, unicamente.

Abrangerá, ao contrario, toda a historia universal, nas varias epocas e modalidades, e terá dependencias especiaes reservadas a cada uma dessas epocas, a cada povo e a cada objecto, ou documento, quer seja de natureza politica, commercial, social, etnologica, natural ou material.

— Os fins do Museu, na parte educativa, que complete a cada um desses departamentos scientificos, de accordo com o respectivo regulamento, os seus fins são cooperar, por meio de cursos, conferencias, commemorações e publicações, para o mais vasto e completo conhecimento da historia patria e para o culto religioso e patriotico das nossas tradicções.

Nesse ponto da amabillissima palestra do Sr. Gustavo Barroso, interrompemol-o:

— Mas não é para outros fins nem tem outro effeito a creação, bem antiga do nosso Museu Nacional e do Archivo Historico..

— Ahi está o seu engano. O Museu Historico tem misteres bem mais largas e definidos que as repartições desse genero que o Sr. citou além disso, abrangerá muito mais vastos dominios, indo buscar a todas as fontes possiveis dados importantes sobre a vida, a genese da constituição actual e o passado de todos os povos.

Sobre isso terá a missão de tornar directos e mais preciosas visitas e o estudo aos documentos que armazenar, aos objectos de que se tornará depositario.

Satisfeitos com essa explicação reparadora de uma decepção e de uma suspeita que se esboçava em nosso espirito, perguntamos ao nosso distincto conversado.

— Na parte pratica, propriamente dita, como se constituirá o Museu?

— Dividir-se-á em duas secções inteiramente distinctas. A primeira comprehenderá objectos historicos em geral, representativos da formação e da evolução de todas as epocas, de todos os usos e costumes dos povos.

A segunda abrangerá a collecção de moedas, medalhas, sellos e outras peças similares.

Em cada uma dessas secções, para perfeita orientação, serão conservados, constituindo um archivo especial, todos os documentos ou legendas que acompanharem os objectos adquiridos e que comprovarem a sua authenticidade e procedencia, ou lhes disserem respeito, por qualquer causa.

Isso quanto á parte material, propriamente dita. Quanto á parte literaria, serão creadas duas bibliothecas especiaes, que ficarão annexas a cada uma das duas secções A' primeira secção ficará annexa uma vastissima bibliotheca de historia universal, com o maior numero de obras e tratados sobre o Brasil, e de archeologia e historia da arte.

Desse modo poderá o Museu fornecer ao seu visitante estudioso ou meramente curioso os mais importantes dados, scientificos e praticos, ao mesmo tempo, sobre tudo que se refere a historia e arte.

A segunda parte, por sua vez, terá uma bibliotheca especial de numismatica, sigillographia e philatelia.

Ahi encontrar-se-á tudo que diga respeito ás vastas e riquissimas collecções de medalhas, sellos estampas de qualquer valor, especie, feitio e natureza, provindos de todas as epocas e de todas as partes do mundo.

A collecção que o Museu Nacional e o archivo nacional fornecerão para o novo estabelecimento, por si já é muito vasta, tendo, ainda, a enriquecel-a, uma nova remessa ou outras que virão depois, á proporção que o cultivo desses ramos de estudo for se desenvolvendo e apurando.

Sufficientemente satisfeitos com tão preciosas e uteis informações do joven, brilhante e erudito cultor das letras e da arte em nosso paiz, retiramo-nos da presença do Sr. Dr. Gustavo Barroso.

Innundava-nos a alma a grande, a luminosa felicidade de vermos que há em nosso paiz um governo que tão de perto, e com tanto amor, se interessa pelo culto sagrado e patriotico da tradição e da arte no que ellas têm possuem de mais legitimo e mais alto.

"Jornal do Commercio" - Varios
23-8-922

O Sr. Dr. Gustavo Barroso foi hontem agradecer ao Sr. Presidente da Republica a sua nomeação para o cargo de Director do Museu Historico.

100

"Correio Paulistano" - 22 Agosto 1922

UMA SANTA DO POSITIVISMO

No calendario do positivismo, cuja estreiteza de vistas tanto mal tem causado ao nosso paiz, desde a proclamação da Republica, está incluida a celebre india mexicana Marina, cuja dedicação a Cortez, o conquistador de sua patria, essa seita elogia grandemente.

Nunca me pareceu que a mulher que abandonou a causa da sua raça pelo extrangeiro avassallador, entregando-se-lhe de corpo e alma, e ainda o amando depois de abandonada, merecesse figurar entre os nomes de um calendario sectarista que pretende reunir todos os grandes vultos da humanidade, dignos dos louvores dos posteros. Antes, pelo contrario, o procedimento da india é mais passivel de censura do que de outra cousa. Os historiadores mexicanos encarregam-se de demonstrar de maneira inilludivel que o caracter da companheira de Fernão Cortez não é absolutamente merecedor de homenagens.

E ninguem mais apparelhado para essa affirmativa do que os eruditos escriptores da velha historia de Anahuac, que se baseiam nos melhores documentos contemporaneos da conquista da Nova Hespanha.

Luiz Perez Verdia conta, na sua "Historia de Mexico" (5.a edição da Viuva Boudet, Paris-Mexico, 1911, in 8.o), que Marina foi dada a Cortez por um cacique indigena, com mais dezenove escravas. Provavelmente nascera na provincia de Coatzacoalco, embora algumas chronicas coevas digam que na de Jalisco. Era de familia nobre e os paes a tinham entregue a uns mercadores de Xicalanco, quando pequenina, espalhando a noticia de que morrera, afim de evitar questões na successão de seus titulos e posses a um filho rapaz, que tinham. E o referido autor accrescenta (pgs. 130-131): "Los españoles la llamaron Marina ó Malinche, bien sea como quiere el señor Orozco y Berra, porque se llamaba Malinalli, y oyendo que le decian Malinal, le pusieron en el bautismo Marina, por semejanza, á cuyos nombres agregaran la particula reverencial Tzin, diciendo los naturales Marinatzin, ó Malinatzin, de donde se corrompió la palabra en Malinche ó como pretende á la inversa el señor Alaman, porque bautizada con el nombre de Marina y agregandole la particula tzin, diminutiva, dijeran los mexicanos Malintzin, Marinita, en virtud de cambiar la r, letra que no tenian en su idioma, en l, habiendo los españoles corrompido la voz Malintzin en Malinche."

O referido historiador affirma que foi mulher muito intelligente **e muito astuta.**

Ao principio, ella não falava o castelhano e simplesmente as linguas maya e nahôa. A primeira era conhecida do padre Aguilar, companheiro de Cortez. A segunda era a que falavam os aztecas. Ella servia de interprete, falando o nahôa ou nahuatl com os naturaes do paiz, repetindo o que diziam ao padre em maya, e este traduzia a phrase em hespanhol para o conquistador.

Fazia-se o contrario para se transmittir o que dizia Cortez aos mexicanos. Na repartição das vinte escravas offerecidas pelo cacique a que já alludimos, Marina tocou a Hernandez Puertocarrero. Elle a emprestou a Fernão Cortez, que della só teve plena propriedade quando o primeiro se retirou para a Europa.

Na transmissão do pensamento indigena aos hespanhóes, Marina representava um papel infame. Perez Verdia acha que ella era **interprete parcial,** capaz de fazer no que repetia, de accôrdo com o interesse dos conquistadores, substanciaes **modificaciones** (op. cit. pag. 141), e culpa-a grandemente da matança de seis mil cholultecas, ordenada por Fernão Cortez, depois de uma sedição que se pretendia os mesmos preparavam, o que era calumnia dos tlaxcaltecas, seus inimigos. Foi Marina quem teceu com as suas **interpretações** toda a intriga de que resultou esse morticinio de seus compatriotas, tão horrivel que obrigou o governo hespanhol a mandar fazer mais tarde um inquerito judiciario.

E ainda foi essa mulher quem exaggerando as ameaças do seu amante hespanhol, aterrorizou no seu palacio o imperador Motecuhzoma, Montezuma, representante da soberania da sua nação, que ella ajudou o extrangeiro a destruir.

Não a considera de melhor grado o licenciado Orozco y Berra, o mais erudito historiador mexicano. Na sua magnifica "Historia Antigua de Mexico" (edição de G. A. Esteva, Mexico, 1880, 4 volumes in 8.o, vol. IV, pags. 111, etc.), baseado na chronica de Gomara, na Historia de Chimalpain, na obra de Carlos Bustamante, na Historia Chichimeca de Ixtlilxochitl, nos livros de Oviedo, Las Casas, Herrera, Torquemada, Garcia Izcalbaceta, Bernal Diaz, Clavigero, Solis, Prescott, Mota Padilla, etc., depois de discutir a sua origem, si era natural de Jalisco ou de Coatzacoalco, de Jaltipan ou de Viluta, de Painala ou de Huilotta, passa a commentar, conforme vimos em Perez Verdia, o seu nome de Marina ou Malinche, lembrando que, ironicamente, os mexicanos chamavam a Cortez o capitão Malinche...

Marina apprendeu o castelhano com grande facilidade. Affirma Prescott que foi por ser essa a lingua do amor... Entretanto, os chronistas, os manuscriptos e os documentos coévos não descobriram esse tão profundo amor. Todos elles viram nessa interprete infiel um docil instrumento ás mãos dos conquistadores.

Vejamos como o sério e imparcial Orozco y Berra a julga: "Lavada con el agua de los cristianos, cambió de religion sin entender los deberes de su nueva creencia; entregada a Puertocarrero para su servicio, de esclava de los barbaros entró en la servidumbre de los blancos. Su destreza en las lenguas maya e nahôa la hizo indispensable en el trato con los indios; su caracter de interprete la reteno al lado del inflamable don Hernando; avisada, inteligente, hermosa, sin los melindres de Lucrecia, la suerte la condujo á partir el lecho de campaña del capitan de los teules. Consideraban los invasores lastimando los legitimos derechos de Doña Catalina Juarez; respétabanla, adorabanla los indigenas como á la compañera escogida por los barbudos diôses.

En pocos meses se cumplieron tan profundas transformaciones, que debieron transtornar por completo el corazon de la mujer.

Entregada en cuerpo y alma á los estranjeros; con desconocidas idéas despertadas por el orgullo, colocada, segun se imaginaba, en encumbrada posicion, rompió toda liga con los pueblos de Anahuac, desconoció su raza; á mengua debia tener el color bronceado. Por un extraño capricho de la suerte, venia a ser arbitro de los destinos de las naciones invadidas. Pasaban por su boca los discursos de los embajadores, las quejas de los oprimidos, la sumision de las ciudades, todo linaje de relaciones y noticias, no existia otro medio de communicacion; en estas communicaciones no habia medio de corregir el abuso; en manera alguna podian ser contradichas las palabras de la interprete. Se comprende que por amor y por miedo traduciria de buena fé, encuanto pudiese alcanzar, los dichos de don Hernando, pero nada nos assegura tomara el mismo empeño respecto de los indigenas. Por torpeza en medir y concertar las palabras, ya que no quiera suponerse desprecio por los vencidos, cariño por su amante, influjo de los aliados de los invasores, bastaba suprimir una frase, cambiar una idéa, para hacer de lo blanco negro, disponiendo de esta manera á su antojo de hombres y ciudades; sobrada ocasion le daba la intima comunicacion don Hernando para influir sospechas, predisponer con buenos ó malos con-

102

"O Jornal" 6 Setembro 1922

sejos (op. cit., vol. IV, pgs. 118 e 119)".

Essa creatura foi a alma damnada das matanças e das pilhagens. Não se conta della um gesto de piedade em favor dos de sua raça. Por isso, Bernal Diaz del Castillo companheiro de aventuras de Cortez, a denomina "gran principio de nuestra conquista" Orozco y Berra a pinta com côres crúas, essa mulher sem coração, que a phantasia de Prescott tentou poetizar sem o conseguir que se salvou no desbarato da Noche Triste, quando todas as mulheres pereceram, que ajudou a consummar-se a derrota do Mexico. E Bernal lhe dá com verdade "muy mayor esfuerzo que de mujer".

Para amedrontar os indigenas desconhecedores de tudo o que se relacionava com os castelhanos, ella lançava mão de todos os recursos. Jurava aos mexicanos que o lebréo de Francisco Lugo, ladrador violento, era uma fera que matava aquelles que aborrecessem seus amos. Jurava aos enviados de Montezuma que Fernão Cortez era um deus. E' isso o que affirmam as "Cartas de Relacion", as "Decadas", de Herrera, o manuscripto de Duran e a "Relacion de la Conquista", de Sahagum. Orozco y Berra na pagina 252, do vol. IV de sua obra citada, assegura mais ainda do que Perez Verdia que ganha aos mesquinhos interesses da gente de Tlaxcala. Marina inventou uma conspiração dos mexicanos, tecendo como interprete toda a intriga, adulterando os depoimentos e informações e incitando os castelhanos de tal sorte que o resultado foi a horrivel chacina e saque de Cholollan, onde pereceram obra de seis mil pessoas, entre velhos homens fortes, mulheres e crianças!

Por isso, quando orgulhosamente ao lado de Cortez (Orozco y Berra, op. cit., pg. 271, vol. IV) ella entrou no paço do Montezuma e lhe extendeu a mão, o monarcha a repelliu com desprezo e extendeu a destra ao capitão hespanhol, que era seu inimigo, mas não tinha nas veias o mesmo sangue, nem vira a luz do dia sob o mesmo céo.

Por tantas e tão admiraveis obras, a "pretenciosa Marina" do velho Bernal Diaz tem o seu nome no flos sanctorum dos positivistas. Homenagem bem merecida. Sobretudo, bem ganha. Custou o sangue de seis mil pessoas!

João do NORTE

A Arte Norueguezza

Entre os paizes que melhor se farão representar na Exposição Commemorativa do Cenetnario da Independencia do Brasil, figura a Noruega, cujo pavilhão se ergue na Avenida das Nações, dominado pelo rubro fluctuar da sua bandeira. Nossas relações de ordem commercial e moral com essa patria dos antigos Vikings são hoje em dia de tal natureza, e cada vez se tornam mais intimas, que muito precisamos de nos fazer della conhecidos como de tornal-a familiar entre nós, na multiplicidade das suas manifestações. Como já tenhamos feito, nestas mesmas columnas, longas referencias ao seu commercio e á sua politica, não será de todo inutil que, para completar esses pequenos estudos, olhemos hoje um pouco para a sua interessante e forte actividade artistica.

A arte norueguezza, se não tem atraz de si periodos tão intensos e tão afamados como os das escolas flamengas e francezas de certas épocas, como o do Renascimento italiano ou do decimo seculo em Byzancio, mergulha, entretanto, suas raizes no passado, contando um glorioso periodo nos primeiros centenarios da Edade Média e "quelquer personnalités savoureuses de bons artisans pendant la Renaissance ou an XVIIIme. siecle". E tanto nesses momentos como naquelles em que estamos, embora muitas vezes ignorada pelo afastamento do seu paiz e pelo particularismo do seu povo, a arte norueguezza tem vivido sempre original e vigorosa, impregnada de tal força intrinseca, que lhe permittiu, actualmente, quando todas as fórmas artisticas degeneram, a eclusão de fórmas e maneiras novas, profundamente caracteristicas do sólo e do povo norueguez.

Num interessante livro sobre a arte norueguezza, o secriptor Vidalenc diz o seguinte: "On a que dire, de façon assez simpliste, que l'histoire artistique de la Norvége ne commençait qu'an XIXe. siécle. C'est méconnaitre la valeur trés réelle de son architecture gothique, l'originale fantaisie des églises de bois éparses dans la campagne, la persistance d'un art décoratif resté trés savoureux á travers les siécles.". Effectivamente, o que torna, em verdade, a arte da Noruega digna de carinhoso estudo em qualquer de suas manifestações é a sua continuidade no tempo, a sua ligação logica a um passado, se não intensamente esplendido, pelo menos longo e bastante formoso na sua ingenua originalidade. Isto não exclue a acção de influencias estrangeiras sobre a evolução natural dessa arte. Todos os movimentos artisticos nacionaes do mundo a têm experimentado. E a esse proposito, o autor citado escreve, com toda a razão: "Loin de nous en étonner, nous devrions plutôt admirer comment de tant d'apports divers, venus, suivant les siécles, d'Angleterre, de France, de Suéde, de Danemark ou d'Allemagne, ce peuple a su former une civilisation originale.".

Elle a demonstrou na sua arte decorativa, que tem atravessado os seculos sempre bella e nova, na sua originalidade primitiva; no seu estylo romano-normando do seculo onze, affirmado nas egrejas de Santa Maria de Bergen, de Aker, em Kristiania, e de S. Swithun de Stavanger, no desapparecido castello de Oestrat e sobretudo na portentosa cathedral de Santo Olavo de Trondhjem, a Reims norueguezza, onde se corôam os reis; nas egrejas de madeira, "stavkirke", alevantadas entre o seculo onzeno e o decimo terceiro; nos palacios construidos em Bergen ou Kristiania, do seculo XVII ao XVIII, cujos curiosos elementos barrôcos e rococós, vieram de Copenhague e das cidades hanseaticas. Nessa arte, polida ao contacto das influencias extranhas ou ainda perfumadas de rusticidade, delinearam-se elementos decorativos de profundo sabor nacional: os dragões entretecidos, uns mordendo as caudas dos outros, flores e folhagens do paiz estylizadas, a rosa aberta e outros ornamentos que vinham dos primeiros artistas obscuros perdidos no recesso das aldeias distantes, que de paes a filhos transmittiam silenciosamente gostos, tradições, normas e feitios, creando assim uma vasta e poderosa corrente de tendencias proprias. E os grandes nomes, como Rosenfelder ou Peter Adanes nada mais eram nas cidades do que os representantes legitimos, refinados pelo meio, dos desconhecidos creadores semi-rudes da verdadeira arte nacional da Noruega.

Do cerne da nação é que ella saiu, com todo o seu valor intrinseco, nascida nas construcções de madeira, nos bordados e rendas, nas tapeçarias primitivas, nas tecelagens ruraes, no fabrico dos brinquedos e dos moveis, nos cofres matrimoniaes e nas "calendras" de madeira historiadas dos fartos valles de Telemark, de Valders e de Guldbrandsdal. A espontaneidade da evolução dessa arte rural foi detida pela austeridade do lutheranismo, durante algum tempo; mas, logo que se affirmaram as tendencias artisticas e se libertaram de preconceitos, as artes norueguezas mostraram-se capazes de attingir amplo desenvolvimento, em liberdade de concepção e de execução em qualquer ramo. E a "Sulamita" de Christian Borch, o primeiro nú feminino da estatuaria norueguezza, plenamente demonstra isto.

Não é demais accentuar novamente que da arte rural, do fundo da raça sobem na Noruega, até ás altas camadas, os verdadeiros movimentos artisticos do paiz. Isso lhes dá um sabor especial e um vigor de expressão verdadeiramente notaveis. Ellas representam a alma immensa do povo. Dahi estes conceitos do autor que já anteriormente citamos que vale a pena recordar: "C'est des familles d'artisans de village que sortiront plus tarde aux XVIIIe. et XIXe. siécles un grand nombre d'escellents artistes, et c'est ce que nous explique pourquoi, malgré tant d'influences étrangéres subies, l'art norvégien conserve des caractéres nationaux qui nous le rendent infiniment précieux...". "C'est á la persistance de ses arts décoratifs que la Noroége a du sa renaissance artistique du XIXe. siécle, c'est á leur patiente formation d'artisans que ses peintres et ses sculpteures ont du cette préoccupation de la technique qui les caractérise, et qui fait des mailleurs d'entre eux des véritables maitres d'oeurve. c'est á ce gout du travail bien fait donné dans les ateliers de village qu'ils doivent leurs recherches patientes pour l'amélioration du métier, leurs scrupules d'artisans probes et difficilement satisfaits.".

Eis aqui um exemplo que a Noruega nos dá. Deante delle, certamente corroborado no seu pavilhão da Exposição, de modo concreto, pelos mostruarios da sua arte campesina e da arte elevada que della nasceu, devemos abrir os olhos e trabalhar para fazer sair dos misteres rudimentares das nossas populações e dos animaes e vegetaes do nosso habitat as fórmas variadas e esplendidas que dêm, num estylo verdadeiramente brasileiro, a medida das tendencias complexas

nossa alma nacional. Moderni- o estylo colonial dos nossos vós já é alguma coisa, porém ain- não é nem póde ser tudo. Em 20, o pintor Grosch affirmava e a Noruega pensava e cuidava muita coisa, menos da arte. Se diamos dizer isso do Brasil ha z annos, já não podemos dizer ais. E só nos falta seguir a róta atural, como a traçada pela acti- dade e bom senso dos norueguê- s, para dentro em pouco nos or- ulharmos de nossa arte nacional, nto quanto elles justamente se rgulham da sua.

Só assim chegará o dia em que, ara attingir seu amplo desenvol- mento, não precisem os nossos tistas de emigrar ou de viver fóra paiz, como J. C. Dahl ou Hans de, norueguezes, como Pedro merico teve de fazer. Então, den- o dos nossos proprios recursos, a te se elevará e dará vida aos que ella se dedicarem de corpo e ma. E' o que acontece actualmen- na Noruega, onde todas as ma- festações artisticas têm opportu- dade de plenamente se manifes- rem.

A sua architectura veiu das fór- nas primitivas que nos mostram s museus de arte camponeza de ygdoe e Lillehammer, das mora- ias ruraes da edade média, atra- és o quasi classicismo de Groesch, até a gloriosa arte de Christie, inspirada nas tradições e no folk-lore, nas velhas construcções particulares e religiosas da Raça. Desse notavel periodo de nacionalismo são, sáe uma pleiade de architectos notaveis: Holm Munthe, Bjercke, Nollebeek, Naers, Landmark, Morgeustierne, Norsted, Glosimodt, Biong, Ekman, Poulsson e Reiners. Como a architectura, a esculptura tem a mesma formação. Ella vem das representações de Sigurd matando o dragão Fafner, da mythologia escandinava pelos seculos em fóra, ao christianismo dos primitivos tempos, ás scenas dos Evangelhos e á liberdade de hoje; vem da obscuridade dos entalhadores aldeões aos marfins celebres de Magnus Berg e aos apostolos de pedra de Hans Michelsen. Depois, a miseria enlaçou os esforços de Hans Hansen, como o academicismo desvirtuára um tanto os de Christian Borch, autor da Saga da Trithjof em pedra. Então, começam a surgir os verdadeiros mestres da esculptura norueguezа: o infeliz Hans Budal, autor dum doloroso Christo Crucificado; Middlethun, realista vigoroso; Bergslien, esculptor do Jasão; Skeibrok, Lexow-Hansen, Stephan Sinding, o formidavel creador da Mulher Barbara que retira do combate o corpo do filho morto; Visdal, Svendsen, Kielland, Nielsen, o simplificador; Utsond, com o seu Cavallo do Inferno, e esse maravilhoso Gustavo Vigeland, mestre de coisas admiraveis, tão poderoso e tão magnifico como os artistas das velhas cathedraes gothicas, como Verrochio, como Donatello, mesmo como João Goujon, e que merece, pelo esplendor esthetico, pela força expressiva, pela vitalidade immensa da sua concepção e pelo vigor inimitavel da sua execução, o titulo de Miguel Angelo do Norte. Autor dos Banidos, de baixos-relevos como a Consolação e o Inferno, de bustos como o de Bjoernstjerne Bjoernson, de estatuas como a equestre de Roosevelt, de figuras como as de Ibsen e Knut Hamsun, de esculpturas religiosas como o Christo na Cruz e a Virges e S. João, a Natividade e S. Miguel, de vultos femininos como a Rapariga Adormecida ou a Noite, de grupos como os Mendigos e o Homem e a Mulher, de conjuntos grandiosos como a Fonte Monumental de Kristiania, elle trabalhou mais de trezentas obras

As uniões politicas, aliás de pouco agrado da população, entre a Noruega e a Dinamarca, primeiramente, entre e Noruega e a Suecia, após, nunca fizeram com que em todas as suas manifestações mentaes o povo norueguez deixasse de demonstrar cabalmente a sua personalidade inconfundivel. Assim vimos o individualismo nacional affirmar-se na architectura e na esculptura. Vêl-o-emos tambem na pintura, em que seus artistas se têm mostrado sempre mais partidarios da côr do que do desenho, o que promana da sua arte primitiva. Isto não quer dizer que alguns não sejam excellentes desenhistas, como Werenskjold, por exemplo. Entretanto, a maioria é de coloristas, como Dahl e Gude, ou de analystas como Krohg e Revold. Desde os seus mais antigos pintores, como Gebrard Munthel e Edward Munch, que essa liberdade e esse impressionismo pessoal pelas côres se affirma na pintura norueguеza. E os artistas mais moços, como Jorde, Gloersen, Onsager Svarstad e Socrensen seguiram a róta dos antepassados. A pintura norueguеza não se embebe de classicismo nem muito se impregna de motivos historicos. Ella evoca o que ha de eternamente bello no homem e na natureza. E' a escola luminosa de Dahl, de Olaf Isaaksen, de Sundt-Hansen, de Thomas Fearnley, de Tidemand, Cappelen, Hans Gude, Eckersberg, Arbo, Bennetter, Rusti, Thanlow e outros muitos.

Certamente, na exposição que fará no Rio de Janeiro de seus productos de toda a sorte, a Noruega nos mostrará aspectos da sua admiravel arte, tão natural e tão original. Seria mais um grande passo para o conhecimento mutuo entre o Brasil e a nobre nação amiga.

João do NORTE.

"A Fabrica" — 24 - Agosto - 1922

102

O MUSEU HISTORICO

Como será organizado o novo instituto brasileiro e qual os fins patrioticos visados pela sua creação

UMA ENTREVISTA COM O DR. GUSTAVO BARROSO

A fundação do Museu Historico, que acaba de ser decretada, vem corresponder a uma necessidade da vida nacional. Apezar de paiz novo, o Brasil possue bellas tradições e uma historia, em que não faltam feitos memoraveis e brilhantes.

De nosso passado, de um seculo de existencia independente, e de varios seculos de colonização portugueza, ha recordações intellectuaes e materiaes, cuja guarda se impunha num instituto particularmente consagrado ás memorias do passado. Tambem cumpria organizar de modo systhematico essa recordação, que reflectirá para a posteridade a existencia brasileira decorrida, e de fórma a traduzil-a vivamente e com zelosa fidelidade.

O Museu Historico será, pois, esse instituto onde se depositarão as lembranaças dos feitos nacionaes e da vida do Brasil, sob todos os seus aspectos.

A direcção do novo departamento publico foi confiada ao dr. Gustavo Barroso, homem de letras vantajosamente conhecido e dedicado ao estudo de nossas peculiaridades e nossos caracteres intellectuaes e sociaes.

Julgamos do maximo interesse ouvil-o sobre o Museu Historico e procurámos avistal-o para esse fim.

O dr. Gustavo Barroso promptificou-se gentilmente a satisfazer as nossas perguntas e começou por nos dizer:

— Para felicidade nossa, acabou-se no Brasil a éra do descaso pelo

Dr. Gustavo Barroso

nosso passado. Coube ao exmo. sr. presidente Epitacio Pessoa a gloria de ter instituido no seu paiz natal, cujas tradições tanto o estreito sectarismo positivista se tem esforçado por matar, o Culto da Saudade. Elle o iniciou, revogando o banimento da familia imperial e fazendo com que viessem repousar na patria querida as cinzas daquelle que durante meio seculo de bondade dirigira seus destinos. Elle o cimenta instituindo o Museu Historico, que custodiará as lembranças mais importantes da nossa vida militar, naval, politica e social durante os mais notaveis periodos. E elle terminará a sua obra, fazendo renascer, na sua fita azul, a estrella de cinco pontas dessa Ordem genuinamente nacional do Cruzeiro, que brilhou sobre o fardão dos nossos maiores estadistas e sobre o largo peito dos nossos heroes.

— Permitta que recordemos o quanto tem feito em defesa de nossas tradições...

— Quando pretendi, como deputado, por um projecto apresentado á Camara, que a mesma approvou em todas as discussões após um brilhante parecer de Felix Pacheco e que o Senado rejeitou, apoiando um côr de asneiras alinhavadas pelo sr. Soares dos Santos, crear no Brasil, á semelhança do que fazem o Uruguay, a Argentina, os Estados Unidos, a França, a Hespanha, a Inglaterra, a Noruega, a Suecia, a Belgica, a Grecia, a Italia e outros paizes, um regimento com uma farda tradicional, que fosse a representação viva e solenne da nossa mais bella tradição militar, soffri uma guerra terrivel; mas nunca perdi a esperança de que um dia houvesse no Brasil um estadista intelligente e culto, que, desprezando o marulhar da ignorancia circumdante e as mesquinharias dos sectarismos contundentes, esplendorosamente restaurasse na minha patria

(Continua na 2ª pagina)

103

O MUSEU HISTORICO

(Continuação da 1ª pagina)

o culto da Tradição, o amor á sombra do Passado.

— Além do mais, dissemos nós, lembramos que v. s. tem a honra de haver pugnado pela creação do Museu que se acaba de fundar, e, nesse facto, vêmos mais um motivo para registrar-se o acêrto de sua escolha para dirigil-o.

A estas palavras o nosso entrevistado replicou:

— Convidado pelo exmo. sr. presidente da Republica para o alto posto de director do Museu Historico Nacional, attribuo essa grande distincção mais á generosa amizade de s. ex. do que aos meus meritos proprios. Sei quanta difficuldade terei que vencer para organizar esse estabelecimento. Não é necessario enumerar quaes sejam. Entretanto, tenho fé em vencel-as, porque desde ha muito me bato pelo Culto da Saudade e será para mim grande jubilo entrar na luta para ajudal-o a triumphar.

Não é de hoje, com effeito, que eu me interesso por essa questão patriotica. No "Jornal do Commercio", de que fui redactor, na edição da tarde de 26 de setembro de 1911, ha 11 annos, portanto, lancei eu, em grande artigo assignado, a idéa da fundação dum Museu Historico Militar. Pouco mais de um anno após, em dezembro de 1912, no mesmo jornal, escrevia eu um artigo, "O Culto da Saudade", abundando nos mesmos conceitos. No meu livro "Idéas e Palavras", publicado em 1917, ha um capitulo sobre o assumpto. E, ainda em dezembro de 1921, sahia na "Illustração Brasileira" o meu artigo "Museu Historico Brasileiro", no qual dizia que eramos o unico paiz do mundo sem essa instituição. Felizmente tal não se dá agora. Deve o Brasil exclusivamente ao exmo. sr. presidente Epitacio Pessoa essa obra de benemerencia, que o seu espirito culto e o seu esclarecido patriotismo, a sua força de vontade e a sua acção sem desfallecimentos crearam, para o periodo novo que o Brasil vae atravessar, no anno do seu primeiro centenario, como nação livre. E, se algum merecimento tinha eu para que me fosse dado o honroso cargo, seria o de ter sido um antigo e constante combatente em prol da mesma idéa.

— Qual a organização que dará, desde logo, ao Museu Historico?

—Neste seu inicio, o Museu Historico será constituido pelos objectos e documentos de verdadeiro valor historico que se irão buscar aos logares onde mãos piedosas os guardaram das devastações continuas: Archivo Nacional, Museu Nacional, Archivo Municipal, Casa da Moeda, varias repartições publicas, Museu Militar e Museu Naval, bem como da parte de numismatica, vigillographia, etc., da Bibliotheca Nacional. Mais tarde, quando estiver constituida esta base, procurar-se-á obter por donativos ou compras, buscas e pesquisas, tudo quanto se puder, augmentando-se, assim, as collecções do Museu, a sua bibliotheca e os seus documentos de toda a sorte. Será um lento, continuado e obscuro labor, que pouco a pouco avultará.

— E a extensão que terá o objectivo desse importante instituto patrio?

— Já o "Diario Official" publicou o regulamento do Museu Historico, que dá meudamente a sua constituição e os seus fins. E' preciso, no emtanto, fazer notar que elle não será sómente um organismo receptor, um deposito de coisas historicas. Não, elle será tambem um organismo vivo, um como que coração historico da Patria, que pulsará e derramará pelo paiz o interesse e o amor pelo culto da Saudade, quer publicando nos seus Annaes documentos, peças de erudição, trabalhos notaveis, cópias, photographias, emfim, tudo quanto se relacione com nossa Historia, quer revivendo em cursos especiaes, em conferencias publicas, em leituras e outros meios de publicidade as nossas melhores tradições, quer mantendo um serviço de correspondencia e permuta de idéas e informações com as associações congeneres nacionaes ou estrangeiras, e quer combinando sua acção com a dos institutos similares para a mesma proveitosa propaganda, além da que farão, naturalmente, os seus visitantes, as suas salas, as suas collecções.

Como felicitassemos o dr. Gustavo Barroso pelo magnifico delineamento das funcções do Museu Historico, que nos expoz com verdadeiro fervor pela sua obra futura, o illustre brasileiro nos disse ainda, pondo remate á nossa entrevista:

— Meu programma é difficil de executar, porém facil de expôr: é simplesmente, fazer o que minhas forças physicas, moraes e intellectuaes permittirem para desempenhar bem a missão que o governo me confiou.

"Jornal do Commercio" Varias
12-Setembro-1922

Para o Museu Historico, de que é director o Dr. Gustavo Barroso, foram feitas as seguintes nomeações:

Chefes de secção, Edgard de Araujo Romeiro e Alberto Fani; primeiros officiaes: Bacharel Joaquim Oliva, (escripturario da Saude Publica e ex-official da Bibliotheca Nacional), e Bacharel Genulpho de Oliveira Lima (1º official addido da Estatistica); segundos officiaes: Joaquim Martins da Costa Ribeiro (escripturario da Escola Wenceslão Braz); Bacharel Alberto Barcellos (addido da Estatistica), e José Margarinos de Souza Leão (addido do Povoamento); terceiros officiaes: Luiz Oliva de Toledo (addido do Povoamento); Edgard Meira de Lacerda (addido da Estatistica), e Angyone Costa (funccionario do Museu Nacional); dactylographa, D. Ilka Mariz; porteiro, João Pereira de Araujo; ajudante de porteiro, Alberto Martins Ferreira de Oliveira, (addido da Industria Pastoril); guardas: Joaquim Vaz Bayão, Augusto Macieira da Silva, João Baptista Pessoa e João de Souza do O'; serventes: Arthur Soares Pinto, Julio de Sá Fortes e Manoel Joaquim Cabral.

"O Jornal" - 26-8-922 - "O Jornal"

A questão da Gallicia Oriental

Na ultima e injustissima partilha do velho e glorioso reino da Polonia, que os seus tres grandes, crueis e ambiciosos visinhos dilaceraram, coube á Austria a Galicia Oriental. Após a reconstituição da nação polona, em virtude da derrota total dos Imperios Centraes, essa região voltou a fazer parte da mesma. Como fôra uma das zonas européas que mais soffrera com a guerra, devido á sua posição geographica que a tornou em vasto compo de batalha entre moscovitas, germanos e austro-hungaros, para ella se voltou com a maxima solicitude o governo de Varsovia, procurando por todos os meios ao seu alcance minorar-lhe os soffrimentos. Só o norte da França e a Servia supportaram, durante a grande luta, tantos damnos e tantas dôres. Dahi o empenho da Polonia em restituil-a o mais breve possivel á vida normal.

Para isso, restabelecendo as bases communs da sua vida publica e particular, revigorou-a economicamente com o emprego de importantes capitaes na sua industria, na sua agricultura, na reconstrucção das cidades e estabelecimentos de toda a sorte destruidos e na resurreição de todos os seus meios de transporte, bem como auxiliando a creação de novas e numerosas empresas fabris ou commerciaes. Durante os longos annos de guerra, a Gallicia estivera sujeita a continuo depauperamento material e moral: commercio e industrias paralysados, credito suspenso, direitos sem garantias, epidemias, desapparecimento de toda vida intellectual, ankylosamento da instrucção publica e varios outros males. Dominava a sua população, eivada de elementos ethnographicos diversos, profunda anarchia mental, que permittia desabusadas propagandas hosteis á propria Polonia, e profunda anarchia administrativa, que consentia no apparecimento dum desbragado bandistismo.

A acção do governo polono em favor do paiz não amorteceu deante das grandes difficuldades que encontrou. Sereno e tenaz, ella levou avante a sua acção reconstructora. Mal raiava o verão de 1919 e já começava a auxiliar a agricultura e a pecuaria, quasi desapparecidas pelas campanhas entre russos e austros-hungaros-allemães e pela invasão maximalistas, que Pilsudsky deteve nesse segundo Marne — o Vistula. Fez cultivar as terras abandonadas, reconstruiu as habitações, fabricas e outros edificios arruinados, e auxiliou o refugimento dos rebanhos, das manadas, dos lotes e das varas de varios gados, que tinham sido reduzidos a menos de sua terça parte. Em 1919, destinou a essa obra 235 milhões de corôas; em 1920, 490 milhões de marcos polonos, e, em 1921, 3 biliões da mesma moeda! Não entra nesse computo a grande quantidade de auxilios em sementes, gados, instrumentos e machinas agricolas. Para se fazèr uma idéa desse esforço, bastará dizer que distribuiu quasi quatro mil arados, mais de 23 mil cavallos e perto de mil e quinhentas vaccas. Tambem não está contido nos algarismos das despesas os das que se fizeram com o apparelhamento technico e administrativo destinado ao bom emprego desses grandes auxilios.

Mercado consumidor, obrigatoriamente, dos productos allemães e austriacos, a Gallicia nunca poude desenvolver plenamente as esplendidos riquezas de seu solo, emquanto viveu sob o regimen imposto pelo governo de Vienna, que lhe impedia principalmente o progresso da industria salheira. As difficuldades assim creadas desappareceram por completo. Quando a Polonia rece-

beu a Gallicia, 90 °|° dos seus estabelecimentos industriaes tinham sido arrazados e os restantes tinham os machinismos estragados ou desmontados. Todos os metaes de valor haviam sido retirados pelos estados-maiores, para o fabrico de petrechos bellicos. Após abastecer do melhor modo possivel a população faminta, a Polonia começou a restabelecer as pequenas industrias, gastando nisso, só no primeiro anno, 70 milhões de marcos polonos; depois, a pouco e pouco, para a reconstrucção das empresas que a guerra arruinára, o mesmo governo entregou ao Credito de Guerra de Livow 800 milhões de marcos da mesma especie. O effeito immediato dessas medidas foi simplesmente este: quadruplicou o numero de firmas commerciaes e industriaes naquella região!

Os prejuizos que a guerra causára ás estradas de ferro gallicianas, pela destruição de edificios, vias, obras de arte, material rodante, etc., foram calculados em mais de 70 milhões de corôas ouro. Os polonos iniciaram a reconstrucção do que fôra derrocado e restabeleceram o trafego em quasi todas as linhas, gastando nos primeiros tempos 2.200 milhões de marcos e destinando-lhes no orçamento actual mais 1.700 milhões! Ademais, repararam-se quasi dois mil e quinhentos kilometros dos sete mil e muitos estragados horrivelmente pela gurra.

Ainda se beneficiou mais aquella provincia, dando-lhe nova administração, calcada em moldes mais liberaes, aproveitando para sua bôa marcha os melhores funccionarios do regimen anterior, pois que não é facil arranjal-os em preparo e pratica dum momento para outro. Manteve-se nos districtos onde a maioria da população é ruthena o ensino da sua lingua nas escolas, 2.510 contra 1.382 que ensinam o polono e 18, o allemão. Augmentou-se consideravelmente o numero de escolas primarias, secundarias e normaes.

Tudo quanto lhe permitte a sua situação financeira e economica tem a Polonia feito em favor da Gallicia Oriental, integrada hoje na nacionalidade de que sempre fez parte e onde a questão ruthena foi fomentada pela Austria, de accordo com a politica machiavelica dos seus estadistas, em grande maioria á feição de Metternich: dividir para dominar!

Os ruthenos são slavos, filhos da Pequena Russia, da região vulgarmente chamada Ukrania, terra dos cossacos, onde sempre medraram os fermentos anarchicos e que varias vezes creou difficuldades á Polonia, do lado de leste. Migrações consecutivas de ruthenos, que transbordavam do seu habitat natural, foram aos poucos enchendo a Gallicia Oriental até chegarem ao ponto de ter maioria sobre os polonos. Entretanto, de accordo com os elementos estatisticos do sr. Stefczyk, verifica-se que essa população se manteve, de 1880 a 1910, quasi estacionaria no seu crescimento, pois ao passo que, durante tão longo periodo, o numero dos polonos quasi duplicou, o dos ruthenos augmentou sómente de um quarto, ao mesmo tempo que o dos allemães, diminuto aliás, rapidamente decresceu.

A Gallicia é historicamente polona e a propria Ukrania, cujo nome, na lingua do tempo dos Sigismundos — Ukrania, quer dizer "fronteira", era aquillo que em velho portuguez se chamava "frontaria" ou marca do reino da Polonia no lado oriental. Os cossacos zaporogos semi-selvagens que a habitavam pagavam tributo a deviam obediencia ao soberano eleito pela Dieta de Cracovia. Quando os irrequietos principes da Moscovia os intrigavam ou quando tinham á sua frente caudilhos ambiciosos como Bogdan Chmielnicki revoltavam-se e faziam incursões ás raias polonas. Porém, nunca tiveram espirito nacional, nem uma soberania reconhecida, nem uma finalidade elevada nas suas lutas. Os seus cossacos amavam simplesmente a liberdade selvagem, como os gauchos dos pampas ou os cangaceiros do nordéste, e elegiam um chefe ou "ataman" na sua capital ou "sietch", que era uma das ilhas do Dnieper, simples logar de reunião daquella tumultuaria associação militar.

Primeiramente, para fazer mal á Polonia, a Russia quiz metamorphoseal-a numa patria. Com o correr dos tempos, transformou-a numa de suas provincias e lançou pela superficie do seu vasto imperio varias tribus cossacas — no Kuban, no Don, nos rios da Siberia, afim de enfraquecer o nucleo central ukraniano. Apezar de não ter chegado a attingir um gráo de cultura apreciavel durante o tempo em que viveu integrado na monarchia dos czares, o povo ukraniano sempre teve certas velleidades de independencia e mesmo de acção externa. A Austria aproveitou isso e procurou, como a Russia o fizera outr'ora, inventar um sentimento nacional no seio dessa gente inculta, cujo clero —unica parte instruida, apesar de greco-orthodoxo, gravitou sempre, — politicamente, tanto em torno da Russia schismatica como da Polonia catholica. Essa invenção austriaca tinha unicamente por fim crear na Gallicia Oriental uma certa effervescencia da maioria inculta ruthena, de origem ukraniana, contra o elemento polono, predominante pela sua cultura e pelas suas tradições.

A Ukrania quasi não tem historia. Duma aventurosa sociedade militar, anarchica e rebelde, as potencias visinhas, de accordo com seus interesses, procuram fazer brotar uma nação. A Polonia, não. Esta é uma grande nação, a cuja gloria não faltou nem a palma do martyrio. Ella formou-se sob a égide duma forte soberania, creando entre a Europa e as steppes tartaras uma barreira de civilização e de patriotismo, que salvou muitas vezes, pelo seu valor no campo de batalha, o sagrado patrimonio da cultura humana. Ella nasceu da luta e para a luta. Ella defendeu as causas mais justas. Ella manteve intactas a sua lingua, a sua vida nacional, a sua religião e o seu grande espirito entre inimigos ferozes, culturas antagonicas, linguas diversas e religiões que se degladiavam. E quanto a França, era o cerebro que, no occidente, illuminava o mundo, ella foi, no oriente, a espada que o defendia. Sobre o seu peito, muralha intranspunivel, quebraram-se os impetos formidaveis dos tartaros, dos moscovitas, dos turcos e, ultimamente, dos proprios bolchevistas. Mesmo depois de esquartejada pelos seus poderosos visinhos, os seus filhos deram á humanidade as producções de sua arte e o sangue das suas veias. Nos prelios que se travaram dentro da monarchia dual pela constituição e pela libertação dos varios povos escravisados, a intelligencia e o braço polonos desempenharam grande papel. o presidente da primeira assembléa constituinte austro-hungara foi um polono e os seus emigrados bateram-se ao lado dos subditos austriacos na rebeldia de 1848 contra a tyrannia viennense. A Polonia não existia, então, como nação soberana: porém vivia intellectual, e moralmente como nação. E sue manifestação de vida deu mentalmente a "nação" ukraniana?

A Gallicia Oriental não é um paiz exclusivamente ruthena; é um paiz ethenicamente mixto, onde a minoria polona, repetimos, forçosamente predominará pelas suas tradições e pela sua cultura.

Entretanto, as delegações ukranianas surgem aqui e ali, apregoando reivindicações desarrazoadas. Ainda ha pouco tempo, o governo austriaco expulsou — inventor ingrato! — a que agia em Vienna. Mesmo aqui no Brasil já appareceu uma, creada dentro do nosso proprio territorio e dizendo-se de ukranianos-brasileiros. Ora, é tempo de acabar com as duplas nacionalidades. Quem é de verdade brasileiro não tem grandes interesses na Ukrania ou na Gallicia Oriental, e quem é ruthena ou ukraniano não precisa ser tambem brasileiro. Esse nucleo ukraniano-brasileiro reuniu-se no interior do Paraná e mandou ao governo da Republica um memorial, pedindo sua intervenção na questão da Gallicia Oriental, afim da mesma não ser entregue á administração polona, conforme decidiu o Conselho Supremo dos Alliados. O pedido é extravagante e mesmo inadmissivel da parte de brasileiros, porque estes nada têm que vêr com esses assumptos e por certo não gostariam que os polonos representassem ao governo inglez ou a outro qualquer contra a nossa administração do territorio do Acre, por exemplo; extravagante da parte de ukranianos, porquanto não é a nós que compete dirimir as suas questões; e "fóra de villa e termo" da parte de ukranianos-brasileiros, cidadãos que não podem existir — porque brasileiro é e tem de ser brasileiro somente. No caso contrario, daqui a pouco estariamos obrigados a consentir ou crear escolas para o ensino do ruthe-no por ahi a fóra. Ademais, os polonos residentes no Brasil ou os seus filhos ainda não pediram ao nosso governo que apoiasse a entrega da Gallicia Oriental ás suas autoridades. E nem parece que o Brasil esteja disposto a intrometter-se em questões internas da Europa, como não deseja que esta se intrometta na resolução dos problemas internos da America do Sul.

A exposição de factos que acompanha essa representação, publicada ha pouco tempo, não é verdadeira. Em primeiro logar dá á Gallicia Oriental uma população de 5.450.000 de habitantes, quando a mesma, devido á guerra e suas consequencias, é de 5.200.000. Affirma que a Polonia destruiu ali 600.000 individuos e prendeu 200.000, o que não merece contestação séria, pois a Polonia nunca seguiu o exemplo dos turcos na Asia Menor e, se por acaso tivesse commettido esse crime, elle não escaparia ás vistas das commissões alliadas e yankees que enxameiam na Europa Central, e nem o Conselho Supremo dos Alliados lhe daria a prova de subida confiança que lhe deu. Quanto á erecção da mesma Gallicia e da Bukovina em republica independente, é um producto da imaginação do autor do documento. Não existem ali elementos que possam constituir uma nação. O arremedo de nacionalidade que arranjaram nesse territorio, quando da extravasão dos maximalistas ou da invasão austro-allemã, de 1918 a 1919, não teve forças para viver. Quando não houvesse outros motivos — e os ha numerosos e ponderosos — para que se sentisse feliz a Gallicia Oriental sob a direcção politica-administrativa da Polonia, haveria pelo menos o da gratidão aos esforços que a mesma tem feito em prol da sua população, como vimos, generosamente.

João do NORTE.

"Correio Paulistano" - 7 - Setembro 1922 - Numero especial -

Do Rio a S. Paulo

Em 1828

GUSTAVO BARROSO (João do Norte), nosso distincto collaborador, nasceu a 29 de dezembro de 1888, em Fortaleza, capital do Ceará, sendo filho do sr. Antonio F. Barroso e de d. Anna Dodt Barroso. Formou-se em direito pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro, em 1911. Foi redactor secretario do "Jornal do Ceará", redactor do "Jornal do Commercio", edição carioca, secretario geral da Superintendencia da Defesa da Borracha, secretario do Interior e da Justiça do Estado do Ceará, deputado federal pelo mesmo Estado, secretario addido á delegação do Brasil á Conferencia da Paz, chefe das revistas "Fon-Fon" e "Selecta", inspector escolar do Districto Federal.

Gustavo Barroso é membro da Royal Society of Litterature (Academia de Letras Real da Inglaterra), do Instituto do Ceará e da Academia de Historia e Geographia do Mexico; socio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geographia de Lima (Peru'), socio effectivo da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e membro do XX Congresso de Americanistas.

Foi distinguido com as seguintes insignias honorificas: commendador de Christo e Santiago, de Portugal; do Salvador, da Grecia; da Corôa da Italia, e do Sol, do Peru'; official de Leopoldo da Belgica do Libertador, da Venezuela, e da Instrucção Publica, da França; cavalheiro da Legião de Honra e da Polonia Restituta.

Entre as suas obras publicadas, no prelo e em preparo, Gustavo Barroso conta mais de trinta. Seus brilhantes meritos de escriptor podem ser assim resumidos: — uma imaginação de artista, dispondo de um cabedal vasto e encyclopedico de conhecimentos, servida por um estylo correcto, attrahente e fulgurante.

O continente americano, tanto na sua parte septentrional como na meridional, tem merecido a visita de grande numero de viajantes celebres. Apesar de nunca haver offerecido, aos que o sulcavam em qualquer direcção, nem os mysterios nem os perigos da Africa, cujo sertão devorou as mais formidaveis coragens de exploradores e assombrou Livingstone e Stanley tambem não foi tão facil de devassar como se poderia pensar. E os naturalistas e geographos que o percorreram tiveram grandes batalhas a travar contra a natureza e as feras, o gentio bravo e o clima hostil.

Toda uma longa theoria de nomes illustres é a lista dos grandes viajantes do Novo Mundo: Las Casas, Garcilazo, Acosta, Oviedo, Du tertre, Stedman, Labat, Gomara, La Condamine, Ulloa, Hamilton, Saint-Hilaire, os principes de Bismarck e de Neuwied, Spix e Martius, Rengger e Longchamps, Azara, Agassiz, Frasier Mackenzie, Franklin, Parry, Brips, Back, Ellis, Bradbury, Molino, Antonio del Rio, Koster, Miers, o formidavel Humboldt, Adair, Chastelliux, Bartram, Mawe, Koepiz, Pike, Long, Collet, d'Orbigny e muitos outros. Uns vararam as florestas e pantanos das grandes bacias fluviaes. Outros atravessaram os geraes, os pampas, as cochillas e os chapadões. Outros subiram ás serras humidas ou ás cordilheiras cujos picos se perdem nas nuvens. Outros estudaram as ruinas vetustas e mysteriosas, as ceraminas espatifadas, os sambaquis e as inscripções primitivas ou a natureza dos terrenos, as especies vegetaes e animaes. Ainda outros preferiram navegar entre os ice-bergs ou caminhar vencendo os hummocks, nas immensas planicies geladas que se não sabe si são mar ou terra, além do circulo polar. Delles muitos se dedicaram, totalmente ou em parte, ao Brasil, entre os quaes figura o ultimo da enumeração — Alcide d'Orbigny.

Era um francez que nascêra com a paixão das viagens e resolvêra, quando as circumstancias lh'o permittiram, conhecer todo o nosso continente. Tendo partido de Bordéos a 15 de abril de 1826, regressou á França em abril tambem de 1832, após seis annos de peregrinação, durante os quaes lhe demos a palavra: "j'avais parcouru le plus vaste de nos continents terrestres, celui qui, se projectant á la fois vers l'un et l'autre pôle, presente la plus longue étendue et la physionomie la plus variée".

Nessa meia duzia de annos, o viajante francez percorreu, mais ou menos minuciosamente, as mais notaveis regiões das duas Americas. A relação dessa longa viagem está contida na sua obra "Voyage pittoresque dans les deux Ameriques", com cartas e gravuras em aço, "taille-donce", segundo os desenhos de Sainson, desenhista da viagem do "Astrolabio", e de Jules Boilly, editada em 1836, em Paris, "chez L. Tenré, libraire-éditeur, rue du Paon, 1 et chez Henri Dupuy, rue de la Monnaie, 11, in-8 o grand."

Após uma estada na Havana, d'Orbigny passou pelo Haiti, por São Thomaz e pela Martinica, attingindo o contingente meridional em Cayenna. Visitou as tres Guyanas e todo o territorio da grande confederação colombiana, composta, então da Nova Granada, da Venezuela e do Equador. Viu a ilha de Santa Margarida e a peninsula de Araya, Cumaná e Cumanacôa, o valle do Caripe e a gruta de Guacharo, os indios Chaymas e os vestigios dos Muyscas, Cariaco, La Guayra, Bogotá, Caracas, Valencia, Maracaybo, Nueva Barcelona, os llanos do Orenoco, Santa Marta, o rio Magdalena, Monpox, Honda, a passagem do Sargento Ibaguê, Neiva, La Plata, Popayan, Quito e Guayaquil, o Chimborazo, o Cotopaxi e o magnifico Marañon, o Amazonas, dias após sua sahida do lago Lauri.

Por elle, aguas abaixo, desceu como Orellano e La Condamine, até ao Pará. De Belém transportou-se por mar a S. Luiz do Maranhão, fez a cavallo a travessia dos vastos e asperos sertões nordestinos, de Caxias a S. Salvador da Bahia. De novo se internou pelo nosso hinterland, alcançando, em Minas Geraes, o districto diamantifero do antigo Tijuco e descrevendo fragmentos da magna epopéa das bandeiras. Percorreu Minas e a provincia do Rio até ao porto da Estrella, de onde uma barca o levou á capital do Imperio e ahi, já nesse tempo, segundo textualmente diz, "nous retrouvions l'Europe".

Do Rio de Janeiro partiu para S. Paulo por terra; depois, foi ao Paraná, a Santa Catharina e a S. Pedro do Rio Grande do Sul. Percorreu as Missões e penetrou no Paraguay, onde dominava o dr. Francia. Esse capitulo é precioso. Ha nelle notas interessantissimas sobre o dictador. Esteve nas provincias de Corrientes e de Entre Rios, e na Banda Oriental, onde ainda encontrou as tropas brasileiras evacuando aquelle territorio e acceitou como verdadeiros todos os relatos que orientaes e argentinos lhe fizeram das nossas derrotas...

Demorou algum tempo em Buenos Aires e foi á Patagonia. Caçou onças e avestruzes nos pampas. Boleou o gado. Passou a cordilheira andina, esteve no Chile, na Bolivia e no Perú, de onde partiu num navio, indo abordar á America Central. Viu os monumentos de Palenque cheios de mysterio, no meio das florestas da Guatemala. Entrou no Mexico, visitando a velha cidade dos aztecas e dos conquistadores do ouro, Vera Cruz e as grandes minas de prata.

Foi a Nova York, a Baltimore, a Washington, a Philadelphia e aos lagos maravilhosos do Canadá, navegando no largo S. Lourenço. Attingiu os gelos polares, visitando a Groenlandia, de onde passou para a Islandia; desta veiu para S. João da Terra Nova e retornou á sua doce França.

Não deixa de ser interessante resumir o itinerario do Rio a S. Paulo, realizado por d'Orbigny. Elle nos transporta, seis annos após a Independencia do Brasil, por toda essa immensa zona de mais ou menos quatrocentos kilometros de extensão, que hoje percorremos com-

modamente em carros Pullman, e que o nosso primeiro chefe de Estado fizera a casco de cavallo, depois da proclamação do Ypiranga.

Alcide d'Orbigny partiu do Rio no dia 1.o de setembro de 1828, em companhia dum naturalista allemão, viajando desta sorte: "Chaque soir, quand la route n'offrait ni fazenda, ni venda, nous passions la nuit en plein air couchés sur des cuirs de boeuf". Passou por Santa Cruz, onde hoje está o Matadouro e lhe parecia, nesse tempo, a uma distancia immensa e que denomina — résidence royale, e'loignée de cinq lieues et demie de Campinho". Attingiu, no dia seguinte ao da sua partida dessa fazendo nacional, o engenho Toguahy, onde lhe chamou a attenção uma especie de pica pau que vôa á frente dos viajantes, gritando. Viu a fazenda de Santa Rosa e alcançou a villa de S. João Marcos. No Retiro, entre as florestas quasi virgens, passou a noite ao ar livre. Descreve-a desta sorte: "Le soir, quand l'araponga cesse ses cris vibrans et étranges, commence le bruit monotone des sauterelles, melé au coassement lugubre des grenouilles, pareil au roulement du tambour, puis les gémissemens du capocira, et la plainte d'une espéce de chêvre. Ces voix lamentables et tristes frappent l'ame de terreur, tandis que mille lueurs semblent l'inviter á des rêves de feérie; sur nos têtes le firmament radieux de ses constellations australes, á nos pieds des milliers d'insectes lumineux qui parsenaient le sol comme autant de pierres scintillantes. Parmi les sons qui nous frappaient se distinguait surtout le chant melodieux d'une espéce de merle qui parcourait avec legereté tous les tons de la gamme musicale". O francez traduziu a sua impressão dessa noite sertaneja como os nossos melhores regionalistas. Parece que esse trecho foi traduzido do "Pelo sertão" de Affonso de Taunay ou do "Tropas e Boiadas", de Hugo Ramos.

Estudou a composição do granito prateado da Fazenda dos Negros, na Freguezia do Bananal; contemplou o morro do Formoso, arredondado como um seio de mulher; descançou em Sant'Anna das Areias, onde existia um aldeamento de indios Coroados, degenerados e mansos. Ahi havia um mulato que ainda se acreditava autoridade portugueza...

Falando do profundo e sombreado valle de Paracasava, onde encontrou varios comboios de commercio, d'Orbigny já observa nos paulistas as duas principaes qualidades e que devem seu esplendido progresso: "les Paulistes, actifs et industrieux.." E começa a dar as mesmas impressões que ainda hoje temos, quando sahimos das terras fluminenses, desertas quasi e incultas sempre, para as de S. Paulo. Elle viaja alegremente, entre campos de pastagens succulentas, milharaes, mandiocáes e canaviaes. Não fala em cafezaes. Beira as montanhas, cujas cristas se recortam no luminoso azul do céo, e aos seus pés corre majestosamente o Parahyba.

Chega a Guaypacaré. Muita gente talvez não saiba hoje em dia que localidade é essa. Simplesmente Lorena, que, nessa época, possuia só quarenta casas! Agora, esse numero não bastaria para alojar, talvez, a officialidade da sua guarnição. Ahi as mattas desappareciam, principiavam os campos, ornados pelas jarinhas e pelas ipoméas. Poucas leguas adeante, encontra Guaratinguetá. Detem-se para dizer que, conforme Spix e Martius, parece que os indigenas dessa localidade tiveram antanho vagas noções de astronomia, porque Guaratinguetá, na lingua delles, significa **logar de onde o sol volta para trás**. Com effeito, o tropico do Capricornio corta as terras proximas dessa então villa e delle o sol volta para o do Cancer. Já teriam pensado nisso os filhos actuaes da terra do conselheiro Rodrigues Alves?...

Ao longe, azula o vulto gigante da Mantiqueira. Os roçados de fumo, de feijão, de milho, de aipim e de mandioca trepam viçosamente pela lombada das serrotas. E os olhos de d'Orbigny param na brancura da capella da Apparecida, que domina o arredor. Elle caminha mais até á villa de Pendambongaba (sic), situada entre as tres correntezas fluviaes do Parapitinga, do Agua Preta e do Ribeirão da Villa. Repousa em Taubaté, a capital do Convenio caféeiro, um dos grandes berços dos bandeirantes de outróra. Então, não havia ali — nota o viajante — um unico sobrado e os taubateanos (sic) dormiam geralmente em rêdes; mas **l'aspect de la ville atteste le bonheur et l'aisance.**

Dahi por deante, elle se perde em verificações ornithologicas e entomologicas, bastante cacetes, até Jacarehy, que escreve Jacareni, e onde, diz, os negros empregavam a gomma arabica como preservativo do bócio. Será verdade?

Après Jacareni vient Aldea-da-Escada, qui n'en est guére qu'á trois milles. Auprés de l'aldea est un convent de Carmélites, naguére bien peuplé, aujourd'hui désert. Dans l'aldea se trouvaint une soixantaine d'Indiens, que dirigeait un prêtre, directeur á la fois religieux et politique. Ces Indiens sont les débris, non pas d'une seule nation, mais de nations diverses qui se sont mêlées et dispersées dans la province. Leur physionomie n'a rien de fort attrayant. Leur langue compliquée semble tenir un peu du guarani. S'il faut en croire les historiens, c'était sur ce territoire que vivaint jadis les Goyanazes, tribu distinguée, disent ils, des Tamoyos et des Carios (Curijós?), parce que ses membres vivaint dans des grottes suterraines, et ne tuaient pas leurs prsioniers, comme leurs voisins. Ils ajoutent qu'á l'instar de leurs foires du nord, les Goytacazes, les Goyanazes étaint une race robuste et belliqueuse. Si les Indiens d'Aldea-da-Escada sont les descendants des Goyanazes, ont peut dire qu'ils sont bien degenerés".

Após Jacareny, o viajante parou um pouco no rancho solitario de Taruma, antes de entrar em Mogy das Cruzes, "peuplé par des Cafuses, mélange de noirs et d'indiens." Si hoje elle ouvisse falar italiano por todo S. Paulo, ficaria assombrado... Aponta algumas especies vegetaes e a bella casa de campo intitulada "Casa Pintada".

Entra, emfim, na cidade de S. Paulo, que, "située sur une éminence, domine la grande plaine do Piratininga." Achou que a physionomia de sua construcção lhe dava o aspecto de uma das mais antigas cidades do Brasil. Descreve o palacio do governo, um tanto estragado, a cathedral, o paço episcopal, o convento dos carmelitas, os mosteiros dos franciscanos e benedictinos, dois de freiras, cujas ordens não menciona; dois hospitaes, o circo para touradas do tenente-coronel Muller, fóra de portas, e as tres pontes de pedra sobre as aguas do Tamanduatehy e do Inhagabahady (sic). Chama a attenção para a importancia historica de S. Paulo na vida brasileira. Lembra Nobrega, Anchieta e a conversão de Tebireçá (sic). Recorda, assim, a assombrosa aventura das bandeiras: "on retrouve les paulistes engagés dans les entreprises les plus hardies. Tandis que le Portugal devient le vassal de l'Espagne, on les voit non-seulement maintenir leur indépendance, mais encore prendre, en ravageant tout, l'initiative de la guerre dans les provinces espagnoles les plus reculées; ou bien, entraînés par la soif de l'or et des diamans, courir á la conquête des districts qui recélaient ces richesses. De cette vie aventureuse il resulta que les paulistes restérent, au milieu du Brésil, comme une exception bien caracterisée..." E continuam a ser.

D'Orbigny enumera defeitos e virtudes paulistas, elogiando o seu orgulho e a simplicidade attrahente das suas mulheres, cujas roupas ainda acha semi-indigenas e semi-portuguezas (op. cit. pag. 199), e que, na maioria, **sont passionées par le batuque".** Avalia a população da cidade em 30 mil almas e acha que nella não chegara o gosto do luxo europeu. Aqui, ali, encontra velho moveis manuelinos e espelhos antigos de Nuremberg. Visitou a serra do Cubatão e o porto de Santos. Observou a estructura geognostica de montes e valles. Frequentou o Ouvidor, os membros da Junta Real de Fazenda, o juiz da comarca e os vereadores. Apreciou os exercicios do regimento de dragões e do de infantaria da guarnição e expoz a organização das milicias. Esteve na fundição de Ypanema (sic), cuja historia narra desde o conde de Linhares.

D'Orbigny demorou uma semana na Paulicéa. Escreve elle: "A cette epoque, je comptais déjà sept mois de route á travers les immenses contrées du Brésil qui absorberaient la vie entiére d'un voyageur. D'autres terres m'appelant, je resolus de quitter celles lá." E partiu.

João do NORTE